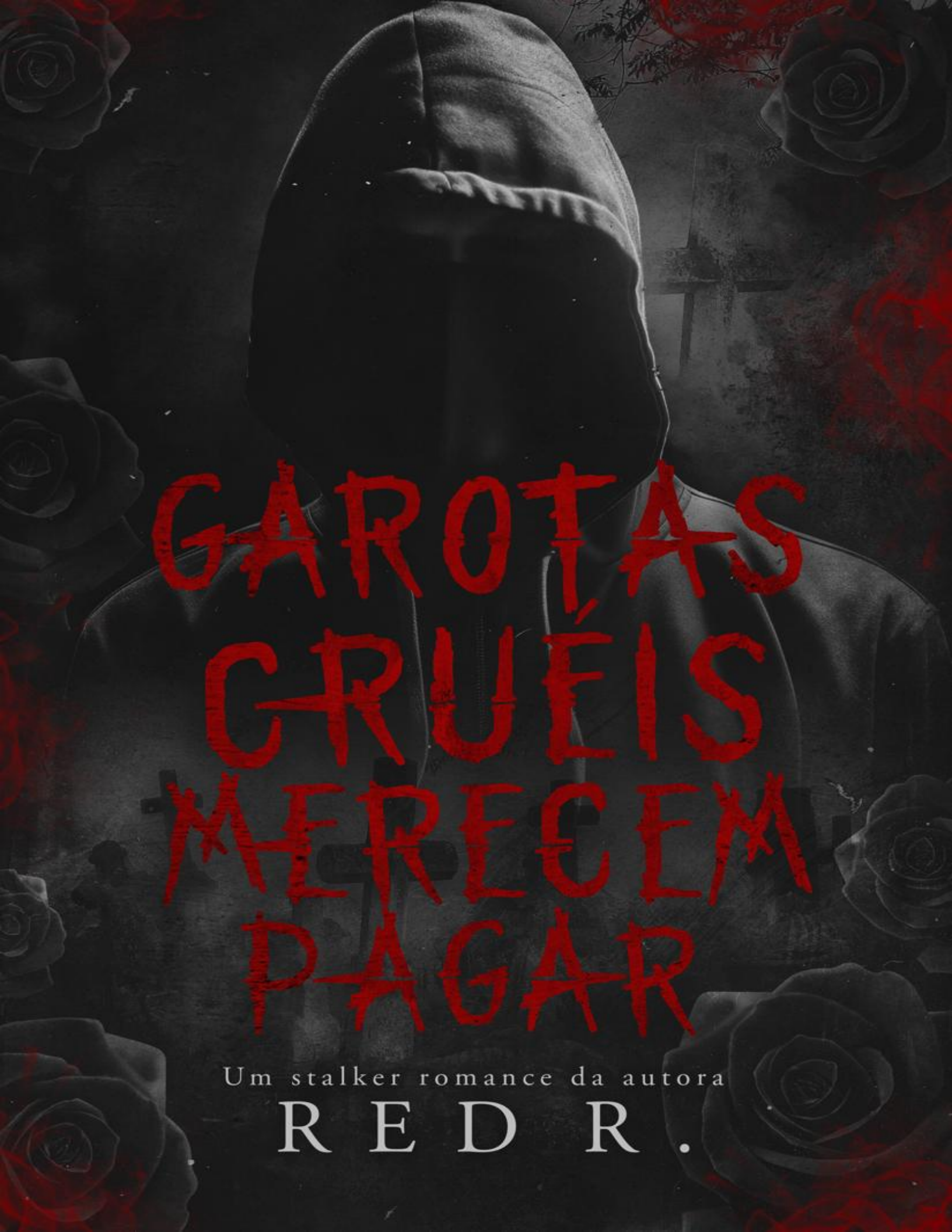

GAROTAS CRUÉIS MERECEM PAGAR
Um stalker romance da autora
R E D R .

GAROTAS CRUÉIS MERECEM PAGAR

Um stalker romance da autora

R E D R .

Copyright © 2024 de Red R.
Todos os direitos reservados

Revisão: Mariana Acquaro
Ilustração da Emily: Esttrellare
Ilustração dos atos: Carolina Ferreira
Mapa: Jefley Matos
Leitura Crítica: Adriana Mantovanelli e Marcela Marengo
Diagramação: Grazi Fontes
Capa: Ellen Ferreira

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Tudo descrito aqui é fruto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas reais é mera coincidência.

Este texto segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. No entanto, usa linguagem coloquial nos diálogos, com intuito de aproximar os leitores da leitura.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal. **Produzir e espalhar este arquivo fora da Amazon é crime**. Adquira e-books de maneira legal, comprando ou pegando emprestado pela assinatura da Amazon Kindle Unlimited, na Amazon, único site oficial onde esta obra se encontra.

SUMÁRIO

Dedicatória
Epígrafe
Nota da Red
Sinopse
Não pule o aviso
Sobre a ambientação
Playlist
Prólogo

ATO I
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10

ATO II
11
12
13
14

15
16
17
18
19
20
21
23
23
24
25
26
27
28
29

ATO III

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

42
43
44

ATO IV
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
Epílogo
E os meninos?
Agradecimentos
Me siga no instagram

DEDICATÓRIA

Para Raquel Rebecca,
por me contar sobre arte tumular,
me dando a clareza para criar Emily,
e por ser minha bostinha.
E, em todas as vezes que
“você não puder ver a luz,
me sentarei com você no escuro”[1].

“A vingança agrada a todos os corações ofendidos;
(...) uns preferem-na cruel, outros generosa.”
Pierre Marivaux

NOTA DA RED

Esse foi um livro muito difícil de escrever. Comecei a trabalhar nele no final de agosto, e fiquei chocada com o quanto GCMP se tornava um calhamaço.

Sempre fui leitora de mistério, todavia, não imaginei que trabalhar um livro inteiro afogado no gênero seria um desafio tão grande. Eu queria muito trazer para o mundo algo com a pegada de Romance Policial, com crime, investigação e deixar dezenas de teorias na mente de vocês durante a leitura.

E mesmo tão cansada, tendo a meta de escrever quatro capítulos por semana, não conseguindo dar atenção para minha família e me desdobrando em mil para que tudo saísse dentro do que eu esperava, não desisti.

Sabia que estava me arriscando com essa história, por conta de toda a controvérsia desses personagens e da dinâmica tóxica do casal, mas, o que é a vida, senão um jogo de arriscar?

Espero que se joguem nesse risco chamado “Garotas Cruéis Merecem Pagar”, e que gostem do meu lado sombrio.

Com carinho e meu coraçãozinho arruinado, Red <3

SINOPSE

A humanidade sempre temeu a morte.

Mas eu me deito sobre os túmulos e espero pacientemente pelo dia que meus ossos repousarão dentro de um.

Eu não imaginava que, tão acostumada a conviver com os que já se foram, o real perigo estaria entre os vivos.

Eu o sinto.

Ele espreita entre os túmulos.

No escuro.

Aonde quer que eu vá.

E o pior é que sei que meu *stalker* tem um rosto conhecido.

Talvez seja o homem proibido por quem sou apaixonada. Ou um dos filhos do dono do lugar em que eu, uma completa agregada, sobrevivo, em vez de morar.

Desde que desenterrei seus segredos, eles me rondam pela faculdade, pela propriedade, dentro da minha mente, tentando me destruir e, pior, estão conseguindo.

E feito uma louca, pretendo descobrir quem é o mascarado que toca o meu corpo, querendo mesmo se infiltrar na minha mente e roubar a minha alma.

NÃO PULE O AVISO

GCMP foi feito para amantes de romances pesados, se essa não é sua praia, não o leia. Não vai te fazer bem. Sua sanidade mental está apenas nas suas mãos, só você se conhece para saber o que aguenta, o que é tolerável ou não.

Esse livro é um *stalker* romance e aborda temas de caráter questionável como ***dubcon*** *(consentimento duvidoso****)*****, CNC** (consentido não consentir), cenas de tortura física e psicológica ***extrema***, relacionamento tóxico, machismo e misoginia, assédio, incesto e *menção* a pedofilia, palavrões, feminicídio, luto, assassinato gráfico, comportamento masoquista, sadismo, ideação suicida, violência familiar, tanatofobia, spanking, degradação sexual, odaxelagnia, ménage, chuva dourada, automutilação, branding, gordofobia, claustrofobia, abuso de substância lícitas e ilícitas.

Os personagens principais desse livro são perturbados e perturbadores. Possuem, hora ou outra, comportamentos erráticos e desproporcionais, alguns deles considerados inaceitáveis socialmente. A carga de *bullying* e intimidação por aqui também é elevada, então, atente-se a isso!

É importante ressaltar que, na vida real, comportamentos abordados por aqui não devem ser

romantizados, e a autora não compactua com eles ou os tolera.

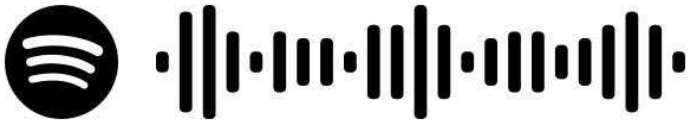
Use seu discernimento, e leia apenas caso se sinta confortável com os gatilhos mencionados.

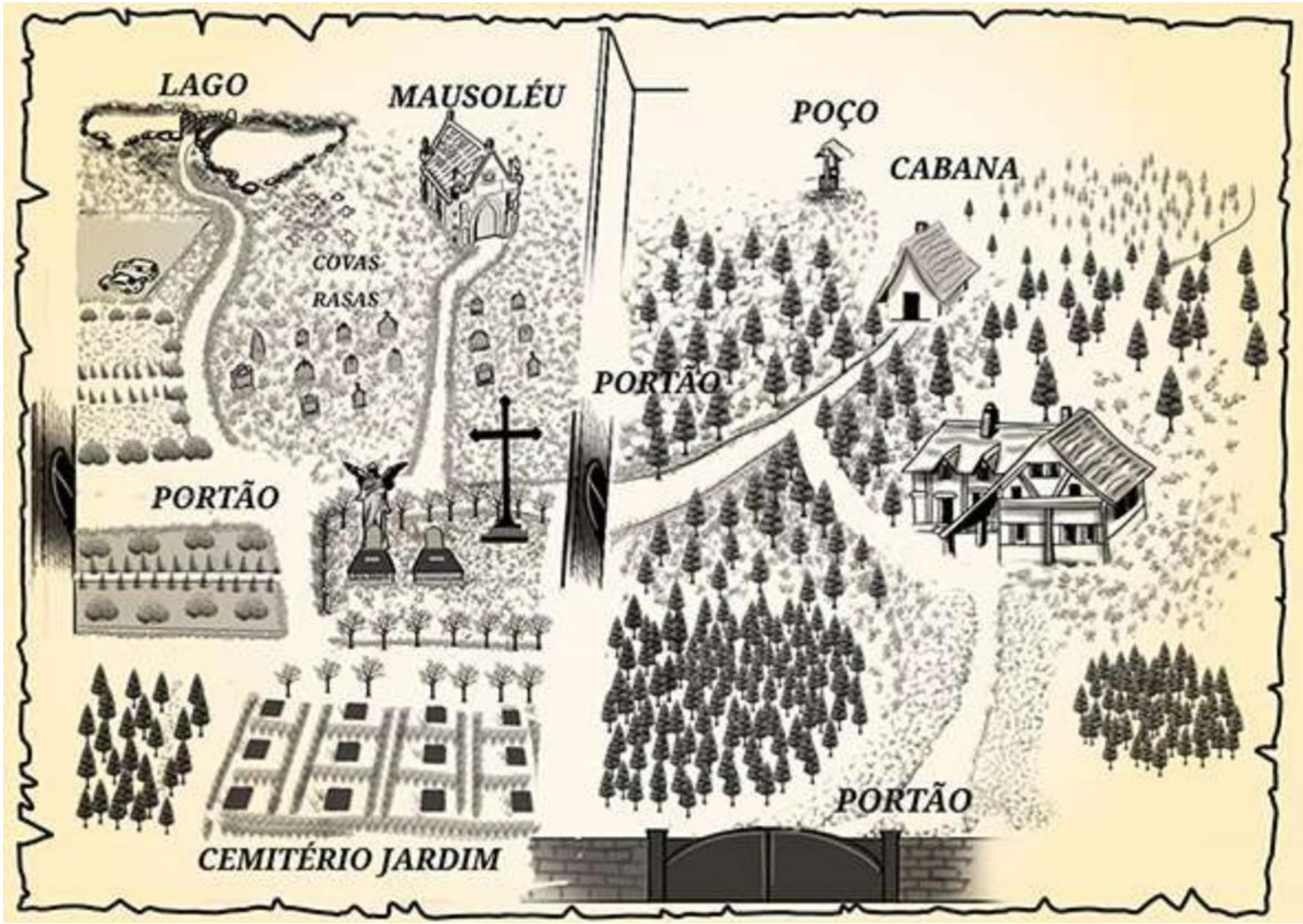
SOBRE A AMBIENTAÇÃO

Shadow Valley é uma cidade que não existe na vida real. Por isso, senti-me à vontade para criar o clima adequado, bem como a localização e a distância entre os locais. Usei de minha licença poética para isso, então, estejam entendidos que, acima de qualquer coisa, ela é parte da ficção e meticulosamente criada para o bom desenvolvimento do roteiro.

PLAYLIST

Ouça a playlist de Garotas Cruéis merecem parar no Spotify. Basta abrir o seu aplicativo de música, ir em buscar e apontar a câmera para o código abaixo.




LAGO
MAUSOLÉU
POÇO
CABANA
COVAS
RASAS
PORTÃO
PORTÃO
PORTÃO
CEMITÉRIO JARDIM

PRÓLOGO

“Nenhum homem escolhe o mal por ser o mal;
mas apenas por confundi-lo com felicidade.”
Mary Wollstonecraft

Era meia noite de uma sexta-feira, e somente com a lua cheia como acompanhante, segui pelo caminho de pedras disformes em direção ao cemitério.

A noite estava escura e sombria, com silvos estranhos de animais ao longe, que quase me fizeram dar meia volta para me aconchegar no calor do meu quarto. Mas, como de costume, caminhei pela propriedade para ler em meu local favorito, agradecendo aos céus pelo inverno ainda não ter chegado. Meu avô estava em seu quarto, e aproveitei para sair da nossa cabana empunhando um livro de terror.

Quando estava chegando à saída, um vento gelado soprou com tudo contra as minhas costas e enquanto balançou os meus cabelos e arrepiou a minha nuca, me perguntei se era ele quem estava gelando o meu corpo, ou a senhora Walton sentada de costas contra os altos portões de ferro da entrada. Suas pernas brancas jaziam nuas e esticadas contra o chão, a camisola sensual e preta estava intacta, exceto pelo manancial de sangue escorrendo do topo da sua cabeça, tingindo de vermelho seus longos cabelos escuros, descendo por seu pescoço e encontrando o sangue presente nos buracos por toda a

sua barriga. E com os olhos escuros bem abertos, ela me encarou, mas em seu corpo não havia vida alguma.

ATO I

Jogos Mentais

“Mal posso esperar pra te encontrar sozinha.
Depois que eu entrar não vai ter volta.
Observe eu transformar sua mente na minha moradia.”
Mind Games - Sickick

01

Emily Brown

Deitada ali, eu queria morrer. Me perguntava por quanto tempo poderia viver sentindo que, na verdade, já estava morta.

Estava lendo um exemplar de capa dura dos contos de Edgar Allan Poe, enquanto descansava despretensiosamente sobre os ossos da Sra. Smith. Na verdade, sobre o túmulo dela. Era um dos mais bonitos do cemitério, feito de granito escuro e reluzente. A pedra fria abaixo das minhas costas era como o beijo gelado de um fantasma. Eu podia sentir a irregularidade das letras entalhadas na superfície em que recostava minha cabeça, na parte dedicada às informações da falecida. Alguém que eu não fazia ideia de quem tinha sido em vida, mas costumava passar tanto tempo em cima de sua sepultura, que, às vezes, parecia que a conhecia.

O Cemitério Walton era um mundo à parte, e enquanto para alguns tinha o sabor salgado de lágrimas e a música deprimente dos soluços dos entes queridos, para mim era silencioso e acolhedor. Possuía túmulos meticulosamente alinhados em fileiras e mais fileiras. Era como uma sinfonia mórbida beijada pelo tempo, feita de pedra, mármore e granito. Pensando

nisso, sentei-me, agradecendo pela manhã não estar tão fria, coisa rara. Afinal, estávamos no outono, quando as folhas começavam a se desprender das árvores e Deus resolvia dar um sopro mais frio sobre nossa cidade, que se tornava gelada a ponto de doer nos ossos.

Encarei Elizabeth, uma estátua de pedra castigada pelo sol, chuva e vento. Suas feições eram serenas, com um sorriso tímido nos lábios finos e o rosto virado em minha direção. Parecia encarar o túmulo em que eu estava. A apelidei com o nome de uma professora da infância, que tinha o mesmo semblante de pintura renascentista. Suas asas abertas eram lindas, e o punhado de flores entalhado na pedra que carregava nos braços era pura poesia, até parecendo que tinha sido ela quem derrubou sobre a senhora Smith as rosas vermelhas e murchas, trazidas por um dos filhos que ocasionalmente via por ali.

Meus pensamentos se dispersaram quando vi dois rapazes andando com ares suspeitos pela pequena estrada de terra abaixo do cruzeiro. Não precisei de mais que um segundo para perceber que eram Zayn e Bran, os filhos do senhor Walton. Zayn, o loiro revoltado, sempre chamou mais a minha atenção. Ele me despertava sentimentos estranhos. Na verdade, deveria despertar sentimentos como aqueles na maioria das mulheres. E, embora os dois fossem agradáveis aos olhos, eu nunca conseguia observá-los por tempo demais, pois, era só um dos dois pousar os olhos em mim, e eu corria para o mais longe possível. E desde que eles se mudaram para a cidade, há cinco anos, brincávamos daquele jogo.

Os dois eram aquele tipinho de *bad boy* rico, descolado, cheirando a perfume caro e problema. Meu avô sempre reforçava que eu deveria me manter longe do caminho dos garotos Walton, como se eu fosse uma

vadia barata e doida para abrir as pernas para os dois. Mas Jack nem precisava me deixar avisos, pois todas as células do meu corpo pareciam concordar com ele.

Me desequilibrei um pouco, e só então percebi que já estava de joelhos, interessada demais nos “problemas ambulantes” e com caras amarradas caminhando a passos apressados, a ponto de me esticar inteira para espiar por cima do ombro ossudo da estátua.

Não foi o corvo assustador e cego ilustrado na parte de trás da jaqueta de Zayn, ou as tatuagens incontáveis subindo por seu pescoço e indo até a lateral raspada de sua cabeça, que me chamou a atenção. Mas sim a pá enorme que carregava por sobre um dos ombros, enquanto tragava um cigarro com a outra mão e revirava os olhos azuis para o rock cantarolado por seu irmão.

Cerrei os cílios, soprando uma mecha de cabelo castanho que caía sobre um dos meus olhos, tentando enxergar o que Bran carregava embaixo de um dos braços. Parecia um pequeno baú de madeira.

Que porra aqueles riquinhos estavam aprontando?

Eles sempre andavam metidos em coisas erradas, e não fosse o sobrenome importante que ostentavam — os Walton eram descendentes da família que fundou a cidade —, teriam sido expulsos da faculdade há muito tempo. Em um dos trotes idiotas do começo do ano, Zayn ateou fogo no carro de um dos calouros. Alguns disseram que o trote foi pesado porque o tal calouro desdenhou do assassinato de sua mãe, outros sussurraram que ele o fez apenas para demonstrar poder e amedrontar o outro rapaz. Qualquer que fosse a versão certa, era comum encontrar um dos filhos do Drake Walton enfiado em problemas.

Fazia pouco tempo que Drake havia precisado mover alguns pauzinhos para silenciar uma ex-namorada de Bran, que disse aos quatro ventos que ele a torturou emocionalmente, que brincou com a mente dela e que até mesmo mudou de cidade após o fim do relacionamento.

Meus pensamentos silenciaram e meu coração quase parou de bater, doido para apressar a tarefa de me garantir um túmulo no cemitério, assim que percebi Bran pousando seu olhar sombrio em mim.

Ele me viu?

Me abaixei às pressas. Minhas mãos suavam enquanto eu apertava as extremidades da sepultura com as mãos, e meu coração resolveu voltar a bater num ritmo muito apressado. Tive de ficar de quatro sobre o túmulo e um dos meus joelhos escapou pela fenda lateral do vestido longo e de malha preta, me fazendo sentir o choque do granito gelado direto na pele.

Merda!

Não sabia o que fazer. Se saísse em direção aos fundos do cemitério, onde havia o portão para a propriedade Walton, poderia de fato dar de cara com os irmãos e não conseguia nem pensar no que eles fariam, caso achassem que os espiei.

Senti um arrepio escalando por minhas costas, por conta de uma brisa gelada correndo livre entre os galhos das árvores. Minha atenção foi para uma enxurrada de folhas avermelhadas que o vento derrubou sobre o cruzeiro do cemitério, um monumento feito de madeira, com cerca de dois metros de altura, e que ficava um pouco adiante do túmulo em que eu me encontrava. Como uma apaixonada por Arte Tumular, conheci muitos cemitérios ao redor do estado de *Massachusetts*, mas o Cemitério Walton era o único com tal monumento. O

lugar pertencera a um senhor chamado Oscar, que, embora fosse católico, enforcou-se na sala de casa.

Anos depois de Oscar cometer suicídio, seu único filho, Drake, assumiu o império do pai, que envolvia a rede de cemitérios, funerárias e a mansão do outro lado do muro que ficava atrás do cruzeiro, separando a propriedade do cemitério onde eu estava naquele segundo.

Desde que me entendia por gente, meu avô era zelador do cemitério e da mansão Walton. E quando Drake assumiu, manteve o posto do meu avô. Por isso, eu sempre acabava esbarrando com os filhos dele, fosse pelo cemitério, pela propriedade, ou pela única faculdade da cidade. E, ainda assim, na maior parte do tempo, vinha sendo eficaz em evitar contato direto com os dois.

Meu instinto de sobrevivência gritou para que eu pegasse a droga do meu livro e depois fosse em direção à entrada do cemitério, do lado oposto. Assim, eu poderia sair para a avenida sem me chocar com a dupla. E planejando fazer aquilo mesmo, deslizei para fora da sepultura. Conforme plantei meus coturnos no chão, tratei de pegar o livro. Meio afobada, me virei para caminhar até os portões, mas como peguei o exemplar de qualquer jeito, o *flayer* dobrado dentro dele deslizou para fora e pousou em queda lenta sobre os cadarços negros do meu sapato.

Irritada, me abaixei e peguei aquela merda. Eu o havia recebido mais cedo na faculdade, durante uma aula. Quando vi o que era, corri para fora da sala, e, aos prantos, vim para cá. Passei tanto tempo aqui, lendo, reclamando com os mortos, que até havia me esquecido.

Meus olhos correram pelas informações cravadas no papel falsamente envelhecido, cujo *design* imitava um tabuleiro de *ouija*:

Você está convidado para a festa da fraternidade Blind Crows: The Night Slasher.

Organização: Irmãos Walton.

Local: Cemitério Walton.

Dress Code*: Usar uma fantasia de* Slasher[2]*, pode ser do Michael Myers, Ghost Face, Jason Voorhees, ou similar. Desde que use uma máscara, fique à vontade para o restante e seja criativo.*

Data: Sexta-feira 13, às 20:00.

Meus olhos cintilaram, úmidos, enquanto lutei para que minha atenção não se encaminhasse ao lugar que jurei nunca mais visitar. Embora adorasse o cemitério, tinha uma parte dele que me causava enjoos só de pensar, as lembranças que me trazia eram tão fortes, que a evitava a todo custo. E mesmo não querendo, meus olhos correram em direção à parte reservada, o eterno memorial das mulheres assassinadas em *Shadow Valley*.

Muitos metros adiante, saindo da fileira de sepulturas altas, estava um “cemitério jardim”. Era uma área gramada com placas retangulares em formato de lápide que contavam trinta histórias de dor. E perdida entre elas, estava Jena Brown, a minha mãe. Ela foi a última vítima do *Assassino das Divorciadas*, um *serial killer* que assolou nossa cidade por dezessete anos.

Como aqueles dois tinham coragem de cagar na cabeça dos familiares, de pessoas dilaceradas como eu? Como podiam fazer uma festa em homenagem a um monstro?

Querendo rir, encarei o céu. Eu queria rir porque parecia piada, uma de péssimo gosto.

Eu era mestre em fugir das memórias da minha mãe, mas desde que a enterrei, passei a vagar pelo cemitério, sozinha, encontrando nesse lugar uma paz

estranha. Entre os mortos, estava protegida. Mas era nos vivos, como Bran e Zayn, que vivia o perigo. E ainda assim, sabendo dos riscos, queria esganá-los.

Com a raiva subindo do meu coração fervente e incendiando a minha mente, amassei a porra do panfleto. Eu havia me esquecido da *The Night Slasher*. Prometi a mim mesma que, à noite, colocaria fones de ouvido para não ouvir o barulho da festa, que certamente tremeria as paredes bambas e velhas da minha casa, e fingiria que os dois não estavam debochando dos mortos, mas era tão injusto ver dois garotos que sempre tiveram tudo tripudiando da porra do buraco no meu peito.

Eles perderam a mãe ano passado, e muitos sussurram que foi um imitador do assassino que matou a minha mãe. Então, que tipo de merda os dois tinham na cabeça? Tudo bem que Bran tivesse problemas com a Rose e eu já os tivesse visto batendo boca muitas vezes, mas Zayn era grudado nela. Parecia amá-la... então, como podiam fazer isso? Eles sabiam, ao menos um pouco, o que era ter alguém que amavam arrancado, e de um jeito fodido assim, na base da faca, do desespero e da dor. Então... por que a festa?

E se eu fosse até eles?

E se fosse corajosa ao menos uma vez e os fizesse perceber a merda que estavam fazendo?

Eles não eram os donos do mundo. Bran e Zayn não tinham o direito de desrespeitar as vítimas em seu próprio memorial, no lugar onde seus parentes traziam velas e flores e rezavam aos prantos por suas almas.

Meus olhos caíram sobre as flores murchas da Sra. Smith, e naquele segundo, me senti uma péssima filha. Uma que sequer conseguia visitar a lápide da mãe, quando era capaz de passar horas deitada e conversando com outros mortos. A verdade é que

sabia que se fosse até ela, iria afundar. Eu cavaria tão fundo na minha mente, que seria difícil voltar.

Eu lembraria.

E sofreria.

E desejaria morrer.

Não que já não o fizesse, vez ou outra. Às vezes, me perguntava se já não estava morta. Se não morri naquela noite, junto com o grito que nunca dei ao ver minha mãe sangrando...

E foi com aquela lembrança e o gosto amargo da dor em minha boca, que deixei a porra do livro em cima da sepultura em que eu estava e, pisando duro, segurando o papel amassado da festa em uma das mãos, decidi que iria contra o medo que eriçava os meus pelos e me deixava gelada. Eu iria até os Walton! E de fato eu fui, pisando duro, em direção ao local em que havia visto os dois ainda a pouco.

Eu atiraria tudo o que estava sentindo bem na cara deles. E gritaria que eles não tinham aquele direito e... e... quase tropecei em meus próprios pés quando ouvi o barulho de terra sendo escavada.

No meio da estrada de terra batida, não vi os dois, mas, pelo barulho, tinha certeza de que estavam perto. Meu coração estava batendo muito pesado, como não fazia há tempos. Eu sempre vivia como se nem tivesse pulso, mas, mesmo com raiva, a sensação do perigo de confrontá-los me deixava eletrizada.

Percebi que já estava ao lado do muro baixo e de pedra que o separava da propriedade onde o pai dos garotos morava. Hiperventilando, notei que minhas unhas rasgaram o papel a ponto de já se enfiarem contra a palma da minha mão direita, a picada de dor trazendo-me uma esmola de alívio.

“Calma, Emily!”, soprei o conselho baixinho, mas era impossível me obedecer. Eu queria que eles soubessem como eu me sentia, mas também sabia que

eram egoístas demais para se importarem com os sentimentos dos outros. E, ainda assim, não recuei. Eu me esgueirei a passos lentos pela estrada estreita, percebendo, pelo eco de suas vozes, que eles estavam atrás do mausoléu gótico no final da estradinha, cercado por árvores retorcidas que já tinham perdido boa parte da folhagem. A fachada do pequeno sepulcro era de pedra lisa e cinzenta, e os arcos pontiagudos no topo tornavam o local afiado e sombrio. Eu costumava gostar de me deitar dentro dele para ouvir música e tinha nas aranhas, espalhadas pelo topo das paredes, boas companheiras. Lá dentro era frio, cheirava mal, e ainda assim me trazia paz. Agora os dois idiotas estavam fazendo seja lá o que fosse atrás de um dos meus recantos, o que me obrigaria a ter memórias ruins com o lugar.

— O que foi, Zayn? Tá cansado? — Ouvi a voz sarcástica e baixa de Bran, seguida por uma risadinha. — Dedou tanto a Madson que ficou fraco?

— Está com ciúmes, por que hoje ela preferiu montar em mim? — Zayn e sua voz grossa trovejaram.

Estavam falando da amiga deles, uma loira riquinha da faculdade, que era um verdadeiro carrapato dos dois. Pelo visto, era mais que amiga.

Respirei pela boca, os olhos se arregalando e os pensamentos embaralhando a cada novo barulho da pá se embrenhando no chão. E se estivessem enterrando alguém? Ou pior, desenterrando?

Em um local assolado por tantas mortes, era natural achar que qualquer um era suspeito. E quando se tratava de Bran e Zayn, era fácil acreditar que poderiam fazer qualquer merda.

Meus pensamentos foram interrompidos pela voz de Zayn:

— Não precisa de um buraco tão fundo.

— Precisa sim! Ou quer que alguém ache essa merda? Quanto mais fundo, mais bem enterrado será nosso segredo.

Engoli em seco, sentindo uma trilha molhada começando a escorrer por baixo dos meus seios. Meu pulso seguia acelerado, mas a curiosidade começou, vagarosamente, a sobrepor a raiva.

Se eles me pegassem espiando, eu perderia a razão e toda aquela merda se tornaria sobre mim, o que me impediria de lavar a alma lhes atirando na cara sua festa suja.

Eu deveria surpreendê-los logo, mas, talvez, saber um segredo de Zayn e Bran pudesse ter serventia no futuro. E, pensando nisso, me esgueirei pela lateral do mausoléu, sabendo que os meninos estavam na parte de trás apenas pela distância de suas vozes.

— Será que o pai vai dar falta disso? — Bran sussurrou.

— Você acha que ele se importa? — Zayn desdenhou, e o barulho da pá encontrando a terra seguia mais acelerado, enquanto, com a voz ofegante, ele prosseguiu: — Drake sempre cagou para a nossa família. Não me surpreenderia se já estivesse se envolvendo com alguma puta.

Me encolhendo contra a parede, praguejei quase em silêncio quando um trecho irregular da pedra agarrou a barra do meu suéter felpudo e preto, que cobria o vestido e chegava até o meu quadril. Dei um puxão nada sútil, o que resultou em um rasgo no tecido.

Deus! Não era mesmo o meu dia!

Voltando ao que interessava, com cuidado, dei um jeito de espiá-los. Era como se eu estivesse cometendo um crime, mesmo que os delinquentes fossem os dois.

Zayn, com seus quase dois metros de altura, estava curvado, enquanto cavava um buraco pequeno abaixo de uma árvore esquálida. Era difícil me concentrar no que ele estava fazendo, enquanto sua jaqueta da fraternidade estava jogada no chão e sua camiseta branca jazia colada ao abdômen definido, seus braços tatuados e grandes até reluziam com o suor que os cobria. Ele se levantou e balançou a cabeça, chacoalhando o amontoado de cabelos loiro-escuros e desgrenhados.

Minha boca secou e lambi os lábios, porque, ainda que fosse um grande idiota, sempre foi minha maior cobiça. Criei uma paixonite adolescente por ele, mesmo que sempre tivesse deixado claro que me detestava.

Zayn era lindo, e com aquele rosto másculo e quadrado, as maçãs proeminentes, o maxilar definido junto ao queixo alargado e levemente projetado, faria qualquer mulher suspirar. A calça escura estava suja de terra, os tênis brancos maculados na mesma proporção... merda, ele parecia um daqueles modelos de calendário masculino que as senhoras da biblioteca da cidade costumavam dar umas às outras nos finais de ano.

Bran era tão diferente dele. Tinha braços e pernas musculosos, mas era um pouco mais baixo. E sempre de preto, parecia a morte encarnada, enquanto dedicava ao mundo um sorriso debochado, atrelado a um olhar escuro e sem alma. Costumava achar que ele parecia um psicopata. Talvez o fosse mesmo..., mas a porra de um psicopata lindo, de cabelos lisos e tão pretos quanto a sua jaqueta de couro. Ele se parecia muito com o pai, que, por sinal, era ainda mais bonito do que os filhos.

Embora sussurrassem lendas por aí sobre serem amaldiçoados, os Walton pareciam esculpidos por

algum deus sádico, que deu a eles toda a riqueza e beleza da cidade, deixando a nós, os reles mortais, a certeza da imperfeição.

Bati os cílios, voltando à realidade e notando que os dois estavam frente a frente, mas eu os encarava de perfil, vendo que tinham apenas o buraco no chão como intermediário.

Bran se abaixou e encaixou o pequeno baú dentro da cova. Quando se levantou, deu um olhar diferente ao objeto. Parecia ter ódio ali. E, sempre que conseguia encarar o rosto dele, seu semblante nunca mostrava algo além de desdém. Naquele segundo, era como se Bran quisesse atear fogo ao baú. E Zayn, bem ao contrário, mirou a pequena cova de seu segredo com algo que parecia dor... Foi difícil definir o que enxerguei quase gritando em seus olhos cheios de lágrimas.

— Acaba logo com essa porra! — Bran ordenou, gélido, parecendo conter um palavrão em seus lábios cerrados, enquanto segurava a cabeça e olhava para cima.

Quando ele se virou em minha direção, quase vomitando de nervoso, tratei de me esconder atrás da parede.

Puta que pariu!

Se ele me visse, eu estaria em maus-lençóis.

Não estavam escondendo um corpo, mas certamente era algo que mexia com ambos.

Enquanto eu ouvia o som de pás de terra sendo jogadas sobre a madeira, tive duas certezas. A primeira, era de que eles sepultavam um segredo naquele momento. A segunda, era que seria eu a desenterrá-lo! Mas, se continuasse ali, seria pega quando eles saíssem. Por isso, resolvi dar meia volta a passos lentos e silenciosos, até a entrada do

mausoléu. Abrir a porta de ferro grossa foi quase um parto, pois, se não fosse cautelosa, eles ouviriam.

Foi com alívio que entrei no ambiente escuro e empoeirado, mas voltei a me estressar quando tive de fechar a porta, e mais impaciente, o fiz mais rápido do que deveria e as ligaduras rangeram tão alto que pareceu até mesmo que o ferro gemia. Meu pulso acelerou tanto, que quase vomitei, com os olhos arregalados e todos os sentidos apurados, como se minha sobrevivência estivesse por um fio. Se eu fosse pega, estaria ferrada e com um alvo na testa para a fúria dos Walton. E era um absurdo o quanto aquilo me deixava acesa, viva, desperta como nunca. E segurando a barriga, tentei ouvir os barulhos, mas a faladeira dos dois, lá atrás, deixava claro que não ouviram a porta rangendo.

Perambulando na penumbra, balbuciei palavrões porque não pude acender as velas que costumava deixar a postos para os meus momentos de leitura, e, acompanhada apenas da escuridão e dos mortos sepultados ali, esperei até que os dois fossem embora. E não demorou muito, ouvi ambos conversando sobre as bebidas da festa idiota, enquanto suas vozes se distanciavam. Cautelosa, me esgueirei para a porta e, através de sua grade, fitei os dois caminhando para longe.

Ainda suava frio, com o coração prestes a parar a qualquer segundo. E quando dei meu primeiro passo vacilante para fora, parecia que Bran e Zayn estavam dentro da minha mente, gritando a todo momento que me pegariam espiando.

Mesmo trêmula e receosa, não recuei. Dei a volta no mausoléu e cheguei às pressas na parte dos fundos. Por alguns instantes, olhei o chão com a terra escura, procurando o ponto exato que havia sido escavado, afinal, eu cavaria aquela porra com as

mãos. Era bom não errar o local. Quando prestei mais atenção, parando acima da região onde os garotos estavam, pude ver a irregularidade do terreno e ficou claro que foi ali que esconderam o baú.

Me ajoelhei, pensando que sujaria minha roupa inteira com aquela porra. Respirei fundo quando comecei a enfiar meus dedos na terra.

Eu desenterraria aquela merda, nem que precisasse passar muito tempo ali. E foi o que fiz. Agradecendo por aquele solo não ser duro, eu cavei.

Cavei.

E cavei.

Não parei, nem mesmo quando o trabalho braçal me deixou ofegante e suada. E tive a certeza de que estava ali há cerca de uma hora, com os braços doendo, os dedos gritando por descanso. Então precisei fazer uma pausa, porque parecia que não alcançava o baú nunca. Tentei limpar o suor da testa, mas o gesto só serviu para sujar minha cara de terra e me deixar mais puta. E xingando os idiotas que me colocaram naquela situação, notei algo brilhando na superfície, ao lado do buraco, quase colado ao meu joelho. Era um chaveiro de prata com o corvo da fraternidade gravado a laser na frente. Provavelmente, um dos idiotas deixou cair.

Revivendo todo o ódio que os dois me causavam por conta da festa maldita, me motivei a cavar a parte final que me impedia de alcançar o tesouro, e quando até meus olhos já ardiam por conta do esforço, finalmente senti minhas unhas raspando a madeira do baú.

— Sim, porra! — Rosnei, nem me reconhecendo, enquanto ficava de quatro e enfiava mais os dois braços dentro do buraco de cerca de quarenta centímetros.

O baú era de madeira maciça, pequeno e leve. Quando o retirei do buraco e o pousei à minha frente, sorri feito uma doida ao notar que não havia cadeado no pequeno feixe de ferro que o selava.

Era quase impossível decifrar a emoção que tomava meu corpo naquele momento. Podia sentir a adrenalina correndo em minhas veias. E gostei daquilo, do gosto sedutor do perigo em minha boca.

Engoli em seco, sentindo uma mistura de euforia e apreensão, enquanto segurava o segredo comprometedor dos garotos Walton em minhas mãos. Um arrepio percorreu minha espinha, mas nada me impediu de abrir a tampa do pequeno compartimento. Meus olhos se arregalaram e vincos se formaram entre minhas sobrancelhas.

Havia fotos sinistras lá dentro...

Meu estômago começou a arder, enquanto, intrigada, vistoriei uma a uma. Era como se o papel queimasse os meus dedos e fosse eletrizando cada parte minha, ativando um lado detetive que eu sequer conhecia.

“Que merda é essa?”, pensei, notando que também tinham pen drives ali, e até um elástico colorido de cabelo.

— Por que eles guardariam isso aqui? — sussurrei, vendo uma foto da senhora Walton me encarando, com um sorriso sensual nos lábios vermelhos, os cabelos escuros e lisos presos em um penteado de verão.

— Para que fofoqueiros, como você, não enfiassem o nariz, noiva dos mortos!

Eu fui capaz de sentir o sangue abandonando o meu rosto. Meu coração palpitou tão forte, que pareceu o prelúdio de um ataque cardíaco.

Eles me flagraram!

Nem tentei controlar os danos com desculpas esfarrapadas. Foi o mais primitivo instinto de sobrevivência o que me dominou. Eu fiz impulso para cima, e quando fiquei de pé, planejando correr, me senti uma louca.

Uma breve olhada ao redor deixou claro que eu estava rodeada apenas por árvores carecas, um chão de terra revirada e um vento frio. Meus olhos corriam por todos os lados, caçando Zayn, mas ele não estava em canto algum. Não era de ouvir vozes, mas, naquele minuto, duvidei da minha sanidade.

Engoli o bolo que se formou na minha garganta e, com os olhos arregalados, me abaixei mais uma vez, para, correndo o máximo que podia, guardar as fotos e os objetos dentro do baú. Eu o joguei de qualquer jeito no buraco e, da forma que deu, usei os braços para começar a cobrir tudo com terra.

Demorei muitos minutos enterrando-o, o que me acalmou um pouco, afinal, se Zayn tivesse estado ali, teria me encurralado, gritado, jogado na minha cara que eu era apenas a neta do zelador e não deveria ficar em seu caminho. Ele não sumiria para me deixar fugir...

Quando consegui ficar de pé, todo o sentido do que eu havia feito parecia ter sumido. Eu tinha vindo descobrir segredos deles, mas sairia confusa e sem entender o que encontrei dentro do baú. Para piorar, não consegui brigar com eles por conta da festa.

Ofegante, enjoada pelo medo e cansada pelo esforço da minha intransigência em cavar aquela merda, cambaleei para longe. Quando alcancei a lateral do mausoléu, foi como dar de cara com o capeta. Zayn e Bran estavam parados e, cada um à sua maneira, eles deixaram claro que queriam me enterrar viva. Não estava ouvindo vozes, e de todo

modo, teria sido menos perigoso se fosse um fantasma.

Merda!

Zayn tragou o cigarro como se fosse o que desejava fazer com o sangue do meu pescoço. Não havia nada diferente de ódio e ira em seus olhos claros, nas sobrancelhas grossas e trincadas. A veia do seu pescoço estava prestes a arrebentar.

Dei um passo atrás, torcendo as mãos na frente do corpo, como costumava fazer quando aprontava e meu avô estava pronto para me dar uma surra. E nesse instante, Bran sorriu largamente e, com o indicador, fez um sinal de não.

— Não corra sem dar um “oi”, noiva dos mortos! — disse, enfiando as mãos nos bolsos de sua calça. — Zayn esqueceu o chaveiro dele por aqui. Você viu?

Pisquei, tentando dar mais um vacilante passo para trás.

A sensação em meu peito era de que eu estava diante de dois predadores, sem chance alguma de fuga. Na verdade, parecia que eu havia aberto a boca do leão e me enfiado dentro, desde a porra do momento em que perdi a cabeça e me meti nos assuntos deles.

— Eu... eu...

— O que foi, Emily, o gato comeu sua língua? — Bran avançou, não me restando alternativa, a não ser agir.

Eu virei de costas e corri o mais rápido que pude. Passando por cima da cova fechada do maldito baú, dei a volta pelo outro lado, sentindo, pelo cheiro de patchouli, que Bran estava em meu encalço. A risada dele me arrancou um grito e, com tanto medo, tive que evitar um soluço de escapar também.

— Me deixem em paz! Eu não vi nada! — Tentei mentir, puxando a barra do vestido pra cima, para que

ele não me fizesse tropeçar. — Eu prometo não contar nada a...

Me choquei com força contra o peito cheirando a madeira, tangerina e cigarro. E mesmo sabendo que já era, que eles já me tinham nas mãos, ainda lutei. Eu soquei o peito do Zayn, ouvindo Bran rindo ao se chocar contra minha bunda e me imprensar em seu irmão.

— Por que está tão nervosa, Emily? — Bran sussurrou contra a pele atrás da minha orelha.

A voz dele era uma mistura de caos e calmaria, grossa e rouca, mas baixa e melodiosa também.

Eles nunca haviam me tocado daquele jeito, a ponto de se encostarem em mim. Sabendo que fazer força para frente ou para trás não surtiria efeito, tentei deslizar para o lado, o que me fez derrubar o cigarro preso entre os dedos de Zayn. Mas foi impossível sair do meio deles.

Eu estava à beira de um colapso total, suando, tremendo, mas isso só parecia fazê-los rir. E a risada do Bran no meu ouvido me causou arrepios, mas nada era pior do que sentir o que tinha no meio das suas pernas se insinuando contra a minha bunda.

Era desesperador sentir dois paus duros contra o meu corpo de uma só vez. Não que eu estivesse acostumada a sentir apenas um... Zayn tinha seu membro duro, sem qualquer pudor, pressionado contra a minha barriga. Nervosa, agarrei as laterais da jaqueta dele e tentei olhar pra cima, mas Bran não deixou. Puxou meu cabelo na altura da nuca e enfiou minha cabeça contra o peito do seu irmão, me fazendo engolir um pouco da terra que sujava a sua blusa e que foi direto para a minha língua, quando tentei dar um berro.

— Me deixem sair ou eu... — Cuspi a areia para tentar gritar, a voz sendo abafada contra a blusa do

mais novo.

O cheiro dele estava se infiltrando a contragosto no meu corpo, e duvidava que não estivesse se grudando em minha alma. Zayn enfiou sua mão na minha nuca, substituindo a do irmão, e sem delicadeza alguma, agarrou meu cabelo com força e puxou minha cabeça para trás. E encarando aquele rosto, tão perto a ponto de seu nariz se encostar no meu, pensei que a Emily adolescente adoraria o toque em seus sonhos bobos, mas ali, naquele momento, a de vinte anos queria que ele morresse!

— Por que se meteu nos nossos assuntos, garota? — Exigiu saber, sem qualquer diversão. — Fala, porra!

Tentando lidar com a ardência na raiz do cabelo, olhei para ele, me afogando nas íris azuis e tão claras, que parecia impossível, mas via chamas dançando lá dentro, elas eram quase palpáveis, escapando pelo ódio que o maldito me dedicava.

— Eu... — Procurei alguma mentira, algo que pudesse me salvar, mas estava desesperada e... Bran começou a se mexer de propósito, rodando o quadril e roçando-se contra mim. Me xinguei mentalmente por ficar molhada com aquela merda, o que me fez ceder e deixar uma lágrima escorrer livre por minha bochecha. Mais absurdo ainda, foi me grudar mais em Zayn, tentando fugir de Bran. — Estava puta por causa da festa. — Foi o que consegui dizer em meio à tentativa de travar um soluço. — E quis xingar vocês, gritar o quanto estavam sendo dois cuzões, mas acabei ficando curiosa com o baú. — Minha língua travou quando pensei na merda que fiz, e meu sangue gelou, com alertas imensos diante dos meus olhos, piscando a palavra “idiota”. — Mas eu juro que não vi tudo. Eu só... olhei para uma das fotos e já enterrei novamente.

Ele riu, com seus dentes grandes e retos prontos para arrancar a minha língua mentirosa. E parecia que

era mesmo o que faria. Minha agonia, pensando no que estava por vir, só durou um instante, porque vi os olhos do mais novo deixando de me fitar para encarar o irmão. Eles não disseram uma só palavra, mas pareceram se entender bem, porque os dois me soltaram de uma só vez.

Não esperei por mais investidas dos dois. Apenas me virei pro lado e tentei correr, mas Zayn me laçou com facilidade pela barriga, acabando com os meus planos.

Droga!

— Me solta! — gritei, tentando empurrar o peito dele, mas o maldito se esquivou a tempo e me agarrou pelos ombros. — Toda essa merda não teria acontecido, se não estivessem debochando das vítimas da cidade. — Cedi à raiva que sentia, mas minha voz foi embargada pelo choro. — Vocês são dois idiotas!

— Ora, ora... — Bran me virou de frente para si, apertando tanto os meus ombros, que poderia ter se infiltrado no suéter e arrebentado a pele, se tivesse unhas maiores. — Está colocando as garrinhas de fora, noiva dos mortos?! — Ele riu. — Não deveria ter se metido em nosso caminho, agora, vou brincar com a sua cabeça.

A frase idiota se infiltrou na minha mente. Senti medo da ameaça, mas ele não foi capaz de superar a raiva que se alastrava em minha pele.

— Vai se foder! — berrei, e em um rompante de loucura, cuspi na cara dele.

Foi como se o tempo tivesse congelado e meu coração, por breves segundos, tivesse se esquecido de como funcionar. Até as árvores, que antes farfalhavam com o vento frio, paralisaram. Zayn não emitiu qualquer som, enquanto eu encarava o rosto de Bran contorcido pelo ódio. Minha saliva escorreu por sua

bochecha, quase chegando ao seu queixo pontudo. Ele usou a mão enorme para limpar o rosto, sorrindo de uma forma que só podia ser definida como assassina, enquanto lambia a boca carnuda e larga, e depois abriu um amplo sorriso.

Era como se o próprio Diabo estivesse rindo para mim, repleto de promessas de roubar a minha alma.

— Lembra do que dissemos a você, quando nos mudamos para cá? — ele perguntou, e quando ergueu a mão, me encolhi, temendo uma bofetada, sentindo Zayn voltando a segurar os meus ombros. O gesto do Bran não foi hostil, pelo contrário, um breve carinho em minha bochecha, mas nada que me fizesse relaxar. Na verdade, eu queria que eles me deixassem em paz. — Lembra?

Talvez, resistir e xingá-los não fosse fazer com que me deixassem partir. E resignada, resolvi responder:

— Mandaram que me mantivesse fora do caminho de vocês — sussurrei, vendo Bran recolher a mão para acariciar a curva definida de sua mandíbula, os olhos tão pretos quanto buracos negros, me encarando com atenção.

— Ou faríamos o quê?

— Me comeriam viva. — Foi humilhante entrar no jogo deles, ter que responder a cada questionamento.

— Quer que deixemos você ir? — Zayn enfiou as mãos imensas na minha cintura, me puxando contra o seu peito, e a proximidade dele era algo que quase desalinhava minhas células.

Tive que lutar com a quentura em minha barriga, pelo carinho controverso que fez nela, e contive a fúria em minha voz para poder responder:

— Sim.

— Primeiro vai ter que pagar um preço por sua intromissão.

Assim que terminou de falar, Zayn me virou. Foi tudo tão rápido, que meu cérebro mal processou. Em um instante, encarei o olhar de desejo e raiva de Zayn, em outro, fui jogada em seu ombro.

— Me solta, seu merdinha! — gritei o mais alto que pude.

Eles eram dois loucos que queimavam os carros dos seus rivais. Podiam fazer qualquer coisa comigo e ninguém veria. Eu podia escutar meus batimentos no ouvido, suando, chorando e socando as costas largas do filho mais novo de Drake, que andava mais lento entre as sepulturas, por me carregar em cima dele.

— Vô! — berrei, torcendo para que, do outro lado do muro, em nossa velha casa de madeira, ele pudesse ouvir que eu estava em apuros, mesmo que isso me fizesse entrar em maus lençóis com ele também. — Socorro!

— Cale a boca, Emilyzinha! — Bran ordenou, surgindo atrás de nós e rindo ao balançar os próprios cabelos com a mão repleta de anéis prateados. — Você só vai se ver livre de nós dois quando pagar o preço por ter sido uma garota enxerida.

— Seu maníaco! — acusei, sentindo raiva, medo, socando e chutando o corpo de Zayn.

Minha agonia durou o suficiente para que meus gritos enlouquecidos fizessem minha garganta arder, e então, fui arremessada ao solo como um saco de batatas. Caí de bunda no chão e, sob a camada de lágrimas que me borravam a visão, me ergui com dificuldade. Mesmo chorando, consegui enxergar que estávamos diante do pequeno lago nos fundos da propriedade. Era pequeno, mas profundo o bastante para desovar um corpo.

Eu morreria cercada por árvores esquálidas em um lago esverdeado.

Céus! Eu pedi muito para morrer, depois do que aconteceu com a minha mãe, mas não era assim que eu queria bater as botas, na mão de dois mimados imbecis.

Toda a raiva foi consumida pelo medo, que se espalhou pelo meu corpo como um vírus, contaminando tudo e me desesperando.

— Meninos, por favor... não tem pra que tudo isso! — Tentei implorar, caminhando para trás, com os coturnos afundando no terreno úmido às margens da água.

Ergui minhas trêmulas mãos em frente ao corpo, como se isso pudesse me proteger, mas sabia que nada me protegeria do que eles planejavam fazer, fosse lá o que tinham em mente.

— Você fica linda chorando, noiva dos mortos — Bran disse, me olhando de cima a baixo, de um jeito que nunca tinha feito. Ele se aproximou, parando ao meu lado. Eu me encolhi, tremendo enquanto ele erguia a mão, mas tudo o que fez foi segurar uma mecha do meu cabelo. — Será que molhada fica ainda melhor? O que você acha, irmão?

Zayn cruzou os braços, parando ao lado dele, então deu um sorrisinho de canto, me medindo do mesmo jeito que Bran fizera. Engoli em seco, sentindo a bochecha arder.

— Será, Emily? Você acha que fica ainda mais gata depois de dar um mergulho no lago?

Não podia ser um elogio, mesmo que estranho e atrelado a ameaças. Embora tivesse noção de que o meu rosto era bonito, ainda tinha um manequim 48, bem diferente do tipo de garota exageradamente magra para as quais eles olhavam. Estavam debochando de mim. Por cima do ombro, fitei a água escura, entendendo que o castigo que me dariam seria

me forçar a mergulhar ali. Era outono... eles sabiam que aquela água estava gelada.

— Não vou entrar no lago! — Me abracei, sentindo a humilhação correndo feito uma serpente pelo meu corpo.

Olhei o cemitério atrás deles, rezando silenciosamente para que meu avô ou Drake aparecessem e me salvassem dos dois psicopatas. Os malditos riram quando eu voltei a encarar a água. E se eu fizesse o que eles estavam pedindo e ainda assim não me deixassem ir?

Merda!

Por que desenterrei os segredos deles? Olha a confusão em que mergulhei de cabeça...

Desesperada e descrente de que alguém viria me acudir, procurei alguma saída. E se eu tentasse barganhar com eles? Em uma última cartada para tentar me livrar deles, eu disse:

— Prometo não contar a ninguém sobre o baú. Eu juro que não direi nada, só me deixem ir e fingiremos que isso não aconteceu.

Por um segundo, confusos, os dois se encararam. Pareciam não acreditar que eu tinha feito aquela promessa. Era como se Bran e Zayn se conversassem pelo olhar, porque os dois viraram e disseram, quase que ao mesmo tempo:

— Agora, entra no lago!

Balancei a cabeça, engasgando com minha respiração, desesperada. As lágrimas já formavam uma cortina no meu rosto, enquanto eu me abraçava, desolada.

— Parem com isso! Eu já prometi.

— Ok, eu a faço entrar! — Zayn disse, completamente puto, quando começou a caminhar até mim.

Inconsolável, sabendo que aquilo era apenas o começo de uma perseguição eterna que fariam contra mim, fiz o que precisava ser feito.

02

DRAKE WALTON

Puxei a manga do meu sobretudo, o suficiente para conseguir checar o relógio de pulso.

Caralho! Já chegava ao meio-dia.

Precisava sair logo, pois teria que dirigir por muitas horas até Nova Iorque, mas, antes disso, tinha de falar com os meus filhos. Vira que Bran e Zayn estavam por aqui, cerca de meia hora atrás, e tinha o intuito de avisar a ambos que não queria problemas na minha casa enquanto estivesse fora.

Os moleques tinham a porra da fraternidade onde Zayn morava para comer suas garotas ou encher a cara. A minha casa não viraria bagunça! E ainda que Bran morasse comigo, as regras eram bem estabelecidas e precisavam ser respeitadas.

Conhecendo os filhos que tinha, ou impunha limites, ou seria engolido pelos dois.

Jack, o meu zelador, sussurrou meio assustado que ouviu os meninos marchando para o cemitério mais cedo — algo estranho, pois os dois não tinham hábito de ir até lá — e comentavam sobre uma festa que dariam essa noite. Antes que pudessem aprontar alguma, cortaria logo as asinhas deles, para que suas merdas se concentrassem apenas na *Blind Crows*.

Diante de mim, no canto do quarto de paredes escuras, me encarei em um espelho de pé. Antigo, com uma moldura de madeira negra, era alto o suficiente para que pudesse me encarar de corpo inteiro. Na parte de cima, a borda era arredondada e repleta de floreios idiotas. Encarei meu reflexo em sua superfície uma última vez, antes de sair. Notei que minha barba havia crescido e logo precisaria fazer, mas não era algo que me deixasse desleixado. Apesar dos problemas que vivenciava, fazia questão de ter uma aparência decente. Mas dormir todos os dias com a mistura ferrada de sonífero e *whisky* começava a me render olheiras. E tudo o que não precisava era chegar à reunião com uma empresa parceira de cara abatida.

Fui a um clube na noite anterior, para aliviar o peso no meu saco antes da viagem. Suzane, uma stripper com quem costumava sair, disse que amava a minha barba, afirmando que combinava tão bem com meu rosto, que seria um pecado tirá-la. Senti vontade de enfiar a cara dela no travesseiro e a sufocar, enquanto fodia o seu cu até que desmaiasse. Não que ela tivesse culpa de suas palavras soarem idênticas às de minha falecida esposa. Apenas não precisava me lembrar dela ali, num puteiro, fodendo com outra.

Minha pobre Rose...

Jamais me livraria daquela dor, a de perder a mãe dos meus filhos daquele jeito. E não ter alguém para culpar por tudo aquilo me enlouquecia, porque não tinha a quem punir ou poder descontar todo o ódio que perfurava o meu peito.

Quando as lembranças da Rose me atravessavam, costumava afogar a mágoa enchendo a cara, gastando grana em cassinos, mas, naquele momento, nada daquilo era uma opção. Eu teria de engolir a minha dor, sem ter qualquer fuga para extravasar o buraco queimando em meu peito. E com

meus negócios importantes em mente, puxei a mala de mão preta pelo quarto, até sair pelo corredor, odiando a forma como as rodas não deslizavam bem sobre o carpete escuro.

Sob a luz amarelada das arandelas negras penduradas nas paredes do extenso corredor, encarei o papel de parede cinza e, caminhando, ponderei se não deveria tirar um tempo para fazer algo com Bran e Zayn quando voltasse da viagem. Eu sempre amei os meus filhos, mas não sabia se eles enxergavam a profundidade dos meus sentimentos.

Quando cheguei às escadarias em Y e pisei no primeiro degrau de madeira escura, quase pude ver os dois quando adolescentes, resmungando porque não queriam se mudar para cá, ao descerem pelo longo tapete vermelho que cascateava pelo meio da escada até chegarem à sala, no piso inferior.

Sabia que Bran me admirava, via no jeito como me tratava com respeito, no fascínio que adquiriu por Física, pois cresceu ouvindo todas as minhas histórias sobre o Universo, galáxias e buracos negros. E desde menino, me olhava com olhos brilhantes e dizia que, um dia, seria astronauta.

Engoli o nó que se formou em minha garganta enquanto pensei em Zayn. Acho que não fui o mesmo pai para ele, ou, talvez, perdido demais em meu trabalho, não prestei atenção que, de um menino tímido e medroso, aos poucos tornou-se furioso e revoltado. E agora, era como se falássemos línguas distintas, sempre dizendo algo, mas nunca nos entendendo.

Ouvi a campainha tocando do outro lado da sala imensa e descendo os degraus, enquanto suspendia a mala pela alça para que não me atrapalhasse, ouvi o som oco da bengala do zelador lá embaixo, a cada vez que o objeto se chocava contra a madeira do piso.

Jack chegou antes de Lindsay, a minha governanta, e embora fosse alto, parecia minúsculo diante das gigantes portas duplas de madeira pesada. Quando era menino, gostava de passar a mão nos entalhes da madeira, ouvindo Oscar dizendo o quão caro era conservar aquela casa.

Demorei até entender a dinâmica de trabalho de Oscar e Ava, os meus pais. Achava que o trabalho com mortos era bizarro, por isso, me mantive distante até os dois morrerem e, tempos depois, o trabalho deles cair inteiro no meu colo.

Quando pousei a mala sobre o assoalho de nogueira, forcei minha mente a voltar ao presente e respirei fundo ao ver uma figura patética me encarando da porta. Sempre que via o rosto do xerife Paine, tinha que me segurar para não ceder à fantasia de apertar o seu pescoço. Seria bonito ver a espuma branca escorrendo de seus lábios finos e ressecados, os olhos azuis cheios de cinismo esbugalhados e vermelhos, enquanto sua vida ia embora pelas minhas mãos.

Olhei ao redor, tentando afastar meu desejo sádico, trincando o maxilar a ponto de os dentes doerem. Encarei os painéis de madeira preta, os vitrais altos e de arco ogival pelas paredes frontais, até a porra do teto abobadado, menos a cara do incompetente que apelidava mentalmente de “ponto sem nó”.

O que esse merda veio fazer aqui?

— Bom dia, senhor Walton! — ele disse, me fazendo ter o desprazer de ver sua cara magra e vermelha se abrindo em um sorriso amarelo. Ele alinhou as pontas do enorme bigode branco, que parecia pentear mais do que os grossos cabelos loiros, olhando meus móveis de madeira cara com seu costumeiro ar invejoso. — Posso entrar?

— É claro! — consenti, tentando esconder o meu ódio sob um sorriso torto, enquanto apertava tanto o puxador da mala, que temia que os ossos de minha mão esquerda se partissem para arrebentar a pele. — Desde que não se demore muito, pois tenho uma viagem de negócios, podemos conversar.

Apontei a ele o lado esquerdo da sala, um canto de sofás de couro negro, sob as luzes esbranquiçadas de um gigante lustre de cristal. Abandonei a mala no caminho, depois me sentei em uma poltrona e pousei o tornozelo direito sobre o joelho esquerdo.

O Xerife se acomodou do outro lado, em um sofá de dois lugares. O ridículo distintivo exibido com orgulho do lado direito da camisa negra. Era um escudo dourado com o brasão da cidade: um amontoado de pinheiros com uma lua cheia acima deles. Era quase piada ver um merda como ele naquela posição.

— A que devo a honra de sua presença? Novidades no caso da minha esposa?

— Me desculpe por atrasar sua viagem — começou, pegando um pequeno bloco de papel no bolso da camisa, junto a uma caneta prateada —, mas seguimos na tarefa incessante de descobrir quem assassinou sua esposa. Como sabe, descartamos qualquer hipótese de ser o assassino das divorciadas, afinal, Rose não era divorciada, não é?

— Foi uma pergunta retórica? — questionei, quando ele demorou tempo demais fitando os meus olhos.

— O *serial killer* da cidade sempre estuprou suas vítimas. Os cadáveres também foram encontrados com mordidas pela pele e pedaços do corpo faltando. Exceto por ser mulher, sua esposa não preenchia nenhum outro critério que sugerisse a participação do assassino de anos atrás. — Ele precisou engolir fundo

antes de prosseguir. — Seguimos com a crença de que foi um crime não premeditado, onde o culpado tentou fazer parecer que foi o assassino das divorciadas. Os golpes que mataram sua esposa foram na cabeça, com algum objeto duro o bastante para um traumatismo craniano, já as facadas, teatrais. Um disfarce para sugerir que ela era a trigésima primeira vítima.

Me recostei na poltrona, com o pensamento vagueando entre o quanto chegaria tarde a Nova Iorque e a bosta que estava ouvindo do oficial. Resolvi ignorar o que repetiu sobre os detalhes da morte da Rose. Eu não queria pensar naquilo, ou lembrar do quanto desejei morrer quando a vi naquele portão. Quando vi a garota por quem me apaixonei na faculdade, a mulher com quem jurei envelhecer, cheia de facadas, de olhos abertos...

Ela não merecia aquilo!

As palavras de Paine piscaram na minha mente, “estamos seguindo na tarefa incessante de encontrar o assassino”. Eu não entendi por que não envolveram a polícia estadual, para começo de conversa. Estava na mão da polícia local, que inventava mil e uma teorias, mas sem qualquer suspeito sólido. Disseram que, a menos que chegassem à suspeita de um novo assassino em série, o caso seria resolvido pela polícia de Shadow Valley.

A figura magricela fantasiada de xerife me fitou, esperando que eu dissesse alguma merda, mas o brilho em seu rosto, de algo muito parecido com animação, me chamou a atenção.

— Então? Alguma novidade? — Alisei o couro dos braços da poltrona, me perguntando quanto tempo ele enrolaria até chegar logo ao motivo que o trouxe aqui. — Até agora, só me narrou coisas que já disse outras vezes.

— O senhor disse que na hora estimada do assassinato de Rose, apagou enquanto assistia a um documentário em seu quarto. — Alisei a marca fantasma em meu anelar esquerdo, visitando a merda da culpa que vivia aninhada em meus ossos, quando pensava que minha mulher foi estripada como um porco. Engoli o amargor na boca, desejando poder tomar algumas doses de whisky para fitar os olhos fundos do xerife. — Não acordou com os gritos?

— Como os ouviria, se estava dormindo com a televisão ligada? — Tive que controlar o ódio que fazia minhas veias vibrarem, para conseguir formular a resposta. — Se ela gritou, ninguém na casa pode ouvir. E já disse isso a você nove vezes.

— Bran estava com uma garota no quarto dele...

— Sim, incompetente. — Bran, diante da porta arreganhada da casa, sujo de terra e com as bochechas vermelhas, rosnou a resposta. Olhou com ódio para o xerife, e naquele segundo, nem tive energia de o mandar ter respeito. Não que Paine merecesse, mas era socialmente esperado que um pai fizesse aquilo. — Os gemidos que a garota soltava enquanto eu macetava o cu dela não me deixaram ouvir mais nada. — Ele riu ao ver o queixo do Paine cair. — Veio brincar de investigar novamente?

Tinha certeza de que Bran teria cuspido na direção do oficial, se não tivesse visto o aviso em meu olhar. Quando subiu para o quarto, deixando terra pelo chão da casa toda, a diversão se dissipou e revirei os olhos.

Era trabalho da Rose controlar os moleques. Eu sempre fui ruim com aquela merda. Consumido pelo trabalho, como sempre, não me sobrava tempo. Minha esposa, por outro lado, sempre amou ser mãe, cuidar da casa e dos filhos. Agora, eles estavam assim, tão cheios de ódio que se pareciam comigo...

Uma figura alta surgiu pela porta deixada aberta por meu filho. Jackson, o investigador sob o comando do xerife, usava uma camisa escura por dentro da calça preta. Palitou o dente da frente e me acenou com a cabeça, carregando um *notebook* debaixo do braço.

Senti o peso daquilo tudo me sufocando pela milésima vez e foi como voltar no tempo, para os primeiros meses da morte da minha esposa, onde fui engolido por desconfiança de todos os lados.

— O que quer com isso, Paine? — Segurei a têmpora após dizer. Apertando os lábios, desdobrei a perna e depois apoiei os cotovelos nas coxas. — Está dando voltas para sugerir que matei a minha esposa?

— Eu não disse isso. — Ele riu e as rugas ao redor de seus olhos se aprofundaram. Senti meu punho fechado sussurrando para eu o meter em sua boca. — Faço apenas o meu trabalho, que envolve questionar as pessoas na cena do crime quantas vezes for necessário.

— Eu não estava na cena do crime. — Rosnei, pegando o celular no bolso interno do sobretudo. Sob os olhos jocosos do maldito, cacei o número do meu advogado. — Meu quarto não era cena de nada! Foram vocês que chegaram à conclusão de que a mataram diante do portão. E a menos que tenha algo concreto, que me torne de fato um suspeito, se retire da minha casa ou ligarei para o meu advogado!

— Na verdade, já que pediu algo concreto, temos uma coisa que vai querer ver: uma filmagem de dois meses antes da Rose morrer — foi Jackson quem avisou e, sem ser convidado, caminhou até a sala. — Então, aproveite e nos explique por que fez isso com sua esposa...

Senti vincos se formando no vão entre minhas sobrancelhas, torcendo o nariz para o cheiro de cigarro

barato empesteando a sala, conforme Jackson se agachava diante da mesa de centro. Pousou o *macbook* sobre o tampo de cerejeira, o rosto alaranjado pelo bronzeamento artificial barato e horroroso se abrindo numa risadinha silenciosa. Se levantou apenas depois de apertar uma tecla que disparou o vídeo. Quando mirei o computador, uma gravação em preto e branco se desenrolava.

Em silêncio, ouvindo apenas a minha respiração, me encarei na tela à minha frente. Na filmagem da câmera de segurança da varanda, me vi segurando Rose pelo pescoço, diante da porta de entrada, então a suspendi do chão. Eu disse algo com os dentes cerrados e ela riu, mesmo que claramente mal pudesse respirar. Quando a soltei, a levei pelos cabelos para dentro de casa, e ali as câmeras já não alcançavam mais.

Eu não precisei de um espelho para saber que estava lívido. Minutos constrangedores e silenciosos se passaram, com Paine e Jackson me encarando com rostos impassíveis. Foi fitando a cara grande e com cicatrizes de espinha do investigador Jackson, que eu respirei fundo e disse:

— Onde caralho conseguiram isso?

— Importa? — Paine se apressou a dizer, quando Jackson estava prestes a falar primeiro. — Estamos apresentando algo que mostra que o senhor era violento com sua esposa, e o que nos pergunta é onde conseguimos essa prova?

— Não estava sendo violento! — gritei, perdendo a compostura. Não gostava de ceder a impulsos, mas era demais para conseguir me manter manso do lado de fora e conter os danos apenas dentro de mim. Eu nunca agredi minha mulher, sequer elevei a voz para ela. Do meu jeito, eu a amava. — Estava... nas

preliminares para fodê-la! A levei pra sala e a comi! Era isso o que queria saber?

Minhas mãos queimaram, doidas para que eu extravasasse o ódio na cara de alguém, numa parede, socando alguma merda que aplacasse o ódio crescendo em mim.

A minha fúria, por tudo o que aconteceu comigo, nunca se voltou para a minha mulher nem para os meus filhos.

— Não foi o que pareceu... — Jackson fingiu tossir.

— Vocês são dois incompetentes! Minha mulher foi morta e, em um ano, não conseguem encontrar um culpado. E você — me virei para o xerife, apontando um dedo na cara dele —, passou anos investigando, sem jamais chegar a um suspeito para o Assassino das Divorciadas. Agora quer limpar a sua imagem de incompetente me pegando como bode expiatório, mas não vou aceitar que me culpe pela morte da mulher que eu amava. E se não tiver um mandato, suma da minha casa!

— Acalma-se, Drake — Paine aconselhou, levantando-se. Jackson fechou o computador, os olhos arregalados por minha explosão. — Te convido a pensar conosco. — Ele cruzou as mãos na parte de trás das costas, cerrando os lábios e erguendo as sobrancelhas. Depois da pausa dramática, continuou: — Bran tem um álibi, a mulher da faculdade, com quem saía. A garota Brown e seu avô estavam terminando a janta por volta da hora estimada da morte, 22:30h, e não tinham problemas com a senhora Walton.

— E onde quer chegar?

— Zayn tem a filmagem na plataforma do trem para Boston, mas se nega a dizer aonde estava indo. Mas você... você não tem álibi, Drake. E seus filhos

têm uma fama horrível. — Ele riu, depois suspirou. — Sussurram, as más línguas, que os dois são sociopatas. Então, quem me garante que juntos, os três não planejaram o crime e você o executou, matando sua esposa ao descobrir que ela o traía com metade da cidade?

E nessa hora, ele apertou um botão, um simples clique que apagou minha capacidade de raciocinar. Me lancei em cima dele, mas seu ajudante de dois metros de altura me empurrou com força pelo peito, na mesma hora. Cambaleei, mas não foi o bastante, pois, tentando empurrar o maldito Jackson, berrei:

— Seu inútil! Não ouse falar do caráter da Rose! — Jackson tentou me virar em um mata-leão, mas fui mais rápido e me esquivei por baixo de seu braço. — E se voltar a falar assim dos meus filhos, não me importarei em ser preso, se for para te fazer engolir cada palavra.

Ele se afastou com um semblante sereno no rosto longo. Seu investigador não saiu do caminho, se tornando uma barreira que me impediria, caso eu de fato decidisse bater a cabeça de Paine contra a parede.

Alisando o cabelo, sentindo um ódio sobre-humano me percorrendo, encarei o xerife caminhando até a porta. Jack, envolto em seu macacão de trabalho azul-marinho, estava de volta à sala, coçando os cabelos brancos e alinhados para trás. Olhou assustado para a confusão. Do topo da escada, Bran, com uma toalha ao redor do quadril e outra secando o cabelo, encarava o xerife com raiva.

— Passe bem, Drake — falou, segurando a porta para Jackson sair. — Como eu disse, seremos incessantes, e só vamos parar ao encontrar o assassino da Rose. Isso não lhe traz alívio?

Ele saiu, sorrindo enquanto batia a porta atrás de si. No topo da mesa de centro, havia um pesado globo terrestre decorativo. Comprado por Rose em uma viagem à Índia, era adornado por uma armadura de cobre repleta de relevos de folhas. Não hesitei em atirá-lo contra o enorme vitral da sala. Meu peito subia e descia, e nem mesmo o rombo que fiz no vidro aplacou a ira. Pelo buraco no vitral, pude ver Paine e Jackson do outro lado, descendo pelo caminho sinuoso de pedras entre o jardim, e por cima do ombro, Paine olhou o que fiz, pegou o bloco e anotou alguma merda. Só então seguiu para fora da minha casa.

“Explosivo”, certamente foi o que o arrombado escreveu. Meu celular, em meio a toda a confusão, foi parar em cima do sofá. O agarrei com raiva.

— E você, moleque — o alvo de meu grito era Bran, e só parei de falar para poder apertar o botão e ligar pro meu advogado. Enquanto ouvia os toques da chamada, vi meu filho erguer as mãos no alto da cabeça, em rendição. — Nada de festas na porra da minha casa! Não vai querer ver o que vou fazer se trouxer gente pra cá...

E sem esperar por respostas, arrastei a mala para fora da casa.

— Drake, boa tarde... — a voz animada me saudou.

— Paine tem uma filmagem da minha casa. Descobre onde conseguiu e me liga apenas com o nome do responsável.

Bati o telefone na cara do Richard.

Puta que pariu!

Eu sabia que era um merda, fadado a ter sempre uma pedra no caminho para me derrubar, mas aquilo foi demais até pra mim. Em um ano perdi minha esposa, me tornei suspeito de um crime, e ainda tinha dois filhos jovens para controlar.

Sociopatas... Paine tinha que ser muito corajoso para falar do filho dos outros daquele jeito.

Bran não era muito ligado à mãe, mas nunca faria aquela merda. E Zayn? Ele jamais escondeu que a adorava, demonstrando um amor imenso por Rose. Temi até mesmo que fizesse uma besteira, depois que fechamos a porta do mausoléu da família, onde a sepultamos.

Só naquele segundo, enquanto descia a escada cinzenta da frente da casa, é que pensei na burrice da minha reação. Paine tinha um vídeo onde eu enforcava a Rose, e o que eu fiz? Tentei bater nele, quebrei a janela da porra da casa... Caí feito um patinho na sua jogada.

Ele queria um culpado.

Precisava de um.

Quão suja ficaria a reputação do seu departamento, se não solucionassem mais um homicídio? Sim, Paine colocaria no meu cu para limpar seu pescoço e não perder a chefia do departamento. E de toda forma, por alguma razão, o xerife nunca gostou de mim, costumeiramente me olhando torto pela rua, antes mesmo de Rose morrer. Me foder seria prazeroso para ele, já estava sendo, sem dúvida alguma.

Nuvens cinzentas e cheias de água começaram a cobrir o céu, tão atordoadas quanto a minha mente.

Parado diante dos arbustos do jardim em frente à casa, me lembrei do jornalista que espalhou fotos da Rose com o seu personal. Nas imagens, ela, sorridente, tomava café junto a ele em uma cafeteria, mas aquilo foi o bastante para que a cidade acreditasse que ela havia me traído, e assim criavam o motivo perfeito para que meus filhos e eu fôssemos colocados como suspeitos.

Um barulho de rodas cantando pneu quase me fez saltar. Quando olhei para a lateral direita da casa, na direção da garagem, vi Zayn montado em sua moto vermelha, acelerando a toda velocidade para os portões. E sem a porra do capacete...

Revirei os olhos e suspirei, mas um borrão vindo da trilha de pedras disformes à direita me chamou atenção. Era a Brown, neta de Jack. Estava tão suja de terra quanto Bran, mas completamente molhada e entregue às lágrimas.

O que aqueles moleques aprontaram com a pobre menina?

03

Emily Brown

Eu mal tive tempo de pensar quando vi Zayn caminhando em minha direção. Quando percebi, já tinha corrido lago adentro. A água gelada se infiltrou rapidamente em meus coturnos, subindo e causando arrepios pela minha perna, e quando estava submersa até a altura dos seios, a última coisa que vi, antes de mergulhar, foram os olhos de Zayn, enquanto a risadinha satisfeita de Bran reverberava dentro da minha mente.

Quando você passa a vida inteira sendo subjugado por alguém mais forte, é mais fácil acreditar que sempre precisa ceder.

Eu nunca tive opção.

Continuamente me curvei para sofrer menos. E talvez por me amar pouco, acreditava que qualquer coisa errada que fizessem comigo era culpa minha.

Com os olhos abertos debaixo da água turva, o peito queimando pela ausência de ar, a raiva que sentia de mim mesma só validou aquele pensamento. De que, por me meter nos assuntos deles, escolhi pagar o preço.

Gostaria de poder ficar ali para sempre, mesmo que a água gelada me causasse a sensação de ter

agulhas finas enterradas na pele. E só quando segurar a respiração ficou insuportável a ponto do meu peito incendiar, emergi.

Suguei o ar como se minha vida dependesse daquilo. Meu cabelo, longo a ponto de chegar ao quadril, formou uma cortina encharcada à frente do rosto, e quando o arrastei para trás das orelhas, humilhada, procurei os malditos na beira do lago.

Eles já não estavam ali.

— Filhos de uma puta! — gritei o mais alto que pude.

Soquei a água incontáveis vezes, me odiando, odiando os dois. Precisei berrar bastante, até que a minha raiva de tudo se esvaísse um pouco, para então ter forças para me afastar do lago.

E cada passo dentro da água, em direção à margem, era como levantar chumbo com os pés.

Fazia tempo que não chorava assim, a ponto de soluçar como estava fazendo. E mesmo que, no fundo, eu também os culpasse por toda aquela merda, ainda pensava que não deveria ter desenterrado o baú. Se não fosse enxerida, nada daquilo teria acontecido.

Batendo os dentes, tirei os coturnos e as meias na margem da água. Arranquei com raiva o suéter pela cabeça, ficando apenas com o vestido de alças finas. Não costumava usar blusas de alças, ou algo que deixasse o colo à mostra, se não tivesse outra peça para cobri-lo. Naquele segundo, nem havia opção, pois o suéter inundado grudado nas costas apenas me faria mal. Torci a água dele e depois o segurei em uma mão; na outra, carreguei os coturnos. E mesmo que pisar nas pedras encontradas vez ou outra pelo cemitério ferisse os meus pés, eu não parei de andar.

Roguei em minha mente, para que meu avô não estivesse em casa, mas sim que tivesse aproveitado a

sexta-feira e escapado do trabalho para encher a cara no Joe’s, o bar onde deixava quase o salário inteiro, enquanto tentava apressar sua morte. Não queria pensar nas coisas horríveis que me diria ao me ver chegar em casa assim... Afinal, não era preciso muito para que me tratasse mal.

Quando atravessei o portão de ferro forjado para a propriedade, meus ombros se retraíram pelo frio junto da vergonha que sentia do que os garotos fizeram comigo. Não conseguia olhar para nada diferente dos meus pés sujos de terra misturada à água, enquanto mancava de forma moribunda pelo caminho sinuoso de pedras irregulares que daria na frente da mansão.

Acabei esquecendo o livro no túmulo da Sra. Smith, o que me fez paralisar, pensando em buscá-lo.

Balancei a cabeça.

Não valia a pena voltar lá e depois acabar encurralada pela tropa do mal da *Blind Crows*, que começaria a chegar para decorar as merdas no cemitério.

Meus olhos doíam quando encarei, ao longe, a casa de fachada tão negra quanto a noite. Contando o sótão, possuía quatro andares e era tão gigante por dentro quanto aparentava por fora. Tinha janelas e vitrais de arcos delicados ornamentados com molduras douradas, parecendo até mesmo que os entalhes na madeira eram feitos de ouro. Na fachada, duas torres finas com pináculos em formato de agulha se erguiam, uma na ponta esquerda e outra na ponta direita, como as que eu via na arquitetura das igrejas da cidade.

Meu avô me disse que o primeiro Walton a pisar na cidade foi quem construiu a casa, e a propriedade foi transmitida como herança para o primogênito de cada geração, até chegar a Drake.

Sussurravam uma lenda pelas casas de Shadow Valley. Diziam que uma mulher acusada de bruxaria fugira da perseguição em Salém e tentara se esconder na propriedade, e enquanto era enterrada viva pelo casal principal de fundadores, Anita e Jason Walton, proferira uma maldição àquelas terras. Nunca houve um respaldo histórico que confirmasse o caso, mas era desculpa o suficiente para explicar o castigo que abatera o lugar.

Minha mente, a léguas de distância, fora atraída de volta pela voz de quem eu menos desejava, não estando suja daquele jeito:

— Fantasminha?

Precisei de muito esforço para não sair correndo, enquanto ouvia os passos dele se aproximando. Suas mãos tocaram os meus braços antes que eu pudesse vê-lo. E aquele seu cheiro perfeito invadiu bem fundo os meus sentidos.

Um cheiro de maçã verde e algo mais fresco, talvez uma nota de pinho.

Meu rosto todo corou de vergonha quando tentei balbuciar:

— Senhor Drake, eu...

Engoli em seco quando ele tirou uma mecha de cabelo grudada perto do meu olho e não resisti, fitando cada parte de sua face.

Amava o formato amendoado dos seus olhos, a beleza de seu rosto, que era tamanha, a ponto dele parecer esculpido à mão por Deus. Tudo se encaixava bem: o nariz reto, as sobrancelhas grossas e um tanto arqueadas, os lábios rosados e bem desenhados. Fora aquelas maçãs do rosto definidas, que raramente ganhavam cor, mas naquele minuto, estranhamente estavam vermelhas, talvez um efeito colateral do frio...

Só despertei do transe que seu rosto perfeito me causou, quando o vi passar o indicador pela mandíbula levemente quadrada, por cima da barba.

— O que houve? — perguntou.

Me encarando daquele jeito, vi que o mais profundo caos morava naquele olhar, o que era confuso, pois, de todas as pessoas do meu convívio — e não eram muitas —, ele era o único que me tratava com carinho. E embora eu o achasse lindo e toda vez que o visse, algo em meu peito se aquecesse, sabia que ele me via como uma garotinha e nada além disso.

— Caí no lago. — Quase suspirei quando me lembrei da resposta.

— Não arrume motivos para ficar doente, hein? — Brincou ao apertar o meu nariz. — Como serão meus dias no escritório, se não tomar o seu café durante o expediente?

Deixei meus coturnos no chão e sorri timidamente.

E sempre que ele me tocava, a mesma coisa agoniante acontecia dentro de mim. Uma quentura começava no meu coração e se espalhava pelo corpo, quase terna, com uma pontinha de algo além.

Drake não mereceu tudo o que aconteceu com ele, quando claramente amava a esposa. Por isso, qualquer boato mentiroso que ouvia pela cidade, acusando-o pelas costas de ser o assassino, eu fazia questão de rebater.

Odiava brigas e me sentia culpada quando entrava em uma, mas eu o defendia, porque sabia que dentro daquele homem gigante, de cabelos lisos e escuros, havia um bom coração.

— Se eu ficasse doente, me arrastaria até a funerária para fazer o seu café. — Brinquei e só então percebi a mala preta com aparência cara, parada em frente à escadaria da casa. — Vai viajar?

Me senti completamente pelada quando, pela primeira vez, meu chefe olhou para algo diferente do meu rosto. Engolindo em seco, fitava o topo dos meus seios, que estavam em evidência porque o vestido de alças tinha um singelo decote em V. E mesmo com frio, ainda me senti aquecer sob aquele olhar.

— Não sabia que tinha tatuagem — murmurou.

Segui seu olhar, vendo a arte que cobria o topo dos meus seios. Retratava duas Viúvas Negras de cerca de cinco centímetros, uma em cima de cada seio, de frente para a outra, separadas pela trama de teia que teciam juntas e formava um coração.

Amava aquele desenho, embora odiasse tudo o que aconteceu depois dele, pois meu avô não encarou aquilo muito bem e me humilhou por dias. Fora a exigência de que, para morar sob seu teto, deveria sempre cobrir aquela marca, que me fazia parecer uma mulher promíscua.

— Não costumo usar algo diferente de blusas de manga ou suéteres. — Sorri de forma amarela, enquanto me abracei para conter o frio.

Pareceu notar meu embaraço, pois desviou o olhar, alisando o cabelo.

Acho que nunca me senti tão desorientada diante dele, mas sabia que não havia me olhado com desejo, estava apenas chocado por eu ter uma tatuagem logo nos peitos.

Drake exalou, depois tirou o sobretudo e, me fazendo paralisar de ansiedade, o colocou sobre os meus ombros. Por breves segundos, sua respiração chegou tão perto das minhas bochechas, que pude sentir o seu hálito de menta e café.

Foi como se as engrenagens do meu cérebro emperrassem, porque esqueci como pensar.

Droga! Devia ser pecado cobiçar o patrão que mal ficara viúvo, enquanto ainda desejava Zayn. Não

que Bran fosse desprezível, mas ele me causava mais medo do que tesão.

Às vezes, me sentia suja quando tinha pensamentos assim. Embora soubesse que boa parte das jovens de vinte anos não fosse mais virgem, como eu, ainda parecia errado agir como mulher ao desejar um homem. Também entendia que aquela sensação era culpa da pressão absurda dentro da minha mente, causada pelo meu avô.

— Por que estava chorando, fantasminha?

Ele pinçou meu queixo, me olhando com carinho, e depois se afastou, deixando a sensação de um buraco onde sua mão tocou.

Sabia que dedurar Bran e Zayn ao pai não era opção. Isso poderia aumentar o ódio que nutriam por mim, e, droga, eu era funcionária de Drake. E se os idiotas conseguissem arranjar um jeito de fazer o pai demitir a mim e meu avô?

Queria contar a verdade, apenas não podia.

— Estava no lago e uma das minhas anotações voou até a margem, quando tentei pegá-la, antes que caísse, acabei tropeçando e caindo na água, então...

— Embora você fique uma gracinha contando mentiras, preciso saber: por que está acobertando o Bran?

Meu coração disparou e tentei me enfiar ainda mais no sobretudo do senhor Walton, lutando para não suspirar ao sentir seu cheiro ao meu redor.

— Não estou fazendo isso.

Drake me fuzilou com os olhos, quase gritando a palavra “mentirosa” em sua encarada. Cortou a pouca distância e segurou meus ombros por cima do agasalho com carinho, então desviou o olhar para o lado e suspirou.

— Sabe que pode me contar caso os garotos a incomodem, né? — perguntou. — Bran entrou em casa

cheio de terra. Ele a perturbou?

Comecei a tremer.

Minha mente sussurrava que eu deveria confessar a verdade, mas o barulho da madeira retumbando na pedra me fez dar um pulo. Nem precisava sentir o cheiro de fumo, o raspar alto de garganta denunciou que meu avô estava se aproximando.

Tentei me soltar das mãos de Drake, mas ele ignorou o barulho e continuou me encarando intensamente. Com medo do meu avô, dei um passo para trás, e quando olhei para o rosto enrugado e cansado do idoso, soube que estava em apuros.

— Olá, Emily. O que houve? — A voz completamente rouca, provocada por anos como fumante, me saudou, e mesmo que meu avô sorrisse de canto, seus olhos azuis pareciam ter facas apontadas na minha direção. — Senhor Drake, precisa de ajuda com a mala?

Eu não precisava me ver no espelho para saber que estava roxa de vergonha.

O olhar do meu avô percorria de Drake até mim, examinando minhas roupas, e eu sabia que aquilo sugeria algo ruim. Lágrimas inundaram meus olhos e lutei com todas as minhas forças para conter o nervosismo e não mostrar a Drake o quão encrencada eu estava.

— Não, Jack, obrigado. Mas sua neta caiu no lago e acabei de encontrá-la assim, por isso ofereci-lhe o sobretudo — Drake explicou, alternando o olhar entre meu avô e eu, parecendo perceber que estava havendo um mal-entendido. Ele deu um sorriso amarelo e prosseguiu: — Se meus filhos derem trabalho durante a minha ausência, não hesitem em me ligar e...

Nesse momento, ele parou e franziu o cenho, enfiando a mão no bolso da sua calça de alfaiataria escura. Foi então que percebi que ele atendia a uma ligação. Levantando a manga da sua camisa preta, verificou o relógio de pulso. Sem se importar com a minha presença ou a do meu avô, deu-nos as costas, caminhou até a mala parecendo apressado e a arrastou para longe.

Drake parou diante do carro, um Porsche Macan preto, estacionado na área livre em frente ao jardim da mansão. Por cima do ombro, olhou em minha direção. Engoli em seco, tentando decifrar a expressão em seu rosto, mas logo balançou a cabeça e voltou-se para a frente. Só consegui respirar novamente quando o senhor Walton entrou no carro e os pneus começaram a se mover.

Engoli em seco e tremi, não pelo frio, mas pela certeza de que estava fodida. Ainda mais quando meu vô pigarreou bem alto. E me virei para ele, apenas porque não tinha como evitar. Precisava enfrentá-lo, sabendo que encarou mal a proximidade entre mim e Drake.

Ele estava meio inclinado sobre a bengala, me olhando com o rosto branco demais fechado em uma carranca de fúria. Pequenos vasinhos de sangue arroxeados sob a pele contrastavam com o vermelho de suas bochechas, e os lábios enrugados e finos estavam fechados em um bico. Ele ergueu suas sobrancelhas esparsas e grisalhas, esperando que eu dissesse algo.

— Oi, vô. — Comecei, tentando conter a tremedeira na voz, para que ele não achasse que eu estava mentindo. — Saí mais cedo da aula e fui ler no cemitério.

— Você se parece tanto com a sua avó... principalmente ao mentir — disse ele, erguendo a

postura e começando a gesticular com a bengala. Apontou com o objeto para atrás de mim, em direção aos fundos da mansão. — Vá para casa. Agora!

Sua calma se dissipou com a última palavra, que se transformou em um berro tão alto que me sobressaltei.

Mal pensei, apenas apanhei meu coturno no chão e corri para longe dele, incapaz de conter as lágrimas. Odiava quando ele me comparava com minha avó, a mulher que tanto o feriu ao desaparecer no mundo, deixando minha mãe ainda pequena e ele para trás.

Jack a via como uma vagabunda, e sempre que queria me ofender, usava essa comparação como arma.

Percorri um estreito caminho de calçamento, ladeado pela mansão de pintura fosca de um lado e altos pinheiros do outro. Continuei pela parte de trás da casa, atravessando um longo pátio ornado com pedras cinzas e luxuosos móveis de jardim, enfeitados por pequenos cercados com mirras brancas.

Mais adiante, um amontoado de pinheiros formava um paredão. Segui por uma estreita trilha entre as árvores, chegando a um pequeno campo verde, no qual a única mancha na paisagem era o velho chalé de madeira onde eu morava com meu avô e, ao lado esquerdo, o muro demarcava o cemitério.

Os fundos da propriedade eram cercados por árvores altas que levavam a uma floresta, e quando não estava tão encrencada, até costumava gostar da atmosfera isolada do lugar.

Corri pelo caminho formado por grama batida, ansiando chegar à varanda com piso de madeira esbranquiçada e bamba, doida para subir as escadas frouxas para o segundo andar e me trancar no quarto, escapando da ira do *velho Jack*. E toda vez que sentia

raiva dele, o xingava assim na minha cabeça, *“velho moribundo Jack”*.

Pousei minha mão na maçaneta boleada e gasta da porta de madeira simples. E quando tentei girá-la, percebi que estava trancada. Não me recordava onde havia deixado a chave, pois só havia levado o livro comigo para o cemitério. Certamente a esqueci dentro de casa, mais uma desgraça do dia para contar. Não tive opção, que não esperar o velho para conseguir entrar. Não demorou muito, pois logo ouvi o ranger terrível vindo atrás de mim, o maldito som da bengala do meu avô, ressoando contra as tábuas soltas do piso.

— Vá se secar, garota! — ordenou, passando à minha frente e abrindo a porta de casa. — Quer ficar doente?

Olhando-me de soslaio, deixou a porta aberta com espaço o suficiente para que eu passasse. Assim que entrei, pude ouvi-lo me seguindo. Eu quase suspirei de alívio quando não disse nenhuma ofensa.

Já na sala, liguei a luz. Apesar da iluminação pobre e fraca da casa, ainda era melhor do que nada. Caminhei pela sala pequena e simples, deixando pegadas em formato de lama no chão desbotado de tábuas corridas, enquanto contornava a pequena cozinha americana com armários antigos e marrons, para chegar ao corredor estreito e com papel de parede listrado de cinza, porém manchado.

Adentrei a minúscula lavanderia, onde mal cabiam eu e as máquinas de lavar e secar. O cômodo abafado e mal iluminado ficava entre a cozinha e o quarto do meu avô.

Com cuidado, retirei o sobretudo de Drake do meu corpo. Olhei por cima do ombro para me certificar de que estava sozinha, então inspirei o cheiro.

Droga!

O perfume dele estava impregnado ali.

Me forcei a dobrar o agasalho e o deixei em cima da máquina de lavar roupas, depois o mandaria à lavanderia antes de devolver ao Drake. Não ousaria tentar limpar sozinha, ou poderia estragá-lo.

Tirei a roupa molhada e fiquei apenas com a calcinha e o sutiã, depois me enrolei em uma toalha, ouvindo a todo tempo meu avô perambulando na sala. A casa era tão pequena e de madeira frágil, que os barulhos de um cômodo facilmente ecoavam no outro.

Saindo para a cozinha, rangi os dentes por conta do frio, enquanto ouvi o meu avô resmungando, parado do outro lado do balcão. Ele se esticou para aumentar o termostato na parede de pintura amarela desbotada, parecendo até se importar com o fato de que eu estava com frio.

Eu pretendia correr escada acima, contudo, olhando em meus olhos, ele falou:

— Eu sempre disse à sua mãe que você daria problemas... eu disse, sim. — Ele começou, e a cada passo que eu dava, pensando subir para o quarto, mais ele se aproximava. — Acha que não sei de nada? Eu ouvi você, menina! Estava de putaria com os garotos Walton no lago. Eles lhe perguntaram se ficaria bonita molhada, e olhe só você...

Merda!

Arregalei tanto os olhos, encarando o rosto quadrado e longo do meu avô vermelho de raiva, que poderia expulsá-los da cara. Ele entendeu tudo errado. Tentei dar passos para o lado e cheguei à borda da escada de tábuas brancas, ao lado do pequeno rack marrom da televisão.

— Não, vô... não foi nada disso.

— Então que merda foi, Emily?

Minhas mãos tremiam sempre que ele girava a maldita bengala no ar ao falar, como estava fazendo,

apontando o cabo emborrachado na direção do meu rosto. Apesar de tremer de frio e segurar o conjunto de moletom bem próximo ao corpo, eu suava, tentando desesperadamente pensar em algo para dizer. No entanto, não podia falar do baú. Se meu avô mexesse nele, Bran e Zayn o demitiriam.

— Eu estava lendo no lago e o papel voou, e... Bran... e Zayn, eles, eles... apareceram e começaram a dizer aquelas coisas, mas eu não me engracei com os dois, eu juro.

— Vadiazinha mentirosa! — ele berrou tão alto que as paredes tremeram.

Eu gritei.

E me abaixei tão rápido...

E me encolhi tão fácil, esperando que ele me batesse, que quase soltei a toalha.

Meu corpo conhecia aqueles movimentos, me encolher, me perguntar se devia proteger a cabeça ou abraçar os joelhos, prender a respiração enquanto aguardava as pancadas... era quase automático.

Agarrada aos meus joelhos, escondi o rosto ali e esperei por uma surra, mesmo sabendo que não merecia.

Eu nunca mereci nada daquilo.

E todas as vezes que ele me tratava assim, era como se eu ainda tivesse oito anos, apanhando da única pessoa que eu tinha no mundo, sem saber o que fazer. Com quem eu reclamaria por estar sendo maltratada, se quem deveria me proteger era quem me fazia mal?

Eu solucei, pensando em como era miserável esperar amor da única pessoa que podia cuidar de mim e só receber aspereza e dor.

— Olhe para mim, Emily!

Hesitei, tremendo, sentindo a parede da sala pressionando minhas costas, desejando muito poder

me fundir a ela para me proteger.

Sem coragem alguma, ergui os olhos, mantendo meu nariz e boca ainda escondidos entre os joelhos. Ele me encarou, apoiado na bengala. Eu sabia que Jack era velho, embora não fosse tão frágil, e poderia até empurrá-lo se quisesse, mas isso seria errado, afinal, ele me criou. Se eu fizesse isso, se ousasse revidar ao empurrá-lo, ele me expulsaria de casa, e apesar de trabalhar muito, ainda não havia conseguido juntar mais do que trezentos dólares para poder morar sozinha.

Eu sabia que, se um dia conseguisse sair de casa, nossa relação seria melhor. Ele não poderia mais bater em mim, ou me maltratar desse jeito, se ainda me quisesse em sua vida. Mas naquele segundo, eu não via saída.

— Além de ter se emaranhado na água com os moleques Walton, arrastou asa para o dono da casa. Eu não a quero fazendo isso, ouviu bem? — ele gritou.

— Sim — murmurei.

Não adiantaria tentar me defender.

— Ele é dezenove anos mais velho que você, garota. Além disso, somos pobres, dependemos dessa cabana para viver. Se eles nos demitirem e nos chutarem para fora, onde acha que vamos morar? Estou velho, doente, ninguém vai me dar emprego. Então, mantenha essa sua boceta longe dos três!

Não importava o quanto de raiva eu sentisse, não conseguia debater com ele, porque, desde sempre, ele era violento comigo. Fosse com palavras ou agressões, eu sempre saia machucada. Por isso, acenei, mesmo que tudo o que mais desejasse fosse colocar para fora o que eu sentia. Mas não adiantava falar quando o outro não queria ouvir, seria como atirar meus sentimentos num fosso de água podre e esperar que me devolvesse água limpa.

Ele guiou seus pés envoltos num sapato de couro preto ajustável até a poltrona marrom no meio da sala. Sentou-se nela e, com cara de desgosto, me fitou por um bom tempo, sem ter opção, tive de perguntar:

— Posso ir para o meu quarto?

— Preciso ir para Boston esta noite, cuidar do Leonard, meu irmão. Ele tem estado cada vez pior de sua doença. Voltarei amanhã à noite — ele disse.

Travei um suspiro de alívio.

— Ok.

— Ouvi dizer que os delinquentes dos filhos do meu patrão vão dar uma festa no cemitério. Se ousar colocar os pés naquela bagunça, Emily, misturando-se àquelas vadias sem futuro, nem precisa voltar para casa. Agora vá tomar um banho, pois você está fedendo.

Quando subi correndo as escadas, desejei secretamente ir à festa, apenas para que ele me expulsasse de uma vez, pois, talvez ser uma sem-teto fosse melhor do que viver daquela maneira.

04

Emily Brown

Uma lágrima rolou pela minha bochecha até parar no meu seio, perto do decote da camisola clara de algodão, enquanto, deitada em minha cama, lutava para me livrar da tristeza que senti devido à briga com o meu avô. Tentei me concentrar em “*The One That Got Away*” da Katy Perry, tocando propositalmente bem alto em meus fones de ouvido, na tentativa de me animar.

Um apito baixo em minha orelha me fez olhar para a pequena mesinha de cabeceira rosa de duas gavetas, onde meu telefone estava. Droga! Tinha me esquecido de colocá-lo para carregar e simplesmente desligou, fazendo os fones de ouvido apitarem.

Retirei os fones sem fio e, bufando de frustração, joguei as cobertas para o lado. Deslizei para fora da cama de casal, que tinha uma cabeceira de ferro simples pintada em um tom de cobre. Olhei para a mesinha ao lado e, naquele momento, fui tomada pela emoção. Estava repleta de anotações escritas a caneta pela minha mãe. Contendo citações e desenhos, aquela mesinha era dela desde a adolescência, na casa onde morava com seus pais, antes da sua mãe fugir com um amante e meu avô se tornar alcoólatra.

Quando eu nasci, *Velho Jack* e ela já moravam aqui, e esse era o nosso quarto, onde nós duas tínhamos o nosso mundo particular.

E me lembrar dela fazia tudo piorar dentro de mim.

Coloquei os fones no topo da mesinha e, secando as lágrimas, procurei o carregador do celular por ali, mas só tinha a fonte conectada na tomada, ao lado do pequeno abajur de luz amarelada. Olhei ao redor do quarto, arrastei o pé pelo carpete bege e puído para ver se pisava no cabo, em vão. Fui até minha pequena escrivaninha de segunda mão, feita de ferro pintado de rosa desbotado, onde repousava um computador antigo. O monitor de tela plana exibia uma moldura de plástico cinza, repleta de riscos e manchas. Revirei meus papéis da faculdade, abri minha bolsa e no meio da tarefa acabei olhando pela janela, na direção do cemitério.

Eu jurei que não olharia para lá, afinal, já estava tão mal que não precisava de mais ingredientes para me arruinar. Da janela do meu quarto, não conseguia ver muito da casa dos Walton, por conta dos pinheiros, mas podia bisbilhotar o cemitério e conseguia enxergar até mesmo o portão dos fundos. Uma trupe de pessoas estava saindo do quintal do Drake, caminhando entre as sepulturas, cemitério adentro. E tinham velas acesas por toda parte, e nas árvores, cordões com lâmpadas vermelhas brilhavam pelos galhos. Até poderia parecer uma festa de *Halloween* antecipada, por conta das abóboras sorridentes. Meus ombros caíram quando vi três garotos com a máscara do Myers e tinham até a porra de uma faca de brinquedo, imitando a famosa cena de *Psicose*, fazendo o gesto com ela no alto da cabeça, para um dos amigos imbecis. Depois caminharam com seus macacões azuis para longe do meu campo de visão.

— Bando de filhos da puta desocupados! — reclamei, vendo uma horda de garotas usando máscaras de neon com X no lugar dos olhos, bocas brilhantes e costuradas, seguindo atrás deles.

Uma delas, loira, arrastava um bastão de beisebol pelo chão e estava vestida como a Arlequina, nem precisei olhar uma segunda vez para o corpo magro e esbelto para saber que era Madson, e que o ridículo, trajado de *Ghostface,* chegando por trás e a encoxando era um dos Walton. Só os dois se encostavam nela daquele jeito.

Precisava tirar o olho daquela merda ou minha mente explodiria de ódio. E resolvendo que, sem cabo para o celular, ainda poderia ligar a lata velha que era o meu computador para conversar pelo *insta* com o único amigo que tinha na vida, me sentei diante da escrivaninha.

Ainda não tinha atingido um *status* elevado de amizade com Ethan, porque ele tinha entrado na minha turma de Genética depois das férias de verão. Costumávamos lanchar juntos pelo campus e conversar sobre séries ou fofocas que rolavam sobre a galera das fraternidades. Assim como eu, ele não tinha grana para morar no campus e como sua avó morava em Salém — que era relativamente próxima de Shadow Valley — ficava tranquilo de ir e voltar pra casa todos os dias.

Enquanto esperava a máquina ligar, batucava os dedos com unhas pintadas de preto no tampo da mesa, lutando para manter minha mente livre de pensamentos tristes. Tentei tirar a festa da minha mente, mas estava tocando “*Thriller”* do Michael Jackson no cemitério, e tão alto, que ressoava dentro da minha casa, aumentando a minha irritação.

Como aqueles dois imbecis conseguiam dar aquela festa, tendo perdido a mãe para um possível

imitador do Assassino das Divorciadas? As investigações acerca da morte da senhora Walton nem haviam terminado, e pela cidade se ouvia sussurros de que um dos Walton poderia tê-la assassinado. Rose era vista publicamente como uma mulher sem escrúpulos, acusada de trair o marido. Na faculdade, os alunos desconfiavam de Zayn, e até mesmo um dos garotos da *Blind Crows* falou pelas costas dele, dizendo que ele não tinha um álibi concreto, além de uma filmagem na estação de trem, cerca de dez minutos antes do horário estimado da morte. Ele se recusou a revelar aos investigadores para onde estava indo e o porquê.

Apesar de odiá-lo naquele instante, não acreditava que ele teria sido capaz de matar a própria mãe. Eles eram muito próximos e, embora Zayn costumeiramente tivesse um semblante de fúria, seu rosto se iluminava em sorrisos para Rose.

O problema é que eu sabia muito pouco sobre a investigação, que corria em sigilo. Sempre que eu perguntava algo ao meu avô, ele apenas me mandava cuidar da minha própria vida.

Depois de alguns minutos de espera e cliques no *mouse*, finalmente consegui abrir o meu Instagram. Uma breve olhada nas “mensagens diretas” mostrou que Ethan estava online.

Eu: E aí... como está a noite de *sexta-feira treze* em Salém? Muitos turistas perambulando pelas ruas em busca de assombrações?

Saí do chat e dei uma olhada nas minhas notificações, mas poucos minutos depois, Ethan me respondeu.

Ethan: Como sempre... todo mundo pensando que vai encontrar bruxas por aqui. E aí? Algum caça-fantasma pelo cemitério?

Eu: Sério? Não está sabendo? Os malditos garotos Walton estão dando uma festa que se chama

The Night Slasher. Está cheio de gente mascarada pela propriedade.

Ethan: Mentira?! Que idiotas... esses dois não têm respeito por nada. E você tá bem com essa merda?

Concordei em silêncio com o xingamento de Ethan. Aqueles dois nem pareciam maduros o suficiente, principalmente ao dar uma festa infantil como aquela, só para chamar atenção. Embora Bran tivesse 21 anos e Zayn, 20, se comportavam como dois adolescentes.

Sabia que Ethan estava perguntando como eu estava porque lhe contei sobre o que aconteceu com a minha mãe. Seria óbvio pra qualquer um, que uma festa como aquela me afetaria.

E mesmo em meio aos meus sentimentos ruins por conta do dia, ao menos naquele segundo tinha a paz de saber que meu avô não estava em casa e eu podia ficar sozinha. Quando planejei responder a mensagem, a bolinha esverdeada, que mostrava Ethan estava online, sumiu.

De uma hora para a outra, o som da festa aumentou a ponto de tremer as paredes da minha casa.

Que porra!

E se eu telefonasse para o Drake e contasse sobre a festa? Apostava alto que ele não sabia, ou não teria dito para ligarmos, caso os filhos aprontassem alguma. Eu poderia ligar com o número privado e fazer uma “fofoca anônima”. Dessa forma, Bran e Zayn não saberiam que fui eu quem os dedurou.

Exalei o ar de maneira nervosa ao me lembrar de que estava com o celular descarregado e de mãos atadas. Meus olhos se ergueram da tela um pouquinho, e...

— O quê? — murmurei, piscando para ter certeza de que não era uma miragem.

Parecia haver uma silhueta emergindo das sombras dos pinheiros, na trilha que vinha da casa dos Walton. Me levantei e, debruçando-me sobre a mesa, tentei distinguir quem era. Acabei dando um passo atrás, cobrindo a boca de forma instintiva.

Havia alguém se aproximando da minha casa.

Só podia ser Bran ou Zayn, pois a silhueta era musculosa, alta, certamente de um corpo masculino. O homem usava um sobretudo preto, junto a um casaco de moletom por baixo, e tinha as mãos enfiadas no bolso canguru da frente. O capuz sobre a cabeça fazia sombra na balaclava preta que cobria seu rosto. Mesmo estando tão longe, notei que seus olhos estavam fixos em minha casa, direcionados à minha janela.

Sem tirar os olhos dele, sabendo que não tinha a opção de ligar para o Drake, e com o homem tão perto da casa, digitei para o Ethan:

Eu: Acho que Bran ou Zayn estão vindo à minha casa me perturbar. Pode ligar para o pai deles, por favor?

Apertei o *enter* para enviar a mensagem, mas só então me dei conta de que Ethan não sabia o número do Drake, nem o conhecia pessoalmente. Droga, eu precisava do meu celular agora. Tudo o que consegui fazer foi começar a digitar o número do Drake ao perceber que o mascarado não parava de se aproximar. Mesmo com a iluminação precária no terreno, vi que ele aumentou o ritmo dos passos.

— Merda! — gritei, deixando os dedos o mais ágeis possível sobre o teclado.

Eu: O número dele é...

Não consegui terminar de escrever antes que ele sumisse do meu campo de visão. Os batimentos, a

toda velocidade, retumbavam no meu ouvido e minhas mãos tremiam sem que eu pudesse controlar. Apertei o botão e consegui enviar o número ao Ethan. Por um segundo, passei meus olhos pela tela e percebi que o último número havia ido errado, era um nove e não zero. Comecei a digitar a correção, mas fui surpreendida com escuridão.

A luz.

Tudo se apagou em segundos e eu fiquei presa na penumbra, com um louco do lado de fora.

Ele desligou a maldita luz da minha casa, porque em uma breve olhada, vi que o cemitério continuava iluminado. E se fosse um assassino? Todo mundo falava do tal imitador do assassino das divorciadas depois da morte da senhora Walton. E se realmente houvesse um doido pela cidade?

Quase fui capaz de ouvir os ruídos deixados pelo medo se multiplicando por minhas células, me levando ao desespero.

A única fonte fraca de luz no meu quarto era uma lâmpada de emergência, acima da porta, que se acendia sempre que a energia caía, deixando filetes de luz brancos e fracos pelo cômodo.

Merda! Merda! Merda!

Pensei em correr lá para baixo e trancar a entrada da sala, porém, covarde demais para isso, fui até a porta do quarto e a fechei, temendo a todo momento que, feito um fantasma, o maluco lá embaixo surgisse diante do meu rosto. Após girar a chave na fechadura, mal conseguindo respirar, arrastei a mesa de cabeceira para a frente da porta. Era minúscula, mas também a única coisa útil para tentar fazer uma barreira. Desesperada, me virei para a escrivaninha e peguei um abridor de grampos para folhas, então, corri feito uma criança para debaixo da cama.

Imprensada no pequeno espaço, passei o dedo pela borda do abridor, vendo que era arredondada e não perfurante como eu precisava.

Mesmo que não tivesse caído a chuva que o céu lá fora anunciou, estava frio, mas não foi isso que me fez bater os dentes. Foi o medo. O pavor de morrer do mesmo jeito que a minha mãe.

Embora, às vezes, eu desejasse estar morta, eu não queria partir daquele jeito.

Um click oco fez uma nova lágrima desesperada escorrer do canto do meu olho. E só ao perceber que o barulho vinha das pegadas sobre um dos degraus da escada, que me dei conta de que tinham diminuído a música no cemitério.

E se aquilo tudo fosse um trote? Se o maldito espetáculo da festa fosse um dos Walton me assustando? Não pude ter certeza. A cada novo passo que ouvia na escada, mais estremecia. E pensei em correr para o banheiro e me esconder dentro dele, então me senti uma tola por não ter saído do quarto e corrido pelo corredor ao lado da escada para a porta da varanda. Eu poderia gritar por ajuda. Poderia...

Em um segundo, pensava em rotas de fuga, em outro, estava congelada. Não tive tempo de fazer mais nada quando ouvi o clique na minha fechadura. O mascarado estava do lado de fora, tentando abrir a porta do quarto, e nesse segundo, tudo o que me restou foi torcer para que não fosse encontrada embaixo da cama.

Flertando com a possibilidade de ser morta, pensei apenas que não queria morrer sem ter vivido tudo o que sonhei.

Gotas de suor frio escorriam das minhas têmporas para as laterais do rosto, misturando-se às lágrimas e tapei o nariz junto com a boca, para que a respiração pesada não me denunciasse.

Em segundos, o estranho parou de forçar a fechadura. O silêncio total me desestabilizou.

Talvez... talvez ele tivesse ido embora. Talvez, se fosse Bran ou Zayn, tivesse desistido. E não me restou qualquer alternativa, que não fosse esperar. Não tinha defesa que me restasse, além de dentes, unhas e a porra do abridor.

Meu coração deu um salto tão forte que doeu, quando ouvi a porta sendo aberta lentamente. Não foi arrombada; de algum jeito, ele conseguiu destravar a fechadura pelo lado de fora. Eu tremia tanto, que foi difícil ficar parada e ainda manter a boca fechada. Eu o ouvi sendo rude, grunhindo enquanto fazia tanta força contra a porta, que conseguiu abri-la e empurrar a mesa de cabeceira. O ruído do móvel sendo arrastado ecoou pelo ambiente.

De olhos arregalados, girei o rosto para o lado direito, enxergando o chão do quarto. Consegui ver o estranho se movendo. Suas botas *worker* pretas faziam barulho pelo piso, enquanto calmamente o desgraçado passeava pelo ambiente. Engoli em seco, tentando enxergar em meio a tantas lágrimas que faziam meus olhos arderem.

Achei que meu coração não pudesse bater mais forte, mas quase infartei quando vi que ele atirou alguma coisa contra a porta. O barulho foi alto, mas nada comparado aos gritos que eu dava dentro da minha cabeça, sem produzir ruído algum. Eu ouvi o vidro se estilhaçando e o quarto afundou em uma penumbra total.

Ele quebrou a luz de emergência.

Algo caiu com força no chão e saiu rolando. Eu quase dei um berro quando senti uma coisa gelada encostando contra o meu braço direito. Soltei uma das mãos da boca para tocar o objeto e detectei que era um globo de neve de Salém, um presente que ganhei

do Ethan na semana passada. Sabia que era o objeto por ser aromatizado com cheiro de abóbora.

Ouvi o desgraçado se mexendo mais uma vez e silenciosamente afastei a pequena base de madeira para longe, com cuidado, para evitar me cortar com algum resquício do vidro.

Eu não conseguia acreditar que estava vivendo aquilo, que tinha um maluco andando pelo meu quarto, pronto para me fazer mal.

A escuridão sufocava. Não me permitia enxergar nada além do foço negro que me cercava, por mais que forçasse os olhos. Respirei fundo, tentando acalmar minha mente acelerada, enquanto traçava um plano desesperado. Se ouvisse o som da porta do banheiro se abrindo, eu saberia que era minha única chance de escapar.

Meus sentidos estavam aguçados, cada ruído se tornava uma ameaça de que ele poderia me achar. A cada passo que dava, eu tentava freneticamente calcular a distância entre ele e minha cama. O som da porta do banheiro se abrindo finalmente chegou aos meus ouvidos, e, num impulso, me arrastei para o lado direito da cama, o mais próximo possível da saída. Com muito esforço, consegui me colocar de pé, mas senti como se fosse desmaiar. A adrenalina pulsava com força em minhas veias, misturada ao sangue, enquanto eu lutava para me manter consciente.

Sem pensar em mais nada, corri em direção à saída, mas uma ardência na raiz do meu cabelo fez um som horrível sair do ponto mais profundo da minha garganta, que vibrou e queimou com o berro.

— Socorro! — gritei, sentindo o desgraçado usar o meu cabelo como uma rédea para me puxar para trás.

Minhas costas se chocaram contra ele. Chutei o ar, tentei erguer as mãos para trás, acima da cabeça,

para enfiar o abridor de grampos em seu rosto, mas nada disso ajudou a me livrar do maldito.

Tinha um cheiro estranho nele, de fumaça, como se tivesse saído do inferno e fosse o próprio Diabo.

— Por favor... — tentei implorar, mas o apertão no meu cabelo se tornou mais forte e a frase terminou em um gemido, enquanto acabei, por acidente, soltando o único objeto que empunhava. — Não me machuque!

Minhas mãos, inutilmente, tentavam alcançar a dele, para que afrouxasse o puxão. E quando ele finalmente aliviou a força com que quase arrancava meus fios, suspirei.

Um cheiro estranho invadiu o ar, adocicado. Embora estivesse prestes a ter um treco, foi o pano molhado que ele apertou com força contra o meu nariz que me tirou de órbita. Minha visão começou a embaçar e meus movimentos para mover a cabeça e me livrar do pano se tornaram lentos, meio descoordenados.

Lutei para manter a consciência, mas era uma batalha perdida guerrear com os olhos pesados e a sonolência.

05

O STALKER

No escuro, em meio ao barulho ensurdecedor da festa que quase explodia minha mente, meus olhos se fixaram na janela da casa de Jack. Lá dentro, parecendo sentada em frente a uma mesa, estava a neta dele, exibindo um semblante raivoso. Nada muito diferente do sentimento que estava retorcendo as minhas entranhas enquanto pensava nela.

Enquanto olhava para ela.

Enquanto me lembrava de quem ela era.

O que ela causava em mim era semelhante a ter um ferro em brasa me queimando a ponto de rasgar a pele, entrar destroçando carne e ossos.

Imóvel, fixei meu olhar na maldita, com os pensamentos sobre tudo o que ela merecia dominando a minha mente. Guardei um emaranhado de cordas sob o arbusto ao lado do meu pé, com a balaclava atrapalhando a minha respiração. E nem mesmo a temperatura baixa da noite conseguia me deixar frio.

Eu não queria rir, e ainda assim, meus lábios repuxaram quando vi a garota do outro lado da janela do segundo andar, de pé, me encarando. Horrorizada, tapava a boca. Pareceu levar um tempo até entender

que eu estava ali por ela. Depois, Emily se inclinou para a mesa e tive a impressão de que mexia em algo.

Ansiava por estar mais próximo, a ponto de poder sentir o desespero se alastrando em sua pele. E precisei apressar meus passos ao perceber que ela poderia pedir socorro a alguém.

Mesmo tão enfurecido, meu coração estava calmo. Sabia o que faria com ela e tinha a oportunidade perfeita diante de mim. Por isso, contornei a casa o mais rápido que pude e, ao chegar à caixa de disjuntores, na parte dos fundos, abri o compartimento cinza e desliguei a pequena alavanca principal. O casebre escureceu em questão de segundos.

Não tinha opção, senão agir rapidamente, pois aquela desgraçada poderia acionar a polícia. Ao chegar à varanda, sentindo o eco do meu sapato nas tábuas velhas, percebi que tinha de fazer esforço para ser o mais silencioso possível.

Me senti presenteado ao girar a maçaneta e notar que a porta estava destrancada, como se fosse um sutil convite de boas-vindas. No entanto, isso não faria diferença, já que eu carregava no bolso da calça uma cópia das chaves do local.

Com a lanterna do celular para ajudar na iluminação, fiz uma rápida busca pela sala, cozinha, lavanderia e no quarto do velho. Animado, entendi que Emily não havia corrido para o andar de baixo. Dirigi-me às escadas, tentando não produzir ruídos, embora tudo rangesse, devido à velhice do local. Até mesmo a minha respiração parecia um escândalo. Talvez fosse a ansiedade de capturá-la o que fazia a adrenalina correr pelo meu corpo, me deixando em estado de alerta total.

Abri a porta simples que dava para uma varanda estreita, mas não havia sinal da garota. Ela era ainda

mais tola do que eu pensava, se escondendo no quarto. Encurralada ali, se tornava uma presa perfeita, e o pensamento me fez lamber os lábios.

Era arriscado adentrar sem cautela no cômodo onde ela estava, pois ela poderia empunhar algo para me derrubar. Mas o ódio que eu sentia era tão intenso que, a menos que ela me desse um tiro, nada me deteria.

Eu a faria pagar!

Assumindo os riscos, avancei lentamente em direção à porta pintada de rosa, no final do corredor. Observando a maçaneta, tentei acalmar meus demônios internos para não cometer um erro ainda maior. Sentia como se veneno corresse em minhas veias, me corroendo a ponto de desejar causar danos mais graves do que o planejado. Respirei fundo e girei a maçaneta. Como esperado, a porta estava trancada.

Um sorriso se formou em meu rosto quando peguei o pequeno molho de chaves. Do jeito que Jack estava sempre desmaiado no *Joe's*, qualquer um poderia roubar sua carteira, telefone ou, alguém mais ambicioso, suas chaves para fazer cópias.

Forcei a porta vagarosamente, surpreendendo-me ao encontrar resistência. Uma luz fraca iluminava dentro do cômodo, filetes dela escapavam pela fresta da porta, provavelmente, vindos de uma lâmpada de emergência. A iluminação de merda foi suficiente para que eu percebesse uma mesa de cabeceira bloqueando a passagem. Irado, rosnei enquanto investia com a lateral do braço contra a madeira em uma sequência de golpes, empurrando a mesa para longe. Não demorou muito para que a barreira estivesse no chão e a porta, escancarada. Adentrando o quarto, girei o pescoço, movendo a cabeça de um lado para o outro numa tentativa de relaxar.

O cômodo pequeno exalava um fodido cheiro doce, uma combinação de perfume e medo. Se não estivesse em meu juízo perfeito, teria vontade de lamber o suor dela, só para saborear o seu desespero em minha língua. Felizmente, ainda o tinha.

Caminhei pelo quarto, observando as paredes claras ao redor. A cama estava bagunçada, a porta do banheiro fechada e a janela obstruída pela escrivaninha, sem deixar margem para que fugisse por ali. As evidências berravam que ela ainda estava presente.

De duas, uma: a pequena Emily estava no banheiro, ou, como uma criança tola, se enfiou debaixo da cama. Respirei fundo e, procurando por algo que me desse vantagem, meus olhos encontraram um objeto brilhante e de cor alaranjada, ao lado do computador. Ao me aproximar, entendi que era um globo de neve. Um pequeno barbante o envolvia e uma etiqueta pendia do fio com a frase: "De Ethan para Emily". Revirando os olhos, me virei em direção à porta e deixei a fúria que queimava em meu peito se manifestar, lançando aquele presente de merda contra a luz de emergência.

Aproveitando a escuridão, caminhei para o banheiro e tirei do bolso da minha calça jeans um frasco pequeno de clorofórmio, junto de um pedaço de tecido. Molhei o pano claro com a substância e, sem me preocupar em fechar a garrafa, coloquei-a de volta no bolso, sentindo o líquido escorrendo e molhando a minha coxa.

Não pensei muito, apenas abri a porta com força e nem precisei forçar os olhos para perceber que a Emilyzinha não estava no cômodo. Foi uma cena divertida: ouvi sua respiração ofegante em direção à porta, seus passos desesperados quase se transformando em uma corrida. Bastou me virar e

estender o braço em sua direção, sentindo seus fios de cabelos roçarem meus dedos. Então, com toda a força que consegui, a puxei em minha direção.

Com um grito, ela colidiu contra o meu peito. Emily suplicou algo, mas eu estava anestesiado pela sensação de prazer correndo em minhas veias, pelo frenesi em meu peito ao notar que estava tão perto de fazer o necessário. Não podia perder tempo, por isso, tapei o seu nariz com o pano. Se demorasse mais, a substância evaporaria e perderia o efeito.

Ela chutou o ar e, lutando para se livrar da minha mão, girou a cabeça, mas continuei pressionando o tecido por tempo suficiente para que seu corpo fosse cedendo, se acalmando, e sua resistência se tornasse frágil e, finalmente, inexistente.

Emily desmaiou em meus braços. Eu a segurei firme, impedindo que caísse no chão. Não queria que seu rosto bonito se machucasse batendo no carpete.

Como nunca notei quão bem ela cheirava? Seu aroma era suave e misterioso, assim como sua personalidade. Embora tivesse certeza de que nada inocente existisse dentro dela...

Exalei, aliviado, mas ainda sentia o fogo queimando em minhas veias. Guardei o pano em meu bolso como pude e virei a garota de lado, pegando-a em meu colo. Desci com cuidado as escadas, para evitar quedas.

Meus braços tremiam pelo esforço de sustentá-la contra o peito, mas com ela desacordada em meu colo, percorri o gramado na frente do casebre até a pequena trilha para o casarão. Só então pude deitá-la contra a grama. Tateei o chão ao lado dos arbustos próximo aos pinheiros, até encontrar as cordas.

O rosto da Emily estava molhado de lágrimas, sua boca, já larga e carnuda, se encontrava ainda mais inchada. As sobrancelhas grossas sempre lhe deram

um ar intrigado, contudo, naquele momento pareciam suavizadas, assim como o seu semblante. Como não havia percebido o tamanho de sua beleza?

A realidade era que, naquela noite, todo mundo teria essa noção. Ela exibia uma máscara ao mundo, então, enquanto me abaixava e puxava a camisola por sua cabeça, pensei que para o recado entrar na mente dela, era melhor que estivesse seminua.

Tentei não olhar para o par de seios enormes, reparando nas patas direitas das aranhas por cima da pele clara dos seus peitos. Era um canalha de merda. Me forcei a desviar o olhar, concentrando-me em me abaixar e passar um pedaço de tecido sobre os lábios dela, amarrando-o na parte de trás de sua cabeça. Deixei as cordas deslizarem sobre um dos meus ombros e, em seguida, ergui a garota em meus braços novamente.

Levá-la até o cemitério me deixou nervoso, por isso, tentei ser rápido em meus passos, mas cauteloso ao olhar ao redor para garantir a ausência de testemunhas que tentassem impedir os meus planos.

Ao chegar ao lado do casarão, não encontrei uma só alma viva por ali. Não havia funcionários da casa nem convidados da festa, o que me permitiu seguir sem interrupções até ao portão dos fundos do cemitério. Forcei a visão adiante, apesar das luzes fracas do local, para ter certeza de que o caminho estava livre.

Meu plano era levá-la até o mausoléu. Sorte minha que os portões estavam abertos e, respirando com dificuldade e mais suado do que nunca, por conta das roupas, o atravessei.

A música ficou mais baixa, me arrancando um agradecimento silencioso por isso. Seria difícil pensar com tanto barulho.

Por sorte, a galera da festa estava concentrada na outra ponta do cemitério, em frente aos enormes portões da entrada principal. E assim, não vendo um só filho da puta por perto, percebi que a trilha para o mausoléu seguia livre. Porém, por alguma magia macabra, meus olhos foram atraídos para o cruzeiro. Eles quase brilharam diante da sensação sádica que me percorreu ao ter uma nova ideia, uma mais satisfatória do que apenas deixar a pobre Brown amarrada dentro do sepulcro até que dessem falta dela e alguém a tirasse de lá.

Respirando fundo, caminhei até a frente do cruzeiro. Com certa dificuldade, consegui pousar os pés da Emily em uma estreita prateleira localizada na parte baixa e vertical da cruz. A garota estava caída por cima do meu ombro, os cabelos na altura das minhas costas, enquanto eu usava a corda para amarrar seus tornozelos à madeira.

Pressionei os lábios, fazendo força para levantá-la e afastá-la do meu corpo. Foi um verdadeiro malabarismo conseguir atar com corda cada um de seus pulsos nos braços transversais da cruz, mas obtive sucesso, e só então me afastei para olhar ao redor.

Ainda sem testemunhas.

Suspirei e a encarei, tão perfeita, com a pele branca iluminada pelos feixes avermelhados das luzes que se espalhavam pelas árvores ao redor. Seu rosto redondo parecia sereno, embora a mordaça de pano sujo ao redor de sua boca estragasse sua aparência inocente. Estava suada e, mesmo assim, o aroma do seu perfume impregnou as minhas roupas. Lutou tanto para fugir de mim, que eu pensei que ela fosse morrer antes de receber o seu castigo.

Emily estava no cemitério, o seu lugar favorito, exposta, pagando. Nada menos do que o merecido. Vê-

la daquele jeito era quase como encarar uma obra de arte. Era uma miragem macabra e ao mesmo tempo bela, ver a mulher mais falsa de Shadow Valley crucificada.

A cabeça estava tombada à frente do corpo, os longos cabelos escuros e lisos caindo em cascata para cobrir o par de seios mais foda que já vi. A cena era cruel, eu reconhecia, mas, de fato, não me arrependia.

Acordar e se perceber presa no cruzeiro causaria um dano muito maior na mente de Emily, do que apenas ficar presa no mausoléu.

Caso eu quisesse que ela morresse, bastaria esperar o fim da festa para garantir que ninguém a visse, remover o altar da cruz e então pendurá-la, privando-a de uma base para apoiar os pés. Sem o suporte adequado sob eles, a pressão no tórax e no abdômen poderia sufocá-la após algumas horas, pois ela não conseguiria respirar.

Precisava partir e perderia a parte mais divertida: testemunhar a pobre Emily Brown acordar presa à cruz. Mas, ao contrário do filho de Deus, ela estava cheia de pecados próprios para pagar.

Olhei ao redor do cemitério, temendo ser visto por algum dos filhos da puta presentes na festa. Havia muito em jogo para mim e não valia a pena arriscar ser descoberto. Embora punir essa garota fosse necessário, não estava disposto a pagar o preço de acabar atrás das grades. Portanto, eu precisava agir nas sombras.

Lá adiante, a vários metros e túmulos de distância, o pessoal estava reunido, bebendo, usando drogas. Havia até mesmo uma vadia tirando a fantasia de enfermeira manchada de sangue falso em cima da caçamba de uma picape azul, rodeada por outras mulheres. Os demais participantes da festa

assobiaram como um bando de cães no cio ao ver a garota se despindo.

Voltei-me para a mulher à minha frente, ainda inconsciente, devido ao clorofórmio. Com os dedos ocultos sob a luva preta, segurei uma das mechas de seu cabelo lindo, rodando-a em meu indicador.

"Estou apenas começando...", sussurrei, não conseguindo conter um sorriso ao imaginar todas as coisas que poderia fazer com ela.

Satisfeito, a encarei uma última vez, e então parti, atravessando o portão que dava para a propriedade dos Walton. Aproveitei as sombras ao redor da propriedade para seguir meu caminho.

Eu nunca quis ser o vilão.

Não escolhi ser.

E ainda assim, me jogaram naquele papel, e eu não costumava deixar as coisas mal feitas.

Estrelaria cada pesadelo da Emily, e sentiria prazer ao fazer isso.

06

DRAKE WALTON

Quando empurrei a porta de casa, saindo da garagem no subsolo diretamente para a cozinha de armários de madeira cinza, o cômodo estava quase inteiramente escuro, mas tênues raios de luz penetravam pelas janelas.

Segurei as têmporas, irritado. Nem sequer tirei a mala do bagageiro. Estava cansado. Precisava aliviar a mente, talvez tomar um banho e alguma coisa que me fizesse apagar por um dia inteiro.

Tinha algo viscoso sob o meu peito, pesado, parecia esmagá-lo. E por mais que engolisse em seco milhares de vezes, não conseguia mover a bola presa em minha garganta.

O barulho absurdo vindo de longe me fez xingar alguns palavrões enquanto subia as escadas de casa. E a cada novo passo, lembrava-me do encontro com o filho da puta que se dizia jornalista.

Assim que recebi a ligação, percebi que precisava agir e, sem ter cabeça para realmente pensar na viagem, desmarquei a reunião em Nova York e fui para o escritório do Richard, meu advogado. Passei a tarde por lá, exercendo pressão psicológica para que ele tirasse até o Diabo do trono, mas que encontrasse o

maldito que roubou as filmagens da minha câmera. E quando ele me disse que havia encontrado o culpado no começo da noite, ninguém conseguiu me segurar.

Como eu não desconfiei que o indivíduo maldito que teve a audácia de espalhar as fotos de Rose com o personal trainer, fosse a mesma pessoa que havia conseguido a filmagem da minha casa?

E se seu objetivo fosse expor essa porcaria ao mundo, virando a opinião pública contra mim outra vez?

E se ele estivesse conspirando com o maldito Paine para colocar no meu rabo?

— O que você quer? E... eu... já falei com os seus filhos — Andrew, o jornalista de uma redação falida da cidade, gritou, assim que invadi sua sala e avancei sobre ele como um rolo compressor. Ele apontou para o hematoma arroxeado em seu olho direito. — Eles me agrediram e eu devolvi as fotos.

Por cima da mesa de vidro, agarrei-o pela gola do suéter creme, vendo seu rosto quadrado e jovem se tornar mais amarelo do que as paredes desbotadas de sua sala apertada.

Temendo que as veias dos meus olhos estourassem enquanto o encarava, deixei minha indignação sair pelo punho ao meter um soco em seu nariz.

O som oco do impacto reverberou pelo ambiente, enquanto os nós dos meus dedos arderam e um deles até mesmo se cortou, mas os meus batimentos desacelerando e a respiração suavizando sobrepujaram tudo.

O único movimento em mim foi um leve torcer dos lábios, exibindo no sorriso contido o prazer que sentia ao ter um verme como ele se borrando diante de mim.

Soltei a roupa de Andrew Miller, ouvindo a música que era o barulho dele se engasgando com o próprio sangue.

Me senti nas nuvens ao testemunhar a perfeição de vê-lo puxando a barra do suéter para limpar o filete vermelho escorrendo do nariz em direção à boca.

Apoiei as mãos na mesa, projetando-me com o rosto fechado para cima dele, e disse:

— Sou um cara que perdeu muito, Miller. — Lambi os lábios quando algo desesperado gritou através de seus olhos azuis. Ele encolheu os ombros, suas costas tentando se fundir à cadeira de couro tão preta quanto seus cabelos. — Acha inteligente se meter no meu caminho?

— Longe de mim querer isso e...

— Está tentando difamar a minha falecida esposa, a troco de quê? Quer me colocar como culpado para ter uma narrativa perfeita na sua coluninha de merda?

Me inclinei sobre a mesa e peguei um aglomerado de lenços de papel em um suporte ao lado de pilhas e mais pilhas de jornais. Meu sorriso foi largo, a ponto de eu ver os meus dentes no reflexo da ampla janela de vidro atrás dele.

— Por favor — gemeu, mais do que foi capaz de suplicar.

— Deixe-me ajudá-lo com isso!

Limpei o nariz dele, friccionando o papel com força para aumentar a dor, sentindo o covarde tremendo, incapaz de desviar do meu contato. Não duvidei que ele, com tanto medo, acabasse se mijando.

— Pare! — Tentou girar a cabeça.

— Duas perguntas: Quem te deu a porra da filmagem de segurança da minha casa? Foi a mesma pessoa que tirou as fotos da Rose com o personal?

Minha última frase foi um rosnado, e puxando com uma mão o cabelo espetado dele, a outra torceu o seu nariz.

— Eu já devolvi as fotos aos garotos — deu um grito anasalado. — Socorro!

Cobri a boca dele com a palma da minha mão. Seus olhos desaguaram lágrimas, mas aquilo não me compadecia. Era justo que ele sentisse na pele alguma dor que se equiparasse ao que estava causando com essa perseguição ao caso da minha esposa.

— Zayn e Bran?

Soltei a boca dele. Com a testa cheia de vincos e tentando controlar a respiração, ele respondeu:

— Sim.

— Quando?

— Ontem à noite.

— E como conseguiu a filmagem e as fotos? Com os dois?

As palavras tinham gosto amargo em minha boca, pois não queria desconfiar dos meus filhos.

Andrew não respondeu, na verdade, seus olhos quase saíram das órbitas e a boca se comprimiu.

— Uma pessoa me deu as fotos, outra, a filmagem.

— Quem? — berrei.

— Um jornalista não revela suas fontes.

Eu ri, e sem paciência, parti pra cima dele.

Fechando e abrindo as mãos por conta da dor, notei que os nós dos dedos estavam arrebentados, porque tive de quebrar o merdinha inteiro até que, por fim, me entregasse o que eu precisava saber. E depois de tudo, ainda fui obrigado a ouvir um sermão de Richard, dizendo que Andrew me foderia, porque poderia soar como se eu tivesse coagido uma testemunha da investigação.

Richard era mais do que um advogado.

Era alguém que sujava as mãos por mim quando precisava e varria as merdas para baixo do tapete.

Ele foi até Andrew com uma alta quantia em dinheiro, para que o arrombado topasse ficar calado. E, ainda assim, não confiava na palavra de alguém como ele. Podia esperar que saísse no jornal uma nota de que o suspeito de matar a esposa espancou uma testemunha e arrancou dele a filmagem original, onde supostamente agredia a falecida.

Só o que me aliviou foi parar na estrada, a caminho para casa, e atear fogo na fita, ficando lá até que se resumisse a cinzas e minha roupa estivesse tomada por fuligem.

Subia as escadarias para o meu quarto, quando, em total choque, topei com um casal estranho.

A jovem fechava os laços pretos da frente de seu vestido, um traje de *Alice no País das Maravilhas*. Os cabelos loiros naturais a tornavam idêntica à personagem, tão pequena e mirrada... Entortei a cabeça, tentando entender a maquiagem vermelha em seu pescoço, feita para imitar um corte de faca. Ao lado dela, havia um garoto alto, usando uma balaclava preta e vestido com um macacão vermelho.

Que porra era aquela? *Halloween* antecipado?

Sabia que o mascarado não era um dos meus filhos. Reconhecia os meus moleques apenas pelo olhar. E nenhum dos dois tinha olhos verdes, para começar.

Finas pontadas em minha testa me obrigaram a segurar as têmporas quando uma música absurda, ao longe, balançou até as paredes.

— Que porra estão fazendo na minha casa?

Os dois piscaram, parecendo confusos em uma troca de olhares. A menina ficou lívida. Não duvidava que queria correr, principalmente pelo jeito como fuzilei os dois com olhos inflamados.

— Zayn liberou que a gente usasse o quarto dele — o moleque rebateu com um simples dar de ombros, como se não tivesse problema ser flagrado pelo dono da casa, depois usá-la para trepar.

Eu não precisava traduzir a raiva em palavras, meu rosnado podia falar por mim.

O casal desceu as escadas correndo.

Meus filhos testavam a minha paciência, como se não tivessem medo do perigo. Uma pergunta brilhou na minha mente, então, por um segundo, precisei me voltar para os dois e soltar:

— Onde Zayn está?

— Na festa, ué! — a garota respondeu, quase atravessando a porta da sala.

— Em que lugar, especificamente, aquele inconsequente está?

— No cemitério, com a Madson, o Bran... — A loira continuou, quando seu acompanhante, sem paciência, sumiu de vista. — Ele disse que não tinha problema em dar a festa. O irmão e ele garantiram que você autorizou.

Em meio a uma risada ácida, soprei o ar brevemente pela boca.

Explosões silenciosas aconteciam por todo o meu corpo. Eu estava fodido, e eles me aprontavam uma logo naquela noite.

Então meus filhos garantiram que os deixei fazer essa merda? Estava na hora de Bran e Zayn aprenderem uma lição. Passariam vergonha na frente daquele bando de vagabundos que chamavam de amigos, para que aprendessem a não dar festas na porra do cemitério onde a mãe deles estava enterrada.

Meu coração, anuviado, descompassou quando eu saí de casa.

A menina, uma tola, foi deixada pelo idiota que a fodeu para tomar esporro sozinha. Ela olhou por cima

do ombro, com as sobrancelhas estreitadas em um semblante receoso.

— Você, vá embora! — ordenei a ela, que se virou para me encarar. — Vá pelo portão da frente. — Apontei para ele com o indicador. — Não ouse voltar ao cemitério! Ligarei para a polícia — menti — e você terá problemas, se me desobedecer.

A pirralha pareceu adquirir um ar petulante, mas saiu em direção aos portões quando ouviu as últimas palavras.

Parado na frente do jardim, podia ver o portão dos fundos. A aglomeração estava do outro lado, longe, perto da entrada. Por isso, resolvi dar a volta pela avenida em frente à casa, surpreendê-los de frente, para que não pudessem sair correndo quando me vissem.

A passos rápidos, dei a volta na avenida, na calçada de minha propriedade. Tomaria de Zayn as chaves da casa, ele já não morava aqui, porra! E Bran, se quisesse continuar sob o meu teto, teria que respeitar as minhas regras.

Embora me exercitasse todos os dias, estava ofegante quando virei à direita na rua do cemitério que cortava a avenida principal. Havia uma confusão de jovens diante dele. Carros estacionados fechavam a rua. Músicas diferentes saindo de cada automóvel terminavam em uma cacofonia.

Como os neurônios deles trabalhavam com aquela merda tão alta?

Drogas rolavam pelas rodinhas de jovens vestidos de tipos diferentes de assassinos de filmes de terror.

Eu pegaria aqueles moleques, os dois, e talvez lhes desse uma surra!

Era daquilo que precisavam.

Da porra da surra que nunca dei.

Quando passei no meio de um grupo que estava revezando um baseado, puxei o cigarro da mão do magricelo que mal pude ver o rosto e atirei no chão, pisando em cima enquanto seguia meu trajeto.

Assim que adentrei o cemitério, o cheiro de fumaça foi a primeira coisa que senti. Tinha muita gente, dezenas de pessoas aglomeradas ao redor da caminhonete de Bran, que comportava uma penca de garotas dançando sobre a caçamba.

Uma enorme fogueira estalava do lado esquerdo, alta, levantando uma fumaça escura enquanto via o meu caçula atirando nas chamas uma garrafa de bebida.

Meu filho vestia um manto preto idêntico ao do *Ghostface*, e chegando por trás, agarrei o cetim da fantasia dele e o virei de frente para mim.

— Que porra é essa, Zayn?

Ele riu.

— E aê, pai! — Podre de bêbado, ele descarregou uma das mãos grandes e pesadas sobre o meu ombro. Zayn conseguiu crescer e ficar mais alto do que eu. — Veio para a sua noite? É perfeita para assassinos de esposa.

Meus dentes trincaram com suas palavras moles e lentas, e quando eu ia responder, um tumulto ao nosso redor me fez soltá-lo. Intrigado, notei pessoas correndo em direção aos fundos do cemitério.

Uma garota gritou tão alto, que toda a vibe de alegria ilusória, sexo e drogas ao meu redor pareceu dispersar. Encarando os rostos distorcidos que me cercavam, vi os sorrisos sendo sobrepostos por semblantes de horror.

Sem entender bem, caminhei em direção à confusão. Desejei ter colocado um casaco, pois apenas de blusa polo e jeans, a brisa gelada da noite me fez estremecer.

O arrepio, subindo pela espinha, podia ser também do impacto de passar por entre o aglomerado de pessoas, temendo o que iria ver do outro lado.

Zayn estava em meu encalço, balbuciando ofensas em sua língua bêbada, mas quando cheguei no meio da clareira formada pelo bando de arruaceiros sem futuro e garotas sem juízo, senti meu queixo cair.

Meu coração saiu dos trilhos e bateu tão forte, que me arrancou o ar. Sentindo meu rosto empalidecer, os observava tirando cordas que amarravam uma garota... não qualquer garota, mas Emily Brown, que seminua e completamente apavorada, estava presa a uma cruz.

07

Emily Brown

Meus olhos pesavam, enquanto minha testa latejava, como se tivesse sido golpeada contra o chão. Cada respiração era um desafio e uma dor aguda se espalhava por todo o meu corpo. As panturrilhas queimavam, como se eu tivesse permanecido de pé durante todo o dia.

Tentei abrir os olhos, mas a ardência que senti me fez cerrá-los com força. Meu peito acelerou tanto que doeu, quase parando quando tentei gemer e percebi algo tapando meus lábios.

Os barulhos ao meu redor pareciam amplificados, ecoando dentro da minha cabeça.

Quando tentei mover os braços, eles não me obedeceram. Era como se tivesse ocorrido uma pane nos membros, impedindo-me de mexer o corpo por qualquer motivo. Torci as mãos e percebi que algo ardia em meus pulsos.

Forcei-os novamente e gritei em silêncio contra o pano em meus lábios, que me fazia babar.

Pisquei para as lápides ao meu redor, não entendendo as luzes vermelhas nem porque estava vendo as árvores que conhecia de cor.

Eu estava no cemitério.

Meus pensamentos, palavras e sentimentos, tudo se misturou a cada soluço que eu precisei engolir.

Não consegui pensar com clareza. Queria gritar, e assim o fiz em minha mente, tão alto que minha boca tentou reproduzir o som, mas acabei engasgando com minha própria saliva. A tosse que escapou dos meus lábios me sufocava a ponto de a respiração subir queimando ao sair pelo nariz.

A dor foi tanta, que parecia que haviam chutado a região dos meus pulmões. Meus olhos percorreram freneticamente tudo ao meu redor e, não... Deus!

Não!

Só podia ser um sonho.

Eu não estava ali.

Não era real.

Minha percepção veio como uma bomba.

Estava crucificada no meio do cemitério!

Flashes do meu quarto piscavam diante dos meus olhos. Aquele homem me agarrou. Mas como vim parar nesse lugar?

Com certeza, aqueles dois me prenderam aqui, porque só podiam ter sido Bran e Zayn querendo zombar de mim.

Vislumbrei um borrão de pessoas ao longe, rindo e bebendo na frente do cemitério. Nenhum só olhar voltou-se em minha direção. Eu parecia invisível.

“Por favor”, foi o grito abafado que escapou da minha garganta, e imediatamente me arrependi, pois meus órgãos pareceram se retorcer.

Eles não me ouviram. No meio de tanta gente, avistei o Bran próximo a uma caminhonete azul. Ele vestia roupas escuras e uma máscara neon vermelha, presa por um barbante atrás de sua cabeça, enquanto beijava uma ruiva.

Zayn estava cambaleando e lançando coisas em uma fogueira alta, um pouco afastado do irmão.

Havia tantas pessoas ali. Por que ninguém me ajudava? Ao olhar para baixo, percebi que meus seios estavam expostos, e eu usava apenas uma calcinha vermelha e larga.

Se ter sido crucificada não fosse suficiente para me matar, meu avô certamente o faria. Ele me devoraria viva, por saber que fiquei assim na frente de tanta gente e encontraria uma maneira de me culpar por aquilo.

Tentei soltar minhas mãos, mas as cordas estavam apertadas. Soltei um gemido de dor, lutando para suportar a agonia, na esperança de encontrar uma maneira de escapar. No entanto, minhas tentativas apenas resultaram em mais ferimentos, as cordas dilacerando e rasgando minha pele, arrancando pedaços dela.

Merda!

Minha pele estava tão encharcada de suor que eu parecia ter tomado um banho, e isso fez com que a ponta dos meus pés escorregassem do pequeno altar. O simples deslizar provocava uma queimação intensa na minha barriga.

Girei a cabeça de um lado a outro, atordoada, sentindo que estava endoidando, porque os pensamentos vinham rápido demais, e em meio à espiral de palavras e cenas que rodavam na minha cabeça e tentavam me explicar o que estava acontecendo, um grito me assustou.

Alguns metros à frente, uma mulher estava imóvel e parecia congelada, derrubando uma garrafa de cerveja no chão devido à força do choque. Antes mesmo de remover a máscara neon, reconheci quem era. Pela roupa de Arlequina, identifiquei Madson, a amiga dos garotos.

Um gemido escapou de meus lábios enquanto eu tentava clamar por socorro, desesperadamente

encarando seus olhos castanhos.

Ela me fitava, cobrindo a boca.

Implorei com o olhar para que me ajudasse e, droga, tive de me segurar para não fazer xixi e sair mais humilhada.

E se fosse uma zoação dela? Se fizesse parte daquilo e apenas estivesse encenando? Mas, para minha surpresa, acabei chorando, com algo vibrando forte em meu peito acelerado, quando ela correu até mim.

— Emily! Porra... — Madson gritou, abaixando-se e tentando puxar a corda do meu tornozelo. — Meu Deus! Calma! Vou tirar você daí.

Seus cabelos loiros caíram sobre a minha perna, enquanto ela parecia desesperada, tentando até usar os dentes para ajudar a arrebentar as cordas. Murmurei para que procurasse uma faca, algo que cortasse as amarras, mas só depois de minutos tentando usar qualquer coisa ao seu alcance para me ajudar, é que ela se afastou.

Parecia bêbada e meio tonta, e falei por entre o tecido, pedindo que ela chamasse alguém. Xingando baixinho, Madson subiu no altar onde eu estava, e meu coração saltou, temendo que a plataforma caísse com o peso extra. Com a ponta dos pés em cada lado do altar, a mulher se esticou até alcançar a altura necessária para remover a mordaça dos meus lábios.

— Me ajuda! — Quis gritar, mas tudo o que meu corpo conseguiu produzir foi um choramingo.

Madson desceu do altar, enquanto parecia pensar no que fazer. Ela coçou a cabeça, girou sobre os calcanhares e vistoriou as redondezas.

— Chame alguém, por favor... — implorei, tão baixo que duvidava que ela tivesse ouvido. — Mas tire-me daqui!

O agito atrás dela a fez se virar para a frente do cemitério, e meu olhar a acompanhou. Pelo visto, o grito de Madson não atraiu apenas a minha atenção.

O raio de esperança, que me fazia acreditar que poderia sair daqui sem ser notada, se apagou quando vi frequentadores da festa sacando celulares e os erguendo para me filmar. Tive de fechar os olhos por conta do clarão dos flashes. Ouvi risos, murmúrios e até uivos, como se eu fosse uma atração empolgante.

Em meio aos olhos cerrados e à cortina de lágrimas, pude ver a roda que se formou ao meu redor. Queria me cobrir, esconder o meu corpo das câmeras, dos sorrisos debochados e olhares curiosos. Me senti uma aberração de circo.

— Não fiquem olhando, babacas! Ajudem-na! — Madson berrou e bateu o pé, com o rosto jovem e fino expressando uma pena aguda.

— Socorro! — o berro foi tão alto, que junto a ele ouvi o estalo de algo arrebentando na minha cabeça, levando embora a minha sanidade.

Meu grito não conseguiu sobrepor o caos das vozes ao redor, e quem veio ao meu encontro, abrindo caminho em meio à multidão, não era quem eu queria, tampouco confiava.

— Caralho! — Bran gritou, enfiando as mãos falsas na corda dos meus tornozelos.

Ele pareceu baqueado, os lábios abertos e os olhos assombrados me fizeram pensar que era muito fingido ao ensaiar surpresa, quando, provavelmente, foi quem me prendeu ali.

— Alguém tem a porra de uma faca? — Madson insistiu.

Quando viu que um dos caras ao lado dele estava me filmando, Bran deu um tapa na mão do garoto, fazendo o celular cair e depois, com ódio, pisoteou o aparelho muitas vezes.

— Quem filmar essa porra vai se foder na minha mão!

Bran olhou ao redor após seu berro, e como se fosse a autoridade máxima entre os presentes, todo mundo obedeceu e guardou o telefone.

Não sei quanto tempo fiquei ali, até que, por fim, ouvi o barulho de alguém cortando as amarras.

Embora minha visão estivesse nublada, percebi que era Bran quem estava me puxando com cuidado, enquanto outra pessoa soltava cada um dos meus braços. Caí em cima dele e de mais alguém.

Eles cheiravam à fumaça, os dois, e isso acendeu relâmpagos nos meus olhos, trouxe lembranças das botas pesadas dentro do meu quarto. Planejei correr, me encolher, mas não consegui.

Senti alguém me abraçando forte, me puxando contra si. Ele era quente.

Me cobriram com algum tecido, e só então senti alívio.

Olhei para cima e o rosto que vi fez eu querer me grudar nele.

Naquele rosto morava alguma segurança.

— Drake...

— Bran, bota todo mundo pra correr, porra! Agora! — ele gritou tão alto, que me encolhi.

Encostada de lado em seu colo, tentei me agarrar mais a ele, como se fossem me tirar dali a qualquer momento e meu destino certeiro fosse o cruzeiro.

— Shhh! Vou levar você para o seu avô, fantasminha.

— Não! Ele não está em casa. E... ele... não pode saber — gaguejei. — Por favor, não lhe conte nada.

Eu podia ver flashes das surras que tomei na vida, enquanto pensava no *Velho Jack*. Não importava que eu tivesse sido agredida e exposta daquele jeito.

Nada me protegeria da ira de meu avô e da sentença de culpa que jogaria sobre mim.

Drake ficou de pé, comigo em seu colo, aproveitei para esconder meu rosto em seu peito. Meus olhos ardiam, não apenas pelas lágrimas, mas pela fumaça da maldita fogueira, que se espalhava feito uma praga pelo ar.

Madson e Bran enxotaram o pessoal da festa aos berros, e algo dentro da minha mente duvidava das atitudes dos dois.

Aquela garota foi tão gentil, que destoava da que eu de fato conhecia:

Cruel.

Debochada.

Perversa.

Não pude precisar quando foi que chegamos à casa de Drake, mas senti quando ele me colocou devagar sobre o sofá, e só então, com relutância, desgrudei do peito dele. Uma jaqueta preta da fraternidade Blind Crows era o que me cobria o corpo, e ainda que eu tivesse tentado segurá-la, ela deslizou para o chão. Drake virou de costas no mesmo instante.

Agradeci em minha mente por ele ser tão respeitoso, embora soubesse que metade da faculdade havia me visto nua essa noite.

Dei um jeito de entrar na jaqueta grande, enfiando os braços nas mangas e subindo o zíper da frente. Não foi tão eficaz, pois estava seminua do quadril para baixo.

— Vou subir e pegar algo para você. Talvez um short de corrida.

A voz dele soou trêmula quando me olhou mais uma vez, enquanto suas sobrancelhas franzidas e seus olhos baixos me fizeram querer chorar.

Drake me olhou com pena, parecendo tão triste quanto nos dias que prosseguiram a morte de sua

esposa.

Tentei travar as lágrimas, já tinha chorado muito, mas tudo o que acabei de viver estava fervendo sob a minha pele, queimando em meu coração.

Em meio às paredes escuras e as luzes amareladas da sala, vistoriei os ferimentos nos meus pulsos e tornozelos. A pele estava lacerada, cheia de rastros de sangue.

Daqui era possível ouvir os motores cantando para longe na avenida, enquanto, provavelmente, a festa era encerrada.

Será que Bran e sua amiga teriam mesmo me ajudado, se Drake não estivesse ali? E Zayn? Ele nem se dignou a ir até onde eu estava.

Drake voltou até mim, munido de um enorme short masculino, provavelmente de Zayn, porque ele era o maior entre os três. Meu chefe se virou de costas com um kit de primeiros socorros embaixo dos braços.

Engolindo em seco, puxei o short escuro pelas pernas, tomando todo o cuidado para que não o arrastasse nos ferimentos dos tornozelos. Foi uma surpresa ver que, embora tivesse ficado extremamente apertado, a peça escura coube em mim.

— Posso me virar?

— Sim.

Engoli uma respiração profunda, mas quando ouvi seus passos soando contra o carpete, não tive coragem de erguer os olhos.

— Quem fez isso com você?

— E... eu... não tenho certeza.

Tremi quando Drake se ajoelhou à minha frente. Ele teve tanto cuidado ao puxar minha perna direita para si, que parecia ter medo de quebrar alguma coisa em meu corpo.

Ele não sabia, mas meu interior, naquele momento, era feito de estilhaços. Se algo do lado de

fora se partisse, doeria bem menos do que a ferida aberta em meu peito, depois de saber que fui colocada nua diante da minha faculdade em peso.

Se eu dissesse a Drake que algo rugia em meu peito, gritando o nome dos filhos dele, acreditaria em mim?

O carinho que Drake sempre demonstrou ter por mim falaria mais alto do que a urgência de proteger os filhos?

Esse mesmo homem que me apelidou de um jeito fofo, que me deu um emprego e moveu seus pauzinhos com os amigos ricaços da cidade, para que eu ganhasse uma bolsa na universidade, puniria os filhos, ou me varreria de sua vida para protegê-los?

A minha casa, meu emprego e de meu avô, perderíamos tudo, se eu dissesse à polícia que achava que os garotos Walton me drogaram e me maltrataram daquele jeito?

Enquanto Drake limpava os meus ferimentos, me xinguei mentalmente por ter desenterrado aquele baú maldito. Tudo começou ali... Os filhos dele nem olhavam para mim, agora, tinha despertado o ódio dos dois.

Eles queriam brincar com a minha cabeça.

Se o cruzeiro tivesse sido algo dos dois, só podia ser alguma espécie de jogo mental do Bran ou alguma punição doentia de Zayn.

— Vou chamar a polícia, Emily. — Por cima dos olhos, Drake me encarou com o olhar anuviado, enfaixando um dos meus tornozelos com tala. — Isso não pode ficar assim. Foi algo perigoso e cruel demais.

Era tão fodido ter de engolir o que fizeram comigo sem reagir.

Embora eu não tivesse certeza da culpa dos dois, não tinha inimigos. Ninguém que pudesse ter tanta raiva de mim a ponto de me crucificar.

Eu queria que ele chamasse a polícia, mas, com tanto receio do que poderia perder, respondi:

— Eu não me lembro de nada, senhor Drake.

— Tinha mais pessoas na festa. Paine poderia começar uma investigação para punir o desgraçado que fez aquilo contigo. — Ele trincou os dentes nas últimas palavras.

— Não precisa.

Seu rosto inteiro enrubesceu, e depois de respirar feito um bicho algumas vezes, com os olhos mais escuros e brilhantes do que nunca, ele engoliu em seco.

— É claro que precisa — rebateu. — Esse xerife de merda tem de fazer o seu trabalho direito, ao menos uma vez na vida!

— Estou bem, senhor. — Ergui as mãos diante do corpo com as bochechas queimando. — É sério.

— Conte-me tudo do que se lembra, por favor!

Não era um pedido, a voz dele estava dura, e seu olhar sobre mim era pesado.

— Eu não sei. Eu... estava sozinha, aí, um cara mascarado desligou a luz da minha casa e entrou no meu quarto. Ele me desmaiou com um pano, e quando acordei, estava crucificada.

Minha respiração se desregulou com as lembranças, mas a porta da sala, sendo escancarada, tomou o foco.

Madson caminhou para dentro, atrás dela, os dois filhos de Drake atravessaram a porta. Zayn estava tão bêbado, que precisou ser levado, apoiando-se no ombro do irmão mais velho, escadaria acima. Não havia sinal de sua túnica de *Ghostface* e, sem camisa, vestia apenas uma calça jeans.

— Madson, chame a polícia enquanto termino de cuidar da Emily — Drake ordenou. — Depois, vá à casa dela e busque algo adequado para ela vestir.

— Então, uma galera da faculdade telefonou para a polícia, assim que você a trouxe para cá. Tá geral apavorado. — As palavras saíram enroladas de sua língua alcoolizada.

Não acreditei que houvesse alguém apavorado ali.

Os sorrisos distorcidos e os olhos brilhantes de empolgação dos frequentadores da festa ainda dominavam as minhas lembranças.

— Tem certeza? — ele insistiu.

— Alguns homens do Paine devem estar a caminho. Onde fica mesmo a casa da *Noiva*... é... da Emily?

O ódio nos meus olhos era algo quase físico, palpável, e ela percebeu quando me encarou, e se não estivesse tão debilitada emocionalmente, socaria a sua cara por ter coragem de quase me xingar daquele apelido patético.

Ela me ajudou ainda a pouco, mas, dentro de mim, faíscas rolavam e incendiavam-me o peito, com lembranças de que ela não era uma boa garota. Seus sorrisinhos debochados eram rotina quando ela me via, e ao esbarrar comigo, a palavra “estranha” tinha facilidade de escorrer dos seus lábios costumeiramente pintados de vermelho. Às vezes, até mesmo me dava ombradas nos corredores da faculdade, e eu, uma tola, corria para longe do caminho dela sempre que tinha chance.

— A gente vai descobrir quem foi, ok? — Drake alisou meu pé com carinho, atraindo meu olhar para si. Ele parecia cansado, mas ainda podia ver a raiva cintilando em seu olhar. Ele ficava ainda mais bonito assim, parecendo bravo, e forte, e, droga... Eu não podia gostar dele daquele jeito. — Temos as câmeras da casa, e assim...

— Meu avô — interrompi —, disse-me, ontem à noite, que as câmeras da propriedade tinham dado defeito e estavam desligadas.

— Merda! Me esqueci disso. — Drake praguejou baixinho.

— Ai! — gemi quando ele puxou um dos meus pulsos para si.

— Desculpe, fantasminha.

A mão dele estava tão quente, e fazendo carinhos lentos no dorso da minha, que quase me arrancou um suspiro. Ele tinha essa aura que me acalmava.

Enquanto limpava as lacerações na minha pele, volta e meia subia os olhos de um jeito triste até os meus.

— Por que seu avô não pode saber do que houve? Não vai se sentir mais segura, se ele vier ficar com você?

Agradeci por Madson atravessar a porta da sala novamente, me salvando da resposta. Não era uma opção falar mal do meu avô, embora ele merecesse.

Ela trouxe consigo um conjunto de moletom cinza. Drake pegou a roupa da mão dela, antes que a garota pudesse chegar muito perto de mim, me entregando na sequência.

Acho que nós duas franzimos a testa para ele ao mesmo tempo. O gesto pareceu... possessivo. Após alguns segundos, os dois se viraram e troquei a roupa o mais rápido que consegui.

— Onde Zayn e Bran estavam, durante a festa?

A pergunta, fluindo dos lábios dele, levara embora qualquer sangue do meu rosto.

Ele desconfiava dos filhos?

A suspeita partiu dele, sem eu sequer ter mencionado. Será que foi porque ele viu o Bran sujo de terra hoje cedo, quando me flagrou voltando do lago?

Será que não ficaria bravo comigo, se eu contasse do baú? Ou ele estava me sondando para encontrar um jeito de proteger os filhos? Embora sempre parecesse gentil, ele usava todos os meios para tirar Bran e Zayn de encrencas.

— Hã... Bran estava com a Sophie desde o começo da festa, é uma líder de torcida. E Zayn estava comigo, me buscou em casa e arrumamos as coisas da festa juntos.

— Tem certeza? — Drake insistiu.

Madson encolheu os ombros ao se voltar para ele e assentiu, e se estava mentindo ou não, apontou para o celular:

— Preciso ir, senhor. Minha mãe soube da confusão e veio me buscar.

Madson não era apenas uma Weber, pertencendo a uma das famílias mais antigas e influentes de Shadow Valley, era também a filha da prefeita. Não podia ser vista em meio a um escândalo daquele porte.

A fofoca da pobre coitada crucificada se espalharia a toda velocidade por cada distrito da cidade. E não me surpreenderia se chegasse até o *Velho Jack* antes de ele voltar para casa.

O barulho inconfundível e agudo de sirenes policiais anunciou a chegada dos oficiais. Bisbilhotei pelo buraco no vitral da janela da sala, me perguntando qual dos Walton teria destruído o vidro daquele jeito. Mas era aquele rombo que me permitia ver com clareza que o carro de polícia parou diante dos portões, do outro lado dos arbustos ornamentados do jardim.

Paine e Jackson passaram por Madson, que enquanto saía, segurou o portão para que os dois entrassem.

Fiquei tão obcecada ao ver os policiais se aproximando da porta da casa, que não vi Drake surgindo com um copo de água e uma manta. Eu deveria odiar que ele me olhava com pena, mas até aquelas sobrancelhas franzidas e o queixo retesado, faziam eu me sentir querida por ele.

— Boa noite, Drake! — Xerife Paine cumprimentou. — Que surpresa ter mais problemas envolvendo sua propriedade...

As palavras dele eram ácidas e pareciam ter o intuito de espetar o meu chefe, atraindo minha atenção, enquanto eu engolia toda a água do copo de uma vez, mal respirando. Descartei o copo na mesinha de centro e cobri-me com a manta, como se aquilo fosse trazer algum conforto para o depoimento que precisava dar ao xerife.

— Surpreendente como veio rápido hoje. Se me lembro bem, no dia da morte da Rose, seu pessoal demorou quase uma hora para chegar.

Após a troca de farpas que fez meu queixo cair, usando seu costumeiro traje de trabalho, os sapatos de Paine ecoaram contra o assoalho da sala, quando o dono da casa saiu da frente da porta e lhe deu passagem, embora desse ao oficial um sorriso enviesado.

Sabia que tinha outro oficial lá fora, mas foi o próprio chefe de departamento quem caminhou até o sofá à minha frente.

— Emily... — Drake estava ao pé da escada, me olhando por cima do ombro. — Estarei lá em cima.

Agitei a cabeça em concordância. Entendia que, por alguma razão, que certamente envolvia a morte de Rose, ele e o xerife se odiavam, e por isso, ele não queria ficar em sua presença.

— Não sei se entendemos bem as ligações solicitando a nossa presença. — Ele pegou um

bloquinho no bolso da camisa social. — Nos disseram que a senhorita Brown foi crucificada em meio a uma festa no cemitério Walton.

Ele parecia conter uma risada após a fala, o que agitou meus batimentos e me fez fechar o rosto.

— Isso mesmo.

— O que estava fazendo na festa? Seu avô sabe que estava em meio a uma baderna dos garotos Walton?

Meu lábio se abriu, meus pensamentos se misturaram como se uma pequena pane se formasse em minha cabeça. Foi difícil acreditar que, diante de algo tão grave, aquelas eram suas perguntas. Pisquei, deixando que a garota frágil, da qual raramente conseguia fugir, viesse à tona.

Me abracei, buscando coragem para dizer:

— Eu estava em casa, senhor...

Era complicado engolir o nó apertado em minha garganta, para contar detalhadamente a ele sobre o homem que invadiu o meu quarto. Paine anotou coisas enquanto eu narrava, e quando eu disse que acordei no cruzeiro, ele ergueu a mão e me interrompeu:

— Como ele colocou você lá?

Ali, eu não pude conter o riso.

Ele era risível!

— Como eu vou saber? — Torci os dedos das mãos, tentando não dizer algo que me fizesse ser presa por desacatar uma autoridade. — Só se eu estivesse fora do meu corpo para ver como ele fez, estando desmaiada daquele jeito!

Ele alisou o bigode, como fez em todas as vezes que me interrogou, após eu ser a primeira pessoa a ver Rose Walton sem vida.

— Está me dizendo que você... — ele apontou meu corpo de cima a baixo — ficou amarrada no

cruzeiro? Não me parece prudente que aquela escultura aguente o seu... peso.

Pisquei para conter as lágrimas.

Ele estava dizendo que, por eu ser gorda, aquela merda cederia comigo em cima?

— Eu sou a porra da vítima, ok? — gritei, me levantando. — Que tipo de xerife é você?

— Abaixe a voz, jovem! — Ele pareceu surpreso, as costas pressionadas com força contra o encosto da poltrona.

— Você deveria me perguntar tudo que te levasse a encontrar quem me prendeu naquela merda, e não fazer piadas ultrajantes sobre o meu peso.

— Menina, eu...

— Não me admira que não tenha sido incapaz de solucionar a penca de assassinatos que caiu no seu colo! — As palavras só saíram, tão altas e rápidas, que tive de puxar uma boa porção de ar ao terminar. — Pode ir embora! Não acho que tenha competência para me ajudar.

— Não acredito na sua história. — Ele limpou o suor da testa repleta de veias com um pano. — Ela não faz sentido algum.

— E eu não acredito que você tenha um distintivo.

Estava me preparando para escorraçá-lo, quando ouvi a voz do alto da escada.

— Acho que já fez o bastante por hoje, detetive — Bran impediu que eu surtasse, falando antes de mim. — Não precisamos de você aqui, fazendo perguntas que não servem de nada.

Ele tinha um semblante que parecia ter mais raiva do que qualquer outro sentimento.

Da mesma maneira que surgiu, Bran desapareceu escada acima, me fazendo estreitar as sobrancelhas.

Paine me fitou por um bom tempo com os olhos cheios de cinismo, que nem por um segundo pareceram acreditar em mim. Quando se levantou, guardou o bloquinho e caminhou para a porta.

Meu coração parecia um amontoado de farelos.

Eu nunca fui ninguém.

Se fosse a Madson, duvidava que não teria uma enorme comoção ao redor disso, com ele fazendo de tudo para encontrar o culpado. Mas, eu? Eu era a Emily. A neta do zelador, a garota que maquiava cadáveres numa funerária...

Engoli os soluços, porque não aguentava mais chorar. Ouvi as palavras do alto da escada, então olhei para lá.

“Não me interessa! É melhor obedecer!”

“A gente não...”

“Eu já disse, moleque!”

Quando Drake desceu para a sala, tentei fingir que não estava ouvindo seus gritos com os filhos.

— Ué, aonde eles foram? Não vão ouvir as testemunhas?

E após suas palavras, meu queixo tremeu.

— Ele disse que meu peso faria o cruzeiro cair. Não acreditou em mim.

— Aquele imundo! — Drake comprimiu tanto a boca, os olhos tão escuros e tempestuosos, que tive medo de que ele fosse atrás de Paine com a cabeça quente daquele jeito. — Vou ligar para o meu advogado. Ele terá de voltar e investigar direito essa porra, ou vamos destruí-lo.

Quando percebi meus movimentos, era tarde. Eu já estava de pé, segurando os antebraços dele.

— Eu o mandei ir. Não quero ver esse homem nunca mais. Ele só piorou tudo, mas se acalme. Vou ficar bem.

O rosto dele, antes parecendo um retrato realista de um vendaval, relaxou. Ele exalou, parecendo resignado. Olhando para baixo, Drake segurou meu rosto entre as mãos. Suas sobrancelhas se estreitaram, os olhos pareciam mais quentes enquanto ele fazia carinho em minhas bochechas com a ponta dos dedões.

Sabia que ele não me via como uma mulher, apenas como uma menina, mas aquilo agitou tantas coisas na minha barriga. Me fez querer mais. Que não parasse de tocar minha pele nunca.

— Quero que durma aqui essa noite.

Emily Brown

Dei um leve sorriso, porque sua frase funcionou como uma borracha sobre a palavra “medo”, que parecia ser rabiscada em meus neurônios quando eu pensava que teria que voltar para casa. Temia que o invasor voltasse e acontecesse algo ainda pior.

Drake me encarava, aguardando uma resposta, então, quando assenti de maneira quase imperceptível, e ele tirou as mãos da minha bochecha, fui obrigada a soltar-lhe os braços. Nos viramos para a escadaria sem dizer mais nada e, tão sutil quanto uma miragem, tive a impressão de que uma sombra se moveu bem rápido no topo, para longe de nossa visão.

Seria Bran ou Zayn nos espiando?

Ou pior, o fantasma de Rose?

Ri do pensamento. Estava tão abalada, que até fantasiei. Nos tantos anos que morava aqui, sob um solo que guardava os ossos de boa parte da cidade, nunca tive uma prova sequer de que houvesse algo do outro lado da vida.

A morte era a linha que marcava o ponto final de uma jornada. Após atravessá-la, a certeza maior era de que não havia nada do outro lado. Era exatamente aquilo que a fazia parecer tão tentadora.

Subi os degraus ao lado de Drake, abraçando o meu corpo e com o pensamento longe. Quando percebi, já tinha entrado em um dos quartos de hóspedes.

Conhecia a casa de cor, afinal, por muitas vezes precisei ajudar meu avô a fazer alguns reparos. Sabia que os quartos de visitas ficavam no segundo andar, junto ao de Drake. E que o pavimento superior abrigava dois portais para o inferno: os quartos de Bran e Zayn. E o sótão, no quarto andar, era usado como um depósito assustador e empoeirado.

Drake acendeu a luz do cômodo e, enquanto eu o adentrava, prestando atenção à parede forrada com painéis de madeira ornamentados com detalhes de um preto fosco, notei que ele ficou diante da porta.

Meu quarto inteiro caberia dentro deste e ainda sobraria espaço.

Meus pés estavam imundos. Sabia que não podia me deitar na cama de casal enorme, estando suja naquele nível. Na verdade, eu não combinava com aquele ambiente. Somente o tecido roxo e repleto de bordados dourados do dossel pagaria as minhas contas por um ano inteiro.

— Fique à vontade, fantasminha. — Ele parecia exaurido, me fitando com lábios franzidos e um olhar caído. — Tente tomar um banho e dormir. Estarei do outro lado do corredor, se precisar.

Era humilhante tentar conter a tremedeira em meu queixo, mas até o ar que soprava pela janela ampla nos fundos do quarto parecia gritar que Bran poderia entrar aqui.

Ele estava pela casa.

E se fosse ele o meu agressor e decidisse me crucificar outra vez? Zayn estava podre de bêbado, certamente apagado em sua cama e não parecia uma ameaça, por enquanto.

Mesmo que cada palavra que se amontoava em minha mente pudesse passar a impressão errada, encarando o homem que coçava a barba diante de mim, as deixei sair:

— Não pode ficar comigo?

Suas sobrancelhas se ergueram. A postura empertigada acompanhou o leve chacoalhar de sua cabeça.

— Isso não é apropriado, Emily. — Ele cruzou os braços e seu olhar tocou a minha pele como se fosse algo físico. — Estou muito cansado. Hoje aconteceu tanta coisa... preciso tentar dormir.

Não consegui dizer nada, pois qualquer palavra resultaria em um soluço. Só me restou assentir em concordância, levando a mão à boca para roer as unhas que finalmente haviam crescido um pouco, impedindo qualquer barulho, quando uma gota desaguou dos meus olhos e trilhou minha bochecha.

— Aham...

— Por que não toma um banho?

Seus sapatos se afundaram no carpete acolchoado e cinza, que sujei com meus pés lamacentos. Minha pele se esquentou com a calidez de suas mãos em meus ombros. Eram carinhosas, e suas palavras, até leitosas de tanto que ele amenizou o tom para falar comigo.

— Vou tomar — a voz saiu murmurada, porque tentava arrancar mais um pedaço de unha, com as lascas secas do esmalte preto esparramando em minha língua.

— A gente faz assim, fico aqui até que pegue no sono. Te parece bom, fantasminha?

Meneei a cabeça em concordância, conseguindo sentir o brilho em meus olhos. Tentei travar sua mão, mas ele tirou a minha da boca, impedindo que arrancasse outra unha. Soltando-me aos poucos,

apontou uma porta preta ao lado de uma penteadeira de madeira oscilando entre roxo e detalhes em relevo dourado.

Quando lhe dei as costas e andei lentamente para dentro do cômodo, fechando a porta atrás de mim, tirei a roupa e me enfiei embaixo da água morna.

Não quis demorar no banho.

A enorme janela do banheiro dava para a vista do bosque dos fundos da propriedade e ali, tive medo de que, das sombras, meu carrasco me espreitasse, planejando novas formas de acabar comigo.

Eu não reparei nos detalhes escuros do banheiro, apenas tomei cuidado para não molhar muito as ataduras nos ferimentos, tomando um banho porco, e depois de me achar razoavelmente limpa, temendo que Drake sumisse do quarto e eu acabasse sozinha, me aprontei o mais rápido que pude.

Ao sair do banheiro, notei que Drake repousava sobre a poltrona de couro preta ao lado da cama. Havia apagado a luz do lustre enorme e cheio de gotas de cristal, no centro do quarto, e apenas a sútil luz amarelada do abajur na mesa de cabeceira, que o separava da cama, iluminava sua barba. Seus pés descalços estavam plantados no chão, os sapatos jogados ao seu redor.

Ele exalou com força quando pousou um olhar indecifrável sobre mim, e com um sorrisinho torto, bateu na cama ao seu lado esquerdo.

Meu avô arrancaria a minha pele com as próprias mãos, se soubesse de tudo isso, mas nada parecia mais urgente dentro de mim, do que o medo de ser deixada sozinha.

Quando me deitei, pareceu que repousava sobre as nuvens. O colchão afundou comigo de um jeito lento e suave. O lençol era macio e cheiroso. Tudo destoava da realidade com a qual eu estava

acostumada. Minha cama fora comprada em um *mercado das pulgas*, e tinha um colchão tão duro, que volta e meia me dava dor na coluna.

— Tente dormir, Emily. Sei que as coisas dentro de você devem estar uma confusão, que já viveu muita coisa dolorosa, mas esse momento vai passar.

— Não sei se consigo — respondi, me virando de lado para olhar para ele.

Ele alisou meu cabelo molhado, e se o intuito das palavras era me reconfortar, não foram eficazes. Cada uma pareceu tocar direto nas feridas abertas da minha alma.

— Vou falar com meu advogado sobre a conduta de Paine...

— Não precisa. De todo jeito, formalizar uma denúncia só faria isso tomar uma proporção maior, ou trazer mais zombarias dos homens do xerife. Eu não sou ninguém, aquele departamento não vai se importar com o meu caso.

— É claro que você é alguém!

Não quis olhar para ele, tentando virar o rosto e esconder boa parte dele no travesseiro com fronha de cetim roxo, idêntica ao lençol. Não queria a sua pena, mas, de fato, tudo o que acontecia reforçava quem eu era: apenas a garota Brown. Não tinha um sobrenome de peso, como o “Weber” da Madson, ou Walton, e em uma cidade como a nossa, os sobrenomes, às vezes, contavam ainda mais que o saldo bancário.

Eu não tinha pai, tampouco uma mãe viva para se transformar em leoa e colocar a delegacia abaixo para me proteger. Não havia ninguém para lutar por mim, além do meu avô. Ironia da vida era que ele fosse meu juiz e carrasco. *Velho Jack* me criou, mas era a cereja no topo do bolo da minha desgraça.

Seria eu uma ingrata por não achar que comida e um teto justificassem tantos abusos?

— Posso tentar dormir agora?

Ele segurou meu queixo com firmeza e ignorou minha pergunta. Seu toque rápido me obrigou a fitar o seu olhar. Estava turvo, revolto e cinzento, como o mar aberto em meio a uma tempestade.

— Você é forte. Pessoas morreriam se precisassem viver carregando o peso de presenciar o assassinato da mãe daquele jeito. Pessoas... — Ele forçava as frases entre seus dentes cerrados. Seus olhos foram tão longe, que duvidei que a sua alma ainda estivesse ali. — Pessoas enlouqueceriam após a perda de alguém que amavam, algumas se transformariam em algo podre. Você é alguém, entendeu? É a garota mais forte dessa cidade.

Quando concordei com a cabeça, ele limpou as lágrimas das minhas bochechas com carinho, mas seus dedos tremiam. Será que havia se lembrado da Rose? A morte dela foi tão horrível quanto a da minha mãe. Porém, ela não foi estuprada, ou encontrada sem pedaços de pele e uma orelha faltando.

Depois de todas aquelas palavras, achei que a coisa colorida que Drake costumava agitar em meu peito era problematicamente mais forte do que qualquer outro sentimento, do que qualquer desejo por alguém.

Ele era o cara ideal.

E totalmente proibido para mim.

Drake me viu crescer. Talvez fosse me ver para sempre como a garota de quinze anos que era obcecada por ver coveiros retirando os ossos dos mortos de suas sepulturas.

Para ele, eu seria sempre a garota estranha conectada com a morte, de quem ele carinhosamente sentia pena.

Não sei quando fechei os olhos, mas acordei com um tranco ao ouvir a janela do quarto batendo. Estava escuro e a única brecha de luminosidade resultava da ampla janela que, semiaberta, trazia também a brisa gelada da madrugada.

Meu coração murchou quando percebi que Drake havia saído. Eu deveria esmagar essa bosta crescendo em meu peito. Não era certo os sentimentos por ele crescerem nessa proporção.

Minha mente se tornou lisa, sem qualquer ondulação de pensamento, quando o retumbar alto de pegadas nas escadas de cima disparou meus batimentos.

Era como se cada barulho apertasse um botão para ativar meu instinto de sobrevivência. E, embora eu devesse me esconder, tentar correr para o banheiro, não queria ser uma tola e esperar para ser pega outra vez.

Não podia perder tempo, por isso, na ponta dos pés, caminhei até a porta. Espiaria pela fresta que acabara de abrir e, se visse algum dos filhos de Drake vindo até aqui, correria até a porta dele e pediria socorro.

A porta, por ser ampla e pesada, emitiu ruídos finos, que ecoaram como o gemido de uma assombração pela casa escura.

— Cacete! — Mordi a língua para que o xingamento não soasse tão alto.

Tentei ajustar a visão.

O corredor era comprido, naturalmente escuro, por conta de toda a arquitetura sombria da casa, que facilmente poderia abrigar um *coven* de bruxas ou um covil de vampiros.

Eu reconheceria aqueles cabelos brilhantes e negros sem precisar de muito. Bran, com os punhos enfiados no bolso de um moletom negro, desceu as escadas sem olhar para os lados.

Como não suspeitar dele? Nem se dignou a falar comigo após me trazerem do cemitério. Apostava que, fora dos olhos do pai, achou engraçado me ver crucificada. Com certeza, esse era mais um dos seus muitos joguinhos e devia ter planejado fazer aquilo comigo enquanto me largava no lago e eu prendia o ar embaixo da água gelada.

Talvez quisesse me passar a mensagem de que eu devia pagar por ter desenterrado seu segredo.

Cada pensamento agitava algo em meu interior, fazia uma coisa furiosa se concentrar a ponto de ferver, de entrar em erupção no meu peito. E o que seria a raiva, senão a maior defensora contra a injustiça? A raiva nos fazia perceber que nos deram algo que não merecíamos.

E, de fato, eu não merecia nada daquilo.

Eu... precisava de algo.

Necessitava saber se foi ele quem me feriu daquela forma. Ainda sentia ardência nos pontos onde a corda lacerou a pele. Se eu descobrisse que foi Bran, poderia coibir uma nova tentativa de me machucar. Poderia segurar uma prova que o faria recuar, que o obrigaria a me deixar em paz.

Não soube dizer se ter deixado que meus passos rápidos me guiassem escada acima faziam de mim uma tola, ou apenas uma criatura desesperada. Mas eu investigaria a porra do quarto dele e, se achasse qualquer prova de que foi ele quem fez aquilo comigo, poderia mostrar ao pai deles. Porque... porque eu não faria uma denúncia, mas, talvez, Drake pudesse me proteger.

Ele também parceira desconfiar dos filhos

O segundo andar da casa estava ainda mais escuro e eu sabia que, por ser o mais velho, Bran tinha ficado com o quarto agraciado com a vista dos jardins. E lembro-me bem de, certa vez, ter ouvido a voz jocosa de Rose dizendo que deveria ter dado o quarto ao Zayn que, por ter problemas emocionais, poderia se acalmar com a vista.

Quando abri a porta dele, o cheiro terroso e agressivo de seu perfume foi quase uma porrada. Estava forte, parecia ter contaminado o ambiente. Fechei a porta atrás de mim com cautela e foi como mergulhar no Universo. O teto do quarto dele tinha traços de tinta que retratavam planetas, constelações e nebulosas, sobre um fundo tão negro quanto a aura de Bran. No escuro, as estrelas brilhavam e faziam os meus olhos se encherem de lágrimas por conta da tamanha beleza. Era como olhar o céu noturno, mas ver além, uma vastidão de coisas impossíveis de enxergar a olho nu.

Como alguém tão carente de sentimentos pintava tão bem assim?

Mesmo querendo olhar por mais tempo para as galáxias piscando lá em cima, tive de acender a luz. Eu não podia perder tempo. Ele poderia voltar, e não queria cometer a mesma burrice de ser pega me metendo nas coisas dele duas vezes.

O quarto de Bran era lindo. Com paredes de um azul acinzentado, tinha folhas e mais folhas com cálculos matemáticos grudados ao lado de sua cama de casal.

Era fácil me esquecer de que ele era a porra de um *nerd*. Sempre achei que eles usassem óculos fundo de garrafa, aparelhos nos dentes e fossem desprovidos de beleza. E, em maioria, por serem isolados pelos atrofiados de inteligência, eles acolhessem uns aos outros e os tratassem bem.

Bran era o oposto disso. Era o popular, um dos mais bonitos do campus, e ainda tocava guitarra e sabia pintar. Balancei a cabeça, ele era um combo controverso para qualquer garota.

Eu diria que meio radioativo até.

Caminhei até seu closet, eram duas portas venezianas de madeira escura. Quando o abri, um pequeno mundo de roupas perfeitamente alinhadas se estendeu à minha frente. Vistoriei os cabides e, para minha surpresa, muitos moletons que passeavam de negro a cinza estavam ali. Pareciam-se com o que o homem que invadiu minha casa usava. Mas, para ter certeza de que era ele o criminoso, precisava encontrar aquele sobretudo, ou a balaclava. Mexendo nas gavetas, na parte de baixo, desejei ter a sorte de encontrar uma garrafa com algo que cheirasse como aquele pano.

Porra!

Não importava quantos cabides ou gavetas olhasse, não achava nada.

Inclinada para baixo, enquanto fuçava mais ainda nas gavetas, senti o momento em que fui encoxada, e algo duro e volumoso se esfregou na minha bunda.

Quando me ergui e me virei rapidamente, poderia estar morta, porque senti minha alma saindo do corpo.

Olhos escuros e frios estavam diante de mim, e feito uma muralha de músculo e caos, Bran me encarava, de braços cruzados e um sorriso torto nos lábios.

— Você não aprende, né?

Pensei em correr após ouvir sua voz baixa, mas nublada. Seu tom era como quando o céu aos poucos se acinzentava, sem qualquer sombra de trovões e raios, mas só por sua cor escura a gente já previa que se aproximava um temporal de altas proporções.

— Eu sei que foi você quem me prendeu no cruzeiro! — acusei, engolindo em seco, as mãos na parte de trás do corpo, segurando o tampo de madeira da cômoda de gavetas dentro do closet.

Seu sorriso, antes sonso e de canto, se expandiu a ponto de ficar tão cheio de vida quanto um arco-íris. Seus dentes alinhados, um tanto grandes e brancos, se exibiram.

Ele deu um passo à frente, seu cheiro quase me sufocando. Tentando recuar, acabei sentada no topo da cômoda, com um monte de roupa roçando a minha cabeça.

— Eu? — Sua mão grossa e enorme se fechou em meu quadril. — Não tenho culpa se anda metida com gente da pesada.

Senti a mesma emoção arriscada que me dominava sempre que algo parecia prestes a me arruinar. Não algo como o cruzeiro e o maldito mascarado, mas uma coisinha leve e letal como Bran sem máscara, ou a beirada de um precipício, a ponta de uma faca, uma cova profunda... Era tentador, como se ouvisse um canto de sereia tão hipnótico, que todas as minhas células acordassem e se alinhassem na direção do perigo.

Senti uma trilha úmida escorrendo da minha boceta para dentro da coxa. Traidora, humilhante, como se eu odiasse o Bran, mas ela se excitasse com ele.

Era tudo contraditório, porque, mais do que nunca, eu o odiava.

— Gente da pesada, como você e seu irmão? Para de encenar! Vocês dois me ameaçaram de manhã, e deu sorte que ainda não falei com o seu pai ou os denunciei.

A outra mão dele foi para o meu queixo, seu olhar, sempre sem nada, parecia aceso, cheio de fogo.

Ele respirou fundo, ainda sorrindo, olhando para a velocidade com que minha garganta subia e descia ou minha respiração acelerava.

— Você não tem cara de quem faz merda a ponto de levar represália. Enfiou o nariz onde não devia mais uma vez?

Eu odiei o cinismo em seu rosto, a mentira escorrendo de sua boca para disfarçar sua culpa.

— Vai se foder, Bran!

Suas sobrancelhas se ergueram, mas seu sorriso cessou com o meu xingamento.

— Sempre avisamos para ficar longe do nosso caminho... — Ele estalou a língua, parecendo decepcionado. — Meu irmão e eu te dissemos uma coisa, quando bisbilhotou o meu quarto, há cinco anos, se lembra?

Quando fiquei em silêncio, ele libertou o meu queixo, mas me puxou pelas coxas para ainda mais para perto de si, se encaixando no meio delas, e eu, a contragosto, nem pude evitar.

Deveria gritar, mas não era um pedido de socorro que rondava a minha língua. Minha boca cheia de água me dizia que eu era uma vadia, alguma espécie estranha de masoquista, e que meu avô validaria sua crença de que facilmente abriria as pernas para cada um dos Walton, se pudesse ler meus pensamentos naquele segundo.

— Não.

— Vejo as suas bochechas queimando quando uma mentira sai dessa sua boca falsa.

Meu olhar faiscou, poderia até fritá-lo ao vê-lo me chamar de falsa bem na minha cara.

— Você e seu irmão tarado me disseram que não era para eu entrar aqui, se não quisesse ser fodida.

Cada palavra me ultrajou, mas os seus apertões firmes em minha coxa me deixaram quente. Ele era

tão grande, que certamente tinha mais de 1,90, e inclinado, com o rosto tão perto do meu, parecia um convite mórbido para beijar o Diabo.

— E veio pedir por isso?

Meu peito quase parou quando o maldito agarrou minha mão e a levou ao seu pau. Era duro e grande, e poderia rasgar a maldita calça escura. Ele apertou os meus dedos ao redor da sua ereção, e abri os lábios com uma longa inspirada.

Eu não queria aquele tipo de contato, ou queria?

Ou estava tão perturbada, que precisava de alívio?

Em um clarão de juízo, puxei a mão e olhei para o lado, fugindo do seu rosto cheirando a erro, mas seu nariz roçou em meu pescoço. Senti seus dentes raspando nele. Uma leve mordida no lóbulo da minha orelha fez com que eu me encolhesse. Um pequeno choque se aprumou na minha espinha, me arrepiando inteira, e me senti idiota quando um gemido escapou da minha boca.

Ele gargalhou. Um som tão fácil e genuíno, que me assustou e tive de olhar seu rosto. Era um sorriso de diversão. Jurava que a espécie dele não dava sorrisos assim.

— Vamos fazer um trato: se eu enfiar os meus dedos no seu moletom e você estiver molhada, vai ter que tocar uma pra mim...

Não havia mais secura em minha garganta para engolir, na verdade, cada palavra dele inundou tanto a minha boca quanto a minha boceta, mas eu ainda tinha algum senso de decência, por isso, abri os lábios e disse:

— Nem pensar! Não vai me tocar assim.

Ele ergueu uma sobrancelha. Estranhei quando enlaçou sua mão na minha, dando espaço o suficiente para que eu pudesse descer da cômoda. Pensei em

puxar a mão, mas os dedos dele no meio dos meus não era algo grosseiro.

Era estranhamente doce.

Meu corpo inteiro parecia em frenesi, e a aura do lugar era quente, como se tivessem ligado um forno ali dentro. Estava suando quando caminhamos para fora, com a mente em curto-circuito.

Ele ia me levar até o meu quarto?

Quando atravessamos sua porta, ele me soltou. Sem entender, me voltei para ele. Bran estava apoiado contra o batente, um sorriso torto e bonito em sua boca carnuda. Suas bochechas se avermelharam e seus olhos, tão cheios de coisa, quase brilhavam.

Ele parecia se divertir. E não deveria. Bran Walton merecia queimar, por ser um canalha, um mentiroso... e...

— Cai fora, noiva dos mortos!

Seu sorriso morreu junto à porta que bateu na minha cara.

09

Emily Brown

A claridade me obrigou a abrir os olhos. E como não dormi quase nada, parecia que um caminhão havia feito zigue-zague em cima do meu corpo. Fora o cruzeiro e os acontecimentos no quarto do Bran, o medo do que aconteceria quando meu avô descobrisse tudo me atormentava.

Ao sair da cama, fui direto ao banheiro. Joguei uma água no rosto, lavei a boca, e só então retirei as ataduras dos pulsos. As marcas disformes e vermelhas eram feias e ardidas, mas em alguns dias dariam cascas e então passariam. Abaixando-me, retirei as ataduras dos tornozelos e as descartei na lixeira abaixo da pia de mármore escuro. Ao menos, ver que o moletom cobria as feridas me trouxe algum alívio.

Era sábado, e *Velho Jack* voltaria à noite para casa, então precisava encontrar um jeito de melhorar aquela cara inchada e triste que me encarava de volta no espelho redondo e cheio de ornamentos negros.

Sabendo que precisava ir para casa e parar de dar trabalho ao Drake, saí do banheiro e caminhei para fora do quarto. No corredor, não consegui evitar que meu olhar se direcionasse às escadas que iam para o terceiro andar.

Ainda podia sentir a respiração quente de Bran, e quando me lembrava de seus dentes raspando contra a minha pele, me arrepiava.

Como eu era burra!

Ele foi cruel comigo e, ainda assim, aquela coisa bizarra dentro de mim, que gostava de perigo, se acendeu.

Imaginava que deveria ser bem cedo, e que Drake ainda estivesse dormindo. Precisava falar com ele antes do meu avô voltar, mas, por agora, pegaria o meu carro e iria para a biblioteca da cidade, talvez ligasse para o meu chefe mais tarde. Meus planos eram: me enterrar em algum livro até que o *Velho Jack* chegasse e eu ficasse tão segura quanto podia ficar na presença dele.

Descalça, desci as escadarias, sentindo o veludo do tapete que cascateava por ela quase fazendo cócegas nas solas dos meus pés. O barulho alto rugindo pela casa era produzido pela mulher rechonchuda limpando a sala com um aspirador de pó. Seu cabelo ruivo estava preso no alto da cabeça e sua pele rosada, ainda mais corada, por conta do exercício. Parecia pouca coisa mais velha do que Drake e me sorriu de um jeito apagado, como sempre fazia. Seus lábios costumavam se abrir em um sorrisão, depois se franziam junto às sobrancelhas ralas e caídas, consolidando um semblante de pena.

Desligou o aparelho e me fitou de cima a baixo. Ela já sabia, ficou claro na forma como seus olhos procuraram os meus pulsos sob a roupa.

— Olá, querida!

— Bom dia, Lindsay! — Vi, pelo passo que ensaiou em minha direção, que se aproximaria, mas queria fugir de ter de explicar alguma coisa, por isso dei um passo para trás, uma linguagem silenciosa que berrava o quanto não queria a sua proximidade. —

Pode avisar ao senhor Drake que preciso falar com ele, quando acordar?

— Ora, ele já está de pé. Está tomando café na copa. O patrão havia pedido para que eu levasse algo a você no quarto de hóspedes.

— Acordei cedo, não? — Dei um sorriso tenso. — Preciso ir... Até mais!

Ela assentiu, me encarando com curiosidade. Sabia que a governanta não contaria ao meu avô. Lindsay, por alguma razão, não gostava muito dele. *Velho Jack* volta e meia reclamava que, se ela trocava duas palavras com ele durante o dia, era muito.

Caminhei pela sala, vendo que tinha alguém do lado de fora da casa substituindo o vitral quebrado. Depois, passei por um corredor abaixo da escadaria que levava a um cômodo amplo, então, respirei diante do arco ovalado que era a entrada de uma sala extensa.

Senti a queimação na barriga quando tive coragem de, após soltar uma lufada de ar, entrar na copa de paredes cinzas e rodapés cor de vinho. A mesa enorme e retangular comportava dez lugares. Seu tampo negro ostentava uma variação de comidas diferentes, e Drake, na outra ponta, estava lendo o jornal da cidade e tomando um líquido de uma xicara negra que, pelo cheiro, continha café.

Seu rosto estava amassado, os olhos, um pouco cansados, mas seu rosto se acendeu quando me viu. Ele ficava bem de branco, e a regata que trajava deixava seus músculos à mostra. Drake não era exageradamente grande, como Bran ou Zayn, mas era o conjunto ideal, bonito, em forma e tinha um ar de mistério que tornava ele o homem perfeito.

— Fantasminha, bom dia!

— Olá! — Com um sorriso apático, caminhei até uma das cadeiras de madeira preta e tampos de

veludo vermelho, e segurei o arco do topo dela. — Queria agradecer por tudo o que fez por mim ontem, e pedir desculpas por ter me metido em confusões que respingaram no senhor. Garanto que não vai mais acontecer.

Tentei que meus olhos não fossem para os quadros de molduras vermelhas com retratos e mais retratos dos antepassados do senhor Walton. Não conseguia desviar pois formavam uma árvore genealógica que terminava em Drake e nos dois filhos.

— Está tudo bem, Emily. — Ele soltou o ar pelo nariz, largando o jornal sobre a mesa. Apontou para uma das cadeiras. — Pare de me chamar de senhor, é apenas Drake. Agora, vamos, sente-se e tome café comigo.

Queria deixar o nome dele escorrer solitário pela minha boca, mas soaria patético. E embora fosse gostar de chamá-lo apenas pelo nome, como fazia na segurança dos meus pensamentos, faria em outra hora.

E mesmo que meu corpo precisasse de uma boa dose de cafeína, eu não queria mais ficar ali. Já tinha dado trabalho demais e precisava guiar meu corpo pesado para longe.

— Não estou com fome e, de todo jeito, preciso ir, pois tenho algumas coisas para resolver na biblioteca.

Drake assentiu, me observando com calma. Ele se recostou na cadeira e alisou a barba, me fitando da cabeça aos pés. Era uma inspeção. Embora não houvesse nada cálido o suficiente no olhar dele, para sugerir algo que me desse esperanças, eu corei.

— Pegue um dos sapatos de Lindsay emprestado. Vai ficar doente se continuar descalça assim.

— Vou pedir a ela, pode deixar. E obrigada! — Engoli em seco, as mãos suando pelo que, de fato,

precisava pedir. Foi difícil encontrar o conjunto exato de palavras para que aquilo não soasse como algo contra o *Velho Jack*. — Preciso pedir mais uma coisa, que meu avô não saiba do que aconteceu. Ele mal terminou o tratamento da metástase do câncer, ainda tem a diabetes e o irmão dele, que está doente. São problemas o suficiente para lidar.

— Não achei que, depois da castração para conter o câncer na próstata, Jack acabasse tendo metástase. Percebi que isso o abalou muito, tanto física, quanto mentalmente.

Talvez ter perdido as bolas tenha o tornado ainda mais amargo.

Um fato era que ele havia se tornado mais agressivo depois da cirurgia e mergulhou de cabeça no álcool.

— Ele está melhor, a quimioterapia trouxe bons resultados — ponderei. — De qualquer maneira, preciso que ele não saiba do que aconteceu comigo, pois se sentirá culpado por me deixar sozinha. E sabe que tudo vira desculpa para ele beber, né?

Não queria que meu chefe visse a mentira na minha cara, porque tudo o que meu avô sentiria seria ódio e vergonha por achar que eu, de algum jeito, escolhi aquilo.

Desviei o olhar de seu cenho franzido.

— Tudo bem. — Cerrou os lábios após dizer, parecendo travar-se de dizer algo. — Vou enchê-lo de funções no domingo, como hora extra, assim, não terá muito respiro para ouvir fofocas. — Tive que barrar o sorriso comovido por ele topar ajudar. — Também vou instruir os funcionários da casa a não comentarem sobre o ocorrido.

Quase emocionada, murmurei um obrigada. Não sabia se seria o bastante para impedir a notícia de ser

soprada pelo vento até o ouvido do meu avô, mas poderia demorar até que acontecesse.

— Estou indo, Drake — avisei, me voltando para a porta.

— Emily!

O fitei por cima do ombro, mordendo a parte interna da bochecha.

— Não hesite em me ligar se precisar de algo!

Assenti e caminhei até Lindsay para pedir um calçado, me perguntando como não me apaixonar por um homem assim...

O fim de semana passou em um piscar de olhos e podia ser resumido como um vendaval de ansiedade. Passei o domingo fora de casa, inventando coisas para não ter que lidar com meu avô. E sempre que voltava, tinha medo de que ele me surrasse por ter descoberto tudo. Ou que juntasse minhas coisas e me colocasse para fora.

Para minha surpresa, embora meu avô me olhasse mais torto do que o comum, em boa parte do tempo em que topava comigo pela casa, não me disse nada. Até trouxe o meu livro ontem à noite, que havia esquecido no cemitério. E apesar de tudo, a presença dele era importante. Assim, eu não ficava o tempo todo achando que alguém invadiria a casa para me pegar.

Na segunda-feira, pela manhã, fui obrigada a retornar à vida social, então, passei um brilho incolor nos lábios, encarando-me no espelho retangular e trincado do banheiro. As paredes de tábuas lascadas e claras destacavam ainda mais minha roupa inteiramente preta.

O reflexo que me encarou de volta no espelho pareceu agradável.

Apesar dos acontecimentos dolorosos dos últimos dias, a atenção e gentileza que recebi de Drake, juntamente com o maldito desejo de Bran, pareciam ter melhorado minha percepção de mim mesma.

Eu não costumava fazer isso, mas esfumei os olhos com sombra marrom e fiz um delineado grosso. E enquanto descia as escadas da casa, torcia para que meu avô não me forçasse a voltar para o quarto e lavar o rosto.

Meu *All Star* preto ecoou pelas tábuas da escada. Amava meus coturnos, mas as feridas nos tornozelos ainda estavam recentes e o cano poderia me machucar.

Meu avô, que tomava seu café da manhã em frente à televisão, assistindo a uma partida de basquete, me olhou de soslaio. Seus olhos gelados percorreram a minha *legging* preta, me congelando no lugar. A calça tinha rasgos horizontais na altura das coxas que chegavam aos joelhos, exibindo trechos da minha pele. E o suéter de tricô negro e solto por cima da calça tinha uma gola alta e cobria bem a tatuagem, assim como os pulsos fodidos.

— Vai sair assim? — perguntou, enfiando a ponta da pizza requentada na boca.

Puxei a alça da bolsa de tecido por sobre o ombro, me remexendo enquanto mordia o canto interno da bochecha.

— Não estou mostrando a tatuagem. — Dei de ombros.

Embora eu não tivesse gaguejado, cada palavra trêmula mostrava minha insegurança.

— Por que luta contra meus ensinamentos, menina burra? Eu brigo para que não acabe prenha como a sua mãe! — Ele riu depois do que disse, como

se não fosse absurdo falar da filha morta daquele jeito. — Faça o que quiser, apenas suma da minha frente! E não me faça passar vergonha.

Pisquei para conter as lágrimas enquanto caminhava para fora, me perguntando se eu iria para o inferno por desejar que ele se engasgasse com a pizza e partisse desse mundo, para que eu pudesse ter alguma paz.

Enquanto atravessava a propriedade para pegar o meu carro, suspirei aliviada por não ver nenhum dos Walton no caminho.

Segui pela calçada, em direção ao posto de gasolina desativado há cinco minutos de caminhada, onde estacionava a minha caminhonete. Do outro lado da rua, duas senhoras que conhecia de vista passeavam com seus cães. Ambas cochicharam enquanto torciam os narizes, com olhos julgadores e enrugados em minha direção. Mais adiante, um homem de meia idade vasculhava sua caixa de correio. Era Donald, um dos vizinhos que costumeiramente via mexendo na garagem de sua casa de fachada azul-céu. Era casado, pai de três filhas pequenas, que acenavam para mim sempre que me viam indo para a faculdade. E, pela primeira vez, Donald me comeu com os olhos e nem disfarçou, lambendo a boca e me encarando como se eu fosse um pedaço de carne gratuito passando à sua frente.

Apertei o passo, dizendo a mim mesma que não choraria.

Eu sabia que os rumores haviam se espalhado, mas se todo mundo estava sabendo, a ponto de a vizinhança me olhar com julgamento, como o *Velho Jack* não me disse nada?

Cheguei ao esqueleto apodrecido de posto de gasolina. As bombas de combustível estavam tomadas pela ferrugem, e a loja de conveniência nos fundos

nem tinha mais janelas. O único carro por ali era uma *Ford F-100*. Quando me aproximei, os raios de sol refletiram na pintura gasta, mostrando os incontáveis arranhões por toda a carroceria.

Assim que entrei na caminhonete e me joguei no banco do motorista, a porra daquele maldito rasgo no estofado incomodou a minha bunda, o couro apontando pra cima, espetando a ponto de eu temer que rasgasse o tecido da roupa.

Eu não queria começar a semana tão mal. Tinha que trabalhar e, embora fizesse coisas que me deixassem feliz na funerária, a tarde na faculdade poderia acabar comigo. Por isso, enquanto manobrava o carro em direção à avenida que me levaria ao centro da cidade, há quarenta minutos daqui, tentei relaxar.

Tamborilei os dedos no volante opaco e empoeirado, enquanto as palavras de "*Bad Guy*" da *Billie Elish* escapavam pela minha boca, acompanhando o rádio.

Com a cabeça longe, dirigi por um bom tempo, até que voltei a mim ao parar em um cruzamento. Estava em um distrito residencial. Sempre que passava por ali, meus olhos eram atraídos para um amontoado de fotos, velas e flores na esquina à esquerda.

Era um memorial para Shelly Greenwood, a penúltima vítima do assassino em série. Seu corpo foi encontrado ali, onde agora traziam presentes em homenagem a ela.

Shadow Valley parecia ter sido amaldiçoada. Por que, dentre tantos locais, foi escolhida para abrigar um monstro?

A ferida em meu peito nunca deixava de doer. Não importava quantas primaveras eu visse passar diante dos meus olhos, nenhuma delas era florida. Eram todas formadas por cinzas. Eu crescia e ainda parecia presa à mesma madrugada.

Desde que minha mãe foi morta, meu peito era formado por uma linha reta, quase nunca batia.

Às vezes, fechava os olhos para dormir e ia direto para um mesmo momento na minha infância, o dia que, congelada, ouvia o barulho de pele sendo perfurada. Vi um homem correndo do lago nos fundos do cemitério Walton. Então me mijei, porque, diante de mim, a minha mãe estava nua, cheia de sangue, morta.

Ainda podia ouvir o barulho da faca a cortando, era um ruído nítido e frenético, indo e vindo e nunca... nunca parava. O vento forte daquela noite soprava o cheiro do sangue dela, junto ao meu xixi, para a minha cara.

Às vezes, mesmo adulta, acordava com a cama molhada e o mesmo cheiro de sangue entupindo o meu nariz.

Era um absurdo que Paine, aquele merdinha gordofóbico, fosse o encarregado de investigar um caso daquele porte, com trinta vítimas. Por que não passaram para os federais? Por que Shadow Valley era esquecida pelo governo?!

Quando o sinal abriu, me obriguei a continuar dirigindo, dizendo a mim mesma que aquele cheiro metálico estava apenas na minha mente, que não estava debruçada sobre a barriga aberta da minha mãe. Mas a mente ainda viajava entre o que fizeram comigo no cruzeiro, o assassinato de Rose Walton, minha mãe e todas as vítimas desse lugar.

Um dia, eu sairia dessa cidade, construiria uma família em um local distante, onde não haveria a sombra de um monstro rastejando e gritando no meu ouvido que um homem escapou depois do que fez com a minha mãe.

Dirigi por algumas ruas, aumentando a música para que o som fosse maior do que o barulho na minha

mente. Olhei pelo retrovisor ao virar em outra esquina, e parei em outro fodido sinal vermelho. Intrigada, percebi que o sedan preto e de vidros escuros, lá atrás, parecia seguir atrás de mim há um certo tempo.

Quando o sinal abriu, dirigi mais rápido, observando, feito uma doida, que poderia vomitar o coração que parecia subir pela boca, que o carro continuava seu percurso atrás de mim.

Minhas mãos ficaram pegajosas sobre o volante, os olhos tão abertos que ardiam, porque precisava piscar. Tentei colocar a mente no lugar enquanto lutava para me concentrar no trânsito e não atropelar ninguém.

Se virasse outra rua com ele ali, pararia o carro e gritaria por socorro.

Sabia que estava ficando paranoica, com a mente gritando a todo momento que o cara que me crucificou estava em toda parte, que feito o Freddy Krueger, surgiria nos meus sonhos, caso fechasse os olhos.

Quando virei em outra avenida, prestes a estacionar em algum canto, percebi que o carro já não estava mais lá.

Meu reflexo no retrovisor era patético, carregado de medo. E suei tanto, que borrei o delineado. Tentei me recompor, secando a testa com a mão trêmula, enquanto percorria o trecho final até a funerária Walton.

Cinco minutos depois, cheguei a um prédio novo de dois andares. Tinha uma fachada bonita, com pedras escuras, janelas enormes espelhadas e quadradas. O estacionamento para cinco carros ficava ao lado, e estacionei na minha vaga, vendo que o carro de Drake não estava por ali.

Antes de sair da caminhonete, sequei o suor da testa com um lenço de papel, mas minha mente

começou a martelar outra coisa: e se o mascarado fosse o assassino da minha mãe?

Não podia ser! Afinal, todas as investigações estimavam que ele era um homem de meia idade. Profissionais especializados traçaram um perfil psicológico para ele, baseado nas vítimas que fazia, no tempo que durou a onda de assassinatos. Eles asseguravam que o AD — assassino das divorciadas — deveria ser um homem divorciado ou viúvo. Isso, há doze anos... A pessoa que me pegou era forte o suficiente para me colocar naquele cruzeiro.

Parecia coisa de gente mais jovem.

Enquanto saía do carro, com os cabelos longos e soltos caídos na frente do corpo, por cima de um ombro, me lembrava dos rumores de um imitador. Eu era mais prática, de início, os cochichos mirabolantes de um copiador do AD não me afetaram. Mas... e se, de tanto suspeitarem disso, de fato surgiu um pupilo perturbado seguindo os passos do *serial killer*? Alguém com outro perfil, que gostasse de brincar com a presa, fazê-la de ratinho, antes de matar? E que tivesse me escolhido, por alguma razão.

Travei.

Quase vomitei, com o coração batendo tão forte que meu corpo parecia prestes a não aguentar.

Tinha algo tocando a minha nuca. Tão sútil, leve e gelado. Meus olhos não conseguiam se fechar, e como uma criança escondida embaixo da coberta e paralisada por medo do bicho papão, eu fui incapaz de me mover. Encarava o cercado alto e negro do muro do estacionamento.

E se fosse ele?

Parecia ter um grito preso na minha garganta, com o roçar suave de algo subindo para a minha cabeça. Eu precisava agir. E, desesperada, forcei meu

corpo a fazer algo desesperado, me virando para acertar uma joelhada no maldito.

Meu joelho atingiu o ar.

Pisquei, vendo um plástico translúcido roçando na minha cara. Xingando, agarrei a porra da sacola que voava diante do meu rosto e soprei o ar com tanta força, que temi que meus pulmões escapassem pela boca.

Quase infartei por uma mísera sacola!

Estava com a mente mais fodida que nunca.

Respirei fundo, antes de entrar na funerária.

A recepção era clara, cheia de flores brancas, que todos os dias eram trocadas pela faxineira. Cumprimentei a atendente debruçada sobre o balcão branco de recepção. Era uma senhora atarracada, com cabelos cacheados e uma pele bronzeada.

Minha salinha era pequena, com paredes azul-céu, duas mesas amplas de inox, uma escrivaninha pequena com cadeira e uma mesinha com rodinhas para instrumentos.

Passei a manhã do jeito que estava habituada, atarefada, com dois cadáveres que precisei arrumar antes que fossem levados para o velório.

Deslizar pincéis de base por peles acinzentadas para maquiar, trazendo a ilusão de vida, era algo que me relaxava.

Voltei ao carro perto do meio-dia. Diante do volante, desejei chorar, sabendo que não tinha como escapar da faculdade. Estava perto da época de provas, e perder aulas me faria tomar no rabo e acabar com um “F” em matérias importantes. Não tinha como escapar de um “C”, era fato.

Embora tivesse um lado *nerd,* apaixonado pela ideia de que todas as minhas notas fossem excelentes para passar com honras para a especialização em

Medicina, sabia que estava com a mente ruim e não absorveria o máximo de conteúdo, como gostaria.

Meu estômago ardia e percebi que tinha de comer alguma merda, ou passaria mal, quando estacionei no campus da Shadow Valley University.

O estacionamento a céu aberto abrigava carros velhos como o meu, caminhonetes potentes e carros de luxo. Tanto quem morava pelo campus, quanto quem vinha de fora, usava esse mesmo estacionamento, por isso, em frente ao meu carro, estavam os veículos do trio descolado e importante: a moto vermelha de Zayn estava entre a picape de Bran e o conversível preto da Madson.

Torci para não ver nenhum dos três. E era uma benção que, por Zayn estudar Educação Física, Madson, Moda e Bran, Física, eu não precisasse esbarrar com o trio com tanta frequência. Raramente tínhamos matérias em comum.

Tirei meu celular da bolsa, enquanto caminhava em direção ao amontoado de torres de quatro andares a muitos metros de distância. Ethan ainda não tinha respondido à mensagem que lhe mandei mais cedo, perguntando se ele viria e dizendo que precisava falar com ele.

Apressei meu passo, porque queria ir ao refeitório e comer alguma coisa, antes de acabar com a pressão baixa.

A aula começava em menos de trinta minutos.

Eu estudava em horários alternados, por isso, minha agenda na funerária era flexível. Drake era um anjo por me permitir o trabalho em meio período. Eu tinha dias com aulas matinais, outros, ao longo da tarde, e dias livres, sem aula alguma.

A universidade era composta por quatro torres principais, onde abrigavam aulas para a infinidade de

cursos que ofertavam, um refeitório, ginásio coberto, sala de música e afins.

Os tijolos vermelhos das torres quadradas eram vibrantes e destoavam do céu cinzento e das árvores parcialmente carecas ao redor. O gramado verde ainda trazia alguma graça, mas em um dia frio, não se via tantos estudantes sentados nele. Um ou outro aluno podia ser encontrado pelos bancos de ferro nas ruelas que ligavam os portões e o estacionamento aos prédios principais.

Ao longe, depois das torres, ficavam as casas das fraternidades, onde os estudantes moravam. A *Blind Crows* era a mais cobiçada, e quem entrava ali, saía com uma carreira de sucesso engatilhada. Já entre as irmandades femininas, a mais prestigiada era a *Midnight Crown*, presidida pela Madson Weber, que era honrada e tratada como um “legado”. E nem se eu tivesse grana, teria sido aceita ali. A filha da prefeita teria feito testes idiotas para cagar na minha cabeça, sem nunca me aceitar.

Zayn e Bran eram legados[3] raros. Além de serem filhos de um ex-*Blind Crows* — Drake Walton —, eram netos de outro: Óscar. Inclusive, fora nessa faculdade que os pais dos dois se conheceram. Meu avô costumava cochichar que Drake estudou nesse campus porque era bom para ele crescer na vida. Todo mundo o respeitava por ser filho de quem era.

Quem tinha grana, podia curtir o modo clássico de se formar: morar no campus. E quem era fodido, como eu, observava as festas ao longe e torcia, com dedos cruzados, para ser piedosamente convidado.

Engoli o máximo de ar que pude e não deixei que o medo do que me aguardava me dominasse, quando entrei na torre onde ficava o refeitório.

O corredor de paredes divididas entre amarelo e branco do térreo estava lotado de alunos.

E eu sabia que era a fofoca mais quentinha do momento.

Olhos piscantes e sussurros chegaram de todos os lados, como paredes tóxicas e radioativas que se fechavam ao meu redor. Eu me resumia a uma atração, e tudo aquilo sufocava, como se eu estivesse presa dentro de uma caixa, claustrofóbica, sem poder respirar.

“Viu o tamanho dos peitos dela?”

“Não sabia que ela tinha tatuagem.”

“Ela podia fazer uma dieta, a barriga dela é imensa.”

“E aquela calcinha? Nem minha avó usaria algo enorme assim...”

Eu tentei conter as lágrimas, piscando muito rápido, e quase correndo, me enfiei no refeitório. Não sabia por que tinha achado que bater as portas de metal amarelo atrás de mim me salvaria.

Saí do inferno e caí no purgatório.

Não havia uma só pessoa naquele enorme salão branco que não olhasse para mim.

A garota fraca que eu era queria fugir, mas a que precisava ser forte não podia. Aquele era o meu espaço, o meu sonho, e não importava o quanto cochichassem às minhas costas ou até na minha cara: ninguém me faria correr dali!

Sequei o indício da lágrima que queria despencar e caminhei.

O meio do salão era dominado por mesas enormes de metal pintado de cinza, com bancos longos que obrigavam todo mundo a sentar lado a lado, como no salão principal de *Harry Potter*.

No canto direito, havia uma cantina que vendia de tudo um pouco, no esquerdo, do outro lado das

mesas, um bandejão. Eu só precisava da porra de uma caixinha de leite e alguns biscoitos.

Tentei não correr enquanto ia para a cantina, mas todos os olhares do lugar recaíam sobre mim.

Os murmúrios faziam a minha pele arder, deixavam minha orelha quente, o peito em frenesi.

"Isso vai passar, Emily. É apenas o primeiro dia depois de tudo. Com o tempo, todo mundo esquece", foi o que repeti infinitas vezes a mim mesma, enquanto sabia que naquele refeitório tinha gente de todos os cursos da faculdade e cada um deles sabia o que havia sido feito comigo.

Paguei a atendente da cantina pela droga do lanche, e quando me virei, dei de cara com a mesa da tropinha do mal.

Madson, usando um vestidinho rosa, estava sentada no meio, entre os filhos de Drake, sugando o conteúdo de uma caixinha de suco. Seu cabelo liso estava preso em um dos lados com uma presilha cheia de brilhos, acima da orelha. Soltou para mim uma piscadinha debochada.

Dei um passo para sair da visão do trio e não consegui me impedir de olhar para o Bran. Ele tinha um pirulito na boca, fazendo volume na bochecha, e estava usando uma blusa cinza, algo raro. A jaqueta da *Blind Crows* era vermelha dessa vez, e combinava com a de Zayn, que, por sinal, olhou para os rasgos da minha calça e sorriu.

Imbecil!

Quando passei por eles, respirei aliviada por não me pararem ou tentarem zombar de mim.

Vistoriando ao redor do salão, percebi que até tinham assentos vazios, mas todo mundo virou a cara ou escondeu o rosto quando percebeu que estava caçando um lugar para sentar.

Ninguém queria ficar perto de uma párea.

— Até que, pelada, você não é tão ruim, noiva dos mortos!

Eu sabia que não deveria caçar mais problemas, depois de ter passado por tanta coisa, mas o meu sangue fervia como se tivessem ateado fogo em minhas veias, e com calma, virei-me para a mesa da *Blind Crows*.

Noah, um rapaz magricela sentado em frente a Bran, tragou um cigarro e riu, os olhos brilhando de orgulho, após sua ofensa. Quando me preparei para xingar o imbecil por ter dito aquilo, Bran se levantou. Seus olhos mortos e escuros se fecharam em mim, depois foram direto para o lóbulo da orelha que mordeu, quase me fazendo sentir seus dentes sobre ela. Sabia que ele estava dizendo que se lembrava do que fez comigo em seu quarto. Depois, deu-me um dos seus sorrisos especialistas em não transmitir emoção.

Esperei que dissesse algo, mas apenas olhou para Zayn, que já estava de pé. O mais novo me fitou com um rosto fechado, inspecionando-me de cima a baixo.

— Tudo bem? — perguntou, passando pelo irmão, sem tirar os olhos de mim.

Soprei o ar em uma risada.

Zayn se importava com meu bem-estar?

— Eu pareço bem, caralho? — Tentei não gritar em meio à tanta indignação, com lanças nos olhos apontadas para ele, a pele inteira pinicando.

Ele torceu a boca em um sorriso e me deu as costas, me fazendo ver a aba de seu boné escuro. Abri a boca para dizer algumas ofensas à Noah, mas o movimento de Zayn fez meus olhos se arregalarem.

Seu braço imenso envolveu o pescoço de Noah, e quando ele puxou o rapaz em uma gravata para fora do banco, o refeitório inteiro silenciou. Seu amigo tentou afastar o braço dele, lhe batendo, lutando em

meio à falta de ar para dizer alguma coisa. Seu rosto fino com as maçãs fundas já lhe davam um semblante assustado, mas naquele momento, Noah parecia encarar a morte.

— Que merda, Zayn... — Madson gritou. — Solta ele!

Seus olhos azuis estavam presos em mim, sem piscar, enquanto aumentava a força com que sufocava Noah. Minha respiração perdeu o ritmo, e apertei tanto a caixinha de leite em minha mão, que temi arruiná-la.

— Isso é um recado para todo mundo. — Bran não estava gritando, mas seu timbre foi tão alto, que ecoou pelas paredes. — Qualquer membro da *Blind Crows* que for pego falando sobre a festa, ou do que rolou nela, será expulso. A regra sobre isso sempre foi clara: o que acontece na festa, fica na porra da festa. — Ele deu um passo adiante e foi até Noah. — E tem mais, não olhem na direção da garota Brown, não sussurrem sobre ela, não zombem dela! A coisa vai ficar feia pra qualquer filho da puta que fizer isso.

E sem esperar, ele soltou a mão fechada e cheia de anéis prateados e grossos na boca de Noah. O barulho da pancada foi oco, mas o gemido do garoto não. Esse foi estridente.

Bran se afastou, alisando o nó dos dedos, os olhos cintilando de prazer, enquanto tirava cada um dos anéis para checar a vermelhidão na pele, mas seu irmão não parou de enforcar o companheiro de fraternidade.

— Zayn, caralho, vai matar ele!

Após seu grito, Madson correu, abaixando a barra do vestido curto até o “amigo” dela. Eu não conseguia piscar. Não conseguia acreditar naquilo, que estavam... me defendendo.

Os olhos de Zayn ainda estavam grudados no meu rosto, deixando uma mensagem.

Ele estava fazendo aquilo para mim.

Neguei, piscando tantas vezes, que a lágrima contida ainda escapou. Eu a limpei, porque em meu peito não havia gratidão, mas raiva.

Ele soltou o garoto, que despencou de lado, com sangue mesclando-se a uma espuma branca em sua boca. Bran deu um tapinha no ombro do irmão, segurando o pirulito com a mão machucada pelo soco. Quando passou por mim, fingiu que eu não estava mais ali, voltando para seu lugar como se nada tivesse acontecido.

Madson permanecia agachada, junto à outra galera da turma deles, acudindo o imbecil do Noah. Eu não consegui sentir pena. Ninguém naquela porra tinha dó de mim.

Zayn chegou ao meu lado e pinçou o meu queixo com leveza. Quase quebrei o pescoço para encarar o rosto dele, enquanto eu tentava, pelo olhar, transmitir a mensagem de que queria socar a sua cara.

— Só a gente pode chamar você assim, noiva dos mortos. Você é nossa. — Puxei o rosto para longe do seu sorriso sádico e satisfeito. — De nada, amor!

— Vai se ferrar! — Rosnei.

Decidi que não iria embora.

Eu era a vitima daquela porra toda! Por isso, com ódio queimando o meu estômago e fazendo uma coisa ruim subir até minha boca, fui até uma galera sentada mesas adiante e me enfiei em uma ponta afastada.

Com as mãos tremendo, rasguei a embalagem do leite e tentei tirar o gosto amargo da boca com ele. Ainda sentia os olhares sobre mim, espetando as minhas costas, mas o refeitório estava tão silencioso quanto os muitos enterros que presenciei.

Não me emocionei com a ceninha. Era muito claro que eles tinham me protegido de Noah, mas

apenas porque eram os únicos que se achavam no direito de me humilhar.

Quase dez minutos de silêncio sepulcral dominou o refeitório, e eu ainda estava tentando empurrar a segunda bolacha de água e sal para dentro da boca.

— Sabe, acho que tem mesmo um imitador do AD. A minha mãe disse... — Madson cortou o silêncio.

— Para de falar nessa merda! — Bran a cortou, sendo tão rude, que eu quase olhei por cima do ombro para ver a cara dela. Ele não a tratava assim. Parecia... gostar dela. — Quanto mais vocês repetem isso, mais se torna real.

Então ele também tinha medo de um copiador?

Emily Brown

Tive apenas duas aulas no dia, e para variar, não consegui me concentrar. Até os professores pareciam saber da fofoca e me encaravam hora ou outra.

E nem tive o Ethan por perto, porque me disse por mensagem que a avó dele estava com problemas e, por isso, não poderia vir. Ele estava sumido desde o dia da festa, e queria muito vê-lo para poder desabafar.

Cheguei em casa antes do anoitecer, o que era bom. Quando tinha aulas a tarde toda, ficava morta ao fim do dia e ainda tinha que limpar a zona que meu avô largava pela casa.

Estava atravessando o jardim da casa de Drake, meio vacilante, porque a ponta do tênis começou a fazer pressão nos machucados dos meus tornozelos ao longo do dia.

Meu corpo também estava pesado e eu sabia que não tinha como minha energia ser das melhores, depois de tantos problemas.

Do topo das escadas de sua varanda, Drake acenou para mim. Se antes meus músculos estavam duros, viraram geleia como num passe de mágica. Ele segurava uma caixa em uma mão e com a outra,

puxou a barra do blazer preto para cima da calça de alfaiataria justa em suas coxas.

Nem tentei esconder o sorriso ao me aproximar.

Feito uma boba completa, seguia cheia de borboletas no estômago enquanto notava que ele havia aparado a barba, a deixando bem ralinha e marcada com navalha. Seus olhos cintilavam, parecendo tão alegres quanto a composição das minhas células conforme o encarava.

Não precisei subir as escadas, pois ele chegou até mim, na base.

— Boa tarde, fantasminha!

— Olá, Drake.

— Hum, nada de senhor? — Levantou uma sobrancelha.

Neguei com a cabeça, mordendo o lábio inferior para conter uma risadinha.

Foi um alívio dizer apenas “Drake”. Na minha cabecinha fantasiosa, a gente já tinha passado dessa fase, porque, mesmo que nossas interações fossem sóbrias e em maior parte formais, pois aconteciam na funerária, a gente se via todos os dias, praticamente.

Ele tamborilou os dedos sobre a pequena caixa vermelha. Estreitei as sobrancelhas, mas para não soar enxerida, subi meus olhos aos dele.

— Está melhor? — perguntou.

— Dentro do possível — expliquei, notando que seus olhos encaravam a minha boca enquanto ela se mexia. Será que estava suja de comida? Comecei a piscar, limpando-a às pressas com o dorso da mão. Confusa, ouvi o seu pigarro, e notei que ficou vermelho como um pimentão. Tratei de aprumar a postura e prosseguir: — E... e você?

— Estou ótimo. — Com um sorrisinho enviesado, ele estendeu a mão para mim, ofertando-me a caixa. — Trouxe uma coisinha para você. Espero que goste!

Tentei não demonstrar em meus olhos carentes que presentes mexiam comigo. Fora o globo de neve de Ethan, fazia muito tempo que não ganhava nada.

Meu coração saltitava, ainda mais alegre do que o meu sorriso, enquanto abria a caixa, nem ligando para o fato de arregaçar o enorme laço vermelho do topo. Enrolada em papel de seda vermelho, uma redoma de vidro pouca coisa mais larga que a minha mão quase reluzia. Ou seriam meus olhos emocionados que viam faíscas cintilantes no presente?

— Isso é lindo! — Droga, eu não consegui segurar o grunhido, tampouco os pulinhos animados que chacoalharam a caixa e fizeram meus tornozelos queimarem de dor. Drake, meio desajeitado, segurou-a para mim, enquanto, após controlar o pequeno surto, eu retirava o objeto de dentro dela. Era um tanto pesada e, dentro da redoma, protegida e majestosa, havia uma rosa preta. — Ela é de verdade?

Ele riu da minha pergunta, e foi tão lindo. Um sorrisão amplo e repleto de dentes claros e alinhados. Seus olhos se enrugaram um pouquinho e algumas linhas de expressão apareceram nos cantinhos. Eu as beijaria, uma a uma, se pudesse.

Acabei mordendo os lábios o encarando, e revidando ao focar os olhos na minha boca, ele raspou a garganta e engoliu em seco.

Meu coração se descompassou, nem consegui disfarçar o peito subindo e descendo. Ele... estava... flertando comigo?

— É sim.

— Não sabia que existiam rosas negras.

— É, um rapaz de uma floricultura em Salém, Ethan, me cativou com a história dela. Eu também não sabia que existiam rosas escuras assim. — Ele apontou para a redoma. Ainda estava hipnotizada pelas pétalas cheias e o caule com alguns espinhos. — Ela é turca e

conhecida como “Rosa negra de Halfeti”. Essas rosas são raras e sombrias assim, por uma combinação muito precisa de fatores, como o solo alcalino e as altas temperaturas. — A voz dele soou mais trêmula. Não entendi o porquê. — E só restou a elas se adaptarem, escurecerem, para assim sobreviver.

— Ele te disse isso tudo? — perguntei, segurando um sorriso, porque sabia que esse Ethan provavelmente era o meu amigo.

Ele trabalhava em uma floricultura em meio período. Certamente nenhum dos dois entendia quem era o outro. Ethan nunca tinha visto Drake pessoalmente, embora soubesse seu nome, porque era pai dos dois capetas mais famosos do campus.

— Apenas a história da rosa, a parte filosófica é toda minha.

Inclinei a cabeça, fitando a beleza do presente.

— E por que a redoma?

— Ela protege das condições climáticas. Pode chover do lado de fora ou ficar tão quente a ponto de matar todas as rosas, mas as flores na redoma sobrevivem.

Os olhos dele estavam mais fechadinhos do que nunca, incandescentes e a calidez ali era quase palpável.

Drake parecia orgulhoso do presente.

Eu nunca senti meu estômago dando tantas voltas. Parecia ter passarinhos batendo asas dentro dele.

— Por que o presente?

Eu não faria o cu doce de dizer que não precisava. Porque, céus, precisava sim!

— Você faz muitas perguntas. — Ele estalou a língua, parecendo mais sem jeito.

— Sou uma garota curiosa.

— Não tenho dúvidas disso. A primeira vez que a vi no cemitério, você estava perambulando com um livro aberto, recitando uma frase sozinha e iluminando as páginas com uma lanterna quase maior que a sua mão. — Seu rosto se fechou, quase congelou. Ele observava o movimento incessante da minha garganta enquanto eu engolia em seco, cheia de expectativas do que Drake diria. — "É loucura odiar tod..."

— "(...) todas as rosas, porque uma te espetou"[4] — concluí a frase junto com ele.

— Isso mesmo.

Minha mente entrou num túnel e relembrei aquele dia.

Drake tinha me assustado ao surgir por trás de mim, gargalhando do meu susto e dizendo que era eu quem parecia um fantasma, usando vestido branco e, no meio da noite, andando entre os mortos.

Como me esqueci daquilo?

Foi ali que o apelido surgiu.

— Por que se lembra disso?

— Acho que porque pude ver o buraco no seu peito. Sabia da sua história, mas foi ali que percebi o quanto você estava sofrendo.

— Achei que ninguém pudesse ver... — murmurei, cada palavra parecendo ter o peso de um elefante sobre a minha língua — digo... a dor dentro de mim.

— Ela cintila pelo seu rosto lindo e triste, escapa pelo seu sorriso, que quase nunca chega aos olhos. Às vezes, fantasminha... — suspirou — as pessoas nos olham até do avesso, mas não nos enxergam. Mas eu, eu enxergo você.

Não controlei o impulso de me atirar nos seus braços, derrubando a caixa de suas mãos no caminho. Com uma mão equilibrei a redoma, com a outra, agarrei nas costas dele. Não ligava se ele não

retribuísse, mas eu sentia as suas palavras fazendo eco nos meus ossos, caminhando com o sangue do meu corpo e bombeando no peito.

Sempre achei que ninguém, por mais que olhasse para mim com força, fosse capaz de ver que meu coração era formado por cinzas.

Senti, com os olhos molhados, que Drake me abraçou de volta, se curvando para me cobrir com o seu cheiro.

Deitei a cabeça em seu peito, que batia tão forte quanto o meu. As mãos dele foram para as minhas costas, uma alisava o meu cabelo, a outra apertou a minha pele. Não era um abraço de pai, porra, não. Mas também não era algo safado. Era... carinhoso, doce, e o suspiro que ele deu ao lado da minha cabeça quase mudou minha composição corporal para me transformar em geleia.

Deus, como passaria uma corda ao redor do sentimento contaminando o meu peito, para sufocá-lo, se Drake continuasse me tratando assim? Me sentia o *Homer Simpson* no meme em que estava vestido de noiva, a cada vez que Drake apenas olhava para mim, ou a própria Noiva Cadáver, enfiando a mão ossuda na cara dele para dizer que aceitava me casar, apenas por ele me atirar algumas palavras bonitas.

Comprimindo os lábios, querendo montar acampamento naquele abraço, inclinei a cabeça para trás e olhei para cima. Drake estava respirando pela boca, seu sopro quente indo direto em minha face, quando ele subiu uma das mãos para o meu rosto, retirando fios de cabelo da minha testa.

— Pode dormir na minha casa quando seu avô não estiver. Comigo, estará segura.

Minha barriga ferveu na mesma temperatura que minhas bochechas, e minha cabeça misturou as palavras, sem entender direito o teor daquele convite.

— Boa tarde! — A voz zombeteira soou bem alta, passando ao nosso lado e me arrancando à revelia dos pensamentos.

Drake e eu nos afastamos em um segundo, tão rápido, que foi como se nunca tivéssemos nos tocado.

Bran, com uma mochila nas costas, subia as escadas da casa. Ele olhava do pai para mim, o rosto fechado, embora uma curvinha no canto da sua boca pintasse um letreiro no rosto dele, dizendo que estava satisfeito por nos pegar no flagra.

Nosso abraço não estava parecendo algo errado, não até ver esse julgamento gritando na cara maluca de Bran. Quando puxei a redoma com a rosa contra o peito, girei um pouquinho de lado, nervosa. Só não esperava dar de cara com meu avô de joelhos em um dos canteiros de rosas do jardim. Se me ameaçando ou não, ele fechou a enorme tesoura no caule de uma rosa vermelha e a decepou.

Como eu não o tinha visto ali?

Engolindo em seco, me virei para o Drake e, atrapalhada, cuspi as palavras enquanto me virava para ir embora.

— Preciso ir.

— Boa tarde, fantasminha!

Droga!

Caminhei para casa, a mente longe.

Os ruídos na minha cabeça produziam um barulho horrível, com palavras misturadas que berravam que eu estava encrencada com o meu avô, ao mesmo tempo que validavam algo muito sério: Drake, talvez, estivesse interessado em mim.

Quando entrei na sala de casa e tentei fechar a porta, um baque a empurrou em cima de mim, me fazendo cair de bunda no chão.

— Vadiazinha oferecida — ele gritou.

A redoma com a rosa caiu no chão, junto com a minha bolsa, mas não quebrou. Estiquei a mão, tentando me jogar para o lado e alcançá-la, mas meu avô meteu o cabo da bengala no dorso da minha mão. Ele empurrou com força, esmagando a minha carne contra o assoalho. O gemido saiu arrebentando a minha garganta, forte na mesma proporção em que meus olhos escorreram. Ele repetiu o movimento várias vezes, como se martelasse minha mão com o cajado. Desejei me enrolar ao redor da redoma e a proteger quando ele parou de me machucar, mas, se o fizesse, o foco da raiva do maldito se voltaria para o presente. Apenas me encolhi, sentindo as mãos dele se enrolando em meu cabelo quando jogou a bengala longe.

— Para! — gritei e tentei empurrá-lo na altura dos joelhos, mas isso não foi o bastante para impedi-lo de me dar um tapa que me fez cair deitada.

Sem sustentar seu corpo após a força do golpe, *Velho Jack* se estatelou de bunda no chão à minha frente.

Seus olhos injetados e vermelhos me encaravam, enquanto ele segurava o peito e ofegava.

Vai, infarta, miserável!

— Você é uma vagabunda como a sua avó. Herdou essa podridão dela! E pode abrir as pernas para o dono da casa quantas vezes quiser... — Tentei tapar os ouvidos com as mãos, mas o maldito se arrastou até mim e as forçou para baixo, enfiando suas unhas sujas e rasgando a minha pele, para continuar latindo suas ofensas: — Drake vai meter um filho na tua barriga, mas não vai assumir. E tu vai parir um bastardinho, igual a você.

— Cale a boca! — berrei.

Eu podia ouvir as borbulhas do meu sangue em erupção, enquanto reunia o ódio dentro de mim e o

empurrava com força.

Ele me encarou, os olhos cheios de pavor.

E segurando seu macacão azul na altura do peito, me ajoelhei diante dele e berrei:

— Cale sua boca moribunda, *Velho Jack*! — ordenei, depois, gritei feito uma desvairada, por tanto tempo, que até o diabo que morava em seus olhos se assustou.

Eu gritei até perder a força, com minha saliva caindo no rosto dele.

Gritei até que o berro me quebrasse, a ponto de terminar em choro, até sentir o peito doendo tanto que caí sentada à sua frente, sem conseguir afastar a testa do seu peito fedorento.

— Quer parir uma criança que se sinta como você? — ele perguntou, sem me empurrar, parecendo cansado. — Que não tenha pai? Que se você morrer, vai ficar sozinha nesse mundo?

O álcool evaporava pelo seu suor, mas suas palavras amenas faziam a bile subir pela minha garganta. Não era nem condescendência, mas pura manipulação, como se ele estivesse sendo cruel para o meu bem.

— Por que você me odeia tanto, vô? — Rastejei para longe dele, os olhos pesados e doendo ao encarar sua face velha e vermelha. — Eu sou a única coisa que restou da sua filha e me trata como um lixo.

— Você é um fardo que caiu no meu colo. — Riu, sem emoção alguma. — E que sou obrigado a carregar como se fosse meu.

Me inclinei para o lado e arrastei a redoma para o meu colo, puxei a bolsa para o meu ombro e me forcei a levantar. Minha cabeça doía, enquanto sugava o sangue da língua, que mordi com a força do golpe que ele deu na minha cara.

— Se eu sou um fardo, imagine sustentar um velho bêbado e abusivo como você... Você pesa, e fede, e faz bagunça — eu ri. — Posso acabar me cansando disso tudo, *Velho Jack*. — Era libertador chamá-lo assim na sua cara. — Posso ser muito parecida com você também, caso queira ser cruel.

— Está me ameaçando, Emily?

Eu não vacilei no jeito como o encarei, como fitei sua barriga inchada.

— A gente cansa de dar amor a quem só recompensa com dor. Faz muito tempo que não te amo, que deixei de ser a garotinha que não entendia por que o avô dela, a única pessoa que ela tinha no mundo e a quem pintava a porra de desenhos na escola no dia dos pais, a prendia no escuro para não chorar e pedir pela mãe, que a fazia botar compressas geladas no rosto, depois de a surrar. Agora, o que sinto por você é quase tão podre quanto a sua alma.

O silêncio que recaiu sobre as paredes da casa foi mais denso do que nossas almas.

Jack pareceu, pela primeira vez, baqueado com as minhas palavras.

— Você sempre foi muito chorona. Eu odeio lágrimas.

— Eu vi a minha mãe morrer, porra! — Rosnei. — Como não chorar?

— E eu vi a minha filha estripada também. A minha filha! — ele gritou. — E não chorei. Eu cuidei de você, menina. Mesmo que não quisesse, eu o fiz.

— Não! Você me estragou. Me fez crescer com tantos maus tratos que minha mente é podre, deturpada e carente, e a porra da culpa é sua! Se tivesse me amado um pouco mais...

— Eu nunca amei você, menina. Nem pouco, nem muito. — Ele interrompeu, os olhos tão sombrios, e ao

mesmo tempo com um brilho sádico, que quase dançavam.

Ele se deliciou notando o quanto aquela frase chegou a mim como o soco mais forte que poderia me dar.

Ela entrou como um ácido, corroendo tudo por dentro.

Assenti, mas não chorei. Ergui o queixo e me virei. Subi o primeiro degrau da escada e só então olhei para ele. Forçando um sorriso, devolvi:

— Que bom. Assim, se eu decidisse acabar com seus maus tratos, não sentiria culpa ao colocar veneno na sua comida — ele quase expulsou os olhos do rosto com minhas palavras — ou se te sufocar com o travesseiro para uma morte tranquila durante o sono.

Jack não disse uma só palavra quando subi as escadas. Mas nada me impediu de cair na cama e desmoronar, me resumindo à chorona que ele me acusou de ser.

Deitada ali, quando olhei para cima, encarei as incontáveis folhas de papel A4 coladas no teto. Eram desenhos realistas feitos a lápis, que retratavam a mim e minha mãe na praia, nós duas em frente a um campo de lavandas, a gente na torre Eiffel. Eram obras de arte que ela tinha feito de nós duas quando eu era pequena. O maior tesouro que tinha na vida eram aqueles desenhos dos nossos "era uma vez".

Promessas de momentos que viveríamos juntas.

Talvez, em um universo paralelo, a gente pudesse ter vivido como mãe e filha, ter ido à praia como ela sempre prometia que me levaria, ou visitado os campos de lavanda em uma cidade vizinha que ela dizia ser a coisa mais linda. Em outra vida, a gente poderia ter sido feliz. Eu teria crescido com uma mãe que me amaria e me trataria com respeito, como ela fazia antes de ser assassinada.

Uma mãe que me faria crescer como uma mulher confiante, com alguma parcela de amor-próprio.

Sabia que precisava aceitar essa existência, com um pai que foi comprar cigarros desde que minha mãe contou que estava grávida, uma existência emocionalmente abalada desde os oito anos. E mais sozinha do que nunca, me perguntava qual era o sentido de viver daquele jeito.

Eu tentava me lembrar de que tinha um propósito em existir. Que, um dia, me tornaria médica e teria meu emprego dos sonhos como legista. Conheceria um cara legal. Viveria uma vida onde voltaria para casa todos os dias com uma família me esperando para jantar.

Uma que me amaria.

Uma em que não me sentiria um fardo, penetra, ou vadia.

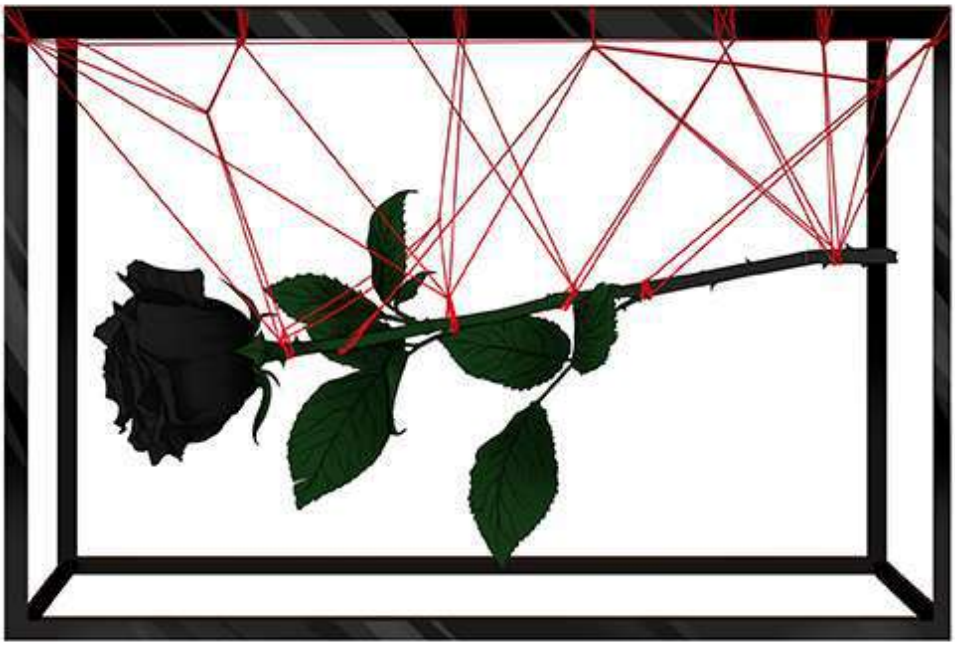
A família onde seria vista com carinho e a quem eu daria o amor que existia em mim. E então, mesmo naquela existência, teria outra vida. Uma vida mais feliz. Porque era isso o que me fazia não desistir de viver.

Era uma questão de honra enfiar na cara do *Velho Jack* que, um dia, eu seria amada e valorizada por alguém.

---

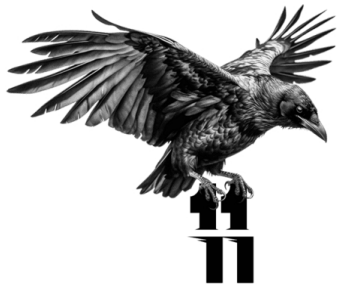
[1] O pequeno príncipe, Antoine de Saint-Exupéry.

[2] Personagem do filme dirigido por Tim Burton.



ATO II
Confusão

“Mas dessa vez eu tenho a minha opinião formada.
Porque há uma ameaça em minha cama.
Você pode ver a silhueta dele?”
Trouble – Halsey



Emily Brown

Terminei de colocar a louça na máquina antiga e, enquanto secava a mão, fiz movimentos de vaivém com os dedos, para checar se ainda tinha algum resquício de dor.

A mão esmagada pela bengala do *Velho Jack* parecia melhor, e os pulsos e tornozelos já tinham cascas secas, mas as feridas internas, essas ainda doíam.

Desde que meu avô me agrediu, após o presente de Drake, não nos falamos. Fazia quase uma semana que ele havia me deixado em paz. *Velho Jack* passava boa parte do tempo na rua e quando chegava, era eu quem saía.

Tinha visto Drake poucos dias na semana, porque ele estava com mais viagens de negócios do que de costume. E com a proximidade do final de semana, sabia que o meu avô iria para a casa do irmão. Então, toda hora sentia o ímpeto de perguntar ao meu chefe, por mensagem, se podia mesmo dormir na casa dele. E nem era apenas o lado apaixonadinho querendo proximidade que me obrigava a pensar nessa saída, era o sentimento de peito esmagado com as

lembranças da festa no cemitério que faiscavam na minha mente.

Pelo cantinho dos olhos, vi que meu avô havia colocado algumas caixas em cima do balcão da sala, provavelmente a correspondência, mas seguindo a nova dinâmica da casa, não olhamos na cara um do outro.

Só fitei a pilha de coisas quando ele bateu a porta da sala atrás de si e sua bengala retiniu nas tábuas da varanda. Uma caixa parda estava cercada de envelopes com contas.

Estalei a língua, entendendo a razão de ele as largar ali. As contas eram para mim, porque a grana dele era para as suas noites de bebedeira. Já o meu dinheiro... esse era consumido para nos sustentar.

Xingando baixinho, encarei os boletos desejando chutar o balde e não quitar nada, para ver aquele velho abusado se coçar para pagar, mas o que roubou minha atenção dos pensamentos de querer ferrar com o *Velho Jack* foi a caixa.

Fazia um bom tempo que não comprava nada na internet, por isso, puxei-a para perto. Tinha uns bons cinquenta centímetros. Não havia etiqueta de correio, apenas algo escrito com caneta piloto negra na frente:

“Para Emily Brown”.

Quando a tomei em minhas mãos, o peso era moderado. Virei-a ao contrário, procurando o remetente, mas como já desconfiava, não havia identificação. Dando de ombros, abri uma das gavetas abaixo da pia da cozinha e peguei uma faquinha para legumes.

Quando rasguei a fita e larguei a faca sobre o balcão, juntei as sobrancelhas tentando entender que porra era aquela diante de mim.

Era um artefato retangular formado por vigas de ferro preto. Com cerca de trinta centímetros, parecia

uma caixa vazada, e no meio dela havia uma rosa preta, suspensa transversalmente pelo caule por um amontoado de barbantes vermelhos amarrados nas vigas do topo.

Quando segurei o ferro gelado nas mãos e levantei a peça diante do rosto, me perguntei se aquilo não era um engano.

Quem me mandaria algo assim?

Notei um envelope no fundo da embalagem, tão pequeno, que poderia sumir em minha mão. Pousei o artefato no balcão e puxei o cartão vermelho de dentro do envelope preto. Intrigada, pousei meus olhos nas letras escuras.

“Já que gosta de presentinhos baratos de homens mais velhos, te ensinarei a gostar dos meus.”

O chacoalhar involuntário de minhas mãos derrubou o cartão no balcão. Cobri a boca, olhando novamente para a rosa, não querendo acreditar que já a tinha visto antes.

Meus pensamentos eram amontoados de nuvens cinzentas, enquanto subia correndo as escadas de casa em direção ao meu quarto. Fui direto ao meu guarda-roupas e, no fundo de uma das gavetas, procurei a redoma que Drake me deu. Escondi-a ali para que meu avô se esquecesse dela e não a quebrasse ou, sem que eu visse, a jogasse fora. Quando a encontrei, meus pensamentos viraram gritos bizarros dentro da minha cabeça.

Estava vazia.

A rosa que tanto amei foi retirada do lugar onde ela poderia viver por bastante tempo, protegida para me lembrar de que Drake gostava de mim a ponto de me dar algo tão especial. E mesmo quando murchasse, a carregaria sem vida, porque o significado dela ficaria em meu peito para sempre. A redoma quase escorregou dos meus dedos, deslizando pelo suor

pegajoso e frio que tomava a minha pele. E não querendo estragar o que ainda me restava do presente, a enrolei de volta em uma de minhas blusas e fechei a gaveta.

Não tinha dúvidas: foi ele!

O mesmo cara que invadiu a minha casa e me maltratou daquele jeito.

Ele entrou aqui novamente, pegou a rosa e fez aquela coisa absurda, contaminando a minha cozinha com sua energia ruim.

Somente duas pessoas viram Drake comigo no jardim. O *Velho Jack* estava lá, mas meu avô não tinha sangue frio para fazer palhaçadas assim. Joguinhos mentais eram a cara do maldito Bran Walton. Não era possível que tivesse uma terceira pessoa à espreita, sem que eu tivesse visto...

Não ficaria em casa remoendo aquela merda, por isso, me arrumei, peguei minha bolsa, a maldita ameaça em formato de caixa e pisei duro por todo o trajeto até o meu carro.

Não podia simplesmente colocar a rosa de volta na redoma, ou deixaria de ser uma prova de que eu tinha um perseguidor, um fodido *stalker* como aqueles dos filmes de terror.

Me restaria saber que, quando a enfiasse em sua proteção de vidro, se a tivesse de volta, ela murcharia mais cedo. Talvez pudesse levá-la ao Ethan, em algum momento, pois ele era especialista em flores, e aprimorava isso estudando Biologia.

Um vento frio uivava enquanto cortava a cidade naquela manhã, com chuviscos espaçados caindo hora ou outra e cobrindo o chão com algumas poças de água. Razão pela qual eu estava usando galochas e uma capa de chuva amarela — que parecia um presságio para que um palhaço surgisse no bueiro, me convidando para engolir o meu braço.

Agradeci por não ter pingos de chuva caindo naquele momento ou poderia foder mais minha pobre rosa.

Embora fosse dia, quando o outono e o inverno chegavam, Shadow Valley se tornava mais escura, presa nas teias de uma eterna neblina. As pessoas costumavam brincar que no pórtico da cidade deveria ter o letreiro com a frase “Bem-vindo a *Silent Hill*”, e para emoldurar bem, alguns buracos de faca bem em cima das palavras seriam uma boa pedida.

Dirigi por meia hora até a delegacia da cidade, sentindo o fogo do inferno comendo a minha carne a cada vez que olhava de soslaio para a flor amarrada.

Estacionei em frente a um prédio largo com telhado reto, dois andares e uma fachada de pedra lisa e cinzenta. Abrigava nele um time de incompetentes, coordenados por um homem tão desqualificado quanto seus subordinados. E, embora eu não quisesse fazer barulho ou denúncias após o cruzeiro, e estivesse muito abalada pelo jeito como Paine me diminuiu, ainda precisava parar quem quer fosse o responsável por tudo aquilo. Afinal, estava recebendo ameaças.

E se tudo piorasse?

Se meu perseguidor ficasse mais violento?

Era certamente alguém obcecado, dado os esforços para brincar com a minha cabeça. Se seu primeiro ato para me machucar foi uma crucificação, o que viria depois?

Foda era que estava em um momento tão diferente com Drake...

E se o xerife decidisse, por um milagre divino, se esforçar para descobrir o responsável por aquela perseguição e de fato fosse um dos garotos Walton? Tudo entre meu chefe e eu poderia se dissolver como poeira. Se é que realmente existia algo.

Ou eu, uma tola emocionada, estava vendo flores onde não crescia nada?

Engoli em seco, o peito palpitando, enquanto descia do carro e encarava algumas viaturas de polícia diante da delegacia. Olhei ao redor, sentindo algo macabro tocando a minha pele, subindo feito um rastro gelado, rastejando pela minha espinha, me arrepiando.

Girei sem sair do lugar, procurando pelas redondezas, com a impressão tatuada na mente de que alguém estava me observando. Carros aceleravam pela via, uma mulher jovem corria com seus fones de ouvido, exercitando o corpo magro na calçada da delegacia, e atrás dela, um sem teto carregava um saco de dormir enrolado embaixo do braço.

"Você está paranoica, Emily!", sussurrei, balançando a cabeça e subindo os cinco degraus de escada que davam em amplas portas de vidro, sentindo que levantava os pingos de água do chão e molhava a minha *legging* preta.

A sala de espera da delegacia tinha paredes claras, cadeiras simples e um balcão de recepção onde um oficial de cara amarrada fazia anotações em seu *notebook*. Por trás do vidro de proteção, ele digitava, parecendo fingir que ouvia a senhora à sua frente que, com uma voz aguda, reclamava sobre o som alto das fraternidades da faculdade, que ficavam próximas à sua casa e estavam abalando seus nervos.

A sala estava vazia.

E não sabia se era o nervosismo que me fazia focar na luz tremeluzindo e fazendo sombras estranhas se projetarem nas paredes, ou no bebedouro à minha frente, que por ter uma das torneiras com defeito, pingava gotas incessantes e cujo som parecia amplificado por alto-falantes.

Tudo parecia assombrado ao meu redor, combinando com a agonia dentro de mim.

Tive de esperar o falatório da idosa por dez minutos, até que, por fim, chegasse a minha vez.

— Olá, sou o oficial David Wilson, em que posso ser útil? — A voz baixa e desanimada do homem de pele clara, cabelos raspados e olhos jocosos escapou pelo buraco quadrado no vidro, um pouco acima do balcão, quando me aproximei.

— Eu gostaria de prestar uma queixa.

— Sim...

Minhas mãos tremiam tanto e em minha cabeça a todo momento piscavam alertas, gritando que eu não deveria fazer isso, porque, se meu avô ainda não soubesse de nada, seria impossível não descobrir após eu abrir um boletim.

— Eu... hum...

Ele levantou suas sobrancelhas grossas, a testa lisa adquirindo duas dobras tortas. John se recostou na cadeira de rodinhas azul, cruzando os braços enormes e fortes, esperando que eu desenvolvesse o assunto.

— Qual é o seu nome? — perguntou.

Antes que pudesse responder, escutei alguém dizendo em voz alta.

— Emily? Emily Brown?

Cerrei os olhos e os dentes no mesmo segundo, praguejando, porque a voz atrás de mim era justamente de uma das pessoas que não queria encontrar ali. Virei-me, vendo Jackson Wood, o investigador e braço direito do xerife Paine, sorrindo de um jeito amarelo enquanto segurava um *donut* mordido nos dedos.

— Olá, senhor Wood!

— Posso ajudá-la?

Pisquei para ele, vendo, pelo sorriso debochado e o olhar julgador sobre mim, que ele sabia o que havia

acontecido na semana passada. Não me restava alternativa, eu precisava de ajuda e só por isso, soltei as palavras:

— Tem um homem me perseguindo e me enviando ameaças.

— O mesmo que a teria crucificado?

Ele cruzou os braços tatuados, me fazendo engolir em seco e aprumar a postura.

Não podia recuar.

Era meu direito que eles me ajudassem. Eu era a porra de uma cidadã que pagava seus impostos!

— Sim, esse mesmo! Ele me mandou essa por... — mordi a língua, tanto para conter o tom das palavras que escalava e quase terminava em um grito, quanto para coibir o palavrão de sair — me enviou essa coisa.

Ergui as mãos, mostrando o objeto a Jackson. Ele entortou a cabeça, parecendo confuso e se sentou em uma das cadeiras de espera. Não pegou a caixa, mas deu um pequeno peteleco na rosa, fazendo meu coração doer, com medo de que a estragasse.

— O que seria isso? — Parecia perguntar a si mesmo.

— Eu não sei, mas chegou com a minha correspondência.

Pousei a caixa de ferro em seu colo, depois fucei em meio aos cacarecos da minha bolsa, em busca do envelope. Jackson estreitou os olhos quando aproximei o papel de seu rosto, correndo-os sobre as letras no cartão.

— Senhorita Brown, tem saído com algum colega de faculdade?

Pisquei, tentando entender seu raciocínio, enquanto ele me devolvia a caixa. Estava confusa, tanto pelas palavras quanto por me devolver o que poderia ser uma evidência.

Ele não deveria colher fotos? Talvez, ficar com isso para a investigação?

— Não! Eu... eu não saio com ninguém. Nem de faculdade, nem de canto algum!

— Me parece que isso é uma sútil declaração de ciúmes. — Comprimiu os lábios e a cada vez que a luz assombrada tremia, escurecia sua pele alaranjada e o fazia parecer um camarão. — Ganhou presentes de um cara mais velho?

— Olha só, eu não sou o tipo de garota que pede ajuda — murmurei, uma lágrima escorrendo pela bochecha. — Eu sempre engulo as minhas tragédias, mas, quando preciso pedir, dou de cara com isso... Com oficiais que se recusam a entender o que digo.

Seus olhos se arregalaram. Ele não tinha a mesma cara debochada de Paine. Seu rosto todo pareceu empalidecer diante do meu choro.

— Emily, vi as fotos da festa da fraternidade, e achei que haviam feito algum trote com você. Agora, você vem até a delegacia e diz que tem alguém a ameaçando, mas também diz que não tem namorado. Porém, o bilhete fala que ganha presente de homens mais velhos. Apenas estou tentando entender a situação.

— Eu ganhei um presente do senhor Walton. Essa rosa, mas foi apenas para me consolar pelo que aconteceu. — Não sabia se estava mentindo, porque só tinha certeza da *minha* paixonite. — Então o mesmo maluco que me sequestrou e crucificou invadiu a minha casa, pegou a rosa e fez isso. O que você não entende? — Meu queixo tremeu e nem queria conter a porra do choro. Era desesperador que aqueles malditos não compreendessem a gravidade do que estava acontecendo. — Foi assim que fizeram quando a minha mãe veio até vocês e disse que foi seguida? Vocês riram dela? Vocês a desacreditaram também?

— Ela não veio nesse departamento. Foi ao de Salém — corrigiu. — Como sabe que foi a mesma pessoa da noite da festa? — ele continuou, balançando a cabeça. — Isso parece coisa de alguém enciumado, não uma ameaça. Não pode vir à delegacia com coisas bobas e comparar ao caso da sua mãe.

— Vai ser bobo, até eu ser a próxima mulher morta nessa merda de cidade — gritei, antes de correr para longe.

Quando passei pelas portas da delegacia, soube que estava sozinha.

Ninguém me protegeria de quem quer que meu *stalker* fosse.

Emily Brown

Ethan: Por que não me contou o que fizeram com você na festa?

Eu: Estava com vergonha. Queria te ver pessoalmente para desabafar.

Ethan: Volto na semana que vem para as aulas, mas, por que não vem ficar aqui nos finais de semana em que seu avô estiver fora?

Após ler a mensagem de Ethan, guardei o telefone na bolsa e fui até minha pequena sala de trabalho.

Parada diante do cadáver de uma garota de dezoito anos, eu soube que meu lugar era sozinha com os mortos.

Sempre foi assim.

Não havia quase compreensão alguma das pessoas para comigo. Exceto por Drake, todo mundo me tratava como lixo. Ok, eu não podia incluir Ethan naquele balaio. Embora ele estivesse distante nos últimos dias, sabia que estava pilhado por causa da saúde de sua avó. E parecia preocupado comigo, a ponto de me chamar para ficar na casa deles em Salém. Assim como todo mundo, ele tinha medo por causa da crença no tal copiador do AD[5].

Os cabelos loiros e soltos da menina cintilavam com a enorme luminária clara que pousei no alto, acima de sua face, para ter uma melhor visão de sua pele acinzentada.

Era assim a cor da morte, cinza, apagada.

Seu rosto redondo e os traços delicados demonstram que, em vida, ela se parecia com uma boneca, embora a pele esticada pela perda da elasticidade contribuísse para essa impressão.

Em uma placa de inox que segurava em uma das mãos, molhei o pincel com a base clara, me sentei em um banco de rodinhas e o impulsionei para mais perto da mesa com o corpo dela.

A jovem usava um terninho preto. Era tão pequena...

Morreu de insuficiência renal e sozinha em uma cama de hospital, porque, pelo que soube, não tinha ninguém, além de uma tia distante. Deslizei o pincel sobre o seu rosto, para que a maquiagem a cobrisse com um pouco de vida, e naquele segundo, as sobrancelhas dela se elevaram e meus olhos quase faiscaram.

Eu amava quando o defunto tinha espasmos.

O corpo humano era um universo cheio de complexidades e segredos que ainda éramos incapazes de compreender bem. Mas eu sabia que quando uma pessoa morria, o fornecimento de oxigênio e nutrientes nos músculos era interrompido, o que poderia ocasionar na liberação da energia acumulada neles, resultando em espasmos cadavéricos.

Alguém supersticioso, se visse as sobrancelhas de Annie, poderia correr, dizendo que ela ainda estava viva ou que voltou para assombrar a Terra.

Como assistente de funerária há quase quatro anos, compreendia que eles eram mais comuns do que

a literatura relatava, principalmente quando fazia poucas horas do óbito.

Tirei a luva rosa de uma das mãos e gentilmente massageei sua sobrancelha rígida com carinho, sussurrando:

— Está tudo bem, Annie. — Gostava de imaginar que, quando minha mãe se foi, alguém também foi gentil com o que restava do corpo dela. — Você pode descansar agora.

Sabia que sua sobrancelha não voltaria ao normal, e quando tornei a maquiá-la, cobri bem a mancha roxa imensa que se formou em sua bochecha, resultado de um acúmulo de sangue.

Quando terminei sua pele, notei que a bolota de algodão em seu nariz estava manchada de fluídos vermelhos, e com uma pinça, troquei-o rapidamente por um limpo.

Uma senhora loira e atarracada tilintou seus saltinhos quadrados pelo piso da minha sala.

— Até que enfim, menina. — Ela segurava o quadril por cima da calça de alfaiataria preta. Suas mãos sendo ocultadas pela barra do colete que fazia conjunto com a parte de baixo. Os quadrados e imensos óculos escuros escondiam seu olhar, mas os lábios vermelhos não combinavam com funerais. Geralmente, os familiares estavam em sofrimento, não se importando tanto com a aparência. — Não precisava disso tudo... — Ela apontou para o rosto de Annie. — Emperiquitou ela toda e só atrasou a droga do enterro. — Estalou a língua em reprovação. — Ela não tinha mais ninguém. Só eu e o pastor estaremos no sepultamento.

— O enterro é a última memória dela que você terá. — Tentei controlar minha voz áspera, apenas porque precisava do meu emprego. Mas o desapontamento por seu descaso com a despedida de

sua sobrinha fez minha língua coçar. — Ela merece ficar bonita nessa hora, e ter uma despedida carinhosa da única pessoa que tinha.

A idosa torceu os lábios finos em desdém, o pescoço enrugado contrastando com suas bochechas lisas e esticadas por uma boa quantidade de plásticas.

Respirei fundo, deixando a mulher e sua sobrinha para trás, enquanto me livrava das luvas em uma lixeira na saída da sala.

Se eu morresse hoje, amanhã seria o meu avô agindo assim, torcendo para que atirassem terra em cima de mim sem mal me enfiarem em um caixão, para se ver livre mais rápido.

Depois de higienizar as mãos, enquanto trocava o macacão de trabalho preto com avental de maquiadora pela *legging*, a *baby look* e a capa de chuva que me fazia parecer a Coraline, percebi que a pobre Annie me tocou.

Normalmente o meu trabalho não doía. Eu gostava daquilo, de cuidar da despedida das pessoas, mas esse caso foi tão fundo, que pareceu penetrar meu coração.

Ela era como eu. Sozinha, um fardo para quem deveria amá-la.

Enquanto saía da funerária, percebi que, por mais um dia, Drake não veio. Será que estava me evitando? Ele saía de casa todos os dias, porque eu costumava ouvir o motor potente do seu carro ao longe, de manhã cedo. Sabia que ele tinha negócios em Boston, incluindo um escritório enorme, que era a sede de toda a empresa Walton, uma gigante no ramo funerário. Mas, pelo escritório da funerária ser mais perto de casa, ele passava boa parte da semana aqui.

Meus ombros estavam caídos quando minhas galochas infantis e com a cor de gema de ovo esmagaram uma poça d’água. Era comum que eu só

usasse preto. Combinava com a minha pele e a minha alma, mas, em dias chuvosos, eu gostava de equilibrar o tempo do lado de fora e minha melancolia com alguma cor.

Caminhei para o estacionamento ao lado, tentando apressar a tarefa de encontrar a chave do carro. Então eu senti aquela coisa gelada como o sopro vindo direto das narinas de uma assombração contra a minha nuca.

Era como se eu soubesse que olhos enormes e ferozes estavam em cima de mim.

Agoniada, sentindo o abdômen queimando, me virei.

Ninguém na rua.

Nenhuma só pessoa nas calçadas.

Tampouco nas janelas de suas casas com *telhados em duas águas*[6], do outro lado da via.

Nenhum carro passava na avenida, como se nem tivessem almas vivas morando por aqui.

Estava tão frio, que minha respiração soprava fumaça quando girei sobre os calcanhares e me voltei para o carro. Mas, ali, olhos tão escuros que nem pareciam ter pupilas estavam voltados para mim.

Era como encarar a morte, mas não do jeito calmo que estava acostumada.

Ele parecia o sussurro de uma morte violenta me espreitando. O homem era tão grande, que precisei dobrar a cabeça para encará-lo. Meu corpo, em um movimento tão involuntário quanto a tremida de sobrancelha de Annie, tentava debandar para trás, mas foi impossível abrir a boca e gritar por socorro, quando sua mão cheirando a álcool cobriu a minha boca.

Não havia um pano com cheiro doce naquele momento, e ainda assim, senti minhas pernas cedendo

ao encarar aquela balaclava, o capuz escuro sombreando ainda mais o rosto escondido por tecido.

Era difícil me sustentar em pé com a pressão arterial caindo daquele jeito.

“Por favor”, murmurei quando a mão dele caiu para o meu pescoço, me sustentando contra a queda.

O estranho soltou a minha boca, mas levou o dedo para cima da sua e fez um sinal muito claro: “Xiu”. Pisquei, com lágrimas escorrendo pelas bochechas porque, mais do que nunca, eu soube que não queria morrer.

Nem de um jeito calmo, nem violento.

Eu queria viver.

Observei-o tirando um pano do bolso com uma das mãos, e aproveitando a deixa, dei um passo para trás e me virei. O gesto não foi calculado, foi desesperado e seguido da tentativa de um grito, mas não pude correr mais que três passos.

Foi como um dèjá vu, a cena se repetindo: o forte puxão no cabelo, o pano contra a boca, e sentir o desespero surgindo junto com a onda de sono que me fez apagar.

Foi foda montar o objeto de ferro do jeito exato que criei na minha cabeça. E só depois de muita procura, foi que encontrei um soldador que fizesse a caixa vazada perfeita para recriar um *shibari*, mas em uma rosa.

Ela não gostava de presentinhos? Agora, poderia apreciar de perto como era uma flor amarrada.

Minha obra de arte estava pousada no chão de pedra empoeirado, abaixo do rosto dela, que aos poucos acordava e gemia baixinho.

Acima da rosa negra que enviei de presente a ela, outra espécie de flor jazia suspensa, uma que não tinha pétalas, mas veias corrompidas por baixo da sua pele.

Emily era forjada do jeito certo para ser podre por dentro.

As paredes cinzentas ao nosso redor fediam, provavelmente, porque nos fundos do recinto tinha uma escada que descia para uma cripta subterrânea, onde havia sepulturas com muitas gerações dos Walton enterradas.

O lugar cheirava à poeira e morte, e as velas amarelas acesas pelos cantos do chão de pedra lisa

bruxuleavam e iluminavam a pele clara da mulher diante de mim.

O teto abobadado tinha um gancho de metal resistente no meio, por onde duas cordas desciam e formavam um nó em uma argola grande de aço. A argola sustentava cinco cordas pardas, que desciam por ela e se enrolavam no corpo de Emily, a mantendo suspensa em um *shibari*.

Estava de barriga para baixo, os braços perfeitamente amarrados às costas. Dois lances de corda se desdobravam em seu peito, apertando e estufando seus seios.

Suas pernas estavam dobradas com cordas ao redor delas, fazendo um caracol até os seus pés, que estavam apontados para cima, mantendo os calcanhares direcionados à região das nádegas.

Seu corpo era uma confusão poética de nós e dobras se anunciando contra as cordas.

Nunca vi algo tão bonito quanto Emily flutuando a um metro e meio do chão.

Foi gostoso amarrá-la ali.

A cada nó que fazia, mais linda ela ia ficando. E até relaxei sentindo a textura das cordas, mergulhando no barulho das amarrações.

Em uma cidade com menos de cinquenta mil habitantes, assolada por assassinatos, era comum que as pessoas se recolhessem mais cedo, com medo de que fossem o próximo alvo.

Era costume que os moradores começassem a ficar mais reclusos com a proximidade do inverno. Os dias eram sempre como um entardecer, escuros, e quando chuvosos, pareciam noite. E foi tão fácil pegá-la, desmaiá-la e trazê-la para o *seu mausoléu* em seu próprio carro. A trouxe para o local que amava, e sabia que era tentador dar a ela o final que tanto parecia desejar: a morte.

Talvez sua cabecinha doente fantasiasse com um enterro em uma das covas do cemitério Walton. Eu a vi, muitas vezes, espreitando-a das sombras. Ela era mórbida, gostava de ver exumações com olhos brilhantes e uma curiosidade que escapava pela insinuação de seu sorriso.

Sentado em uma cadeira puída e bamba em frente a ela, esperava que despertasse totalmente para mais um joguinho.

— Ai...

Não a amordacei, por isso a palavra se desenrolou perfeitamente por sua boca bonita.

Seu corpo balançava para frente e para trás sutilmente, por conta da argola que a sustentava, e a cascata de cabelos longos e castanhos caía para a frente do corpo.

O olhar sonolento de Emily foi direto para a rosa, e então se arregalou.

— Socorro!

O grito dela foi tão alto, que ecoou num looping irritante pelas paredes, e culminou em lágrimas descendo de seus olhos e pingando por seu nariz arrebitado.

Se eu as lambesse, seria pecado?

Eu apoiava os cotovelos nos joelhos, as mãos entrelaçadas enquanto a observava. Comprimi os lábios por baixo da balaclava, segurando o riso quando ela, atordoada, elevou o rosto e finalmente me enxergou. Os cantos de suas sobrancelhas caíram e Emily pareceu querer dizer algo. Mas, engolindo soluços feito uma criança, se sacudiu inteira, tentando escapar das cordas e ao mesmo tempo checar minhas mãos, à procura de algum objeto que pudesse machucá-la.

Ela não sabia, mas deveria se preocupar com a fogueira que fiz do lado de fora, e entenderia na hora

certa porque tinham chamas contidas crepitando um pouco adiante da porta de ferro do mausoléu.

Gostei de ver o fogo refletido nas pupilas escuras dela.

— Por favor... — choramingou, depois desceu o rosto e colou o queixo no pescoço, parecendo notar que seus peitos estavam nus. — O meu avô, ele... ele vai dar falta de mim e chamar a polícia.

Sua frase foi o "*start*" para que eu me levantasse. A garota começou a sugar o ar pela boca, respirando tão alto que o som quase virou o ritmo de alguma melodia deprimente.

Minhas botas retumbaram contra o chão, quando, bem devagar, me aproximei dela.

Alisei seus cabelos escuros e, diferentemente do dia em que a peguei em sua casa, estava sem luvas.

Como a garota, aparentemente perfeita, podia ser tão filha da puta?

— Então, Emily... — Engasgou com o ar, se assustando com a minha voz. Ela estava rígida, tanto pela força de ser sustentada por cordas, quanto pelo medo. Não me reconheceria pela voz também. Eu era bom em distorcer meu timbre. — Todo mundo, nessa merda de cidade, sabe que aquele velho cachaceiro não dá a mínima para você.

E só quando as palavras me escaparam é que me dei conta de que não sabia se aquilo era verdade.

Sua resposta foi um rosnado baixinho, ela tentou desviar a cabeça do meu toque. Sentiu o golpe das palavras, mas eu não me importava. Queria que ela sofresse e usaria qualquer coisa para isso.

Será que ali, inteiramente nua diante de mim, sentia vergonha?

Não era o que causava aos outros, sem dó alguma?

— Por que... — A voz tremia, tão baixa e melodiosa. — Por que está fazendo isso comigo?

E por mais que ela tentasse virar a cabeça, minha mão se embrenhava e acariciava seus cabelos.

Gostava deles...

Meus pensamentos voltaram ao avô dela. Jack parecia negligente com ela. Sequer foi à delegacia depois que a crucifiquei.

— Então você é apenas uma garotinha sozinha? — perguntei, levando a mão para tocar sua bochecha quente e molhada, desci os dedos até pinçar seu queixo. Senti alguma merda quente se retorcendo em meu peito quando me dei conta de que, de fato, ela não tinha ninguém. Aquilo me quebrava, fazia com que me visse nela. E retomando meu juízo, esmaguei o sentimento como pisaria em uma formiga. — Já ouviu falar na Teoria do Caos?

Emily se desmontou em um choro tão forte, que se balançou nas cordas e quase, quase mesmo, me causou algum dó. Por pouco não fez um giro horizontal no ar, com o peso do seu corpo forçando a argola de sustentação. Dei um passo para o lado, ficando na sua lateral e segurei o amontoado de cordas acima do seu corpo por tempo o suficiente para que ela estabilizasse, sem girar.

Emily ainda choramingava coisas sobre deixá-la ir.

Quando voltei para a sua frente, seu rosto parecia um pimentão. A boca molhada pela baba que escorria porque chorava alto, as lágrimas formando o curso de um rio pelo seu nariz.

Não consegui resistir.

Tinha algo demoníaco sob a minha pele, que precisava sentir aquilo.

Deslizei o indicador pelo topo do seu nariz, depois agachei na frente dela. Com uma camada de

suas lágrimas em meu dedo, vendo que Emily havia ficado em silêncio enquanto me encarava com o ódio e o medo dançando em seus olhos, eu sorri. Usei uma das mãos para subir a máscara, de um jeito que ela não conseguisse ver minha boca, então enfiei o dedo por baixo e provei o choro dela.

Fechei os olhos e o sal, se espalhando por minha língua, me arrancou uma arfada.

— Seu imbecil! — gritou e, por fim, chorou mais, se sacudindo enquanto eu calmamente abria os olhos. — Por que está fazendo essa porra, Bran?

Ela era corajosa de atirar no ar um nome assim, sem qualquer certeza. Mas como esperar justiça de uma mulher tão rasteira? Apenas por citar uma teoria da física, ela presumiria quem eu era?

— A Teoria do Caos explica muita coisa. — Me levantei, passeando à sua frente enquanto batia a poeira do sobretudo escuro. Por fim, enfiei as mãos no bolso canguru do moletom. — É fascinante observar que eventos minúsculos e aparentemente sem importância podem desencadear algo gigante.

Apenas a respiração dela era audível naquele momento.

— O que eu fiz, então?

— Começou uma reação em cadeia. E eu sou o resultado dela. Você pode me chamar de carma, Emily.

Eu nem senti os meus batimentos, não ouvi nada em mim, porque ela era o foco do universo ali. A porra da responsável por um buraco negro se formar dentro do meu peito, engolir minha humanidade e acender o ódio que me lembrava que eu era alguém ruim.

E se buscar a justiça, do único jeito torto que eu sabia fazer, me tornava o diabo, eu brincaria no fogo sem pestanejar, mas faria queimar todo mundo que me devia também.

— Você vai abusar de mim? — ela perguntou, por fim. Um som de escárnio escapou da minha boca de maneira involuntária. — Eu... eu... tenho Aids. Vai se contaminar se o fizer.

Dei uma boa gargalhada de sua inocência dissimulada, e a cada vez que ela rosnava de raiva, meu sorriso aumentava.

Parei de andar. Ela estava torcendo a cabeça contra a nuca para poder me encarar.

Sua boca inchada me fazia pensar no gosto que seus lábios tinham. E se eu os mordesse, teriam sabor de sangue? Eu gostaria daquilo...

As patas das aranhas de sua tatuagem quase chegavam aos mamilos rosados. Mas foi o bico de ódio na boca grossa dela que me chamou a atenção. Ela me esfaquearia se pudesse, e eu não a julgaria por me odiar de volta. A diferença é que Emily estava sendo forçada a me aturar e isso me fez pensar mais cedo, antes de fazer isso tudo, que *talvez devesse ficar com ela*, torná-la minha e me divertir um pouco mais.

— Vamos supor que um vulcão entre em erupção do outro lado do mundo, mas caia com tanta força no oceano, que levante um tsunami gigante, que cubra a costa e saia varrendo tudo no caminho — disse. — É apenas a natureza, podemos culpá-la pelas pessoas que vai matar durante o trajeto? Não. Mas a natureza não é egoísta, não mente, tampouco finge... Ela segue seu curso, cumpre o seu papel. Mas quando algo é feito intencionalmente para ferir, por alguém dissimulado e cruel, pode levantar uma tempestade incapaz de controlar. E a pergunta correta não é quem eu sou...

Atenta, os lábios de Emily tremiam e uma careta de dor começava a proclamar que estava sentindo a agonia das cordas que por tanto tempo a mantinham imóvel. As amarras não fariam um grande mal, eu a

deixaria ali pelo tempo necessário para sofrer, mas sem travar demais sua circulação ou comprimir veias importantes.

— E qual é a pergunta certa? — perguntou com um fiapo de voz.

Não me daria ao trabalho de responder, não ainda.

Era estranho como eu me sentia bem quando fazia o que precisava para transmitir um ensinamento. Calmo, caminhei até a cadeira onde estava sentado e agarrei a luva de couro no chão. Forrei a minha mão direita com ela e peguei uma grande vara de aço ao lado das pernas da cadeira. Enquanto caminhei para fora, sem me permitir repensar, com a ideia rígida do que precisava ser feito, ela gritou:

— O que vai fazer?

Estava de costas para ela, que não conseguia ver o que eu fazia parado diante da fogueira com o objeto em mãos, mas gritava sem parar para que eu não a machucasse.

Aquilo só fazia o sangue em minhas veias correr mais rápido, enquanto observava o fogo aquecendo o ferrão de marcar gado. Era hipnótico ver o aço se moldando e ficando vermelho.

Fiquei ali por tempo o suficiente para que adquirisse a temperatura exata, e quando me voltei para o mausoléu, ela inspirou audivelmente ao ver a letra na ponta do ferro em brasa.

— Não! Não faz isso, por favor!

Eu não tinha pena. Não adiantava suplicar ou se sacudir, porque o que fiz foi parar ao lado dela e encostar o ferro na lateral da sua coxa, na linha do quadril, quase chegando à banda da sua bunda.

Ela gritou a ponto de ficar rouca, tentou se chacoalhar para fugir da dor, Mas afastei o ferro tão

rápido quanto a queimei, para que não borrasse a marca encostando em outro ponto.

Vistoriei a pele queimada.

A letra forjada em sua carne, gritando que ela era minha, ficou perfeita. Emily escolheu aquilo quando fez merda, e então tinha um “P” enorme em sua pele, vermelho, em carne viva. A borda arredondada do ferro deixou o contorno circular ao redor da letra, e enquanto ela chorava, atirei o ferrão no chão e parei ao lado de sua cabeça.

Ela berrava e xingava, mas não tentou me afastar quando a puxei, de um jeito que a lateral de seu rosto se recostou no meu quadril. Acariciei seu cabelo, alisei suas costas suadas, esperando que ela parasse de gritar. E só quando seus sons se resumiram a soluços, eu continuei:

— A questão que importa é que eu pretendia te matar, mas agora ficarei com você.

— Você é doente... — começou, e demorou minutos engolindo o choro para conseguir terminar: — Seja quem for, eu não te quero.

— Não me importo. — Dei de ombros, a soltando.

Ela balançou no ar, mas tornei a segurar as cordas no alto, para que ela estabilizasse.

— O que fez comigo?

Me sentei na cadeira e a observei, como estava viciado em fazer.

Olhar para ela, espreitá-la feito uma corça era minha nova diversão.

— A marquei com um “P”.

— É a letra do seu nome?

— Bran não começa com “B”? — desdenhei. — É um “P” de propriedade, porque, agora, você me pertence.

— Você é tão deprimente que, com tanta mulher no mundo, precisa de uma que não o quer? — Emily

debochou, parecendo com medo, mas com ódio demais para se segurar.

Dobrei a perna, o calcanhar direito sobre o joelho esquerdo.

— Você me quer — rebati, porque sabia que aquilo causaria um curto-circuito na cabeça dela, e nem em outro universo seria mentira.

E não me decepcionei, porque o silêncio da *noiva dos mortos* e seus olhos distantes mostravam que ela estava refletindo. Tentando entender quem eu poderia ser.

Fiquei por quase quinze minutos em silêncio, com ela olhando para baixo. Às vezes chorava, às vezes subia os olhos com tanta raiva, que eu poderia até sentir algum medo, mas só achava aquela merda fofa.

— Precisa me soltar — ela sussurrou. — Por que a gente não conversa? Você me diz o que fiz e o feriu, e a gente resolve? A gente zera e esquece isso.

Balancei a cabeça.

— Sim, zeramos, porque agora você pagará sendo minha para sempre.

— Você vai me matar?

— Não.

Naquele segundo, um roxo que não deveria existir se anunciou na coxa dela, abaixo de onde a marquei. Levantando-me, suspirei ao caminhar até as pernas dela, sentindo que voltava a se tremer inteira enquanto comecei a checar as cordas para ver se havia errado nas amarrações e ela estava com a circulação de sangue muito prejudicada.

Agora que era minha, não queria quebrá-la, apenas punir de jeitos reparáveis.

Tateei as cordas ao redor da sua coxa, e assim, percebi que o problema estava embaixo do corpo. Provavelmente havia uma pressão desigual formada pelo nó na região pélvica. Segurando a corda acima da

bunda dela, usei a outra mão para checar as amarras da pelve. Estavam muito molhadas...

Porra, será que ela tinha se mijado?

Enfiei a mão mais para baixo, entre a pele e a corda, para sentir a pressão, e percebi que a umidade era pegajosa. Então minhas sobrancelhas quase se fundiram, ouvindo o suspiro dela.

Caralho! Ela estava...

Desci os dedos até os pelos ralos da sua boceta e eles deslizaram.

Molhada pra caralho!

— Eu não esperava por isso. — Soprei o ar com um sorriso, a mão estática. Emily me ignorou, porém, conseguia sentir por sua barriga enrijecida contra o meu pulso, que prendia o ar. Por que sentiu tesão? Podia ser algum senso estranho de desejo, masoquismo... Não iria em frente com a mão se ela me parasse. A faria minha para punir, e não pediria permissão para aquilo, mas sexo, ela precisaria pedir. Eu broxaria se tentasse comer uma mulher que não me quisesse. — Quer uma ajudinha para aliviar isso?

— Eu... Droga! — Ela engolia as palavras, a voz tremendo mais do que o corpo. A curiosidade em mim só crescia. Que caralho de mulher estranha era aquela, que se molhava quando eu só a queria com medo? — O que quer de mim?

— Faz assim, você me responde se posso ou não te aliviar, e enquanto isso, sacio sua curiosidade com a minha resposta, ok?

Meus dedos pareciam cantar para que descessem, enquanto meu pau crescia.

Se ela dissesse que não, teria que me contentar em broxar.

Fitando-a, percebi que estava com a cabeça dobrada, tentando me ver pelo canto dos olhos.

— Eu não sou sua. E se descobrir quem você é, vou te odiar para sempre.

Não houve hesitação alguma em sua voz, mas espinhos em seu olhar.

— E quer que eu toque sua boceta e te livre da agonia de estar excitada com o cara que poderia decidir te matar?

Seu subir e descer de cabeça foi tão sútil, que duvidei que fosse real. Foi preciso seu sussurro para que eu acreditasse:

— Sim.

Ela veria meus dentes pelo sorriso largo que dei, se não estivesse mascarado. Naquele segundo, entendi onde ela se excitava.

— É pensar que está em perigo o que deixa a sua boceta molhada?

— Faz isso de uma vez... — rosnou.

Era uma resposta pela outra, então, resolvi dar apenas uma nova migalha a ela, que não dizia muita coisa, apenas reafirmava:

— Estou fazendo isso, Emily... — desci mais a mão, a ponta dos dedos entrando em suas dobras escorregadias, deslizando para dentro tão fácil. Quando meu indicador e dedo médio comprimiram seu clitóris, ela gemeu — porque *garotas cruéis merecem pagar.*

Emily Brown

Meus olhos lacrimejavam, mas não era a única coisa que escorria em mim.

O que fazia minhas bochechas queimarem era a presença da mão dele entre as minhas pernas, que parecia crucial.

Eu precisava daquilo!

Queria alívio, e a necessidade me matava por dentro.

Como eu podia ficar molhada por ter sido queimada? Por um lunático que queria se impor na minha vida, proclamando que eu lhe pertencia?

Meus seios pesavam, sensíveis e nem quando me masturbei no banho tantas vezes, pensando em Zayn ou Drake, eles doeram assim.

Meu corpo queria uma esmola que fosse de prazer e tentei suprimir o gemido quando ele desceu os dedos para dentro. Não deveria, mas era bom.

A sensação dentro de mim, gritando por alívio, parecia algo de vida ou morte.

Queria que ele circulasse os dois dedos que deslizava pelas dobras dos meus grandes lábios para o meu clitóris, que o massacrasse de uma vez, sem

enrolação. Eu só precisava gozar, mas nada me faria implorar.

A queimadura ardia e latejava.

A corda forçava a pele e a pressão nos músculos por conta da suspensão era sofrida.

Volta e meia eu encarava a rosa no artefato de ferro abaixo de mim, na direção do meu rosto, entendendo, por fim, o jogo mental do meu *stalker*. Eu era a porra da rosa, amarrada feito um porco à sua mercê, que se achava o meu dono, a ponto de me marcar como se eu fosse uma vaca.

Não conseguia controlar minha respiração e parecia um cachorrinho a soprando pela boca enquanto eu sentia a pele quente de sua mão grande lá embaixo, me explorando.

Ele podia me matar...

Eu deveria apenas odiá-lo.

A ponta de seus dedos se abaixaram mais, chegando aos meus pequenos lábios.

Engoli a saliva.

Meu corpo tremia de medo, desejo, e alguma vergonha.

— Virgem? — Foi um sussurro rouco. Mordi os lábios, sentindo-o rodear a entrada da minha vagina sem pressionar para entrar. — Interessante, para alguém com Aids.

Cerrei os olhos, me sentindo patética por ter soltado a mentira, achando que ele pretendia meter o pau em mim. Quem não pensaria isso ao acordar pelada e amarrada na droga de um mausoléu? Se não achasse tanto que meu *stalker* era Bran ou Zayn, talvez meu desespero e repulsa fossem maiores. Mas eu sabia, com algo quase sobre-humano, que era um dos Walton.

Ele segurou o monte de cordas acima da minha bunda, me mantendo parada, porque meu corpo

balançava, como se eu estivesse em uma boia, à deriva. E, de fato, me sentia assim, perdida, louca, porque quando ele subiu a mão para o meu clitóris, com três dedos sobre ele, os movendo em zigue-zague, abaixei a cabeça e gemi alto.

— Você é mesmo uma putinha interessante — seu rosnado foi quase um sussurro, largando a corda para enrolar o punho em meus cabelos.

Ele quase me envergou com o puxão que deu neles, fazendo minha cabeça ir em direção à nuca.

Maldito!

O stalker movia os dedos, ora lento, ora rápido, na força certa para me fazer pulsar. Eu podia ouvir o barulho da minha umidade a cada vez que ele macetava o meu clitóris, me fazendo morder a boca até sentir o sangue molhando a minha língua, porque não queria mais gemer.

Tão sujo.

Tão... errado.

Ele desceu o dedão, forçando a ponta para dentro da minha carne. Me retesei, achei que fosse doer, mas só melhorou a sensação que ele causava mais acima.

A força do puxão na raiz do meu cabelo, a dor da queimadura, a pressão das cordas, o medo correndo com o sangue das minhas veias: tudo fez algo ferver na minha barriga, crescendo, descendo para a minha boceta até eu explodir contra aquela mão amaldiçoada e quente.

— Porra! — gemi, jogando mais a cabeça para trás, os olhos presos na fogueira do lado de fora.

Meu corpo ardia como aquelas chamas, tremia, comigo gozando tão forte, que temi desmaiar. Eu explodi, me contorcendo, até que, por fim, as fisgadas na minha boceta foram diminuindo.

Meu peito, acelerado, foi aos poucos tranquilizando, levando junto a minha respiração. E foi

só quando o gozo acabou, que a ficha caiu. Eu fui murchando como a rosa abaixo de mim, tão rápido, com a culpa disparando pelo meu peito e escorrendo por meus olhos.

Eu queria alívio e ganhei, só não imaginava que me sentiria imunda.

— Ei... — chamou, a mão parando de puxar o meu cabelo, mudando para as malditas carícias que eu deveria odiar.

Eu nem sabia quem ele era...

Como eu podia ser tão quebrada a ponto de gostar quando alguém que estava me maltratando me dava carinho?

Não adiantava tentar fugir do toque daquele homem, porque, quando parou de me tocar lá embaixo, fez de novo o maldito movimento de entrar à minha frente e puxar minha cabeça contra o seu quadril, me dando conforto em silêncio, alisando as minhas costas ao redor das cordas e fazendo sibilos tranquilizantes com a boca, enquanto eu derramava algumas lágrimas. E por mais que não devesse, o toque dele, costumeiramente aterrorizante, também era capaz de acalmar.

E fiquei assim por minutos, até que o meu choro patético silenciou. As chamas da fogueira lentamente diminuíram e morreram, a ponto de se parecerem com o meu coração, um monte de cinzas e fuligem.

Eu sempre fui cinza, e sob o poder de um mascarado, entendi que algo estava muito destruído dentro do meu peito. Estava assim há tanto tempo, que talvez tivesse me acostumado.

Eu era insana e parecia não ter mais conserto.

— Achei que quisesse isso — ele sussurrou.

Quando subi a cabeça, seu olhar, antes com tanto ódio, parecia uma confusão. Sua cabeça estava tombada para um lado e um vinco se formou por baixo

da balaclava, dando a impressão de que uma linha se afundava na testa dele.

— Você se importa com o que eu quero?

— Depende. — Ele foi me soltando aos poucos. — Não vou forçá-la a trepar comigo. Meu lance contigo é outro: você me deve, e vai pagar sendo minha, seguindo as regras do meu jogo.

— Ok! — Estava sem energia a ponto de parecer completamente drenada. Não discutiria mais, embora tivesse ouvido uma sequência de palavras absurdas bostejadas por sua boca. — Agora, me solta!

— Não vou tirá-la da suspensão porque você quer, Emily, farei isso apenas porque preciso, pois não quero danificar mais a sua circulação — avisou, a voz severa. — Você não tem poder de decidir quando um castigo termina ou não.

Meu queixo tremeu com sua última frase. Meu peito parecia uma centelha de nada.

— Então vai fazer isso mais vezes?

— Sempre que você merecer.

— O que você é? Um dominador sádico?

Lembrei de um dos livros que li, onde um sádico dominava uma masoquista. Mas era tudo consensual, ele não a tratava como uma posse, como esse doente fazia comigo.

— Não sou um dominador, nem nada que pareça bonitinho assim, como já deve ter visto em algum desses filmes de mulherzinhas por aí. — Ele gargalhou, mas ficou claro que fora de escárnio. — Eu já disse o que sou: o seu carma. E vou domá-la e discipliná-la, até que aprenda a ser minha.

Não aguentava mais chorar, e não entendia o que esse homem dizia. Não sabia o que tinha feito, então nem podia tentar reparar. Ninguém naquela merda de cidade me defenderia dele, e de todo jeito, eu não sabia o que sentir. Só queria ir para casa, afinal, até o

Velho Jack parecia um porto seguro quando me sentia afundando nas águas podres e mais perigosas do que já mergulhei na vida.

E também tinha o Drake, que parecia querer me proteger. Podia contar a ele, mas como dizer o que acabou de acontecer? O que eu fiz? E se ele estivesse apaixonado e querendo algo comigo, esse doido podia atrapalhar tudo...

A única coisa a se acender em mim foi um fiapo de esperança, quando me dei conta de que o *stalker* estava mexendo nas cordas. Eu sorri, desvairada, feliz porque ele lentamente me descia da suspensão.

Pousei de barriga no chão gelado e empoeirado, a testa contra o ferro da rosa à minha frente. Então senti o mascarado se ajoelhando ao meu lado. Ele segurou os meus ombros e se abaixou até o meu ouvido.

Sua mão era tão grande que poderia cobrir meu rosto inteiro e ainda sobrar espaço.

— Vou desamarrá-la agora.

— Obrigada! — Não queria ter de agradecer por isso, mas foi o que me restou.

Meu peito palpitou e as lágrimas que vieram foram de alívio. Algo que não durou tanto, porque as mãos dele ficaram mais duras. Ele desceu o rosto até sua máscara tocar o meu pescoço e o seu nariz roçou contra mim, subindo pela minha clavícula.

— Gosto do seu cheiro. — O ar que escapava da minha boca saía cada vez mais rápido. — Então, Emily, espero que não cometa a burrice de tentar nada, quando eu a soltar. Se me desrespeitar, volta para o castigo.

Era tentador meter um tapa no meio da cara dele, ou lutar para arrancar sua máscara, mas ele era enorme, um dos caras mais altos que já vi, e me

subjugaria facilmente, como vinha fazendo. Então, quando começou a desatar os nós, não me mexi.

O mausoléu onde eu estava era o mesmo no qual eu costumava ler. O reconhecia, e atrás dele, lá fora, o segredo de Bran e Zayn estava enterrado dentro de um baú.

Eu queria correr para casa, mas parecia burrice, porque ele era tão perturbado que não me surpreenderia se resolvesse correr atrás de mim, apenas para me ver gritar. Restava esperar que me mandasse ir, tentar dançar conforme a música para conseguir sair daqui.

Fechei os olhos, puxando o ar com força, quando me vi, por fim, totalmente livre das cordas.

Senti algo sobre o meu corpo, então ousei olhar para o lado. Ele jogou seu sobretudo sobre mim. Lutando com a dor, fui me sentando e franzindo os lábios. Meu corpo inteiro reclamava. Cada membro parecia entrevado, e ainda assim, tentei ser forte e ficar de pé.

Os passos dele eram altos, ecoavam pelas paredes, enquanto o maldito parava diante de mim.

Tive que torcer a cabeça para conseguir olhar para o seu rosto, e ainda sentia medo de que todas as suas palavras fossem mentirosas e ele terminasse isso fazendo algo irreparável comigo.

Seus olhos pareciam um portal para o purgatório, tão pretos, que nem pareciam humanos. Não conseguia ver suas sobrancelhas, e a máscara não marcava nada, além da testa e nariz. Não podia nem mesmo ver o desenho da sua boca.

Suas mãos voltaram para os meus ombros, gentis. Tentei virar o rosto, não queria olhar para ele ou poderia fazer uma besteira e retornar para as cordas. Todavia, ele fazia questão de proclamar que mandava em mim: sua mão agarrou o meu maxilar,

então subiu apertando as minhas bochechas. Foi forte, mas não para machucar. Quando achei que apenas diria alguma coisa, seu rosto se aproximou do meu.

Achei que tinha tremido o suficiente quando estava suspensa, mas sentindo-o tão perto, quase convulsionei. Meu peito explodia com algo que fazia os meus batimentos retumbarem nos ouvidos, e só diminuiu quando percebi que, mesmo de máscara, ele estava beijando a minha testa.

Ele realmente era bom com nós, pois tinha acabado de dar um na minha mente, demorando com o beijo, até finalmente se afastar. Pisquei incontáveis vezes, fervendo de raiva, porque não queria romantizar um beijo carinhoso de um homem que disse na minha cara que vai me punir quando bem entender.

— Até breve, Emily!

Ele deveria ter inspirado a criação do filme *Fragmentado,* porque era certamente cheio de personalidades distintas!

O cretino me deu as costas, se abaixou para pegar o ferro com o qual me marcou como seu brinquedinho, pegou a rosa amarrada nas vigas de ferro e foi embora.

Não levou as cordas.

Podia ouvir sussurros na minha mente, mandando-me fazer algo, atirar a cadeira em cima dele. Ou deveria gritar para que não levasse a rosa que Drake me deu? Talvez nem fosse mais conseguir olhar para aquela flor e gostar dela.

Será que fez isso tudo por ciúmes do presente do Drake? Então isso me levaria direto ao Bran, mais uma vez. Foi quem viu tudo, quem me amassou em seu quarto, querendo me tocar, quem tinha aquele olhar morto.

Precisava contar tudo ao pai dele, mas só queria ir para casa, embora sentisse que não tinha lar.

Seminua, enfiando os braços no casaco que me deu e sendo engolida pelo tamanho do traje, olhei ao redor e percebi que ele sumiu com as minhas roupas.

Era parte do castigo. Ele gostava de me expor.

Teria de ir para casa apenas com seu sobretudo negro de bainhas repicadas, que parecia algo em farrapos, como um desses trajes para fantasias de *halloween*. Não era algo grosso e caro como o sobretudo de Drake, que por sinal, precisava devolver. A peça era apenas fina, mal protegeria contra o frio ou dos chuviscos que cairiam sobre a minha cabeça enquanto caminhava para casa.

Talvez eu devesse fugir da cidade, visto que a polícia não acreditava em mim. Mas para onde eu iria? Ou, em um ato desesperado, precisava contar tudo ao *Velho Jack* e pedir sua ajuda?

Eu ri do meu pensamento, enquanto atravessava o portão do cemitério para dentro do quintal dos Walton, afinal, meu avô seria apenas mais um problema, jamais a solução.

Meu stalker era tão ousado, que me trouxe para perto da minha casa, para dentro do cemitério. Talvez amasse usar o meu lugar favorito de propósito, um jeito de transformar algo que eu gostava em uma coisa ruim.

Será que me trouxe em minha caminhonete? E que porra eu havia feito a ele? Eu não mexia com ninguém. Deus, só podia ser Bran ou Zayn! Não fazia sentido ser outro cara.

Passei pela trilha dos pinheiros, pisando descalça em poças de água que esguichavam lama em minhas panturrilhas e molhavam a bainha do sobretudo, então cheguei diante das escadas da varanda e torci para que meu avô estivesse no Joe’s, ou tivesse ido para a

casa de seu irmão. Não podia entrar em casa daquele jeito, com ele lá, porque se tentasse me bater de novo, eu surtaria feio.

Um vento gelado subiu pela minha espinha quando olhei pela janela retangular e estreita da sala. Meu avô estava apagado na sua poltrona com uma garrafa vazia de vodca no chão ao lado dele, diante da televisão, que exibia um filme antigo.

Eu deveria sentir medo, entretanto, sabia que já tinha gastado tudo em mim com o *stalker*. Ainda assim, tentei abrir a porta o mais devagar possível, com os lábios rangendo pelo frio, e por ter me molhado com a chuva fraca, ainda sentia a pele gelada.

Fechei os olhos, torcendo para que as ligaduras da porta não produzissem ruídos. Na ponta dos pés, sussurrei para o céu, pedindo que *Velho Jack* não acordasse.

Eu não queria brigar.

Não podia.

Me quebraria mais...

Quando passei por ele, que dormia de boca aberta, com um fiapo de baba escorrendo pelo canto dela, seu corpo deu um leve solavanco. Uma gota de suor escorreu da minha testa e paralisei no meio de um passo, com um pé flutuando.

Prender o ar fazia meus olhos se arregalarem, mas suavizei quando vi que ele seguia dormindo e que apenas deu um ronco ruidoso.

Seu macacão de trabalho azul-marinho estava com bolas enormes de suor abaixo das axilas, e me perguntei quantos dias fazia que ele não tomava banho, porque seu cheiro rançoso estava pior do que o normal.

Só respirei aliviada quando por fim subi as escadas e consegui entrar no meu quarto. Tranquei a

porta atrás de mim, em seguida, arrastei a mesinha de cabeceira para trás dela, embora soubesse que nada travaria o mascarado de entrar.

Acendi a luz do quarto que costumava gostar, que era meu abrigo, todavia, não havia a sensação de familiaridade ali naquele momento. Eu me sentia estranha, como se não pertencesse a nada.

Quando olhei para a minha cama, minha capa de chuva e o restante das roupas estavam alinhadas sobre o lençol rosa claro. Minhas galochas amarelas, no chão adiante. Eu queria chorar com a percepção do que aquilo significava, mas nem tinha forças: o filho da puta entrou aqui outra vez.

Tirei o casaco dele, então o cheirei, tentando inutilmente detectar um aroma conhecido, algo que o entregasse. Tinha a porra do cheiro de fumaça, mas funguei o bastante para ver que, no fundinho, tinha uma nota mais fresca, talvez limão... ou menta... ou a porra de uma nota de pinho.

Meus dentes rangeram com os pensamentos acerca dele, principalmente sobre sua ousadia e tudo o que vinha fazendo comigo.

Eu não era dele! Não pertencia a ninguém!

Abri a primeira gaveta da mesinha de cabeceira, onde passei a guardar uma tesoura afiada e enorme, a coloquei ali depois do cruzeiro, ansiando que fosse alguma segurança para o caso do *stalker* voltar.

Como conseguia ser tão burra?

Jamais seria páreo para ele, que conseguia me desarmar com facilidade. E com todo o ódio, enfiei a tesoura no sobretudo dele. Fiz rasgos grandes, depois me livrei dela, enfiei as mãos no tecido do casaco e terminei de arrebentá-lo.

Atirei o que restou no chão, pisoteei com vontade, então chorei mais uma vez. Meus olhos doíam quando me enfiei no banheiro pequeno para me

livrar do toque dele. De pé, embaixo do chuveiro com temperatura ambiente, rangi os dentes com a dor da água tocando a queimadura. Sabia que precisaria deixar uma gaze molhada sobre ela a noite toda, para só amanhã colocar uma pomada cicatrizante.

Vendo a lama escorrendo com a água pela cerâmica clara da banheira e rodopiando ralo adentro, examinei o meu corpo. Eu estava cheia de marcas das cordas, por toda a pele. Passei o dedo em cima de uma delas, sentindo a textura daquilo, pensando que ao menos não era feio.

Eu já andava toda coberta mesmo... ninguém veria os vestígios do que ele andava fazendo comigo.

Olhei pela janela que ficava ao lado da banheira, tão perto, que se eu esticasse a mão, poderia tocar o vidro. Ela era alta o suficiente para um adulto atravessar, pois abria com duas portas para a varanda. Só então me senti uma burra por não ter pensado que podia ter fugido por ela quando o mascarado entrou aqui.

Depois de tirar os rastos vergonhosos do gozo embaixo da água, me sequei com cuidado, cobri a queimadura com a gaze molhada e esparadrapos e vesti um pijama de moletom preto.

Parecia que havia deitado embaixo de um trem, de tanto que me sentia pesada. Fui até minha escrivaninha, vendo que meu perseguidor havia deixado minha bolsa lá em cima.

Me revoltava por não ter um espaço seguro. E se eu tentasse colocar grades na janela ou mais fechaduras na porta, para coibir a entrada dele, meu avô seria o primeiro a desconfiar.

Um músculo abaixo do meu olho esquerdo tremeu quando vi algo anotado com letras bastão em uma nota adesiva rosa, por cima da bolsa de tecido escuro.

“Deixei seu carro no posto, como costuma fazer. Se comporte, e demorarei a voltar. Pise fora da linha, e te encontrarei mais rápido do que o Diabo faria.”

Rasguei a porra do *post-it*, mas quando ia vasculhar minha bolsa, olhei para o gramado na frente da casa e dei um passo para trás.

Banhado pela noite, em meio às sombras, ele estava parado, me espreitando feito um lobo, sem tirar os olhos da minha janela. Eu não precisava de proximidade para sentir o seu sorriso. Sabia que ele gostava de me ver com medo.

Ele levou o indicador à boca, pressionou-o e depois o afastou. Eu entendia que ele estava me mandando ficar calada sobre o que havia feito comigo. Em seguida, deu-me as costas e partiu.

Não precisava ser supersticiosa para saber que aquele arrepio subindo pela minha espinha era algo ruim.

Ele era, de fato, o meu carma, e como faria para me livrar dele?

Emily Brown

Pensativa e sentada em uma banqueta enferrujada, me debruçava sobre o balcão da cozinha, empurrando um pouco de cereal embebido em leite boca adentro.

Fazia muitos anos que não me sentia tão confusa e triste. Se dei pulinhos de felicidade nos últimos tempos, foi ao ganhar a redoma do Drake, mas, naquele segundo, eu jazia destruída, como fiquei há doze anos.

Toda hora me lembrava do que aconteceu, da voz do *stalker* e do peso que sua presença tinha.

Ele era denso, como uma montanha gigante e forte, da qual eu não conseguiria fugir.

E pior, suspeitava com cada célula do meu ser que fosse Bran Walton. O jeito de falar, de se mover, e os olhos escuros: tudo parecia ele. Entretanto, não havia certeza. E se fosse outra pessoa?

Poderia ser Zayn? Apenas se estivesse usando lentes de contato. Os olhos dele eram de um azul profundo. E, de fato, às vezes, os filhos de Drake tinham trejeitos parecidos. Eu sabia que Zayn tinha problemas de vista, e que usava uma lente transparente para não ter de usar óculos. Ouvi muitas

vezes seu irmão e Madson fazendo piadinhas sobre isso, então, se usava uma transparente, podia muito bem, para me despistar, colocar a escura, como as que já o havia visto usando em fantasias de *halloween*.

À meia luz do mausoléu, não pude ter certeza do formato dos olhos dele, o que piorava a tentativa de identificá-lo. Porém, era a voz do *stalker* o que mais me intrigava, grossa, baixa, e tinha certeza de que jamais a tinha ouvido, pois era semelhante à de locutores de rádio.

Aquele homem me odiava e estava disposto a acabar com a minha sanidade. E, se achava tanto que eu merecia o seu ódio, não podia ser alguém que eu não conhecia.

Me tirando totalmente dos meus pensamentos, ouvi a voz da pessoa que já me evitava a alguns dias.

— Está com grana, é? — meu avô disse.

— Está falando do quê? — perguntei, apática.

Não precisei olhar por cima do ombro, sentia, pelo cheiro imundo, que o *Velho Jack* estava muito perto. Ele jogou algo em cima do balcão e depois ouvi seus passos se afastando.

— Não para de comprar merdas na internet.

Fitando o pacote pardo e pequeno que meu avô jogou ao meu lado, minha mão tremeu e, no meio do caminho para enfiar outra colherada na boca, acabei derrubando o conteúdo da colher no balcão.

Não demorou até que ele rumasse para fora de casa e a porta da sala batesse atrás de si, então meus olhos caíssem para as palavras escritas no pacote.

Para Emily Brown.

Levantei da banqueta e dei passos para trás, sentindo a porção do cereal que já havia comido subindo pela garganta. Corri para a área de lavar a tempo de vomitar no pequeno tanque amarelado.

Segurei a barriga, a pele gelada, o coração pegando fogo.

Foi o *Stalker* quem mandou. Tinha a mesma letra e trejeito da embalagem da rosa amarrada de ontem.

Céus, ele não iria parar... Estava, de fato, obcecado por mim.

Não bastava toda a culpa que sentia por ter gozado com ele, ainda tinha que lidar com presentes. Em breve, as paredes sussurrariam sobre ele, me lembrando o tempo todo de que eu tinha alguém atrás de mim, doido para me arruinar.

Quis muito chorar, mas se queria sobreviver, precisava encontrar algum jeito de entender o jogo dele. Por isso, abri a torneira para fazer o meu café da manhã descer pelo ralo, depois lavei a boca, e meio cambaleante, voltei à cozinha.

Meu corpo ainda doía, tinha um hematoma roxo em uma das coxas, mas nada comparado à queimadura humilhante que carregava comigo. Tive de fazer um buraco na meia calça grossa que usava por baixo do vestido de mangas, para que o tecido dela não forçasse o curativo. Ao menos encontrei uma peça soltinha do quadril para baixo, que chegava até os joelhos. E já conseguia usar meus coturnos.

Tomei uma dose de coragem e junto inspirei uma porção de ar, caminhando até a caixa. Saquei uma faca de legumes e a abri, vendo algo enrolado em plástico bolha ali dentro, e, por cima, outro cartão vermelho.

“Um presente para lembrar que você é MINHA!”

— Idiota — rosnei.

Piquei o cartão em muitos pedaços, com a pele parecendo ser consumida por um fogo infernal, depois os taquei no lixo, para que o *Velho Jack* não desse um jeito de remontar e vir me espezinhar.

Abri o amontoado de plástico bolha com ódio, e quando estreitei as sobrancelhas e peguei o pequeno objeto nas mãos, soltei uma bufada.

Que cafona!

Era uma coleira preta, com cerca de quatro centímetros de largura, com extensão o suficiente para se ajustar ao meu pescoço, feita de um couro rígido e resistente. Embora parecesse pesada, a textura era suave e aparentava ser algo caro.

A luz fraca da cozinha refletia nas letras bordadas em branco na frente dela, que ilustravam a palavra “propriedade”.

Eu poderia rir, se não tivesse lágrimas salpicadas nos olhos.

Não dava para contar a mim mesma a mentira de que odiei o presente, por mais perturbador que fosse. A certeza era de que detestava o responsável por ele. E não usaria aquela merda, nem que o meu perseguidor me chicoteasse.

Nunca pertenci a nada. Não sentia sequer que cabia nesse mundo, e então, havia um maluco que fazia questão de mim, como se eu tivesse algum valor. Eu não era ninguém, e foi exatamente o que meu avô cuspiu na minha cara, dias atrás, mas sim um fardo, e aquela certeza estava calcificada nos meus ossos, por mais que brigasse com ela. Então por que aquele maluco estava tão possessivo comigo?

Percebi, pois não era ingênua, que ele se encontrava em uma linha tênue entre ódio e desejo e podia sentir aquilo em sua voz, principalmente quando me tocava.

Desisti de tentar entendê-lo e subi as escadas para o quarto. Escondi a coleira dentro da minha gaveta, perto da redoma vazia. Presentes tão distintos um do outro.

Ainda não sabia o que fazer com a coleira, talvez a queimasse, mas só de pensar nisso, sussurros ecoavam em meus ouvidos, alertando-me sobre a possibilidade de sua volta. O perseguidor havia me advertido de que, se eu me comportasse, ele não viria atrás de mim tão cedo. No entanto, como eu saberia o que significava “sair da linha”, para ele?

Me livrar do presente seria um passo em falso?

Ao olhar para o lado, vi o sobretudo de Drake, que havia levado à lavanderia e esquecido de devolver, pendurado na cadeira da minha escrivaninha. Decidida a entregá-lo, peguei o sobretudo e saí.

Enquanto caminhava para fora da casa, a queimadura na minha coxa doía, mas eu conseguia suportá-la. Ainda era revoltante imaginar que eu a carregaria para sempre. Se não fosse pelo medo de que aquele homem pudesse me retaliar de forma ainda pior, eu a teria queimado novamente, só para estragar a marca da qual ele tanto se orgulhava.

Ao chegar diante da casa de Drake, me senti aliviada pelo fato de que o dia não estava chuvoso, embora ainda estivesse cinza e escuro. O frio envolvia meu rosto como uma cortina, congelando minhas bochechas.

Estava mais sombria do que nunca quando bati a pesada aldrava de ferro, fazendo-a ressoar contra a imensa porta de madeira.

A casa parecia silenciosa do outro lado, mas pude ouvir nitidamente o som dos sapatos se aproximando. Ao pensar que veria Drake, apertei o tecido macio do sobretudo e segurei a respiração. Pelo menos, eu havia coberto as olheiras e arrumado o cabelo assim que acordei, e estava um tanto apresentável.

Talvez conversar com meu chefe pudesse ajudar a aliviar o peso dentro de mim, mas nada poderia me

preparar para o que aconteceu quando a figura, vestindo um suéter preto de cashmere, surgiu diante de mim.

Bran segurou a porta e, bloqueando a passagem, me mediu de cima a baixo.

— Você batendo à minha porta, noiva dos mortos? Isso pode começar um evento do qual não conseguirá prever as consequências...

Bran acendeu um fósforo na minha mente, fazendo as palavras ditas pelo *stalker* na noite anterior queimarem. Ergui o rosto, encarando sua face amaldiçoada e linda, que ostentava uma barba tímida por fazer.

Meu sorriso foi mais sombrio do que qualquer alma enterrada no solo daquela propriedade.

— Deixe-me ver: Teoria do Caos? — Elevei uma das sobrancelhas.

Bran enfiou uma mão no bolso da calça jeans, abriu um dos lados da porta e sorriu radiante.

Ele era mesmo *um bom filho da puta*!

— É a minha teoria favorita. Adoro testemunhar as reações em cadeia que as pessoas provocam, muitas vezes sem perceberem.

Suas sobrancelhas grossas se franziram enquanto seu olhar fixava no meu, e ele terminou lambendo os lábios de forma provocativa.

Se ele fosse o meu perseguidor, o responsável por toda a confusão na minha vida, certamente seria possessivo o suficiente para ficar com ciúmes me vendo falar com Drake. E se ele gostava de joguinhos, seria interessante retribuir na mesma moeda.

— Legal, mas saia da frente, pois não vim falar com você!

Dei-lhe uma boa esbarrada para que saísse do caminho.

Sabia que, naquele horário, Drake costumava tomar café na copa, e como um furacão, me dirigi para lá. Eu poderia denunciar Bran a ele naquele momento. Contaria tudo o que ele havia feito comigo na noite passada e como ele me crucificou.

Pelas impressões que tive de Drake e pelo tanto que eu estava começando a conhecê-lo, ele não parecia o tipo de homem que passaria pano para algo assim.

Enquanto o aroma do café inundava o ambiente, percebi que Bran poderia arruinar o que eu achava que estava acontecendo entre Drake e eu. Se meu chefe estivesse interessado em mim, seu filho poderia alegar que me fez gozar porque eu escolhi aquilo. E, dessa forma, tudo entre nós dois murcharia.

Quando dei por mim, estava parada abaixo do arco que separava a copa do corredor. Dentro do recinto, sentados diante da mesa, Zayn e Drake tomavam café e piscavam os olhos confusos em minha direção.

Senti as bochechas esquentando.

Meu chefe estava lindo, como sempre. A barba bem aparada, o suéter de tricô vinho combinando com sua pele, e seu sorrisinho torto e contido quase me fez roçar as pernas. Estava em seu lugar habitual, na ponta ao final da mesa, e Zayn ao seu lado direito, abaixo da parede com as fotos da família.

— Bom dia, fantasminha! — Drake ergueu a xícara de porcelana preta, em um cumprimento.

— Bo-bom... bom dia! — Eu mal consegui concluir as palavras.

Ruborizei mais, pois provavelmente fiquei parada ali, quase babando enquanto o encarava.

Bran adentrou o recinto, pude sentir o cheiro terroso, e, se foi para me provocar ou não, arrastou sua mão enorme lentamente pelas minhas costas

enquanto passava por trás de mim, deslizando os dedos por baixo do meu cabelo.

Foi impossível não arregalar os olhos, desviando-os para Drake, para ver se ele tinha testemunhado aquilo. Ele sorvia o café, encarando o filho com uma expressão impassível, mas eu percebi! Um músculo tremeu abaixo de seu olho e seu maxilar se contraiu.

Ele... tinha ciúmes de mim?

E lá estava a minha barriga se esquentando, cheia de teorias idiotas sobre ser o alvo de uma paixão secreta de Drake.

— Sente-se, Emily — disse calmamente, vistoriando o meu rosto e cerrando os lábios em um sorriso conciliador. — Tome café com a gente.

— Ah... — Engoli em seco, tentando me concentrar no que dizer, ao mesmo tempo em que observava o rosto todo vermelho de Zayn, que estreitou as sobrancelhas em um semblante de raiva, fazendo com que suas pálpebras superiores pressionassem os cílios densos. Ele apoiou os cotovelos envoltos em uma jaqueta de couro sobre a mesa, torcendo os dedos. — Só vim entregar o sobretudo que você me emprestou naquele dia.

Voltei meu olhar para Drake, sentindo que uma nuvem carregada de chuva pairava sobre nós, prestes a trovejar e lançar raios sobre todos.

— Já entregou? — Zayn rosnou para mim, fechando os dois punhos na mesa.

O choque de suas mãos fez a louça levantar e tilintar.

Meu coração ribombou e quase saltei com o susto.

A copa mergulhou em silêncio e o único som estridente foi o arrastar lento da cadeira por parte de Bran. Pelo canto dos olhos, percebi que ele estava

encarando o irmão com uma careta confusa no rosto, enquanto se sentava.

Minhas mãos tremiam pelo choque da explosão de Zayn, que parecia me odiar a ponto de não me suportar em sua casa. Ele me dava sinais confusos. Sempre me enxotava, então, por que fez aquela cena idiota na faculdade?

Quando engoli em seco e dei alguns passos em direção ao Drake, percebi que tinha algo muito denso em seu semblante. Ele parecia um vulcão adormecido, produzindo lava o suficiente para destruir tudo em seu caminho, e ainda assim, não explodia. Meu chefe estava com os olhos flamejantes, enquanto olhava para Zayn e respirava feito um animal.

Tentei não me concentrar no ponto de interrogação na minha cabeça, ofertando a Drake o sobretudo. Ele fechou os olhos e soprou o ar tão forte pelo nariz, que poderia muito bem ter exorcizado um demônio interno, então se virou para mim e, mesmo com os olhos bravos, sorriu. Pegou o sobretudo e se esticou à minha frente, depois, puxou a cadeira ao seu lado, bateu no tampo e me encarou com olhos dançantes.

— Senta — era uma voz entredentes, não parecia um pedido — e toma café comigo, na MINHA CASA! — e quando ele gritou, seu rosto se virou para Zayn.

Dei um passo atrás e cobri a boca no momento que Zayn empurrou a cadeira com tanta força, ao se levantar, que ela se chocou contra a parede às suas costas. Seu rosto estava tão vermelho, com veias saltadas na testa, que ele parecia outra pessoa.

— Já que você gosta de foder novinhas, e ela, pelo visto, adora um cara mais velho, por que não se assumem logo? — gritou, um sorriso doido no rosto que mostrava os dentes da frente levemente separados. Meus olhos se encheram de lágrimas,

porque, quando ele olhou para mim, entendi que tinha algo bem mais profundo... parecia mágoa. — Coloca ela no lugar da minha mãe de uma vez!

Antes de sair do ambiente, ele chutou com força uma das cadeiras, causando um estrondo horrível que reverberou pelas paredes como o gaguejo de alguma assombração.

Olhando para Drake, vi que estava sério, espreitando, feito um lobo, o filho sair da copa. Ele subiu os olhos até os meus, mas nenhum músculo do seu rosto se mexeu. Por fim, arrastou a cadeira e se levantou. Fitei-o nos olhos, sentindo seu perfume de maçã-verde, tão familiar, quando pinçou o meu queixo e segurou um dos meus ombros.

Seus olhos escuros caíram, o canto dos seus lábios também, então ele se abaixou e beijou a minha testa. Fechei os olhos e queria morar ali, naquele beijo, mesmo que estivéssemos dançando em meio a um vendaval. Seus lábios não tocaram a minha testa por mais do que alguns segundos, e quando se afastou, alisou meu queixo e disse:

— Me desculpe por isso! Falo com você depois...

Não esperou por uma resposta, só me deu as costas e caminhou para longe enfiando as mãos nos bolsos do jeans.

Como se nada tivesse acontecido, Bran estava espetando uma tira de bacon com um garfo e, no meio do caminho de levá-la à boca, levantou o rosto e sorriu.

— O quê? — perguntou. — Tá de rolo com o meu pai mesmo?

— Cala a boca! — rosnei.

Eu queria falar que ele era o *stalker*, mas, porra, ele não demonstrou um pinguinho qualquer de ciúmes do beijo de Drake. Pelo contrário, foi Zayn quem endoidou na minha frente. Quem era rancoroso e

agressivo a ponto de fazer sentido que quisesse me punir. Então, poderia ser esse o motivo de sua perseguição? Achar que entrei em sua vida e queria roubar o lugar de sua mãe? Será que ele achava que eu era amante de Drake?

Ele era o mais alto dos três, o mais forte também.

Será que o garoto por quem fui secretamente apaixonada por cinco anos se tornou obcecado por mim? Isso tornaria a ideia de ele ser meu perseguidor menos assustadora?

Meu coração era formado de cacos confusos naquele segundo.

— Quer que eu te mostre o caminho da porta?

Bran já havia mastigado o bacon, e então ficou de pé, alto e intimidador, me encarando de cima com braços cruzados. Engoli em seco, dando passos para trás quando ele avançou.

Sua linguagem corporal berrava que pretendia me imprensar na parede novamente, e para evitar acabar molhada com ele outra vez, fiz uma pequena corrida para o lado, aumentando nossa distância.

— Por que você e seu irmão estão sempre me enxotando como se eu fosse um monte de lixo? — questionei. — Tem cinco anos que fazem isso comigo!

— Não achamos você um monte de lixo. — Ele deu um tapinha no ar, a voz baixa e sedutora, tentando novamente encurtar a distância. — Só não a queremos perto do nosso pai.

— Vocês já me expulsavam antes de eu me tornar mais próxima de Drake! — Levantei uma sobrancelha.

Não percebi que havia me distraído e que Bran já estava à minha frente outra vez. Ao menos não me encurralou. Enquanto eu mal conseguia respirar, a menos de um passo de distância, ele apenas me fitou. Seus olhos mortalmente escuros estavam reparando

em meu rosto. Seu repuxar de lábios formava um sorriso predatório quando ele puxou a minha mão para a dele, as entrelaçando.

Não que ele não fosse gostoso, ou que não fizesse algo se mexer em meu peito, mas eu queria o Drake. E se ele fosse o meu *stalker* e estivesse fazendo um joguinho maluco comigo, no qual, depois me puniria por dar brecha a ele ou ao Drake?

Céus, eu ia enlouquecer naquela dança doentia.

Tentei me desvencilhar dele de forma sutil, mas sua voz me barrou.

— Nada disso. — Ele apertou os dedos para me impedir de escapar. — Enquanto caminhamos até a porta, te contarei algo sobre o meu pai.

Ainda estava tentando me soltar dele, mas suas últimas palavras me fizeram ceder, e junto com ele, caminhei para fora da copa.

Um barulho de coisas se quebrando me fez paralisar quando chegamos à sala.

“A gente quer ela também!”

Bran e eu olhamos para o topo das escadas no mesmo instante em que Zayn berrou e, com o peito acelerado, abri a boca para mandar Bran ir até lá.

— Então, como eu estava dizendo... — Ele soltou a minha mão, se enfiou atrás de mim e envolveu os meus ombros, diante das portas da casa. — Quando nos mudamos para cá, o meu pai viu que tinha uma garotinha da nossa idade pela residência. Ele mandou que a respeitássemos, que mantivéssemos nossos paus longe dela. — Bran subiu os braços sobre o meu ombro, empurrando as pesadas portas e, no processo, se encostando em mim. Uma lufada gelada de ar soprou meus cabelos para trás e sabia que tinham ido direto no rosto dele. — Ele tinha medo de que Zayn e eu fodêssemos a menina. — Ele grudou a boca no meu

ouvido, me arrepiando com seu sopro quente sobre ele. — E, na real, eu teria fodido mesmo.

Ele me empurrou lentamente para fora, e demorou até que meus pés funcionassem. Quando girei sobre os calcanhares, ele sorriu largamente e bateu as duas portas na minha cara.

Então eles não me odiavam? Eles... estavam me distanciando para não se envolverem comigo?

Eu deveria só sentir raiva por perceber que aquela porta, batida contra a minha cara, era um lembrete de que eles me enxotariam mais vezes, mas eu só... estava aliviada por saber que eles não me detestavam.

Quando me virei para os jardins, repensei as reações dos garotos Walton à mesa. Percebi ali que estava fodida, porque qualquer um dos dois poderia ser o meu *stalker*.

E pior: e se fossem os dois?!

Emily Brown

Eu mal podia acreditar que tinha conseguido dormir nos últimos dois dias, e isso só foi possível porque tomei quase uma chaleira inteira de infusão de camomila todas as noites. Além disso, por alguma bênção dos céus, meu avô estava em casa e não tinha ido visitar seu irmão no fim de semana, o que me permitiu não acordar tantas vezes durante a noite, com medo de que meu perseguidor estivesse ao pé da cama.

A segunda-feira começou melancólica e não consegui fugir de usar uma calça *legging* mais encorpada, por mais que marcasse o curativo sobre a queimadura, porque o frio aumentava a cada dia e não me surpreenderia se acabássemos o mês em uma nevasca fora de época.

Manobrei o meu carro para a avenida, retirando-o do posto desativado. Reparei, com alívio, que não havia nada do *stalker* dentro dele, nenhum bilhetinho, exceto por aquele cheiro estranho e fresco. O aroma era tão fraco, que tornava quase loucura tentar decifrar qual nota era responsável pelo frescor.

Não era o perfume do Bran. Ele usava algo com um fundo forte de patchouli. Talvez, quando se vestiu

de *stalker*, tivesse trocado o perfume. E se fosse Zayn, eu não me lembrava do cheiro dele, de todo jeito, o que era bizarro. Afinal, fui apaixonadinha por ele por muito tempo, mas foi o perfume de Bran que me marcou. Decerto fosse porque Zayn, na maioria das vezes, cheirava a cigarro...

Já na avenida, começava a acelerar o carro, pensando na prova que teria naquela manhã, quando um estrondo metálico me interrompeu, zumbindo do motor. Meu corpo sacudiu com os solavancos do carro, que foi desacelerando *contra* o comando do meu pé no acelerador. Só tive tempo de girar o volante em direção ao meio fio, antes de o veículo morrer.

Que merda!

Dei um tapinha no volante, sentindo o coração encolhendo ao pensar que não tinha grana para que meu carro quebrasse naquele momento do ano. Havia muito trabalho pela frente, na funerária e na faculdade, que me custaria uma grana, se tivesse de pegar transporte público.

Não tinha feito a revisão do carro naquele ano, porque não tive dinheiro. E embora tivesse feito um trabalho que me rendeu uma reserva de trezentos dólares no ano passado, aquela grana era para eu juntar e sair de casa.

Respirei fundo quando desci e tranquei o carro. Precisaria ver se o *Velho Jack* conseguiria alguns dos seus companheiros de copo do Joe’s para levar o carro para o posto, até que eu pudesse consertá-lo.

Exalando o ar, puxei mais a jaqueta cáqui e com forro de lã branca contra o suéter preto de gola alta. Meus planos eram caminhar até o ponto de ônibus mais próximo e torcer para não chegar atrasada na sala de aula, quando ouvi pneus se aproximando e algumas buzinadas.

Meus passos travaram e olhei para a via, notando o *porsche* de Drake ao meu lado.

— Ei, fantasminha, o que houve? — perguntou quando abaixou os vidros.

Me fitou de cima a baixo, então me lembrei de que ele havia prometido conversar comigo após o incidente com Zayn em sua sala, mas não o fez.

Por que ele afastou os filhos de mim por tanto tempo? Não era porque me queria para si, pois Drake sempre me tratou com respeito e eu era uma adolescente. Talvez ele conhecesse bem os filhos que tinha e soubesse que precisava me proteger.

— Meu carro quebrou. Não o levei à revisão e acho que o motor deu pau — contei, puxando a alça da bolsa contra o ombro.

— Vem, entre aqui! — convidou, apontando com o queixo para dentro do carro. — Te dou uma carona até a faculdade.

Não quis olhar muito para o jeito como ele ficava lindo com jaqueta de couro, ou como pentear os cabelos com gel para trás lhe caía bem, então soprei o ar, olhando rapidamente pela rua, para garantir que *Velho Jack* não estivesse, feito uma raposa sorrateira, espreitando de algum canto.

Não tinha ninguém na rua, por isso, me apressei e dei a volta no carro preto. Estava ansiosa, quando me joguei sobre o banco de couro marrom. O painel do carro era chique, com detalhes em couro e uma mídia moderna, fora que o aquecedor funcionava bem e o carro estava quente e acolhedor.

— Obrigada! — sussurrei.

Drake estava tomando um pouco de café em um copo descartável de papel, com uma tampa de plástico.

— Como você está?

— Chateada — murmurei enquanto colocava o cinto de segurança. — Meu carro ficar ruim, logo agora, é um problema.

Clamei para que as minhas bochechas parassem de esquentar, pois, provavelmente parecia um tomate, toda vermelha, sentindo o olhar dele me sondando. Olhei para a frente, vendo que o vidro do para-brisa era claro demais, e torcendo para que ele desse logo partida no carro e impedisse que alguém nos visse juntos e fosse fofocar ao *Velho Jack*.

Quando o fitei, Drake parecia feliz. Estava caçando um jeito de tentar enfiar seu café no porta copos, mas o console estava cheio de coisas: a chave do carro, outro molho enorme cheio de chaves, que presumia ser da casa, junto ao celular num compartimento em frente ao local para copos.

Seus olhos dançaram quando ele empunhou o café para mim.

— Tive de colocar essas coisas que estavam em cima do banco aqui no console, então pode segurar para mim?

— É claro! — Sorri, pegando a bebida quente em minhas mãos, com a bolsa sobre o colo.

— Vou mandar consertar o seu carro — avisou, engatando a marcha e dando partida no carro.

— N-n-nada disso. — Tropecei no raciocínio, fitando-o com horror. — Não é sua obrigação, Drake. Eu tenho algum dinheiro e vou mandar reparar logo — menti, os olhos tão abertos que ardiam.

— Deixe disso, fantasminha! — ralhou, um bico se formando em seus lábios. — Você é minha funcionária e não quero que volte para casa tão tarde em um transporte público. E, na verdade — ele ponderou, o olhar passeando entre as ruas que percorríamos e o retrovisor —, quero que comece a usar a minha garagem. Acho que numa cidade como a

nossa, com um passado tão violento, não é seguro que se arrisque à noite, estacionando no posto desativado.

Pisquei para ele, negando com a cabeça e mordendo com força o lábio inferior. Droga, como esse homem era perfeito... e se preocupava comigo. Ele só não fazia ideia de que, se passasse a usar a garagem da casa, aquilo me arrumaria um problemão com meu avô, que teria certeza de que eu estaria de caso com o meu chefe.

— Drake, já estou acostumada com o posto. — Amenizei a voz.

Foi meio tarde quando meus olhos miraram um buraco grande à nossa frente, porque Drake, concentrado em me encarar, também não o viu. Quando comecei a apontar, as rodas passaram com tudo por cima da pequena cratera.

O carro quicou e minhas mãos foram incapazes de controlar o objeto que estava nelas, amassando o copo com a bebida. Senti o líquido quente indo com tudo para o meu pescoço, inundando o meu suéter.

Estava quente, queimando.

— Porra! — xinguei.

O copo escapou da minha mão enquanto eu soltava o cinto, depois tirava o casaco e sacudia o suéter para tentar me livrar do líquido que incomodava. Arranquei o agasalho preto de uma só vez, desesperada, tentando usar a borda do casaco para secar o pescoço e o colo.

— Caramba, espera, deixa eu te ajudar!

Ouvi o clique do cinto dele se soltando, o carro parando no acostamento. O porta luvas foi aberto e, quando me dei conta, Drake estava por cima do console, me secando com uma porção de lenços de papel.

Eu estava comprimida contra o banco, com uma confusão de mãos e papel secando meu peito, que, por

sinal, estava descompassado.

Não era mais a pele que queimava com o café fervendo, mas a minha barriga, o meu coração, com o homem por quem era encantada tão perto do meu rosto, parecendo preocupado na tarefa de me secar.

— Droga! Me desculpe, Emi... — Ele parou no meio da frase. Pareceu perceber que eu estava sem blusa, olhando os meus seios que subiam e desciam sob o sutiã preto de renda, então se afastou. Raspando a garganta, voltou ao próprio banco, as bochechas corando. — Vou te dar o meu suéter. — Avisou, começando a tirar a jaqueta para alcançar o casaco branco por baixo.

— Não. — Neguei com as mãos, não querendo que ele se desse ao trabalho. — Olha, pare com isso! Você não precisa me dar outra roupa sua — avisei, planejando recolocar o meu agasalho sujo.

— Você é orgulhosa demais! — ele rosnou, me obrigando a encará-lo, apertando a peça, na tentativa de torcer os dedos. — Eu posso ser um porto seguro pra você, fantasminha, te proteger e cuidar de você. — Ele comprimiu os lábios, os olhos presos no meu rosto. — Você só precisa deixar!

Sentia como se estivesse prestes a romper a pele da minha boca, de tanto cravar os dentes, mas, por mais que me esforçasse, não conseguia parar. Observava sua garganta subindo e descendo rapidamente, enquanto seus olhos percorriam os meus seios com um brilho diferente. Eu ainda não os havia coberto, pois estava paralisada na tarefa de juntar as suas palavras e entender o que ele havia dito.

Minhas mãos tremiam e para contê-las, soltei o suéter e as cravei em minha *legging*, na altura das coxas. Engoli uma dose de coragem para responder, novamente com a ideia tentadora de pedir socorro a Drake, mas o *stalker* piscou na minha cabeça, como se

estivesse chiando na imagem de uma TV antiga. Contudo, ainda vinha o medo de que ele estragasse qualquer coisa que eu pudesse ter com Drake.

Ele havia sofrido como eu e merecia algum conforto, principalmente, depois de me ofertar proteção e ser tão doce comigo.

— Eu também posso ser um porto seguro para você. — Minha voz soava trêmula. — Te admiro muito e acho que você não merecia nada do que aconteceu.

Eu não consegui piscar, porque Drake avançou sobre mim com tanta força, que quase colidi contra o vidro da janela. Não entendi como ele conseguiu abaixar o meu banco tão rápido e me fazer deitar sobre o assento, só senti meu corpo ferver embaixo do dele, quando se enfiou no meio das minhas pernas e sua boca colidiu com a minha.

Não foi calmo, foi faminto.

A boca dele abriu espaço entre os meus lábios, tão quente, que não me restou qualquer ação que não fosse misturar minha língua com a sua. Suas mãos me amassavam, pareciam querer rasgar a pele, se enfiar nas minhas coxas enquanto eu provava o gosto delicioso de café e hortelã na boca dele.

Temendo abrir os olhos e ser um sonho, segurei a sua blusa, gemi contra os seus lábios, com o coração frenético, a pele em chamas.

Espremidos no espaço pequeno do carro, no meio das minhas pernas, ele não se encaixava totalmente para que eu pudesse senti-lo contra a minha boceta. Mas eu queria. E quis ainda mais quando as mãos dele subiram para os meus seios.

Foi doloroso, forte, e nada comparado às minhas imaginações.

Ele era denso e sua boca foi descendo, sua barba arranhando o meu queixo, deixando meus lábios e me arrancando um gemido de frustração.

Eu queria mais...

— Gostosa pra caralho! — sussurrou, descendo pelo meu pescoço e, no meio do caminho, parou e o sugou.

Me contorci com uma poça úmida na minha calcinha, e nem mesmo minha queimadura, sendo comprimida na lateral do carro, por ficar de pernas abertas, gritava mais do que a vontade que eu tinha de sentir mais dele.

— Drake...— murmurei, enfiando as mãos suadas no cabelo dele.

Pedi muito ao universo que aquilo não fosse um sonho, quando a barba dele e sua boca molhada caíram para os meus seios.

Abri os olhos, querendo tatuar aquilo na minha mente para nunca esquecer. Seu olhar sobre os meus peitos era de outro mundo, vidrado, brilhante. Ele parecia gostar deles, parecia querer devorá-los. Seu indicador passou por cima da pata da aranha em um dos seios, e o rastro que deixava fazia um arrepio subir pela minha espinha.

Ele enfiou as duas mãos na frente do meu sutiã, puxando o bojo para baixo, deixando meus seios de fora, numa posição estufada para cima.

Ele ergueu os olhos para os meus, com um sorriso tão safado no rosto, que fez eu me apaixonar um pouco mais. Drake botou a língua para fora e a esfregou da ponta até em cima do meu mamilo, com uma lambida que me fez gemer baixinho. Estremecendo, queria mais... muito mais. Roçando a boca fechada de um lado a outro no mesmo mamilo, ele cobriu o outro seio com sua mão enorme, e tentei a todo custo elevar o quadril e me roçar nele.

— Isso é a perfeição, Fantasminha.

— Você é a perfeição, porra! — rosnei, enfiando a mão no queixo dele, desvairada, o puxando para a

minha boca.

Mordisquei seu lábio inferior com vontade, amando o jeito como ele sorria, e sem querer perder tempo, enfiei minha língua em sua boca outra vez. Tinha tanto desejo em mim, que nem parecia eu mesma. Ergui o quadril e me recostei nele, daquela vez, sentindo o seu pau duro contra a minha boceta, então me esfreguei.

Gemi na língua dele.

Eu não pensava em mais nada, porque o mundo ao nosso redor não existia. Formávamos um universo à parte ali, mais quente do que o sol.

— Aê, porra! — um grito foi seguido por um buzinaço. — Arrumem um quarto, otários!

O grito, vindo de um carro, do lado de fora, fez Drake sair de cima de mim tão rápido quanto havia se lançado. Voltando para o seu banco, ele segurou com força o volante e deu uma risadinha.

A minha pele coçava, fervia, e a minha boceta só queria alívio. A vontade era tão forte, que se não tivesse mais carros passando na via, eu driblaria a vergonha e pediria para ele me tocar, me aliviar.

Estava obcecada em reparar nele enquanto subia o meu banco para a posição normal, a boca inchada pelo beijo, o rosto todo corado, o suor na testa e o peito que subia e descia tão veloz quanto o meu.

— Porra, isso foi foda! — Ele suspirou e me encarou com o canto do olho. — Se ajeita, fantasminha. — Tirou o suéter e o jogou sobre os meus seios. — Acabaremos presos, se continuarmos isso aqui, no meio da rua...

Queria sugerir que fôssemos para algum lugar. Eu só precisava de mais, porém, Drake já havia começado a dirigir. O chão do carro era uma confusão de café, e minha blusa estava ensopada. Minha bolsa

não estava à vista, e não duvidaria se Drake a tivesse atirado pela janela no meio do caminho de me devorar.

Eu já havia beijado alguns garotos na escola, mas, como tudo na minha vida, não teve sabor. Só que esse beijo... esse foi como mergulhar de cabeça em um vulcão.

E não estava louca! Não, porra! Ele me queria, me queria a ponto de, ao invés de me dar só um beijo, já me tocar tão intimamente assim.

Demorou até que minha respiração normalizasse, porque o carro parecia uma fornalha, e todos os meus hormônios dançavam juntos, pedindo pela droga de um orgasmo.

Eu nem vi quando foi que Drake estacionou no campus, em meio a outros carros, só percebi quando ele, sorridente, me encarou no fundo dos olhos, o rosto estampando um repuxar safado de lábios.

Engoli a umidade amontoada em minha boca, olhando em volta, porque se ele quisesse continuar bem ali o que tínhamos começado, talvez fôssemos em cana mesmo.

— Veste a roupa!

Drake se inclinou em minha direção, tirou o suéter de cima do meu colo e puxou o meu sutiã para cima, alinhando meus seios de volta, por baixo dele. E só então me dei conta de que viemos até aqui comigo assim, com os peitos de fora.

Eu estava totalmente descompensada.

Vendo Drake sem camisa, pela primeira vez pude notar os gomos na sua barriga. Ele era um conjunto perfeito e alinhado, que poderia facilmente rivalizar com o mito de algum deus antigo, adorado por sua beleza.

— Obrigada!

Foi uma batalha conseguir dizer alguma coisa enquanto vestia o suéter dele, depois meu casaco

marrom. Vistoriei ao redor, procurando meus pertences, percebendo, ao fitar o carpete abaixo dos meus coturnos, que ele precisaria mandar higienizar o carro.

Foi olhando para o banco traseiro que encontrei minha bolsa largada em cima dele, e me inclinei para trás e a agarrei. Mordi a bochecha e encarei o meu chefe, que me sondava, parecendo se divertir com o rubor da minha face.

— Vou levá-la para jantar. — Meu coração quase parou, depois retumbou tão forte, que me perguntei se eu era a única ouvindo os batimentos. — Te busco depois do trabalho.

Não me deixou falar, só se jogou em cima do console e me deu um beijo casto, que fez meu corpo inteiro amolecer. Eu poderia sentir o calor dos lábios dele por um bom tempo, mas meu alarme tocou e, cacete, eu tinha uma prova.

— Preciso ir — avisei, ainda contra a boca dele. — Nos vemos mais tarde, então.

— Adorei isso, fantasminha. — A barba dele roçando em minha face era quase poesia. — Quero beijá-la mais vezes!

— Sempre que você quiser!

Eu só me afastei dele porque minha prova era importante, então peguei minha blusa suja e a enfiei dentro da bolsa, antes de me despedir:

— Até mais tarde, Drake!

— Até, Emily!

Enquanto me afastava do carro, tocava os lábios e sorria, sem acreditar no que tínhamos feito. Foi tudo tão perfeito, que poderia ser mentira, uma peça pregada pelo meu inconsciente, mas o melhor de tudo era que aquilo tinha sido real pra caralho.

Meu sorriso só morreu quando me deparei com Madson Weber, que me espreitava parada em frente

ao seu carro, girando a chave com um pompom rosa em seu indicador fino e pequeno.

— Bom dia, gatinha! — Sorriu. — Estava quente a parada entre você e o senhor Walton, né? — Revirei os olhos, passando por ela e apertando a alça da bolsa, fingindo que não a vi. — Os garotos sabem que está fodendo com o pai deles?

Mordi a língua para não a xingar, apressando o passo. E mesmo não querendo dar ouvidos, foram as palavras dela que me trouxeram a compreensão: Madson contaria a eles, e se um dos meninos fosse o *stalker*, eu estava muito fodida!

17

Emily Brown

Foi uma luta me concentrar na prova, e mesmo que minha cabeça me sabotasse, jogando memórias do Drake a cada segundo, consegui resolver as questões de forma satisfatória.

Entrando no refeitório, ainda tocava os lábios e pensava nele, quando meus olhos caíram em Ethan Jones, que acenava para mim. Ele não tinha tido prova no dia, afinal, não era uma matéria que tínhamos em comum, pois, embora estivéssemos no mesmo curso, ele estava um ano à minha frente.

Sorrindo, quase saltitei até a mesa em que estava. Ethan era bonito, com uma barba rala, como se tivesse saído de casa e esquecido de se barbear, mas combinando perfeitamente com seu rosto de feições gentis, com um maxilar afiado que terminava em um queixo sutilmente fino.

Debruçado sobre uma apostila de botânica, poderia muito bem se passar por um modelo da Calvin Klein, lendo tranquilamente e bebericando um chocolate quente. Seu sobretudo azul-marinho ornava com o suéter de mesmo tom, e criava um contraste perfeito com o cachecol cinza. A roupa até parecia um adorno combinando com sua pele oliva.

— Você usando branco? — Ergueu as sobrancelhas negras e grossas demais, desconfiado, fitando meu corpo envolto no agasalho de Drake. Por estar com meu casaco cáqui pesado por cima, não achei que ele fosse perceber a peça intrusa. Sendo um cara extremamente detalhista, é claro que notaria. — O que houve? Viu Jesus essa manhã e resolveu se purificar?

Sentei-me à sua frente e me debrucei sobre a mesa ampla, esticando o braço e chacoalhando sua cabeleira oleosa para implicar com ele. Ethan era alto e tinha um corpo elegante, nada muito musculoso, mas as mulheres ao redor sempre torciam o pescoço até ele e lhe davam sorrisinhos. E, quando nos conhecemos, até senti uma coisinha na barriga quando ele se aproximou de mim, meio afetada por um carinha lindo querer papo comigo. Com os dias, as borboletinhas minúsculas foram se acalmando em meu estômago, morrendo, então passei a vê-lo apenas assim, um colega de turma que vagarosamente vinha se tornando um solo mais firme sob os meus pés, alguém em quem podia confiar.

— Não é meu. — Dei de ombros, banhada com seu perfume forte e cítrico. — Ganhei uma carona do meu chefe hoje e acabei derrubando o café dele no meu colo.

— Ah, então esse agasalho é dele? — Sua voz melodiosa perguntou, duas linhas afundando no meio das sobrancelhas grossas e escuras.

— Aham... — Balancei a cabeça.

— Ué... mas pera, você derrubou o café no colo, dentro do carro dele?

— Sim.

— E onde trocou a roupa?

Ele levantou uma sobrancelha, a boca se tornando uma linha fina, enquanto me interrogava,

dando uma de *Will Trent*[7].

— Ih, o que deu em você? — Torci a boca para a esquerda em um bico, os olhos estreitos para cima dele. — Está mais fofoqueiro do que nunca.

Ele soprou uma risada.

— Então, já que quer fugir do assunto, me deixa perguntar outra coisa: você conseguiu fazer a denúncia sobre a rosa que te enviaram? — Me ofereceu um gole do seu chocolate, após a pergunta direta.

Ele ficou assustado com o que aconteceu na festa do cemitério, mas quando lhe contei da rosa amarrada, se apavorou a ponto de aconselhar que eu fizesse um *exposed* de tudo na internet e obrigasse a polícia a me ouvir, já que cagaram para mim quando busquei ajuda pelos meios corretos.

Ethan estava chocado com o fato de eu ter um perseguidor, e olha que não sabia que havia sido pega novamente, e pior, que gozei com aquele desgraçado, após ser queimada. Aquele segredo sujo eu não contaria a ninguém.

Meu amigo estalou os dedos diante do meu rosto, um sorriso travesso nos lábios, me chamando de volta à realidade.

— A polícia não está nem aí para mim. — Não queria choramingar tragédias, então tentei mudar de assunto. — Mas e você, animado para as festas de *Halloween* que se aproximam?

— Nah... — Comprimiu o lábio inferior sobre o de cima em um bico fofo, os ombros murchando enquanto negava com a cabeça. — Com minha avó doente, tive que contratar um assistente para a loja de presentes. Em pouco tempo Salém será entupida por turistas, e eu, com trabalho em dobro na loja, na floricultura... — Segurou a cabeça com as duas mãos e bufou, fazendo-

me reparar na fenda em seu queixo. — Ainda tem a porra da temporada de provas aqui na faculdade. Nem consegui tempo para terminar a leitura de *“Vermelho, branco e sangue azul”*.

— Acho que eu gostaria de morar na “cidade das bruxas”, ainda mais no *Halloween*...

Chacoalhei as sobrancelhas, com um sorrisinho nos lábios

— Sabe que não gosto de festas, mas até ganhei convites para algumas lá na cidade, e se você topasse ir comigo, a gente podia tentar se divertir. Você poderia ir vestida de bruxinha, super combinaria com você. — Ele convidou, covinhas se afundando nas bochechas com o seu sorriso.

— Não odeia *Halloween*? — Cerrei os olhos para ele.

— Odeio, sim. E odeio Salém, mas gosto de você.

— Também gosto de você, meu carinha das rosas — brinquei.

E minhas próprias palavras me transformaram na Alice, deslizando pela toca do coelho, tão fundo, caindo e caindo, percebendo aqueles olhos castanhos, que à meia-luz ficavam negros como a noite. Ou eu seria a chapeuzinho, achando que todos os olhares poderiam ser dos famintos olhos do meu perseguidor?

Ethan, o garoto gentil que conheci nesse semestre, que sempre me oferecia chocolate quente, passava suas anotações quando eu perdia uma aula, até me convidara para ficar em sua casa...

Não podia ser ele!

Quebraria meu coração em mil pedaços.

Não importava que tivesse olhos escuros. Naquela faculdade tinham dezenas de caras com íris daquela cor e, decididamente, o homem que me torturou e andava brincando comigo não era gentil ou

doce. Era vingativo e perverso. Mas, Ethan... era o cara das rosas, um romântico incurável.

Porra, mas ele vendeu uma flor negra ao Drake e também poderia saber do presente que ganhei do meu chefe, mas como? Ethan não conhecia de fato o senhor Walton, a ponto de reconhecê-lo.

Meus pensamentos sobre o *stalker* me levavam a bifurcações, estradas para lugar nenhum. Não importava quantas hipóteses levantava, não conseguia ter certeza de seu rosto. Todavia, não era Ethan, porque, pelo que soube a pouco tempo, ele...

— Tudo bem? — Dobrou a cabeça, baixando as sobrancelhas, fitando-me ao interromper meu raciocínio.

— Sim, eu só...

Uma voz aguda se espalhou pelo ar, sobrepondo os meus pensamentos:

— Todo mundo sabe que foi o marido dela quem a matou — a loira cochichou com as amigas fofoqueiras empoleiradas ao seu redor, os óculos redondos e metálicos sobre o rosto longo caindo sobre o nariz ossudo. — Esse lance de imitador é uma palhaçada... Parece que alguém pagou a polícia para se fazer de cega, fingindo que não está na cara quem é o maior suspeito do homicídio na Propriedade Walton. E quer saber? Talvez Drake seja também o Assassino das Divorciadas!

Ethan me encarou, lívido, as sobrancelhas grossas se elevando. Meu amigo sabia que eu tinha carinho pelo Drake, pois tinha dito isso a ele inúmeras vezes, apenas ocultando que também sentia algo mais. E talvez ele estivesse assustado porque pudesse ver que meu peito naquele momento se transformava em uma supernova[8].

Eu não era barraqueira, mas tinham coisas que espreitavam feito lobos sob a minha pele, e quando eu saía do sério, elas se aproveitavam, fugiam pelas brechas.

— Você deveria engolir suas palavras imundas! — rosnei olhando para o lado, os punhos batendo na mesa. — Rose era uma vadia que trepava com meio mundo, enquanto Drake a tratava com respeito. Ele era devoto da esposa e dos filhos e jamais faria mal à sua mulher!

Por que o mundo resolveu calar a boca no exato momento em que gritei? Nem parecia que estávamos em um refeitório, pois o tilintar de garfos sobre bandejas plásticas e o falatório dos alunos morreu em um segundo com o meu chilique.

— Que porra você disse sobre a minha mãe? — A voz retumbando por cima do silêncio agoniante do refeitório fez meu corpo se mexer sozinho, saltando para fora do banco.

Dei de cara com o filho mais velho de Drake cerrando os punhos ao lado do corpo. Sua jaqueta de couro só não era mais sombria do que o seu semblante. Ele me devorava por cima dos olhos e não precisou mover a boca, seu semblante sobre mim era o de um gavião, espreitando o momento exato de dar um rasante para acabar comigo.

Ethan se levantou, dando um jeito de se enfiar à minha frente, cobrindo-me com seu corpo alto demais. Espiei pela lateral de seu braço, medindo a distância entre nós e Bran. Era pouco mais de um metro.

Como pude não ver que Zayn estava parado atrás do irmão? Suas mãos estavam enterradas nos bolsos da jaqueta vermelha da fraternidade, os olhos nublados, correndo entre Ethan e eu.

— Saia da frente, Jones! — Bran ordenou, estalando os nós dos dedos de uma mão com a outra,

como se fosse se preparar para um soco como o que deu em Noah no outro dia. — O lance não é contigo.

— Ela é minha amiga! E... porra, cara, Emi é uma garota — Ethan rosnou, cruzando os braços. — Deixem-na em paz!

— Já que é uma garotinha indefesa, Emily não deveria ser tão cruel — Zayn soprou com uma risada mórbida, dando um passo e parando ao lado do irmão.

Um rastro gelado e úmido escorria do meu cabelo para a minha testa, e meus olhos queimavam pelo tanto que os abria, assustada. Me vi agarrando os flancos do sobretudo de Ethan e me escondendo mais atrás dele.

As palavras do *stalker* voltaram à minha cabeça, como se sopradas pelo vento, se alastrando com o medo pelas minhas veias:

Garotas cruéis merecem pagar.

Não era Zayn! Não fazia sentido... ou, de fato, ter fuxicado seu baú o fez ficar obcecado por mim?

Tinha feito merda ao falar aquilo da Rose no meio da universidade, e pior ainda, na frente dos filhos dela. Não importava se fosse verdade, ninguém ficaria quieto ao ouvir a mãe morta ser ofendida daquela forma.

— Se não vai sair, a gente tira você!

Não era a voz dos garotos Walton, mas sim de outro aluno da Blind Crows, Mathew, um grandalhão assustador e loiro que volta e meia dava uma de comparsa dos Walton.

Não pude precisar a velocidade com que as coisas aconteceram, apenas senti Ethan sendo arrancado da minha frente e soltando inúmeros palavrões. Ele era costumeiramente um lorde, mas naquele segundo vi sua mão tentando acertar um soco em Mathew. Foi preciso mais caras da Blind Crows o

rodeando para o segurarem, enquanto ele gritava que me deixassem em paz.

Ficou claro o que aquela corja estava fazendo: abrindo caminho para que Bran e Zayn me pegassem.

E mesmo que o terror parecesse um monstro rugindo na minha cabeça, entendia que precisava me enfiar na confusão e afastar os brutamontes do meu amigo, mas quando vi os pares de olhos dos meus algozes se aproximando, soube que precisava fazer uma única coisa: correr.

Os garotos Walton avançaram em cima de mim, mas dei meia volta e corri pelo outro lado do refeitório, trotando a toda velocidade entre uma fileira de bancos e a parede dos fundos.

Eu gritei e, embora o refeitório estivesse lotado, nenhum só aluno se ergueu para me ajudar. Meu peito estava descarrilhado, a respiração, prejudicada, como se houvesse uma corda em meus pulmões, apertando e impedindo-os de funcionar. E quando consegui fugir pelas portas amarelas, minha visão começou a turvar.

Eu não era tão rápida e sabia que eles podiam me alcançar se ousasse olhar por cima do ombro para ver a que distância estavam. O barulho dos passos deles atrás de mim soava tão alto, que presumia ser o medo apurando os meus sentidos, tentando me ajudar a sobreviver à ameaça.

Foi com certa emoção que cheguei à frente da faculdade, fantasiando alcançar o ponto de ônibus do outro lado da movimentada avenida, porque, para piorar tudo, estava sem o meu carro. Só não contava com um braço pesado se fechando ao redor da minha cintura, me laçando.

— Peguei você, noiva dos mortos! — Zayn cochichou no meu ouvido.

— Não! — gritei, tentando me livrar do seu toque enfiando as unhas em seu braço.

Ele gargalhou, se alimentando pelo meu horror e me puxou com ele para longe, forçando-me a andar em direção ao estacionamento. Minhas unhas provavelmente lhe pareciam carícias, porque, embora se enterrassem, massacrando sua carne branca demais, ele não parava.

Eu gritei, olhei ao redor, vendo que outros alunos presenciavam a cena com espanto, porém, eram covardes demais para me ajudar.

Ninguém naquele campus enfrentava os Walton.

Tentei plantar os coturnos no chão para criar alguma resistência, mas nada o impediu de me arrastar até o... o... furgão da funerária.

— Não acha interessante, *Emi*, que estejamos com o carro da funerária? Meu pai pediu para eu levar um caixão até o trabalho de vocês, hoje.

O apelido até parecia apaziguador na língua de Bran, mas sabia que estava debochando do jeito como Ethan me chamava. A energia densa dele passando por seu irmão e eu, enquanto apertava a chave do veículo, fazendo as luzes do carro fúnebre piscarem, deixava claro que ele queria acabar comigo.

— O que quer dizer? — quase gritei, querendo me virar e me agarrar em Zayn, como se não fosse burrice achar que ele pudesse me proteger do olhar de psicopata do seu irmão.

— Você está com medo? — O mais novo estava curvado contra o meu ouvido, tão perto quanto nos meus sonhos de adolescente burra e apaixonada pelo lobo mau. — Achei que gostasse dessas paradas de caixões, enterros e tudo mais.

— Me desculpa, tá? — sussurrei, segurando seu braço sobre a minha barriga. — Eu não deveria ter falado daquele jeito sobre a Rose.

A alguém de fora, que não tivesse visto o escândalo, pareceríamos um casal apaixonado, afinal,

ninguém, além de mim, podia sentir aquela coisa cheia de garras acelerando por minha corrente sanguínea, se espalhando pelo meu corpo, gritando que eu estava em perigo.

— Está mesmo arrependida?

Zayn ofegava, me contaminando com o aroma de tangerina, madeira e cigarro. Podia ter um fundo fresco, mas não era o cheiro do *stalker*.

A mão dele deslizou para baixo, cavando um caminho lento. Eu pisquei tantas vezes, que poderia doer. Não podia deixar ele me tocar daquela forma.

Eu gostava mais do Drake, então, por que não o afastei?

— Estou — menti.

Não me arrependia de dizer aquilo sobre a Rose, na verdade, foi um alívio revelar à faculdade inteira quem ela era. E, no fim, tinha certeza de que os seus filhos sabiam daquilo, que ela vivia metendo chifres na cabeça do marido. Talvez, o único naquela cidade que não fizesse ideia das traições fosse o Drake.

— Você é uma mentirosa, Brown. — Ele soprou, as palavras fervendo contra a pele do meu pescoço.

Suas duas mãos envolviam o meu quadril, uma delas perto da queimadura. Então me deram um apertão generoso, que funcionou como combustível para ele me puxar ainda mais para si.

Zayn estava duro contra a minha lombar. E não sabia se minha boca aberta era de horror pela sua ereção, ou pelo forte puxão que deu em meu cabelo. Cada folículo capilar gritou com a força da mão dele.

Era pra machucar, então, por que caralho meus seios pesaram?

Meu *stalker* surgiu na minha mente, e revivi as duas vezes em que ele me dominou assim, usando meu cabelo de rédea.

— É você? — Não sabia se aquilo era uma pergunta ou uma súplica, enquanto eu estava torta, com as costas deitadas no peito dele e o corpo formando um arco para trás.

Zayn tinha o queixo colado no peito para me enxergar naquela posição louca, com um boné preto com aba para trás sobre o cabelo, os lábios molhados e as bochechas reagindo ao frio, rosadas.

Ele era branco demais, com as maçãs do rosto proeminentes e seu rosto parecia de mentira, de tão simétrico e perfeito.

O cretino riu, suavizando o puxão enquanto fitava a minha boca e lambia os próprios lábios.

— Já disseram que tu é linda pra caralho, Emily? — Fugiu da pergunta.

Se fosse o meu *stalker*, não me responderia. Embora tivesse a altura necessária para ser o meu perseguidor, seus olhos claros não o permitiam ser. Era fantasioso demais pensar nas lentes escuras.

Quis apagar o elogio da minha mente. Ele não tinha aquele direito! Ele... queria me seduzir da sua maneira torta e agressiva, porque, provavelmente, Madson contou a ele que eu tinha um caso com seu pai. Zayn tinha sérios problemas com Drake e queria competir.

— Obrigada. — Foi um sufoco forçar a resposta pela garganta. —Agora me deixe ir, por favor! Eu juro que não falarei mais da sua mãe.

Eu era capaz de muita coisa para sobreviver, embora adorasse dizer a mim mesma que tudo o que queria era morrer. Talvez esse fascínio pela morte tornasse meu *stalker* tentador.

Ele poderia me matar... seria isso o que me tinha me feito gozar com ele?

Meu perseguidor era a materialização do meu destino ideal: morrer?

Ou ele era excitante quando me causava dor?

— Vem, vamos deixar você no seu lugar! — Zayn disse, soltando o meu cabelo, depois alisando a minha cabeça com carinho.

Parecia ele... aquele maldito toque! O carinho que me fazia amolecer, mesmo depois de ter feito algo pesado comigo. Ou o *stalker* brincou com a minha cabeça, me jogou em uma dança louca, e mesmo se não fosse nenhum dos dois Walton, se estivesse há léguas de distância, ainda assim estava tão infiltrado sob a minha pele, que eu o veria em qualquer lugar?

Engolindo em seco, até planejei dizer alguma coisa a Zayn, mas não me restou espaço para resistir quando ele foi me empurrando em direção à porta da frente do furgão preto. Ele abriu a porta do carona e ficou atrás de mim. Não precisava encará-lo para saber que desejava que eu subisse.

Todas as células, ossos e pele do meu corpo gritavam para eu fugir. Sabia que estava me jogando na toca de uma raposa quando entrei no carro e me sentei no banco do meio.

Bran já estava ao volante, o rosto sério virado para mim. Esse carro tinha assento para três pessoas na frente, e Zayn se sentou do outro lado. Entre os dois, me sentia dentro de uma forja de ferreiro, prestes a arder como se estivesse no inferno.

— Vo... vocês vão... me... me deixar em casa?

Esfreguei as mãos pegajosas contra as coxas, tentando secar o suor, tendo que respirar pela boca para consertar o ritmo irregular do meu coração. Não era fácil, com Zayn perto demais. Ele estava grudado em mim quando Bran deu partida no carro, a coxa imensa quase se fundindo à lateral da minha.

Minha atenção estava concentrada no garoto no banco do motorista. Ele parecia calmo, com os cabelos negros e repicados caindo de forma rebelde sobre a

testa, mas eram os seus olhos que salpicavam tempestades.

— Vamos, sim! — Bran avisou e quando me encarou, foi tão feio. A tempestade parecia dar luz a um furacão que pretendia me devastar, mas suavizou quando seu olhar se desviou para o irmão. — Achou o suéter dela legal?

Enquanto o carro se movia para fora da faculdade, acelerando pela avenida, parecia que Bran havia me empurrado dentro de um buraco no gelo, pois sentia como se farpas finas estivessem entrando por toda a minha pele.

— Nosso pai tem uns desses, né? — Zayn entrou no jogo. — Em que loja o comprou?

Enfiou a mão na minha cintura e forçou meu corpo a se arrastar no banco, até que minhas costas colidissem com seu peito, e meu quadril se acomodasse no meio de suas pernas abertas envoltas num jeans desbotado.

A boca dele já estava no lóbulo da minha orelha, enquanto meu peito parecia brincar de montanha russa.

— Fica tão bonitinha com medo — Bran começou com uma frase baixa, mas terminou no ato rude de parar o carro de qualquer jeito no meio fio. Agarrando o volante com ódio, ele se virou para mim. — Não me deixe mais bravo, Emily. Tire a porra da roupa do meu pai!

Emily Brown

Meus olhos marejaram quando olhei para baixo, fitando o suéter claro. Bran nunca tinha gritado comigo, embora constantemente fosse rude.

— Não vou ficar de sutiã! — Me abracei, uma lágrima rolando pela bochecha.

— Ué, mas você ficou assim na frente do meu pai. A gente soube... — Zayn murmurou, os dedos enterrados na minha bochecha, me puxando de um jeito suave, mas obrigando-me a torcer o pescoço e a encará-lo. — Eu gosto de lágrimas, *Emi*. Elas não me deixam com pena, causam outra coisa.

Meu corpo inteiro chacoalhava com a tremedeira, embora soubesse que aquela coisa bizarra em mim estava acordada, aquecendo a minha barriga.

Os dois estavam bravos comigo. Bran me avisou que eles não me queriam perto de Drake.

Um hálito quente soprou contra o meu rosto. Me encolhi, achando que Zayn fosse arrancar a roupa do pai de mim à força. Cerrei os olhos com vontade, fechando os punhos e reunindo coragem para me proteger, mas o rastro molhado em minha bochecha fez todos os meus poros se arrepiarem.

Ao fitá-lo, seu rosto estava tão perto quanto sempre desejei, e quando gemeu, depois de provar a minha lágrima, não se afastou. Ele também havia fechado os olhos, com os cílios densos batendo preguiçosamente após o ato sádico. Dois vincos perfeitos afundando cada bochecha com seu sorriso radiante.

Depois daquele gesto, mais do que nunca, acreditei que ele fosse o meu *stalker*. E o desejo reprimido se libertou com o medo um tanto soterrado pela coisa flamejante embaixo da minha pele. Ele estava jogando com a minha mente e aquilo não me deixava feliz. Queria ver se a máscara dele desabaria com o que eu diria:

— Sabe que não sou sua, né? — provoquei, engolindo a covardia. — Que posso beijar o seu pai quantas vezes quiser, e ficar de sutiã para ele... afinal... — A mão dele se fechando com força no meu pescoço deveria me fazer recuar, seus dedos largos parecendo precisar de muita força mental para não me sufocarem. As íris faiscantes de Zayn anunciavam um fogaréu, mas, talvez eu pudesse tirá-lo do sério e provar que ele era o meu *stalker* naquele momento. — E pretendo me deitar com ele, entregar ao Drake o que nunca dei a ninguém, sabe por quê? — Nem um lobo respiraria de forma tão feroz quanto Zayn fazia. — Porque não pertenço a ninguém!

Seus olhos estavam como estacas, presos nos meus, seu maxilar cerrado, o peito que subia e descia, era como dançar com o perigo.

— Então ele a usa e não a torna dele?

A voz de Bran estava carregada de zombaria e me forçou a fugir da posse de Zayn, torcendo o pescoço para encará-lo. Ele ainda apertava o volante, mas seu olhar sobre mim, por cima do braço direito,

era outro. Nublado, com algo indecifrável, mas não era gelado como habitualmente: parecia cálido.

— Não chegamos a essa parte de nomear nada — revidei, erguendo o queixo, feliz que o garoto atrás de mim havia soltado o meu pescoço.

E o que eu acabara de dizer não era mentira, afinal, foi um beijo apenas... E poderia se tornar muito mais.

— A gente a faria nossa — Zayn falou, a mão quente e grande roçando a borda do suéter emprestado, tocando minha pele por baixo.

Parecia mais calmo, como se a provocação de Bran o tivesse impedido de sair do sério.

— Como fazem com a Madson? — A alfinetada vazou da minha boca como se fosse veneno. — Não, obrigada! Não farei parte do harém de vocês.

A gargalhada dele, por cima da minha cabeça, me fez ferver. Não havia graça ali, por isso, quis bater em sua mão.

— Falando sério, Emi... Não me parece justo que ele tenha nos afastado de você por todos esses anos, só porque a queria para si. — Zayn prosseguiu. — Ele sabia que a teríamos, então atrapalhou tudo.

— Vocês não me querem de verdade. — Segurei a mão dele, tentando barrar suas palavras, porque eram mentiras. — O que almejam é brincar comigo.

E Drake não me desejava quando eu era tão jovem. Ele me protegeu dos dois. Eu podia ver que o olhar dele sobre mim mudou há pouco tempo, antes era quase condescendência e pena, mas então, passou a ter algum desejo.

Bran cerrou os lábios e revirou os olhos, como se tivesse ouvido o maior absurdo do mundo.

— A quisemos desde o momento que se tornou proibida. E você é perfeita, por que alguém não iria

cobiçá-la? — ele rebateu. — E, sim, também queremos brincar!

Era estranho sentir como se minha composição corporal se desfizesse e se, de repente, eu ficasse líquida, me derretendo por palavras bobas e quentes.

A mão de Bran puxou minhas pernas para cima do banco e meus lábios pareciam tão secos, a ponto de eu precisar umedecê-los muitas vezes por segundo.

Aquilo era errado, tão errado quanto cochichar durante a missa, tão tortuoso quanto aceitar uma carona do meu chefe, tão sujo quanto deixar que ele me beijasse.

Eu era toda errada.

A mão de Zayn, por baixo da minha blusa, queimava enquanto circulava a minha pele. Eu era distorcida a ponto de não a tirar de lá.

Por que porra Bran tirava os meus sapatos? Eu precisava mandá-lo parar, mas me perdi na forma como me encarava por baixo dos cílios, no jeito como ele soprava o ar através dos lábios rosados e cheios, no rubor das suas bochechas e a porra da barba que começava a crescer.

“Emily, pare o Bran agora”, minha mente chacoalhava a ordem inúmeras vezes, mas eu não conseguia mandá-lo parar, enquanto ele atirava o meu sapato no carpete do carro e começava a arrancar as minhas meias.

“Não deixe Zayn tirar o seu casaco”, eu gritava a mim mesma, mas foi só piscar e já estava de sutiã. Suas mãos ásperas e tentadoras acariciando os meus ombros.

Desvairada, cometi o pecado de olhar por cima deles, para os olhos azuis do cara que sempre julguei ser algum tipo de anjo caído, poderoso demais para mim. Ele parecia esperar um gesto de consentimento a mais, com um olhar tão cheio de pedidos e promessas.

E ali, há tão poucos milímetros de distância, me entreguei ao erro de finalmente sentir que porra de gosto ele tinha.

Eu não calculei os danos, não mensurei as consequências.

A gente colidiu, sua língua salpicando erro pela minha, a mão dele amassando a minha barriga enquanto a outra subia para os meus seios e eu tentava embrenhar meus dedos no seu rosto para sentir mais coisas, o arranhando para ouvir o desgraçado gemer.

Suguei a língua dele, inspirando o ar como louca, e porra, ele tinha sabor de cigarro, bala e coisas proibidas, e de fato, ele era proibido para mim, especialmente quando estive embaixo do seu pai na mesma manhã.

— Talvez seja mais nossa do que imagina — Zayn sussurrou entre a minha boca.

Não tive tempo de responder, lambendo a boca e engolindo o aguaceiro represado em minha língua, quando senti Bran tirando a minha *legging*. E só então fiquei nervosa, notando minhas pernas ficando nuas e a inspeção faminta do filho mais velho de Drake em meu corpo. Sua testa retesada, a respiração correndo forte pelos lábios, tudo aquilo fazia meu corpo arder.

Não soube quem ficava mais confuso com o olhar dele para o curativo em meu quadril, ele ou eu. Pareceu aflito com o amontoado de gaze e esparadrapo.

Ou Bran era muito fingido, ou ficou preocupado de ver que eu estava machucada.

— Viu como ela é linda? — Zayn provocou, as mãos finalmente se fechando ao redor do meu sutiã, apertando meus seios e me obrigando a arquear o quadril para cima.

Eu não podia fazer aquilo, e ainda assim, precisava... dos dois!

As mãos macias de Bran subiram com carícias pelas minhas pernas. Ele parecia tão concentrado em mim, e quando a ponta de seus dedos chegou à minha comportada calcinha rendada e preta, descendo-a pelo meu quadril, e depois de livrar-se dela, deu um jeito de se apoiar nos cotovelos.

— Bran... — Foi um arfar trêmulo, quase uma súplica, como se pedisse para que ele parasse aquilo, porque eu tinha a carne fraca demais para o travar.

— Oi, Emi — respondeu, os olhos subindo, confusos entre olhar para a minha intimidade desnuda e o meu rosto.

Ele nunca foi tão carinhoso comigo. Será que era assim que eles tratavam a Madson o tempo todo? Pensar naquilo me queimava o peito, me fazia sentir raiva dela, desejar que aquele carinho fosse apenas para mim.

Esparramada como se fosse gelatina sobre o corpo de Zayn, senti ele se esticando, me puxando um pouco para cima do seu colo, posicionando a minha bunda sobre o seu pau, em seguida abrindo as minhas pernas.

Quando deitei as costas contra o seu peito, a nuca recostada contra um dos seus ombros, ele estava encostado contra a porta do carro.

Demorei a entender que me colocava do jeito certo para que seu irmão pudesse encaixar o rosto no meio das minhas pernas e ele conseguisse fazer um malabarismo para soltar meu sutiã.

Meus mamilos enrijeceram em contato com ar, mas as mãos de Zayn os cobriram com velocidade. Ele pinçou os meus bicos com a ponta dos dedos, os apertou com a pressão certa para eu ficar molhada pra caralho.

Eu gemi, joguei a cabeça de lado dando à boca dele acesso ao meu pescoço, que não decepcionou. Roçou os dentes na minha pele, mas queria mesmo é que ele a mordesse.

A respiração soprando contra a minha boceta me obrigou a olhar para baixo, e não sabia se as mãos de Zayn me deixavam carentes, quando pararam de apertar os meus seios e desceram para minha barriga, ou me lançaram em chamas quando percebi o que ele estava fazendo.

Ele guiou os dedos para a minha boceta, e a visão de Bran no meio das minhas pernas poderia virar uma pintura. Ele era ainda mais lindo lá embaixo, comigo vendo apenas do seu nariz para cima. Os dedos do outro abriram os meus grandes lábios, como se cavassem a passagem para a boca de seu irmão, que quando finalmente se chocou contra o meu clitóris, me arrancou um gemido alto, quase um grito.

Me contorci, sentindo-o rir enquanto roçava a boca contra a minha carne sensível.

— Gosta que eu te abra para ele chupar? — Zayn sussurrou, rumando a boca até a minha e me beijando. Assenti com um gemido contra seus lábios, amando a língua de Bran me circulando, e sua boca ora ou outra sugando do jeito exato para produzir barulho. — Então coloca o peito na minha boca, para eu não ficar com tanta fome a ponto de precisar soltar os lábios da sua bocetinha.

Me afastei da boca dele, a mão bamba com o desejo que me percorria com força. Seu pau parecia uma rocha sob a minha bunda, e céus, aquele carro estava tão quente. O ar viciado embaçava os vidros, mas não deixava nada mais turvo que as nossas almas, ou que o meu desejo doente enquanto pegava sua cabeça e guiava sua boca até o meu mamilo.

Tive que ficar meio de lado, e Bran reclamou com a boca cheia, sendo tão mal educado, que gemi de um jeito arrastado.

Zayn mastigou o meu bico com certa força. Choraminguei, implorando com os olhos semicerrados para que não parasse nunca, mas ele queria sugar. Engoliu meu peito em sua boca grande e mamou, sugando com força. Aquilo deixaria marcas em minha pele, mas minha alma já havia tatuado aquele momento, me marcando como uma vadia imunda.

E sendo ainda mais suja, desci a outra mão e agarrei os cabelos de Bran. Os puxei com força, erguendo o quadril e o rodando. Zayn acabou deslizando as mãos para longe, tentando segurar o meu quadril no lugar, mas embrenhei a outra mão também na cabeça Bran, doida, querendo aliviar a pressão queimando na minha barriga, as pulsações constantes no meu clitóris.

E puta que pariu, foi de outro mundo ver Bran Walton colocar a língua toda para fora, rindo, esperando que eu fizesse algo para aliviar o meu desejo. Zayn não aceitou ficar de escanteio quando arranquei meu peito da boca dele na tarefa de me saciar, e alinhando meu cabelo num rabo de cavalo para liberar a passagem, feito um animal, cravou os dentes no meu ombro e mordeu.

Eu berrei, mas sarrei a boceta com tanta vontade na língua do irmão dele, que explodi em mil pedaços.

— Porra, Drake! — Eu sabia que estava fodendo com tudo ao gozar chamando o nome do pai deles.

Bran tentou sair, mas eu estava doida, queria jogar tudo para fora enquanto me vingava dos dois desgraçados, e quase arranquei os cabelos dele enquanto seu irmão queria arrancar um pedaço da minha pele.

Esfreguei a boceta na sua boca fechada, me aliviando por completo.

Quando meu último pulsar levou embora o meu gozo, quase desmaiei no colo de Zayn, que ainda rosnava e ia soltando os dentes da ferida imensa que cravou na minha pele.

— Vadia do caralho! — Bran rosnou.

Foi divino ver meu gozo escorrendo do queixo dele, enquanto, aliviada, pensava que, como os dois gostavam de brincar comigo, talvez devessem conhecer a garota que podia brincar com lobos um pouquinho.

E se eu tinha fodido com tudo ao gozar com os dois e podia perder o que havia conseguido com Drake, não seria desses idiotas porra nenhuma!

Éramos um amontado de respirações profundas, e sabia que os dois estavam tão acelerados quanto eu. E se havia algo quase maciço rolando no ar, era mágoa.

Após um silêncio sepulcral, Bran limpou a boca com a borda de sua blusa preta, depois jogou minhas roupas para mim. Seu rosto parecia de pedra, congelado.

Zayn me empurrou para fora do seu colo, e embora ainda fosse algo rude, segurou um dos lados da minha bunda, ou eu teria caído de lado no banco, em cima da queimadura.

Ouvi o barulho dele abrindo a janela do carro, a fumaça forte anunciando que havia acendido um cigarro enquanto eu me vestia, e quando tive uma pontada de coragem e o fitei pelo canto dos olhos, seu rosto estava impassível.

Tentei não gemer de dor ao me torcer para subir a *legging* por cima do curativo na coxa.

Meu peito parecia ter sido comprimido por uma placa de ferro, à medida que ficava mais nítido que

tinha me agarrado com os dois e Drake acabaria descobrindo. Eu não poderia esconder aquilo dele...

Enquanto Bran dirigia, os olhos pareciam mortos, direcionados à pista à nossa frente, Zayn soprava fumaça de cigarro na minha direção, me fazendo dar tapinhas no ar e tossir, enquanto colocava os sapatos.

Parecia que as palavras não eram uma opção para os dois, mas quando tentei passar o suéter pela cabeça, Zayn se lançou em cima de mim e o tomou da minha mão. Mal tive espaço para piscar, pois, quando vi, ele atirou a peça pela janela do veículo.

Acho que jamais abri a boca tanto assim, fitando-o com descrença.

— Nada de suéter do papai para você. O casaco já está ótimo!

Ele se abaixou e pegou meu agasalho no chão, depois o lançou no meu colo. Massacrei meus dentes, apertando-os, encarando a risadinha de Bran.

Querendo xingar, enfiei os braços no casaco, o fechei na frente com o zíper, mordi o lábio inferior e olhei de um ao outro.

— Quero descer do carro — avisei, tentando aprumar a postura.

— Vamos te deixar no seu lugar! — Bran sentenciou.

— Prefiro pegar um ônibus para casa — insisti, puxando a minha bolsa do assoalho do carro para o meu colo.

Senti a mão do Zayn no meu cabelo. Torci o pescoço para ele, notando uma mecha castanha enrolada em seu dedo. Ele sorriu, parecendo obcecado em ver os fios lisos escorrendo de sua mão até caírem sobre o meu quadril.

— Não. É perigoso que uma garotinha tão boazinha fique andando por aí sozinha. Vai que

resolvem te crucificar outra vez... — A voz de Bran era ácida.

Não importava que minha pele pinicasse de raiva após o seu deboche, ele não me encarou, apenas acelerou adoidado, não ligando para a pouca visibilidade que a neblina densa sobre as ruas causava.

Cruzei os braços, sentindo que precisava de um banho, e principalmente, lavar aquela mordida que Zayn me deu. Ela ardia, mas não era nada, se comparada à dor da queimadura na coxa.

Foi com alívio que, após mais de meia hora de chá de silêncio dentro do furgão, vi os muros de pedra e os portões de ferro da propriedade Walton.

Se houve alguma chama de esperança no meu corpo, achando que estava em casa, ela morreu ao ver o garoto de cabelos escuros acelerando e passando direto pelos portões, só para virar na rua do cemitério. Foi como o soar de um alarme dentro da minha mente.

— O que está fazendo, idiota? — Estreitei os olhos para cima dele.

A mão grande de Zayn voltou para a minha barriga, seu cheiro de cigarro mentolado soprando contra a minha cabeça.

— Calma, Emi... — cochichou no meu ouvido, enquanto o carro entrava no estacionamento do cemitério, em um portão menor, a poucos metros da entrada principal. — Vamos levá-la aos seus amigos mortos.

Estávamos em um estacionamento amplo, ladeado por muros baixos de pedregulhos, e dei o azar de não ter outros carros ali naquele segundo.

— Não! — berrei, tentando me jogar por cima dele quando percebi que o carro parava perto da entrada onde levavam os caixões para o setor das sepulturas. — Me deixem em paz! Eu juro que se...

A mão de Zayn cobriu os meus lábios quando Bran puxou o freio de mão. Eu tentei mordê-lo, mas sua palma era grande demais para minha boca conseguir se mexer.

Mesmo que o amontoado de lágrimas atrapalhasse a minha vista, ainda consegui ver Bran dando a volta no carro.

Tentei murmurar um “por favor”.

Ter gozado com o nome de Drake saindo dos lábios nunca pareceu tanta burrice. Foi uma sentença de morte, afinal, ouvi o filho mais velho dele abrindo as portas de trás do furgão. E conhecia aquele carro fúnebre o suficiente para saber que o barulho de rodinhas sobre as pedras era porque o cretino estava tirando a maca para apoio de um caixão da carroceria.

Gritei quando o senti abrindo a porta do carona, tentei me agarrar à janela do carro quando Zayn me puxou para fora.

Eu era fraca, parecia feita de poeira quando comparada à força absurda que o gigante que me domava exibia. Fui arrastada para dentro do cemitério, por uma estradinha de pedras disformes que levava a uma área de terra úmida e recém-escavada.

Bran havia sumido de vista e, se estivesse ali, não o enxergaria quando meu foco estava na cova aberta logo adiante. Parecia castigo divino quase fazer xixi nas calças olhando com terror para algo que eu costumeiramente enxergava com fascínio. Sempre achei que quisesse uma daquelas para mim, mas ali, tão perto, tudo o que queria era ficar bem longe.

Zayn me empurrou para frente, e dei pulos, tentei me soltar, lutar, mas ele só me fazia ir mais adiante.

Um passo mais perto do meu fim.

A parte de trás dos meus coturnos se fincavam na terra, meu corpo fazendo um meio arco para trás.

— Quando se abriu para nós dois no carro, pensei em fazer o Bran desistir desse castigo — ele sussurrou, e cada molécula minúscula do meu corpo se desesperou. — Aí, você fodeu com tudo nos fazendo de otários. Sabe, a gente poderia ser diferente para você. Tu tinha um controle nas mãos: a gente te assumiria para a cidade inteira, se você desejasse. Porque, caralho, sempre a quisemos, Emily. Mas você resolveu apertar o botão da destruição, escolhendo o nosso pai, falando mal da nossa mãe — a voz dele foi picotada, como se estivesse ficando mais ansioso a cada palavra que dizia, contudo, foi a pausa longa que me disse algo em silêncio: vinha coisa pior —, agora lide com os destroços!

Ele me virou para o lado e, embora suas palavras fossem duras, quase suspirei por sair da mira da cova. O alívio não durou nada, pois fui empurrada em direção a um caixão sem tampa a menos de cinco passos de distância. Eu gritei, achei que fosse me lançar dentro daquilo, mas Zayn me puxou de volta, com as costas contra o seu peito.

Eu deveria correr, mas só dei vários pulinhos apavorados e gritos histéricos, me virando para me embrenhar nele e chorar.

— Você aprendeu a lição? — perguntou, as mãos enfiadas nas minhas costas como se quisesse trazer algum consolo para a destruição que ele mesmo causou em mim.

— Eu quero ir pra casa. — Solucei.

— Então, já que ela insiste, traga-a para o seu novo lar!

Parecia um sopro de ar, mas elevei o rosto e, de rabo de olho, vi que era a voz de Bran, tão seca quanto as árvores de galhos retorcidos farfalhando com o vento, ao cercear as lápides e covas ao redor.

Estávamos no meio de um terreno úmido com um caixão de madeira amendoado, grande o suficiente para mim.

Enfiei o rosto no peito de Zayn, as mãos por dentro da sua jaqueta da fraternidade, os dedos enterrados na parte de trás da sua blusa. Eu odiava os dois. Naquele momento, mais do que nunca, mas o medo gargalhava na minha cabeça, dizendo que se tirasse o rosto do peito de Zayn, viria algo feio para acabar comigo.

— Solta ela! — Bran ordenou ao irmão entredentes.

— Acho que a Emily aprendeu a lição, cara — Zayn falou, deixando que eu me grudasse mais nele.

— Ela não vai embora até eu terminar o castigo!

Eles estavam brigando? Não importava, pois, sentindo que não havia chão abaixo dos meus pés e tão molhada de suor, tudo o que queria era me sentir segura.

— Por favor, Zayn... — implorei, porque havia percebido que ele estava mais perto de ceder e me deixar em paz do que seu irmão.

— Ok! — ele respondeu.

Mordi aquele canto da bochecha todo arrebentado, querendo sentir alguma dor que tentasse acalmar os meus nervos, sem saber se aquela resposta era para Bran ou para mim.

Foi então que eu realmente me senti desabar, pois, com um só gesto, Zayn me afastou do seu peito.

Por que o encarei com tantas lágrimas novas, me sentindo traída, quando sabia que ele era parte daquele jogo, tanto quanto Bran? Quando ele me enfiou no carro, já sabiam que me trariam para cá após eu ofender a Rose.

Não havia uma só onda de emoção no mar azul dos seus olhos quando ele me virou de costas contra

si.

— Porra, não... — berrei o mais rápido que pude. — Não faz isso!

E nenhuma das súplicas ou pedidos de desculpa que soprei impediram Zayn de me arrastar pelo antebraço e me empurrar para dentro da urna. Eu acabei escorregando quando ele conseguiu me empurrar a ponto de um dos meus pés entrar no compartimento, e caí sentada.

Zayn se ajoelhou, empurrou os meus ombros para me deitar lá dentro. Era difícil reunir forças para gritar, quando meu corpo todo tremia e eu soluçava. Não foi fácil, mas consegui reunir minha força para não deitar, lutando com ele, mas quando acabei perdendo o equilíbrio por um segundo, a tampa já estava se fechando sobre mim.

Escuridão.

Parecia ter algo tapando o meu nariz, mas sabia que aquilo era apenas o resultado do nó cravado no meu peito, impedindo que minha respiração fluísse.

Ouvi os socos na madeira e, desesperada, percebi que eram meus.

Apertada naquele cubículo, sentia minha queimadura sendo massacrada, comprimida pela lateral do caixão.

Enterrei minhas unhas na madeira, puxando-as para baixo e berrando feito uma desvairada, até que farpas entrassem por baixo delas e me trouxesse ao menos algum alento, um pouco de dor.

Eu berrei, chorei e me debati.

E como quando era criança e ficava de castigo no quarto para aprender a não chorar, precisei tentar ajustar os olhos para enxergar no escuro. E ali, tão sozinha, sentindo que morreria, ouvi a pá escavando o terreno, então a terra sendo jogada sobre o meu caixão.

DRAKE WALTON

Fazia muito tempo que não me sentava ali, nas cadeiras do jardim dos fundos da casa, rodeado pelas mirras brancas que minha esposa amava. Tomando um gole de café, encarei a tela do meu computador, checando os restaurantes bons de Salém, tentando escolher algum para levar Emily para jantar.

Aquilo tudo não parecia certo, mas como resistir a uma mulher que era quase magnética? Ela tinha todas as curvas fartas que eu gostava, a pele quente, o beijo perfeito e parecia intocada. Era inteligente, com personalidade e tinha uma voz linda.

Fiquei um tempo pensando no que tinha acontecido naquele dia, mais cedo, e que não havia sido planejado. A verdade era que tudo o que pensava sobre a Emily vinha mudando. Depois daquela festa maldita dos meus filhos, nos aproximamos. Ela estava tão triste pelo que havia sofrido, que me vi, durante uma passagem por Salém, buscando por algo para presenteá-la. Desde então, soube que ela estava apaixonada. Aquele abraço depois do presente, o jeito como olhou para mim...

E no carro, mais cedo, quando vi a Emily na minha frente sem a blusa, foi demais. Não resisti, e

ainda bem que aquele imbecil passou e nos assustou ou tudo teria evoluído para algo mais forte, e à essa hora estaríamos prestando depoimentos ao invés de eu estar, escolhendo um lugar para levá-la.

Era quase pecado a desejar para mim, e ainda assim, ali estava...

Sabia que aquele velho estranho do seu avô não gostaria da nossa proximidade, não que eu me importasse. Ela só tinha vinte anos, mas já podia decidir o que queria da vida.

E para começar, só mantive o emprego dele por conta da Fantasminha. Se tivesse chutado Jack porque o achava maldoso e folgado quando assumi isso aqui, para onde a menina iria? Embora, na época, Rose insistisse, dizendo que não queria funcionários morando na propriedade, eu fui firme e mantive os dois ali, como o meu pai fez antes de mim. Era o único lar que eles tinham, fora que... Jena Brown havia morrido no lago do cemitério. Parecia injusto, depois de tanto, ainda os colocar para fora.

Talvez fosse errado sair com a Fantasminha, beijá-la daquele jeito, chupar os peitos dela daquela forma. A garota era dezenove anos mais nova que eu. E, porra, meus filhos eram doidos por ela. Doidos a ponto de Rose mandar que eu desse um jeito de não os deixar perto dela, dizendo que não a queria dando um golpe da barriga em um de seus filhos. Porém, quando os mantive longe, foi para proteger a Emily, não pela baboseira da minha esposa. Mandei que os dois não chegassem perto da menina, afinal, eu não queria que a maltratassem ou brincassem com ela. Emily já havia sofrido demais.

Nunca a vi com outros olhos, não até perceber o olhar dela no quarto de hóspedes, na noite da festa, o jeito como me encarava, como era uma mulher perfeita.

Não queria competir com os meus filhos, mas Emily era boa demais para deixar escapar.

Os meus filhos tinham a garota Weber e podiam ter qualquer outra para si. Eu não pretendia abrir mão da Emily, se ela também me quisesse. E não achava que ela fosse interessada nos meninos.

O farfalhar das árvores pareceu cochichar um som estranho. Olhei para o paredão de pinheiros ao meu lado, e logo, os únicos barulhos eram da própria natureza, o canto de pássaros, o grasnar dos corvos. Então balancei a cabeça, voltando os olhos para o computador, mas quando um grito agudo e alto soou, meu peito disparou. Tinha uma mulher gritando no cemitério.

Fechei a tampa do meu *notebook* e, caminhando na direção do som, me senti ofegar. Pensei em tirar o casaco escuro, mas quando ouvi a voz dos meus filhos ao longe, paralisei.

Que porra eles estavam aprontando daquela vez?

Parei embaixo do cruzeiro e foi impossível que a imagem de Emily presa nele não surgisse em minha mente. Forcei os pensamentos a fugirem daquilo. À direita havia a trilha que levava ao mausoléu da minha família, um pouco mais à frente outro caminho levava ao lago, e ao lado dele tinha um estacionamento que dava em uma área com covas novas e mais baratas do que as sepulturas elaboradas que alugávamos a um custo elevado.

Havia pedido para Bran deixar um caixão em madeira de lei na funerária. Tinha um cliente que faria um enterro no fim da tarde, mas, por que caralho meus moleques estariam no cemitério?

Ouvi o falatório confirmando que estavam na área das covas novas e, caminhando entre as fileiras de sepulturas de granito e mármore, acabei olhando

para o lado esquerdo, mirando a parte do cemitério jardim.

Aquele lugar carregava tanta dor...

Não gostava de olhar para lá. Me parecia tão injusto que um desgraçado tivesse matado tantas mulheres e jamais sido pego. Que tivesse arrancado tanto de tanta gente e ainda ficado impune.

Não havia justiça no mundo, e em Shadow Valley aquilo era uma certeza.

Engoli o gosto acre na boca, tentando não pensar naquilo, porque me levava direto ao homicídio da minha Rose, e caminhei mais depressa em direção aos garotos para ofuscar os pensamentos.

Tinha uma cova aberta no meio daquele terreno. Meus filhos estavam diante dela. Havia um caixão na superfície, ao lado do buraco profundo.

Não entendi de início o que Bran estava fazendo com aquela pá, muito menos Zayn em seu encalço, parecendo nervoso ao tragar um cigarro e olhar para os movimentos do irmão. Eu já havia mandado ele parar com aquela merda, ou acabaria com o pulmão podre, mas o moleque parecia ter a mente feita de concreto. Não absorvia nenhum ensinamento.

Estranhei a porra do caixão no chão entre os pés dos dois. Bran puxava terra com a pá e jogava em cima dele, os olhos assassinos para a madeira. Cocei a cabeça, me perguntando se eles haviam endoidado de vez com o assassinato da mãe ou se aquilo era algum trote novo da faculdade.

Um choramingo fluiu de dentro da madeira quando eu alcançava os garotos, e só então percebi que aqueles doentes haviam enfiado alguma garota ali dentro, e aterrorizando-a, fingiam que ela estava sendo enterrada. Era uma mulher, percebi pelo tom de voz.

— Que porra é essa?!

Os dois se sobressaltaram com o grito, mas Zayn aprumou a postura, estufando o peito e olhando-me com ar petulante.

Tomei a pá da mão de Bran, atirando-a ao chão.

— Nada demais. — Zayn riu.

O caixão, a pá, eles estavam usando aquela porra para punir a garota lá dentro.

— Tirem a menina de lá! — ordenei, segurando as têmporas para não fazer merda e ser o pai que jurei jamais me tornar, atirando a pá na fuça de um dos dois. — Agora!

— Não. — Meu filho mais novo jogou o cigarro no chão e o apagou com o tênis claro.

Às vezes, me sentia como se fosse um lobo, o líder de uma alcateia, constantemente sendo desafiado por um fedelho que mal saiu das fraldas e achava que podia competir comigo.

Ele dava sorte que eu os amava demais e essa era a minha fraqueza.

— Ok, vou tirar. — Bran obedeceu.

Ele, que não costumava me peitar, se dignou a abrir a tampa da urna. Jurei que veria um rosto desconhecido ali, mas a garota emergindo fez o fogo se alastrar pela minha pele e a ira explodir com força na minha cabeça.

Tentei não respirar como um demônio, foi impossível, ainda mais quando vi a porra da mulher que queria para mim encolhida ali dentro, os olhos cerrados e a pele vermelha, as mãos tremendo.

Bran se abaixou e puxou a Emily para fora, a levantando por baixo dos braços. Ela parecia mole enquanto se apoiava nele, com um semblante distante, e quando ficou de pé, encarou o moleque irada.

Ensaiava um passo até os dois, para tomá-la das mãos dele, mas fui interrompido pela visão da Emily

fechando a mão e acertando um soco com tudo na bochecha de Bran. Ela avançou nele com tapas, rosnados e unhas.

Zayn riu como um idiota e eu poderia gostar de ver meu filho mais velho se encolhendo ao apanhar um pouco mais, entretanto, não foi bom ver o que eles haviam feito com ela.

Que direito eles achavam que tinham?

Encerrei a cena, enfiando as mãos no quadril dela, virando-a e puxando-a para mim. Seus olhos castanhos e perdidos corriam entre ódio e medo, quando, por fim, ela piscou e pareceu me enxergar.

— Drake? — sussurrou, piscando tantas vezes que parecia acreditar que eu era uma miragem. — Eles me enterraram... eu... vou acabar com esses malditos! — Tentei abraçá-la, acalmá-la, mas Emily me ignorou e virou-se para Zayn, tentando se lançar em cima dele. — Psicopata de merda! Odeio vocês!

— Emily! — Puxei-a contra mim pela cintura outra vez, mas a mulher parecia mortal, querendo a todo custo causar os mesmos arranhões que havia cravado na cara de Bran no meu outro filho. — Se acalme agora...

Ela parou de lutar contra os meus braços quando os fechei sobre o peito dela, a imobilizando. Estava suada, o casaco caindo por um dos braços, o cabelo molhado.

Uma linha afundou entre minhas sobrancelhas quando notei que ela só estava com o sutiã por baixo do agasalho. O que fez com o suéter que dei a ela?

Me contentei em abraçá-la mais forte contra mim, tentando dar alguma calidez que a fizesse perceber que estava tudo bem.

Os olhos azuis de meu filho observaram a nós dois com rancor, e seu lábio superior se franziu para cima. Bran revirou os olhos quando virei Emily de

frente para mim. Me curvei um pouco para segurar suas bochechas, pois, com 1,97m de altura, era bem maior que ela.

— Quero que vá para a minha casa, agora. Peça para Lindsay preparar um chá e um banho para você, e me espere para conversar.

— Conversar? — Um sopro de riso escapou, mas parecia prestes a chorar. Levou as mãos às minhas e tentou afastá-las do seu rosto. Não gostei de vê-la me recusando, e isso me fez olhar com raiva para os dois moleques. — Eu não quero esses sociopatinhas, que você chama de filhos, perto de mim. — O berro foi comigo dessa vez, e seu olhar furioso caiu para o meu rosto. Ela ficava tão bonitinha toda vermelha, mas não havia divertimento em presenciá-la toda descompensada por culpa dos dois. — Ouviu bem?!

— Ouvi, sim. Vá para casa, eu darei uma lição nos dois. — Garanti.

Puxei sua cabeça contra mim e a abracei, fazendo cafuné em seus cabelos, até que ela desse a primeira respiração mais leve, porque rosnava a cada exalada de ar, como um leão.

Quando a libertei, olhou-me por baixo dos cílios. Mais cedo, assim como no dia em que lhe dei a redoma, vi suas pupilas reluzindo com algo muito perto de felicidade. Agora, as pálpebras caídas e as lágrimas salpicadas na bochecha fizeram algo apunhalar o meu peito.

Emily me deu as costas, cambaleou para longe segurando a testa, e não sabia que ela tinha a boca tão suja, até ouvi-la soltando um “arrombados” com tamanha precisão.

— Agora... — abaixei e peguei a pá, observando Bran enfiar as mãos nos bolsos frontais da calça e Zayn parecendo nervoso ao mexer no boné — me

digam, que tipo de homens são, para fazerem algo assim?

— Homens que vieram das suas bolas?

Sabia que ele me responderia com deboche, e sorri amplamente para meu filho. Zayn ergueu as sobrancelhas, desafiando-me outra vez.

Não entendia de onde vinha tanto ressentimento. Jamais os botei de castigo, nunca lhes dei uma palmada, e olha o que viraram. Não passava um mês sem que precisasse molhar a mão do meu advogado para limpar alguma merda que fizeram pela cidade.

— Entrem na porra da cova — a ordem foi proferida lentamente —, os dois!

Levantei a pá, jogando-a sobre um dos meus ombros e parei ante o montinho de terra ao lado do buraco.

— Nem fodendo! — Zayn me deu as costas, assobiando para longe como se não estivesse nervoso.

— Cara, não vou entrar ali, não — Bran avisou, rindo para mim como se *eu* fosse o louco ali.

— Zayn, se der mais um passo, faço um telefonema que vai tirar você da presidência da Blind Crows. — Nenhuma palavra foi dita com a voz elevada. Na verdade, o tom era casual. — Tiro toda a grana que você usa para dar festas e ainda vendo a sua preciosa moto.

Ele girou sobre os calcanhares e se prostrou à minha frente, ficando entre a cova e eu. Como ele ficou tão alto em pouco tempo? Ainda tinha que olhar para cima, porque ele tinha três malditos centímetros a mais do que eu, enquanto Bran tinha alguns a menos.

— Não pode me tirar da presidência. — Fez um sonzinho de escárnio. — Está blefando para defender sua *sugar baby*.

Quase me rendi ao desejo de dar uns tapas nele por falar da Fantasminha daquele jeito, mas não importava quantas espécies de demônios pudesse abrigar sob a minha pele, o lado de fora deveria se manter sereno.

— Eu posso sim. — Sorri, sentindo o canto dos meus olhos repuxando, achando delicioso ver aquele pirralho adquirindo um ar de medo. — Quem você acha que moveu céus e terra para que tivesse o cargo que sua mãe sonhava? Líder da fraternidade, com um caminho perfeito para entrar num dos melhores times de futebol do país... — Então soprei entredentes: — Você é o que é, porque tem o sobrenome Walton, agora, entre no caralho da cova!

— Pai, seja razoável, a Emily falou mal da nossa mãe no meio da facul...

— Não falei contigo, Bran — cortei, dando-lhe um olhar pesado por cima do ombro. — E não entrou na cova que preparava para a Emily por quê?

Bran sempre foi mais fácil de lidar. Ele me obedecia, me admirava e sabia que acabaria entendendo que errou pra caralho, a ponto de me obrigar a fazer aquilo.

Eu costumava ser um bom pai. Fui melhor do que qualquer cuidador que tive na vida e, ainda assim, olha o que precisava fazer...

Rose os estragou, fazendo-os crer que eram os donos do mundo depois que assumi minha herança.

— Bora, Zayn, melhor a gente entrar logo nessa e se livrar, do que você perder a chefia da Blind Crows — Bran aconselhou, dando um jeito de se jogar para dentro do buraco na terra.

Ele era o líder entre os dois, geralmente, Zayn o obedecia. Era irônico ver que o grandalhão loiro era o mais jovem, quando parecia ter cinco anos a mais do que Bran.

— Foda-se, não serei humilhado assim! — Zayn deu-nos as costas.

— Ah, será sim...

Estiquei o braço e puxei-o pela jaqueta, em um só solavanco o lancei dentro na cova.

Ouvi o barulho dele se estatelando lá embaixo. Bran encolheu-se num canto, para não se foder com o irmão caindo em cima dele. Não importava se quebrassem algum osso, embora não quisesse que se machucassem. Talvez eles tivessem partido algo no peito da *minha* Fantasminha, naquela tarde, e eu não os perdoaria por aquilo.

Enfiei a pá na terra e, então, atirei a primeira leva na cabeça dos dois. Zayn estava sentado, os joelhos dobrados, tentando não deixar a terra cair no seu rosto, virando a aba do boné para a frente. Bran gargalhou, deixando-me puto por encontrar alguma diversão naquela merda.

A quem aqueles moleques puxaram?

— Enquanto dou-lhes uma dose do remédio que enfiaram na garganta da Brown, ensinarei algumas lições — avisei, derrubando mais terra na cabeça de Zayn. Bran já tentava se esconder do outro lado, parecendo um maluco com a cara toda suja e só os dentes brancos à mostra. — A primeira: devem deixar a Emily em paz.

Dei um jeito de tacar a outra pá bem no rosto de Bran, para que ele parasse de se divertir quando aquilo era tão sério.

— Porra, pai, chega, né? — ele choramingou, chacoalhando o cabelo liso com a mão e cuspindo a sujeira.

Daquela vez, fui eu soltando uma boa risada.

Era divertido aplicar uma lição aos dois inconsequentes.

— A segunda: não exijam tratamento de respeito a alguém que vocês não respeitam.

— Ok. Anotado! — Zayn resmungou, levantando-se com a ajuda de Bran. — Agora para com essa porra!

Suas palavras só me fizeram jogar mais terra.

— E por último, não cheguem perto de uma mulher que não lhes pertence!

Soube que me excedi no momento em que acabei rosnando.

Joguei a pá de lado e usei o dorso da mão para secar o suor da testa. Ofegante, não sabia se aquela lava em meu peito era apenas de raiva pelo que fizeram com a Emily ou pela audácia de tocarem nela quando ela já era praticamente minha.

— E se ela for mais nossa do que você imagina? — Bran provocou.

Achei que pudesse me atrofiar, de tanto que meu corpo enrijeceu. Mas, como sempre, dei um sorriso e contive a explosão. Planejei retrucar, mas a risada seca do caçula me atrapalhou:

— Você a quer há quanto tempo?

Zayn cuspiu terra, tirando a jaqueta e a jogando no chão. Olhei para ele de cima, levantando uma sobrancelha.

— Não acho que te deva satisfações sobre meus desejos, Zayn. — Apertei os dentes, e até foi saboroso ver suas bochechas arroxeadas de ódio.

— Você a chama de Fantasminha, sei que a quer há muito tempo. Será que não matou minha mãe para ficar com ela?

Por que ele insistia em dizer que fui eu a fazer aquela porra?

Engoli a dor na minha garganta e lhes dei as costas, e dois passos depois, virei o rosto por cima do ombro:

— Eu tiraria vocês agora, mas depois de mais uma acusação injusta de Zayn, vão dormir aí.

— Porra, pai... não! — Bran protestou.

— Soube que durante a noite escorpiões emergem da terra, e, nossa... ainda têm baratas e lacraias — provoquei, gargalhando, fingindo que não havia sido golpeado pelo filho que escolhia me odiar. — E uma última coisa: duvido que Emily queira pertencer a dois moleques.

Ouvindo o protesto de ambos, rumei para longe. Sabia que em algum momento eles colocariam o cérebro pra funcionar e fariam uma escadinha para escapar dali, mas se não tivessem a brilhante ideia, que dormissem lá dentro para refletir um pouco mais.

Quando comecei o castigo dos dois, planejava voltar até a minha casa e acolher a Emily, mas a frase de Bran ainda remontava espirais na minha mente.

“E se ela for mais nossa do que você imagina?”

Eu nunca perguntei a ela sobre os meus filhos, se... já havia se envolvido com um dos dois.

Quando cheguei em casa, tirando o casaco suado e os sapatos cheios de lama na varanda, tentei não me concentrar demais na pontada de dúvida que meu filho plantou na minha mente.

Apenas de meia, ouvi o falatório na cozinha.

— Se acalme, filha! Não direi nada a Jack, sei que ele é bravo demais com você.

— Obri... ob... — Ela soluçava, e quando entrei no cômodo, seus olhos molhados se prenderam em mim. — Drake, me desculpe por ter gritado, estava desesperada.

— Deixe-nos a sós, Lindsay!

Dei à empregada um sorriso cortês e não precisei de mais palavras para que ela saísse. Apertei os lábios, vendo Emily bebericar um pouco de chá fumegante.

— O que fez com eles? — perguntou, e não deveria achá-la tão linda com o nariz vermelho daquele jeito.

— Dei uma lição, os forçando a entrar na cova. Que durmam lá para aprender.

Girou os olhos de um lado ao outro, como se uma pequena pane emperrasse as engrenagens do seu cérebro.

— Você, o quê? — perguntou, com o que poderia até ser horror estampado no rosto, mas o brilho nos olhos demonstrava alívio.

— Eu a defendi! — Dei um passo adiante, chegando mais perto, até parar ao lado dela. — Não quero os garotos a perturbando.

— Eu acho que um dos dois está me perseguindo. — Ela quase gritou, os olhos tão abertos, que temi que fugissem das órbitas e pulassem no meu colo.

Minhas sobrancelhas quase se fundiram.

— O quê?

— Eu acho que foi um dos seus filhos que entrou no meu quarto naquele dia e me prendeu no cruzeiro.

Balancei a cabeça, tentando assimilar o que ela estava dizendo.

— Bran e Zayn? — Puta que pariu, eles a enfiaram num caixão, como ela não desconfiaria dos dois? Até eu entendia que eles fariam algo daquele tipo. — Meus filhos não chegarão perto de você outra vez, se fizerem isso, Zayn perde a porra da chefia da Blind Crows, e deixo o caminho livre para que você soque uma medida restritiva no rabo do Bran. Vou, inclusive, dizer isso a ele quando entrar em casa...

Tinha algo quase brilhando, como fogos de artifício, na face dela e me presenteou com um sorrisinho aliviado quando se levantou da banqueta e se jogou nos meus braços.

Retribui o carinho, alisando suas costas sobre a jaqueta, e se fosse em outro momento, ficaria duro com ela tão perto, me apertando e quase suspirando nos meus braços. Mas ainda tinha algo martelando na minha mente, principalmente quando a afastei e tornei a ver que estava sem o meu suéter.

— Nunca cheguei a te perguntar, mas preciso saber se já se envolveu com um dos dois.

Foda! Ela não precisou abrir a boca, porque um simples mexer do corpo entregou tudo.

Emily endureceu em meus braços, parecendo um *iceberg,* enquanto se afastava.

— Eu... Drake...

— Quando? — perguntei, meus lábios se mexendo em um tique, se comprimindo e soltando.

Emily estava tão lívida que poderia bem ser um fantasma. Sem responder, deu um passo atrás, com os olhos fugindo dos meus a todo custo.

— Quando, Emily? — Eu quase senti a fumaça saindo do gelo que eram as minhas palavras.

— Eles me trouxeram para cá hoje, no furgão...

Apertei os lábios em um sorriso sem alma, fitando o teto. Como podia sentir os olhos pegando fogo, quase cuspindo fumaça?

Peguei o telefone em meu bolso para cumprir o que havia prometido.

— Vou mandar consertar o seu carro. — Foi o que consegui dizer com a voz tão trêmula.

— Eu não sei o que me deu. — Tentou se aproximar.

Parecia uma dança, comigo dando passos para trás.

— Não compreendo se, para você, esse tipo de joguinho é comum, de ficar com um cara enquanto sai com os filhos dele, mas eu tenho quase quarenta anos. Não sou moleque! — Revirei os olhos, procurando a

porra do telefone do mecânico na minha agenda. — Vou mandar consertar o seu carro, como eu prometi, pois tenho palavra, mas acho melhor a gente se afastar.

— Não, espera...

Deixei a cozinha sem olhar para trás.

Precisava entrar no meu quarto, ou acabaria lhe dizendo algo pesado.

Ela me beijou, caralho, e ficou com Bran e Zayn na porra do mesmo dia?!

— Feche a porta quando sair. — Foi a última coisa que disse, antes de dobrar a sala e subir as escadas.

Emily parecia gostar do perigo.

Que gostava da dor ficou claro, mas depois da merda que fez, me obrigava a ir até ela mais cedo do que esperava para puni-la.

Tinha ela em mente quando entrei no meu cômodo secreto, onde guardava as informações mais importantes para investigar a morte da minha mãe.

Paredes de madeira antiga e desgastadas me rodeavam e precisava tomar cuidado para não esbarrar em nenhum trecho delas, pois a textura irregular costumava agarrar na porra das roupas e causar rasgos. As teias de aranha acumuladas pelo teto triangular, descendo pelas vigas de madeira separando as placas da parede, já nem causavam desconforto, eram quase confidentes. Mas a camada de poeira cobrindo o chão causava uma coceira insistente em minhas narinas.

A luz do local, branca e forte o bastante, se ajustava perfeitamente ao que costumava fazer ali.

Os casos do Assassino das Divorciadas formavam um acumulado de fotos, recortes de jornais antigos e inúmeras notas adesivas sobre a cortiça. À direita da porta e longe o suficiente das janelas ao fundo do

cômodo, podia ter a minha linha do tempo particular dos casos. Mapas dos locais onde os corpos foram encontrados eram unidos por um barbante vermelho, se enrolando nos alfinetes coloridos sobre as fotos, ligando os casos por ordem de acontecimento.

O primeiro caso foi em 1994. Roselyn Philip, uma garçonete, fora estuprada, depois eviscerada, posteriormente encontrada em um cruzamento, no centro da cidade de Shadow Valley. Seu corpo abandonado nu e sem o dedo anelar esquerdo.

O caso repercutiu por todo o país e o recorte de jornal no centro da minha parede, que o noticiava, já era imundo, envelhecido e quase se desfazia pelo tempo.

Não foi fácil encontrar um exemplar de jornal tão antigo, mas a biblioteca de Shadow Valley era quase um museu para eles.

Ao redor dele, entroncamentos de casos, testemunhos e *prints* de sites na internet organizavam mais informações em papel. E não importava quantas vezes olhasse para aquela porra, eu me sentia preso em um labirinto, dando voltas e nunca encontrando a saída.

Corri os olhos pela última morte da cidade: Rose Walton, uma dona de casa encontrada morta nos portões da sua propriedade. Não fora estuprada, embora tenha sido encontrada com lacerações na barriga, a causa da morte foram golpes na cabeça. E não havia partes do corpo faltando.

Assassinos em série gostavam de manter algo das vítimas consigo, um troféu para o seu ego ou também conhecido como *souvenir*. O AD, em específico, arrancava pedaços das vítimas com os dentes e os levava. Não sabíamos o que ele fazia com os troféus, mas era presumido que os guardasse como uma lembrança da “caçada” bem sucedida.

O caso dela não foi associado ao *serial killer* e parecia fantasioso que um criminoso sumido por doze anos tivesse voltado para matar uma mulher casada, quando seu foco sempre se manteve em divorciadas, e que ele ainda tivesse negado seu instinto maldito de estuprar a vítima. Mas, de toda forma, as coisas pareciam interligadas

O ar do local podia ser composto por ácido, porque entrava pelo nariz com ardência, queimando minhas entranhas, quando acabei olhando para *a última vítima declarada*.

Foi em 2011, quando Jena Brown, uma bibliotecária, teve seu corpo encontrado pela filha no lago do Cemitério Walton. Estuprada. Trinta golpes de faca desferidos por toda a barriga. Tivera uma orelha arrancada e presumidamente levada como troféu pelo assassino.

Minha mente foi direto à herança deixada no mundo por aquela mulher, a garota falsa que me devia: Emily Brown.

Ela era como eu, com uma parte de si arrancada por um maldito maníaco.

Talvez fosse a única mulher sobre a face da Terra que me entendesse.

Enquanto apagava a luz e abandonava o recinto, pisoteava o senso de conexão que havia guardado em mim para ela, para a mulher que me pertencia, mas a quem não deveria dedicar sentimentos genuínos.

Ela não merecia nada além de ódio, posse e dominação.

Pensativo, percorri o trajeto necessário para chegar aos fundos do terreno Walton. E aproveitando o frio que beirava os cinco graus e fazia não ter uma só alma acordada pela propriedade, me embrenhei nas sombras feito um felino, camuflado pela roupa escura,

até chegar ao gramado que levava ao casebre da garota Brown e seu avô.

Jena, filha de Jack, mal houvera completado trinta anos quando fora a Salém no dia do seu assassinato. Quando o caso dela virou repercussão, após sua morte, soube-se que ela queria falar com o xerife da delegacia da outra cidade, porque, pelo visto, não se sentia segura no departamento de Shadow Valley. O chefe de polícia não estava lá naquele momento. Alterada e visivelmente paranoica, ela disse que vinha sendo seguida, mas que voltaria mais tarde para falar com o xerife. O policial da recepção anotou o nome dela, e junto, as observações sobre seu comportamento e o que disse.

Jena não voltou naquela noite.

Ela foi morta.

E talvez tenha levado consigo a resposta para a identidade do assassino.

Mais cedo, tinha visto Jack, ele entrou em um trem para Boston, e tendo certeza de que não voltaria naquela noite, soube que precisava agir.

O que sentia por ele era azedo. Como se o velho fosse o conteúdo fétido de um esgoto, a ponto de fazer a náusea dominar meu estômago. E não gostava do jeito como o vira olhando com desdém para a neta, enquanto, por muitas vezes, os observava, sem ser notado.

Ele estava todo fodido e, além de doente, era alcoólatra. Talvez ter perdido a filha tivesse acabado com ele. Eu entendia que o luto sempre matava um pouco dos que ficavam...

Já era madrugada quando usei uma chave clandestina na porta velha, sendo o mais cuidadoso possível, para não causar barulho algum, embora aquelas porras de tábuas bambas da varanda gemessem quando pisoteadas.

Não precisava apagar a luz da casa, pois já estava em boa parte entregue à penumbra, quando entrei na sala. Fui cauteloso, olhando ao redor, com a luz do corredor, no topo da escada, trazendo rajadas fracas para a sala no andar de baixo.

Emily era uma sobrevivente e tentaria lutar, afinal, sabia que sobreviventes eram capazes de muito para se proteger. Inclusive, vira isso quando entrei no quarto dela na noite anterior, enquanto ela estava na faculdade. A mulher era inteligente, mas eu estava focado em cada passo seu. Nada que tentasse prever contra mim surtiria efeito.

Jack era o pai de Jena e poderia ter algo de útil em suas coisas, que pudesse me tirar do labirinto, afinal, ela parecia saber de algo antes de ser morta. E com isso em mente, tentei andar como se pisasse em um solo de vidro, puxando o capuz sobre a cabeça.

E mesmo com o nariz tapado, sentia que a casa tinha um cheiro bom, de comida e alguma merda de limpeza. A máquina de lavar batia na área minúscula e escura ao lado da cozinha, um presentinho do destino para camuflar meus passos.

O corredor estreito dava em um único cômodo. Como o da Brown era lá em cima, só restava esse para ser o quarto de Jack. A porta foi aberta devagar, e quando acendi a luz, a fechei cautelosamente atrás de mim.

Tive de cobrir o nariz com o dorso da mão. Aquela porra cheirava a mijo, álcool e suor. Andei pelo cômodo pequeno, olhando a cama antiga com madeira de lei descascada, o lençol de casal azul perfeitamente esticado sobre a cama, os travesseiros duplos sem vincos no tecido da fronha. O chão não abrigava nada fora do lugar.

Apostava que era Emily quem limpava aquele lugar, mas seu avô de fato parecia porco, e

provavelmente sua inhaca já tinha se infiltrado nas paredes, sobrevivendo aos produtos de limpeza feito um fungo.

Uma cômoda de gavetas tortas e com puxadores quebrados estava alinhada com a parede em frente à porta de entrada, com a madeira combinando com a cama. Uma vitrola velha chamava atenção no topo dela, ao lado das pilhas de maços de cigarro, uma garrafa vazia de vodca barata e um organizador com coleções de DVD's. Quem ainda assistia àquelas coisas?

Fui até as gavetas e puxei a primeira. Me surpreendi ao ver camisetas e blusas polo coloridas dobradas ali. Achava que jamais tinha visto aquele homem usando algo diferente do macacão azul-marinho. Enfiei as mãos por baixo das blusas, procurando algo.

Não havia nada além de tecidos e mais tecidos dentro de cada uma das gavetas que inspecionei. Ao lado da cômoda, duas portas brancas e lascadas me convidavam a investigá-las.

Abri a primeira, adentrando em um banheiro de ladrilhos brancos. Pude me ver refletido em um espelho amplo, com moldura de madeira branca e retangular. Minha roupa fodida de stalker estava virando um uniforme, e dei sorte de encontrar um novo sobretudo idêntico ao que tive de dar a Emily para voltar para casa após a suspender no mausoléu.

Vistoriei a pia abaixo do espelho. Um copo fazia as vezes de receptáculo para uma lâmina de barbear repleta de pentelhos. Torci o nariz, me surpreendendo com o quanto aquele velho era porco. E puta que pariu, tinha uma cueca suja no chão, ao lado do vazo sanitário, e esperava muito que ele não obrigasse a neta a lavar aquela porra.

Me obriguei a abrir o armário embaixo da pia, enrolando um palavrão contido na língua, ao perceber que não havia nada ali além de analgésicos, hipnóticos para indução de sono e antitranspirantes. Foi novidade ver que aquele velho sabia que desodorantes existiam, porque, a um metro de distância era possível sentir o cheiro ferrado de suas axilas.

Saí do banheiro contrariado e caí direto na outra porta, um closet raso, com cabides portando casacos e camisas sociais que jamais o vira usar. Eram antigas e cheiravam a mofo. Havia uma prateleira acima da arara de cabides, mas quando subi a mão e a espalmei ali, não encontrei nada além de uma revista pornô antiga e uma bola de basquete murcha.

Meu braço quase se rendeu ao ímpeto de bater a porta com frustração.

Estava frio pra caralho lá fora e, ainda assim, ali dentro, talvez pela calefação da casa, parecia uma fornalha. Quis até tirar a máscara, o que me impediu foi a possibilidade de Emily me flagrar ali.

Fechei as portas do closet vagarosamente, depois enfiei as mãos nos bolsos frontais do moletom. Tinha de me conformar, nada encontraria ali. Enquanto dava uma última sondada no quarto, vendo a luz da varanda tremeluzindo através da janela larga acima da cama dele, notei uma mesinha de cabeceira com duas gavetas.

Tentei não alimentar uma pontada no meu peito, ou aquela coisa queimando nos meus olhos, enquanto me abaixava em frente ao móvel. Abri a primeira gaveta. Uma pilha de papéis inúteis, com resultados de jogos de azar, estavam em meio a uma foto antiga e desbotada. Era uma fotografia de Jack com uma mulher magricela de cabelos castanhos e curtos, abraçada à barriga inchada dele, com uma criança agarrada à perna dela.

A foto daquela mulher saíra em todos os jornais da cidade há doze anos. Era a filha dele, e aquela garotinha, Emily. Soltei a foto ali dentro como se ela queimasse, e tentando não sentir nada, bati a gaveta.

Velho inútil! Nem para ter algo que pudesse servir...

Quando abri o último compartimento, meu coração já bombeava lava, queimando, querendo me fazer explodir de ódio enquanto fuçava a merda de uma pasta plástica com mais papéis.

Com olhos semicerrados e desesperançosos, fitei os documentos da Emily, boletins da escola, xerox da identidade dela, documentos antigos de uma casa no nome dele e uma hipoteca altíssima, que provavelmente foi o que lhe fizera perder o imóvel, e por fim, um envelope que fez eu sentir um clarão nas minhas vistas.

O papel quase reluziu ou era eu brilhando enquanto pegava aquela porra em meus dedos? A letra poderia ser a de uma criança, mas pertencia a Jack, afinal, ele mal sabia ler. A identificação em letras vermelhas sobre o papel continha um nome: Walton.

Minhas mãos responderam à minha ansiedade, quase rasgando o envelope ao abrir, enquanto me esparramei sobre o colchão mole, que afundou comigo e ainda rangeu. Acabei diante da minha imagem refletida no fundo de um CD.

Vai tomar no cu!

Eu era mesmo um azarado. Onde ligaria aquele item pré-histórico? Teria de ir a uma loja amanhã, para encontrar alguém que ainda tivesse algo que rodasse um CD. Nem o meu *notebook* tinha entrada para aquilo.

Revirei os olhos, devolvendo o objeto ao envelope. Obriguei-me a guardar a porra da pasta de documentos no lugar, para que Jack não desconfiasse

que estive ali. Talvez, se conseguisse um tempo, faria uma cópia disso em algum buraco antigo da cidade e o devolveria à mesinha de cabeceira dele, sem que desse falta.

Enfiei o CD no bolso canguru do moletom, seguindo para fora do cômodo após fechar a porta. Talvez aquele disco contasse com alguma transcrição de áudio que pudesse ser relevante sobre o patriarca Walton.

Na sala, meus olhos se voltaram para a escada. Tinha que falar com ela... Aquela coisa morando na minha cabeça berrando que ela me pertencia, precisava ensiná-la alguma coisa.

Caminhando até as escadas, pensei em cada estabelecimento que conhecia pela cidade, planejando para onde ir assim que raiasse o dia, mas, foi no rack sob a televisão que encontrei uma mina de ouro: um aparelho cinzento e fosco de DVD reluziu no nicho abaixo da TV.

Saquei o envelope do bolso, estreitando os olhos para ele. Foi quase um flash, a memória do nicho com coleções de filmes em cima da cômoda do quarto de Jack. Aquilo... porra... aquilo em minha mão era uma filmagem, não um CD.

Ajoelhando diante da televisão, peguei o controle remoto e quando a liguei, torci para que não fizesse barulho. Ela era antiga e abriu direto num canal matriz da TV a cabo. Apertei o botão “mudo”, comprimindo os lábios e fitando o topo da escada.

Se ela acordasse e me visse aqui, atrapalharia meus planos de checar essa merda. Me apressei, usando o controle do aparelho de DVD para conseguir abrir o compartimento e comportar o disco ali.

Meu peito estava disparado, a possibilidade de ter uma nova pista, algo em que me agarrar criando teias no meu coração. Caí sentado sobre os

calcanhares, os joelhos apoiados no chão, os pulsos sobre eles enquanto encarava a filmagem chiada de uma câmera em preto e branco. Era do circuito interno de uma casa. Quando as figuras surgiram em miniatura na tela, cobri a boca, esquecendo que estava de máscara.

A sala da mansão de Oscar Walton, o magnata fúnebre da cidade, piscava na TV. Era de conhecimento público que ele havia se enforcado. Mas, na filmagem, o filho dele, parecendo um adolescente, estava sentado no chão, o pai deitado de barriga para cima em sua frente, sufocando sob o seu braço, em um movimento de “mata-leão”. Ele apertou o pescoço do pai pelo que pareceram horas, os olhos, embora longe da câmera, pareciam em outro mundo.

Oscar havia sido assassinado pelo filho e único herdeiro.

Eu sorri de um jeito amplo, sentindo minhas mãos dentro de um pote no final do arco-íris, empunhando moedas de ouro. E não, não devolveria aquela porra ao avô de Emily. Ele era bem mais esperto do que parecia. Enquanto passava ao mundo a visão de um cachaceiro amargurado e sem rumo, guardava consigo um trunfo e tanto, e que manteria apenas para mim.

— Jack, seu merdinha! — Soprei a risada, retirando o disco do aparelho. — O que mais você esconde?

Guardei meu trunfo no moletom, depois desliguei a televisão. Quando subi as escadas, havia algo mais sereno em mim. A filmagem nem de longe era o que havia ido buscar e, ainda assim, a considerava valiosa.

Diante do quarto da Emily, percebi que a luz lá dentro estava apagada. Forcei a maçaneta fracamente, sem produzir ruídos, mas estava trancada. Tive que sacar a chave. Tentei fazer tudo sem escândalos,

afinal, espreitei pelas árvores do bosque no fundo da propriedade mais cedo, quando ela chegava em casa no fim da tarde. Por muito pouco não senti pena de seu rosto inchado pelo choro ou de seus olhos assustados correndo ao redor, como se temesse que eu surgisse do nada e a devorasse.

Também era uma certeza que ela estava um caco após as merdas que rolaram no fim da manhã anterior, mas estava pouco me fodendo se havia um deslizamento de terra dentro dela, eu a soterraria mais um pouco.

Quando finalmente consegui abrir o quarto, colhi o bônus da entrada silenciosa. Tão linda quanto alguma princesa mórbida ignorada pelos contos de fadas, Emily estava deitada de barriga para cima, com uma pequena luminária amarelada ao lado da cama, dando-me de presente a visão perfeita de seu rosto sereno adormecido.

A luz era a do abajur, mas o meu peito se acendeu ali.

As coisas mudaram.

Na noite da festa, desejei matá-la, ali, odiava a ideia de que ela não existisse.

Quando fechei a porta devagar, caminhei a passos calmos até a cadeira de rodinhas da escrivaninha e me sentei, bufando. Ela era minha, caralho! No fim, ao menos aquela porra valia de algo. Ela me deu a permissão de virar seu demônio pessoal quando abriu a porta do inferno.

O cobertor rosa a cobria até a cintura e seu pijama preto parecia feito de pelúcia. Aqueles cabelos escuros, lisos e brilhantes, soltos davam-lhe um ar mais doce.

Me recostei na cadeira. Deveria usar o que trouxe no bolso do jeans agora, ou apenas observá-la assim até o raiar do dia, para me alimentar da sensação

deliciosa de presenciar o medo escorrendo do rosto dela?

O clarão na janela atrás de mim foi um presságio, exatamente como o cartão que deixei para ela junto da coleira que ainda não a vira usando: anunciava uma trovoada. O barulho alto desceu sobre a terra tremendo as paredes, e com um grito, Emily acordou.

Sentou-se na cama toda empertigada, os olhos arregalados. Sabia que olhava para a janela, querendo ter certeza de que fora apenas um susto, mas suas pupilas dilataram num instante quando caíram sobre mim.

Poderia dizer que a calma sádica em meu peito era gelada, mas aquela mulher endureceu o meu pau tão rápido, que tudo se tornou quente.

Emily se jogou para a mesinha de cabeceira, nem saindo direito debaixo das cobertas. Ela arfava, parecia um cachorrinho, tentando inutilmente caçar algo dentro da primeira gaveta.

— Se está procurando a sua tesoura, achei que era algo muito grosseiro, quando entrei aqui ontem, então me livrei dela — avisei, a voz ainda mais pesada que os trovões rugindo pelo céu. — Pretendia usar aquilo em mim?

Emily começou a rastejar para fora da cama. Me levantei em um impulso, então cortei a distância e me prostrei diante da porta. Meus olhos se estreitaram sozinhos, num jogo de poder primitivo de encarada. Ela não segurou o meu olhar por mais do que um segundo, sondando a minha garganta, minhas mãos, e fitou o chão.

Seus olhos grandes expressavam alarme, enquanto ela, de joelhos, começava a murchar sobre a cama, as mãos indo para o lençol ao seu lado, as unhas se afundando nele enquanto ela o apertava.

— Dei um fim adequado àquela arma perigosa — continuei, roçando o objeto no bolso direito do meu jeans com a ponta dos dedos. — E de todo jeito, não é educado receber o seu homem com tanta antipatia.

— Você não é o meu homem! — Soprou, exibindo os dentes e algumas garrinhas.

— Você sabe que me pertence, então, não me desafie!

Armou um bico do tamanho do mundo e cruzou os braços, e nada disso travava os solavancos de seus ombros, causados pela tremedeira.

— Se me lembro bem, você disse que não voltaria cedo se eu me comportasse.

Eu tinha de admitir que gostava quando a voz dela vacilava e ela ficava toda coradinha. O que me irava era a mentira e a dissimulação em sua boca.

— E você jura que se comportou? — Eu ri, mas só os lábios se expandiram. Não havia diversão. — Jura pela sua mãe?

Ouvi os movimentos dela antes de processá-los na mente, com seus pés ágeis batendo em direção ao banheiro. Um ato inútil, quando eu era bem maior e em poucos passos a alcançava. Podia fazer aquele joguinho por horas, como se ela fosse um ratinho rolando nas minhas patas, por isso, me estiquei por cima dela e cravei a palma da mão aberta na porta do banheiro. Eu empurrava a madeira, impedindo que ela conseguisse girar maçaneta. Assim, Emily ainda ficava à minha frente, a bunda grande contra as minhas coxas, o topo de sua cabeça cheirosa sob o meu queixo.

— O que você quer? — choramingou.

Fez que ia para o lado, tentando passar por baixo do meu braço, o que impedi com maestria, me jogando para frente e esmagando o seu corpo contra a porta.

Não foi normal sentir o sangue correndo nas veias com tanta urgência. Sabia que brincar com ela era o que acordava tudo de ruim que habitava dentro de mim. E quase tive certeza, naquele segundo, de que alguma passagem bíblica envolvia o tipo exato de diabo que espreitava sob a minha pele.

— Faremos assim, Emily... — Minha boca já tinha se viciado no movimento de colar em sua orelha. — Vou me afastar e você vai se deitar de barriga para cima na cama, depois, unir os pulsos na direção da cabeceira, então me sentarei ao seu lado e conversaremos como adultos civilizados.

Se perdeu no som agoniado de uma risada, mas terminou num choramingo. Temia que ela entrasse em pane, infartando embaixo de mim, porque podia sentir o corpo dela convulsionando, a respiração engasgada soprada pela boca, enquanto sua bochecha direita era amassada contra a porta.

— Não precisa me amarrar. — Porra, eu estava viciado em querer lamber as lágrimas dela? Porque minha língua parecia pedir por isso, enquanto via, quase hipnotizado, o rastro molhado sobre sua pele rosada. — Eu juro que não vou correr, ok?

E dava para confiar no que saía daqueles lábios cheios? Balancei a cabeça e, no mesmo movimento de negar suas palavras, meus lábios roçaram o brinco perolado e negro sobre o lóbulo de sua orelha.

— Vá para a cama, Emily! — ordenei, balançado pelo cheiro dela.

E se no mausoléu isso não aconteceu, ali eu sentia que precisaria tocar uma quando chegasse em casa.

Me afastei, ajeitando o pau de lado em minha calça, dando-lhe as costas. Era um movimento calculado, um teste doentio no qual torcia para que me batesse ou corresse porta afora, motivo pelo qual

não havia trancado o quarto quando o invadi. Se Emily fizesse algo diferente de ir para a cama, teria meu prêmio de lhe dar um castigo pior.

Olhei pela janela do quarto, a névoa densa descendo pelos pinheiros e quase cobrindo os pináculos da propriedade negra lá na frente.

A corda fina e pequena era quase um canto contra a minha mão, quando a agarrei no bolso, fitando a chuva fina que começava a molhar o gramado em frente à cabana.

Era obcecado por cordas, pela textura e o que elas poderiam fazer em um corpo. Para mim, poesia não era feita com palavras, mas por nós e amarras e gemidos de mulher.

Os batimentos do meu coração quase atrapalhavam a tarefa de apurar minha audição, focado nos passos leves de Emily atrás de mim, que caminhava devagar em direção à porta.

Eu parecia um animal, esperando ensandecido por um deslize dela para atacá-la, mas a cama rangeu e soube que aquela noite seria divertida, mas não tanto quanto poderia.

Afinal, ela estava obedecendo.

Quando girei devagar, tirando a corda do bolso, ela estava deitada na posição que ordenei, os olhos vidrados no teto acima de sua cabeça. Ainda não tinha entendido se fora ela quem desenhou aquelas folhas coladas ali, mas transmitiam um sentimento gigante.

Com o peito fazendo as vezes de gangorra, ela subiu as duas mãos para as vigas de ferro na cabeceira da cama, os pulsos unidos no alto de sua cabeça. Era ardência aquela porra em meu peito, enquanto minhas pupilas se concentravam na obediência dela, esperando para ser amarrada. Me ajoelhei sobre o colchão, afundando ao seu lado. E,

porra, ela parecia flamejante, como se a atmosfera ao seu redor fosse mais quente.

Circulei os pulsos dela com a corda, enquanto a prendia contra a cabeceira da cama com nós fortes para que, nem que ela lutasse muito, conseguisse se soltar.

— O que vai fazer agora? — Virou o rosto para mim.

Captei o exato momento em que ela engoliu em seco, me atirando farpas com o olhar.

— Me deitar junto a você e a deixar refletir.

Ela escancarou a boca, me fazendo ver sua língua úmida, mas soprou uma risada de choque.

— Refletir sobre o quê? Que estou sendo intimidada por um doido?

— Você diz que não fez nada de errado para que eu retornasse tão rápido, então, você vai ficar aí, amarrada, refazendo cada passo que deu nos últimos dias.

— Você é doido!

Quando passei um joelho por cima dela, tendo-a abaixo de mim, Emily se encolheu toda, como se desejasse que um buraco no colchão a livrasse de mim. Dei um jeito de me jogar deitado ao seu lado direito, então, com um gesto, a girei de costas, deixando-a de lado. Quando a puxei contra mim, ela arfou, mas tentou retesar a bunda para a frente, para atrapalhar a porra da “conchinha”.

— Enquanto ficamos abraçadinhos, você vai pensar em tudo, e espero que entenda o que aprontou e tanto me feriu.

A gente sabia o que ela havia feito de errado ontem.

— Não é mais fácil me contar? Já que é mesmo um maníaco, que eu sou um lixo com o qual ninguém se importa o bastante para me defender de você — ela

engoliu, sabia que travava um soluço — e vai mesmo me dominar assim, ao menos me conta o que eu fiz, para eu não repetir o erro.

Odiava aquele showzinho de autopiedade.

Que ela era fodida, a cidade inteira sabia, mas estava se vitimizando pra caralho, quando tinha ciência da merda que fez.

— Se está tentando fazer um joguinho mental para que eu solte alguma pista, não vai funcionar. Não vai ser assim que descobrirá quem sou.

Puxei a coberta para cima de nós dois, passando um braço por baixo dela e o outro por sua barriga.

— Vai se foder! — ela explodiu, sobressaltando-me. — Não pode fazer isso comigo.

Finalmente, a máscara de calma e fingimento caiu. Seu corpo vibrou enquanto eu a apertei. Emily se debateu, começou a puxar a corda e chorar, então a segurei mais forte, unindo as duas mãos contra o peito dela, até que cessasse os movimentos.

— Eu posso sim. — Rocei o nariz sob a balaclava no cabelo dela. Queria sentir o cheiro sem um tecido atrapalhando. — Posso tanto, que ficarei aqui até sentir que refletiu.

Foi tão saboroso quanto uma vodca importada, ouvi-la rosnando, seu corpo todo enrijecido, me rejeitando. E, nossa, tinha paciência como uma virtude. Tanto, que a mantive abraçada a mim por muito tempo, sentindo-a relaxando, a cabeça amolecendo, pesando no travesseiro que ajustei abaixo da nossa cabeça.

Sabia que ela sentiria dor nos braços se a deixasse por muitas horas naquela posição, mas era necessário. Eu deveria ter mais raiva ainda pela merda que ela fez ontem, mas, puni-la, naquele segundo, me acalmava.

Ela estava mais receptiva ao meu abraço quando a aninhei mais contra mim, meu pau encaixado em sua bunda, minha mão apertando sutilmente a saliência de sua barriga.

— Quantos anos você tem? — ela sussurrou, a voz como um fio sonolento.

— Talvez vinte, trinta... Quem sabe, cinquenta?

— Você não tem cinquenta anos! — A voz dela foi aguda, ultrajada.

Ri alto. Não tinha mesmo...

— Durma, Emily!

— Se tiver mais do que eu, é um pervertido do caralho!

— Um dia posso querer punir sua boca suja... — Ela se encolheu, e meu peito de merda foi junto. Eu a odiava, mas tinha gostado de ver ela relaxar à minha frente. Então resolvi suavizar e tentar conseguir algo: — Você se excita ao sentir dor?

Ela se encolheu mais, o rosto tentando se enfiar no travesseiro.

Eu sabia que era isso. Não podia ser apenas o medo. Aquela porra de ter gozado no mausoléu foi mais problemática, mais enraizada.

Talvez Emily fosse masoquista.

— Estou refletindo, não posso conversar.

Ela teria visto o meu sorriso, se eu estivesse sem máscara.

Meus olhos começaram a pesar, conforme o silêncio se arrastava pelo quarto, se infiltrando em mim, emudecendo os meus pensamentos. Estava cansado demais. Tinha feito muita coisa... então... fechei os olhos.

E foi como se os abrisse no segundo seguinte. Mas, como raios de sol fracos se infiltravam pelas janelas?

Na mesinha de Emily havia um pequeno rádio relógio marcando em números vermelhos que passava das seis da manhã. Me sentei devagar, olhando a mulher à minha frente, encolhida, entregue ao sono.

— Merda! — Suspirei.

Não deveria ter deixado que ela dormisse assim. Pretendia desamarrar seus pulsos assim que ela pegasse no sono. Tentando amortecer os danos, peguei meu molho de chaves, e nele, desembainhei um pequeno canivete. A lâmina pequena era o suficiente para cortar as amarras. Tentei segurar os braços dela, para que não caíssem de uma vez e ela acordasse, mas fui ineficaz, porque tive medo de a cortar enquanto segurava um canivete e tentava equilibrar seus pulsos para amortecer a queda.

Com o peito acelerado, fechei os olhos, vendo que ela não tinha acordado, mesmo que seus braços tivessem despencado sobre seu rosto. Ela gemeu e trincou a testa, depois virou-se de barriga para cima com os olhos profundamente cerrados.

Tão bonitinha dormindo...

Fechei o canivete, peguei a corda, beijei sua testa.

Tinha acabado com Emily por enquanto.

Quando saí do quarto dela, estava morto. Precisava deitar na minha cama e ter um sono decente, mas antes, guardaria a porra do DVD em um local seguro. Descendo as escadas devagar, toquei o envelope, averiguando se não havia quebrado o objeto durante o sono.

Pisando no quintal da residência, esperei me embrenhar no bosque nos fundos da casa, para, sob a cobertura das árvores, tirar a máscara e então seguir o meu caminho.

Emily Brown

Já começava a escurecer quando saí do carro no posto desativado. Drake o levou ao conserto, como havia prometido, mas eu não usaria a garagem dele, ainda mais depois de tudo o que aconteceu.

Além de transtornada por meu quarto ter sido invadido pelo *stalker* outra vez, andava atormentada com o sonho repetido que tinha com *Michael Myers* [9] retornando à cabeça.

Ele era figurinha repetida em meus pesadelos desde o dia em que encontrei o corpo da minha mãe, mas ultimamente o sonho havia piorado, estava mais vívido.

Era sempre a mesma coisa: uma lua cheia tão grande no céu, que eu poderia levantar a minha mão e tocá-la. Então, o assassino do filme me encarava com sua faca enorme e sangrenta, mas ao invés de me atacar e tornar-me outra vítima, ele corria e se embrenhava no meio de uma fileira de árvores.

Inseri minha mão por baixo da blusa de linho, alcançando a mordida de Zayn, que ainda cicatrizava, e arranquei uma das casquinhas do furo mais profundo, provavelmente causado por um de seus

caninos. Ardeu a ponto de eu precisar parar e apertar os olhos, suspirando.

A dor soava como ópio, tão viciante que eu volta e meia a provocava.

Se me arranhasse fundo no interior das coxas, no banheiro da faculdade, após alguém fazer piadas sobre o tamanho dos meus peitos, eu relaxava. E como uma boa garota, mantinha meu corpo intacto nas partes onde poderia ser visto.

Se mordia a boca até romper a pele, após alguma merda dita pelo meu avô, meu corpo inteiro se acalmava.

E se roía as unhas a ponto de abrir uma ferida, porra, aquilo podia trazer alívio por dias. Era só apertar o machucado na hora da raiva e nada de errado sairia dos meus lábios, nem uma só farpa lançada dos meus olhos, uma lágrima sequer derrubada.

Meu perseguidor surgiu na minha mente, perguntando-me se eu me excitava ao sentir dor. Foi praticamente uma pergunta retórica, afinal, ele viu o meu estado depois que me queimou com aquela marca idiota. Ali, comigo suspensa, aquele homem testemunhou o quanto de corrupção havia em mim.

Em um ato desesperado, após o maldito entrar em meu quarto e me obrigar a dormir amarrada, dois dias antes, passei a colocar uma cunha de borracha embaixo da porta, por dentro. Vira na internet que evitaria que ele conseguisse entrar, mas ainda não tinha achado algo para lacrar a janela do banheiro, visto que pela do quarto ele não entraria, por ser obstruída pela escrivaninha. Qualquer coisa que usasse no trinco do banheiro, ele poderia tirar com facilidade, precisaria apenas quebrar o vidro. Ainda poderia ser uma armadilha, afinal, se ele quebrasse a janela, eu ouviria e teria tempo de correr porta afora.

Caminhando pela rua em direção à propriedade Walton, sentia que meu mundo havia desabado como se fosse feito de LEGO, e uma simples peça posicionada de maneira errada culminou em uma demolição.

Já faziam 48h que me sentia boba e fraca por ter levantado os braços e deixado que me amarrasse. O que deu em mim? Eu deveria ter corrido, e não tentado manipulá-lo, achando que ele soltaria alguma informação e então eu descobriria sua identidade.

Ele tinha um túmulo no lugar da boca. Contudo, tinha certeza de que o *stalker* não era velho. Seu corpo era rígido e aquele abdômen reto contra as minhas costas entregava que ele malhava bastante.

Ainda tinha a voz, o jeito de falar... Soava tão familiar. Então, como eu não conseguia chegar ao resultado da equação que era identificá-lo? Parecia que aquilo estava embaixo do meu nariz, e ainda assim, meus olhos se embaçavam e não viam.

Ao menos ele não me machucou. Apenas, como parecia o seu efeito registrado, me deixou confusa ao ficar lá até que eu dormisse.

E, droga, eu refleti... E tive medo, pela primeira vez, de que fosse o Drake atrás da máscara. Pois magoei três pessoas na manhã do dia anterior à sua aparição. Me atraquei com os garotos no carro e os sacaneei enquanto gozava, depois, Drake descobriu e terminou o que mal havíamos começado.

Eu cedi aos garotos Walton e perdi quem eu de fato queria, o pai deles. Então o stalker surgiu no meu quarto e... me puniu, me mandou repensar. Me assustou de tal modo, que eu senti a umidade descendo como um rastro pela parte interna das minhas coxas, e então, me abraçou. Ele mesmo acalmou o terror que causou em mim.

Pois, por mais horrível que pudesse ser, era a fantasia ideal que ele fosse o meu chefe. Afinal, perdi o homem que tanto desejei. Então minha mente criou a ideação de que fosse ele o mascarado que me proclamava sua.

“Seu homem”.

O maldito disse que era meu homem!

Uma mulher não daria um soco na cara do seu homem. E não importava que ele tivesse aquela aura toda de mistério ou soasse carinhoso ao beijar a minha testa antes de sair, enquanto achava que eu ainda estava dormindo, depois de me soltar: eu o odiava.

Quando passei pela frente da mansão, fiz meu trajeto para casa de cabeça baixa.

Drake não pisou na funerária nos últimos dias, nem apareceu pela propriedade me dando a chance de tentar uma reaproximação. Por outro lado, não dei o azar de topar com os meninos na faculdade. E, por lá, não havia nada muito diferente do comum.

Eu não ouvi nenhum cochicho dos alunos que fosse além de que os garotos Walton me perseguiram no refeitório, portanto, não parecia que os dois haviam exposto a meio mundo que me atraquei com eles no carro, ou que me prenderam no caixão.

Acho que perdi as contas do quanto chorei e meus olhos andavam tão inchados que eu parecia um panda. Não estava dormindo direito também, tanto pelo medo do *stalker* voltar quanto pelo pé na bunda que levei do Drake.

Passando pela trilha dos pinheiros até o gramado da minha casa, puxando a bolsa de tecido contra o ombro, me lembrei do caixão onde fui presa. Eu poderia ter ficado mais irada, por mais tempo, se não tivesse visto os dois voltando cobertos de terra do cemitério, sabendo que o pai os fizera provar do próprio veneno, enquanto eu corria para fora da

mansão, após Drake dizer que precisávamos nos afastar.

Jamais me perdoaria por ter feito a burrada de ficar com aqueles imbecis no carro da funerária.

Quando entrei em casa, sentia que carregava a Terra e mais cinco planetas sobre os ombros, e até meus passos estavam mais lentos, mas nada pesava tanto quanto o meu coração.

Assim que bati a porta atrás de mim, Jack já começou a falar:

— Eu achei mesmo que aquilo não passava de um falatório mentiroso.

Meu avô estava sentado no terceiro degrau da escada da sala, com um cigarro pendurado nos lábios, apoiando o queixo sobre o dorso da mão, que descansava no topo da bengala.

Revirei os olhos e puxei tanto ar pelas narinas, que talvez não sobrasse para o Velho Jack respirar. Minha roupa parecia repleta de formigas, porque a pele coçava com aquela coisa crescendo no meu peito, tão perto do ódio, enquanto processava que aquele era o tom de voz cínico que meu avô adotava quando pretendia me maltratar.

Ele ouviu algo sobre mim pela cidade...

— O quê? — perguntei, e mesmo que não quisesse, meus olhos marejaram.

— Encontrei o xerife Paine, hoje cedo. — Soltou uma mão de seu cajado, segurou o cigarro entre os dedos e deu um trago profundo, soltando a fumaça lentamente pelas narinas. — Ele me confirmou o que um dos meus colegas do bar me disse há um tempo, que minha neta, a quem ordenei que não se misturasse com os filhos do patrão, estava em uma baderna da faculdade, nua, presa como atração no cruzeiro.

Soprei uma risada áspera, o fazendo levantar as sobrancelhas brancas. Sua pele não parecia humana. Naquele segundo, ele estava roxo, e quase podia ver fumaça saindo da sua cabeça.

— E acha que eu quis aquilo?

Eu poderia negar, mas não adiantaria.

Paine era um maldito e pagaria por isso! Não me ajudou, me desacreditou, então soprou aquela merda no ouvido do meu avô.

— Uma vadia. É o que você é...

Ele se levantou com raiva e deu a primeira mancada, com auxílio da bengala, em minha direção. Minha mão se fechou sobre a alça da bolsa com força. E nem mordendo a bochecha a ponto de sentir o sangue sobre a língua, eu me acalmei.

— Se tocar em mim, vou revidar! — Tentei que fosse uma frase, inutilmente, foi mais um gemido.

Jack não parou.

Um passo, outro passo.

Cada vez mais perto.

Eu não tinha mais oito, nove, dez anos. Poderia ceder ao bombardeio de ódio e frustração na minha cabeça e o agredir antes que me tocasse, mas eu sempre fui uma fraca. Se quebrasse aquela bengala na sua cabeça, me sentiria culpada pelo resto da vida, afinal, aquele maldito era o único pai que eu conhecia.

Peguei a saída dos covardes: corri.

O vento balançava o meu cabelo enquanto ouvia os xingamentos dele ficando para trás, e o único som sobre mim era o da chuva desaguando do céu cinzento e me molhando inteira. Os ruídos que sobrepujavam o dilúvio eram os dos cacos fodidos da minha alma, que se estilhaçava cada vez mais.

Eu não tinha para onde ir, enquanto olhava para o jardim dos fundos da casa de Drake. Ele não seria mais o porto seguro que me ofereceu em seu carro.

Meu queixo tremeu, de frio, de dor.

Pensei no meu carro, mas fui atraída pelo alento que costumeiramente funcionava. Apressei os meus passos para o cemitério, tentando enxergar através do muro causado pelas lágrimas e o empecilho das gotas da chuva forte.

Estava escuro e, àquela altura da vida e depois de tantas coisas, deveria odiar aquele lugar, mas só me restou a porra do mausoléu. Com o temporal apertando, até os pingos grossos doerem contra o rosto, corri até o local, atravessando a porta de ferro pesada e me abrigando com as cinzas das gerações Walton.

Batendo os dentes, consegui alcançar o meu celular na bolsa, para usar a lanterna e, em meio à penumbra e ao cheiro podre, achei o local onde guardava uma caixinha de fósforos, no chão próximo à entrada.

Acendi duas velas grossas em arandelas de ferro, separadas pela porta, o cheiro da pólvora se infiltrando em meu nariz. As velas tremeluziram um brilho fraco para o ambiente, e ainda que estivesse encharcada, me senti um pouco melhor. Deixei a caixa de fósforos no mesmo lugar e caminhei por dentro do cômodo de aproximadamente dez metros.

Estreitei os olhos e quase quebrei os dedos os apertando ao ver o gancho no teto onde havia sido presa, e as malditas cordas largadas ali embaixo. As pisoteei quando fui para uma das paredes cinzentas do fundo, então deslizei as costas por ela, sentando-me no chão.

Eu poderia congelar, pois estava muito frio quando tirei o grosso sobretudo de tricô e o joguei ao meu lado, então desliguei a lanterna e guardei o celular na bolsa.

Minha cabeça doía e nem sabia como o meu coração ainda conseguia bater, tão soterrado de dor. Eu poderia chorar mais, porém, era estranho, como se... estivesse cansada de lutar.

Como se só quisesse que o meu peito virasse de fato uma linha reta.

Ou eu deveria pegar o meu carro, dirigir para um lugar bem longe e só recomeçar? Procurar um emprego, pagar um quarto em um buraco qualquer e tentar me esquecer dessa Emily? Encontrar uma nova vida?

Não teria por perto um *stalker* vingativo para me punir, um velho desgraçado que me odiava mais do que era capaz de gostar, ou o cara que conseguia fazer o meu coração bater, para me lembrar que o perdi.

Não deveria parecer o fim do túnel, mas estava correndo tanto, para quê?

Parecia auto piedoso demais pensar tudo aquilo, até para mim, mas desde os oito anos eu precisei lutar para sobreviver, enquanto a maioria das crianças se preocupava com o que ganharia de presente no Natal. Precisei aprender sozinha a silenciar o choro depois de apanhar, enquanto outras crianças choravam quando caíam da bicicleta de rodinhas.

Talvez fosse natural que, enquanto a galera da faculdade estivesse em festas da fraternidade ou concentrando suas preocupações em coisas de jovens, eu me sentisse tão cansada. Cansada de sobreviver. Cansada porque vivi coisas demais para apenas vinte anos. Como se tivesse sido alvejada no peito tantas vezes, que já tivesse um rombo no colete à prova de balas e elas começassem a furar o meu peito.

Observei as gotas de chuva caindo lá fora, me perguntando quanto tempo de vida Velho Jack ainda

tinha. Será que iria chorar em seu funeral? Dei uma risada amarga. Eu era uma vadia chorona.

A pergunta era: choraria de alívio ou de medo, por ficar inteiramente sozinha naquele mundo?

Meus olhos correram entre as chamas das velas, pelas paredes ao redor e a chuva se acalmando lá fora. Então, talvez pelo cansaço, talvez pela fome, por só ter comido bolachas no almoço, fechei os olhos.

Um corvo grasnava alto quando acordei. Parado em frente à porta aberta do mausoléu, parecia me encarar nos olhos. Só faltava abrir a boca e falar, porque seu olhar era quase humano sobre mim.

— Cai fora! — gritei, para assustá-lo.

Quando ele bateu as asas para longe, notei que a chuva havia cessado. Enfiei a mão na bolsa e cacei meu telefone. Pelo horário, fazia quatro horas que estava ali, com as pernas doendo, a boca ressecada, a roupa que secou à contragosto, colada ao corpo.

Desejei me enfiar no concreto da parede quando ouvi o barulho de passos quebrando galhos ao longe. Meus cílios quase se enfiavam nas pálpebras superiores e, mesmo com a pele tão gelada e os tremores causados pelas baixas temperaturas, eu suei.

Poderia ser uma alma penada chegando com a brisa do vento que soprava pela porta, se enfiando ao meu lado e dizendo ao pé do meu ouvido que era o meu *stalker*. E embora ele fizesse os meus pelos se arrepiarem, *eu o queria naquele momento.* Costumeiramente desejava poder esganá-lo, mas estava tão fodida e sozinha... ao menos ele me faria companhia.

Senti um clarão em meu peito, quase incendiando tudo, quando encarei a sombra se

aproximando da porta. Não agarrei meus joelhos, não quis mais me enfiar na parede. Se ele me abraçasse como na outra noite, talvez tirasse um pouco daquele peso no meu peito. E eu o odiaria amanhã, mas hoje... hoje não.

A figura sob uma capa de chuva azul-céu, pelo contrário, me fez levantar num salto. Os olhos fundos, a pele tão branca que poderia pertencer a uma assombração, me forçaram a sondar as redondezas, buscando algo para me defender.

— Porra, só queria um lugar para ficar chapado — o estranho contou, a voz tremida pelo frio. Sua boca se abriu em um sorriso largo e a fileira de dentes apodrecidos fizeram minhas pernas bambearem. — E você, o que faz aqui, doçura?

Ele bloqueava a porta. Seu rosto ossudo e de maçãs fundas poderia pertencer a um esqueleto que acabara de levantar da cova mais próxima.

— Estou esperando o meu avô — menti. — Ele vai... — engoli em seco, sentindo o gosto amargo do sangue sobre a língua, por conta do ferimento na bochecha — vir até aqui. Acabei de ligar para ele, porque fiquei presa na chuva.

Ele apertou os olhos, um sorriso torto tomando a cara.

— Espero que não se importe se eu ficar aqui com você. — Apontou com o dedão por cima do ombro. — Tá frio ali fora.

Deu um passo para dentro e meu peito chacoalhou, porque a sobrevivente que gritava sob a minha pele precisava correr.

Ele tirou a capa de chuva, que poderia ser um saco de lixo. Vestia um jeans surrado e uma polo marrom imunda. Não usava casaco. Talvez fosse um morador de rua em busca de abrigo. Entretanto, o jeito

como seu olhar brilhou ao percorrer o meu corpo não me agradou.

— Você também está com frio, né? — perguntou, a língua traçando os lábios inferiores. — E se a gente se esquentar?

Puxei mais as barras do suéter sobre os pulsos, e quando ele começou a caminhar rápido até mim, gritei.

— Não chegue perto! — Ergui as mãos na frente do corpo. — Meu avô tem uma espingarda e vai atirar em você!

— Então, melhor eu me divertir contigo antes de tomar um tiro.

Ele avançou.

Tentei fazer uma meia volta e driblá-lo. Minha respiração picotava, quando o senti me empurrar com força contra a parede, impedindo minha fuga.

— Não me toque! — berrei.

Ele fungou o meu pescoço, as mãos espalmando o meu quadril, enquanto seu odor dizia que acabara de rolar em uma caçamba de lixo.

— Só vou foder você um pouquinho — roçou o nariz no meu pescoço.

Tentei levantar a perna e dar-lhe uma joelhada, mas ele me imprensava tanto, que impedia a margem para movimento. Apertei os olhos ao ouvi-lo abrir o zíper da calça.

Deus, não!

— Por favor...

Sua mão escorregou para o botão do meu jeans e jurei que estava tudo perdido. Talvez o céu tivesse resolvido, ao menos uma vez, me ouvir, pois ele se afastou.

Como se estivesse diante do bicho-papão, tive medo de abrir os olhos.

Escutei um barulho conhecido que atormentava as minhas memórias, o de metal penetrando a carne, seguido por cheiro de sangue e um gemido esganiçado.

Quando ousei abrir os olhos, minhas sobrancelhas caíram e meu peito se encheu de algo quente. O *stalker* segurava o cara pelo pescoço com uma mão e o sangue brotava contra a lâmina que ele empunhava contra a barriga do estuprador.

Tinha um zumbido no meu ouvido, aumentando, como se um microfone tivesse caído no chão enquanto eu o via movendo a faca para cima, abrindo caminho na pele do estranho até chegar ao umbigo. O barulho da carne sendo moída, o sangue aumentando, tudo era aterrador.

— Essa será a última lição da sua vida — ouvi o mascarado dizer ao homem. Cobri a boca, tentando controlar o grito que quase escorria dos meus lábios. — Não se toca na mulher dos outros!

O drogado tinha os olhos vidrados nele, aos poucos se apagando, quando o *stalker* puxou a faca e a empurrou novamente dentro dele, uma vez atrás da outra, me fazendo perder as contas.

Quando ele derrubou o morto no chão, dei um passo para trás, colando as costas na parede, vendo a faca serrilhada inteiramente rubra. Eu odiava aquele cheiro acre, pois me levava direto ao lago, à imagem das vísceras da minha mãe expostas, aos gritos que eu dava, tentando acordá-la.

Meu queixo tremeu.

Eu tinha medo de facas.

E se ele usasse aquela em mim?

Não conseguia deixar de olhar para a arma branca, com o assassino do filme de terror piscando atrás das minhas vistas, como no pesadelo que vinha tendo.

Percebi um tilintar metálico contra o chão e as mãos dele pesaram sobre os meus ombros. Uma pontada surgiu da mordida mal-cicatrizada sendo pressionada pelos dedos dele, então algo serpenteou pelas minhas veias, uma onda de alívio.

Minha cabeça parecia longe, mas aos poucos fui piscando e o zumbido no ouvido emudecendo.

— Emily. — Me chacoalhou. — Olhe para mim!

Obedeci, fitando o seu olhar de corvo, opaco, alarmado.

Uma dúvida rondava a minha mente:

— Você matou a minha mãe?

— O quê?! Porra... está louca?

— Foi igual — engoli em seco, então mordi o machucado na boca, buscando mais analgésico —, o barulho.

— Eu salvei você! E, não, eu não matei a sua mãe. Sequer estava nessa cidade quando ela morreu.

Tentei ver uma mentira ali, mas a sua habitual balaclava não me permitia ver nada além de seus olhos. E parecia ridículo, mas eles bastavam para transmitir uma certeza: o *stalker* não estava mentindo.

Eu não deveria fazer aquilo, mas me joguei em seus braços. Deslizei as mãos por baixo do seu sobretudo, as enfiando sob o seu moletom, até tocar-lhe a pele quente.

Precisava daquilo, de algo vivo e humano e seguro.

Ele não era segurança, era perigo, então, como acalmou o meu peito?

— Você está congelando — rosnou, segurando os meus braços e me afastando com grosseria. Parecia não querer o meu abraço e aquilo foi como uma estaca de gelo cravada em meu peito. — O que está fazendo aqui? Por que não está em casa? Veste isso!

Ele tirou o sobretudo ensanguentado e me entregou. Não havia pudor em mim enquanto tirava o meu suéter molhado. Estava sem sutiã por conta da mordida no ombro. O *stalker* havia me visto pelada vezes demais para eu me ressentir do seu olhar sobre os meus seios. E naquele segundo, não havia nada nele sugerindo malícia. Só fitava o meu rosto, com o queixo pressionando o pescoço, o olhar arregalado e a respiração pesada.

— Briguei com o meu avô — confidenciei, depois cravei os dentes no lábio superior, numa atitude desesperada para travar o choro. — Ele quis me bater depois de descobrir que você me crucificou.

A raiva dominou o meu rosto, porque, porra, aquilo era culpa dele!

— Velho imundo... — ele rosnou.

Eu pude ver um lampejo em suas pupilas, parecendo um raio que trovejava o ódio existindo nele.

— Tá com raiva de quê? — Eu ri. — Você é o culpado disso.

— Foda-se! — Revirou os olhos. — Você é minha, porra! *Só eu te puno. Só eu te toco. E eu te protejo!*

Eu queria arrancar aquele calor do meu peito. Esse homem era tão maldito quanto o cara morto no chão. Porém, ele me salvou, ele... estava ali quando eu jazia sozinha.

A minha mente era feita de riscos e rabiscos confusos quando se tratava dele.

Senti meus pés sobre algo pegajoso, então percebi que o sangue vazando do cadáver já se espalhava em uma poça pelo chão.

Um clarão mental jogou na minha cara o problema em que havia me metido.

— Você o matou. — Apontei, depois cravei as mãos nos cabelos, puxando-os, atordoada. — E sou cúmplice disso. — Foi como se uma montanha caísse

sobre a minha mente. Eu era parte de um homicídio! — Que porra vamos fazer?

Ele suspirou, segurou o quadril e olhou para o cara. Comecei a roer a unha enquanto o vi se abaixar e pegar a faca. Ele a guardou em uma *case*, depois virou de costas para mim. E mesmo assim ouvi conforme a escondeu sob o cós do jeans, embaixo do moletom.

O *stalker* se abaixou e, sem receio algum de que o agredisse ou corresse, enfiou as mãos nos bolsos do cadáver. Eu poderia correr, mas precisava saber o que ele faria. Me certificar de que ele não fizesse uma burrada e acabássemos presos.

— Não tem documentos. Parece um sem teto, então fica mais fácil pra gente.

— Mais fácil?! — eu quase gritei.

— É. Se não tem família, não tem quem procure por ele.

Ele parecia calmo e aquilo, por si só, fazia minha mente chiar. Como o maldito estava tranquilo, quando tínhamos feito uma grande burrada?

— Você não precisava matá-lo — choraminguei.

Ele enfiou as mãos nos calcanhares esquálidos do morto, depois começou a arrastá-lo pelo chão, fazendo uma lambança ao criar um rastro de sangue em direção às escadas para a cripta inferior.

A polícia poderia achar aquilo mesmo se lavássemos o lugar, como nos episódios de CSI. E daria uma merda enorme.

A gente iria em cana, porra!

Hiperventilei, ouvindo o maluco obcecado por mim arrastando o corpo pelas escadas. Fitei a porta. Eu precisava dar um jeito de fechar aquilo.

As cordas a que fui presa pareceram brilhar diante de mim, e num lampejo de ideia, peguei uma delas e corri para a porta do mausoléu. A tranquei,

depois a amarrei contra a viga de ferro umbral, dando toda a minha força para que os nós ficassem firmes.

Hoje cedo eu me julgaria louca, se imaginasse que, propositalmente, me trancaria com o *stalker* num mausoléu, junto a um cadáver.

Fomos unidos por um crime.

E eu poderia matá-lo para garantir seu silêncio, ou entregá-lo à polícia. Porém, a única conclusão coerente era de que fui cúmplice dele e precisava me certificar de que o maldito conseguisse encobrir o crime, para não sermos presos.

Corri pelas escadas, ofegante. Cheguei a tempo de vê-lo acendendo a vela de uma arandela com um isqueiro.

Do último degrau da escada, observei o local. A cripta inferior tinha dois túmulos de mármore no centro, onde abrigava os ossos do casal inicial fundador. Já as paredes, eram empoeiradas e fedorentas. Inteiramente cobertas por nichos de pedra, verdadeiros compartimentos que guardavam inúmeras urnas com cinzas dos Walton.

Com horror, vi aquele maluco abrir uma das criptas, usando toda a sua força para empurrar a tampa de mármore cinza. Ele só conseguiu aquela proeza porque, por alguma razão, a laje do túmulo já estava entreaberta.

O cheiro que levantou foi podre e senti a bile subir na hora. Segurei a barriga, sabendo que nunca me esqueceria daquele momento, que me assombraria ser parte de um assassinato, por conta do medo de ser presa. Entretanto, eu entendia, mais do que ninguém, que não se podia voltar no tempo. Se pudesse, teria grudado em minha mãe, ela não sairia da cama sem que eu visse naquela noite. Se houvesse um botão para o passado, eu não pegaria os garotos Walton no mesmo dia que beijei o pai deles...

A realidade era crua, e deveria aceitá-la.

O cheiro piorou quando ele abriu o caixão de madeira, depois puxou a tampa para fora da cripta. Foi nojento vê-lo fazer aquilo, puxar o cadáver do tarado e o jogar sobre a ossada de um morto.

Se eu fosse presa, nunca teria a família com a qual sonhei, não conseguiria ser médica, como estudava e trabalhava muito para ser.

— Eu não posso ser presa. — Me virei e soquei a parede. — Droga! Não é justo ter aguentado tanta coisa para acabar na prisão, vendendo cigarros...

— Você não vai ser presa — rebateu, e me virei para xingá-lo, mas ele estava suspirando ao fechar o caixão. — Isso é um fardo meu, ok?

— Sei. Eu não posso confiar num cara que me crucificou.

— Eu é que não posso confiar em uma mentirosa como você!

— Vai se foder!

— Eu vou é fodê-la, se não calar essa boca! — Bati os cílios, tentando conter as lágrimas, vendo o jeito raivoso como me encarava. Ele olhou minhas lágrimas e então, tudo em seu olhar mudou. Pareceu dançar. — Não me tente, estou no meio de um trabalho aqui. Não posso parar para lamber isso aí.

Sequei as lágrimas quando entendi o que queria dizer, engoli o choro e cruzei os braços.

— Isso é muito porco. — Não conseguia simplesmente calar a boca. — Vai feder e vão descobrir o corpo.

— Não vão, não. Eu vou tirar daqui, ok? É só por hora — garantiu. —Fique tranquila e me espere até eu voltar! Você não tem permissão para sair.

Eu abri a boca, querendo protestar, mas ele passou por mim e subiu correndo as escadas, me

largando sozinha na cena de um crime, olhando a profanação que fizemos no túmulo dos outros.

22

O STALKER

Ainda sentia o corpo vibrando, a adrenalina, o cheiro do sangue.

Não estava nos meus planos, mas não me arrependia de nada. Tinha gastado uma grana para um cara conseguir invadir o telefone dela para mim, e quando o rastreei e vi que ela estava no cemitério àquela hora da noite, quis saber o que estava aprontando. Dei de cara com o merda tentando estuprá-la.

O que dá na cabeça de um cara para tentar meter o pau na mulher dos outros daquele jeito? Que ele me esperasse no inferno, e talvez, depois da vida, o pegasse do outro lado para punir também.

Enquanto caminhava a passos largos até a casa da Emily, parei no meio do caminho e escondi a faca em um arbusto. Fiquei feliz por pisar em poças de água pelo caminho, pois lavaram os vestígios do sangue.

Teria que limpar aquela merda. Pegaria o corpo quando Emily voltasse para casa, depois o levaria até o lago, junto com a faca, colocaria pedras em seus bolsos e o observaria até que afundasse. Seria mais

difícil que encontrassem o corpo ali. E, porra, ainda teria que lavar aquele chão do mausoléu.

Se a polícia não descobriu a porra de um *serial killer*, não se envolveria procurando o assassino de um drogado que não tinha identificação. Contudo, não seria aquela certeza o que me faria deixar migalhas para que descobrissem o segredinho sujo que agora compartilhava com a Brown.

Quando continuei a caminhada até o meu destino, com as mãos nos bolsos, sabia que o diabo ainda não havia adormecido. Meus monstros ainda dançavam no escuro, me chamando, dizendo o que precisava ser feito.

Na varanda da casa, meti o pé na porta com força. Velha e bamba, ela cedeu com um estrondo, me dando passagem. Queria uma entrada triunfal. O velho maldito estava de pé, diante da televisão da sala, com uma cara sonolenta e a mão no peito.

Olhando assim, parecia um pobre miserável, mas eu... eu não tinha pena de quem entrava em meu caminho e passava a me dever.

Eu cobrava!

— Quem é você? — perguntou, pegando a bengala ao lado do sofá e apontando-a para mim. A voz rouca de fumante não me amedrontava, mesmo que se elevasse tanto para tentar intimidar. — Sou pobre, não há nada aqui para roubar.

Exibi os dentes sob o tecido, então mordi os lábios inferiores, saboreando a sensação de poder que o medo dançando na cara dele me causava.

— Olá, Jack — saudei.

Não era educado entrar na casa dos outros sem um cumprimento.

— Vá embora, desgraçado! — ordenou.

— Eu vou sim, mas, primeiro, te ensinarei a não maltratar a garota de quem você deveria cuidar.

— Emily? — Ele deu um tapinha no ar, fingindo não ser nada de mais, caminhando para trás. Apoiou a bengala no chão. — Eu não a maltratei, não. Ela está chateada porque lhe dei um esporro, mas não foi além disso.

Talvez ela tivesse puxado o cinismo dele, no fim das contas. E mesmo com raiva ao fazer aquela conexão entre os dois, ela ainda era minha, e eu cuidava do que me pertencia.

Dei passos até ele, tentando sentir um pouco de pena da forma como se esforçou para acelerar a mancada e dar uma volta na poltrona para fugir de mim, mas agarrei sua nuca, sentindo a energia subindo das minhas pernas até o meu cabelo.

Aquela sensação foi boa, a de puxá-lo e atirá-lo no chão de barriga para cima, depois meter a bota na palma de sua mão, largando toda a força da minha perna sobre ela.

— Socorro! — ele gemeu, os olhos arregalados para o teto do casebre.

Bater em idosos era mais um pecado? Eu não ligava. Não quando havia matado um cara há poucos minutos.

Me abaixei e peguei sua bengala. Gostei da textura da madeira, boa, pesada, e um bom instrumento de tortura. Lambendo o lábio inferior, a levantei e peguei impulso, quando a desci, a cravei com tudo contra a palma da mão dele. Jack berrou, e até as paredes ouviram, testemunhas silenciosas da covardia dele, afinal, o cheiro do mijo subiu pela sala, me arrancando uma risada.

— Você se mijou maltratando a Emily? — indaguei, me ajoelhando.

O que era aquilo correndo no meu corpo?

Ah, a boa e velha adrenalina.

Aproveitando o movimento, ele tentou se virar, mas não deixei, meti meu joelho no braço direito dele, o mesmo que comportava a mão que acabara de esmagar.

Meu peito era formado de prazer e sede naquele momento, a sede doente que eu sentia, que me matava se não a sanasse, a sede de cobrar a conta de quem merecia.

— Vou quebrar três dedos seus. E a cada um — aumentei a força com que amassava seu antebraço, sentindo-o socar a minha lombar — te explicarei algumas coisas.

— Maldito, covarde... — ele choramingava entre dentes cerrados. — Eu reconheço sua voz, Zayn. Vou denunciá-lo ao xerife e ao seu... — gemeu e ofegou, guinchando como um porco — pai.

O som estrondoso saindo da minha garganta foi uma delícia. Uma gargalhada que relaxava os músculos.

Velho audacioso!

Parecia-se com a neta, atirando bostas sem ter certeza de nada.

Segurando o braço dele no lugar com o joelho, agarrei sua mão.

— A primeira, é que — o estalido seco do osso torcendo reverberou pelo ambiente, não mais do que seu berro — não se deve maltratar os filhos. — E enquanto quebrava o seu dedo, me lembrava do meu maldito pai. Eu rosnei, torcendo mais o seu osso do que precisava. O velho gemia, se mijando mais um pouco. Ele era o pai da Emily, a criou, deveria ser melhor pra ela. — A segunda — outro dedo quebrado — não se coloca uma garota, que só tem você, para fora no meio da noite.

— Ela... — ofegou — saiu correndo. Eu não a mandei embora.

— Foda-se, seu verme! Você deveria cuidar dela.

Irado, me virei de frente e soltei um murro no meio da cara cínica dele. Foi forte a ponto de foder a minha mão. Doeu pra caralho, reverberou pelos ossos com uma agonia fina, mas ver o líquido vermelho jorrando do seu nariz amenizou o fervor no meu coração. Me afastei, olhei para o teto e, quando fechei os olhos, torci o pescoço de um lado a outro, tentando melhorar a tensão no meu corpo, e inspirei.

Faltava um dedo, e o velho já quase infartava.

Se ele morresse, seria menos um porco no mundo e teria matado dois coelhos numa noite só. Voltei-me para ele e me dignei a terminar o que comecei.

— E a última, caro Jack — havia quebrado seu indicador, o dedo médio, e, por fim, peguei o seu anelar — não deve voltar a maltratar a Emily. Você perdeu as bolas, mas se eu souber que fez algo a ela, que a fez chorar, que olhou torto para a minha mulher, volto aqui, arranco o seu pau e depois o costuro dentro da sua boca.

Quando o estalo de seu último dedo partido soou, o moribundo desmaiou, a cabeça pendendo para um dos lados do corpo. Então me levantei, segurei o quadril e suspirei.

Caralho, foi uma noite e tanto...

Enfiando as mãos nos bolsos do moletom, assoviei, saindo da casa. Ainda sentia o peito fodido, batendo forte. Ouvi o maldito corvo que vivia ao redor do cemitério croar ao longe, e sabia que tinha se passado algum tempo desde que larguei a Emily no mausoléu.

Quando saí da cripta, tinha arrebentado com a faca as cordas bobas que ela havia colocado na porta de ferro, como se fosse de fato impedir que alguém entrasse e flagrasse nosso crime.

Tinha feito um trabalho muito porco, deixado digitais na porra toda, porque estava sem luvas, e precisava recolher tudo, o corpo, as cordas.

Assim que entrei no mausoléu, soube que ficaria muito puto se Emily tivesse saído, pois teria me desobedecido. Sendo uma boa garota, ela ainda estava ali, mas no primeiro andar, sentada no chão e encolhida contra a parede em frente à porta, o queixo batendo contra os joelhos, enquanto puxava o sobretudo para cobrir os seios. A peça não tinha zíper ou botões para fechá-la, era mais um adereço do que um agasalho.

— Vem aqui! — chamei, gostando do olhar que ela me deu.

Queria tirar o moletom e dar a ela, para que não acabasse ferrada com esse frio, mas a Brown poderia matar alguma charada a meu respeito antes da hora.

Eu até queria me acostumar com ela olhando assim para o meu *eu mascarado*. Costumeiramente, a garota queria me matar, mas agora ela estava, mais do que nunca, ligada a mim. E seus olhos castanhos pareciam dominados por feixes esperançosos de luz.

Embora eu tivesse feito a merda toda, ainda éramos cúmplices de um assassinato e, se me denunciasse enquanto fui defendê-la do verme que ela chamava de avô, eu poderia desmenti-la na sua cara, dar qualquer versão que a fizesse ir parar atrás das grades junto comigo, só para ter a certeza de que ficaríamos encarcerados pelo mesmo tempo, e quando saíssemos, eu seria sua sombra novamente.

— Aonde você foi, hein? — Levantou o queixo enquanto ficava de pé, se apoiando na parede.

Emily parecia tão selvagem, com aqueles cabelos grudados na pele, a calça úmida, o rosto corado de raiva e choro.

— Vem logo! — grasnei, abrindo os braços e a convidando.

A garota negou, levantando o queixo e enfiando as mãos fechadas nas axilas, os lábios apertados em um bico. Fitava, com medo e raiva, as escadas para a cripta que profanei.

Vi, na hora em que a abri, que a sepultura tinha a placa de identificação de uma mulher. A pobre da esposa do fundador da cidade, agora, tinha um drogado apodrecendo sobre sua ossada. Em vida, jamais imaginaria que seus restos mortais seriam tratados assim...

Que os mortos daquele cemitério me perdoassem, mas ainda tinha outro corpo que pretendia enterrar naquele solo, na hora certa.

— Achei que chamaria a polícia para me fazer levar a culpa. — Como se tivesse apertado uma campainha em minha mente, ela me despertou dos pensamentos. — Me deixou meia hora sozinha com um cadáver e rodeada por sangue.

— Você não vai se livrar de mim indo parar atrás das grades. Emily, estarei nos seus pesadelos, atrás de você em todos os dias da sua vida.

Observei com atenção a esperança murchando em sua face, que foi, pouco a pouco, sendo dominada pela raiva mortal que costumava se misturar ao medo dedicado a mim.

Lambi a boca quando cortei a distância e puxei aquela sonsa para o meu abraço. Não houve fuga de sua parte, mas não devolveu o gesto carinhoso. Ela largou os punhos ao lado do corpo, enquanto a apertei um pouco, tentando puxar o cheiro do topo da sua cabeça para aliviar o odor fétido daquele jazigo. E, cacete, não tinham cuidadores naquele cemitério?! Então, por que o mausoléu dos Walton era sujo daquele jeito?

— Aonde você foi? — insistiu, afastando a cabeça do meu peito e olhando para cima, enfiando as mãos no bolso do meu moletom.

Seus cílios eram longos e quando ela os batia devagar assim, era quase algo sedutor.

— Precisava resolver uma coisa — expliquei, levando uma das mãos ao queixo dela, apertei com força cada lado dele, até que ela sentisse, até que a ponta dos dedos afundasse em sua carne e ela amolecesse, encolhesse os ombros com um gemido e me encarasse com aquela coisa gritando na cara que ela estava apavorada. — Se não abrir a boca à terceiros, ficamos combinados que quem fez essa porra aqui fui eu — expliquei —, e também serei eu a limpar. Como ninguém sabe quem eu sou, isso não aconteceu! Agora, vá para casa e esqueça essa noite!

— Você tem algum problema? — Tentou torcer o rosto para longe da minha mão, o canto externo das sobrancelhas despencando, esfregando na minha cara que ela estava sentindo dor pelo apertão. — Como vou esquecer isso?

— Você vai esquecer porque eu mandei! — falei, aumentando a força que empregava ao seu rosto. — Agora, vá para casa! Tenho pouco tempo até o dia raiar, para dar um jeito nessa porra e me livrar do corpo. — Soltou um som entredentes que me arrepiou, mas não saiu do lugar. Amava quando ela rosnava, porque eu ficava duro pra caralho. Meti a outra mão no cabelo dela, os dedos embrenhados nos fios acima da sua nuca. — Já que não quer obedecer, você vai ficar bem quietinha enquanto tapo os seus olhos.

Ela soltou uma lufada de ar pela boca, alarmada, mas seu peito subiu tão rápido, a garganta engoliu em seco com tanta força, que notei que aquela coisa corrompida dentro dela estava acordando.

Emily sentia desejo, talvez, tanto quanto eu.

Soltei seu queixo e Emily tentou dar um passo para trás, movimento que travei segurando suas costas com a outra mão. Eu precisava daquilo, especialmente naquele momento. Por isso, cobri os seus olhos com uma mão, a sentindo enrijecer, com a respiração descarrilhando, rápida demais.

— O que vai fazer? — gritou.

— Preciso beijá-la agora — suspirei, esquentando. Surpreendentemente, a frase pareceu acalmá-la, mesmo que pouco, pois Emily parou de tremer. — Mas, caso você se afaste e tente tirar a minha mão para olhar, vou morder sua boca até arrancar um pedaço.

Senti pontadas vibrantes pelo peito, a pele ardendo, enquanto encarava de cima a garota enrijecendo. Emily sabia que poderia correr, e assim, eu a pegaria e apenas a morderia.

Tinha uma porra de venda no bolso traseiro do jeans, que trazia comigo quando pretendia vê-la, todavia, precisava reconhecer o quanto gostava do joguinho mental. Era ele que deixava meu pau latejando ao perceber que ela estava estática, mas as mãos subiram para a frente do meu moletom, apertando o tecido do bolso com força.

O que fazíamos era sujo, em cima de uma cena de crime, enquanto eu a intimidava para a cada dia torná-la mais minha.

Soltei o seu cabelo, subindo a mão das costas para segurar o ombro dela, e então fui guiando seu corpo, um passo atrás do outro, até suas costas colidirem com as paredes do mausoléu.

O peito da Emily parecia um trem desgovernado, e ocupada ao segurar meu moletom, deixava aberto na frente o agasalho emprestado que usava, me fazendo ver a sua tatuagem, a curva dos seus seios...

Empurrei o meu corpo contra o dela. A respiração pesada da Brown reverberava pelas paredes, ecoando

mais do que o meu coração batendo forte.

Eu tinha que tomar cuidado com a força que apertava seus olhos, mas estava acelerado quando levantei a máscara o suficiente para poder guiar minha boca até a dela.

— É nojento — ela sussurrou. — Você está duro, aqui, depois disso tudo, com o cheiro desse lugar.

Sabia que estava tentando me atrapalhar, porque era sonsa. Mas eu, eu conhecia o joguinho de cu doce da Emily.

— Então, se eu meter meus dedos no seu jeans, você estará seca?

O movimento da língua dela, umedecendo o lábio inferior, foi o bastante. Não resisti, só... beijei Emily Brown. E o pior de tudo é que ela me beijou de volta. E gemeu, e rodou a língua na minha, e suspirou junto comigo, me deixando ainda mais doido, enquanto eu queria poder socar meu pau dentro dela.

Ela tinha um gosto de sangue na boca, por quê? Não importava, eu gostava. Seu cheiro era tão forte e adocicado, que tão perto assim, sobrepujava tudo. Ela enfiou as mãos por baixo do meu casaco, apertando o meu quadril, se jogando contra mim.

Dei um passo atrás, puxei a máscara para o lugar e afastei a mão dela.

Só a soltei porque precisava, porque estávamos pisando em sangue. Emily ficou contra a parede, os olhos cerrados, as mãos espalmadas na pedra lisa ao lado de seu quadril, arfando.

— Abra os olhos! — ordenei ao cruzar os braços, me divertindo com cada reação dela. Quando os abriu, tocou a boca e me encarou. — Agora, vá para casa!

Pensei que fosse dizer algo, mas ela só correu e estava com um olhar tão marejado, que tive medo de ter feito uma burrada por ela ter sentido minha barba, que roçou contra sua boca quando eu a beijei.

23

Emily Brown

Cheguei em casa correndo, sentindo as batidas do coração na ponta da minha língua. Quase me esqueci de tirar os sapatos, mas temendo espalhar o sangue das botas pela casa, as tirei na varanda e as segurei nas mãos, junto a minha roupa molhada.

Entrei com o maior cuidado para Jack não ver que eu estava com aquele sobretudo sujo de sangue, ainda temendo que ele estivesse a postos para continuar a briga que me fez fugir de casa. Não o vi pela sala, então, sem esperar para ser pega no flagra chegando daquele jeito, subi correndo as escadas.

Quando me tranquei no quarto, coloquei a cunha travando a porta. Daquela vez, a trava de segurança não era para o *stalker*. Era para Jack. Porque, com vergonha, reconhecia que talvez eu quisesse que o *stalker* ficasse comigo até eu dormir, mas não era algo sentimental. Era só... só... para ele pagar o preço de ter me feito ver aquilo tudo no mausoléu. Não porque eu sentia necessidade de o ter por perto. Não! Não era isso.

Corri para o banheiro, atirei minhas botas na banheira e abri o chuveiro morno em cima. Precisava tirar o sangue delas e só quando vi o líquido

lamacento com trechos vermelhos escorrendo pelo ralo da banheira junto à água, me dei por satisfeita.

Tomei um banho rápido, e mesmo sabendo que podia ficar fodida e doente por dormir com o cabelo molhado, precisei lavá-los. Sentia que o sangue do morto estava entranhado na minha pele, como se aquele cheiro tivesse se condensado pelo ar e penetrado na minha alma.

Eu não sabia se dormiria com uma corrente elétrica percorrendo as minhas veias daquele jeito.

Bati os cílios para os desenhos da minha mãe.

Seguia estática sobre o colchão desde que a manhã chegou. Como se o peso dos últimos dias fosse uma bola de chumbo em cima do meu peito, me sufocando.

Ainda ouvia os grunhidos do drogado a cada segundo, como um sopro do Diabo em meu ouvido, rindo, me lembrando de que vi um homem ser morto. E talvez eu fosse suja como o meu *stalker*, porque não conseguia sentir pena dele. O cara pretendia me estuprar, e embora ainda pensasse que o mascarado que se sentia meu dono pudesse apenas ter colocado o tarado para correr, me perguntava se ele já havia molestado outras mulheres.

A minha mãe foi estuprada antes de morrer. O homem que fez aquilo com ela, fizera com outras vinte e nove mulheres antes de Jena. Então, se o mundo tinha menos um estuprador, eu poderia reclamar?

Quando me sentei na cama, senti que se tinha pregado os olhos por uma hora antes do amanhecer, foi muito. E quando cochilei, *Michael Myers* piscou diante dos meus olhos outra vez.

Me lembrava claramente de que meu avô assistira ao filme “Halloween” comigo ao seu lado quando eu era pequena. É claro que ver aquela coisa sangrenta me gerou um trauma, e talvez fosse a explicação mais assertiva para aquele pesadelo repetido.

Saí da cama e entrei no banheiro para começar a cuidar da minha queimadura. Diante do espelho, a mordida de Zayn ainda era feia. Alguns furinhos avermelhados ostentavam cascas escuras.

Mordisquei o lábio superior ao vistoriar a queimadura no espelho. Vendo que a ferida causada pelo *stalker* estava bem melhor. A pele rosa clara ao redor do ferimento dava sinais da cicatrização e a vermelhidão absurda que havia ficado no começo, quando o neandertal me marcou, sumiu. Uma fina camada de pele nova cobria a letra P e o meio círculo queimado ao redor.

Constatando que estava bem melhor, presumi que não precisaria mais das gazes e esparadrapos. Saindo do banheiro, tendo como destino final o closet pequeno do quarto, ainda tinha aquela letra na mente.

Será que aquele “P” era apenas de propriedade mesmo?

Enquanto pegava uma calça legging escura com forro polar térmico, ainda sentia as cócegas causadas pela barba dele, que parecia bem ralinha. Ele tapou os meus olhos e não tive margem para espiar a sua boca.

Minha mente andava sobrecarregada por ansiedade e medo, o que me impedia de pensar com mais clareza. Porém, se teve algo que o *stalker* me beijando ontem me trouxe, foi um risco na lista de possíveis identidades:

~~Zayn.~~

Enquanto vestia um suéter azul escuro de tricô, com uma gola alta e rechonchuda que ficava solta por

cima do peitoral, soube que ele não era o meu stalker. Zayn não tinha barba. E, a menos que seu irmão e ele fossem doentes o suficiente para se revezar por baixo daquela máscara, podia tirar minha paixão adolescente da lista.

Calçando meus coturnos, refleti sobre o quanto alguns nomes da lista mental que fiz pareciam fantasiosos.

Drake era velho demais para fazer algo daquele tipo e Ethan... ele... não podia ser ele!

Agora, Bran? Bufei com o pensamento. O maldito gostava de joguinhos.

Ele me prendeu em um caixão, porra!

E ao mesmo tempo que fazia todo sentido que ele fosse o meu stalker, o mascarado me defendeu na noite anterior, me beijou e dormiu abraçado comigo dias antes. Enquanto Bran parecia me odiar após aquele erro gigante no furgão da funerária.

Eu odiava o *stalker*.

Ninguém tinha o direito de se infiltrar na minha pele contra a minha vontade, como ele vinha fazendo, me confundindo com sua hostilidade, com sua posse, e depois com seu carinho.

Peguei minha bolsa, torcendo para não ver o meu avô. Se ele quisesse recomeçar aquela briga, eu só correria. Não o suportava mais. Parecia que, nos últimos dias, nossa relação vinha piorando a ponto de estar à beira de uma desgraça.

Eu precisava juntar dinheiro, tinha que sair daquela casa e me afastar do Velho Jack.

Quando desci as escadas, ele estava largado sobre a poltrona. A respiração travou na minha garganta como se virasse um sólido, uma pedra, incapaz de sair pela boca ou nariz.

Encarei, quase descrente, a pele arroxeada ao redor de um de seus olhos, que jazia fechado, com um

inchaço absurdo na bochecha abaixo dele, e ainda tinha um esparadrapo em cima do nariz.

Quando consegui respirar, perguntei:

— O que houve com você?

Jack tinha uma tala no braço, que estava apoiado por uma tipoia azul contra o peito, e na mão, três dedos engessados. Ele rosnou para mim, me desejando morte com o único olho aberto com o qual me fitava.

— Já que arrumou um macho trombadinha para defendê-la, por que não sai da minha casa?

Sua voz pareceu fazer eco no meu ouvido. Neguei, balançando a cabeça, mas não estava me justificando para ele. Estava brigando com minha percepção.

— Essa casa pertence ao Drake, Jack — rebati, mas ainda não conseguia ligar os pontos do que estava acontecendo.

Então foi o *stalker*? Ele veio aqui e puniu o meu avô? Ele me defendeu?

O *stalker* parecia me odiar a ponto de querer ferir meus sentimentos e brincar com a minha mente, então, por que tomou minhas dores para si? Entendi o quanto ele não queria que o drogado abusasse de mim e que aquilo fosse ultrajante, tanto para seu juízo quanto para a posse que sentia por mim, mas, por que se ressentir por meu avô ser abusivo?

— Imunda! — Jack sibilou como uma serpente, os olhos vítreos para o espanto em meu semblante. — Você mandou seu macho me bater, e ele foi covarde o suficiente para se fantasiar, usando uma máscara. Aposto que era aquele branquelo de merda, o loiro para quem você sempre se engraçou, Zayn Walton.

Por que ele falaria de Zayn? Estava com problemas de vista e não viu os olhos escuros? Mas, espera... então o stalker se importava comigo em algum nível? Aquele beijo não foi apenas um joguinho?

Ou foi? Meus pensamentos se cruzavam e formavam nós, mas não levavam à conclusão alguma.

Mais confusa do que nunca, dei uma olhada no velho Jack e caminhei para sair da casa.

— Então preciso agradecer ao meu “macho” — sussurrei, suspirando um sorriso por cima do ombro. E eu não tinha dono, mas para amedrontar o Velho Jack, aquela mentira serviria. Afinal, talvez, achando que eu tinha alguém, não me maltratasse mais. — Ele merece parabéns por ter lhe dado um gostinho do que sempre causou a mim.

Foi aliviante ver que alguém havia me protegido, porque eu, covarde e culpada demais, não tinha forças para tal. E ninguém no mundo, nunca, me defendeu do meu avô.

Eu vivi tempo demais achando que todos os pais eram tóxicos, que batiam, que era comum, então só me restava aceitar. Porém, quando eu tinha quinze anos, Drake e sua família se mudaram para cá.

Observei-o, ao longe, com os filhos. Meu chefe nunca gritou com os dois, sempre foi gentil e muitas vezes o vi tendo altos papos com Bran pela casa, rindo, segurando o ombro do filho.

Eu nunca entendi a revolta de Zayn. O que ele via que tanto o fazia se ressentir de um pai perfeito?

Na escola, passei a observar e ouvir o que as outras meninas falavam de suas famílias. Era como se meu ouvido tivesse se viciado e prestasse atenção em cada relato que me traria inveja. Certa vez, presenciei uma menina contando sobre seus presentes de Natal, então me dei conta de que nunca tinha ganhado um do meu avô. Ele só me comprava roupas, e uma vez ao ano, porque crescia e elas sempre paravam de servir. As comprávamos no Walmart e sempre sob comentários de meu avô sobre eu precisar parar de

comer, porque me tornava do tamanho de uma porca e o fazia ter de gastar mais e mais dinheiro.

Por isso comecei a trabalhar tão cedo, ou não teria nem o que vestir sem ser tão humilhada. Até os absorventes que comprava ele atirava na minha cara. E cada comentário me fazia comer mais.

A cada choro, engolia um pote de sorvete, a cada surra, caixas de *donuts*, então, eu não era mais a mesma Emily. Era vinte quilos maior do que as garotas da minha idade e, quando até a comida foi perdendo o sabor, entendi que ferir minha própria pele aliviava mais.

Aos poucos fui percebendo que nada do que eu vivi era normal. Que não era errado quando eu via pais dando carinho aos filhos, a minha vida era a errada.

Ser maltratada naquele nível era errado!

Como alguém que tem o seu sangue pode te destruir tanto? Ferrar a tua mente a ponto de você saber que não importa quantos anos passem, você nunca vai ser normal?

Eu não sentia pena de ver meu avô todo moído de porrada, não quando sabia que mais do que qualquer pessoa, ele merecia sofrer.

Quando cruzava o batente da porta da casa, o velho soprou:

— E esse cara sabe que estava pelada no cruzeiro do cemitério? Ou foi ele quem te colocou lá?

Abri a boca por poucos segundos, com a lembrança da noite anterior saltitando na minha frente, como se fosse uma miragem, varrendo para baixo do tapete minha autopiedade.

O nome foi um rosnado na minha mente: Paine!

Me sentia uma das mulheres acusadas de bruxaria em Salém, ardendo na fogueira, diante do quanto minha pele queimava e meu peito explodia. Eu nem vi como foi que cheguei ao meu carro, mas

quando me joguei no banco do motorista, quis socar a cara do xerife.

Aquele maldito não acreditou em mim, zombou do meu peso e ainda foi fazer fofoca ao meu avô?!

Pois eu podia até me foder, mas o colocaria em seu lugar!

Não liguei de poder acabar com uma viatura de polícia na minha cola ao dirigir naquela velocidade.

Foda-se!

Vestida da pele de garota boazinha, eu só me ferrava. Então, às vezes, precisava deixar os lobos saírem.

Era sempre reprimida diante do meu maior gigante, o Velho Jack, e não conseguia ter força. Às vezes, já estava tão saturada de engolir absurdos que, diante de outras pessoas, não conseguia conter as avalanches dentro de mim, então a neve saía e soterrava quem estivesse no caminho.

E, naquele momento, sabia que Paine precisava ser soterrado.

Estacionei diante da delegacia com os pneus cantando e vi as pessoas ao redor olhando com espanto enquanto eu batia a porra da porta do carro atrás de mim.

Dentro de mim moravam alguns monstros e, com os olhos brilhando, quando vi Paine parado diante de uma viatura, rindo e comendo *donuts* com Jackson, meus pés não travaram.

Não era aquele frio cortante que corava minhas bochechas, era a raiva.

— PAINE! — gritei, quase correndo até ele, com a bolsa chacoalhando, pendurada sobre o ombro. Meus pés quase afundaram no calçamento e poderiam até mesmo causar buracos no chão. — Quero falar com você.

O maldito mordeu o último pedaço da rosquinha, as costas ancoradas na porta da frente de sua viatura, pelo lado de fora. Lambeu cada um dos dedos, parecendo prestes a rir de mim.

— Está nervosa, menina Brown?!

— Não devo nada à justiça, que eu saiba... — comecei, cruzando os braços, tão perto dele, que sabia que tinha que segurar as mãos ou podia fazer besteira — então, por que o maldito xerife da cidade, o merdinha que não me ouviu quando quis prestar uma queixa por ter sido torturada, foi validar a informação para o meu avô?

— Olha o jeito como fala comigo! — alertou, afastando-se da porta da viatura. Jackson se aproximou, parecendo perceber que os ânimos estavam quase tocando o céu, pra lá de exaltados. — Eu sou um oficial da lei e não me intrometi em sua vida, apenas confirmei algo perguntado por seu avô.

Abri as mãos ao lado da cabeça, lançando-as para cima, e rosnei.

Droga!

Eu estava saturada, como se minha mente fosse um rádio-relógio disparado na hora errada e não importava quantas vezes apertasse o botão para ficar em silêncio, ele ainda chiava.

— Você disse na minha cara que eu estava mentindo, que era pesada para ser crucificada sem derrubar o cruzeiro! — eu berrei, cerrando os punhos ao lado do corpo e ficando na ponta dos pés, o rosto fervendo, quase colado ao dele. — Então, por que caralho foi falar aquilo para ele?

— Vi uma foto que confirmou que, de fato — ele olhou para as unhas, depois as passou no peito da camisa social azul, como se as lixasse —, você estava amarrada no cruzeiro.

A lágrima que rolou não foi de tristeza, mas resultado da explosão catastrófica atrofiando o meu peito a ponto de os batimentos doerem.

— Você é o cara mais incompetente que a polícia desse país já viu. — Eu ri. Queria ser ruim, machucar, deixar aquela coisa azeda na minha língua sair. — Imagina, ser o xerife de uma cidade com mortes e mais mortes embaixo do seu nariz, que nunca conseguiu solucionar... — Embora seu rosto tentasse ser petulante, ele torceu os cantos dos lábios para baixo, o olho esquerdo tremendo. Terminou alisando o bigode com uma mão, dando um passo atrás, como se estivesse nervoso demais para me deixar tão perto. — O seu dever era proteger os cidadãos, mas, olhe para mim. Olhe para a minha mãe... Você não honra o seu distintivo. E talvez, um dia, seja a sua filha pregada num cruzeiro ou estripada na esquina, com a boceta cheia da porra de um estuprador!

— Cale a boca, menina, e vá para casa, ou vou prendê-la!

— Chefe, vamos entrar — Jackson aconselhou. A voz conciliadora, tentando segurar o ombro do oficial. — Não é para tanto! Brown está fora de si...

— Não se meta mais na minha vida! — ordenei, apontando o dedo na cara dele.

Sabia que minha reação pesada era porque não explodia nas horas em que precisava, mas ali, fiquei feliz por poder jogar um pouco de fúria para fora.

— Está tão brava só por isso? — Paine me fitava com olhos cerrados, tão vermelho quanto eu. — Nem contei ao pobre Jack que passei de viatura e vi sua netinha dando de mamar ao próprio chefe dentro do carro.

Eu poderia ter recebido aquilo como um baque, me envergonhado por saber que mais pessoas viram o

que Drake e eu fazíamos, mas, quando os lobos acordavam aqui dentro, eu não era a garotinha boba.

— E eu não contei ao Drake que você era amante da esposa dele! — berrei tão alto, que minha garganta ardeu. Paine, se antes estava bravo, chegou a baquear, sentando a bunda no capô da viatura. Jackson cobriu a boca com a mão, a aliança dourada reluzindo com a luz do dia, e o jeito como olhou para o xerife deixou claro que, assim como a cidade inteira, ele não sabia que seu chefe tinha um pezinho sujo dentro da propriedade Walton. — Fique longe da minha vida, eu já disse! — Sorri de um jeito amargo para o merdinha que portava um distintivo no peito. — Assim, mantenho guardado o seu segredo sujo.

24

DRAKE WALTON

O sinal vermelho à nossa frente não abria nunca, impedindo-nos de cruzá-lo e estacionar na delegacia de Shadow Valley. Meu filho mais velho estava no banco do carona, com um pirulito na boca, encarando a janela ao lado dele.

Enquanto Zayn estava ainda mais distante e com ódio após o castigo pelo que fizeram com a Emily. Bran agia como se nada tivesse acontecido, sua única reação errada foi bater a porta quando subiu, cheio de terra, para o quarto, após sair da cova. Bateu tão forte, que o barulho reverberou pela casa.

Tudo parecia estar ruindo desde que Rose se foi.

Observando a pista à frente, pensava que, se não viesse à delegacia pessoalmente ver o andamento do caso, eles não fariam porra alguma. Hora ou outra, Zayn cobrava que eu viesse atrás de notícias, quando não estava me acusando de ser o assassino da mãe.

Não importava que tivesse um advogado foda, eu também queria olhar na cara do Paine e cobrar novas informações. Não era ele que me pintava como suspeito? Então, queria vê-lo bem ativo no caso, fazendo alguma merda para solucionar o assassinato da minha esposa.

Depois de falar com o xerife, deixaria meu filho na faculdade, e finalmente iria até a funerária. Estava evitando ver a Emily e vinha trabalhando de casa na maior parte do tempo, sobrecarregando meu assistente pessoal para que resolvesse tudo por mim.

Olhando para a fachada da delegacia, apertei o volante com força, surpreso ao ver a garota Brown apontando o dedo na cara do xerife, no estacionamento em frente à delegacia.

— Que porra é essa? — sussurrei, vendo o investigador mequetrefe de Paine cobrir a boca por algo dito por Emily.

Bran abriu o vidro, enfiando a cabeça para fora com interesse, certamente tentando ouvir algo do barraco que a mulher armava.

Por que Emily estava brava com Paine?

Meu olhar passeou de Bran até ela, forçando a mente a não pensar em tudo o que tinha acontecido, mas palavras vinham e se amontoavam, formando a dúvida do que tinha de fato se desenrolado entre meus filhos e a garota a quem eu desejava.

— Tá todo vermelho por que, pai? — Bran brincou, fechando a janela ao observar Emily correr para a sua caminhonete. Ele mordeu o pirulito e me fitou com ar zombeteiro. — Você está com ciúme de ver o xerife brincando com outra mulher sua?

Vincos surgiram na minha testa, e só percebi que estava pensativo por tempo demais quando ouvi as buzinas dos motoristas, ansiosos para que eu movesse o carro após o sinal ficar verde.

Ao invés de seguir na avenida da delegacia, dobrei em uma rua à direita para não cruzar com o carro da Emily, aproveitando que ela parecia não nos ter visto, em seguida, estacionei no acostamento.

— Do que você está falando?

Bran demorou o que pareceram horas triturando o doce entre os dentes, os olhos escuros brilhando ao me encarar, com o queixo tombado sobre o ombro esquerdo. Desejei tanto meter um tapa no pescoço dele, para não ficar de zombaria com a minha cara...

— Da Emily, está com ciúme dela.

Revirei os olhos, era óbvio que a Brown não tinha nada com o xerife, na verdade, pelo jeito que berrava, estava mais perto de querer matá-lo.

— Você disse que Paine estava brincando com *outra* mulher minha.

Será que meu filho falava de Suzane, a *stripper* do clube com quem passei a me aliviar após a morte da mãe? Fazia semanas que não a via e ela não significava nada, afinal, eu só pagava para fodê-la. Não sabia nada sobre sua vida pessoal. E era de se esperar que meu filho também não soubesse.

— Ah, sobre isso...

— Moleque, se estiver zombando da minha cara, eu juro que vou te dar uns cascudos!

Bran gargalhou, mas percebi sua pele ficando pálida enquanto ele raspava a garganta. Quando a diversão foi morrendo em seu rosto, ele soltou:

— Então, você nunca se perguntou sobre o que o xerife foi fazer lá em casa na noite em que a minha mãe morreu?

Meu peito disparou e me virei ainda mais de lado sobre o banco, ficando de frente para o meu filho.

— Bran, para de enrolar, está sabendo de algo?

Ele deu de ombros, mordendo o canudo do pirulito e parecendo mais apreensivo. O garoto começou a quicar os pés no carpete e tornou a abrir o vidro, como se quisesse respirar. Demorou até se virar para mim uma outra vez.

— Eu chegava em casa com a Olívia, minha ex-namorada, na noite em que a minha mãe foi morta.

Vimos o xerife lá no portão falando com ela... — Bran soprou o ar pela boca com tanta força, que formou duas bolas nas bochechas. — Isso não está nos autos do caso?

— Por que não me contou? Tenho certeza de que não há nada sobre isso nos relatos da investigação.

Caralho!

O xerife era um suspeito!

O que ele foi fazer lá naquela noite? Por que escondeu sua presença nos autos?

— Achei que Paine havia relatado sobre sua visita à nossa casa. Não tive acesso aos depoimentos dos outros, apenas dei o meu relato para aquele idiota e seu investigador. — Bran mordeu uma das bochechas e cruzou os braços. — Pensei que ele estivesse lá para buscar alguma nova informação sobre a propriedade, devido à investigação da morte da mãe de Emily, que ocorreu no lago. Eles ficam dando voltas, fingindo que ainda estão fazendo algo para encontrar o assassino em série.

— Rose foi assassinada naquela noite, garoto. É claro que deveria ter contado!

Ele deu de ombros.

— E tem mais uma coisa.

— Filho, fala de uma vez!

Tentei não gritar, embora já sentisse minha mente pilhando.

— Eu não sabia se devia contar isso. Até escondi do Zayn, porque, você sabe, ele não é o mesmo há um bom tempo, e não quero que meu irmão sofra mais.

— FALA LOGO!

— Ok! — ergueu as mãos ao lado da cabeça. — Há algumas semanas, nós dois separamos umas paradas da nossa mãe, nossas memórias, e montamos um baú que enterramos no cemitério, como se... fosse a nossa despedida definitiva dela. — A voz dele

embargou, mas pela primeira vez seu olhar foi diferente, contendo uma faísca de fúria. — Quando mexi nas coisas dela, procurando nossas fotos juntos, achei um cartão de Paine. — Ele mordeu a boca e olhou para mim, as sobrancelhas estreitando. — O envelope era de uma floricultura, mas o cartão continha uma parada melosa sobre a noite deles ter sido inesquecível. Era o nome do Paine assinado ao final da frase.

Me virei para o volante do carro, mordendo a língua para não xingar. Meu peito bombeava pólvora, e o fogo na minha mente se juntava a isso para me fazer explodir.

Bran estava prendendo o ar quando o fitei de esguelha e liguei o carro. Eu precisava explodir, descer do carro e esmurrar a cara do Paine, principalmente quando me dei conta de que, por vezes, vi Rose atendendo chamadas dele e dizendo que era exatamente sobre o mesmo assunto: a morte de Jena Brown, informações da propriedade e até reclamações sobre os meninos.

Foi difícil dirigir sentindo que tinha sangue me tapando a visão, mas pilotei até em casa como se não houvesse uma confusão dentro de mim, sem furar o limite de velocidade, sem me exceder em nada. Estacionei com calma na garagem e quando desci do carro, senti meu filho atrás de mim.

Fiquei feliz por ele respeitar o meu silêncio.

Na cozinha, Lindsay sorriu para nós dois, jogando um pano de prato sobre o ombro.

— Bom dia de novo, senhor Drake!

— Dia, senhora — brinquei, então virei-me sobre os calcanhares e disse ao meu filho: — Só agora me dei conta de que o trouxe de volta para casa, quando você deveria estar na aula.

— Eu percebi. — Deu um meio sorrisinho, mas seu olhar estava caído. — Não tem problema, pai. Acho que vou ficar aqui, com você.

— Não, Bran. Vá para a faculdade! — Suspirei e revirei os olhos. — Não é época de provas?

— Posso fazer a segunda chamada.

— Nada disso! — Fechei o semblante, encarando-o. — Vá logo!

— Tem certeza? — Seus olhos estavam arregalados.

Ele se preocupava comigo e, por isso, o amava ainda mais. Por que não conseguia ter aquilo com Zayn? Meu filho me odiava. Eu devia ter alguma culpa naquilo. Talvez ele se ressentisse do quanto era próximo de Bran, tivesse ciúmes ou algo assim.

Segurei o ombro do meu primogênito e suspirei, contendo no rosto um sorriso de dentes escondidos.

— Tenho sim. Amo você, garoto.

— Também te amo, pai.

Com sua jaqueta de couro, de preto, como habitualmente, ele parecia durão. Talvez fosse alguma espécie de fodão para boa parte dos jovens de sua idade. Para mim, seria sempre o meu menino. Mesmo quando tentava furar o meu olho, pegando a garota com quem sabia que eu estava envolvido, mesmo quando me fazia gastar uma grana para limpar sua bagunça pela cidade.

Ele era meu garotinho, e ali, segurando minha mão enquanto eu o segurava com carinho, seus olhos se encheram de lágrimas. E para não acontecer o mesmo comigo, segurei a minha própria tempestade, dei-lhe as costas e fui em direção ao meu quarto. Só quando o ouvi conversando com a empregada, enquanto eu subia as escadas, é que deixei meu ódio dominar o semblante e caminhei mais rápido para cima.

Tranquei a porra da porta atrás de mim. As paredes pretas que tornavam o quarto costumeiramente sombrio, ainda eram menos tenebrosas do que o meu peito. Preguei os olhos na cama de madeira escura, correndo-os até o dossel com vigas grossas nas quatro pontas, era larga o suficiente para caber três pessoas, e me perguntei se Rose havia me traído ali, onde dormia comigo.

O sabor amargo da traição corria pela minha língua, mas já o conhecia. Naquele momento, foi apenas mais forte. Enquanto rodeava a cama até o lado direito do quarto, onde havia as portas amplas que levavam a um closet duplo tão grande quanto qualquer outro cômodo da casa, não duvidava do que foi dito pelo Bran. Entendia o medo que ele havia demonstrado ao me contar aquilo tudo. Eu já estava fodido, ele sabia que seria só mais uma pá de terra sobre a cova de ruína na qual eu estava enterrado.

Adentrando o armário dividido para dois, me senti mais idiota do que nunca. Eu ainda guardava as coisas dela no lado direito, onde araras, gavetas e prateleiras a mantinham viva para mim.

Ali, sozinho, eu podia explodir, atirar para fora o caos que abrigava em minhas entranhas. E ao invés de só abrir uma de suas gavetas cinzas, a puxei com tudo e a arranquei do nicho da parede de mesma cor. Atirei-a ao chão. Montes de peças íntimas caíram ao redor. As pisoteei com o sapato preto e social, porque precisava abrir espaço para caçar nas coisas, para ter mais pistas sobre Paine ou, como o grande filho da puta jogou na minha cara, quando veio aqui mostrar a filmagem, descobrir se ela tinha mais amantes pela cidade inteira.

Transtornado, arranquei suas roupas dos cabides, seus vestidos justos e vermelhos que usava para ficar sensual para mim, ao menos era o que ela dizia,

porque, na real, acho que aquilo ali era para sensualizar para todos.

Abri suas caixas de sapatos caros, e dentro de uma delas havia uma necessaire com o nome *Cosmopolythan*. A virei de ponta-cabeça, esparramando os itens pelo chão, sais de banho, toucas de cabelo e afins. Era de um hotel cinco estrelas em Boston, onde nunca fomos juntos. Então, como ela tinha aqueles brindes?

Rose escondia seus delitos em caixas de sapatos?

Foi abrindo uma por uma que fui desabando, descobrindo seus segredos sujos: caixas de camisinha, brinquedos de *sex shops* que nunca usamos, extratos de seu cartão de crédito datando hospedagens em hotéis em datas que eu estava fora, em viagens a trabalho. Seus carros alugados, relógios masculinos que custavam uma nota, tudo pago com o meu dinheiro.

Aquela vagabunda!

Caído no chão do closet, desejei, mais do que nunca, que ela estivesse viva para eu esfregar cada extrato daquele na sua cara maldita, para picar em pedacinhos e quase gozar vendo-a sufocar ao engolir os papéis.

Dei minha juventude a ela, afinal, pouco tempo depois que mandei Oscar para o quinto dos infernos, a conheci em uma festa da Blind Crows.

Aos dezoito anos enfrentamos uma gravidez por acidente que resultou em Bran. Nunca me ressenti daquilo, na verdade, eu abracei a paternidade com a minha alma. Entretanto, eu trabalhava demais, porque, por boa parte da vida, me recusei a usar o dinheiro do meu pai adotivo. Após o puerpério, da gestação do nosso primeiro filho, as viagens aumentaram, e eu precisava manter meu ritmo de

entrega de vendas na empresa em que trabalhava, para dar uma boa vida à minha família.

Tive uma viagem que durou seis meses, e quando voltei, Rose passou mal e a levei ao hospital. Ali, meus demônios quase saíram e explodiram tudo, foi quando desejei enforcá-la na frente da médica.

Ela estava grávida de três semanas.

Não era meu...

Zayn não era meu filho biológico.

Eu fui fiel a ela, tocando punhetas deprimentes enquanto lhe telefonava todos os dias, e a cretina me traiu. Trouxe um fruto da traição para a nossa casa.

Quis me divorciar, chutar o rabo dela para a puta que pariu e ficar com o meu filho, mas... eu fui abandonado pelo meu pai biológico, quando ele se divorciou da minha mãe.

Aquela criança que Rose carregava não tinha culpa de nada, e eu tinha um filho com ela, o Bran, e ele não merecia crescer longe nem de mim, nem dela, tampouco do irmão.

Rose me confessou que tivera um amante na minha ausência, mas que ele não queria o menino, pois tinha uma esposa. Ela alegou que se sentia sozinha com minha ausência emocional em casa e chegou a pensar no divórcio.

Eu caí feito um patinho, sentindo até culpa por minha distância. Assumi o filho dela, o amei como meu. Nunca tive ressentimento do menino por não ter o meu sangue e até hoje, mesmo com toda a indiferença com que Zayn me trata, eu o vejo como filho.

Ele é meu!

Zayn não tem culpa e jamais vai saber disso, que veio de outro homem que não o quis.

Eu não seria injusto o deixando, como o meu pai foi comigo.

E com o tempo, perdoei a traição da minha esposa. Embora estremecido, voltei a amá-la e achava que, pelo zelo como mãe e o carinho que demonstrava por mim, não tornaria a ser infiel.

Rose era uma imunda, e em uma cidade pequena como aquela, sua imoralidade deveria ser cochichada em cada casa, pelas minhas costas.

Talvez mais pessoas pudessem ver que, com uma mãe morena, um pai moreno e um irmão moreno, Zayn era loiro de olhos azuis. Talvez todo mundo soubesse do peso dos chifres na minha cabeça. E o jornalista só jogou a merda no ventilador.

Era uma pena que ela estivesse morta, pois, mesmo sendo mãe dos meus filhos, eu a faria chorar sangue se estivesse na minha frente naquele segundo.

Emily Brown

A manhã na funerária não foi legal. Drake não apareceu, outra vez. Apesar de maquiar dois cadáveres, não relaxei. E nem pude cutucar o machucado na bochecha, que emplastei com remédio de afta para que se curasse logo, antes que eu acabasse com alguma merda séria ali, de tanto que mordia o ferimento.

Ao menos a tarde repleta de aulas conseguiu amortecer o fervor na minha pele, colocando o *stalker*, o xerife e o homem morto — que esperava que tivesse sido escondido de forma adequada — em segundo plano.

Seguindo pelo caminho principal da torre da minha sala de aula para os portões da universidade, ouvia a voz de Ethan em meu encalço, tagarelando sobre algo, embora parecesse que ele estava a léguas de distância, porque eu não conseguia focar minha mente em nada do que ele dizia.

Foi só sairmos da sala de aula que a onda de pensamentos ansiosos sobre o caos da minha vida me derrubou. E acompanhando meu amigo, me sentia dentro de um naufrágio, afundando e sem ter qualquer chance de me salvar.

Ethan deu uma risadinha, falava sobre uma comédia romântica que assistira no dia anterior, e tentando não ser uma amiga tão relapsa, forcei meus olhos a focarem nele e a sorrir, fingindo interesse.

Por ser um horário movimentado para a saída dos alunos, uma muvuca de pessoas nos rodeava, rodinhas de alunos com gorros, casacos pesados e cachecóis eram encontradas ao redor dos portões largos e imensos.

— Vai assistir? — ele perguntou, pegando em meus ombros, os balançando para me animar.

— Vou — menti.

Não fazia a mínima ideia de que filme ele falava.

— Tem alguma coisa a mais acontecendo, Emi?

Fitei seus olhos gentis, sua cabeça tombada para um lado. Não podia dizer a ele que sua barba parecia ter o mesmo tamanho da que senti ao redor da boca do meu *stalker*.

Não!

Ethan não gostava de mim daquele jeito.

Ele soltou os meus ombros e puxou a alça de sua pasta de couro sobre o ombro, depois coçou a barba. Seu sobretudo preto combinava com o jeans, o suéter preto e o cachecol azul marinho.

— Tenho tido problemas com o meu avô. — Até tentei responder, mas era uma luta me livrar da paranoia que aumentava ao notar seus olhos escuros e os cílios densos, sua altura exagerada. NÃO ERA O ETHAN, PORRA! — Eu preciso ir, ok?! — gritei.

Não dei margem para que me tocasse ao girar e dar-lhe as costas, tampouco permiti que a culpa me percorresse por ter presenciado seu último olhar chocado para mim.

Dei um passo adiante, sentindo o rosto ardendo de vergonha por surtar. Estava cansada das minhas paranoias sobre quem era o homem que andava

tocando o meu corpo, querendo mesmo era se infiltrar na minha mente e roubar a minha alma.

Olhando para os portões, me senti sendo sugada pelo chão, como se houvesse um buraco abaixo de mim. Com a pele gelada, independente do agasalho pesado que usava, temi que minha loucura estivesse causando alucinações. Quase como um rastro assombrado saído dos confins do inferno, vi um sobretudo como o que o *stalker* me dera para sair do mausoléu nas duas ocasiões. O picotado nas bordas do traje, as botas negras. O problema é que estava longe, de costas, e serpenteava feito uma cobra em meio às pessoas, para fora do campus.

Não podia ser ele!

O *stalker* não passaria a me perseguir ao ar livre, na frente de todo mundo, ou passaria? Para fazer isso, ele teria de estar sem a máscara. Qualquer um chamaria a polícia se ele surgisse por ali usando uma balaclava.

Fiquei na ponta dos pés, tentando enxergar algo por sobre o mundaréu de alunos, infelizmente, o suspeito já havia sumido de vista.

Me virei para Ethan, que seguia parado, me encarando com um ponto de interrogação no meio da testa. Se já estava confuso, não entendeu mais nada quando me atirei em seus braços e o abracei. Entendeu menos ainda quando balbuciei:

— Desculpa!

— Pelo que, Emily? — perguntou, me envolvendo ainda mais em seus braços e fazendo um cafuné sem jeito na minha cabeça. — Estou começando a me preocupar.

Não podia contar nada a ele. Se confessasse que tinha um *stalker*, que ele me beijara, me masturbara e ainda éramos cúmplices da morte de um homem...

Agora, o mascarado não só me perseguia, também me fazia pensar se tínhamos alguma coisa, me fez reviver aquele beijo incontáveis vezes na minha mente e ainda me obrigava a querer saber sua identidade a todo custo.

Gostava de me contar a mentira de que o odiaria sem a máscara, mas não sabia. Eu o odiaria se fosse Bran? Se fosse Drake?

Sempre seria grata ao *stalker* por ter dado uma surra no meu avô, porque me livrara de sua grosseria durante um tempo, contudo, aquilo que eu começava a sentir por ele... Eu não podia sentir aquilo.

A real é que meu *stalker* não merecia que eu nutrisse nada de bom por ele. Aquele homem estava se cravando à força na minha mente, como fizera ao queimar a minha pele como um objeto seu.

Balancei a cabeça e me afastei do meu amigo, de seu cheiro, de seu olhar intrigado.

— Só me desculpa por não ter sido uma boa amiga, ok? Prometo ouvir mais quando me contar sobre seus filmes.

Fiquei na ponta dos pés e alisei sua barba, a textura áspera espetando a minha pele. Exalei como se tivesse tirado um canhão de cima do peito, tendo a certeza, finalmente, de que meu stalker não podia ser Ethan, afinal, havia acabado de ver o mascarado no meio da multidão.

Fiquei bem na pontinha dos pés e dei um beijo em sua bochecha, observando-o se tornar vermelho como um tomate enquanto me afastava.

— Rá! Eu sabia que não tinha prestado atenção em nada, menina. — Tentou me fazer algumas cócegas, o que me arrancou um sorriso amplo. — Certeza que não quer ir lá pra casa? Minha avó adoraria ter mais gente para jogar canastra.

— Eu sou péssima com essas coisas de baralho.

— Bom, o convite está de pé. Não é todo dia que te oferecem uma hospedagem na cidade das bruxas, bem pertinho do Halloween.

Foi fofo vê-lo tremendo as sobrancelhas para cima e para baixo. E, por um segundinho, me esqueci que estava soterrada por problemas.

— Vou pensar. — Mais uma mentira.

Eu não me enfiaria na casa dele tendo um homem ciumento e possessivo em meu encalço. Cada palavra que amotinei naquela frase fez meus olhos se expandirem muito.

Droga!

Ele esteve ali, ainda agora, será que me viu abraçando Ethan?

O cretino não tinha direito de me espreitar como um lobo, porra! Já tinha tirado a minha paz, a minha sanidade e se enfiado na porra do meu peito sem permissão.

Aquele homem não podia me fazer gostar do seu beijo, ou sonhar que por baixo da sua máscara houvesse alguém que nunca vi, e não partiria meu coração sendo alguém do meu convívio brincando comigo.

Era uma bosta não conseguir odiá-lo de verdade.

Soprei uma lufada de ar trêmula, vendo Ethan tornar a me olhar como se eu fosse doida.

— Preciso ir.

Apenas me afastei, torcendo a barra do meu suéter nos dedos, olhando para todos os lados, como se de cada canto viessem olhos famintos e predadores para me vigiar.

Seguia em direção ao estacionamento da faculdade, quando meus pés travaram e, agoniada, dei-me conta de que não consegui estacionar minha caminhonete nele hoje à tarde.

Minha respiração falhou, o barulho do vento parecendo um assobio sobre as folhas dos pinheiros — as únicas árvores da cidade que não se desfolhavam para o inverno — parecia ampliado, cantando no meu ouvido uma risada maligna do meu perseguidor.

Ele vai me punir por ter abraçado Ethan?

Ele viu?

Hiperventilando, apertei o passo, saindo pelos portões da faculdade com os olhos abertos demais, me sentindo a Chapeuzinho que entrou no bosque sabendo que não era seguro, enquanto atravessava a rua.

Eu nem olhei se tinham carros que podiam se chocar comigo. Só precisava alcançar o estacionamento vazio e mal iluminado do outro lado da rua, correr para o meu carro e me abrigar.

“Ele não me desmaiaria de novo”, soprei a incerteza na minha mente, enquanto enfiava a mão trêmula dentro da bolsa e procurava a chave do veículo. Tinha um grupinho de garotas na frente do estacionamento de muros baixos ornamentados por tijolinhos vermelhos. O que fodia tudo era que o lugar era todo rodeado de pinheiros robustos e altos...

Com a chave em mãos, retornei o olhar para a faculdade. Talvez devesse voltar e ir até o Ethan, para que ele me acompanhasse até o carro, mas foi com dor no peito que vi o automóvel dele, um sedan vermelho, acelerando para longe na avenida.

O grupinho de garotas sorridentes caminhou para o outro lado, mas não a tempo o suficiente para que o cochicho passasse despercebido:

— Recebi o convite para a festa de Halloween dos irmãos Walton, na Blind Crows.

— Sortuda! Não fui convidada, *ainda*...

— Meu sonho de puta é dar para os dois ao mesmo tempo.

Revirei os olhos e não sabia o que era aquilo queimando em meu peito.

Se meu *stalker* fosse Bran, eu o odiaria muito mais do que a qualquer outro! Aquele maldito trepava com meio mundo, mas me castigou e me fez refletir por ter falado o nome de Drake. Talvez me quisesse apenas para si, e por isso me amarrou naquela noite.

Ainda estava parada perto dos portões abertos do estacionamento, sentindo as mãos grudentas, as bochechas queimando por conta do peito esquentando de medo e raiva.

Dei uma última olhada ao redor. Tinha muita gente do outro lado da rua. Meu perseguidor não me sequestraria ali. Mordi o lábio inferior, fitando o meu lado da calçada. Seguia vazio, porque as desocupadas que queriam os irmãos Walton já viravam na primeira esquina.

Só me restou controlar o medo e dar passos vacilantes para dentro do estacionamento de terra escura, amplo e vazio.

Fora a minha caminhonete, havia apenas mais um carro no local.

Meu carro se encontrava no fundo, e, feito uma criança assustada, corri até lá. Meus olhos marejavam com o terror, enquanto tentava enfiar a chave na porra da fechadura.

— Aaaah! — berrei.

Estava congelada, ouvindo uma gargalhada ridícula ao olhar para o outro carro.

Mathew, o cadelinha dos garotos Walton que segurou Ethan para que eles me pegassem no dia em que me prenderam no caixão, estava diante do seu carro. Ele havia apertado a chave do seu conversível novinho e o barulho das luzes acendendo foi o que quase me fez ter um infarto.

— Está devendo, Brown?

— Vá a merda! — rosnei enquanto finalmente conseguia abrir a porta e me enfiar dentro do calor da caminhonete.

Eu não fechei a porta. Não antes de acender a luz interna e olhar o banco traseiro. Nos filmes de terror, os malucos costumavam se esconder ali. Quando vi que meu estofado dos bancos de trás não ostentava nada, além de buracos que mostravam a espuma dentro deles, bati minha porta e acionei as travas.

Atirei a bolsa no banco ao meu lado, liguei o motor e segurei o volante. Só então consegui dizer ao meu corpo que podia diminuir os níveis de adrenalina. Eu não estava em perigo, não naquele segundo.

Fechei os olhos, inspirando e soltando o ar.

Foi quando os abri que voltei a sentir um tambor no lugar do peito. Uma nota adesiva amarela estava pregada no meio do meu volante.

“Você se esqueceu a quem pertence, Emily?”

26

O STALKER

Hoje cedo, escondido pelas árvores ressecadas e os pinheiros folhosos do bosque, ateei fogo à cunha que Emily vinha guardando atrás da porta de seu quarto. Não deixaria que ela usasse qualquer barreira contra mim. Embora fosse soar divertido quebrar a janela do banheiro para entrar, sabia que a garota cruel havia criado uma armadilha que me deteria para que pudesse fugir.

Foi foda limpar a bagunça que deixamos no mausoléu.

Não gostava daquele lago maldito, mas, precisei dele como último recurso para esconder o corpo e a arma do crime, e precisei de um bom tempo de descanso para recarregar as baterias depois daquilo.

Caminhando devagar pela sala, ouvi os roncos do velho, apagado na poltrona. A cara dele parecia uma bola de boliche, inchada pra caralho.

A garrafa de bebida vazia pairava ao lado de seus pés, o cheiro rançoso de álcool e suor penetrando a minha balaclava. Seguia podre de bêbado e dava muita sorte de ainda ter um emprego sendo um peso morto daqueles.

Enquanto subia lentamente as escadas para o quarto dela, segurava sua coleira em minha mão. A peguei mais cedo, quando entrei aqui. Já sabia que precisávamos ter uma conversinha sobre o objeto, o que não imaginava é que meus neurônios trabalhariam em meio ao fogo, quando a vi abraçando aquele merdinha na faculdade.

Entrei em seu quarto devagar, franzindo o queixo para a porta destrancada. Será que estava se garantindo no velho todo arrebentado lá embaixo e não trancou a fechadura porque ele a defenderia de mim?

Fechei a porta com calma, depois a tranquei, espreitando Emily dormindo de costas para mim, sob a luz de seu abajur.

Nunca me cansaria de admirar aqueles cabelos longos e brilhosos.

Emily me fez de idiota, então, por que caralho me pegava olhando para ela e mensurando sua perfeição? Pensando no quanto gostava do seu corpo, do tamanho dos seus peitos, da textura de sua boca...

Precisei me lembrar que vim aqui para punir, porra, não para admirá-la! Mas não podia ser infantil o suficiente para fingir que não tinha mais coisas além da vingança presentes ali, naquela posse doentia que turvava minha visão quando pensava nela sendo tocada por outro, na raiva explodindo em minhas veias a cada maldito segundo em que a memória dela abraçando aquele almofadinha voltavam à minha mente.

Cocei a testa por cima da máscara com a mão trêmula, esquecendo que estava com a porra da coleira dela sob os dedos e quase metendo o fecho no meu olho.

— Caralho! — rosnei, sentindo que a fivela tinha arranhado a pálpebra superior.

Emily levantou da cama tão rápido, que já tinha alcançado a porta do banheiro quando cortei a distância e envolvi o braço em sua barriga, puxando-a com força contra mim.

Só quando senti sua bunda sob a camisola de seda escura roçando a minha calça, que dei um passo atrás e lacei a coleira em seu pescoço.

— Meu avô vai nos ouvir.

Segurou o couro do adereço ao redor da carne de sua garganta com as duas mãos. Eu nem a sufoquei ao puxar a coleira, mas foi o suficiente para o meu pau endurecer pra caralho contra a sua lombar.

— Jack está apagado no sofá — respondi.

Eu parecia um bicho respirando com tanta força, mas como frear meus impulsos diante da tentação chamada Emily?

Ela parecia implorar por castigos, fazendo de tudo para me tirar do sério.

— Vou soltá-la, mas não tente fugir — sussurrei —, pois vai me excitar e, feito um bicho, vou te caçar. E tem mais, ainda acabo com qualquer um que se enfiar no caminho tentando me impedir de pegá-la.

Murmurou alguma merda baixa demais. Ainda assim resolvi dar a ela um pouco de confiança, fechei a coleira em seu pescoço e me afastei.

Trêmula, Emily puxou os cabelos, ajeitando-os sobre as costas, puxando os fios que a coleira havia imprensando para fora do adereço.

Suas coxas grandes pareciam um convite para uma mordida dolorosa, exibidas sem tecido daquele jeito. A camisola era bem curta e a borda chegava pouca coisa depois da bunda roliça.

— Vestiu-se assim para mim?

Emily negou com um meneio de cabeça ansioso.

— Claro que não! Minha secadora não está funcionando direito, então não consegui lavar meu

pijama, e os outros estão apertados...

— Vamos fingir que está falando a verdade — provoquei.

Meu pau latejou com mais força quando ela se voltou para mim. A coleira ficava tão linda ao redor da pele pálida de sua garganta. Seus olhos imensos, a boca meio trêmula, tudo me excitava, mas o que fez meus olhos queimarem de ódio foi a marca de mordida sobre um dos ombros dela.

Emily percebeu a direção do meu olhar e pareceu decifrar a expressão na minha cara antes que me movesse, se encolhendo inteira.

Cheguei em cima dela com fúria, tapei seus olhos sem pensar direito, e quando vi, já estava metendo os meus dentes em cima da outra mordida.

Ela gemeu, puxando o bolso do meu moletom com força, parecendo doida para gritar. Sua carne fluindo para dentro da minha boca, roçando a minha língua enquanto eu a machucava, me deixou maluco. Eu só parei quando senti o sangue pingando na minha língua.

Punir essa mulher parecia alguma droga, viciante.

Abaixei a máscara e soltei os seus olhos.

Emily tinha um ar de medo, raiva e de quem estava prestes a chorar.

— Tire a roupa! Quero ver o seu corpo todo e espero que não tenha nenhuma outra marca na pele, além da minha...

— Não deveria vir com meu avô em casa — murmurou, desconversando enquanto vistoriava a mordida.

Engoliu em seco após ver os buracos que meus caninos deixaram, com olhos marejados.

— Agora, tire logo a roupa!

Se tivesse que tirar sua camisola, castigaria o rabo dela.

— O que vai fazer comigo?

— O que eu quiser. Você é minha, e não quero mais ter que lembrá-la disso!

Seguramos o olhar um do outro. Emily sabia que era um joguinho. Se discordasse, eu a puniria. Talvez a prendesse com os pulsos na cabeceira da cama, ou a colocasse num shibari que a deixaria toda dolorida, ou pior, escolheria algo para doer de verdade.

Ela até poderia correr, chamar o avô, fazer um escândalo, mas escolheu puxar a camisola pela cabeça e atirá-la no chão.

— Quando verei o seu rosto? — sua voz foi um fiapo incerto. — Se sou sua, não acha que preciso saber a quem pertenço?

— Por que não tem usado a coleira que te dei? — Ignorei sua tentativa idiota de manipulação ao me sentar na borda da cama, naquele colchão merda que rangia e cedia facilmente com meu peso. — Ajoelhe-se aqui! — Apontei para o chão adiante.

Sua calcinha preta era bem contida e parecia uma sunga feminina, mas seus peitos lindos ostentavam mamilos enrijecidos quando ela, meio hesitante, obedeceu.

— Não acho legal usar isso na rua. — Deu de ombros. — Não o farei, mesmo que você me machuque.

— É um desafio? — Levantei uma sobrancelha.

— Eu só não vou usar. Sabe bem que não quero você e também não me considero um objeto para pertencer a alguém.

Agarrei o seu queixo, alisando sua pele, e me pau cresceu mais, alimentado pelo vacilo em sua respiração.

— Tenho algumas regras para você. — Arrastei o dedão por sua pele, fazendo um carinho agressivo e duro em sua mandíbula, que a fez tremer. — A primeira e mais óbvia é que você não é mais solteira. É minha e me deve fidelidade.

— E você, é solteiro? Ou devo me manter virgem, esperando o maluco que se acha meu dono aparecer, enquanto ele trepa com meio mundo?

Então a ira tomou seu olhar, reluzente, sólida.

Aquilo era ciúmes?

Curioso, para alguém que não me queria.

— Contente-se em saber que posso ficar apenas com você.

— E a Madson?

Sua língua parecia um chicote, mas não cairia em mais uma armadilha que tentava me lançar.

— Eu já respondi. Sou seu também. Agora cala a porra da boca e me deixe falar!

— E vai usar uma coleira? Posso te marcar a ferro?

Puxei o seu cabelo para trás de uma só vez, para doer, e quando ela estava curvada, a nuca em direção às costas, arfando, usei a outra mão e apertei o seu seio bem forte, a carne macia e quente foi se moldando em minha mão.

Queria arrancar essa calcinha e enterrar meu pau na boceta dela sem me importar com o quanto de dor Emily sentiria por eu meter de uma só vez, mas não era a hora certa.

— Vai continuar me interrompendo? — indaguei, relutando em soltar o seio dela.

Aquele par de peitos sempre seria minha obsessão.

Parecendo mais acovardada sob o domínio da minha mão no seu cabelo, respondeu baixinho:

— Não.

— Como eu dizia, não quero que vá às festas da faculdade, porque elas têm o intuito de culminar em orgias.

— Quem usa a palavra “orgia”? — murmurou, soltando um grasnido de deboche.

— O que disse?

Alisei seu mamilo com o dedão, esfregando-o lentamente. Ele foi ficando duro, encolhendo e caralho... Lambi a boca enquanto via os olhos dela diminuindo, baixinhos, então o movimento quase imperceptível de sua língua umedecendo o lábio inferior.

— E mais o quê? — sussurrou.

— Viva sua vida normalmente, mantenha seus amigos, apenas não flerte. Você vai esperar o momento que eu quiser tirar a máscara e revelar quem sou — falei. — E não se engane, estarei sempre por perto, te observando, tanto para proteger quanto para punir. — Soltei o cabelo dela, só para segurar os seus ombros. Aquela pele era tão quente e seu olhar já não tinha medo ou raiva, mas algo estranho: fascínio? Desejo? — Pise fora das regras que tracei e a farei pagar. E se alguém a tocar para ferir, mato o desgraçado sem pensar, mas se a tocar porque permitiu, eu puno você!

— Então sou sua namorada?

Namorada.

Uma palavra grande e pesada demais.

— É tipo isso.

— Então me deixe vê-lo. Porque, se você for alguém que está brincando comigo sem a máscara, nunca vou perdoá-lo.

Peguei um pedaço de tecido no bolso do jeans. Ignorei a tremedeira da Emily e a vendei. Sua respiração aumentou o ritmo, até escapando com

guinchos cheios de saliva pela boca, quando a levantei pelos antebraços e a guiei com cuidado até a cama.

A deitei de costas sobre o colchão, puxei a pequena corda vermelha do outro bolso e amarrei os pulsos dela na cabeceira da cama.

Minha boca se encheu quando encarei a trilha de suor descendo pelo meio dos seus peitos. Quando me enfiei no meio das suas pernas, a primeira coisa que fiz foi tirar a máscara, depois descer a língua sobre aquilo, sentindo o gosto salgado na ponta da minha língua, me arrancando um gemido.

— O que está fazendo, seu maluco?! — Até tentou ser hostil, mas sua voz seguia baixa, arrastada demais para conter algo além de desejo.

— Vou te castigar, mas também aliviar a nós dois. — Ela dobrou as pernas sobre as minhas coxas, o que me fez olhar sua boceta. — E essa trilha molhada na sua calcinha me diz que você quer alívio, ou estou enganado?

Emily cravou os dentes no lábio inferior.

— Como vai me punir?

— Primeiro... — Me arrastei para cima, até que meu pau estivesse prensando a sua boceta. Me deitei sobre ela, apoiando uma mão na cama, ao seu lado, e usando a outra para segurar seu seio esquerdo. — Vou morder os seus peitos.

Não precisei avisar mais, meus dentes o fizeram por mim, se enfiando com força em sua carne, para machucar, almejando um grito dela. E quando gritou, tapei sua boca o mais rápido que pude. Não queria o Jack nos atrapalhando, embora aquele ruído agudo fluindo da sua garganta tivesse feito meu pau balançar.

Retirei a mão de seus lábios alguns segundos depois, e ela ofegou:

— Dói muito.

— Vai passar. Aguenta só mais cinco. Três em cada peito, ok? — Minha mão vibrava, sustentando o peso do meu corpo sobre ela. Suas bochechas salpicadas de vermelho soavam quase como uma miragem, mas não chegava aos pés das marcas dos meus dentes ao redor do seu mamilo esquerdo. — Se tornar a gritar, terei de tapar sua boca outra vez.

Enquanto assentia, me perguntei se ela aguentaria esse castigo sem precisar de um desfibrilador, porque eu senti seu peito acelerado quando levei a boca ao seu seio.

Minha nova mordida foi um pouco acima da outra, e mais fraca também. Me concentrava mais em sugar a pele junto ao castigo, marcando-a de roxo.

Eu a mordi, uma vez atrás da outra, em seus dois seios, ouvindo seus gemidos engolidos, temendo que seus sons me fizessem gozar antes da hora.

— Pronto! Acabou, ok?

Ela não respondeu, já estava chorando. Sentei sobre os meus calcanhares, admirando a obra de arte que eram os seios de Emily Brown marcados pela minha boca, ostentando buracos de dentes e chupões imensos.

Que ela ficasse comigo em sua pele por dias, como lembrete de quem era o seu dono e o que ele podia fazer!

— E agora?

E meus planos eram gozar antes dela, mas tão chorosa e tristinha assim, lhe daria um conforto primeiro.

— Vou aliviar você, garota cruel.

Ao invés de resistir enquanto eu tirava sua calcinha, levantou o quadril para me ajudar. E não sabia se aquela coisa quente demais no meu peito era surpresa ou algum orgulho pela quantidade de líquido brilhando no topo da sua boceta lisinha. A puxei um

pouco mais para baixo, encaixando suas pernas sobre os meus antebraços. E quando olhei para o rosado das suas dobras, suspirei.

— Você é linda, Emily. Inteiramente linda.

Funguei o cheiro da sua boceta com olhos fechados, e caralho, como era bom!

Rocei a boca em seus grandes lábios, sentindo a umidade se grudando em minha face, espalhando ainda mais o cheiro dela ali.

Não enrolei mais, só cai de boca naquela boceta, ouvindo um suspiro assustado dela enquanto sugava o rio de baba que saia dali. A chupei até secar, até que a umidade já descesse pela minha garganta, mais duro do que nunca, e enfeitiçado pelo gosto doce que ela tinha.

Circulei a língua no seu clitóris pequeno, sugando aquela porra, movendo a língua sem parar, e às vezes roçando os dentes. Emily soltou um gemido tão alto quando comecei a sugar com mais velocidade, que o maldito velho acabaria ouvindo.

— Shhh!

Subi a boca com pequenas mordiscadas pela parte interna da sua coxa, sentindo o calor da sua pele me incendiando, e assim que voltei à sua boceta, percorri com a ponta da língua por seus grandes lábios, depois pelos pequenos, e então meti a língua inteira em sua entrada apertada, a fodendo assim a ponto de ela começar a tremer.

Quando voltei ao seu clitóris, estapeei o lado posterior de sua coxa, em seguida cravei meus dedos na pele da sua bunda, apertando forte, enquanto fodia sua boceta com a língua na velocidade e maciez exata para ela convulsionar num gozo choramingado embaixo de mim.

Ela puxava as mãos contra a cabeceira da cama, tentava tirar o quadril da minha mira, mas eu a queria

agoniada, a queria gozando daquele jeito, então chupei mais e mais, até que ela amolecesse na cama, puxando o ar pela boca como se estivesse sufocando.

Afastei o rosto do meio das pernas dela e senti seu gozo escorrendo pelo meu queixo. Foi quase como colocar o pé no paraíso, vê-la tremendo naquele nível, com as pernas dobradas, batendo um joelho contra o outro.

Isso, sim, era algo inesquecível: Emily gozando na boca do seu *stalker*!

— Minha vez!

Saí da cama e me livrei das botas, posteriormente da calça jeans.

Quando escalei sobre ela, me sentei no topo da sua barriga. Ainda estava sem máscara, porque se gozasse com a balaclava no rosto, eu teria um treco sem respirar direito.

Amassei seus peitos imensos em minhas mãos. Eles eram lindos, no tamanho e peso certo para eu os juntar daquele jeito e então enfiar meu pau no meio deles, depois o tirar lentamente.

Gostoso pra cacete!

Levei a cabeça do meu pau aos seus mamilos, vendo a baba que escorria da cabeça dele lambuzando de um a outro.

O papel inverteu, era eu controlando os gemidos ali, enquanto fitava o rosto dela arfando e tentando se controlar após gozar.

Não queria enrolar mais, precisava jogar minha porra para fora. Por isso fui firme, rápido e forte, estreitando os peitos dela e enfiando o pau no vão apertado que deixei entre eles, às vezes parando para estapeá-los, só para saborear seu rosto sobressaltado. As mordidas, os roxos naqueles peitões, tudo me deixava doido.

Eu respirava feito um bicho, metendo e metendo e metendo na minha parte preferida do seu corpo. Minha barriga começou a ferver, meu pau foi inchando, quando um jato de porra escorreu da cabeça dele, mordi a boca para não gemer, metendo com mais força.

Quando minha última gota de porra escorreu para sua pele, respirando pela boca e tentando controlar meu ritmo cardíaco, saí de cima dela. Fui até o banheiro e sequei meu pau com um pouco de papel. Voltando para o quarto, me vesti bem rápido.

Soltei as cordas dos pulsos dela. Vesti minha máscara e, por fim, removi a venda de seu rosto.

Emily me encarava com curiosidade, correndo os olhos de mim para os seus seios e a trilha branca de porra escorrendo sobre sua tatuagem.

Já sabia que arrasaria com os sentimentos dela agindo como pretendia, e quando peguei a venda, depois as cordas e caminhei em direção à porta, olhei por cima do ombro.

Emily me encarava com sobrancelhas e ombros despencados, os olhos marejados enquanto abraçava os joelhos.

Havia uma confusão na face dela, e entendia que deveria ter dito algo, feito carinho, proferido um elogio depois que fizemos isso tudo. Mas ainda era um castigo, então, ela lidaria com minha indiferença até que eu resolvesse voltar.

Quando fechei a porta atrás de mim, por um segundo, quase desisti de partir. Ela soluçou alto lá dentro, e, me forçando a endurecer o peito, caminhei para longe.

27

DRAKE WALTON

Sentado diante do volante do furgão da funerária, não carregava um caixão lá atrás. Na verdade, tinha espaço sobrando para o que precisava fazer naquela noite. Estacionado a alguns metros de uma casa simplória de madeira amarela, tinha a noite fria como cúmplice.

Foi foda reviver todos aqueles sentimentos. Fora a Brown, de quem eu vinha fugindo no trabalho, ainda tinha toda a merda envolvendo a Rose, que me tirava a paz. Ainda pesava na minha mente saber que Bran carregou o peso daquele segredo por tanto tempo, temendo me magoar.

Munido com algo muito útil nas mãos, desci do carro em meio à neblina esquisita que cortava a rua. Me aproximei do homem feito uma raposa sorrateira, vagarosamente, sem produzir ruídos. Mexendo em uma caixa de correio, Paine estava de costas para mim quando executei a primeira etapa do plano que vim traçando nos últimos dias.

Meti um cabo de aço no pescoço dele, enforcando-o. O puxei contra mim por tempo o suficiente para que desmaiasse, com cuidado necessário para não rasgar sua pele, pois, se puxasse

forte demais, o cabo poderia lacerar o pescoço do maldito. E torcendo para não ser visto, arrastei sua carcaça para os fundos do furgão.

Eu odiava cigarros, mas, estava tão nervoso enquanto dirigia, que acendi um do maço que encontrei dentro do furgão, provavelmente de Zayn. Minhas mãos tremiam enquanto acelerava pelas ruas em direção à funerária.

Cheguei ao meu destino em menos de quinze minutos. Quando adentrei a porta de serviço, carreguei comigo o peso morto que era o xerife, para uma sala nos fundos. O cômodo amplo e frio abrigava paredes cinzas, iluminação fraca e um piso de pedra para resistir ao calor da fornalha de cremação. A porta cinza possuía uma portinhola com vigas no topo, e permitia que, do lado de fora, vissem se a fornalha estava funcionando.

Tinha posicionado uma cadeira de madeira, especialmente para Paine, bem no meio da sala. O joguei sentado ali, depois amarrei seus braços e pernas nas extremidades do assento. Vistoriei seus bolsos em busca de algo útil, e quando alcancei seu celular, o levei até uma mesa no canto da sala e o deixei lá em cima. Por fim, traguei o cigarro até que o desgraçado começasse a acordar.

Seu pescoço já ostentava as marcas avermelhadas do fio de aço, mas ele sairia dali bem mais marcado que aquilo.

— O... o que... porra...

— Olá, xerife Paine. Como está se sentindo?

— Drake, o que pensa que está fazendo? — rosnou, puxando os braços com força contra as amarras, cerrando os dentes com tanta vontade, que poderia jurar que ele conseguiria se soltar.

Eu poderia ser o próprio *Jigsaw* ali, atirando o cigarro no chão enquanto perambulava na frente dele

e planejava formas de o fazer engasgar com o próprio sangue.

— Não gosto de enrolação — avisei. Fitava-o por cima dos olhos, rodeando sua cadeira enquanto coçava a barba. — O quanto você era próximo da Rose?

— O quê? Foi a garota Brown, né? Ela fez alguma fofoca, mas saiba que é tudo mentira. Ela está brava, porque, porque, eu não acreditei...

— Emily? — Franzi as sobrancelhas. — Do que está falando?

— Uma vez ela me viu conversando com a sua esposa e ficou de cara amarrada pra cima da gente. Aposto que entendeu tudo errado e, por estar brava por eu ter contado ao seu avô sobre a noite da festa, fez essa fofoca mentirosa a você. — Revirei os olhos e caminhei até uma mesa de inox próxima da porta. Abrigava ali uma maleta de couro marrom, o que peguei dentro dela fez o porco amarrado à cadeira gritar. — Não faça isso, Walton! Eu sou o xerife dessa cidade, vai ser muito feio para você.

— Perguntarei uma única vez: — Me aproximei dele. Cada passo na sala ecoava pelas paredes, aumentando o tremelique no corpo dele. O suor descia por sua testa velha, e a baba que escapava da sua boca havia grudado em seu bigode nojento. Como Rose pôde se envolver com ele? — O quão próximo da minha esposa você era?

— Vou prendê-lo, Drake! Nem que seja a última coisa que faça nessa vid... AAAAAAA. — Interrompi sua frase golpeando o osso do seu pulso com um martelo de aço. O som que reverberou pelo ambiente parecia uma poesia acústica. — Eu... apenas conversava com ela sobre a propriedade, para a investigação da morte de Jena Brown.

Eu ri e engoli em seco, olhando para a luz fraca acima de nós. Estalei o pescoço de um lado a outro

enquanto andava pela sala, me perguntando o quão trouxa eu era por cair nessa desculpinha barata.

Porra, e me trair logo com esse monte de rugas e ossos... Rose estava mesmo desesperada.

— Essa versão é engraçada. Porque, assim, você parecia interessado demais em questionar apenas Rose, mas nós não morávamos na propriedade Walton quando Jena morreu. Por que não interrogou a Brown ou seu avô?

— Eu... — gemeu, dedicando ao braço machucado um olhar alarmado. — estava seguindo as pistas, Drake. — Respirou feito um cachorrinho. — Jackson é minha testemunha.

— É mesmo? ENTÃO ELE SERVIU DE CAMA ENQUANTO VOCÊ FODIA A ROSE?

E cada palavra parecia gasolina na fogueira que eram as minhas veias. Enfurecido, macetei seu outro pulso com o martelo. O berro que ele deu vibrou do ponto mais fundo de sua garganta, terminando num rosnado:

— Eu vou matá-lo, Walton. Juro por Deus, que vou enterrá-lo se não o enfiar atrás das grades.

— Sabe, o único em posição de matar alguém aqui sou eu. — Alisei a cabeça gelada do martelo, me perguntando se o tilintar de seus dentes quebrando relaxaria mais os meus músculos. — Posso cortar sua garganta e o cremar ali.

Apontei com o queixo, vendo o xerife guiar seus olhos marejados para a estrutura retangular em um metal pesado e resistente. A porta de aço e revestida com material hermético tapava o compartimento onde incendiávamos os cadáveres em altas temperaturas, até que literalmente resumissem-se a cinzas.

Sorrindo mais amplo que o diabo o faria se estivesse presente, caminhei até o interruptor na mesma parede da pira de cremação. Quando o apertei,

a tampa da fornalha se levantou, produzindo um ruído agoniante que se chocava contra as paredes e ecoava como o guincho de uma assombração. Para ser ainda mais ilustrativo, apertei a alavanca ao lado, vendo o fogo surgir dentro da fornalha e ir se alastrando pelos tijolos feitos de uma cerâmica de alta densidade.

— Não faça isso, Drake! Eu tenho filhos.

— E Rose não tinha dois filhos também? — Levantei uma sobrancelha. — Quem me garante que não foi você quem a matou? Afinal, tentou me incriminar. E soube por Bran que esteve lá em casa pouco tempo antes de Rose ser morta. Por que sua visitinha não estava nos autos?

Ele conseguiu expandir ainda mais os olhos, lívido, babando, moribundo. Sorri amargamente quando me voltei para a maleta, sentindo o calor da pira começar a tornar o meu suéter uma peça descartável.

Peguei o celular dele.

— Diga-me a senha!

Chacoalhei o aparelho ao lado da minha cabeça, tentando ser bem lúdico no que me referia ao celular. Seu balançar de cabeça de um lado a outro me fez ser um pouco mais cruel.

Cortei a distância entre nós dois com rapidez, então martelei mais duas vezes o seu pulso direito. A dor o fez soltar a senha com rapidez, me fazendo presenteá-lo com um sorriso amplo.

Quando acessei o telefone, caminhei para longe dele e seu suor de merda, me sentando na mesa de inox ao lado da maleta. Vistoriei os contatos, as trocas de mensagens, mas foi no álbum de fotos que achei coisas interessantes.

A fornalha continha fogo, mas os meus olhos é que estavam quentes diante de todo o arsenal que seu aparelho celular me entregava.

— Então gosta de garotinhas novinhas? — Minha risada era puro sarcasmo. — Quantos anos elas têm? Quatorze? Quinze?

— Cara, a gente pode negociar, sabe? O que você quer para me deixar em paz?

Apertei seu telefone, e embora os ossos do pulso dele fossem os machucados ali, eram os meus que doíam com a força que empregava na mão.

Tensionei o maxilar quando pousei meu olhar sobre ele. Estava encolhido contra a cadeira, o rosto pálido, o olhar fundo e repleto de medo. Não era nada perto do que pretendia causar nele.

— Na real, quem me garante que você não matou todas as trinta mulheres da cidade? Sua idade condiz com a estipulada para o assassino...

— Naquela noite, apenas nos beijamos no portão. Quando Rose morreu, eu estava em casa com minha esposa e filhos.

— E se a sua esposa for corna mansa o suficiente para acobertar um crime?

— Ela foi a razão de eu precisar omitir dos autos que estive na sua casa. Ela morria de ciúmes da Rose, por isso precisei que Jackson me encobrisse para apagar aquilo da ficha de investigação.

— Então Jackson é seu cúmplice!

— Não. Deixe-o de fora disso! Ele achava que eu estava em sua casa para investigar o terreno, não porque tinha algo com a Rose.

— E quando o caso de vocês começou?

Ele engoliu em seco, jogando a cabeça para trás contra o assento e gemendo de dor. Voltei-me para a maleta, descartei o celular e o martelo, então alcancei uma faca tática e serrilhada.

— Não me lembro ao certo — disse. — Porra, cara... o que mais você quer?

— Eu? — Sorri. — Eu quero que você pague. Que sinta um pouco do que estou sentindo ao ser feito de burro. Você me pintou como culpado quando sabe que não matei a minha esposa. Quando você é um suspeito em potencial.

Assim que o alcancei, não liguei para os seus gritos, apenas rasguei sua camisa da gola à borda inferior com a faca. Pretendia cortá-lo, retalhá-lo em vários pontos, sentir o cheiro do seu sangue pelo lugar. Só não esperava deixar a faca cair ao ver a mancha com o formato de uma pera abaixo do seu mamilo esquerdo. A mancha... a mancha de nascença do meu filho.

Meus olhos marejaram. A compreensão daquela merda inteira me soterrando como uma avalanche, me sufocando. Segurando o pescoço, dei um passo atrás.

— Você é o genitor do Zayn.

Pisquei tantas vezes, como se o meu cérebro não conseguisse processar aquilo. Os olhos claros, o cabelo grisalho que antes fora loiro, a altura exagerada. Ele... era o pai biológico do meu garoto e passou quase duas décadas como amante da Rose.

Não. Ele não tinha aquele direito!

Eu era o pai do Zayn! Eu o criei. Não esse porco covarde!

— O garoto foi um erro de percurso — disse, depois virou a cabeça para o lado e cuspiu. — Não podia assumi-lo, ou perderia minha esposa.

Suas palavras foram direto para o meu peito. Ele não chamaria o meu moleque assim na minha cara. Sem conseguir me conter, esmurrei o seu rosto com tanta força, que a cadeira caiu para trás com ele em cima.

Os choques do meu punho contra sua pele sobrepujaram o crepitar das chamas e silenciavam a minha raiva. Eu o soquei por muito tempo e só parei

quando meus braços já não aguentavam mais. O cheiro do sangue se misturava ao calor da pira, me fazendo ficar enjoado quando caí sentado sobre os meus calcanhares.

Olhei para a lâmina ao meu lado, e com Paine tossindo e cuspindo o próprio sangue, decidi perder totalmente a cabeça ao me jogar em cima dele com a faca em punho.

— Não... — gorgolejou.

— Você não terá nada em comum com ele... nada!

Enfiei a faca sob sua mancha, e quando a arranquei, o homem deu seu grito mais alto. O pedaço da pele arrancada estava solta sobre os pelos brancos do seu peito quando atirei a faca ensanguentada longe, com a cabeça explodindo.

— Zayn não é um erro de percurso! — rosnei, segurando os frangalhos da camisa que ainda se enroscavam nos seus braços, inundada do líquido viscoso e vermelho. O sacudi, os olhos ardendo ao ver alguém enxergar meu filho daquele jeito. — Ele é uma das coisas mais bonitas da minha vida. E não é seu. É meu! Sempre será meu! E você vai se esquecer de que eu existo, vai me tirar do seu radar, ou seu segredo sujo com meninas menores de idade peladas na sua cama vai vazar, sua presença na cena do assassinato da Rose vai se tornar de conhecimento público também.

— Tem minha... — ele estava fraco, o rosto inchado, os olhos completamente fechados por conta dos golpes — palavra.

— Então, agora vou tirar você daqui e te largar na quadra de um hospital, mas se ousar mandar alguém atrás de mim, meu advogado vai vazar suas fotos, estamos entendidos?

Tentou virar o rosto para o lado e cuspir, mas acabou por se engasgar e tossir antes de conseguir assentir. Me levantei e desliguei a pira de cremação. Alisei a barba e suspirei. Aquilo foi mais forte do que esperava, mas, ao menos, descobri quem era o genitor de Zayn, embora preferisse a cegueira total.

Nunca contaria ao meu filho aquela porra. Ele não precisava de mais ingredientes para usar como desculpa para tentar se destruir.

Quando arrastei Paine sobre o meu ombro para o furgão, ainda sentia o corpo vibrando. Esperava que ele não morresse enquanto eu dirigia, com ele ao meu lado sujando o banco de sangue e gemendo sem parar. Paine merecia até mais.

Parei a cerca de duzentos metros do hospital da cidade e o abandonei no meio fio. Não me importava que tipo de merda ele diria aos outros sobre seu estado deplorável, desde que não me envolvesse.

Enquanto dirigia para casa, sabia que precisaria me limpar antes de entrar na cozinha, e no caminho, resolvi ligar para Richard.

— Fala, Drake. — O homem atendeu após fodidos dez toques. — Algo grave? Meio tarde para me ligar, não?

— Fiz merda. — Sem rodeios, resolvi contar a cagada inteira. — Estourei o Paine na porrada, mas peguei o telefone dele e um trunfo que prova que o cara é um pedófilo. Ele não vai dizer nada.

— Puta que pariu! Não! Tu não fez essa merda...

Nossa ligação durou o suficiente para eu explicar cada detalhe a ele, incluindo a omissão de Paine sobre sua presença na casa e até a paternidade de Zayn.

Ele mandaria um de seus seguranças buscar o telefone em minha propriedade ainda durante a madrugada, para garantir que Paine não enviasse alguém para tentar subtrair o aparelho.

Estava baqueado ao estacionar na garagem. Quando sai do furgão, acabei deixando pegadas sobre o piso de porcelanato preto e brilhante, o que me fez tirar os sapatos e os guardar nos fundos do furgão. Achei um pano de chão em um tanque nos fundos do cômodo, ao lado de um paredão com instrumentos para cuidar dos automóveis, então limpei as pegadas antes de tornar a descartá-lo no tanque.

Meu Porsche, a picape de Bran e a moto de Zayn estavam ali, me dizendo que meus filhos dormiam em casa naquele momento. Por isso troquei o suéter sujo de sangue por uma blusa de mangas limpas. Voltei ao tanque, lavei as mãos e limpei o sangue do rosto. Depois, fitando os painéis de madeira escura ao redor, resolvi vestir minha máscara de homem calmo quando entrei em casa, embora meu coração ainda martelasse bem forte.

Acessando a cozinha de casa, vi meus dois moleques sentados na ilha, jantando uma pizza.

Meus olhos marejaram ao ver o garoto de cabelos loiros que não entendia o quanto eu o amava. Caminhei até ele, vendo os olhos piscantes e as sobrancelhas franzidas dos dois. Puxei Zayn para cima e, sem dizer nada, o abracei e chorei como um fraco.

Ele não era um erro de percurso.

Foi o único acerto daqueles dois filhos da puta.

— Pai? — Zayn perguntou, apertando os braços ao meu redor.

— Eu te amo, garoto!

Emily Brown

Três semanas.

Três malditas semanas desde que o *stalker* veio à minha casa para depois não voltar mais.

Ainda não acreditava no que tínhamos feito. Ele simplesmente pegou todos os meus sentimentos e deu um nó. O problema foi que o seu castigo com as mordidas também foi como dar um grito que estava entalado na minha garganta.

Quando ele me causava dor, sentia medo, agonia e raiva, mas... lá no fundo, tinha algo diferente. Algo que parecia adormecido como um dos mortos nas tumbas do cemitério, mas que quando acordava, precisava ser saciado.

Gozar na boca dele nem parecia uma escolha, eu sentia que morreria se ele não cuidasse do que causou no meio das minhas pernas com o seu castigo. Senti-lo fodendo os meus seios também foi bom. O ruim foi ele riscar um fósforo no meu cérebro e me deixar sozinha depois, como se eu fosse descartável.

Como se estivesse mesmo brincando comigo.

Como se aquilo... como se eu não significasse nada!

E senti tanta raiva dele, sozinha, naquela noite, com o cheiro dele em mim. E para foder tudo, o cretino sumiu. E se por um lado foi bom, porque eu queria matá-lo, por outro, tinha algo doendo no meu peito, como se fosse um buraco.

Aquilo machucava muito! E não deveria, porque me fazia parecer louca.

Estava andando em círculos pelo quarto, alisando o cabelo recém escovado, porque o *stalker* não mandava bilhetes, não me seguia na rua e não aparecia no meu quarto há quase um mês.

Pior do que sua perseguição, era o seu silêncio.

Me deixar ansiosa e paranoica, contando dias a fio sem sua presença era mais um de seus joguinhos mentais?

Céus, eu odiava aquele maldito. Muito. Então, por que estava tão desesperada para que ele retornasse?

Eu sabia que ele era o maldito Brandon Walton. Era quase tão cristalino quanto a porra do vidro da minha janela. Então, por que o cretino estava me dando tratamento de silêncio? Eu me deitei todos os dias esperando que ele surgisse à noite para descobrir algo novo a seu respeito, para conversar, para... sentir alguma coisa.

Eu nem tranquei a porta; na verdade, a deixei entreaberta.

Me joguei de costas sobre a cama, bufando ao fitar o teto do quarto e me lembrando que fazia dias que também não esbarrava com nenhum dos Walton. Eu não tinha meio algum de acesso ao *stalker*, um ponto de encontro, um telefone celular. Nada. Aquilo era injusto!

A quem eu queria enganar? Quando se tratava do meu perseguidor, tudo era injusto.

Peguei meu celular, sentindo a mente girando em pensamentos rápidos e incessantes. Tentando me

distrair, rolei meu *feed* e acabei fuxicando o Instagram do Ethan, as fotos eram sempre fofas, cafés, flores, sua avó jogando com os amigos, sessões na academia. Ele tinha a vida perfeita e, se fosse outra pessoa, talvez eu invejasse, desejasse aquela plenitude e calma para mim mesma, mas Ethan... ele merecia ser feliz.

Rolando o *feed* a esmo, pareceu que o farol de um carro se acendeu na minha mente, piscando o nome “Bran”, então resolvi fuxicar seu perfil. Abri sua foto, era seu rosto coberto por uma bandana preta do nariz para baixo, como um bandido dos filmes de faroeste. Aquele olhar destacado fez meu peito se aquecer tão rápido. Levei o indicador à região de sua testa sobre a foto e a cobri, então, com lágrimas nos olhos, vi meu *stalker* diante de mim.

Minha boca foi tomada por espasmos nervosos.

Desgraçado!

Lutando para controlar os danos dentro do meu peito, por saber que ele andava brincando com a minha cara, tentei soterrar a dor com uma montanha de raiva. Me enfureci a ponto de xingar enquanto rolava as fotos de seu perfil. Tinham imagens dele e seu irmão em bebedeiras, andando de skate, ele em uma pose fofa, esmagando a Madson em um abraço por trás, que fez um amontoado de espinhos perfurar a carne do meu coração. Mas sua última postagem era a foto de um panfleto.

Festa de Halloween dos irmãos Walton:
Sexta-feira, às 23:00, na Blind Crows.

Talvez fosse esse o motivo do sumiço, a festa era hoje, e ele andava preparando tudo para aquela merda, ou estava com garotas demais para brincar e eu não era mais necessária.

Aquele filho da puta disse que éramos um do outro, então, ele veria só!

Com fúria, entendi que precisava revidar. Ele me deixou um monte de regras imbecis para me comportar como uma garota comprometida, mas ele, ele era um merdinha libidinoso que continuaria fodendo meio mundo. Não era meu namorado porra nenhuma! Pois então, Bran Walton provaria do próprio veneno, porque eu iria à festa, me esfregaria com meio mundo bem na frente dele, para que sua máscara caísse diante de todos, afinal, o meu *stalker* era bem bravo quando sentia ciúmes.

Eu sabia que eram os lobos saindo, o que me fazia levantar e revirar meu guarda-roupas. Procurei um vestido preto de gueixa que usei numa festa anos atrás, e quando fiquei pelada e vesti o traje, ainda sentia fumaça saindo da minha cabeça.

Diante do espelho do banheiro, percebi que o vestido ainda me servia bem. Era aberto do lado esquerdo da perna, com fitas descendo em ziguezague até o joelho, onde dei um laço. Voltei ao quarto e subi a barra do vestido até a barriga, para então vestir uma meia-calça cor de pele para ajudar a proteger contra o frio.

Prendi meu cabelo num coque baixo, apenas porque precisava da fantasia, ou no mínimo, parecer que usava uma, para que me deixassem entrar naquele antro chamado Blind Crows.

Não tinha hashis para enfeitar o coque, então usei dois lápis pretos para dar o mesmo efeito. Me enfiei dentro de um sobretudo de mesma cor e felpudo para me abrigar do frio, peguei a bolsa e me preparei para sair do quarto.

Não ter que lidar com o velho moribundo Jack, porque estava na casa de seu irmão, foi uma benção, ou tentaria me empacar de sair tarde da noite.

Quando me enfiei no carro, batia os dentes, já que estava muito frio, e durante o trajeto para a faculdade tive de tomar cuidado, pois a neblina, costumeira visitante da cidade quando terminava o outono, tomou as ruas, prejudicando a visibilidade.

Quando, por fim, cheguei em frente à universidade, havia um carro de polícia com dois oficiais que não conhecia sentados lá dentro, perto dos portões da entrada, lembrando-me de Paine, que foi gravemente ferido em uma tentativa de assalto. Na verdade, soube que foi barbarizado pelos assaltantes a ponto de ter que ficar internado por muitos dias. Foi para casa há pouco tempo.

A cidade não era mais a mesma há um bom tempo. Embora tenha gostado da ideia de alguém descer o cacete naquele imbecil, reconhecia que tínhamos criminosos ousados demais, afinal, quem teria coragem de bater no xerife?

Estacionei dentro do campus e quando segui meu caminho para o terreno das fraternidades, dando a volta nos blocos principais, muitos alunos com bebidas nas mãos amotinavam-se pelo lugar. Tinham fantasias de todos os tipos, eu vi até uma menina vestida de coelhinha, sem casaco, naquele frio de seis graus.

Meio ofegante, cheguei à rua estreita que abrigava as fraternidades. Era um absurdo que eles quebrassem as regras da faculdade estacionando carros ali, o que tornava mais difícil a caminhada. O estacionamento para todos os alunos, inclusive os moradores das fraternidades, era lá na frente do campus, perto dos portões da entrada. Quando não desviava de rodinhas de alunos naquela merda de rua lotada, quase batia de frente com algum conversível caro.

Uma casa de dois andares, de madeira acinzentada e antiga, contava com um amplo sótão se

destacando no topo. Era aquele o meu destino. Ficava no final da rua e tinha um aglomerado de gente tão grande na porta, que eu quase desisti dos meus planos.

A Blind Crows estava toda decorada com teias de aranha fake enroladas nas vigas de sustentação da varanda, esqueletos sentados sobre o parapeito, e morcegos pregados com barbante para parecer que flutuavam sob o teto. O lance de quatro escadas para acessá-la estava obstruído por uma gangue vestida de Michael Myers, o que fez minha mente ir direto para o meu pesadelo repetido.

Eu não podia ser covarde a ponto de desistir, especialmente quando meus pés ágeis driblaram as pessoas e me enfiaram direto na sala, que de tão cheia se tornava claustrofóbica.

Nos cantos onde conseguia enxergar o chão, cabeças de abóboras tremeluziam luzes amareladas; no alto, nas quinas das paredes, tufos falsos de teias de aranha davam ao local um ar fantasmagórico.

A música pulsava pelas paredes e, porra, talvez em meu corpo habitasse uma velha, porque eu não gostava do som alto naquele nível. Contudo, já estava enfiada naquele antro, não voltaria atrás.

Risadas ecoavam e sobrepujavam o som ora ou outra, vindas dos alunos com fantasias extravagantes de múmias, freiras, palhaços, assassinos...

Eu nunca usava sandálias, mas ali estava, com um saltinho em modelo *scarpin* que torcia muito para que não ficasse escorregando sobre a meia calça. Tirei o casaco e dei um jeito de o enfiar em uma arara atrás da porta, empilhado sobre diversos outros casacos de tudo que era tipo.

Uma névoa artificial soprava pelo chão, serpenteando entre as minhas pernas, tornando tudo

mais descolado e divertido, contrastando com meu peito formado por brasas e minha mente fervendo.

Algumas rodas de alunos estavam perto da escada, outras abaixo do arco que achava levar à cozinha. Já no centro da sala, outra galera se aglomerava ao redor dos sofás e das duas mesas de centro que abrigavam as bebidas. Madson estava em pé sobre uma das mesas, virando uma garrafa de tequila sob o coro que gritava “vira, vira”.

Sua fantasia era bonita, estava vestida de bruxinha, com um chapéu pontiagudo em cima da cabeça e uma saia tão curta que mostrava as bordas do shortinho preto no meio das coxas.

Dei um jeito de me enfiar pelas beiradas, esbarrando em muita gente pelo caminho, indo até um aparador embaixo da escada e pegando um copo com ponche. Quando me virei para a sala, dando um gole na bebida com gosto de frutas, Mathew parou ao meu lado. Revirei os olhos, não querendo fitar seu rosto todo vermelho pelo álcool.

— E aí, *Emizinha*... — cumprimentou. — Cadê o Jones?

— Ethan não veio. — Embora não quisesse assunto com ele, não precisava fazer inimizade o deixando no vácuo. Meus olhos caíram para sua *Shoulder Pad*[10] vermelha e branca. — Fantasia de quarterback? — Armei um bico, quase colando os lábios superiores ao nariz enquanto desdenhava de seu traje. — Clássico.

— Ah, qual foi, gata?! Vai dizer que não ficou da hora?

Olhei por cima do ombro, mirando seus olhos avermelhados. Ainda tinha raiva da lembrança dele tirando Ethan da minha frente no refeitório, mas,

talvez fosse interessante flertar com ele para que Bran visse.

Seu rosto grande e quadrado não era a coisa mais linda do mundo, porém, não era feio também, ainda tinha a leve barba clara crescendo em seu queixo, que não me lembrava de ter reparado antes.

— Onde estão os seus amiguinhos? — Enquanto bebericava o ponche, tentei lançar uma isca para descobrir onde estava o meu alvo.

— Bran e Zayn? Por que está interessada em saber? — Pisquei para sua hostilidade súbita. Seus olhos se cerraram para mim. Por fim, bufou e apontou com o queixo para o meio da sala. — Ali.

Sobre um sofá de couro creme, os irmãos estavam lado a lado, tomando cerveja e de olho na namoradinha deles, que estava soltinha demais diante dos dois, rebolando até o chão. Quando Bran pousou seu olhar sombrio, semelhante ao de um corvo, sobre mim, lutei para não me encolher. Ele sorriu tão largamente, que quase vi minha alma correndo do corpo e, feito uma covarde, me deixando para trás.

Ele enfiou dois dedos na boca e deu um assovio alto, tão alto que sobrepôs a música. Mathew imediatamente o fitou. Bran fez um gesto muito claro com a mão, chamando a nós dois.

— Bora?

— Não, obrigada!

Droga! Eu não vim aqui enfrentá-lo? Então, por que vê-lo vestido como Freddy Krueger me deixava amedrontada? Achava que não tinha visto uma fantasia fazer tanto jus ao seu dono.

Ele era a estrela dos meus pesadelos.

Bran era o meu *stalker*. Então, precisava irritá-lo e tirá-lo de sua redoma de proteção, onde se escondia para surgir apenas no escuro.

Essa noite eu o faria sair da máscara.

— Espera! — Segurei o braço suado de Mathew quando ele já insinuava partir. — Por que não fica aqui? Ele pode esperar.

O garoto pousou seus olhos em mim e recuou, voltando ao meu lado. Era bizarro como alguém podia ser tão alto, com um porte militar e ter aqueles braços gigantes. Tive de dobrar a cabeça para fitá-lo bem.

— Achei que você fosse um outro tipo de garota.

— Quê? — Uni as sobrancelhas.

— Tipo, dessas que seguem regras, que não se enfiam em bagunças assim...

— Geralmente eu sou. — Sorri. — Algo mais urgente me obrigou a quebrar a convenção das boas garotas essa noite.

Ele sorriu, me encarando intensamente com seus olhos negros.

Mathew falou por um bom tempo, rindo, contando histórias sobre sua família e as idas à casa do lago nas férias, o quanto amava fazer escalada e era obcecado por cordas, contou até mesmo sobre as aventuras de suas irmãs mais novas, e por fim, me provou ser bem menos idiota do que sua fachada exibia. Mas, quando segurou o meu quadril e me puxou contra si, meu peito reagiu.

Ele me fitava de cima e, Jesus, estava duro contra a minha barriga. Mesmo imprensada contra ele, com sua mão indo para a minha nuca, consegui virar o rosto e fitar os meninos.

Os filhos da puta estavam rindo, encarando a nós dois com interesse, pareciam... esperar pelo beijo.

Aquilo não estava certo! Era a reação errada. Ou Bran seria sádico ao ponto de esperar que eu cometesse aquele deslize, só para me punir depois?

— Espera, Mathew! Preciso ir ao banheiro.

— Nossa... agora? — Sua mão, antes possessiva, foi murchando contra o meu quadril.

— Agora!

Quando ele me soltou, não quis mais fazer cena, só me embrenhei no meio das pessoas e fui para a cozinha. O cômodo grande era meio clássico, cheio de armários marrons. A ilha estava repleta de salgadinhos variados em pequenas bacias de plástico verde, batatinhas, pipoca, e melhor, baldes e mais baldes de bebida. Puxei um copo de plástico vermelho e derrubei uma lata de energético dentro dele, depois, coloquei duas doses de vodca ali e misturei com um palito de plástico vermelho. Estava na metade do gole ávido quando ouvi a risadinha ao pé do meu ouvido:

— Oi, noiva dos mortos!

Dei um salto absurdo com o sussurro de Zayn e no mesmo segundo virei-me de frente para ele. Estava muito perto, me forçando contra a ilha, rindo com a máscara de *Ghostface* presa por um cordão contra a nuca. Sua túnica negra era assustadora, mas ele inteiro me causava arrepios quando estava tão perto assim.

— Quem a convidou? — Bran surgiu, segurando o ombro do irmão, se juntando a ele na tarefa de me intimidar. — Não me lembro de ver seu nome na lista da festa.

— Se afastem de mim, seus merdinhas! — rosnei, e com um só golpe, amassei o copo com a bebida no peito de Zayn e molhei sua fantasia.

Assustados, os irmãos deram um passo atrás. Eu odiava a sincronia dos dois cretinos.

Bran coçou a barba por fazer, me olhando com olhos injetados.

— Por quê?

Eu ri, e pisquei, e revirei os olhos.

— Sério? Por quê? Deve ser porque vocês me foderam e depois me prenderam em um caixão, Bran

Walton! — gritei, fechando as mãos em punho ao lado da cabeça. — Não se faça de desentendido.

Quando o chiado dos pensamentos acelerados silenciou na minha mente, percebi que a galera ao redor da cozinha estava de olhos pregados em nós. Todo mundo ouviu o que gritei, inclusive Madson, congelada no meio da tarefa de enfiar pipoca na boca. Seus olhos marejaram enquanto ela derrubava os milhos estourados no chão. Ela correu para fora da cozinha segurando a boca, o que foi um golpe pra mim. Eu não gostava dela, mas não queria machucá-la, e por sua reação, ela tinha ciúmes dos dois.

Mas foda-se também! Madson jamais se compadeceu nas vezes em que me xingou de estranha ao topar comigo pelo campus.

— Brown, você fala demais... — Bran riu e me fitou no fundo dos olhos enquanto segurava o quadril, e Zayn olhava com ar preocupado para o local de onde Madson correu. — Inclusive, naquele dia, você falou mal da nossa mãe na frente de geral. Esperava que fizéssemos o quê?

Soprei o ar com descrença e depois mordi os lábios.

— Bran, você poderia ter me mandado limpar a boca para falar da Rose, ou pior, ter xingado a Jena. Mas nada nesse mundo, nunca, vai justificar me prender em um caixão. — Eu queria chorar e, pela primeira vez, vi algo mais quente no olhar dele. Algo que não era sexual, mas uma compreensão, talvez alguma culpa. — Vocês dois sempre foram desproporcionais comigo, sem eu jamais os ter prejudicado. Tudo o que sempre fiz foi tentar ser amiga de vocês.

Cedendo a uma lágrima, girei sobre os meus saltos e caminhei com velocidade em direção à porta dos fundos, ao lado da geladeira dupla de inox, mas

uma mão forte se fechou ao redor do meu antebraço. Quando me virou de frente, eram olhos azuis que esperavam por mim.

Zayn me arrastou pela cozinha, e enquanto tentei travar os pés e torcer o braço para longe dele, meu peito disparou mais um pouco. Suor se amontoou na raiz dos meus cabelos, minha boca se assimilou ao deserto e o vislumbre de um novo trote, onde seria feita de aberração, começou a sussurrar na minha cabeça.

— Me solta, porra!

Lutei para bater nele, mas em segundos estava sentada em seu colo, jogada junto a ele no sofá da sala. Eu me virei de lado sobre suas pernas, porque foi o que restou quando não tinha a possibilidade de fazer força pra cima, não com ele me laçando com os dois braços pela barriga.

Seu rosto estava vermelhinho pelo álcool, mas sua pele de bebê, lisinha assim, não era a do meu *stalker*.

Demos uma quicada no assento quando Bran se jogou ao nosso lado.

— Se liga aqui, Emi... — Ele segurou o meu joelho, se lançando para frente, para que eu pudesse ouvir o que dizia. — Você pode pensar mal da minha mãe, eu não ligo.

— Pode o caralho! — Zayn retorquiu, o rosto ficando roxo para cima do irmão. — Eu ligo, sim.

Olhava de um para o outro, vendo o impasse entre os dois, com meus pensamentos se cruzando em confusão.

— Não, cale a boca, Zayn! — Bran rosnou, estreitando os olhos para o loiro. — Todo mundo a vê assim, como uma vadia.

— Mas os boatos são mentirosos! Minha mãe não era assim... — Zayn falou entredentes.

Ignorei a negação do loiro e rebati Bran, querendo entender a sua reação pesada ao me prender no caixão:

— Se você sabe disso, então...

— Me deixa falar! — sua frase foi rosnada, e acabei recuando ao me deitar de lado no peito cheiroso de seu irmão caçula. — Eu não quero é que você, que mora no mesmo terreno que a gente, confirme os boatos. Porque quando você fala da Rose na frente de todo mundo, isso volta pro meu pai por meio de chacota e fofoca. Você o faz sofrer e eu não acho legal. Ou você acha?

Meus olhos despencaram e foi como se chumbo caísse sobre os meus ombros também. Eu não pensei naquilo, só... queria defender o Drake. Como poderia imaginar que fomentava boatos sobre ele?

Nada do que fiz foi para culpá-lo.

— Não imaginei que fosse reforçar o burburinho.

Bran ergueu a mão até o meu rosto, passou-a por cima da minha cabeça e puxou os dois lápis. Pareceu bravo, e meio rosnando, fez eu me encolher ao se mexer sobre o meu corpo.

— Está fazendo o quê, asno?!

— Soltando a porra do seu cabelo — disse entredentes, conseguindo puxar o elástico que o prendia. — É uma ofensa aos céus prender algo tão lindo.

Meus fios despencaram contra minhas costas, então o fitei, me lembrando das vezes em que o *stalker* mexeu no meu cabelo.

— Então — continuou, saindo de cima de mim e voltando ao seu lugar no sofá —, pense mais da próxima vez, afinal, você é íntima demais do meu pai, para querer vê-lo enchendo a cara e saindo com puta para afogar a dor.

Então Drake saía com prostitutas? Enchi os pulmões de ar vezes demais, meus olhos flamejando.

Não!

Não podia sentir ciúmes dele. Estava envolvida com o *stalker*... com o Bran!

— Eu não gosto que ofendam a minha mãe. O idiota do Bran falou apenas sobre ele. — Zayn me apertou em seus braços, como se me abraçasse. Me sentia tão culpada pelo que havia feito ao aumentar fofocas sobre Drake, que estava sem forças para resistir ao toque do filho dele. — Se não fizer isso, a gente pode finalmente aceitar sua amizade e darei minha palavra de homem que não a perturbarei nunca mais.

Mordi o cantinho da bochecha e a onda de dor foi me relaxando tanto... Quando inclinei a cabeça e mirei o seu rosto, tinha algum carinho lá. Subi o mindinho para ele.

— Trégua, então? — Ofertei o dedo com uma promessa.

Ele o enlaçou com um sorriso.

— Trégua.

Zayn era um tipo errado de perfeição, principalmente quando meu peito agora se dividia entre saber que Drake não me queria mais, e o que andava crescendo pelo mascarado, e pensando nele, virei-me para Bran.

— Eu sei que é você. — Agarrei o queixo dele com força, para minhas unhas crescendo se afundarem em suas bochechas. Bran se jogou em minha direção e passou a língua grande sobre a minha boca, me deixando boquiaberta. Resolvi falar, ainda contra a boca dele: — No dia em que você tirar a máscara, vou cortar o seu pinto.

— Tá loucona? — Ele riu, segurando o meu pulso e afastando a minha mão. — Fumou uma erva com o

Mathew?

Apertei os cílios para ele, querendo meter um tapa na sua cara sonsa, mas olhando ao redor, cacei o garoto loiro com os olhos. No outro canto da sala, podia vê-lo. Mathew erguia-se feito um gigante em meio ao mar de gente. Só conseguia ver sua cabeça, enquanto ele engolia o conteúdo de uma lata de cerveja e me fitava no fundo dos olhos, com algo muito estranho em seu semblante.

Desviei o olhar para a porta, onde um chapéu de bruxa enorme estava colado no topo do batente, me fazendo lembrar da namoradinha dos dois.

— O que vocês têm com a Madson, afinal?

Me arrastei para o meio deles no segundo em que resolvi tentar entender a confusão que eram os dois.

Bran era um dissimulado, então, não adiantaria tentar falar nada. E sendo ainda mais irritante, senti as mãos dele no meu traseiro, puxando-me para seu colo. Estava com raiva dele, principalmente depois de pensar na Madson, por isso resolvi escapar para o lado, para, finalmente, conseguir me sentar entre os dois.

— Ela é nossa. — Bran deu de ombros. — E ciumenta pra caralho, mas ela sabe que a gente não tem essa de ser exclusivo.

— E vocês não ligam de a compartilhar?

As contas não batiam. O que saía da boca dele ia na direção contrária ao que meu *stalker* disse. Meu peito começou a apertar, hiperventilando.

E se não fosse o Bran, mas alguém desconhecido e ligado a mim por alguma coisa, talvez os assassinatos da cidade? E se achasse que eu fiz alguma merda, e por isso ficou obcecado?

Porra! Se fosse um cara que nunca vi, seria a coisa mais perfeita do mundo. Quando tirasse a

máscara, não seria alguém pronto para apunhalar o meu peito, porque não sentiria que me manipulou com sua face limpa.

— Não. A gente gosta de dividir. Dividiríamos você — Zayn falou, alisando a minha coxa por cima do vestido.

Dei um tapão bem estalado em sua mão, lhe arrancando uma risadinha agoniada.

— E o pai de vocês? — perguntei, por fim, tentando tirar o *stalker* da minha cabeça. — Eu gosto do Drake, sabia? — Não era mentira. — E teria escolhido ele, se não tivesse acabado com tudo.

— Então terminaram? — Bran pareceu triste ao perguntar. — Não queria competir com ele, mas mulher é mulher. Não tem regras na conquista.

— Podre! — resmunguei.

— Sou mesmo. — Ele deu uma risada safada que me fez murchar.

Eu gostaria que o *stalker* fosse ele. Era o cara nublado, lindo, cheio de mistérios que eu adoraria decifrar, embora volta e meia gostasse de fantasiar seu corpo se desfazendo em uma forja bem quentinha.

— Por que trabalha com cadáveres, cara? — Zayn pegou no meu cabelo, virando-se de lado e me dando outra risadinha.

Ele combinava tanto com sorrisos genuínos assim. Talvez, em outra vida, Zayn pudesse ser feliz. Num mundo onde não tivesse saído do útero de uma vagabunda.

— Eu gosto da morte. Sabe, ela é calma. Não existe ameaça num corpo que não bombeia sangue. Tudo o que tive da vida foi medo e dor. As pessoas me trouxeram isso. Então, ao me sentar sozinha para preparar um cadáver ou andar no cemitério, é quando me sinto segura.

— Bizarro e triste — Bran soprou, olhando para frente com olhos arregalados.

— Bem-vindos à minha existência de merda. — Fingi ter algo na mão para brindar, e Bran, entrando na brincadeira, fez um tim-tim. — E você, por que não mora aqui?

— Não queria deixar o meu pai sozinho depois que a Rose morreu, então resolvi voltar para casa.

Seus olhos me surpreenderam. Pareceram marejar e até duvidei da minha percepção. Não bebi demais?

Senti minha bolsa vibrando sem parar, então, mesmo que quisesse olhar mais para o rosto de Bran e sua súbita exibição de fragilidade, peguei meu celular.

“Quero que vá para casa AGORA, ou o castigo será bem pior do que das outras vezes!”

Congelei encarando o SMS de um número desconhecido.

Olhei para os garotos, de um a outro, então, pela primeira vez, tive dúvidas muito grandes sobre ser o Bran. Enfiei o celular na bolsa e, meio cambaleante, me levantei.

Olhei ao redor, buscando-o, e por fim vi o relâmpago de seu sobretudo sumindo entre as pessoas. Ignorei a voz dos meninos me chamando, correndo atrás do rastro dele, mas caí nos fundos da casa, onde um casal trepava em cima de uma mesa de jardim.

Me abracei, movendo a ponta da língua embaixo dos dentes superiores e girando os olhos por todo canto. Tinha muita gente fantasiada pela casa, apenas vi uma com o traje parecido com o dele, não queria dizer que o *stalker* estava de fato ali!

Embora parecesse uma ideia boba, Bran poderia ter pedido a alguém para mandar aquela mensagem enquanto estava sentado ao meu lado. Mas era

absurdo, principalmente depois de contar sobre o quanto gostava de dividir mulheres com seu irmão.

Se não podia ser o Bran, então quem era?

Eu enlouqueceria! Porque parecia, mais do que nunca, que meu perseguidor era Drake ou Ethan. Mas como seria o Ethan? Ele sempre me disse que não gostava de mulher, ele estava comigo no momento em que o post-it fora colocado no carro, na noite em que o *stalker* foi até mim. O que também poderia ter sido um truque, pois ele poderia ter mandado alguém colocar aquilo lá em seu nome, enquanto queria brincar com a minha cabeça.

Ethan tinha os olhos escuros.

A altura.

O porte.

A voz melodiosa.

— Não, Emily! — gritei, puxando os meus cabelos. — Ele é gay!

E o Drake? Aquele homem possuía o meu coração desde que pousei meus olhos nele pela primeira vez, não precisaria se enfiar em uma máscara para me proclamar sua.

Eu ficaria de joelhos por ele na hora que me quisesse.

Já o Ethan...

Porra!

Talvez estivesse correndo à toa em círculos na minha cabeça, e o homem que me enlouquecia fosse alguém de quem sequer desconfiei. Um admirador secreto desconhecido, ciumento, que inventou algo para me odiar, só para poder me tornar sua.

E sem conseguir respirar direito, morrendo de medo e ansiedade, corri para fora. O trajeto até o carro foi olhando para todos os lados, mas não podia reclamar daquela coisa incendiária percorrendo as minhas veias.

Eu o provoquei, e quando me enfiei no carro, me lembrei que vim à festa para atraí-lo e, por fim, havia conseguido.

Eu estava com saudades? Me sentindo abandonada? Acreditando que ele não tinha o direito de sumir depois de tudo o que vinha causando dentro de mim? Não importava mais.

Agora ele apareceria, então me restava ir para casa e esperá-lo.

29

O STALKER

Fiquei muito puto presenciando a desobediência da Emily ao se enfiar na Blind Crows. Após enviar a mensagem a ela, espreitei ao longe quando entrou em sua caminhonete, e dei um espaço de tempo até ir atrás.

As noites em Shadow Valley costumavam ser sinistras, mas aquela, em especial, me lembrava *Silent Hill*. Eu parecia andar em meio à névoa, e aquele maldito corvo que se achava parte da família Walton berrava no galho de um dos pinheiros cerceando a trilha para a casa de Jack e Emily.

O céu encoberto e o vento gelado soprando davam sinal de chuva, e se não foram o suficiente, um raio cortou as densas nuvens, logo, finas e esparsas gotas de água molharam o meu sobretudo barato.

Na varanda do casebre, estranhei ver a porta semiaberta e a luz acesa àquela hora da noite. Estreitei as sobrancelhas. Será que tinha alguém na casa, além dela? Investiguei pela sala, ressabiado, mas não vi Emily ali.

Entrei e fechei a porta atrás de mim devagar, me lembrando de que vira Jack no fim da tarde na estação de trem, provavelmente indo para a casa de seu irmão

enfermo, onde costumava, vez ou outra, passar o fim de semana.

Quando subi as escadas, percebi que a porta do quarto dela também estava entreaberta, e o barulho do chuveiro escapava lá de dentro. Naquele corredor estreito, peguei a saída que levava à varanda, e puxando mais a balaclava sobre o rosto, a atravessei. Não daria o mole de ser recebido com um taco de beisebol ao entrar de peito aberto no quarto dela quando aquilo cheirava à armadilha.

Emily gostava de brincar.

Se queria me enciumar, poderia se meter com qualquer um, mas ela tinha uma merda com os garotos Walton que fazia minha mente arder.

Eu queria matar qualquer verme que a tocasse, mas até entendia o fascínio dos garotos com ela. Na real, compreendi somente um tempo depois do cruzeiro, no dia em que a pendurei no mausoléu, lá a percepção do quanto ela era um exemplar raro de personalidade, um corpo de curvas fartas e beleza me dominou.

Com o tempo, Zayn e Bran aprenderiam que ela tinha dono.

Soube que ela teve algo com os dois e só não fui tão cruel quanto poderia com a Emily, porque ela ainda não havia entendido que era exclusivamente minha, e que por baixo da máscara não era nenhum dos dois.

Emily queria tanto me ver de cara limpa, só não me perdoaria quando descobrisse que decidi brincar com a sua cabeça do exato jeito que fez com a minha, ao me apunhalar pelas costas.

Ela era uma sobrevivente, e eu, mais do que ninguém, podia entender que nossa espécie faria qualquer coisa para se salvar, mas *nunca* traí as pessoas que gostavam de mim e sabia não terem me

magoado. O meu ódio, a minha fúria, sempre foi para cima de quem me devia ao me fazer mal. Assim como agora se voltava para ela, mas se dividia entre raiva, senso de traição e a porra de um desejo insano.

Inspirei fundo, resolvendo que precisava chegar logo até ela. Minhas botas pisaram numa tábua bamba, que rangeu alto quando enfim alcancei a janela ampla do banheiro, que ia do chão ao teto; de portas duplas e vidro transparente, me dava a vista perfeita da garota nua embaixo do chuveiro enferrujado.

Brown ensaboou os seios por baixo do cabelo, me encarando nos olhos sem sequer mover um cílio, não parecendo nada surpresa ao me notar aqui. Ela sabia que eu viria, afinal, quebrou minhas regras há menos de uma hora. Por isso, resolvi usar o meu segundo chip do celular, um número clandestino, para acabar com aquela ceninha dela metida no meio de outros caras.

A filha da puta era linda, aqueles cílios densos pra caralho, contendo gotas de água ao bater para mim com cinismo, o sorriso debochado se insinuando no canto da boca rechonchuda enquanto se recostava na parede e descia a espuma para o meio das pernas. As mechas mais curtas de seu cabelo inteiramente molhadas, na frente do corpo, grudavam na pele pálida e cobriam seus mamilos.

A mão de Emily se movia entre suas pernas e seu quadril estava arqueado para frente. A maldita tinha o dom de me deixar duro e, puta merda, foi um deslize do destino que essa mulher maluca fosse afeita à dor. Ela não deveria aproveitar os castigos. Mas o que podia fazer se, no fim, ela gostava? Talvez fosse o nosso encaixe: eu me sentia bem punindo, ela gostava de ser arruinada.

Embora gostasse de dor, ainda ficava temerosa, mesmo que sua boceta inundasse como consequência,

mas nem de longe era medo o que via em seu rosto. Embaixo daquela porra de água, não deveria haver um sorriso em sua face, tampouco confiança, não quando a havia visto no colo de outros homens.

Eu a ensinaria quantas lições fossem necessárias, a doutrinaria, então a tornaria minha posse ideal.

Quando ela gemeu, foi demais para mim. Meti o punho fechado no vidro e, sentindo a ardência dos cacos penetrando a minha mão, a agarrei pelo pescoço.

O vapor da água quente soprou o cheiro de sangue e sabonete floral na minha cara, e, por baixo da máscara, meu riso não foi divertido.

— Está gemendo, Emily?

— Precisei me sentar ao lado de dois caras para você aparecer?

Eu conhecia aquela coisa fazendo sua voz soar ao contrário do seu rosto, parecia a boa e velha mágoa, que injetou os seus olhos e fez seu sorriso morrer.

— Não me teste! — ameacei, apertando a sua garganta.

— Eu sabia que você... — tossiu um pouco, e querendo ouvir sua explicação, relaxei a mão, mas ainda podia sentir sua traqueia pulsando — viria, se eu fosse até lá.

Nos últimos tempos, fiquei longe dela porque tive problemas que foderam a minha mente, e precisei fazer algumas investigações. Planejava vê-la no domingo, não imaginando que me forçaria a chegar antes. Inteligente, eu reconhecia, porém, ousado demais quando conhecia o meu temperamento e sabia que tinha regras a seguir.

— Não gritou aos quatro ventos que não me queria, então foi me atrair para quê?

— Prefiro sua loucura por perto, ao seu silêncio. — Ela era a maluca ali, com aquele sorriso desvairado

e os olhos reluzindo a luz amarelada acima dela. E, porra, eu não conseguia desviar da seriedade naqueles olhos, caralho, da forma como lambia o lábio de cima para prosseguir. — Ainda te odeio, mas, já que entrou na minha vida, que fique nela até derrubar essa máscara covarde, que venha toda noite e cause um incêndio na minha cabeça, mas... não me deixe sozinha no escuro.

Ela não deveria ser melosa daquele jeito, porra! E mesmo que fizesse meu coração vibrar mostrando tanta dependência, iria castigá-la. Bufando, a soltei e enfiei mais o braço para dentro do buraco no vidro. A única coisa a me fazer sorrir, quando estava tão confuso e nervoso, foi senti-la se sobressaltando com um pulinho por conta da velocidade do meu movimento.

Embora o vidro rasgasse o tecido do sobretudo sobre os meus braços, consegui girar o trinco que selava as janelas e abri-las para fora. Quando atravessei o portal e pisei dentro da banheira vitoriana e antiga, me prostrando diante dela, Emily não recuou um só milímetro.

— Não está com medo?!

Mesmo que ela não visse, minha sobrancelha esquerda se levantou sozinha enquanto arrancava alguns cacos de vidro que se entranharam no dorso da minha mão.

— Não. — Deu de ombros e armou um bico no rosto. — Eu sabia que seria assim se você viesse.

— Que bom, então já está preparada para tomar uma surra.

— Como assim?

Dei uma gargalhada baixa ao ver que, se antes não se assombrou, com a ameaça ela até se abraçou, os olhos rodando pelo chão do banheiro como se sua mente tivesse entrado em curto-circuito.

— Vou te bater para aprender a nunca mais flertar com outros homens.

Peguei o tecido preto no bolso do jeans e, embora tenha batido muito os cílios e apertado as próprias coxas, não tentou me impedir de vendá-la. Passou a respirar pela boca enquanto eu me aproximava mais. Desci o rosto em direção ao seu pescoço e funguei com vontade, sentindo aquele cheiro fodido e bom que só ela tinha.

Vistoriei seu corpo lindo, temendo, por um segundo, que os cacos de vidro que tomavam a banheira a tivessem cortado. Por sorte, ela parecia intacta. E receoso de que ela se mexesse e acabasse machucada, a peguei no colo, puxando-a aninhada de lado em meu peito, para longe da banheira.

Sem dar tempo para que voltasse a falar, a pus de pé no chão, longe dos detritos, então a guiei, com a mão ao redor de seu antebraço, para o quarto. Talvez não esperasse que, ao parar na borda da sua cama com edredom escuro, a empurrasse de bruços contra o colchão.

— Espera...

Ela podia ouvir os meus movimentos, porque não estava sendo sutil ao tirar o cinto. Emily agarrou os lençóis ao lado do quadril como se quisesse causar rasgos. Pelada assim, com o rabo para cima, era a posição ideal para marcá-la.

— O que prefere? Que eu vá embora e a esqueça? Acho que você me quer tanto quanto eu a quero, então, essa é a minha dinâmica: se faz merda, eu a puno. Então, escolha, vou embora ou te darei sete cintadas na bunda.

Dobrei o cinto na mão, encarando o brilho da sua pele clara parecendo um convite para ser corrompida, sussurrando súplicas para ser danificada. Ela estava molhada do banho, então, aquele brilho no meio das

dobras da sua boceta perfeita me confundia, não sabia se era água ou apenas tesão.

Emily não disse nada, moveu apenas as mãos para o topo da cabeça e apertou o tecido lá em cima, depois se retesou, se encolhendo ao pressionar a barriga contra o lençol. Não esperei por mais palavras, apenas elevei o braço e deixei o cinto cortar o ar, para depois produzir um estalo ao encontrar seu rabo perfeito.

Jurei que ouviria um grito, mas, ao invés disso, ela se contorceu e gemeu. Meu peito parou de bater junto com o nó atado em meus neurônios. Quando enfim voltei a sentir meus batimentos, soprei uma risada e olhei para o teto.

— Você é louca pra caralho, sabia?

Ouvi seu sibilo arrastado.

— Não sou eu o mascarado com um cinto na mão. Se tem alguém maluco aqui... — Ela queria mais, aquela safada! Não poderia decepcioná-la, então a golpeei outra vez. Pareceu prender o ar e terminou gemendo novamente. — É você!

Na terceira cintada ela dobrou as pernas, se agachando sobre os calcanhares. Seu mover de língua já não parecia prazer, e sim uma confissão genuína de dor: ela choramingou.

— Espera um pouco agora — pediu, e quando a rodeei, sabia que assim faria.

A deixei respirar, indo até o seu computador ligado e checando seus últimos sites de busca, todas as guias eram sobre coisas de biologia.

Entediado, me virei para ela. Sua pele ostentava vincos vermelhos sobre as bandas da bunda.

— Eu pesquisei sobre pessoas que gostam da dor, para te entender melhor — avisei, olhando o couro grosso e preto do cinto em minhas mãos —, é fascinante descobrir como a mente de vocês se

distorce a ponto de encontrar prazer naquilo que lhes matou por dentro: a dor. Física ou emocional. Então passam a se alimentar dela, aliviar a ansiedade e o desconforto a provocando.

— Para de falar! — esbravejou, ameaçando se levantar ao fazer impulso e agarrar o edredom. — Você não tem direito de pesquisar nada ou falar sobre isso, quando eu nem sei quem você é. Se quiser ficar comigo, nunca mais fale sobre esse assunto! Deixe a minha dor e os meus fantasmas comigo, pois sei lidar com eles.

Não queria que ela chorasse por causa isso, porque espetei uma ferida emocional. Não foi minha intenção, embora gostasse de brincar com a mente dela.

Como ainda era eu quem comandava e precisava deixar isso claro, não podia fazer nada diferente de golpeá-la outra vez. E mais duas vezes seguidas.

A cada vez que movia o cinto, ouvindo os gritos dela se dissipando pelo ambiente, era como se expulsasse um pouco da raiva dentro de mim. Quando eu punia, sentia que alinhava o curso dos planetas. Emily ainda ganhava o meu lado mais brando. Ela tinha sorte de ter conseguido me fazer gostar dela antes de pisotear o meu peito, ou teria sido pior.

Quando contei a sétima cintada, que pegou na lateral da sua bunda, ela já estava de joelhos no chão, meio de lado, chorando copiosamente e chacoalhando o corpo.

Naquele instante, a memória de sua desobediência ficou cinza, sem qualquer chama que me causasse raiva, afinal, ela havia pagado.

Me aproximei da mesa de cabeceira e pousei o cinto lá. Tirei do bolso uma corda vermelha pequena, velha conhecida de Emily, e pousei-a ali também. Me abaixei sob o coro dos soluços dela e desfiz os

cadarços, depois retirei as botas, por fim me livrei do sobretudo molhado pelo chuveiro dela, largando-o pelo chão.

Quando me aproximei da mulher que era minha, ela não se encolheu. Me abaixei e a puxei para cima pelas axilas. Não mostrou raiva quando tirei sua venda, sequer tentou se desvencilhar quando me sentei contra a cabeceira da cama e a puxei comigo, acomodando-a no meio de minhas pernas abertas.

Ela só tremia e chorava, e a cada guincho baixo que soltei, tentando tranquilizá-la, soluçava mais. Alisei seu cabelo molhado, aninhando-a de lado em meu peito. Por cima da curva de seu ombro, podia ver os vergões arroxeados da surra em sua bunda. Nunca pensei que fosse achar seu rabo mais lindo um dia, mas machucado assim, se tornava uma escultura valiosa.

Exalei o ar, sentindo o corpo calmo como não conseguia ficar há um bom tempo. Sabia que expulsava alguns demônios usando aquele cinto.

— Está tudo bem agora — sussurrei.

Puxei com suavidade o seu cabelo sobre a nuca, para conseguir levantar sua cabeça, pois sua bochecha estava pressionada em meu peito, e mesmo sob o tecido da máscara, dei alguns beijos em sua testa.

Ela fechou os olhos a cada toque dos meus lábios, tentando controlar a respiração. Tirei a mão dos seus cabelos e ela voltou a apoiar a bochecha em mim. Fiz carinho em sua pele gelada até que fosse se esquentando, correndo os nós dos dedos por seu braço até que ela, aos poucos, deixasse de chorar. Seus soluços deram lugar a um silêncio que pareceu durar quase uma hora, e até me perguntei se ela estava dormindo, quando ouvi:

— Por que você sumiu?

— Tive problemas pessoais.

— Isso me diz tanta coisa — remanchou.

Escalou cuidadosamente o meu colo, saindo do meio das minhas pernas para sentar-se de lado sobre elas, provavelmente temendo aumentar a dor na bunda.

— Sentiu saudades, Emily? — provoquei, juntando seus cabelos em um amontoado em meus dedos.

— Sim.

Puxei seus fios devagar, forçando sua cabeça para conseguir ver o seu rosto. Busquei uma mentira ali, naqueles olhos molhados correndo para longe, mas suas bochechas vermelhas só demonstravam vergonha.

A soltei e rapidamente escondeu o rosto no meu peito. Outro silêncio recaiu sobre nós, mais denso daquela vez. Ou tentava me manipular novamente, ou Emily estava apaixonada.

Ela era tão sozinha... Seria a razão de se apegar assim? Não que eu não quisesse seus sentimentos, mas ainda não mostrara quem era embaixo da balaclava. Eu poderia ser qualquer um, então, como ela poderia nutrir uma paixão?

E o que me ferrava era que eu gostava da pequena desgraçada. Eu só odiava quando me desobedecia, quando me enchia de ciúmes. Eu nunca consegui pensar em qualquer pessoa, pois meu coração sempre pareceu adornado de espinhos. O problema de Emily era que eu não precisava deixá-la atravessá-los, já havia feito isso, tinha entrado como alguém por quem eu sentia carinho, e foi por isso que sua traição doeu e me deixou louco a ponto de terminar nisso, uma fodida obsessão.

Eu era o filho de Roselyn Philip, a primeira vítima do assassino das divorciadas. Ela, a prole de sua última vítima.

Aquele era o nosso elo, mas a garota cruel não sabia.

Eu a marcara na pele com o “P” do meu nome secreto, Philip, a minha maior fraqueza e única lembrança da minha mãe.

Por dentro, Emily e eu éramos feitos da mesma coisa: ruína, abandono e solidão.

Então, quando olhava para aquela mulher, sabia que ela conhecia a minha dor, algo tão entranhado e sólido aqui dentro, que ninguém que não tivesse passado pelo mesmo poderia sentir.

— Está me apertando — avisou, girando a cabeça e mirando a confusão na minha cara. — Tá tudo bem?

Minha resposta foi soltá-la para poder tapar os seus olhos com a mão e tão fodido, me restou subir a máscara e beijá-la. Massacrei seus lábios com o peito doendo, inspirando com força, explorando sua boca por tanto tempo que ela precisou se afastar para respirar.

Quando puxei o tecido e recobri a boca, a soltando, ela me fitou entre cílios batidos de forma veloz. Soltei ainda mais o corpo contra a cabeceira, fitando os desenhos no topo da parede.

— Quem os fez? — Apontei.

Emily me montou de frente, e só quando estava encaixada sobre o meu pau, as mãos contra as próprias coxas e o rosto enfeitado por uma careta de dor, foi que olhou para cima.

— A minha mãe. — Pareceu tão perdida ao fungar para os desenhos. — Jena ilustrou as coisas que faríamos um dia. Não deu tempo, sabe? Mas, no futuro, vou fazer tudo isso com a minha filha.

Dei um sorriso triste.

Não podia acabar com seu sonho ao dizer que ela só daria à luz, um dia, se fosse de um filho meu,

porque, embora fosse verdade, e eu um cretino, não queria perturbá-la com um assunto tão sensível.

E pensando nisso, precisei dar um jeito de quebrar a atmosfera triste:

— Eu não a quero com os garotos Walton. Se a vir perto deles, sumo por mais tempo, e quando voltar, trarei um chicote que não a fará achar a dor algo tão bom assim.

Ela estava atenta ao meu rosto, meio assombrada, do jeito que eu gostava. Só a visão do contorno arregalado de seu olhar já me endureceu. Emily, suspirando, desceu as mãos para agarrar meu moletom na altura do peito.

Eu sorria quando parecemos notar ao mesmo tempo que ela estava nua sobre mim. Alisei suas coxas grossas, subindo os dedos para o seu quadril. Era quase hipnótica a marca do meu nome em sua pele, sabendo que ficaria ali para sempre.

— Então, você é alguém que eu conheço?

— Se continuar lambendo a boca assim, vai ter que cuidar do que está causando dentro da minha calça — avisei, porque não a responderia.

Precisava encontrar um momento ideal para revelar minha identidade. Não sabia se aquela ansiedade quando pensava no assunto se chamava, na verdade, medo.

— Me beije outra vez? — pediu, fitando-me por baixo dos cílios, com um sorrisinho doce no rosto.

— Gosto da sua boca, sabia?

Alisei seus lábios, sentindo a maciez deles contra o meu indicador, depois tentei tapar os seus olhos.

— Mas não assim. — Deu um tapinha em minha mão e puxou a cabeça para trás. — Prometo que não vou espiá-lo.

Cerrei os cílios, liberando uma lufada de ar.

— Sem joguinhos, Emily... — avisei.

— Me dê um voto de confiança. Eu te concedo muitos quando você me venda, então, dessa vez, me deixe só te beijar. Pode ficar de olhos abertos e conferir que não vou aprontar.

Arrasaria tudo com ela antes da hora, caso me desse uma volta e abrisse os olhos. Emily reconheceria meu queixo, a boca, mas sendo mais passional do que gostaria ao vê-la fechando os olhos, parecendo ansiosa, ergui a postura.

— Mantenha as mãos na parte de trás do corpo!

Obedeceu tão fácil, que, enfeitiçado demais, subi a máscara e a beijei.

Espalmei seus seios fartos, com o volume e o tamanho perfeito deles se acomodando em minhas mãos, depois dei um apertão demorado e inspirei na boca dela, deixando sua língua molhada e calma me guiar, enquanto encarava os seus olhos fechados. Pincei seus mamilos, com o pau latejando embaixo dela e o peito mais disparado do que gostaria quando Emily mordiscou meu lábio inferior, depois o sugou. Terminou o beijo roçando o nariz sobre a minha boca, o levando até o meu maxilar e, por fim, inspirou, cheirando a minha barba. Afastou-se lambendo a boca.

Cobri o rosto, quente demais, excitado demais, precisando *de mais*.

— Pode abrir os olhos agora.

Minha garota exibia ali sua inteligência? Manipulando-me para que confiasse nela, em sua obediência, almejando que me descuidasse e em algum momento ela golpeasse, me desmascarando?

Ela abriu os olhos e, parecendo com desejo, disse:

— Eu quero mais. Quero... você.

Trinquei as sobrancelhas.

— Não sei se compreendi bem.

— Quero que transe comigo, que me abrace, me beije e durma aqui depois. — Meu queixo caiu enquanto sentia o seu balanço sobre mim. Emily fechou os olhos, roçando a boceta no meu pau tão lentamente, que eu quase gemi. — Preciso que me incendeie inteira hoje, que pare de brincar apenas com a minha cabeça e me dê algo maior.

— Emily, não sei se terei o autocontrole de parar quando se arrepender...

— Não vou me arrepender.

Eu a girei na cama, invertendo nossas posições. Tinha um tempo que não transava e não me faria de difícil. Ela mexia com o meu pau apenas respirando. Entre suas pernas, presenciava seus olhos brilhando, combinando com o nariz vermelho de choro. A luz do quarto acesa me permitia ver tão bem sua boceta exposta por suas pernas estarem ao redor das minhas coxas. Ela brilhava, tão molhada, que seria até mais fácil entrar ali.

— Não tenho camisinha, e não vou conseguir parar e gozar fora. Você toma remédio?

Engoliu em seco, negou com um olhar arregalado.

Porra, não poderia comer ela sem camisinha. Emily teria que me chupar. Eu não sairia daquele quarto com o pau prestes a explodir mais forte do que uma bomba atômica.

— Posso tomar uma pílula do dia seguinte — foi quase um sussurro, tão incerto e tentador, que, porra, não resistiria se ela continuasse falando. — Só preciso sentir você.

Sai do meio de suas pernas e me levantei da cama. Ela não tirava os olhos de mim, totalmente cheia de expectativa. Procurei a porra da venda pelo chão, por que, como a foderia sem poder respirar

direito? Achei o tecido perto da minha meia, então me aproximei dela.

— Se ficar grávida, jamais se livrará de mim.

— Não vou ficar, mas... — Fitou o tecido empunhado em minhas mãos com as sobrancelhas caídas. — Sem isso. — Apontou a venda com o queixo. — Não quero sentir nada além do receio de como será perder a minha virgindade, não preciso da venda para estragar as coisas.

Infartaria, era fato, sufocado pela máscara ao foder essa mulher, mas era o preço. Me aproximei do interruptor e quando o pressionei o quarto ficou à meia luz, pois a porta semiaberta do banheiro jogava feixes claros para dentro. Fechei a porta de saída, depois a tranquei.

Sentia seus olhos sobre as minhas costas enquanto ia até o banheiro e apagava a luz dele. Ficamos inteiramente na penumbra, quando tirei as meias, depois arrastei as calças para baixo junto com a cueca.

Quando meu peso afundou o colchão, a respiração dela aumentou muitos tons. Ainda tinha a venda em mãos. Descartei o tecido ao nosso lado, e só então envolvi as mãos em seus tornozelos e a puxei para baixo, fazendo com que caísse deitada contra o colchão.

Não deveria me preocupar com ela nesse nível.

O que estava fazendo?

E mesmo que sentisse que deveria apenas dominá-la, brincar com a Emily, sabia que não podia ser tão seco assim, só enfiando o pau nela sem a relaxar, sem fazer ser bom, ao menos no começo.

— Quero te chupar, beijar e dar a primeira vez que qualquer garota merece — expliquei, terminando em um suspiro. — Feche os olhos ao menos para isso.

— Não precisa. Eu quero sentir você!

— Vai doer mais se não relaxar antes.

— Ok, eu quero que me chupe, mas está muito escuro aqui, não vou te reconhecer com a boca no meio das minhas pernas se o restante do seu rosto estiver coberto.

Não dava para confiar a esse ponto, pois sabia que ela reconheceria o formato da parte baixa do meu rosto, sim...

— Coloque a venda apenas para isso, Emily, e segure a cabeceira. Se eu a vir soltando, paro tudo e vou embora!

— Não vá... — Desesperou-se. — Não vou soltar a cabeceira.

Vê-la acender o abajur, depois pegar a venda para colocá-la em si mesma, foi do caralho. Presenciava ali a confissão mais pura de sua entrega, e mais minha do que nunca, ela laçou o tecido atrás da cabeça e subiu as mãos para segurar as vigas da cabeceira.

Ainda estava inseguro, incerto, por isso me inclinei para a mesinha ao lado e peguei a corda. Fui rápido em prendê-la do jeito certo para que não alcançasse a venda.

Abaixei o capuz, então removi a máscara com um suspiro. Seduzido demais pelo cheiro daquela boceta perfeita soprando contra o meu rosto, quando me deitei de bruços no meio das pernas dela, só a lambi. Estava tão molhada, que sua umidade se embrenhava em minha barba e inundava a minha boca.

Lambi do topo da sua boceta até o seu cuzinho. Poderia matar a sede em sua boceta para sempre, enquanto subia a língua e começava a sugar o seu clitóris. Emily arqueou a coluna, e olhando para ela por cima dos seus quadris, meu pau latejou ao vê-la gemendo baixinho com as sobrancelhas franzidas.

Rocei a boca no meio dos seus pequenos lábios, para cima e para baixo, lambuzando a cara ali. E suspirando, meti a língua no seu buraco apertado, sentindo aquela gostosa tremer.

— Queria vê-lo fazendo isso...

Gostei do seu choramingo e apertei suas coxas, depois as balancei para, por fim, enfiar as unhas em sua pele e sugar tudo o que a boceta dela soltava. Com sua umidade sobre a minha língua, me levantei.

De joelhos no meio das suas pernas, me inclinei para o seu rosto e cuspi aquilo contra os seus lábios fechados, então usei a ponta dos dedos para espalhar o líquido por cima deles. Quase grogue de prazer, espalhei tudo para suas bochechas, alastrando por seu rosto a confissão do seu tesão.

— O quê...

— Shhh! — ordenei.

Pressionei uma coxa contra a boceta dela, sentindo a quentura contra a minha pele, enquanto me inclinava mais para beijá-la. O cheiro da boceta dela dominava o rosto de nós dois agora, e se achava que sua boca não ficaria mais gostosa nunca, ali, sugando a sua língua, percebi que estava enganado.

Gemi na boca dela e me encaixei na posição exata em seu meio, com o meu pau roçando naquela umidade perfeita.

— Deu para sentir o seu gosto, Emily? — sussurrei, roçando a barba em sua bochecha e exalando, rouco. *Emi* se contorceu, sorvendo o ar. — Entendeu como é saborosa? É por isso que ando me viciando em você!

Tracei um rastro em seu queixo com a boca, lambendo o seu pescoço e deixando no caminho um chupão roxo o bastante, para então seguir o trajeto até abocanhar um dos seus peitos.

Segurando os dois entre as mãos, mamei um com força e terminei gemendo com seu mamilo dentro da boca, apertando tanto o outro, que ela se contorcia inteira embaixo de mim.

— Mais forte!

Sorri, gostando de sua ordem rosnada. Então, não apenas suguei, eu mordi o seu bico, para terminar o mastigando, sentindo-o rolar entre os meus dentes. Seu choramingo era combustível para o meu pau, que enrijeceu mais a ponto de doer.

Quando me afastei, vi que as mordidas do seu último castigo não deixaram cicatriz. Essa também não deixaria.

Elevando a postura, segurei o meu pau, movendo a mão sobre ele vagarosamente. Levei a cabeça grossa e rosada ao seu clitóris, sentindo minhas bolas pesando enquanto pensava em me enfiar inteiro ali dentro. Brinquei sem pressa, roçando minha glande em sua pele, descendo e subindo entre seus grandes lábios, recebendo dela gemidos baixos.

Meu pau deslizava sem dificuldade e o barulho do movimento causado pelo excesso de umidade me enlouquecia.

— Agora tire a minha venda, por favor.

Emily mordia o lábio inferior, com as sobrancelhas franzidas. Não queria parar de mover o pau daquele jeito, estava tão bom, tão quente. Sabendo que me enfiar inteiro dentro dela seria ainda melhor, meio relutante, recoloquei a balaclava, retirei sua venda, então apaguei a luz.

— Pronto.

Não conseguíamos ver os olhos um do outro, mas sua postura era um pouco tensa, enquanto eu pousava a cabeça do meu pau sobre o topo da sua boceta.

Nunca fodi uma virgem, então, de certa forma, ela também seria a primeira para mim.

— Seja gentil, ok? — pediu com a voz vacilante.

— Eu serei — tentei garantir, mas precisava ser sincero —, no começo.

A puxei pelo quadril, só mais um pouco, querendo-a na posição exata. Eu suspirei quando desci a ponta do meu membro até a entrada dela. E quando pressionei a cabeça do meu pau ali, percebi que era bem mais fechado do que imaginava ou minha língua foi capaz de sentir.

Tentava ser cuidadoso quando apoiei meus antebraços ao lado da sua cabeça e fui cavando espaço, investindo um pouco mais contra sua carne. Sibilei, porque doía em mim também, ouvindo seu gemido agoniado se tornando cada vez mais alto.

Podia ver pouco dela, na verdade, apenas a silhueta do seu rosto. Emily puxou contra as cordas, fazendo a cabeceira balançar e gritou quando entrei até a metade.

— Ai!

— Vai passar — assegurei, tentando fazer um chiado reconfortante.

Minha barriga queimava, rios de suor serpenteavam por baixo do meu moletom, e sentia a dificuldade de soprar o ar pelo nariz enquanto empurrava mais e mais. O cheiro de sangue subiu pelo quarto quando senti a cabeça do meu pau tocando em seu ponto mais fundo.

Meu membro era exageradamente grande e sabia que isso tornava tudo mais difícil para ela.

— Isso dói muito.

— Dessa dor você não gostou?

Não era um deboche, apenas curiosidade.

— Não.

Ela respirou de forma entrecortada muitas vezes, gemendo, choramingando.

— Talvez você consiga gostar hoje, quando a dor passar, mas, nas próximas, tenho certeza de que será melhor — assegurei. — Vou continuar, ok?

Não houve resposta, apenas um gemido que pareceu mais desespero do que dor. Aquilo só fez a eletricidade correr pelo meu sangue, então puxei a metade do pau e arremeti. Ela engoliu um suspiro. Gostei do seu susto, motivador para que eu fizesse de novo, sentindo a onda de prazer subindo do meu pau e se expandindo pelo corpo.

— Essa boceta, Emily, é tão... quente.

Puxei o pau inteiro e o soquei de uma vez. Não aguentei mais ser gentil, apenas comecei a meter e meter e meter, amassando os peitos dela, ouvindo o seu choro se transformando em gemido, sua boceta se comprimindo e massacrando o meu pau. Era tão apertado e quase me esfolava quando eu socava tão fundo que temia perfurá-la.

— Porra... — gemeu arrastado.

Não dava mais para usar a máscara. Não dava. Eu morreria.

— Vou te vendar, porque preciso respirar.

Ela parecia em outro mundo, distante demais para me responder.

Sai de dentro dela devagar. Segurei o seu quadril e a virei de costas para mim, sendo presenteado com seu gritinho de susto e sentindo a cama rangendo com o movimento brusco.

Me joguei para o lado e, mais uma vez naquela noite, a vendei. Ela não estava empinada, então espalmei uma mão em suas costas molhada de suor e empurrei para baixo, forçando-a a arrebitar a bunda.

— Toda vez que eu a colocar de quatro, você vai subir a porra do rabo para o seu dono, Emily, e ficar bem empinada!

Dei um tapa forte nas suas nádegas e o estalo se juntou ao assobio do vento entrando pelas frestas da janela, sendo sobreposto por seu gemido de dor.

Me livrei da máscara com um suspiro alto.

Não demorei tanto tempo tentando regular a respiração, apenas me enfiei atrás dela e me enterrei na sua boceta outra vez, cravando as mãos na pele da sua bunda.

Eu não perdi tempo indo com calma, apenas a macetei, mais e mais e mais. Sem dó alguma, endoidando com o meu pau latejando, com os gemidos dela se juntando às minhas arfadas.

Nossa pele estalava quando eu a fodia. A cabeceira batia contra a parede velha e eu temia derrubar o casebre. Sua boceta tentava me expulsar, comprimindo, enquanto ela parecia gostar cada vez mais, soltando sons mais arrastados.

Sentia prazer ali também, mas tudo se tornava melhor quando eu misturava o sexo ao alívio de machucar, por isso me joguei sobre ela e cravei os dentes em seu ombro. Feito um cão a mantendo no lugar pela mordida, ouvindo-a gritar, eu me enterrei muito, por vezes demais, rosnando e sentindo que ela começava a vibrar.

— Acho que eu vou... — Emily gritou e tremeu.

Então berrou e explodiu, gozando, apertando a boceta ao meu redor de um jeito tão bom, que minha única opção foi esporrar dentro dela enquanto eu perfurava sua carne e lhe arrancava sangue com a mordida. Soltei seu ombro para meter mais forte, porque precisava jogar até a última gota de porra dentro dela, a ponto de Emily terminar seu orgasmo com um choramingo.

Quando minha última gota de porra saiu, precisei controlar a respiração para sair de dentro dela, então me sentei sobre os meus calcanhares. Emily se

arrastou quase em câmera lenta para se deitar de lado, sem conseguir se afastar da cabeceira por estar amarrada.

Saí da cama e caminhei para o outro cômodo, almejando encher a banheira, porque precisávamos de um banho. Ao fechar a porta atrás de mim e acender a luz, vi que ela estava tomada por cacos de vidro, e que teria de me contentar ao lavar o rosto na pia do banheiro.

Precisaríamos descer para nos lavarmos lá embaixo, no banheiro de merda do velho. Ou eu poderia fodê-la pelo restante da madrugada, e nos limparíamos pela manhã.

Enquanto jogava água no rosto, sentia ao menos algum frescor sobre a minha pele incendiando.

A luz do cômodo tremeluziu por um instante. Quando me encarei no espelho e fitei o meu reflexo, soube que Emily nunca me perdoaria, e pior, sofreria quando descobrisse quem eu era: Drake Walton, o seu chefe.

E embora meus sentimentos estivessem mudando à revelia, ela não me odiaria mais do que a odiei quando descobri que vendeu as fotos da Rose e, junto ao jornalista de merda, me pintou de assassino para a cidade inteira.

ATO III

MAU

“Quando eu vi seu rosto,
eu não pensei que você seria tão mau.”
Evil - hish

30

DRAKE WALTON

Desde que passei a beijá-la imaginava como seria me enfiar dentro dela. Em nenhum dos cenários que criei, seria tão perfeito. Eu a comi tanto, por todos os lugares do quarto — na cama, no chão, até sobre a cadeira de rodinhas — que quando ela se deitou na cama, após o último round, apagou de venda e tudo.

O dia se espreguiçou sobre o quintal lá fora, com a luz fraca do céu tentando causar alguma diferença sobre as densas nuvens de chuva, quase sendo ineficaz.

Emily seguia deitada de costas contra o meu peito, tomada por um sono pesado. Eu, por outro lado, estava acordado há quase uma hora, porque tentava criar coragem de me afastar dela.

Vestida, ela quase sempre era um caos sombrio, usando trajes pretos, pouca ou quase nenhuma maquiagem. Já nua, adormecida, parecia tão vulnerável. Embaixo de mim então, era mais submissa do que nunca, e não havia no mundo perfeição maior.

Gostava do jogo de obediência que usava com ela, embora ainda não fosse tão claro para mim se ela tentava ganhar a minha confiança, ou se de fato tinha

se entregado tanto quanto estava visivelmente apaixonada.

Já começava a sentir câimbra no braço por ficar tão imprensado ali, e por mais que quisesse ficar mais tempo com ela junto a mim, precisei me esgueirar para fora, com o cuidado necessário para não a acordar.

A primeira coisa que fiz ao ficar de pé, foi recolocar a máscara, para que não me pegasse no flagra caso acordasse. Depois me vesti com mais calma, sentindo-me leve como uma pena.

Nunca me esqueceria daquela noite, assim como sabia que tinha marcado algo na vida dela para sempre.

Eu fui o seu primeiro, porra, e melhor, seria também o único!

Ela estava deitada sobre o travesseiro quando retirei a venda dos seus olhos devagar, e embora tenha retesado a testa, não acordou. Com calma, a cobri com a coberta e sob a máscara mesmo, dei-lhe o costumeiro beijo de despedida na testa.

Já era manhã e seu rádio relógio mostrava que faltavam dois minutos para às seis. Precisava ir para casa e tentar dormir um pouco. Não seria trouxa de adormecer ao lado dela, afinal, embora estivesse apaixonada, me enfiei no peito dela à contragosto, e não duvidava nada que me sufocaria durante o sono, se tivesse a chance.

Quando saí da casa, segui meu ritual, caminhando para o bosque. Sob a cobertura das árvores, olhei para trás, tentando garantir que ela não havia me seguido. Quando não vi ninguém, tirei a máscara e a enfiei no bolso do moletom. Era bom respirar o ar úmido, sentir o cheiro da terra molhada se chocando contra o meu rosto.

Estava relaxado como não conseguia ficar há muito tempo, talvez há anos. Nem minhas últimas trepadas com Rose foram tão boas, que dirá com a puta que contratava vez ou outra, após ficar viúvo.

Fantasminha era jovem demais e não sabia que merda arrumaria com aquilo tudo, a única certeza era que ela me pertencia, que, feito um coveiro de almas, havia comprado a sua quando me traiu. E agora, conscientemente obcecado por ela, não a deixaria ir a canto algum, seria só minha e de mais ninguém.

Caminhei por uns cincos minutos pelo bosque, até dar a volta por uma rua ao lado, e então entrar pelo portão escondido nos fundos do posto desativado. Por ali, conseguia acessar a garagem da casa sem ser visto, então, trocar a roupa para que ninguém desconfiasse que eu era o perseguidor da Emily.

Quando entrei em casa, sentindo o cheiro do forno ligado e o calor do ambiente me acolhendo, trajava apenas jeans escuro e regata branca, com um par de chinelos que deixara na garagem.

— Nossa, senhor Drake, está com uma cara tão boa! — Lindsay proclamou, com uma forma repleta de biscoitos na mão, que acabara de retirar do forno. — O que houve?

— É, pai, *o que houve?* — Bran debochou, com a cara toda amarrotada e olhos sonolentos. — Estava com a Brown, né?

Sua voz tropeçou e terminou em um soluço, e apenas por isso travei minha mão de lhe dar um cascudo. Ele estava embriagado.

A empregada me encarava com a boca escancarada, os olhos arregalados. Meu filho não estava apenas vestido como vilão de “A Hora do Pesadelo”, tentava causar um terror em mim ao meter aquela informação na cara da funcionária, alguém que poderia sair espalhando coisas que terminariam no

ouvido da fantasminha, a fazendo ligar os pontos de que era eu o seu carrasco e também amante.

— É claro que não, moleque imprudente! — menti, revirando os olhos e voltando-me para a empregada. — Pffff! — Apontei para ele com o dedão, mirando profundamente os olhos dela, com uma seriedade tão grande, que se não fosse tão cínico, poderia ser verdade. — Esses meninos crescem e nos fazem esse tipo de vergonha, chegando em casa bêbados, atirando mentiras no ar.

— Eu sou você, pai, só que dezoito anos mais no... — arrotou — novo.

Ele não era minha versão mais nova, tentava ser, mas era alguém melhor do que podia enxergar. Bran não havia atravessado o inferno a ponto de, para sobreviver a ele, precisar tornar-se o diabo.

— Você não estava na porra da festa? Tá fazendo o quê em casa?

— Ih, eu moro aqui. Sou teu herdeiro, cara. Esqueceu?

Soprei uma risada e peguei um dos cookies de Lindsay, que ainda me dedicava sobrancelhas trincadas, então dei as costas aos dois e subi as escadas. Mastigava o biscoito, com o coração batendo num ritmo adequado, sem qualquer peso, o que mudou quando cheguei ao topo das escadas e olhei para o lance que me guiava ao terceiro andar.

Eu precisava dormir, mas minha mente seguia embaralhada por pensamentos demais.

A noite tinha sido incrível, aplacara até mesmo a raiva que costumeiramente sentia por Emily ser tão sonsa. Quando me lembrava de sua traição, sentia o gosto amargo do que ela fizera.

Lembrava-me como se fosse aquele momento, do jornalista, que depois de tanto apanhar, por fim me mostrou dois números de telefone, e um deles era o

dela, e continha conversas onde a Brown negociava as fotos de Rose por trezentos dólares. Jamais me esqueceria da sensação de cair da beirada de um precipício.

“Quem vendeu aquelas fotos provavelmente não valia nada, sabe? Não fique assim!”, ela disse enquanto segurava a porra do meu ombro na funerária, no dia em que vi o jornal onde eu estava na capa, com o título *“O suspeito de matar a esposa”*.

Eu nunca entenderia por que, *logo ela*, havia feito aquilo comigo. Eu a protegi da minha esposa todas as vezes que pude, mantendo a casa dela quando Rose queria que Jack e ela fossem para a rua, dei-lhe um emprego, até fiquei devendo favores ao reitor da faculdade para que Emily conseguisse uma bolsa. Então resolveu me esfaquear nas costas... E sempre tão cínica, por vezes me disse que sabia da minha inocência, então, por que caralho facilitar para criarem rumores de que eu era o assassino?

Foi na *Noite do Slasher* que percebi que a garota que via como uma menina doce, ingênua e que precisava de proteção, havia crescido a ponto de me trair daquele jeito. Ali entendi que ela era uma mulher traiçoeira, então quis matá-la.

Eu enlouqueci quando cheguei em casa, após sair da sala do jornalista, na noite da festa. As terminações do meu cérebro só gritavam uma coisa: *vingança, dor e punição*. Quando me vesti com a porra de uma fantasia de Halloween antiga do meu filho, Bran, e invadi o quarto dela, eu só queria que ela sofresse, que sentisse a mesma vergonha que fez cair sobre a minha cabeça ao contribuir para que eu virasse suspeito. E que, um dia, quando soubesse que fui eu, sentisse seu peito se partir em milhões de porções minúsculas, como fez comigo.

Rose havia me traído muito e não estava viva para pagar o preço por sua nova traição, mas a Emily, eu a doutrinaria do jeito certo e a faria pagar em cada vez que pisasse fora da linha.

Queria só ter sentimentos bons depois do que ela me entregou essa noite, o que parecia tolice. Éramos um casal envolto em névoa, sem certeza concreta de futuro, que não fosse a de que eu a perseguiria sempre que pudesse.

Respirando fundo, resolvi subir até o sótão, no quarto andar. Tirando meu molho de chaves do bolso, abri a porta do meu quartel general, onde reunia as informações sobre os assassinatos cometidos pelo AD.

Dentro daquele cômodo, era sempre como cair em um poço, tão profundo e frio que me sentia como se ainda tivesse dez anos. Pisando ali, a primeira coisa que minha memória acessava eram os ecos da reportagem passando na televisão, tão alto, que eu parecia ter entrado em um túnel do tempo:

O corpo da garçonete Roselyn Philip foi encontrado com sinais de estupro em um cruzamento no centro de Shadow Valley, estava repleto de lacerações profundas no abdômen, causadas por uma faca. O que chocou a cidade foi a frieza do assassino, que ainda lhe arrancara o dedo anelar. A hipótese mais aceita pela polícia é de que fora um crime passional.

Minha vida sempre foi conturbada. Meu pai saiu de casa ao se divorciar da minha mãe, e eu era minúsculo, um pingo de gente tão inocente, que sequer me lembrava dele. Quando a deixou, pareceu divorciar-se de mim também.

Minha mãe desdobrava-se em mil para que pudéssemos ter comida em casa, e eu nunca reclamava do quanto precisava brincar sozinho, ou quando caçoavam das minhas roupas velhas na escola,

das minhas mochilas compradas em vendas de garagem.

Eu jamais me lamentava.

Ela dizia que eu era seu menino bonzinho, e de fato, era doce e bastante quieto. Mal fazia amigos, porque sempre fui desconfiado.

Roselyn era focada em seu trabalho ou em cuidar de mim, mas me lembro como se fosse hoje, do dia em que a vi diante do espelho do banheiro, aplicando batom vermelho nos lábios. Ela jamais se maquiava ou usava saltos. Era garçonete, costumeiramente saía de casa usando avental.

Porém, de um dia para o outro, algo mudou, e mesmo que gostasse de enfiar meus olhos em livros, locomotivas de trens de brinquedo ou nos desenhos animados da televisão, percebia que ela não parava de sorrir.

Dias depois, ela me disse que tinha um namorado chamado Josh, que me apresentaria a ele em breve, e que talvez, um dia, eles se casassem. Ela estava muito feliz enquanto me deixava com uma babá, ritual que adotou em todas as noites posteriores.

Eu sempre me culpava por não lembrar de todos os detalhes que precisava, por não conseguir, por exemplo, me recordar do carro que vira muitas vezes buscando-a na porta de casa, ou quantas semanas ela passou saindo com o namorado, ou mandando a babá me pegar na escola.

Tudo a que minha mente mais se apegava era ao dia em que o chão rachou sob os meus pés.

Meus olhos se esquentaram, quando me movi no sótão, parando diante da foto borrada da cena do crime, do corpo dela sob um saco preto, da quantidade de sangue manchando o asfalto. Aquele jornal registrava o momento que ficara cravado na minha mente, tatuado, me consumindo para sempre.

Eu me lembrava daquele dia de verão. Estava tão quente, que fui para a escola de shorts pela primeira vez. Eu tinha dez anos quando ela me deixou lá, usando vestido vermelho, e até manchou minha testa de batom com o beijo de despedida. Eu a seguraria ali, se pudesse voltar no tempo, diria a ela para não ir, eu a protegeria. Mas como o homem de 39 anos que era agora, entendia que todos aqueles *"e se..."* não passavam de ilusões.

A observei quando ela, ao longe, entrou na picape de um cara barbudo, mas nunca consegui me lembrar do rosto dele.

Mabel, a minha babá, buscou-me na escola e passou a tarde comigo, e como era rotina, deveria ter ido embora antes das dez da noite, porque Roselyn costumava voltar por aquele horário. Acabei adormecendo no sofá e quando acordei, ela ainda estava lá. Já era manhã e, assustada, encarava a televisão.

Perguntei a ela o que havia acontecido, por que estava chorando. Quando a adolescente loira me encarou, tentou tapar os meus olhos, me virar de costas para a televisão, mas eu ouvi o jornalista dizendo:

"O corpo da garçonete, Roselyn Philip, foi encontrado..."

Eu só gritei para ela me soltar e olhei para a TV. A foto da minha mãe era exibida em formato pequeno no alto da tela, ao lado da foto de seu corpo em um saco preto. A mesma foto que encarava ali no sótão, estampada no jornal antigo pregado à cortiça.

Por semanas, a polícia investigou todos os homens da cidade que tinham uma picape como a que eu vi, verde, antiga. Não importava para mim, não naquela época, porque eu já estava órfão.

Mastigando o biscoito que peguei da forma de Lindsay, fui inundado por memórias do garotinho de dez anos que perdera tudo.

No orfanato, quando deitava no quarto úmido, tendo ratos como visitantes noturnos e uma beliche bamba e fedendo a xixi como novo lar, ainda fechava os olhos com força e pensava: *é um pesadelo. Vou acordar e minha mãe estará viva.*

Durante a madrugada, quando acordava com fome no pequeno orfanato comandado por freiras, eu fugia para a cozinha e roubava alguns biscoitos. Um tolo, não entendia que estava sozinho e que nem todos os adultos seriam gentis como a minha mãe.

Certa noite, a madre, que era a diretora do orfanato, me pegou com a mão no pote de biscoitos. Foi ali que ela começou a retorcer a minha mente.

Ela quase esmagou minhas mãos com uma régua enorme de madeira.

Eu fiz xixi nas calças e nem assim ela parou de bater.

Ela me surrou vinte vezes na palma das mãos, e suas palavras se infiltraram como um câncer no meu corpo, se replicando, se cravando como teias de aranha em meu coração:

"Aprenda, pequeno Drake, justiça se faz com dor e punição", disse sorrindo, com os dentes amarelados de sua dentadura amplamente exibidos para mim. Caído no piso frio da cozinha, com a palma das mãos pegando fogo, olhei para ela e assenti. *"Quando você come o biscoito dos seus amiguinhos à noite, durante a manhã todo mundo come um a menos por sua culpa. Então, isso é uma injustiça."* Segurava o crucifixo de madeira contra o pescoço, por cima do hábito. *"Seja justo, e não pagará, entendeu?"*

Assenti, tentando não chorar tanto. Eu era um homenzinho, como minha mãe me ensinara. E eles não

choravam à toa.

Quando ela me liberou, corri para o quarto e me deitei na cama todo sujo de mijo, então entendi o cheiro do colchão. Talvez os meus novos amigos, que moravam ali e dividiam o quarto de tijolos vermelhos e aparentes comigo, também fizessem xixi por conta da dor.

Eu passei quase dois anos daquele jeito, apanhando da madre por esquecer de amarrar o tênis, sendo xingando de burro por não conseguir me concentrar nas aulas, e minha maior fuga da realidade era imaginar que eu era como "*O Pequeno Príncipe*", que um dia teria meu próprio B612 para morar, onde não haveria madres para punir, ou assassinos para matar a minha rosa.

Talvez os maus tratos tenham me matado um pouco, ou tiveram o poder de transformar algo dentro de mim numa zona morta, propícia para crescer coisas ruins. A cada nova surra, menos eu sonhava em ser astronauta. Eu passei a odiar a madre, a querer que ela pagasse por ser tão injusta comigo. Eu a via de costas pelos corredores do orfanato e pensava que ela era a pessoa mais cruel do planeta, talvez do Universo inteiro, e que deveria empurrá-la da escada, ou enfiar a régua com a qual amava me bater em sua garganta. Porém, se me vissem sendo injusto, eu pagaria.

Por culpa dela, precisava ser cínico para sobreviver. Se derrubasse o mingau, colocava a culpa em outro órfão, e assim, ele apanhava no meu lugar. Depois, eu lhe dava meus biscoitos no dia seguinte e pedia perdão pela injustiça que cometia.

Na frente da madre, dizia tudo o que ela precisava ouvir, enquanto dentro da minha cabeça a imaginava engasgando com sangue.

Foi aos onze anos, quase completando doze, que a matei.

Ela deu-me uma surra de cinto nas costas, apenas porque fui mal em matemática, e com tanta dor, madrugada adentro, olhei o pedaço de pão com veneno de rato ao lado da minha cama. Um pouco daquilo matava um roedor, se eu juntasse o que havia em todas as migalhas espalhadas pelo quarto, derrubaria a maior ratazana de todas.

Naquele café da manhã, após a prece matinal, a madre disse que Deus nos livraria de todo mal. E quando ela começou a sufocar, minutos depois de comer o seu mingau, eu soube que algo havia me dado forças para me livrar dela naquela manhã, talvez fosse o Diabo. Era ele quem andava na Terra quando Deus virava as costas, e se ninguém naquele mundo me defendia, eu precisava ser meu próprio herói.

Depois daquela manhã, eu decidi que todo mundo que me machucasse pagaria, com dor e punição, porque justiça se fazia assim. Já os grandes vilões, esses precisavam morrer!

Poucas semanas depois, ao completar doze anos, fui adotado por um casal gentil que morava na cidade. "*Os mais ricos daqui, com o melhor sobrenome de todos"*, a assistente social me contou.

Todas as crianças do orfanato Kerrigan sonhavam com adoção. Eu só queria o meu asteroide. Um lugar sozinho e tão longe, que nenhuma alma no mundo me alcançaria. No asteroide B612, não haveria injustiça, e se tinha algo que passava a assombrar os meus sonhos, era que um dia eu deixasse de ser o herói e meus vilões me vencessem.

A vida era assustadora e cruel, e eu só poderia sobreviver se soubesse me defender ou, talvez, me tornasse mais perverso do que todos eles.

Com o tempo e a vida na mansão estranha e escura dos meus pais adotivos, comecei a imaginar que um dia acharia o maior vilão da minha vida, o

assassino da minha mãe, e assim eu o faria pagar, como fiz com a madre.

Minha nova mãe, Ava, era tão doce e gentil e linda... Ela tinha um coque que nunca soltava no topo da cabeça, os cabelos negros com leves rajadas brancas. Ela amava fazer biscoitos comigo na cozinha e não me bateu quando me flagrou roubando alguns de madrugada, na verdade, ela colocou um pote deles no pé da minha cama, e comprou para mim tudo o que eu queria sobre "*O Pequeno Príncipe"*, também me disse que um dia eu poderia ser um astronauta, se quisesse.

Eu aprendi a amá-la, mas aos poucos fui entendendo que a vida era um eterno jogo de receber e perder. Se por um lado ganhei uma mãe gentil outra vez, tão perfeita que me fez amá-la, por outro, não imaginei que teria um novo opositor, para cair antes do assassino que continuava a matar mulheres pela cidade e até ganhava um apelido: *Assassino das Divorciadas*.

Dos doze aos dezesseis anos, passei a ser espancado pelo meu pai adotivo. Se acordasse tarde, surras de cinto, se achasse que comia demais, chineladas na bunda. Um dia me pegou fumando escondido no meio do cemitério e me pegando desprevenido, agrediu-me com um taco de basebol. Quebrei uma perna e fiquei caído ao lado da lápide da minha mãe biológica, no cemitério jardim que Ava mandara fazer para abrigar um memorial para as vítimas.

Olhando para o céu, desejei morrer pela primeira vez.

Eu estava sozinho no mundo. E se minha mãe adotiva me defendia de Oscar, ele gritava com ela e dizia que se divorciaria, depois nos botaria na rua.

Ela era fraca demais, não podia culpá-la.

Enquanto eu rangia de dor, quem me ajudou foi... foi... Jena Brown. Ela não se parecia tanto com a Emily. Era bem magricela e vestia-se de maneira mais provocativa. Ela e seu pai, Jack, levaram-me para o hospital.

Tive de fazer uma cirurgia na perna e dias depois, voltei para casa. Eu sabia que quando minha perna estivesse boa precisaria matar outra vez. E dois meses depois, quando completei dezessete anos e tirei o gesso da perna, enforquei o meu pai na sala de casa.

Eu não ligava se seria preso, se seria visto como injusto. Ali, matando outro dos meus abusadores, eu era a porra do único defensor que havia para mim no mundo.

Do topo da escada, minha mãe me encarou. Eu apertava o pescoço do velho maldito, mas ela não me impediu. Quando o soltei, ele já estava morto há muito tempo. Ela me abraçou e o que saiu da sua boca foi tão ruim, foi tão fodido. Ela me agradeceu, porra. Ela... disse que estávamos livres.

Simulamos o cenário para suicídio na sala da casa, fingindo que ele havia se enforcado. Minha mãe mentiu para a polícia, narrando que ele estava transtornado porque ela pedira o divórcio, alegando que ele vinha sendo violento comigo, inclusive contando sobre o fato de ele ter quebrado a minha perna. Foi algo tão perto da realidade, que a polícia de merda de Shadow Valley não investigou. Paine já era policial naquela época e um companheiro de copo do meu pai, mas não tentou escavar nada. Ele engoliu a mentira e nunca mais nos procurou, nem mesmo quando, anos depois, tornou-se xerife.

Olhei a foto da mãe da Emily pregada à cortiça, no jornal que noticiava sua morte, na frase minúscula estampada ali: *deixou para trás uma filha pequena.*

Quando éramos adolescentes, Jena Brown sempre me procurava pelo terreno, mas um dia seu pai a arrastou para longe de mim, berrando que eu não era para ela. E que bom que nunca a vi com outros olhos além de uma amiga, ou seria bem pior ter uma relação com sua filha. E não a desejei nem nas vezes em que ela se sentou comigo ao redor da lápide de Roselyn, fitando minha boca enquanto eu falava. Eu estava sofrendo demais para isso.

Certa vez ela falou que entendia que eu conhecia a Roselyn ou não teria tanto sentimento na minha cara quando eu ficava diante de seu túmulo. Jena apenas não imaginava que a mulher sepultada ali era a minha mãe.

Minha origem era um segredo de família muito bem guardado, porque Ava não queria urubus nos rodeando, tentado descobrir alguma coisa. Como eu era menor de idade, foi permitido pelo juiz que eu entrasse em um programa de proteção à testemunha, tendo minha nova identidade ocultada dos olhos públicos após a adoção.

Quando vim morar aqui, tinha esticado de tamanho e como estudava em casa e poucas vezes saía, ninguém desconfiava que o novo Walton era, na verdade, o órfão deixado por Roselyn. Exceto Paine... ele sabia quem eu era desde o começo, mas nunca revelou isso a ninguém, ou os murmúrios teriam surgido quando me tornei o suspeito de matar a Rose.

O mais cruel naquilo tudo foi a quantidade de vezes que Jena e eu passamos tempo no memorial das vítimas, sem qualquer desconfiança de que, um dia, uma das lápides daquele lugar seria para ela.

Pouco tempo depois que matei Oscar, minha mãe infartou na cozinha, porque volta e meia dizia que meu pai havia reencarnado num corvo para assombrá-la. Eu

quis morrer quando as cinzas dela foram para um dos jarros no mausoléu da família.

Eu perdi outra mãe.

Estava sozinho outra vez.

Quando se é jogado no fogo tantas vezes durante a vida, você pode derreter como se fosse de plástico ou enrijecer como um metal poderoso, e se moldar. E foi o que eu fiz. Eu precisei sair dessa casa, porque me lembrava de quando encontrei minha mãe na cozinha, apontando o corvo pousado no batente da janela, dizendo que era o Oscar, então segurou o peito e morreu.

Eu não consegui entrar nessa casa por muito tempo, e dormi por dias no meu carro, por fim decidi entrar na faculdade e tentar me refazer. Usei o meu sobrenome de peso para conseguir entrar em alto estilo, direto como presidente da Blind Crows e estudando Economia, segui em frente. Não era mais um menino querendo virar astronauta, mas um sobrevivente.

O que fodeu tudo nos planos de vingar a minha mãe foi conhecer a Rose, então me tornar pai. Mas não podia negar que, casado, eu também me refiz. Tive uma nova família, senti um tipo de amor tão genuíno pelos meus filhos, que ele quase foi capaz de suplantar a substância viscosa e negra que bombeava do meu peito: podridão.

Eu endureci pra caralho, embora tenha sido um trouxa ao abaixar a guarda para uma raposa sorrateira como a Rose. Fui tão burro e apaixonado, que jurava que a menina pobre e negligenciada pela mãe drogada fosse a minha rosa, como a do Pequeno Príncipe.

A vadia era apenas uma planta carnívora.

Quando meu primeiro filho nasceu, a ideia de que havia um monstro no mundo que oferecia perigo também me cegou. Eu me dividia entre trabalho e

reuniões com um investigador particular, para encontrar o assassino das divorciadas, mas ele era outro enrolado, que levou rios de dinheiro e nunca achou nada concreto.

Eu descobri muita coisa juntando as peças que a polícia tinha, e depois, conheci meu advogado, que começou a limpar minha bagunça quando eu surtava e macetava de porrada alguma testemunha ocular que parecia mentir em algo. Eram surtos injustificados meus, que não me levavam a lugar algum.

Tudo o que sabia do AD era que ele conhecia as mulheres em uma agência de namoros, que se interessava por mulheres de meia-idade e divorciadas, e usava um nome diferente com cada uma delas.

Às vezes, achava que ele era Paine. Tinha a idade condizente, era suspeito da morte da Rose e sempre parecia tumultuar as investigações, ao invés de concluir alguma coisa.

Me aproximei do quadro à minha frente e peguei uma das minhas folhas A4 dobradas ao meio. Tinha anotado ali o nome das cinco testemunhas oculares que foram desacreditadas por Paine, que disseram ver um homem grisalho e com barba nas imediações da cena do crime. Tentaram fazer um retrato falado, inclusive, mas ele sempre disse que as testemunhas eram "não confiáveis". Um estava bêbado, o outro era sabidamente um usuário de drogas, a terceira tinha costumeiramente surtos psicóticos e por aí seguiram seus argumentos.

Ele era suspeito demais! Talvez acobertasse alguém...

Atualmente, eu tinha uma missão: encontraria o cara que jogou a minha mãe numa daquelas covas.

E me tornei algo diferente de um herói. Eu era podre, e sujo, e corrompido demais para ser um. Tão viciado em punir, em causar dor e machucar qualquer

um que se metesse no meu caminho, que era quase uma doença. Mas eu só buscaria cura, só sossegaria, quando fizesse a justiça por minha maior perda, por ter sofrido o que restava da minha infância na mão de gente perversa.

Um dia, eu mataria o assassino das divorciadas.

31

Emily Brown

Sentada dentro do carro e encarando a farmácia simples em formato de cabana de madeira, tinha acabado de tomar o anticoncepcional.

Esperava que o medicamento fizesse efeito, porque acordei perto do meio-dia e ainda tive que limpar a bagunça no meu banheiro e aspirar todo aquele vidro, comer alguma coisa e só depois vir para cá.

Segurando o volante, encarei-me no retrovisor. Observava um reflexo todo partido de mim, em que não conseguia me reconhecer. A Emily que eu costumava ser, não era tão impulsiva a ponto de achar que, ao menos, se ficasse grávida, seu perseguidor mostraria o rosto.

Não.

A garota que eu era antes de toda essa merda tinha um único foco na vida, o de se tornar médica, construir uma família e assim reconstruir a vida. Eu trabalhava para caramba, estudava muito e acreditava no meu sonho. Agora, estava obcecada pelo meu perseguidor...

Ainda era eu ali, piscando para mim?

Não deveria ser consumida por nada diferente de tristeza e arrependimento, mas gostei de dormir abraçada a ele, de sentir seu pau em mim em tantas posições diferentes, de acordar coberta pelo cheiro dele e ainda ter o meio das pernas dolorido. O que me deixou triste foi que o maldito saiu sem se despedir, não deixando nem mesmo um bilhete. Ao menos, agora, tinha aquele número para, enfim, tentar manter contato quando ele não viesse.

Peguei meu celular no porta-moedas, vendo a manga da minha capa de chuva amarela enroscando no câmbio. Desvencilhei o braço, pensando que ao menos a chuva tinha dado uma trégua.

Digitei a mensagem para o número dele mordendo o canto da boca:

Eu: Oi.

Planejava ir para casa antes que outro temporal resolvesse desaguar pela cidade, tornando a estrada ainda mais imprópria para dirigir, quando o apito de uma notificação me fez dar um pulo. Avidamente olhei o celular, mas o nome ali me fez murchar.

Ethan: Já viu a minha live de ontem à noite, Emi?

Sem entender, abri o *Instagram* e fuxiquei o seu perfil. Havia uma live salva de ontem, à 1h da manhã, horário em que o *stalker* estava no meu quarto.

No vídeo, pessoas se concentravam ao redor de uma mesa de carteado. Uma senhora com moletom rosa e cabelos brancos como a neve, presos em duas trancinhas, dizia alegremente que ninguém a venceria na canastra. Alguém filmava Ethan que, de mãos dadas a um rapaz moreno, contava à idosa que estava namorando.

Como pude desconfiar dele? Sequei uma lágrima boba de culpa e dei um sorriso fraco. Meu amigo merecia ser feliz, e quando me preparei para voltar ao

número dele e respondê-lo, senti uma pontada no peito.

Stalker: Olá! Como está se sentindo hoje? Tomou o remédio?

Ele respondeu!

Porra...

Eu: Tomei sim, e estou bem. Quando você volta?

Stalker: Caso se comporte, volto em breve, agora, vá para casa! Vejo que está na rua e tem uma chuva forte para cair.

Paralisei, olhando para todos os lados, procurando sua sombra à espreita, junto a seu olhar lupino. Precisei descer do carro para vistoriar os arredores. O outro lado da rua ostentava um campo de futebol com grama verde, onde apenas o vento rodopiando fazia morada. A avenida à frente não tinha carros transitando, ou estacionados no raio de alcance da minha visão.

Tornei a digitar:

Eu: Não quero que fique me seguindo!

Stalker: Não estou. É culpa do meu coração. Ele sempre sabe onde você está...

Eu: Esse foi o pior xaveco do mundo!

Stalker: Vá para casa logo, Emily!

Como o meu peito conseguia se dividir entre odiar os absurdos dele e ansiar para que ficasse comigo por mais tempo?

Cansada da brincadeira, me enfiei no carro e percorri a distância até o posto de gasolina. Dei sorte de descer do automóvel sem que chovesse, mas minhas galochas de Coraline pisaram em uma poça imensa, que molhou minha legging preta enquanto caminhava para dentro da propriedade.

Velho Jack só voltaria na segunda-feira, então, ao menos tinha o fim de semana inteiro sem ter que cozinhar ou aguentar seu humor de merda.

Tinha alcançado os jardins da casa, quando uma figura enorme acenou para mim. Zayn estava debruçado contra o parapeito da varanda tragando um cigarro. Embora achasse que o moletom branco lhe caía muito bem, não imaginava que o veria ali, não após uma noite de festa na fraternidade.

— Oi, noiva dos mortos. — Soprou cigarro pelo nariz. —Foi embora cedo ontem.

— Tinha coisas a resolver, e gostaria que não me chamasse mais assim.

Não me aproximei da casa, me mantendo a cerca de dois metros de distância, porque o *stalker* poderia estar me espreitando e ficaria bravo se me visse perto dele.

— Já é afetivo te chamar desse jeito, Emi. — Piscou apenas um olho, ganhando de mim um dedo do meio, mas foi impossível segurar o sorriso. — Wow, que gesto feio para uma donzela — brincou, apagando o cigarro no parapeito. — Vai rolar uma festa na semana que vem, lá na Blind Crows, quer ir?

Dei um passo atrás, porque Zayn saiu da varanda rápido demais e logo estava diante de mim, enrolando o dedo grande por uma mecha do meu cabelo.

Precisava que ele e seu irmão entendessem as coisas, para evitar me atolar em merda, irritando o mascarado. E nada poderia dar mais limite aos dois do que dizer algo de que eu não tinha certeza:

— Estou namorando, Zayn. Só fui à festa ontem para irritar o meu... hum... namorado, mas não posso sair com você ou seu irmão.

O garoto arregalou os olhos, mas logo encarou um ponto atrás de mim. Detectei apenas o rastro do sobretudo preto parando ao meu lado e senti meu coração ficando alegre, acelerando as batidas, encarando aqueles olhos perfeitos e o sorrisinho torto no rosto de Drake Walton.

— Emily, quanto tempo... — disse.

Estranhei que estivesse usando luvas pretas, mas entendia que o frio não estava para brincadeira. Suas bochechas, avermelhadas pelas baixas temperaturas, exibiram covinhas quando seu sorriso se alargou.

— *Você* sumiu, né! — lembrei e não tardei a sentir o rosto esquentar, percebendo que parecia algum tipo de cobrança minha, ou flerte, sei lá. — Quer dizer... é... eu só... hum... não o vi mais.

— Priorizei trabalhar de casa nos últimos tempos — explicou. — Preciso ir, nos vemos na funerária, Brown. E, Zayn, vamos entrar? Quero falar com você!

Ele foi tão seco quanto as árvores ao redor quando me deu as costas e nem esperou pela minha resposta.

— Tudo bem. — Forcei um sorriso contido a surgir em meu rosto, observando-o se afastar. — Até lá!

Ele segurou o ombro de Zayn e apertou sutilmente, então o garoto deu a ele um olhar enviesado e seguiu atrás do pai, depois ambos sumiram casa adentro.

Aquela coisa floreando o meu peito, quando se tratava do meu chefe, era serena e doce, podia até ser amor. O sentimento surgiu quando eu era uma adolescente e talvez vivesse em mim para sempre, em meio ao lado apodrecido das minhas entranhas. E sempre tão suja, fazendo as piores escolhas, acabei com tudo entre nós ao me envolver com os filhos dele, pelos quais nem de longe senti algo como o que nutria por Drake.

Ele sempre foi proibido por ser meu chefe, quase duas décadas mais velho e, ainda por cima, casado. E mesmo que já fosse viúvo, era tão certo dentro de mim quanto as leis que regiam o Universo: Drake jamais seria meu. Eu não era digna daquela coisa terna que senti quando nos beijamos e me convidou para jantar,

pelo contrário, provei com cada uma de minhas ações que mereci perdê-lo.

E pensando nisso, entendia que tinha outra pessoa em meu caminho, o *stalker*, com quem estava envolvida. Só não podia negar a diferença gritante entre ambos.

Os sentimentos estavam separados por oceanos.

Se pelo meu chefe era claro a ponto de parecer cristal, pelo outro era algo caótico, flamejante e podre. Uma paixão doente e tão obcecada quanto a que ele demonstrava por mim.

Não se plantava flores em meio à radiação esperando que crescesse algo saudável. O que se desenvolvia em meu peito era tóxico pra caralho.

Assombrada, me percebia dançando nas sombras, aceitando, querendo me lançar na corrupção e me entregar aquele homem possessivo.

Eis o problema de ser obrigada a ver beleza no escuro, as coisas que deveriam ser feias passam a ser tentadoras demais.

Enfiando-me em casa, aproveitei para arrumar as coisas, cuidar da bagunça no quarto do meu avô e organizar meus estudos. Não percebi o dia passando, mas, na cozinha, percebi que a noite lá fora se arrastava pela janela.

Não recebi mais mensagens do *stalker* ao longo do dia e estava irritada desde cedo, porque meu quarto não estava quente o suficiente, por conta do rombo no vidro do banheiro, que soprava uma brisa gelada para dentro e impedia a calefação de funcionar.

Me perguntava o que diria ao meu avô quando contratasse alguém para vir consertar aquilo na segunda-feira, e que provavelmente teria de dormir em seu quarto, ou não aguentaria o frio. Fora que teria de gastar grana que não tinha.

Me preparava para enfiar a mão na água e lavar a maldita louça, porque minha máquina velha pifou, quando meus olhos caíram para a janela à minha frente. Por conta da iluminação deprimente e da varanda apagada, conseguia ver o reflexo sinistro atrás de mim.

Segurei as bordas da pia, respirando com força.

Ele não teria como chegar silenciosamente assim, teria?

Seu capuz se erguia acima da minha cabeça quando o senti se recostar a mim. Alarmada, tentei me virar de frente, mas sua mão forçando as minhas costas não me dava essa opção, empurrando-me em direção à pia. Sobressaltada, tentei resistir, mas ele conseguiu me empurrar o suficiente para que meus peitos colidissem com o mármore manchado. Empurrou o meu rosto contra a superfície gelada, forçando minha bochecha.

— Boa noite, Emily — falou, roçando-se em meu traseiro.

— Você nunca aprendeu boas maneiras, né? — resmunguei, sentindo-o duro contra a minha bunda. — Não sabe dar boa noite como um homem decente?

Sua risada acalmou meus batimentos desregulados, embora não devesse, porque feito um neandertal, me prendia daquele jeito.

— Estou feliz com você hoje, sabia?

— Se é isso o que faz quando está feliz — meu rosnado foi prosseguido por um impulso forte para me levantar, em vão — não quero saber o que vai fazer quando estiver bravo.

— Aplicarei variações do que lhe dei ontem, ué — virou-me de frente com tanta agilidade, que em duas piscadas meus peitos estavam pressionados contra o alto de sua barriga —, porém, sempre mais cruéis.

— Por que está feliz comigo? Achei que me odiasse porque causei um evento do qual não podia prever as consequências, e bláblábláblá.

O dorso do seu indicador deslizou por meu maxilar, enquanto a outra mão se embrenhou em meus cabelos.

— Não existe vingança mais saborosa do que me tornar o seu perseguidor — sussurrou, tão sedutor e calmo que nem parecia proferir absurdos enquanto segurava o meu queixo —, me infiltrar na sua pele, te tornar minha mulher e domar para sempre. — Expirou profundamente, como se desfrutasse dos disparates que me disse. — Não sinto ódio por você... *não mais*.

— Tão saudável — tripudiei, fingindo que não estava afetada por suas loucuras e pela vontade que possuía de me entregar para ele. —Você precisa consertar o vidro da minha janela — disse de supetão, encarando suas órbitas negras piscando para mim. — Está muito frio no meu quarto e não tenho dinheiro.

Deu um passo atrás, parecendo deixar um rombo na pele do meu queixo, que se revoltava porque queria que a tocasse para sempre.

— Ajoelhe-se!

Não se dignou a responder, e sabendo que aquele homem só me dava as informações que queria, obedeci.

Em sua visita, ontem à noite, apeguei-me à ideia de que ele era alguém distante de mim. A desconfiança de Ethan crescia na saída da festa, mas já no carro, no caminho até aqui, preferia a certeza de que era outra pessoa, alguém obcecado. Talvez um admirador secreto, sendo tal hipótese a que menos me enervava, selando a sentença de minha loucura.

Quando caí de joelhos, minhas mãos pousaram sobre as coxas enquanto eu olhava para cima, fitando-o. Ao morder os lábios, tentei arrancar um pedaço de

pele morta, na esperança de romper pelo menos um trecho de pele e aliviar a ansiedade de esperar por suas ações.

— Como sabia onde eu estava hoje cedo?

— Talvez eu a tenha seguido. — Deu de ombros.

— Não gosto que faça isso. — Ergui o queixo. — Eu tenho livre-arbítrio para ir aonde bem entender. Não sou a sua marionete.

— Sim, seu livre-arbítrio envolve obedecer às ordens do seu dono. Agora, tire-me uma dúvida, Emily. — Enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo. — Por que está sempre enfiada em roupas escuras, mas o traje de chuva é amarelo?

Ergui as sobrancelhas. Achei que me faria ficar com sono ao ouvir alguma droga de sermão idiota proclamando o seu direito de comandar.

— O mundo dentro de mim é sempre cinza, então, quando os dias estão chuvosos e sem cor, eu me sinto mais apagada do que nunca. — Suspirei, sentindo o peso dentro de mim escorrendo pelos lábios. — Quando chove, parece ainda mais triste, então, tento deixar o lado de fora mais alegre com capas de chuva e galochas fofas.

Pisquei para cima, esperando muitos segundos por alguma reação de sua parte. Ele só me encarava, fixamente, por tempo o suficiente para eu me remexer e desviar os olhos.

Será que disse algo patético demais?

Seu raspar de garganta atraiu meu olhar e meio sem jeito, pegou sobre o balcão uma sacola de papel grande e rosa, selada por uma fita de cetim no topo, entre os barbantes das alças.

— Trouxe algo para você — a voz dele, pela primeira vez desde que entrou feito um meteoro na minha vida, vacilou. — Acho que vai gostar.

Me entregou a sacola pesada e, meio receosa, a repousei sobre as coxas. Camadas de lágrimas tomavam-me as vistas com a lembrança do que o *stalker* havia feito com a rosa que Drake me dera. E não podia pensar nele, ou nos meus sentimentos. Isso inflaria a raiva do homem à minha frente, e de todo modo, não serviria de nada.

A raiva traduzia a injustiça e não sabia se meu *stalker* era de fato injusto, ou apenas a mais pura materialização das coisas feias dentro de mim. Afinal, agora ficava feliz com sua presença, me viciara em seu beijo e fantasiava com o dia que me mostraria seu rosto.

Queria forçar os pensamentos para fora da minha cabeça quando desfiz o laço da sacola, esperando ver uma guia para sua coleira profana. Talvez desse um jeito de tentar enforcá-lo, se de fato fosse uma.

Sem grandes expectativas, notei ter uma peça de roupa enrolada em papel seda azul escuro, notando que a sacola permanecia pesada. Desfiz a camada de papel e peguei o traje. Ao subir o braço, erguendo a roupa diante do rosto, meu peito se acendeu a ponto de parecer um estouro de fogos de artifício.

Não consegui controlar o sorriso, mesmo que tentasse ao morder o lábio inferior. Fitei o *stalker* por cima dos cílios, lutando para conter o meu corpo, que queria fazer alguma dancinha boba ao pousar a sacola no chão ao meu lado, para vistoriar cada pedacinho da capa de chuva. Era de um material mais caro e impermeável, e parecia ser um modelo mais alongado.

Me levantei em um pulo e enfiei os braços nas mangas, por cima do casaco do pijama. Corri para o quarto de Velho Jack e meus pés animados me levaram direto ao seu banheiro. Acendi a luz para me encarar no espelho.

O fundo azul marinho combinava perfeitamente com os girassóis amarelos estampados por todo o traje, e para outra pessoa poderia soar espalhafatoso, mas para mim era quase ouro, reluzindo. Dei uma voltinha diante do espelho, olhando o caimento da peça, que chegava aos meus joelhos.

O presente remetia à tanta sensibilidade, que me perguntava se era mesmo o *stalker* que eu conhecia debaixo daquela máscara, ou se havia sido substituído por alguém mais doce.

Seguindo seu ritual de me espreitar, feito uma sombra macabra, ele estava atrás de mim, encarando-me pela superfície do espelho no banheiro mal iluminado.

— Por que se importou em me dar algo assim?

— Você fica bonita com capa de chuva — encolheu os ombros —, mas não pegou tudo. Isso aqui ficou dentro da sacola.

Ergueu um par de galochas que fazia conjunto com o casaco, ao lado do rosto, e se não queria ser uma boba melosa com ele, porque julgava aquele homem rude demais para ter esse lado meu, foi impossível segurar o gritinho.

— Meu Deus, é tão fofo... — Parecia uma ogra patética engrossando a voz daquele jeito e arrancando as galochas dos seus dedos. Quando dei por mim, já estava sentada na cama do meu avô, enfiando meus pés nos sapatos. — Olhe só para isso! É... perfeito.

Chacoalhei os pés, rindo sem parar ao sentir o movimento deles dentro da peça.

— Quase posso vê-la brilhando, garota cruel.

Nunca imaginei que veria olhos tão alegres, mas, ali, mesmo que à meia luz da penumbra do quarto iluminado apenas pelos filetes vindos do banheiro, seus olhos dançaram.

Meu coração estava tão quentinho, disparando felicidade para cada pedaço do meu ser, que me vi enfiada nos braços dele, e na ponta dos pés, enchendo a máscara do cretino de beijinhos.

Ele parecia desconcertado, tentando me abraçar enquanto eu, animada demais, chegava a dar pulinhos.

— Obrigada! — Não quis esconder o sorriso, tornando-o largo. — Eu amei.

— Olhe só esse rosto perfeito... — segurou o meu queixo, primeiro com carinho, depois afundando os dedos do jeito animal que era sua marca pessoal — como não me viciar? — Parecia falar consigo, inspirando com tamanha força que de fato parecia um bicho. — Agora, tire essa coisa fofa e fique de joelhos!

Saiu dos meus braços, parecendo impaciente e dando voltas à minha frente. Meus olhos quase se cruzaram, com o nó na minha cabeça turvando os pensamentos.

Dei um jeito de tirar as galochas, depois a capa, e com todo cuidado do mundo, pousei os dois sobre o colchão. Pressionando os lábios, me ajoelhei perto da borda da cama, deitando a cabeça para olhar para cima.

Caminhou devagar até mim, os olhos vidrados em meu rosto como se eu fosse sua presa ideal, me encarando tão intensamente que foi difícil segurar a encarada e olhei para minhas mãos entrelaçadas sobre as coxas.

— Olha o que você causa em mim, Emily!

Cortou a distância em segundos, logo desceu o zíper do jeans. O cheiro de sabonete e aquela coisa fresca entranhada na pele dele se chocaram ao meu rosto quando segurou seu pau imenso na mão.

Longo, roliço, com uma cabeça grande parecendo uma seta rosada apontada para a minha boca. Suas

bolas eram grandes, lisas, e ele era todo depilado também.

Meu peito se incendiou tão rápido, levando um rastro quente para o restante do corpo, que comecei a sentir calor, fitando a gota úmida escorrendo do buraquinho no topo do seu membro.

— Vo... você... — engoli em seco — trouxe camisinha?

Não podia tomar pílula do dia seguinte outra vez.

— Não precisaremos hoje, mas deve começar a tomar remédio o quanto antes, pois não criarei a rotina de encapar o pau para entrar no que é meu.

— Ok!

Segurou o membro com firmeza, na base, movendo a pele que o revestia com força demais, em vaivém, me encarando com olhos quase cerrados. As veias grossas e extensas serpenteando por seu membro ainda me chocavam.

— Vai acabar arrebentando suas... — droga, minha boca se enchia cada vez com mais água, e precisava engolir antes de conseguir falar — veias, se tocando com grosseria assim.

— Shhhh, Emily. Apenas coloque a porra da língua para fora e prove o que causa no meu pau!

Quando fiz o que mandou, agarrei o tecido sobre suas coxas.

Pisquei sem parar quando colocou seu pau sobre a minha língua. Uma gota escorreu sobre ela, e meio confusa, tentei sorver aquilo enquanto ouvia sua exalada rouca.

Um gosto de sal tomou minha boca.

Sabia o que tinha de fazer ali e, mais curiosa do que nunca, envolvi uma mão ao redor do seu membro. Era tão grosso, que quase não conseguia fechar os dedos.

— Agora você vai colocar ele na boca e sugar com cuidado, sem usar os dentes.

Inspirei fundo, depois balancei o seu pau sobre a minha língua e suspirei, ignorando suas palavras.

Fechei a boca ao redor de sua cabeça e a suguei. Mais daquela coisinha salgada salpicou na minha língua, e ouvindo seus gemidos sussurrados, másculos e excitantes, deslizei meus lábios mais para baixo.

Precisei roçar as coxas para aliviar a pulsação no meio das minhas pernas, porque minha boceta, uma desesperada, queria que ele a aliviasse também.

Sorvi seu pau enquanto movia a cabeça para frente e para trás. Ele enrolou meu cabelo em seu punho ao passo que eu movia os dedos junto à boca e olhava para cima, buscando os dois buracos negros portadores de caos, que me fitavam sem desviar.

— Porra, Emily... estava escondendo fogo? Você chupa tão bem!

Sorri e com seu pau dentro da boca, acho que o incendiei mais um pouquinho, porque ele vibrou sobre a minha língua.

Movi a mão mais rápido, pois minha boca não o alcançava até mais do que a metade, sem que eu entalasse com sua cabeça se chocando no fundo da garganta.

O tirei da boca só para cuspir em seu membro, depois espalhei minha saliva no seu pênis com a mão.

— Você cheira bem — elogiei, descendo para explorar suas bolas e mover a ponta da língua na linha que separava as duas. — E tem um gosto bom.

— Caralho... — Ele ficou na ponta dos pés, emitindo um chiado de prazer enquanto eu sugava uma a uma de suas bolas. — Desse jeito vou querer meter na sua boca todo dia.

Masturbei com mais força, deslizando a mão bem fechada ao redor do seu pau em vaivém e me vi

gemendo sozinha ao afastá-lo de mim, só para ver os olhos dele tão caídos assim.

Esfreguei seu pau na minha cara, molhando minha pele com o cuspe misturado ao seu pré-sêmen. Arfei e rodei minha língua na glande, queimando mais quando ele jogou a cabeça para trás, emitindo um ruído rouco.

O engoli outra vez, sugando tão forte quanto conseguia, movendo a cabeça, deslizando e emergindo. Tentei ser mais rápida ao chupá-lo, com seu puxão no meu cabelo se intensificando. Contudo, deveria ter entendido o perigo em seu rosnado, quando segurou meu cabelo com força e enfiou o pau inteiro, se metendo à revelia na minha garganta e obstruindo o meu ar.

Meu pulmão queimava e a ânsia de vômito me fazia tossir, enquanto espalmava seu quadril e tentava afastá-lo.

Dois doentes, éramos aquilo em meio àquele jogo doido, onde ele me sufocava com o seu pau e eu contorcia as pernas de tanto desejo.

Foi com alívio que puxei o ar e tossi em meio à baba que escorria da minha boca enquanto ele se arrastava para fora, mas não por tempo demais. Logo se enfiou de novo e com tanta força, que tentei expulsá-lo e me engasguei.

Meus olhos lacrimejavam, mas o desgraçado só gemia.

— Melhor tomar remédio, Emily... — avisou, quase arrancando meus cabelos fora, enquanto socava o pau na minha boca, parecendo almejar me matar — enquanto não puder foder sua boceta sem proteção, ou vou macetar no seu cu, ou esporrar na sua garganta... desse jeito aqui!

Ele não brincou, só socou em minha boca tantas vezes, que eu precisei encontrar sugadas de ar no

breve momento em que ele se retirava da minha garganta. Tossi enlouquecida, enquanto o sentia desaguando sua porra nela e seguia puxando o pau para fora, gozando também em minha língua.

Entre engasgos e tossidas, tentei engolir tudo e nunca na vida estive tão ofegante. Seu membro se afastou da minha boca e, completamente arrasada, me deixei cair sentada sobre os calcanhares.

Meus olhos não viam nada além de lágrimas enquanto ainda engolia saliva e gozo, piscando para seus tapinhas leves em minha bochecha, que aos poucos pareciam fazer com que voltasse a mim.

— Droga... isso foi... muito forte — resmunguei, afastando sua mão.

Com uma gargalhadinha, alisou minha bochecha molhada, em um carinho doce que me fez relaxar os ombros e fechar os olhos, ainda lutando para controlar meu peito disparado.

— Que bom que gostou, linda. E já que insiste, serei pior da próxima vez.

Bufei, fingindo raiva ao piscar olhando para seu dedo subindo para acariciar o meu cabelo.

— Vamos lá para cima? — convidou, olhando por cima do ombro para a porta do quarto, me acariciando a cabeça como se eu fosse um bichinho.

— Vai dormir aqui? — Afastei-o de mim com um tapinha.

Fiquei de pé lentamente, usando o dorso da mão para limpar a boca babada.

— Hurum.

— Então, meu quarto está muito frio e, por culpa da sua grosseria, teremos de nos contentar em ficar neste aqui.

Deveria ter pressentido a gracinha que diria pelo brilho em seu olhar:

— Vai profanar a cama de seu vovô?

Ignorando-o, entrei no banheiro e joguei uma água no rosto, depois lavei a boca algumas vezes. Quando voltei para o quarto, foi ele a se trancar lá dentro.

Tirei meus presentes da cama e os pousei sobre os DVD’s na cômoda do Velho Jack.

Seu quarto, por mais que eu passasse horas limpando, costumava abrigar um cheiro de fundo horrível, de suor e sujeira. Por ironia da vida, hoje foi o único dia em que consegui usar uma água sanitária potente e deixar o cheiro mais agradável.

Precisando descansar, deitei do lado direito da cama.

Não parecia nada certo o quanto gostava das coisas que esse louco fazia comigo, ou que, a cada nova vinda sua, por mais cruel e pesado que seu comportamento fosse, eu me sentisse mais segura em sua companhia.

Sua silhueta pesada voltou ao quarto. Tinha nas mãos a corda vermelha que já era parte do nosso ritual de sono juntos, então suspirei e uni os pulsos na frente do corpo, esperando pagar o preço para dormir com ele outra vez.

— Essa cabeceira de merda não vai servir — queixou-se, esticando a corda entre as mãos, com os olhos correndo pelas vigas grossas da madeira. — Então coloque as mãos para trás.

Assim que obedeci, ele parou atrás de mim e atou as cordas ao redor do meu pulso, fazendo nós fortes o suficiente para que eu não conseguisse me soltar.

Ele andava pela casa como se fosse seu reino, nem um pouco desconfortável, o que me fazia ter certeza de que estivera aqui mais vezes do que pude contar.

O *stalker* sabia trancar a porta, que, meio velha, tinha um trinco enferrujado que precisava forçar do jeito certo para ser capaz de mover. Ele apagou a luz do banheiro, depois tirou as botas ao pé da cama. O barulho do seu zíper precedeu o ato de se enfiar em minha frente, deitando-se junto a mim.

Ele me puxou contra si, nos aninhando embaixo de uma coberta limpa que havia colocado sobre a cama mais cedo.

Ficar sob seu abraço para pegar no sono vinha se tornando algo mais calmo, e já sentia os olhos pesando enquanto dava um jeito de roçar a ponta do nariz por baixo do tecido da máscara, fungando o cheiro refrescante de sua garganta.

— Fica comigo até amanhecer? — pedi, temendo que, outra vez, acordasse sem ele ali.

Me brindou com seu silêncio, e não deveria ser uma surpresa. Já conhecia um pouco de sua personalidade. A vontade de enchê-lo de perguntas e falar até que o cansasse e me castigasse, ou acabasse soltando algo sobre si me dominou, mas seu aperto tão quente ao meu redor e sua respiração pesada pareciam o embalo para o sono perfeito.

O assassino empunhava sua faca brilhando de sangue, e sob a luz da lua, caminhava em minha direção.

Dei um grito alto e me levantei em um pulo.

Sentia a pulsação acelerada em meu pescoço, repetindo incontáveis vezes em minha mente que foi apenas um sonho, só... o maldito pesadelo de merda que me perseguia.

O rádio-relógio sobre a mesa de cabeceira mostrava que faltava pouco para as cinco da manhã.

Me abracei, sentindo frio, então notei que minhas mãos estavam soltas, e ao meu lado não havia mais ninguém.

Tentei conter as lágrimas ao bater os cílios, e tão pesada pelo sono, me arrastei até a porta e acendi o interruptor do quarto. Seu lado da cama ainda estava bagunçado, mas não chegava perto da confusão na minha cabeça.

Ele foi embora no meio da noite outra vez!

Soprei o ar com força, tentando travar um soluço ao mesmo tempo que não conseguia criar uma barreira contra a desconfiança crescendo feito erva daninha pelo meu cérebro.

Por que ele sempre partia de madrugada? E para onde ia?

E se ele fosse comprometido?

Porra!

O que tínhamos já era sujo, mas, se ele tivesse alguém para quem voltava depois do que fazia comigo... era imundo.

Sequei uma lágrima sentindo o peito ardendo, e quando meus olhos caíram para o presente sobre a cômoda, eu dei um grito.

Ele não podia ter outra pessoa!

Eu... acabaria com ele!

Não era justo se enfiar na minha pele naquela proporção, me arrancar sentimentos que não queria lhe entregar, para depois ter alguém a quem se mostrava de verdade.

— Filho da puta! — praguejei, e doida demais, agarrei a capa de chuva e a joguei no chão.

Droga!

Não foi preciso mais do que um segundo para que me culpasse por ter atirado assim algo de que tanto gostei. Segurei a capa em meus dedos e me

sentei no chão, pensando que aquele idiota não tinha o direito de me bagunçar daquele jeito.

Tentando regular ao menos a minha temperatura, que parecia até febril, me despi e dei um jeito de me enfiar embaixo do chuveiro. Fiquei sob a água morna até que os soluços se tornassem apenas fungadas breves.

Quando me sequei e vesti, peguei os presentes e subi para o meu quarto. Os joguei sobre a cama e entrei em meu banheiro. Enquanto passava o secador nos fios do cabelo, mirava meus olhos inchados no reflexo do espelho.

Como jamais cogitei a ideia de que ele fosse comprometido? Talvez fosse a razão para usar uma máscara, para as fugas, e a justificativa de sua recusa em me dar respostas.

Quando voltei ao quarto e me joguei na cama, senti como se carregasse o peso da Terra sobre os meus ombros.

Minhas pálpebras doíam quando peguei o meu celular, e mesmo o odiando, abri seu SMS:

Stalker: Deixei o dinheiro para você consertar o vidro da janela na sua mesa de cabeceira.

Imbecil.

Não queria vê-lo mais, ou falar com ele, ou sentir o seu cheiro.

Se ele fosse comprometido, não podia continuar com aquilo.

Eu não sabia como afastá-lo quando se sentia meu dono naquele nível. Então, precisava arrancar a resposta dele e sabia que só conseguiria manipulá-lo quando lhe causasse ciúmes.

Se a festa da Blind Crows fosse naquele dia, iria até lá só para fazê-lo surtar!

Cedia à impulsividade, eu sabia, mas Ethan era a única opção que tinha. Abrindo o contato do seu

telefone, digitei a mensagem.

Eu: Posso ir até a sua casa?

Sabia que acordava cedo aos sábados porque tinha aula de artes marciais, embora não tivesse esperança de que fosse me responder rapidamente.

Pisquei para o teto da casa, com a sensação de que era uma tola se espalhando pelas minhas células, quando ouvi o barulho de uma chamada telefônica. Sobressaltada, vi a foto de Ethan piscando na tela.

— Alô?

— Oi, Emi. O que houve?

Respirei fundo e, sabendo que não tinha mais como esconder, se queria ir até a ele, precisava ao menos dar-lhe um pouco da verdade, eu disse:

— Estou com problemas. Posso dormir na sua casa essa noite?

— Claro! Por que não vem agora? Meu professor desmarcou a aula, então a gente pode tomar um café, depois passar o dia *maratonando* alguma coisa.

Como alguém podia ser tão precioso?

— Não vou atrapalhar o seu namoro?

— Ah, John já foi embora. Ele é médico, tinha expediente logo cedo.

— Obrigada, Ethan, você é uma pessoa incrível. — Tentei segurar o soluço.

— Ei... estou preocupado. Vem logo e dirija com cuidado, ok?

— Sim. Estou indo.

Quando desliguei a chamada, sequei as lágrimas.

Que a cabeça do *stalker* queimasse de raiva e ciúmes, como ele estava fazendo comigo.

Quando chegasse em Salém, desligaria o telefone!

Se estivesse me rastreando, seria ele a enlouquecer no escuro, sem saber onde eu estava.

DRAKE WALTON

Em pleno fim de tarde da primeira terça-feira de novembro, me mantinha dentro do carro, na fileira mais próxima à entrada do estacionamento da universidade.

Encarava ao longe Emily e Ethan de conversinha, parados a cerca de trinta metros de onde estava. O desgraçado sorria enquanto fitava a MINHA mulher. Tão linda naquele vestido preto e longo, que deixava a barriga saliente, a bunda grande e as coxas bem marcadas. Amava o corpo dela, morder cada pedaço farto de carne, e ficava duro ao espreitá-la sorrindo daquele jeito. Mas ela não usava a capa de chuva que lhe dei, mesmo que o dia tivesse começado chuvoso. Com tristeza, percebi que trajava apenas um casaco preto encorpado e com forro de lã, acompanhado de seus habituais coturnos.

Eu possuía um sedan preto, de vidros escuros e antigo, que usava apenas para segui-la. Costumava estacionar a lata-velha a algumas quadras de casa, ou Emily poderia reconhecer o carro e perceber que era eu o obcecado por ela.

Dentro dele, me sentia em combustão, encarando a ceninha que não podia interromper, porque estava

tão transtornado ao sair de casa, que não trouxe a máscara.

Fazia dois dias que ela havia sumido!

Passei o domingo e a segunda-feira fodido de ódio porque ela não foi à funerária, nem para casa, tampouco para a porra da faculdade.

Enlouqueci porque não conseguia rastrear o seu telefone, e quando entrei em sua casa no meio tarde para ver o que estava aprontando, ela não estava lá. Vasculhei o seu quarto e vi que a pilha de anotações da faculdade havia sido levada, e não havia sinal de sua bolsa também.

Embora tivesse aproveitado sua ausência para pagar uma empresa com uma quantia exagerada para que trocassem logo o vidro de sua janela, percorri os cantos da cidade onde ela costumava ir.

Vasculhei o cemitério de cabo a rabo, e nenhum rastro da minha fantasminha jazia por lá. Nada dela na biblioteca, onde às vezes se enfiava também. Não estava no mercado, ou na lavanderia, tampouco na farmácia. E com total desespero, vi que na funerária, também não.

Temia, a todo tempo, que tivesse me deixado. Saído da cidade. Até cogitei que estivesse junto ao avô, na casa de Leonard, mas nada explicava ter desligado o telefone.

Enviei dezenas de SMS dizendo que, por mais que não tivesse lhe dado ordem de não sumir sem me dizer seu paradeiro, deveria me contar onde estava. Tentei não soar desesperado, mas, no final das contas, mandei mensagens perguntando o que havia acontecido.

Emily não teve expediente na funerária essa manhã, então, nem com minha cara limpa e deslavada pude me aproximar dela para tentar apartar a explosão dentro de mim.

Minha mente queimava e trazia sentimentos de posse à tona quando pensava em um futuro onde ela não me pertencia.

Era doentio saber que a perseguiria para sempre.

Com vergonha, admitia que, por mais que não devesse, ainda seria a sombra ao pé da sua janela quando chutasse a minha bunda, ao me desmascarar.

Ela era jovem e merecia uma mesa com uma família no café da manhã, viver com um filho as coisas que aqueles desenhos no teto do seu quarto ilustravam, do jeito que me admitiu sonhar. Eu poderia dar tudo a ela: um casamento, uma casa e a fidelidade que deveria ser lei para qualquer casal. Mas, e se ela me traísse como a Rose fez?

Para onde estava levando aquela história?

Eu fui um canalha, me equiparei à sua traição ao brincar com sua mente, e não me arrependia, mas, por um segundo, me senti um monstro ao ver aquela garota arruinada tão feliz com um presente.

Tão machucada.

Tão parecida comigo!

Não achei que fosse sair disso ferido também, todavia, talvez aquele fosse o único destino para nossa história. Ou ela reconheceria que errou? Entenderia que mereceu e poderia ter me enfiado atrás das grades com aquelas fotos? Se acontecesse, ainda haveria algo para nós no fim da linha.

Ethan, o moleque sorridente que vivia grudado nela, estava elegante com um sobretudo preto como o meu. Hoje cedo, fiquei estacionado aqui, e vi quando ela chegou para a aula em seu carro, mas seguida pelo veículo dele. Ali matei a charada que estava em Salém, na casa daquele maldito pau no cu.

Estava tão fodido por ela, que conhecia de cor toda a sua grade da faculdade, os horários de sua

rotina. Emily morava na minha mente, assim como lutei para montar um acampamento na dela.

O desgraçado pegou em seus cabelos soltos, por baixo da touca preta de frio, rodando o anelar na mecha longa e deslizando para baixo. Apertei os dentes, enfiando as unhas no couro do volante.

— Ela não é a Rose — sussurrei.

Porra, a fantasminha disse ao Zayn que tinha namorado, recusou o convite de uma festinha, demonstrando fidelidade, afinal.

Não importava que ela gostasse daquele pirralho metido a galã, se estava em meu caminho, querendo a minha mulher, aprenderia uma lição.

Com pálpebras franzidas, os observei até que o papinho terminou e Emily finalmente caminhou até o estacionamento, enquanto Ethan seguia perto dos portões, falando ao celular com um sorriso largo na cara.

Eu deveria castigá-la por essa merda, mas, enquanto a via se enfiar em seu carro, finalmente meu celular deu a notificação do aplicativo de rastreamento. Olhei o pontinho no mapa marcando-a próximo a mim.

Por que só ligou o telefone agora?

Brown manobrou a picape no estacionamento, depois partiu, pegando o lado esquerdo da avenida, parecendo ir em direção ao distrito da minha propriedade.

Exalei profundamente, ao menos ela estava voltando para casa.

O sentimento bom não durou muito, porque, quando o fura-olho passou na frente do meu carro, pensei em descer bem ali e socar a cara dele.

Ser impulsivo tinha seus custos, por isso, lutava para ir ao contrário dessa vontade, calculando as coisas para agir na hora certa. E mesmo quando a

fúria acendia, sabia que poderia contornar as coisas, como fiz ao punir a Brown, ao espancar o Paine e o jornalista.

Se pegasse o moleque naquele estacionamento, assinaria minha sentença para todos, de que tinha ciúmes da Emily, entregando-lhe a certeza de que eu era o seu *stalker*.

Ethan entrou em seu carro e dei um bom espaço de tempo até guiar o meu para a avenida, e feito um gavião, começar a segui-lo. Não o mataria, afinal, era apenas um moleque. Mas socaria sua cabeça contra uma parede e assim deixaria a Emily o recado de que não gostei nada do seu tratamento de silêncio.

O segui até Salém. Estacionou em uma rua sem saída, bem nos fundos, onde apenas uma casa térrea de madeira clara estava quase inteiramente apagada.

Desci do automóvel na esquina e, assobiando, fingi olhar o relógio por baixo do sobretudo, enquanto apressava o passo ao vê-lo debruçado contra o banco do motorista, procurando algo dentro do carro.

Alisei o dorso da mão, gostando que as três casas mais próximas estavam entregues à penumbra. Sem testemunhas da surra, era o momento ideal, e o pegando de costas conseguiria socar sua cara no carro sem que me reconhecesse depois.

A cerca de trinta passos do arrombado, travei. No meio da rua, resolvi dar meia volta ao ver a porta da casa atrás dele se abrindo. Um jovem saiu de lá, tão elegante quanto Ethan, usando sobretudo creme e luvas combinando. Talvez fosse irmão dele, mais um intrometido surgindo na hora errada para ferrar minha mente.

Eu precisava punir aquele filho da puta! Deveria ser crime cobiçar a mulher dos outros daquele jeito, e já que não era, o maldito precisava pagar.

“Oi, melhor namorado do mundo”, um dos dois disse.

De costas, não conseguia saber quem.

“Ah, lindo, me desculpe a demora. Tive um pequeno contratempo com a Emi, e precisei fazer um trabalho de base para ela se sentir bem, antes de vir para casa, até contei minha melhor piada. A bichinha anda tristinha que só...”

Já me apressava para longe, temendo ser visto, quando precisei pegar o celular no bolso do casaco e simular uma chamada telefônica. Meus olhos, abertos demais, ardiam com o sopro do vento frio serpenteando pelo lugar. Algo me dizia que a conversa deles teria algum valor.

“Ah, coitadinha. É sobre o tal namorado misterioso que me contou por mensagem?”

“Sim, gatinho”, um bufo alto soou, depois a porta do carro foi batida e o alarme acionado. *“Estava achando ela esquisita há um tempinho, aí veio passar os últimos dois dias aqui e acabou me confessando que está envolvida com esse cara maluco, e segue chateada porque tem dúvidas de se ele...”*

“Me conte aqui dentro, Ethan. Venha logo, vamos sair desse frio, pois meus dentes já estão batendo!”.

Que Ethan era gay, agora não me restavam dúvidas.

Ao expulsar o ar pelas narinas com força, senti que soprava para fora a entidade maligna que vivia dentro de mim, rogando por vingança a todo custo.

Quando caminhei para o carro apertando o aparelho entre os dedos, ao menos soube que ela não havia me traído, pelo contrário, se referiu a mim como namorado para mais alguém. E como o namoradinho do Ethan interrompeu seu monólogo, impedindo-me de descobrir alguma coisa, me restava invadir o quarto da Emily e descobrir.

Ela estava feliz.

Gostou do presente.

Então por que sumiu?

Será que queria me forçar a aparecer sem a máscara? Eu não deveria fazer isso logo? E se perguntasse a ela suas razões para vender as fotos, e deixasse, finalmente, que me desse suas explicações?

E se, depois de tudo, ela ainda me quisesse?

O que ofereceria a ela enquanto homem?

Nunca fui o tipo de cara a me contentar com fodas casuais e rasas, não quando me interessava. E só recorri às prostitutas porque precisava me esvaziar após o assassinato da minha esposa.

Passei duas décadas da minha vida sendo fiel à mesma mulher, e agora, andava obcecado por Emily, e se algo entre nós dois sobrevivesse, depois que eu criasse um rombo em seu peito, lhe revelando minha identidade, a tomaria como minha publicamente.

Sabia que era um desgraçado possessivo, sádico, e até com Rose mantinha a relação de punição e recompensa, a dominando, embora não tivesse sido o suficiente para a desgraçada.

O menino emocionado de dez anos sobrepunha tudo dentro de mim quando confiava, o que era meu maior problema. Eu me apegava, amava, e protegia, tentando dar todos os meus sentimentos bons.

E, porra, Emily me apunhalou uma vez, e parecia que todo mundo nessa vida acabaria me traindo, que meu amor mais puro, mais do que nunca, deveria ser apenas para os meus filhos. Porém, não consegui manter o controle dos meus sentimentos por ela, para que se limitassem apenas à vingança. O que sentia crescia, tornava-se assustador, com um volume tão grande e um calor tão forte, que poderia sobrepor o Sol. E se aquilo se expandisse mais, poderia amá-la a ponto de desejar reconstruir minha vida?

Sempre precisei ser o meu próprio herói, mas, olhando de esguelha para aquela casinha no fim da rua, quase fui um vilão injusto para quem não merecia.

Infelizmente, corrompido até a alma, não conseguia me culpar por tempo demais. No fim das contas, Ethan não deveria ter sido tão suspeito pegando na porra do cabelo dela, mesmo que fosse seu amigo, ainda mais no momento em que minha mente jazia frenética, criando a todo momento a certeza de que ela estava tentando escapar por entre os meus dedos.

Não pude deixar de sentir a sensação de ser um merda quando agarrei o volante do carro, finalmente me abrigando contra o frio que fazia minha respiração quase traçar uma pintura branca no ar. Liguei o aquecedor e bati a testa algumas vezes contra o couro da direção.

Ethan ainda me chamou de maluco... Soprei um som de escárnio. Ele deu foi muita sorte de eu descobrir que não era uma ameaça a tempo de não tomar porrada.

Percorrendo a distância até minha casa, só me restava arrancar da boca da Emily os motivos para me evitar daquele jeito.

33

DRAKE WALTON

Estacionei o carro há algumas ruas e após uma caminhada apressada adentrei a garagem de casa para trocar a roupa. Afinal, mesmo com sua localização marcando que estava no casebre, Emily seguia sem me dar respostas.

Quando acendi a luz do cômodo, vasculhei a gaveta à procura do meu traje de *stalker*, mas o barulho alto de líquido sorvido me fez, calmamente, erguer a postura. Girei sobre os calcanhares, e poderia bem ser minha sombra a silhueta parada abaixo da porta que levava à cozinha.

Com uma calça xadrez escura e uma camiseta preta, Bran me espreitava, interessado demais no conteúdo da gaveta. Dei um passo para o lado, tapando com o corpo um trecho da pequena cômoda de metal vermelho.

— Tá fazendo o quê aí, pai, todo suspeito mexendo nessa gaveta? — Bran perguntou, sugando o canudo de uma caixa de suco.

Apertei os lábios e, meneando a cabeça, soprei um som de zombaria.

— Procurando a ferramenta para fazer um ajuste no carro — menti, fitando seus olhos, tão idênticos aos

meus. — E você? Me espionando?

— Estava na cozinha, ué. Então ouvi um barulho e vim ver se não era um bandidinho fuçando nossas coisas. — Me encarava sério, tentando enxergar por cima do meu ombro. — Não parece ter ferramenta aí.

— Moleque, meta-se em sua vida! — ordenei, sem paciência. — Vai, cai fora daqui!

— Meio esquisito vir à garagem no meio da noite e ver meu pai mexendo numa roupa escura, quando seu desafeto acaba de ser encontrado morto.

Meus olhos giraram pela garagem enquanto meu cenho se franziu a contragosto.

— O quê? — Meu peito disparou. — Está falando de quem?

Meu filho apertou os cílios para mim, amassando a caixinha em sua mão. Acostumado com seu olhar de apreço, aquela punhalada no meu peito por presenciar sua desconfiança era aguda, dolorosa demais.

— Paine — sua voz era jocosa, e seu rosto, fechado demais. — Ele foi encontrado morto há cerca de uma hora, mais ou menos.

Minha visão se escureceu, enquanto o sangue do meu corpo parecia aquecido numa forja de fundição, borbulhando, me queimando vivo de dentro para fora.

Eu gostava de imaginar a sensação de uma queda no Espaço, quando menino, mas sabia que lá não existia gravidade, então eu seria empurrado em uma direção contínua, até que outra força me sugasse para o outro lado ou me impedisse.

Eu fui atraído com tanta intensidade na direção do assassino da minha mãe, ansiando por matá-lo como preço de sua dívida... então, do nada, me sentia obrigado a ir para outro lado.

“Pai?”, era um sussurro longe e tão perdido no vácuo do Espaço que era o mundo ao meu redor, que

eu não conseguia ter certeza de que não estava sozinho ali.

Em uma vida inteira sem ter algum rosto concreto de quem duvidar, por fim achei que Paine fosse o maior suspeito de ser o AD. Ele foi amante da minha esposa, suspeito da sua morte, tumultuador das investigações por todos esses anos. Se fosse ele o Assassino das Divorciadas, alguém arrancara de mim o direito legítimo da minha vingança.

Precisava aplacar aquela coisa queimando dentro de mim, e tudo o que enxerguei foi o painel de ferramentas acima da cômoda. Logo uma chave inglesa estava entre os meus dedos, depois, rodopiando pelo ar até, por fim, atravessar o vidro do meu carro, que pairava no meio da garagem.

Minha garganta ardeu e só quando ouvi o grito, entendi que era meu.

Não!

Nenhum outro filho da puta tinha o direito de matar o assassino da minha mãe.

Naquelas três semanas longe da Emily, gastei a pouca energia que tinha em idas até o meu advogado, perturbando nosso investigador particular para revirar o caso pela milésima vez, para checar a vida de Paine. Nem seus filhos e antepassados escaparam da investigação.

Uma mão tocou forte o meu corpo, então, o grito foi mais alto:

— Ei, pai! — Fui chacoalhado pelos dois ombros. — Fala comigo!

Apertei os cílios com força, ao abri-los, consegui ver o meu moleque. Seus olhos avermelhados expressavam confusão. Engoli os espinhos presos na minha garganta e, exalando com dificuldade pela boca, dei um passo atrás.

— Não fui eu — pousei a mão em sua nuca e, piscando com força, segurei seu olhar —, entendeu?

Meu filho assentiu, parecendo uma criança de tão assustado, então chacoalhei seu cabelo, como costumava fazer quando ele caía e vinha até mim entregue ao choro.

Caminhei até o porta-chaves ao lado do painel de instrumentos, onde deixávamos as chaves dos carros, e não esperei permissão ao pegar a da picape azul de Bran, pois, com o banco do meu carro repleto de vidro, ele não era opção.

— Aonde você vai?

Cambaleei até o carro, ouvindo seus passos atrás de mim.

— Até o Richard — sussurrei —, para entender melhor sobre a morte de Paine.

— Não vai dirigir assim, pai. Está doido? Olha o seu estado! — Prostrou-se diante da porta do carro. — Eu levo você até lá, vamos, me dê a chave!

Quando não fiz movimento, ele pegou a chave das minhas mãos e destravou o carro, assumindo o volante.

Pesado demais, dei passos lentos até o banco do carona.

Não queria que Bran fosse comigo.

Não queria... que meu filho ouvisse a história do garoto órfão que jamais fora sussurrada a um Walton além de Oscar e Ava.

— É no escritório ou na casa do Richard?

— No escritório. Ele costuma ficar lá até altas horas em dias de semana...

Olhei para o vidro enquanto o carro se movia, fitando a névoa densa que tomava a paisagem. Algum tempo depois, duvidando se a neblina não estava infiltrada dentro do meu cérebro, chegamos ao prédio de destino.

Quando descemos do carro, meu filho alisou minhas costas por cima do sobretudo, com as sobrancelhas caídas e totalmente longe da pose de durão que usava com seus amigos. Só então, percebi que o menino estava sem agasalho e descalço. Tirei o meu casaco e o dei a ele, tentando preparar meu coração para o que veria em sua face quando ouvisse aquela porra toda.

Ao entrarmos no prédio antigo, de tijolos vermelhos e janelas estreitas e retangulares, senti meus pelos arrepiados pelo vento gelado. Subindo no elevador, sentia o combo do corpo pesado atrelado ao fogo corroendo o meu peito parecendo perfeito para me destruir.

O último andar inteiro era a sede do *Escritório de Advocacia Weber,* onde paramos. O ambiente rústico tinha um costumeiro cheiro cítrico e ao menos a temperatura quente do lugar me trouxe algum alento.

A assistente dele me deu um sorriso largo, jogando a franja grande do cabelo loiro para atrás da orelha. Saiu de trás da mesa da recepção amendoada, alisando o vestido escuro e apertado contra o corpo magro, então tilintando seus saltos vermelhos e finos até nós dois.

A ignorei, atravessando a recepção clássica forrada com painéis de madeira sem esperar por sua permissão. Bran me seguiu, enquanto atravessamos a porta de vidro que levava ao corredor claro e repleto de portas marrons, que comportavam as salas dos associados do meu advogado.

Nosso destino era a sala ao fundo. Adentrei como um rojão, alisando para trás os cabelos enquanto encarava o homem na casa dos cinquenta, mas que parecia mais jovem do que eu.

Ele aprumou a postura, retirando os olhos castanhos e sempre inquisidores da tela de seu

computador. Seu terno cinza parecia ainda tão caro quanto seu relógio de ouro, e sentado atrás daquela mesa de madeira maciça e amendoada, transmitia a figura exata do que era: um cara poderoso.

— Como essa porra aconteceu? — perguntei, pisando duro, até me jogar em uma das poltronas de couro caramelo à frente dele.

Bran sentou-se ao meu lado e Richard guiou os olhos castanhos para ele, elevando uma das sobrancelhas enquanto coçava o nariz afilado com a ponta do dedo.

— Quer tratar suas merdas na frente do menino? — Ele largou as costas contra o assento.

— Tenho vinte um anos, cara. Sou adulto, e você, como advogado do meu pai, não deveria saber? — Bran retrucou, um semblante sombrio no rosto.

Inspirei fundo. O cara era o melhor advogado que conhecia e, em toda a sua história, colecionava apenas um caso perdido nos tribunais. Sua fama se devia não apenas à defesa de seus clientes, mas também porque tinha uma rede de pessoas a postos para limpar as bagunças que nós fazíamos. Por outro lado, tinha um gênio de merda e o deboche enraizado em sua alma, que sempre fazia meu punho coçar.

— Drake, vamos, pare de imaginar o jeito correto de quebrar o meu maxilar e me diga, podemos tratar de tudo na frente do seu filho? — Seu rosto oval se abriu em um sorriso largo e branco.

— Fale de uma vez! — mandei, reparando no excesso de gel mantendo seus cabelos loiro-escuros para trás.

Soltei as costas no assento, com a mente anuviada demais para conseguir desejar algo além de respostas.

— Tudo bem. — Tamborilou os dedos sobre a madeira, adotando um semblante mais sério. —

Segundo minha fonte de dentro da delegacia, Paine estava obcecado por uma pista que havia encontrado sobre o assassino da sua mãe.

Ele riu, observando com seu cinismo sádico o choque na cara do meu filho.

Desgraçado!

— Co... como assim? — Bran virou-se de lado no assento, os olhos negros arregalados, mirando os meus. — Sua mãe? Você é filho de uma das vítimas, pai?

Fechei os olhos por um momento, tentando lidar com a dor tomando minhas têmporas.

— Sim, filho — sussurrei. — Já te conto tudo, deixe-me só...

— Qual delas? — Bran me atropelou. — Por que nunca me contou? Você só falou sobre ser órfão.

Tentei olhar para as paredes brancas de rodapés de madeira, ou para as marinas pintadas à tinta à óleo espalhadas pela parede, até para um porta retrato com a foto da filha dele, Madson, pairando sobre a sua mesa, mas minha mente embaralhava palavras demais, não me dando margem para distrações.

Richard era um merda, e se eu me achava louco e sádico, ele era pior. Me deu a porra de uma notícia a qual me agarrar, uma possível pista sugerindo que, talvez, Paine não fosse o assassino. Mas, ao mesmo tempo, me fodeu, porque não tinha como fugir do pigarrear do Bran, exigindo explicações.

— Roselyn Philip — confessei, por fim. — Ela foi a primeira vítima e morreu quando eu tinha dez anos, então fui para o orfanato, e depois adotado pelos seus avós.

Encarei o prazer nos olhos de Richard, voltando a alisar os nós dos dedos, pensando em socá-lo no meio da boca para fazer seu sorriso morrer.

A gente se conhecia há anos, e o filho da puta com porte atlético alisando a barba rala sempre havia sido assim.

— Uau. — Bran suspirou. — Sinto muito.

Os ombros do meu moleque encolheram, e meus olhos queimaram, mas consegui conter os danos e dar uma chacoalhada no ombro dele.

— Está tudo bem, ok? — Forcei um sorriso, mesmo vendo refletido em seu rosto que não acreditava em mim. — Agora, preciso me concentrar nisso aqui.

Ele olhou para baixo quando me virei para Richard, que fingia mexer em uns papéis.

— Então, conte-me mais sobre o caso.

— Onde você estava na hora em que ele morreu? Sabe que preciso saber de tudo, né?

— Atrás de um moleque que achei estar de olho na minha garota.

— Garota? — Bran questionou, me encarando de soslaio.

Dei de ombros, ignorando seu olhar curioso, então soprei para Richard:

— Preciso de álibi?

— Sim, vamos dizer que você estava aqui, comigo. — Bufou pelo nariz. — Sei que não foi você. — Mirou no fundo dos meus olhos, mais sério daquela vez, enquanto pegava um papel e corria os olhos por ele. — Voltando ao caso, o xerife foi encontrado morto nas imediações do clube de strippers do centro da cidade, por volta das 19h. Seu corpo tinha uma laceração intensa causada por uma lâmina, que perfurou o abdômen, atingindo órgãos internos e subindo em direção ao tórax, causando danos significativos que o levaram a óbito. Depois, o assassino urinou sobre o cadáver.

— Porra! — Bran disse, assombrado.

Não sentia pena daquele maldito, provavelmente teve uma recepção calorosa de Rose no quinto dos infernos. Meu interesse era outro:

— E a pista, qual era? E para quem ele contou sobre isso?

— Ele contou ao Jackson por uma chamada, mas não aceitou reforços, tampouco disse quem era ou o que tinha encontrado.

— Puta que pariu. — Segurei a cabeça e me joguei contra o assento. — Eu moí o cara na porrada e ele achou que daria conta sozinho de um suspeito de assassinato, todo ruim daquele jeito?

— Ué, foi você quem bateu no Paine? Ele não tinha sido assaltado?

— Acha mesmo que alguém assaltaria o xerife, menino? — a voz zombeteira de Richard retorquiu.

— Bom, ao menos, agora, vocês sabem que ainda tem um suspeito a solta por aí — Bran falou —, porque, em doze anos sumido, achei que o AD tinha migrado para outro estado, ou sido morto.

— Não há assinatura de homicídios como o das mulheres de Shadow Valley pelo país. Ele não matou novamente, filho.

— Como vocês sabem disso? — Bran insistiu.

— Porque eu gasto rios de dinheiro com um investigador infiltrado que tem muitos contatos. Simplesmente, o assassino dessa cidade nunca matou fora daqui.

Pelo menos eu tinha a certeza de que o assassino das divorciadas estava vivo, e que apagou o xerife porque foi descoberto.

34

Emily Brown

Passar dois dias na casa de Ethan quase foi bom.

O que estragou tudo foi minha ansiedade pensando em como o *stalker* encararia minha represália. Não consegui me concentrar no jogo de cartas com ele e sua avó, a Sra. Katerine, e sequer fui capaz de rir da série que assistimos juntos. Terminei as noites me lamentando com ele sobre meu relacionamento e o quanto meu "namorado" era nublado. E não pude correr, acabei confessando que estava com medo de ele ter outra pessoa.

Quando liguei meu celular, ao sair da aula, encontrei muitas mensagens dele, algumas me cobrando, outras ameaçando punição — as que me fizeram tremer —, mas a última expressava desespero:

Stalker: O que houve, Emily? Por que não me responde?

Já em casa, me preparei a noite inteira para sua vinda, recitando cada argumento que usaria para resumi-lo a um sonso e atirar na cara dele que sabia que mantinha alguém pelas minhas costas. Não havia momento mais perfeito, porque meu avô estava no Joe's enchendo a cara e chegaria podre de bêbado, o

que não atrapalharia minha briga com aquele maldito mascarado.

Apenas fui tola! Pois sendo um bom filho da mãe, o perseguidor me frustrou, me fazendo bater os cílios para o teto do quarto por horas, e não deu as caras.

Comecei o dia chorando, tendo de me maquiar para esconder as olheiras e tentar minimamente disfarçar os olhos inchados, arriscando uma bronca do velho Jack, que certamente me diria que estava emperiquitada para o meu macho.

Ao menos o meu karma em formato de homem trocara o vidro da janela enquanto eu estava fora, o que me deixava em posição de devolver o seu dinheiro ou me sentiria uma prostituta barata, aceitando aquilo logo depois de um boquete.

Descendo as escadas, puxei mais para baixo a barra do casaco caqui que cobria meu suéter preto, enquanto ele roçava no meu quadril, sobre o jeans escuro.

Jack, sentado em sua poltrona de estimação, fingia ler um exemplar do jornal da cidade nas mãos, enquanto minhas botas longas ressoavam pelas tábuas da casa.

Meu avô não sabia ler direito, então estava fazendo graça ou admirando as fotos.

— Está sabendo da mais nova? — perguntou, com aquele ar de reprovação que vivia grudado em sua alma, enquanto eu caminhava para a cozinha.

— O que foi, hein? — rebati exasperada, indo tomar o meu café da manhã. — Não vem encher o meu saco logo cedo!

— Tá se garantindo naquele merdinha que anda te comendo, né?

Meu peito flamejava enquanto eu vasculhava o armário da cozinha, proferindo ameaças por cima do ombro:

— Estou mesmo! E não se esqueça de que o *merdinha* sempre pode voltar, afinal, ainda te restam muitos dedos!

— Você brinca com o perigo, menina — avisou. — Mas me diga, não está sabendo mesmo que Paine apareceu morto? — Fez um som de escárnio. — Essa cidade é mesmo um balde de merda. Se matam o xerife na cara dura, o que dirá de nós, os pobres desse fim de mundo...

Travei no meio da tarefa de pegar o cereal.

— Deixe de mentiras! — ordenei, marchando duro até sua frente. — Que história é essa?

— Ele foi assassinado sim, olhe aqui!

Estendeu-me o jornal.

Meio trêmula, sentindo o papel em meus dedos, vi a foto de Paine estampada na manchete. Li cada palavra, com a pele gelada e os pelos arrepiados.

Como assim?

Que merda de lugar é esse, onde assassinam o xerife sem deixar rastros?

O *stalker*... ele... ele não veio essa noite.

Não, não podia ser ele!

Por que faria algo assim? Jamais mencionou o xerife. E levando em conta que o mascarado só me visitava quando bem entendia, não podia usar sua ausência como indicativo para ser suspeito do homicídio, ou podia?

Atirei o jornal ao chão, precisando de ar. Paine não era ninguém para mim, então, não deveria lhe dedicar empatia. Só conseguia pensar em sua esposa, em seus filhos. Mais do que ninguém, entendia a dor de perder alguém amado daquela forma.

Fiquei um tempo olhando para o gramado da casa, imaginando um futuro longe desse pesadelo chamado Shadow Valley, quando me dei conta de que ainda precisava trabalhar.

Voltei à cozinha e forcei uma maçã a descer pela minha garganta, enquanto, felizmente, Jack ignorava minha existência assistindo TV. Bebi um pouco de suco, mas quando girei a torneira para lavar o copo, não saiu água. Há meia hora estava normal, saindo em jatos potentes da torneira do banheiro enquanto me arrumava após acordar.

Quase quebrei o copo ao pousá-lo com um baque sobre a pia. Inspirei fundo, tentando me lembrar se havia pagado a conta da água, mas minha mente parecia uma tela em branco.

Ao menos tinha um poço nos fundos da casa. O único problema era que jamais o vira funcionando.

Saí pela porta da sala, em direção ao círculo de pedra quase perdido em meio à grama alta, que, por sinal, logo precisaria ser aparada. Suas paredes eram enegrecidas e tomadas de lodo. Parada diante dele, notei a tampa densa de pedra que o cobria. Deitei a cabeça para um lado, fitando a manivela enferrujada que sequer abrigava uma corda ligada a ela.

Me ajoelhando no chão, tentei empurrar a tampa para o lado, cerrando os dentes, porque era tão duro, que parecia emperrado.

— O que pensa que está fazendo, menina? — o grito foi tão alto, que uma debandada de pássaros bateu asas para longe das árvores no bosque atrás de nós.

Fiquei de pé, batendo as calças para tentar expulsar um pouco do orvalho que molhava meus joelhos. Me virei para o velho Jack, que acendia o cigarro com seu isqueiro de estimação, um objeto metálico e retangular preso a um chaveiro.

— Não está óbvio que tentava abrir o poço para pegar água? — insinuei com desdém. — Alguém tem de se mover para que a porra da casa funcione!

— Não a quero mexendo ali, sua burra! — bradou. — O poço é desativado e fundo pra caralho. Se cair, vai rachar essa cabeça de vento lá embaixo.

— E você se importa? — Dei de ombros, observando a queima lenta do papel de fumo em seus dedos.

Jack pousava seus olhos jocosos sobre mim e só faltava sibilar a língua, pois era claramente uma cobra esperando o momento certo de me açoitar com seu veneno.

— Que porra é essa no seu pescoço?

Nem senti que ele cortava a distância.

Tudo o que percebi foi ser lançada contra o chão. Primeiro, meu corpo processou o barulho da pancada, e então o estalo em minha bochecha, que raspou em uma pedra pontuda e acabou rasgando. A pele ardeu enquanto eu sentia o cheiro do sangue e tocava a região. Gemi baixinho, horrorizada, notando meus dedos ensanguentados.

— Olha o que você fez! — acusei, aérea demais para conseguir me levantar.

— Não fique achando que vai esfregar chupões de macho na minha fuça, garota!

Jack apontou o dedo na minha cara enquanto eu pensava que, quando me levantasse, o faria engolir aquele isqueiro.

No início, não compreendi o rastro escuro que surgiu do nada, nem o barulho absurdo que me fez paralisar. Foi então que o estrondoso impacto de meu avô caindo diante de mim me atingiu. Tudo o que meus olhos enxergavam era Drake montado em cima dele, socando seu rosto, com os olhos tão injetados que parecia o próprio Diabo. Ele desferiu tantos socos em Jack, que acabaria matando o velho.

Assim que seus golpes cessaram, meu avô se engasgou tentando soltar um longo gemido. Seu rosto

era uma confusão tomada por inchaço e sangue. Drake puxou Jack pela gola do macacão azul, forçando-o a ficar de pé.

— Não ouse bater nela, seu filho da puta! — gritou, chacoalhando-o pelo macacão. — Escute bem, velho, se eu o vir pela minha propriedade outra vez, o farei engolir os dentes, um a um — ameaçou. — Você não mora mais aqui, não trabalha mais para mim.

Foi difícil ouvir aquilo tudo enquanto meus batimentos tentavam suplantar minha audição. Perdida, vi meu chefe arrastando meu avô pela roupa, o levando para a frente da casa.

— Por favor, senhor... — Jack murmurava. — Não tenho para onde ir.

— Então viva na rua, mas se pisar aqui, usarei meu direito civil de defender a propriedade, e talvez meta uma arma no seu cu antes de atirar.

Meu cérebro tentava processar tudo, mas, falando daquele jeito, não soava como o Drake que eu conhecia.

Nunca tinha visto essa versão sua, que se transformava ao ficar bravo.

Assustada e trêmula, consegui me levantar, então cambaleei para a frente da casa, sentindo a dor latejando pelo osso da minha face e parecendo se alastrar para o queixo.

Enquanto Drake expulsava o Velho Jack pela trilha de pinheiros, eu me apoiei no parapeito da varanda com uma mão. Sentia como se tivessem amarrado minhas artérias, porque o nó cravado em meu coração doía e parecia impedi-lo de bater.

Lágrimas desaguavam dos meus olhos e, em desespero, me escorei nas paredes até conseguir voltar à sala. Caí de joelhos depois da porta, com soluços escapando pela minha boca.

Drake falou sério? Eu estava livre, finalmente? Então por que doía tanto? Por que ainda amava o meu maior abusador? Por que me preocupava se ele ficaria bem? Não deveria me importar, e sabia que, acima de qualquer coisa, Jack merecia aquilo, que jamais foi digno dos meus sentimentos.

Ainda assim, meu peito ardia.

— Droga, olhe só você... — Drake se ajoelhou, segurando meu queixo e avaliando os estragos em meu rosto. — Aquele maldito!

— Ele foi embora?

— O joguei na frente da casa e pedi a Lindsay que o ajudasse a sair pelos portões, e avisei que se houvesse resistência, era para me chamar que voltaria com uma arma.

— Não quero que atire nele... — avisei, sentindo-me imunda por ser incapaz de controlar meu coração.

Ele respirou fundo, com os olhos cerrados, e me fitou de forma severa.

— Aquele verme não merece o seu amor, sabia? — rebateu. — Eu não o quero aqui!

Solucei a ponto do meu peito tremer, tentando dizer a mim mesma que Jack não era minha responsabilidade.

— Eu... e... eu sei que ele não merece — concordei, em meio aos engasgos.

— Preciso cuidar do seu rosto. Você tem um kit médico?

— O corte está fundo?

— Não muito.

— Tem um kit de primeiros socorros no meu banheiro.

Ouvi seus passos sobre a escada, e no mesmo segundo que pensava que não deveria usar a barra do suéter para conter o sangue, também me perguntei

como ele sabia que o meu quarto era o do segundo andar.

Ele era o dono daquela casa, afinal. Devia conhecer tudo muito bem.

Drake já estava diante de mim outra vez, abrindo uma pequena nécessaire de primeiros socorros. Enquanto ele rasgava um pacote de gases, pude ver suas mãos tremendo.

— O que veio fazer aqui?

Ele, assim como eu, já deveria estar no trabalho. E, na realidade, Drake nunca vinha até a nossa casa, nem quando precisava falar com Jack.

De joelhos diante de mim, inclinou-se sobre o meu rosto, fazendo-me fechar os olhos enquanto soltava um silvo de dor, porque ele aplicou o spray antisséptico sobre o corte.

— A água da propriedade acabou e precisava que o maldito chamasse alguém para checar — explicou, a voz tão rude e nervosa que, por um mísero segundo, me lembrou o *stalker*. Revirei os olhos, só podia estar chocada demais com tudo aquilo e confundindo as bolas comparando os dois. — Não vai precisar de pontos, então vou aplicar pomada e colocar um band-aid, ok?

— Mas sangrou tanto...

Encarei meus dedos manchados de vermelho, enquanto ele aplicava a pomada no ferimento.

— É porque o corte foi um pouco longo, mas não se preocupe, fantasminha, não é nada grave.

Fantasminha... A dor em meu peito ao ouvir o apelido sobrepôs a do ferimento em minha pele.

Fechei os olhos e mordi o canto da bochecha até que o sangue também estivesse sobre a minha língua. Curvei os ombros e um suspiro de alívio escapou da minha boca com a nova onda de dor.

A dor causada pelo meu avô apenas me revoltava, mexendo em partes de mim que não tinham beleza. No entanto, arrancando algo doloroso de mim mesma, ao me ferir, eu relaxava, encontrando um alento bizarro.

Drake colocou o band-aid no topo da maçã esquerda do meu rosto e, ao terminar, segurou minhas bochechas entre as mãos com todo o cuidado do mundo, como se eu fosse feita de vidro e temesse que eu fosse me partir mais.

Quando consegui encará-lo outra vez, estava tão raivoso, respirando com fúria. Usava uma jaqueta preta com fundo de lã amarelada, e com os cabelos alinhados para trás e a barba aparada, poderia bem ser algum deus sombrio, perfeito demais para uma mortal como eu.

— Essa casa está caindo aos pedaços, Emily. — Parecia querer me atravessar com aquela encarada profunda. — Por que não vem morar comigo por um tempo? Assim podemos reformar isso aqui.

Drake corria o olhar pelas paredes lascadas e o trecho entre nós dois e a cozinha, que ostentava algumas tábuas soltas.

As lágrimas caindo doíam, tão pesadas e carregadas de sofrimento.

Em outro momento da vida, teria amado aquele convite, me apegado a ele com a certeza de um futuro com Drake. E, droga, eu deveria ter feito as coisas certas, e assim poderia viver algo puro.

Ele era proteção, e agora, mais sozinha do que já estive em toda a vida, sentia que precisava daquilo.

Drake também não dava sinais de que me queria há um bom tempo. Ele terminou o que mal começamos, e se ele demonstrasse que ainda me queria, não teria tantas coisas rondando a minha pele, dizendo que meu destino era a solidão.

A sensação de que, se as coisas fossem diferentes com Drake, a partida do meu avô não me afetaria de forma tão desesperadora, pairava sobre mim como uma sombra.

Drake era seguro, respeitável e confiável. Mas tão abraçada à minha podridão, escolhi segurar o segredo de que tinha um *stalker* sombrio, que ao contrário dele, carregava consigo boa dose do perigo que alimentava minha parte imoral.

Eu nem sabia quem era o homem atrás daquela máscara e, ainda assim, fui me apaixonando. Eu só não mentiria, não fingiria a mim mesma que não tinha escolhido um lado, porque claramente havia me jogado em uma direção.

Eu não merecia os sentimentos do Drake, ou sua ajuda, nem nada de bom!

No fim, talvez tenha atraído para mim o retrato exato da escuridão dentro do meu peito: o *stalker*.

— Eu tenho uma... — cerrei os olhos com força, quase segurando a confissão em minha língua, porque sabia que traçava uma linha no chão, quase invisível, mas sólida o bastante — tenho uma pessoa, Drake.

E ainda que pudesse ver o choque em seu rosto, como se fosse um novo corte em minha alma, dizer aquilo a ele em voz alta quase tornava real que eu, de fato, tinha um relacionamento com o *stalker*.

Ao menos podia esperar que, vez ou outra, aquele homem quente em minha cama me trouxesse conforto, alívio, e até um pouco da sensação de ser, mesmo que de forma doente, um tanto querida.

Não queria me lembrar de que o stalker podia ter alguém, porque não tinha certeza também. Eu só queria algo sólido ao qual me agarrar, sem a preocupação de que, do nada, me deixasse sozinha também.

— Um namorado?

Seu rosto sem expressão me pegou desprevenida.

— Quase isso, então, não posso ficar na sua casa — expliquei. Não precisava que meu perseguidor colocasse Drake em seu radar. Ele matou um cara na minha frente, e tão ciumento, poderia resolver castigar não apenas a mim, mas expandir sua punição aos outros. — Eu não consigo alugar um local agora, então, se puder me deixar aqui, ao menos por enquanto...

— Pare com isso! — Fez um sinal de desdém com a mão. — Essa casa é sua, Emily. Fique o quanto precisar. E ainda mandarei alguém vir melhorar as coisas, pintar essas paredes, consertar o que estiver fora do lugar, ok?

Drake acariciou a minha bochecha abaixo do corte, depois secou as novas gotas vergonhosas caindo dos meus olhos.

Os cantos das suas sobrancelhas despencaram, enquanto, com olhos vermelhos e os lábios franzidos, fitava os meus olhos com algo tão palpável, tão... doloroso.

— Você está triste? — perguntei.

— Sim.

— Por minha causa?

— É claro. Não imaginei que Jack fosse agressivo com você naquele nível. — Expirou forte e afastou-se de mim. Ao se erguer, ofertou-me as mãos. — Preciso ir agora. Então, tente descansar. Tire o dia de folga, ok?

Fiquei de pé com o seu auxílio, observando-o alisar a calça negra. Flashs de sua surra em meu avô voltaram a mim quando vi as gotas de sangue em sua polo preta.

— Obrigada, Drake — alisei meus antebraços, encarando-o —, por tudo.

— Se precisar de mim, me ligue, ok?

Assenti.

Quando caminhou para a porta, me fitou por cima do ombro com pesar por um bom tempo, depois seguiu seu caminho.

Mais lenta do que deveria, fui até o quarto do Jack. Observei suas coisas, a cama bagunçada, a garrafa de vodca barata sobre a mesa de cabeceira. Quantas vezes desejei que ele sumisse e eu, enfim, tivesse paz? Então, por que parecia que eu tinha um novo buraco dentro do peito?

Como ainda podia gostar dele?

Eu menti ao dizer a ele que não o amava em nossa briga após a redoma. Era impossível não amar a única pessoa que me restava, mesmo quando tinha certeza do quanto ele me odiava.

Talvez aquele amor tóxico fosse como uma mutação, algo que se embrenhou em meu DNA e, mesmo que eu tentasse me livrar dele, sempre precisaria lidar com os rastros que deixou.

Peguei sua garrafa de bebida pela metade, dei um gole ávido, que desceu queimando em minha garganta, e caminhei para o banheiro. Um reflexo deprimente me encarou do espelho. Os olhos borrados pelo rímel escorrido, a bochecha com manchas de sangue, o rosto inchado e as pálpebras caídas.

Estava mais fodida do que nunca!

Quando perdi a minha mãe, jurei que o mundo já tinha cedido o suficiente sob os meus pés, e já no fundo do poço, não havia como cair mais.

Estava enganada.

Sempre podia esperar algo pior.

Sentada no banheiro, engoli boa parte do conteúdo da garrafa e pisquei para as paredes, tentando suplantar as coisas dentro de mim. Meu corpo começava a se esquentar pela bebida, mas o peito parecia um iceberg. Quando cambaleei para fora,

sentindo a visão turva, caminhei até a minha bolsa no balcão da cozinha. Peguei o meu telefone e enfiei no bolso frontal do jeans, depois voltei à sala e me joguei sobre a poltrona do Jack.

Quase pude ver as imagens das surras que me deu a vida inteira se desenrolando diante dos meus olhos como um filme em preto e branco. Senti a dor, o desamparo, o desespero.

Tudo aquilo moraria sob a minha pele para sempre, por culpa dele!

Me levantei e atirei a garrafa contra a parede da sala. Uma profusão de vidro se espalhou pela madeira do assoalho, e louca demais, eu rosnei. E segurando os cabelos, eu só conseguia pensar em Jack.

Todas as minhas partes podres eram culpa dele.

Meu avô me arruinou em tantos níveis, que não me restava alternativa, que não fosse entender que era uma benção me livrar dele.

Eu sempre fui sozinha. Precisei aprender a amparar meus sentimentos sem ajuda de ninguém, então, podia viver sem ele.

EU VIVI A VIDA INTEIRA SEM ELE!

Afinal, estar ao lado de alguém não significava presença.

Aquele maldito não podia viver mais dentro de mim. Ele merecia o meu ódio, o meu rancor, e eu deveria sorrir sabendo que ele estava ganhando nada menos que o merecido.

Sem pensar direito, me vi dentro do seu quarto, virando gaveta após gaveta e atirando suas roupas ao chão. Abri seu guarda-roupas e fui jogando os cabides por cima do ombro, com o rosto quente, as lágrimas correndo livre.

Desesperada, arruinada, agarrei montes de suas roupas e corri para fora. Caminhei para a fachada da

casa e, diante do gramado, montava uma pilha com seus pertences.

Meus pensamentos não funcionavam, eu só sentia o meu peito rugindo, precisando aplacar aquela coisa tão quente dentro dele, que parecia lava.

Dei voltas e mais voltas, entrando e saindo de casa, trazendo tudo o que encontrava do meu avô e atirando no amotinado de coisas sobre a grama. Por fim, joguei sua coleção de DVDs lá em cima.

Enquanto descarregava uma garrafa de álcool sobre a pilha, sabia que tentava cortar o cordão que me ligava àquele homem. Tentava queimar os sentimentos enquanto riscava o fósforo e via as chamas subindo. Elas dançaram diante dos meus olhos, quase refletindo a minha loucura em seu crepitar.

Caindo de joelhos, chorei tão alto que minha garganta reclamou. Segurei os meus cabelos, querendo que não doesse tanto. E ainda sim, sentia como se arrancasse um pedaço do meu peito e o atirasse à fogueira.

Fiquei por muito tempo sentada diante das chamas, olhando seu balanço, até que minhas lágrimas foram secando, e junto a cada uma delas, sentia as emoções em meu corpo suavizando.

Jack nunca se preocupou com os rombos que deixava dentro de mim, e eu aprendia a não me importar com seu paradeiro. Ele não era tão indefeso quanto eu fui por boa parte da vida, tendo de sobreviver a seus maus-tratos.

Quando liguei meu telefone, a primeira coisa que fiz foi bloquear o seu número. Ele tinha a casa de seu irmão, afinal. Que fosse morar lá!

Debruçada sobre os meus joelhos, rolava os dedos pela mensagem que acabara de chegar.

Stalker: Me espere esta noite!

Meu coração deu um tranco, mas ainda estava ferrada demais para sentir alguma coisa, para que tudo em mim deixasse de girar em torno do que acabara de definir que estava sozinha de vez.

Ainda assim, me vi digitando a mensagem:

Eu: Eu não quero vê-lo! Já tenho muito para me preocupar além de você e não estou bem, e tenho certeza de que você não está sendo sincero sobre não ter outra pessoa.

Emily Brown

Com uma xícara de café na mão, saí da copa apertada e branca e segui por um corredor claro até a porta marrom no final dele. Estava entreaberta, motivo pelo qual ouvira a voz do Drake lá da minha salinha, enquanto terminava o preparo de um defunto.

Entrando ali, planejava pedir desculpas pela confusão de ontem e, mais uma vez, agradecer pela sua ajuda.

Enquanto empurrava a porta com um ombro, para não derrubar a xícara, me lembrei de que ao menos conseguira dormir bem na noite passada. Claro que apaguei por ter bebido aquela vodca toda, mas, felizmente, o sono durou até de manhã.

— Fantasminha! — Drake saudou, atrás de uma mesa de vidro.

Dei um sorrisinho, que logo morreu ao notar seu olhar caótico e a alegria estampada na boca, mas que não chegava aos olhos.

Ele não parecia bem...

— Olá!

Caminhei até sua mesa e coloquei a xícara de cerâmica branca diante dele, notando-o repuxando

com a mão a gola do suéter cinza, fazendo uma careta no processo.

— Está melhor hoje?

Seu olhar foi direto aos vergões vermelhos e longos em meus antebraços, confissões silenciosas da última medida antiestresse que tomei antes do sono: enfiar as unhas bem fundo na pele e arrastar, almejando arrancar sangue.

— Dentro do possível. — Uni as mãos na parte de trás do corpo. — E você, está bem?

Assentiu.

— Sei que precisa aliviar o estresse se ferindo, mas desse jeito vai acabar se enchendo de cicatrizes... — murmurou, desviando o olhar para o computador.

Paralisei como se fosse feita de concreto.

— O que disse?

— Hã? — perguntou, voltando a me sondar com seus olhos intensos, parecendo perdido.

— V... vo... — Engoli profundamente, arregalando os olhos. — Você disse que eu alivio o estresse me ferindo. Como sabe disso?

O rosto dele não exibiu nada por uns bons segundos, enquanto meu peito fervia e eu lutava com a paranoia, que parecia crescer a ponto de se tornar maior do que eu, sussurrando absurdos sobre Drake ser o meu perseguidor.

— Ah, isso? — Deu um tapinha no ar, armando um sorriso sem dentes aparentes. — Eu já te vi se arranhando algumas vezes aqui no trabalho.

Suspirei audivelmente, como se tirasse uma bola de chumbo de cima do meu peito.

— Ah, sim... eu não percebo que faço isso — contei a mentira, porque não queria que ele me julgasse uma louca viciada em se automutilar.

A sala caiu em silêncio por uns instantes e eu já planejava escapar de sua visão, quando ele disse:

— Você fica linda maquiada desse jeito — seu semblante suavizou —, e deveria usar batom vermelho mais vezes.

Mirei os meus pés, segurando uma risadinha ao morder os lábios. Acabei notando meu avental preto sujo de maquiagem e os rastros beges da base cobriam até mesmo o topo dos meus seios, em exibição por conta do suéter preto e com decote em V.

— Ah, obrigada! É... posso usar o seu banheiro rapidinho?

— Claro! — Sorveu um pouco do café que lhe dei, os olhos tão presos aos meus seios que minha pele se esquentou. — Fique à vontade!

Soltando os braços ao lado do corpo, girei meus pés, envoltos nas galochas que o *stalker* me deu, sobre o carpete azul-escuro. Caminhando na sala ampla de paredes brancas, fui em direção ao banheiro. Quando fechei a porta atrás de mim, exalei o ar com vontade.

As paredes azulejadas ornavam bem com a pia ampla sobre uma bancada de madeira clara. Em cima do granito, alguns organizadores de metal azul com itens masculinos combinavam com o espelho retangular e enorme com moldura de mesma cor.

Meu reflexo no espelho era um caos. O jeans escuro todo sujo de maquiagem, e até na bochecha havia um risco de lápis de olho, abaixo do band-aid de caveirinhas que cobria o corte que meu avô deixara. Me sujei inteira durante o preparo do corpo de uma senhora, ainda há pouco.

Molhei um pouco de papel higiênico e tentei passar nos seios, sobre a tatuagem, e céus, sequer pensava direito. Aquela bosta só sairia com demaquilante, mas sabia que tinha me enfiado ali para fugir do olhar dele, porque me sentia traindo o *stalker* ao gostar tanto do rosto de Drake.

Esfregando com força uma das manchas de base, deixando até mesmo a pele ao redor avermelhada, inspirei fundo. Só não esperava que um cheiro absurdamente fresco me faria paralisar.

Inspirei mais uma, duas, três vezes.

Aquele cheiro...

Eu conhecia aquele cheiro!

Foi quase em câmera lenta que pousei o papel sobre a bancada, fitando os dois vidros de perfumes distintos ali em cima. Pisquei para conter as lágrimas, tentando silenciar a neurose gritando na minha mente.

Peguei o vidro marrom com a mão tremendo, tirei sua tampa dourada e funguei. Era o cheiro que sentira em Drake quando o abracei após ganhar a redoma, e o que se impregnou em mim quando nos beijamos no carro.

Meu coração parecia bater em minha garganta quando devolvi com calma o vidro à pia e peguei o outro, um frasco verde de perfume caro, um *Ralph Lauren Polo*.

Eu nem precisava inalar, porque, só de abrir a tampa, senti como se meu *stalker* estivesse em cada canto do lugar, dentro do box de vidro temperado e escuro, nos reflexos do lustre retrô acima da minha cabeça, dentro da minha mente.

Levei o frasco ao rosto e inspirei o borrifador. Uma lágrima rolou da minha bochecha instantaneamente.

Fechei os olhos, tentando conter aquela coisa quente subindo pela minha barriga e prestes a me fazer explodir.

Soprei o ar com força, e me olhando no espelho, obriguei meu semblante perturbado a suavizar. Meus olhos injetados foram, aos poucos, tornando-se normais, e mesmo com uma erupção de altas proporções dentro do peito, segurei o perfume na

parte de trás do corpo e saí do banheiro com um sorrisinho leve tomando o rosto.

Aquilo não era uma coincidência.

Não, não era!

Ele deixou a máscara cair sem se dar conta ainda a pouco, ao falar sobre eu me machucar. Também o fez ao subir para o meu quarto, após expulsar o meu avô da casa, quando não deveria saber que era lá em cima.

Como eu fui tão burra?!

Por que não tinha percebido que o caos naquele olhar era o mesmo do homem que visitava o meu quarto? Foi por isso que desconfiei de Bran o tempo inteiro, porque ele tinha os mesmos olhos do pai!

Caminhei até sua mesa e, diante dele, olhei para a face mais falsa do mundo inteiro.

Drake largava as costas sobre a cadeira acolchoada preta e, segurando a cabeça, piscava para o teto. Parecia preocupado. Quando viu que eu me aproximava, abaixou os braços e, me fitando, deu um sorrisinho, mas se sobressaltou um pouquinho quando, mesmo tão perto, eu não parei.

Logo, estava atrás da mesa, ao seu lado.

Girei a cadeira dele com uma mão e, escondendo a que segurava o perfume atrás do corpo, o tirei da direção da bancada de vidro. Me inclinei sobre seu corpo e apoiei o joelho no meio das suas pernas, sentindo-o arfar, e ainda mais perto, me abaixei até o seu rosto. Tentei não desmoronar encarando aquele olhar, tão escuro, tão cheio de coisas pesadas.

Ele estava surpreso, embora em sua encarada houvesse aquele brilho safado das vezes em que, tão próximo e sob a máscara, ele me tocou. Mas, naquele segundo, Drake não encostou em mim, tampouco me afastou quando desci o nariz por sua barba, tomada por flashes de tudo o que fizera comigo, enquanto

seguia um curso por sua pele até fungar o cheiro do seu pescoço.

Era o perfume marrom morando ali. Ele usava o verde, com cheiro fresco, apenas para me visitar.

Me afastei, finalmente trazendo o perfume para a frente do corpo e dei alguns passos para trás.

Seu arregalar de olhos não foi nada sutil.

Não consegui segurar a fachada calma, exibindo no rosto os destroços dentro de mim. Sem pensar, meu caos interno começou a sair, e atirei com força o perfume no centro da sua mesa.

O estrondo do frasco se partindo não chegou aos pés do tintilar que os cacos do meu coração produziram.

— PORRA! — berrei, sentindo o cheiro maldito que dominava a minha cama evaporando e se alastrando pelo ar. Drake não se moveu, e embora em seus olhos morasse cautela, nem se encolheu com meu gesto agressivo. — É você! Esse tempo todo foi você... me rolando feito um ratinho em suas patas traiçoeiras, brincando comigo nesse jogo sádico.

— Sim. — Ele tentou manter aquele rosto impassível, mas seu maxilar tensionou com força. A raiva faiscava naquelas íris sombrias, mas sua boca torceu em um tique nervoso, para o lado esquerdo. — Eu sou a sombra ao pé da sua cama!

Drake jogou-se para a frente e apoiou os antebraços nos joelhos, nem um pouco envergonhado.

A mesa à frente dele ostentava um trinco bem no centro, ao lado de seu *notebook* aberto, e a xícara de café tinha se virado com o impacto do objeto que lancei ali, mas o maldito seguia impassível.

— Você brincou comigo, Drake! Você... tem me feito de palhaça! — gritei tão alto, tentando suplantar o barulho na minha cabeça, que terminei chorando, e engolindo os soluços para prosseguir. — Você me

torturou, se infiltrou na minha cabeça com a porra de uma máscara, e sem ela, deu um jeito de contaminar o meu peito. Ainda me consolou quando eu fui crucificada, quando foi tudo culpa sua! Por quê?

Drake se levantou, e mesmo que tenha visto sua garganta engolir profundamente, eu vi seu rosto se transformando, quase como se presenciasse uma possessão demoníaca.

O homem doce que eu amei não existia ali, pois, enquanto dava passos lentos até a minha frente e me encarava de cima com fogo nos olhos, ele era mais o *stalker* do que nunca.

— Porque você foi cruel comigo — embora falasse entredentes, nenhum músculo nele se mexeu além da boca.

Uma mecha desgrenhada e mais comprida da frente de seu cabelo balançou sobre sua testa molhada de suor quando ele deu um passo adiante, e eu, desesperada para manter a distância, dei um para trás.

Drake não parou, se forçou em minha direção até que minhas costas colidissem com a parede ao lado da porta e não houvesse mais espaço entre nós dois.

— Sai de perto de mim! — ordenei, empurrando inutilmente seu peito rijo demais.

— Você apunhalou o meu peito quando eu a protegi. Então passou a me dever e resolvi cobrar a tornando minha.

Foi difícil me manter de pé sentindo que o chão abaixo dos meus pés cedia.

Tentando entender sua acusação, vi, quase em preto e branco, uma miragem de Rose Walton sentada em uma cafeteria, alisando o antebraço do seu personal trainer.

— É sobre a Rose... — Eu ri com a constatação, girando os olhos para cima.

— Sim! Você vendeu as imagens e depois me disse que quem havia feito aquilo não prestava.

Dei a volta nele, então cambaleei pela sala, massageando o peito, como se isso pudesse atenuar a dor absurda pulsando do meu coração.

Senti os passos dele me rondando, me sufocando, porque Drake logo se prostrava atrás de mim e eu o via pelo reflexo da janela, atrás de sua mesa, me encarando feito uma ave de rapina.

— E talvez eu não preste mesmo, afinal, consegui me apaixonar por você, o maior canalha dessa cidade!

Peguei um peso de papel em formato de pirâmide dourada, em cima da mesa, empunhei-o em um instante e o atirei no mesmo ponto trincado. A rachadura se expandindo na superfície do vidro era similar à fissura na minha mente.

— Emily, se controle! — ordenou.

Girei sobre os calcanhares e dei de cara com seu semblante enviesado. Drake se inclinava tanto sobre o meu rosto, que eu poderia arrancar sua boca fora com uma mordida, se quisesse.

— Eu a vi trepando com aquele cara na varanda da sua casa, sabia? — contei, amando falar daquela vadia do jeito que ela merecia. — Todo mundo em Shadow Valley sabia que Rose o traía, e eu, uma boba, julgava injusto fazer aquilo tudo com alguém tão bondoso quanto você.

— Sei... — desdenhou.

— Por vezes a vi com Paine, um merdinha horroroso, enquanto você demonstrava devoção a ela. Aí eu tirei as fotos dela com um dos amantes e pretendia te mostrar, mas Rose morreu...

— E então você, a mocinha boazinha, piedosamente decidiu que era uma boa ideia meter no meu cu — ele soprou as palavras raivosas contra o meu rosto. — Você tinha o meu lado bom, fantas... —

mordeu a língua — Emily, mas acordou um monstro ao me trair.

— Eu precisava de dinheiro para fugir do meu avô! — gritei, segurando os cabelos.

— Você poderia ter me contado, pedido ajuda e dito a verdade, mas preferiu me manipular! — Ele deu um passo para o lado, mordendo o lábio inferior ao fitar o estrago em sua mesa. — Você traiu o cara que se importava com você — sua voz tremeu —, que confiava em você. Emily, você me tornou suspeito de matar a mulher que eu amava, foi injusta pra caralho comigo. E só me restou te devolver tudo.

A culpa tentava sobrepor a raiva ao pensar nas coisas que ele enfrentou após as fotos, mas a vontade de gritar ao ouvi-lo dizer aquilo de sua esposa era maior.

Stalker e Drake se misturavam como a colisão catastrófica de duas estrelas, e uma bola fervendo queimava a carne do meu coração, porque aquele desgraçado disse que era meu, ele... dormiu comigo, foi o meu primeiro, me beijou e me fez gostar de suas faces distintas, para agora professar seu amor por aquela vagabunda bem na minha cara.

— Eu nunca quis te pintar de assassino, Drake. — Limpei uma lágrima. — Foi apenas o desespero para fugir das agressões em casa, para juntar dinheiro e sair daqui. Não imaginei que o jornalista fosse fazer aquilo com você.

— Mesmo? — Escondeu as mãos nos bolsos do jeans e suspirou. — Ah, então eu posso fingir que não queria te comer quando me meti em sua vida como um *stalker*.

— Desgraçado!

Drake voltou até a minha frente e dobrei a cabeça para encará-lo, me recusando a me desviar das emoções trovejando em sua face traiçoeira.

— Assuma sua culpa. — Ele segurou o meu queixo, mas dei um tapa bem forte em sua mão, junto a um passo atrás. — Reconheça que sabia o que estava fazendo e as consequências que traria para mim!

Seus olhos quase me queimavam, pousados sobre o meu rosto, seguindo o rastro das lágrimas despencando dos meus cílios.

Aquele maldito olhar que eu amava, mas que me destruía.

Mesmo tão fraca, tão machucada, precisava reunir tudo de ruim que me rondava naquele momento, porque não podia deixar que ele apenas me culpasse assim, quando estava bem mais sujo de lama do que eu!

— Você mentiu pra mim — acusei. — Disse que enxergava o buraco no meu peito quando me deu a redoma, enquanto me apunhalava pelas costas. Acha mesmo que tem moral para me mandar assumir alguma merda? Você é dissimulado e mentiroso, e jamais gostou de mim!

— Eu não menti sobre isso, mas confessei o quanto via sua dor naquele momento intencionalmente, e a fiz se apaixonar por mim sem a máscara de propósito. Agora você não se sente tão arruinada quanto fez eu me sentir?

— Vai se foder! — rosnei. — Como pode ter a coragem de admitir isso? — Dei a volta em seu corpo, indo em direção à porta, sentindo-o me seguindo como a maldita sombra que era. — Você me queimou como gado, seu maldito! Me fez ficar apaixonada depois de tudo isso, enquanto eu nunca quis feri-lo.

Eu estava no corredor quando me virei e dei de cara com o seu peito. Com o sangue borbulhando nas veias, fitei-o por baixo dos cílios.

— Volte aqui! A gente ainda precisa conversar — falou, mas não parecia certo de suas palavras.

— Conversar? — Quase ri. — Vai me pedir desculpas? Vai reconhecer que foi um bosta comigo? — Esperei por uns segundos por uma resposta que não veio, mas seu rosto não continha qualquer sombra da segurança com a qual atirara suas merdas em cima de mim. — Você é um covarde, Drake Walton! Um mentiroso!

— Emily... — tentou dizer, e seus ombros, antes rígidos e eretos, jaziam caídos.

— Você achou que estava fazendo um jogo de mestre — interrompi —, mas, em todas as suas movimentações, ficou bem claro que me quer, seja por sua obsessão ou porque nesse seu peito imundo cresceu alguma coisa. E sei que me julga sua — levantei uma sobrancelha —, porém, agora vai ser obrigado a me deixar em paz. E já que tem medo dos jornais, talvez eu dê uma entrevista bem robusta contando tudo o que fez comigo, se ousar vir atrás de mim.

— Não saía, Emily! — Tentou segurar os meus ombros com as mãos trêmulas, piscando sem parar. Dei muitos passos atrás, desvencilhando-me dele. — Vamos conversar.

— Você se julgou o rei, mas é a rainha quem dá xeque-mate, imbecil! — disse, secando uma lágrima. — Estou indo embora e você não vai vir atrás de mim, ouviu bem?

Dei-lhe as costas, caminhando em direção à minha sala.

Agarrei minha bolsa de qualquer jeito, me enfiei na fodida capa de chuva que ele me deu e corri até a recepção, sentindo-o atrás de mim o tempo inteiro, como o bom perseguidor que era.

O ambiente da entrada da funerária abrigava a recepcionista, que mostrava um panfleto com valores

a um casal de clientes. Os três repousaram seus olhos alarmados em nós dois.

— Tudo bem? — Dayse, a senhora atarracada e com cabelos crespos presos em um rabo de cavalo, perguntou, fitando a mim e Drake.

Me concentrei nele outra vez, com o coração disparado, ignorando a mulher:

— E quer saber, por que se doeu por meu avô me maltratar, quando fez bem pior que ele? — Cerrei os punhos. Drake torceu a cabeça para trás como se fosse golpeado, incapaz de responder. — Eu vou pegar todas as minhas coisas da sua propriedade e ir embora.

— Não vai sumir no mundo porra nenhuma! — Drake olhava-me atravessado ao retrucar.

— Não temos mais nada! E se me seguir, ligo para o seu amiguinho jornalista!

Bati os pés para fora e corri até o carro.

A noite começava a se debruçar lá fora, enquanto a chuva caía sobre a minha cabeça com força e eu tentava encaixar a chave na porta da caminhonete.

Sentia que dentro de mim morava uma tempestade ainda mais forte, que me inundava e afogava, enquanto eu molhava o banco do carro ao me jogar sobre ele.

Quando dei a ré na picape para a avenida, não sabia qual seria o meu destino, mas eu não seria de Drake nunca mais!

36

DRAKE WALTON

O ambiente afogado na penumbra, contaminado por uma música sensual e alta, não conseguia sobrepor o ruído na minha mente. Afundado em uma poltrona de couro vermelha em frente a um pequeno palco redondo, encarei uma loira esguia rodopiando em uma barra de pole dance, com uma calcinha minúscula enfiada na bunda pálida.

O tilintar das garrafas de bebida dos frequentadores ao redor, misturado às risadas altas trazia a sensação ilusória de felicidade, enquanto tudo dentro de mim ruía. As paredes escuras pareciam refletir o meu peito, e uma luz vermelha ora ou outra se acendia, lembrando-me do inferno onde eu mesmo me lancei.

Eu menti para Emily ao dizer que via o buraco em seu peito de propósito, pois quando disse aquelas coisas enquanto lhe dava a redoma, não era o vingativo falando, era minha face limpa.

Nunca menti sobre o que enxerguei: o quanto Emily sofria por perder a mãe. E quando comprei a rosa, realmente pensava em castigo, mas vendo a reação dela, eu repensei. Embora depois tenha surtado e tomado o presente, voltando o foco para a vingança.

Só não podia ser tão cínico, pois não foi tudo por punição, os beijos não foram, o carinho, dormir com ela tantas vezes...

Quando decidi que ela seria minha mulher, já estava fodido.

Perdido.

Incerto.

E no fundo, eu sabia que daria merda, principalmente quando comecei a fodê-la. Para onde estava indo com aquilo tudo? Compreendia que o fim da linha era um bombardeio de altas proporções no peito dos dois.

E de fato foi.

Arruinado, me deixei afundar em um copo de whisky, com a memória de Emily terminando comigo se retorcendo em mim em *looping*.

Precisava ir atrás dela, tentar reverter aquilo, mas minha mente estava fodida demais para pedir algo diferente de um alento em formato de álcool. Peguei a garrafa na mesa de madeira pequena ao lado da minha poltrona, derrubando uma porção generosa sobre o copo.

Um cheiro doce dominou os meus sentidos quando uma loira magricela se sentou sobre o meu colo, usando apenas uma calcinha enfiada no cu. Seus seios pequenos quase se chocaram contra a minha boca. Ela alisou a minha barba, tentou aproximar a boca, mas uma mão pesada segurou o meu ombro.

A loira, bonita até, mas com traços do rosto pequeno demais, de modo que a faziam parecer uma ratinha, levantou-se do meu colo, e rebolou a bunda reta para longe de mim.

Pousei a garrafa na mesa franzindo o cenho, depois olhei para o lado, porque aquele peso todo não pertencia à mão de uma mulher. Sem paciência para gracinhas, me preparei para ficar de pé, mas os olhos

azuis zombeteiros surgindo à minha frente me obrigaram a afundar no assento.

— Você por aqui, pai?

Diante de mim, Zayn colocou as mãos no bolso frontal do moletom branco. Cerrei os cílios, mas nem tive tempo de dizer nada, porque Bran, bebericando uma garrafa de cerveja, juntou-se ao mais novo.

— Desde quando vocês frequentam esse lugar? — perguntei, após um gole amargo na bebida.

— Ah, a gente trouxe um dos novatos da Blind Crows para perder o cabaço. — Bran balançou os ombros. — Não precisamos pagar por sexo, mas e você, tá fazendo o que aqui?

Senti a alfinetada.

— É, pai, você não estava de rolo com a Emily? Bran disse que você citou uma "garota" ao seu advogado, com certeza era ela. — Zayn bateu a camada de cílios densas para cima de mim com cinismo. — Vai traí-la também? Ou a Brown te largou?

De onde esse idiotinha tirou a ideia de que eu era um traidor? Só estava naquela merda porque a Emily chutou o meu rabo.

— Zayn, vaza daqui, vai! — Deveria ser uma ordem, mas só soltei o peso do corpo no assento e bebi mais.

Ele deu uma risadinha triunfante e foi embora, por fim.

— Ué, voltou a comer puta? — Bran indagou, agachando à minha frente.

— Está pagando? — resmunguei.

— Por aquela feiosa? — Ele apontou com o dedão para a loira. — Escolhe melhor, pelo menos. Porra, no mínimo tem que ter uns peitões.

— A Madson mal tem peitos — ataquei, querendo que ele fosse embora.

— Reparou nela? — Ele levantou uma sobrancelha, os olhos cheios de um brilho animado.

— Ela não faz o meu tipo. — Dei de ombros.

— Tendo boceta e sendo bonita, eu entro.

— Cai fora, vai... — Revirei os olhos.

Meu filho sondou minha face por um bom tempo, animado, querendo papo, mas vendo que não estava aberto à conversa, ficou de pé e seguiu para a saída.

E mesmo rodeado de pessoas no clube lotado, me sentia vazio enquanto bebia, como se precisasse de álcool para seguir vivo, encarando o show na barra de metal, vez ou outra sendo alisado por alguma mulher que tentava me puxar para um dos quartos.

Já enxergava a stripper loira sob lentes embaçadas, quando senti um peso em minha perna e um perfume sedutor sobre mim.

— Drake... — Suzane chamou, cruzando as pernas sobre o meu colo. — Quanto tempo, não?

Seus cabelos pretos roçaram o meu rosto e senti o rastro dos seus lábios sobre a minha barba. Em geral, quando ela se sentava no meu colo quase pelada assim, só com uma espécie de maiô de renda vermelha, eu ficava duro na hora. Mas, mesmo com ela escorregando para o meu lado e descendo a mão lentamente do meu peito para o meu jeans, estava mole pra caralho.

Enxergava-a como se ela fosse distorcida e seu rosto longo, os lábios cheios e vermelhos pareciam borrados. Meu corpo se assemelhava a uma pena, e distante demais, não a impedi de abrir o meu zíper.

Sua mão deslizou para o meu pau, puxando-o para fora da cueca, e sua boca voltou ao meu ouvido.

— Senti saudade disso, sabia? — sussurrou.

Seus dedos envolveram o meu membro e se movimentaram de forma sútil, mas um flash dos olhos

marejados da Emily piscou em meus pensamentos no mesmo momento que afastei o toque da prostituta.

— Nãaa... — solucei — não!

— Tem certeza? — Continuou, roçando a boca pelo meu pescoço.

— Tenho. Só preciso beber, então me deixe sozinho, e avise às suas ami... — outro soluço por onde o álcool parecia evaporar — que não preciso de companhia.

Não enxerguei mais o seu rosto, só vi o rastro de seu corpo se afastando.

Desisti do copo e agarrei a garrafa, deixando que mais daquela merda que parecia vital escorresse garganta adentro, mirando os feixes vermelhos que surgiam e sumiam nos cantos do teto, para suplantar a escuridão.

Tentando fugir da realidade, afogado na bebida, relembrei cada palavra dela.

Não me importava com nada do que ela disse sobre me querer longe.

Ela era minha mulher.

MINHA!

— Você não tem certeza disso, seu otário! — ralhei comigo mesmo, soltando a cabeça sobre o encosto da poltrona.

Talvez devesse invadir seu quarto e amarrá-la até que se acalmasse, até que tentássemos resolver as coisas. Ou só abraçá-la até dormir, então, quando acordasse, talvez estivesse mais calma e aceitasse me ouvir.

Ela queria fugir do velho, porra! E tive de defendê-la dele duas vezes... Será que ela cresceu apanhando daquele jeito? Podia culpá-la por se desesperar a ponto de vender as fotos? Por que não me pediu dinheiro? Eu daria, eu... a protegeria.

Minha mente girava e duvidava que não tinha perdido para sempre a mulher que andava fazendo meu peito bater, fosse com ódio ou algo bem mais assustador e forte.

O problema era que havia me acostumado a ser sua assombração, e mesmo que não me quisesse mais, eu a perseguiria para sempre!

Piscando junto à luz estroboscópica, fui me sentindo distante, e os pensamentos rápidos e preocupados foram velejando para longe.

Talvez tenha fechado os olhos por tempo demais, pois, com a mente em branco e a última memória sendo das luzes ao redor na mente, me vi ainda sentado na poltrona do clube de strippers.

Minha testa latejava e a luminosidade rubra do lugar pesava em minhas vistas. Com olhos meio cerrados, percebi que o local estava mais vazio.

As paredes pareciam apertadas demais ao meu redor, mesmo que o salão fosse amplo. O piso de carpete vermelho trazia alguma quentura, mas nada que suplantasse o gelo em meu peito.

Fiquei de pé, checando com alívio que minha carteira e o telefone ainda estavam no bolso do jeans, e que, bêbado demais, não os perdi.

Olhei minha comanda ao lado da garrafa de bebida, então tirei da carteira as notas para pagar o meu consumo.

Com as têmporas pesadas, chequei meu relógio de pulso, sentindo o ambiente dominado por cheiro de álcool e perfume de mulher.

Já passava das duas da manhã.

Minha cabeça não parava, só jogava o rosto dela diante de mim a todo segundo. Era como se meu peito

bombeasse Emily Brown, e por isso, mais do que nunca, precisava ir até ela.

Será que ela havia ido embora da propriedade mesmo?

Peguei o celular e acessei o aplicativo de rastreamento, depois agarrei meu sobretudo escuro e caminhei para fora. O pontinho no mapa mostrava que ela estava na propriedade, mais precisamente, na minha casa.

Trinquei as sobrancelhas. Será que sumiu no mundo e deixou o telefone lá para que eu não a encontrasse mais?

Atormentado por minhas escolhas, pelo rosto vermelho e decepcionado dela assombrando minha mente, apertei o botão para ligar para Emily.

Com o telefone contra o rosto, acelerei o passo pelo estacionamento a céu aberto do clube e entrei em meu carro.

Meu coração, antes parecendo um terreno árido, floresceu em um instante quando ouvi a chamada sendo atendida.

E em segundos tão pequenos e precisos, ouvi algo que me destruiu, pior ainda, que me fez querer matá-la!

37

Emily Brown

Dirigi por horas pela cidade, sem rumo, antes de vir para casa.

O vento fraco flutuando pela propriedade Walton era um sopro gelado eriçando os meus cabelos.

Andando em meio às sombras, sentia como se Drake tivesse guardado pedras em meus bolsos e enquanto eu fechava os olhos em uma confiança cega, o maldito me lançava em alto-mar. Entregando de bandeja meus sentimentos a ele, deixei que me afogasse, então, lentamente experienciei a sensação agonizante de sufocar.

Foi bem feito, eu sabia. Talvez um karma do destino, enfiado na minha garganta, ou apenas a maldição da propriedade Walton respingando sobre mim. Afinal, quem se apaixonava por um maluco mascarado?

Nossa relação sempre foi a cantiga trovejada pelo céu: um desastre anunciado. Forjada em ódio, vingança e um sutil toque de manipulação.

Todo aquele tempo era o Drake sob a máscara, me usando, se divertindo ao fazer isso. Se fosse Bran ou até Zayn, não sentiria meu corpo sangrando ao ponto de eu sentir o cheiro metálico.

Como não vi? Eu amava aqueles olhos, aquela voz...

Não podia me culpar tanto, também. Ele se cobria inteiro, costumeiramente estava à meia luz, e quando no claro, me vendava.

Na noite em que transamos pela primeira vez, estava tomada por ansiedade e adrenalina, e nem dei atenção ao fato de que seus olhos enrugaram no cantinho quando sorriu.

Eu fui relapsa.

Emocionada.

Carente demais!

Drake provavelmente disfarçava a voz para me visitar, porque parecia a de um locutor de rádio sob a máscara, enquanto a dele normalmente tinha um tom mais suave e sedutor.

Caminhando apressada, rogava aos céus para que ele não viesse atrás de mim enquanto eu buscava as minhas coisas, e que não tentasse nada, porque, no fim, sentia que nada que me fizeram na vida fora tão irremediável.

Drake selou um contrato com o próprio Diabo, onde matou todos os meus sentimentos de uma só vez. Se fora seu plano desde o início, o terminara com êxito, se criou uma paixão doentia no processo, que sofresse comigo pelos cacos que restaram e que, tão afiados, o machucariam também.

Seus sorrisos doces para mim, sem a máscara, nossas noites abraçados, com ele em sua face de *stalker*, tudo se unia para me esmagar ao mesmo tempo. Limpei o rastro úmido trilhando a minha bochecha, ao menos algo quente em meio à sensação térmica de estar na Sibéria.

Sabia que havia sido uma vadia, que deixei meu lado sombrio vir à tona pensando apenas no meu

desespero ao ir até o jornalista, mas nada que se equiparasse ao que ele fez.

Drake foi pior!

Meus passos já estavam na trilha para casa quando, completamente destruída, meus olhos foram seduzidos pelo lugar que eu tanto gostava, como se o cemitério sussurrasse cantigas antigas gritando que poderia me acalmar.

Caminhando até lá, me perguntava para onde eu iria.

Me resumia a uma alma solitária em um mar sombrio, velejando para lugar nenhum.

Caminhando entre as lápides, me sentia um vulto, oca por dentro.

Um barulho à direita atraiu minha atenção para um túmulo, onde dois caras faziam uma exumação. Àquela hora da noite, só podia ser um defunto abandonado pela família, que não pedira conservação da ossada, tampouco cerimônia de cremação.

O homem alto e barrigudo arrastava a tampa de granito do túmulo com dentes cerrados. Seus olhos fundos pareciam ocos e seu macacão preto de coveiro estava contaminado por resquícios de terra. Já o homem baixinho e magricela, observava com seus olhos esbugalhados e claros, enquanto palitava os dentes.

— Ué, o que está fazendo aí, senhorita Brown? — Mark, o mais magro disse.

— Observando — mordisquei a pele machucada no cantinho da bochecha —, como sempre.

— Tudo bem, Emily? — Bryan, o mais alto, indagou.

— Sim — menti. — Ninguém solicitou a remoção dos restos? — perguntei, tapando o nariz por conta do cheiro pútrido.

Quando Mark negou, me sentei sobre a lápide de granito claro ao lado deles, sentindo minha mão gelar devido à temperatura da pedra sob meu corpo.

Bryan e Mark eram velhos conhecidos, pois eu os havia observado muitas vezes, com um fascínio descarado, enquanto removiam o que restava dos corpos das pessoas.

Minha obsessão com exumações já durava doze anos, afinal...

Atrás deles uma maca de metal esperava, pronta para receber o que restasse do caixão.

Bryan inclinou-se para pegar a urna do chão, segurando-a pelas alças. A peça media aproximadamente 35 centímetros de altura e 35 de largura, feita de uma madeira simples. Enquanto isso, Mark, usando luvas, agarrava os ossos entrelaçados com resquícios puídos de roupas e os depositava lá dentro, sem muita sutileza.

O fêmur, o maior osso do corpo humano, tinha sua ponta erguida para fora do compartimento, parcialmente visível devido à maneira descuidada com que os coveiros tratavam os restos mortais. A superfície do osso, que normalmente era lisa e branca, estava manchada e suja, com vestígios de alguma cartilagem.

Nunca deixaria de achar aquilo fascinante.

— Cara, um dia preciso abandonar esse trabalho — o mais magro tossiu, claramente reclamando do cheiro, mesmo que tivesse o rosto parcialmente coberto por uma máscara descartável.

Restos de cabelo embaraçado foram levantados do buraco na pedra, e vendo tudo o que sobrou de uma pessoa sendo retirado sem qualquer testemunha que a amou em vida, percebi que um dia seria o meu destino.

Eu estava tão vazia e morta quanto aquele túmulo, tão sozinha e abandonada quanto aquele cadáver.

— Vamos levar a ossada para a funerária, depois cremar. — Mark assegurou, enquanto Bryan pousava a urna na ponta da maca.

Ambos enfiaram as mãos na tumba, retirando o caixão marrom. Em seguida, o colocaram na maca e fecharam o túmulo com a tampa de pedra.

Com os olhos marejados, ergui-me e dei as costas aos dois.

— Acha que ela está bem? — Bryan sussurrou, a voz ficando cada vez mais distante.

— Pareceu pior que de costume, né?

Revirei os olhos, com meus passos lentos me guiando ao cemitério jardim.

Sabia que boa parte das pessoas me julgava bizarra e não podia condená-las. Observando o trabalho deles com tanto interesse, pareceria estranha para qualquer um.

Parei antes de adentrar a área gramada e verde, cerca de vinte passos da primeira fileira de lápides do cemitério jardim, então me abaixei. Sentada no chão e abraçada aos meus joelhos, deixei que um som agudo e rápido saísse da minha garganta junto às lágrimas.

Todo mundo em quem eu confiava me ferrava, destruía, e talvez de fato a vida fosse isso, um amontado de bombardeios injustos de todos os lados, e o único destino possível fosse acabar machucada.

Meus olhos passeavam pela iluminação fraca vinda de pequenas luminárias enfiadas na grama, indo em direção à última lápide da última fileira.

Jena Brown.

Nunca tinha coragem de ir até ela, então, dali mesmo, sussurrei:

— Desde que você partiu, eu nunca mais fui a mesma. Você consegue ver as teias escuras que me

compõem? Sente vergonha de mim?

Deitei as bochechas nos joelhos, e minha mente divagou sobre o que deveria fazer da minha vida quando nada mais fazia sentido. Talvez devesse pedir a Ethan para ficar em sua casa, ou, esperar raiar o dia e sair em busca de outro emprego. Ou, quem sabe, procurar um alojamento na faculdade que sugaria mais da metade do meu salário...

Eram muitos “e se”, sem certeza alguma.

Olhei a capa de chuva ao redor dos meus braços sabendo que deveria rasgá-la em pedacinhos tão pequenos quanto ele fez com o meu coração... mas era fraca demais para isso.

Apaixonada demais para isso.

Boas horas se passaram comigo ali, e pareceram quase um dia inteiro, enquanto batia os cílios madrugada adentro para o memorial das vítimas do *serial killer*.

Talvez tenha cochilado em meio ao ranger de dentes por conta do frio, mas um bater de asas alto e um grasnado assustador me obrigou a abrir os olhos e rastejar para trás.

O maldito corvo estava diante de mim, piscando seus olhos vivos demais para o meu rosto, enquanto abria as duas asas. Aquele animal parecia uma lenda encarnada, tão real e sólida, que poderia me machucar.

Suas plumas negras pareciam se fundir à noite, e assustada demais com todos os sussurros sobre maldições que rondavam esse lugar, me vi correndo atordoada para longe, repuxando a bolsa sobre um dos ombros.

Estava um caco quando atravessei os portões para dentro da propriedade, tentando reunir a quase inexistente energia dentro de mim para recolher minhas coisas e sair do casebre onde vivia.

Planejei finalmente ligar para Ethan quando o barulho das rodas sobre as pedras do calçamento do quintal me sobressaltou. Senti uma vontade súbita de correr, temendo que fosse Drake chegando para dilacerar minha alma mais uma vez.

— Ei, Emily — o grito distante arrancou um suspiro da minha boca.

Zayn estacionou sua moto a alguns metros de mim. Ao desmontar, ele pousou o capacete sobre o assento e avançou com o peito erguido, chegando perto o bastante para que sua respiração quente soprasse sobre o topo da minha cabeça.

Levantei meus olhos pesados para ele, que mantinha as mãos nos bolsos da calça de moletom e exibia um largo sorriso, quando a picape de seu irmão surgiu logo atrás, o motor roncando alto e quase agredindo meus ouvidos.

— Olá... — sussurrei monotonamente.

Zayn me sondou atentamente enquanto eu, abalada demais, desmoronei diante dele, derrubando lágrimas degradantes. Ele não falou, apenas secou uma a uma com os dedões, fazendo carinhos lentos e reconfortantes em minhas bochechas que aos poucos iam aliviando a tristeza e me acalmando.

— O que houve? — Desceu a mão para a minha nuca, tão quente, tão gentil. Mirei minhas mãos, unidas na frente do corpo, preferindo o silêncio. — Emi, você não estava namorando? — Questionou e lhe dei um suave aceno, assentindo. — Era o meu pai né?

— Sim — Com vergonha, confessei.

— Você sabe onde Drake está agora? — indagou. — É por isso que está tão triste?

— A gente tinha uma coisa estranha, mas terminamos — expliquei. — Seu pai é um stal...

— Ah — interrompeu, os olhos brilhando —, então é por isso que o encontrei enchendo a cara em um puteiro.

Foram poucas palavras organizadas em uma frase, mas por que soavam como a perna de um gigante pousando em cima do meu coração?

— Co-como assim? — Minha voz saiu como um fiapo minúsculo demais para ser audível, enquanto uma fumaça acinzentada saia de dentro da minha boca e flutuava pelo ar.

Tentei esfregar as mãos para aquecer o corpo, sentindo as bochechas congelarem.

— Você está tremendo, Emi — constatou, preocupado, puxando-me para um abraço onde infiltrou as mãos por minha capa de chuva e esfregou minhas costas, tentando compartilhar calor.

— Fiquei algumas horas no cemitério.

— À essa hora da noite? — fingiu ralhar. — Não faça mais isso, ou vai acabar doente, cara.

Sua gentileza foi como abraçar nuvens, tão suave e necessária em um momento que me sentia rolando em um campo formado por espinhos. Me agarrei a ele em um abraço meio vacilante.

Então Drake estava em um puteiro? Eu terminei com aquele cretino por seus erros graves e ele me respondia assim?

— Drake estava com uma mulher?

— O encontrei há algumas horas no clube onde a stripper favorita dele trabalha. Não foi, Bran?

Sequei uma lágrima solitária e dei um passo para trás. Ao lado de Zayn, encarei o garoto de cabelos negros. Vestindo uma jaqueta de couro, Bran fixou seu olhar turvo em mim.

— Você tem mesmo algo com o meu pai? — Bran perguntou, se juntando a nós dois.

— Não mais. — Empinei o queixo. — Seu pai é o pior homem que já conheci.

— Sei. — Bran estreitou os cílios. — O que rolou entre vocês?

— Não importa!

— Se ouvi bem, meu pai falou na frente do advogado dele que tinha uma “garota”. Assumi a certeza de que falava de você — ele prosseguiu. — Então terminaram de fato? Na noite da festa você tinha dado a entender que ele não a queria.

— Drake e eu jamais tivemos algo concreto. — Endureci a postura.

E de fato, algo criado em cima de uma mentira tão suja não devia ser considerado, apenas apagado.

Drake e eu NUNCA fomos nada.

— Sabe — Zayn pegou no meu cabelo —, não é segredo que nós dois sempre a cobiçamos, e pelo visto, meu pai também. — Meus ouvidos pareciam aguçados, fechados demais ao redor de suas palavras — Se ele tomar a frente e a assumir, eu recuo, mas se você me disser que não tem ninguém, vou pra cima.

Engoli em seco, observando seu indicador se enrolando em uma mecha dos meus fios.

Bran olhou torto para o seu irmão.

— Emi está dizendo que eles não têm nada. — O mais novo se defendeu de algo que fora dito apenas pelo semblante do mais velho.

— Estou solteira — disse a Zayn, enredada por seus globos azuis que quase soltavam faíscas pousados sobre mim. — O caminho está livre.

— Eu posso ser fiel a você, se me escolher.

Eu sabia que, movido por sua síndrome de filho rejeitado, Zayn desejava competir com o pai. No

entanto, o cretino encontrou as palavras certas para ao menos acender alguma centelha em meu peito.

Não recuei quando ele se aproximou e sua mão volumosa se infiltrou por baixo da minha capa de chuva em direção ao meu quadril. Observei a enorme mandala tatuada em seu pescoço, que encobria seu pomo de Adão, e secretamente desejei explorar cada desenho oculto sob suas roupas.

Senti aquela coisa errada se apoderando do meu corpo, escapando da ebulição no meu peito e dominando as minhas mãos, que logo se fecharam em seu moletom, na altura dos flancos.

Zayn me puxou para junto de seu corpo no exato momento que se inclinou em direção ao meu rosto. Ele segurou meu cabelo, de forma possessiva e, com sua boca a pouca distância da minha, tentei repensar.

Eu foderia tudo de um jeito irreparável se prosseguisse com aquilo.

Ergueria um limite tão pesado e denso com Drake, que seria impossível recuar. Mas ele apunhalou o meu peito de um jeito tão forte, que, no mínimo, merecia receber algo à altura.

Mergulhando na boca molhada do seu filho, preparei meu xeque-mate, mesmo ciente de que quebraria o tabuleiro no final.

A língua dele deslizou pela minha espalhando a mistura de cigarro e bala. Sua mão nem perdeu tempo, apertou com firmeza a minha bunda, me roubando um suspiro.

Me joguei com vontade no beijo, sob um toque tão pesado de Zayn, que ele quase me desmontou ao soltar o meu cabelo para enfiar a outra mão no meu traseiro. Seus dentes roçaram meus lábios inferiores, antes de mordê-los levemente.

— Vamos sair do frio, Emi? — convidou contra a minha boca, quase gemendo, me amassando tanto

contra si, que parecia querer se enfiar dentro de mim ali mesmo.

Todas as nuances daquele convite ficaram claras na minha mente, enquanto minha barriga aquecia e invariavelmente eu ficava molhada.

— Tá, mas só se ele for também! — Apontei com o queixo para o lado, em direção ao outro.

Podia dizer que era tudo apenas pela vingança, mas, acima de qualquer coisa, queria os dois, ao mesmo tempo.

Ofegante, sorri para o olhar arregalado de Bran.

Enquanto me desvencilhava de seu irmão, absorvia a confissão do desejo no meio das suas pernas, com seu pau endurecido se anunciando contra o jeans, enquanto Bran fechava o zíper de sua jaqueta de couro e revirava os olhos.

Dei alguns passos calmos até ele e não me sentia eu mesma fazendo aquilo. Mesmo assim, fiquei na ponta dos pés e dei um selinho na boca do Bran, no segundo em que segurava seus braços tensos demais.

— Seu pai e eu não temos nada — assegurei contra sua boca. — Drake não gosta de mim.

Ainda assim não moveu os lábios, e durante o trajeto de descer minha mão sobre a textura gelada da lateral de sua jaqueta em direção a sua ereção, dei um jeito de traçar a ponta da língua sobre os seus lábios.

Quentes, macios, cheios demais.

Ele cedeu quando meus dedos pressionaram o volume farto do seu pau, e foi a deixa perfeita para tornar meu beijo mais agressivo, enfiando minha língua no espaço entre os seus lábios. Nossas salivas se misturaram lentamente, e o gosto doce presente ali me deixou agoniada, querendo mais. Suguei sua língua com vontade, sentindo os seios pesados e doloridos enquanto precisava roçar as pernas para conter a agonia lá embaixo.

— Tem certeza de que quer isso? — sussurrou, mas não deu margem para resposta, rodando sua língua grande dentro da minha boca.

Mergulhamos na saliva um do outro, enquanto eu apertava o seu pau e gemia feito uma cadela em sua boca. Bran libertou os braços, guiando as mãos para o meu cabelo de uma forma animal, depois o puxou com força contra a minha nuca, fazendo covinhas se afundarem em minhas bochechas com o meu sorriso largo ao cessar o beijo.

A ardência ferrenha no meu couro cabeludo só aumentou o meu desejo.

— Se o meu pai ficar puto comigo por sua causa, vou te pegar!

— Hum... — murmurei — talvez eu goste de correr de você.

Bran libertou uma das mãos só para guiá-la ao meu pescoço. Tão parecido com o pai, me sufocando com aquela força toda, aumentando a umidade na minha boceta.

— Falo sério, Emily. Se estiver me usando para machucá-lo — seu rosto não estava nada divertido, mas a ausência de ar atrelada à dor no couro cabeludo fazia o meio das minhas pernas vibrar — não vou te perdoar.

— Eu não mentiria sobre isso, Bran... — tentei sugar o ar, e seus dedos só relaxaram quando tentei continuar e aproveitei uma brecha minúscula para respirar. — Fizemos as pazes na festa da Blind Crows, lembra? E, além do mais, estou indo embora daqui. Não quer me dar uma boa despedida?

Não contei que continuaria na faculdade, afinal, ele só precisava me foder, e depois a gente lidava com os rastros deixados pela explosão.

Puxei uma respiração com força quando libertou meu pescoço.

— Foda-se! — A voz de Zayn irrompeu, puxando-me para si de um jeito agressivo, e logo minhas costas colidiram contra a rocha que era seu corpo. — Se vai fazer cu doce, fique de fora!

— Não! — Bran me puxou para si, me arrancando de Zayn. — Eu a quero, porra. Só...

— O quê? — Zayn me arrancou dele uma outra vez. Me sentia alguma espécie de vadia, gostando da briguinha dos dois quando era eu o objeto de desejo. — Não estava se divertindo ao competir com ele quando descobrimos que o pai a queria e nos afastou de propósito?

— Eu só tenho dúvidas se o meu pai gosta dela, porra. — Bran alisou o próprio cabelo.

— Seu pai me odeia, Bran. — Minha voz quase falhou. — Então, se não quiser participar do que Zayn e eu faremos, vamos nos esquentar do frio sem você!

Segurando a mão de Zayn, apliquei uma leve pressão, sutilmente convidando-o a me seguir, como se a casa fosse minha, como se não estivesse invadindo o espaço de Drake, para que doesse ainda mais quando ele soubesse o que fizemos.

Na varanda da casa, Zayn soltou minha mão para abrir a porta. Bran, meio contrariado, já estava atrás de nós.

— Não sei se isso é certo... — Balançou a cabeça, os lábios resumidos a uma linha fina.

Zayn bufou e, meio exasperado, passou pela porta.

— Vou tomar uma cerveja, mas não gaste muito tempo tentando convencê-lo, Emi. Eu posso te dar uma despedida inesquecível sozinho.

Ele sumiu de vista, e encarando Bran, senti que era uma lástima testemunhar sua preocupação com o pai, quando Drake não merecia consideração alguma, não depois de tudo. E foi uma luta deixar a verdade

deslizar pela minha boca, quando dei um passo mais perto dele:

— Foi o seu pai quem me crucificou.

Uma gota salgada pingou dos meus olhos, trilhando o meu nariz, chegando à minha boca, e com a língua, a suguei.

— Mentira! — acusou, com os olhos girando de um lado a outro como o pêndulo de um relógio antigo.

— Drake se infiltrou no meu quarto usando uma máscara, me marcou com um ferro em brasa. — Precisando ilustrar o que contava, abri o zíper da calça e a abaixei, virando de lado para exibir a ele a cicatriz em meu quadril. Bran tapou a boca, os olhos vítreos sobre a marca. — Ele transou comigo sem eu saber que era ele, na verdade, foi o meu primeiro. — Meu riso foi tomado de amargor enquanto me vestia. — Tudo para se vingar porque eu vendi as fotos da sua mãe. Então, eu não ligo para o que ele vai sentir, nada vai doer mais do que o que fez comigo.

— Eu já sabia que tinha sido você a responsável pelas fotos. — Engoliu em seco, a mão em um punho cobrindo a boca. — Mas não fazia ideia de que meu pai soubesse, ou que... a odiasse assim.

— Pois é. E você, não me odeia também, já que sabe?

— Não. — Encolheu os ombros. — Ela merecia que todo mundo soubesse o que fazia, a questão nisso tudo é Zayn. Meu irmão não pode saber que você fez isso, porque ele enxergava na Rose outra pessoa, não a mesma mulher que eu via.

— Entendi, e como descobriu que fui eu?

— Isso é assunto para outra hora. — Ele suspirou. — Você quer mesmo ficar com a gente? Não vai se arrepender depois?

Sua mão se insinuou contra o meu rosto, secando o rastro de outra lágrima. Tão aveludada e cálida

quanto uma lareira em meio a uma nevasca. Fechei os olhos, desejando, ao menos um pouquinho, que nada daquilo fosse real.

Não queria repensar, eu precisava aliviar minha vontade de transar e o desejo de vingança correndo junto aos lobos por baixo da minha pele.

— Não vou. Pode me dar ao menos algo bom antes de eu ir embora dessa cidade?

Cobri sua mão com a minha, e foi quase o bruxulear de chamas que clarearam os seus olhos.

— Sim. — Me puxou contra si, mas quando achei que fosse me tocar com malícia, apenas me abraçou. — Vou dar.

Porra!

Eu só queria transar, mas aquele abraço quente me laçou com tanta força, que não tive vontade de sair. Me abriguei em seus braços por um bom tempo, em silêncio, entorpecida pelo toque dele.

Aos poucos sua mão foi descendo das minhas costas, sobre a capa de chuva, enquanto seu rosto se afastava só para encontrar a estrada perfeita para alcançar a minha boca.

Me lançando ali, naquele beijo molhado e temperado com todos os erros do mundo, soube que não havia mais volta.

Peguei a estrada mais corrompida, onde o destino final seria a ruína total.

38

Emily Brown

Adentrei a casa de mãos dadas com Bran.

Zayn saiu da cozinha, vindo até nós dois enquanto bebericava uma garrafa de cerveja, então estudou nossas mãos unidas. Ele sorvia a bebida com ruídos audíveis. Ao terminar, pousou o recipiente em um aparador preto próximo à porta e caminhou até nós dois, puxando minha mão livre para si, sondando-me dos pés à cabeça de forma pervertida.

Subi as escadas de mãos dadas com os dois. Cada novo lance era um pecado a mais na minha lista, e no terceiro andar, entrando no quarto que eu já conhecia, entendia que meu destino certo seria o inferno.

Zayn segurou minha nuca no segundo em que pisei ali dentro, me afastando de seu irmão ao se atracar contra mim. Ele engoliu minha boca com vontade, me dando sua saliva com sabor de cigarro e de cerveja enquanto eu suspirava o beijando de volta.

Quando se afastou da minha boca, puxou minha cabeça para trás pelos cabelos, então lambeu os meus lábios fechados sem qualquer pudor, correndo a língua numa tortura lenta até o meu ouvido, só para sussurrar ali:

— Mal posso esperar para beijar você inteira.

Ele se afastou com um sorriso travesso, largando-me ofegante e descompensada. Abracei meu show particular, sem tirar os olhos daquele grande gostoso se livrando do moletom, depois da blusa branca.

Zayn tinha tantas tatuagens sobre o corpo, que quase ofuscava os desenhos no teto do quarto.

Abaixo da mandala negra que tomava seu pescoço, círculos pontilhados rodeavam a cabeça de um leão enorme que tomava todo o seu peito e terminava perto do umbigo, onde um esfumado o conectava com o rosto de uma mulher com um cocar sobre os cabelos.

Seus braços seguiam a confusão emaranhada de desenhos e os gomos trincados de seu abdômen formavam um conjunto tão perfeito com os braços fortes, que inundou minha boca, me obrigando a engolir para não acabar babando.

Bran fechou a porta atrás de mim e logo estava à minha frente. Desviei os olhos para o chão quando ele segurou as lapelas da minha capa de chuva. Aos poucos, foi tirando-a de mim, e se no início estava confiante, agora me via fraca e trêmula, sentindo-me até pequena diante do céu sem estrelas que era tudo aquilo.

Mal tive tempo de fechar os olhos, pois sua boca requisitou a minha, e me perdendo no sopro quente dela, deixei que ele deslizasse a mão por dentro do meu jeans. A ponta dos seus dedos escorregou pela minha carne, caindo direto em minhas dobras e enfiando dois deles dentro de mim.

Soprei um gemido faminto em sua língua macia.

— Ela está prontinha — Bran sorriu, se afastando e me deixando vazia.

Enquanto o outro me rodeava, me sentia uma corça sondada por lobos, quando Zayn por fim colidiu com as minhas costas.

Bran ofertou a mão molhada por cima do meu ombro ao irmão, e o meu corpo se acendeu feito o mar aberto sob os raios de uma tempestade, testemunhando o ruído de prazer de Zayn sugando os dedos dele.

O inferno não era de todo ruim, afinal.

— Meu irmão me disse que você é doce, Emi — murmurou contra o meu pescoço, acendendo uma fogueira em minhas veias. — Só não imaginei que fosse tanto assim. E acho mesmo que poderia me viciar em ter o gosto da sua boceta na minha boca.

Ele esfregou sua ereção na minha bunda e um arrepio se alastrou feito uma praga pela minha pele, enquanto as mãos do loiro apertaram forte o meu quadril, depois subiram pela lateral do meu corpo, se infiltrando em meu suéter.

A ponta da língua dele se insinuou atrás da minha orelha, e foi automático me tremer daquele jeito, enquanto com um repuxar torto de lábios, Bran se afastou.

Sendo queimada viva pelas inspiradas fundas de Zayn em meu pescoço, levando minha mão até a nuca dele, testemunhei a visão do paraíso que era ver Bran Walton tirando a roupa.

Uma jaqueta de couro no chão, uma polo preta pisoteada, e os seus braços fortes quase brilhando com a luz do quarto.

Bran era tão perfeito que parecia de mentira.

Zayn se infiltrou no meu sutiã por baixo do casaco, dando um jeito de alcançar o bico dos meus seios. Ele esfregou os meus mamilos e sarrei as pernas feito uma vadia barata para conter o desejo que fazia meu clitóris pulsar.

Arquejando, inspecionei as tatuagens tomando o braço esquerdo do moreno. O traço fino e escuro de um átomo tomava seu antebraço, descendo para o que

eu achava ser o desenho de um *buraco de minhoca*[11]. Diagramas e cálculos matemáticos desciam pelo braço até chegar ao pulso.

Bran tirou o jeans e, totalmente pelado, caminhou até nós dois.

Ele descia a mão pelo prepúcio do pau roliço e grande demais, enredando-me com uma encarada debochada e cheia de si. Cortando a distância, enfiou a mão nos meus cabelos. Pisquei freneticamente, sentindo-o puxá-los na posição exata para que sua boca encontrasse a minha. Fechei os olhos, provando a maciez dos seus lábios, mas foi difícil quando uma mão pesada deu um apertão na minha bunda e outra língua se enfiou na minha boca.

Achei que os dois haviam sido incríveis naquele furgão, só que assim, com essa confusão de línguas molhadas e arfadas compartilhadas, fiquei molhada como nunca.

As mãos dos dois me exploravam, ora apertando a bunda, ora a barriga, depois subindo para os seios. Eles eram grandes, fortes, e pareciam prestes a me desmontar enquanto eu tentava acompanhar o beijo e sugar a saliva dos dois.

Eles eram irmãos, me beijando daquela forma, me compartilhando sem competição, era perfeito!

Com os olhos semicerrados, lambi a boca ao ver ambos darem um passo atrás. Zayn voltou para trás de mim, e com um puxão possessivo do meu corpo contra si, trovejou:

— Minha vez de chupar sua bocetinha, Emily.

Se enfiou diante de mim, e embora parecesse uma muralha cobrindo o vislumbre do Olimpo que era Bran se masturbando ao meu lado, meu olhar se perdeu na poesia que era esse homem pelado.

Seu pênis robusto e longo me fez engolir em seco. A cabeça rosada era tão grossa e bem delineada, que parecia um morango, e as veias largas o contornando roubaram um suspiro dos meus lábios.

Curvando-se sobre mim, puxou um punhado dos meus cabelos contra a nuca, e roçou sua boca na minha enquanto abria o zíper da minha calça.

E mesmo que não fosse minha primeira vez, experimentei uma tremedeira quando ele foi se abaixando, me ajudando a sair de dentro do jeans.

Meu braço direito foi puxado em outra direção, e com movimentos lentos, girei os olhos para Bran. Ele enrolou minha mão ao redor do seu pau quente e macio demais, bombeando-a, e sem dizer uma palavra, me deixou um comando.

Masturbei o seu membro, subindo a mão só para alisar a fenda molhada no meio com o dedão. Bran jogou a cabeça para trás e sibilou, e enquanto eu tocava uma para ele, os beijos de Zayn traçaram a pele nua da minha coxa, quentes e molhados em direção à calcinha de renda preta.

Acelerei os movimentos no pau do mais velho, engolindo o tesão em forma de umidade em minha boca.

Tinha um fascínio escancarado nos olhos brilhantes de Zayn, que enfiava o nariz no meio das minhas pernas e fungava, arfava e por fim roçava a boca na região do meu clitóris por cima do tecido.

Ofegante, agarrei o seu cabelo, embrenhando uma das mãos nos fios lisos do topete para me roçar mais um pouco contra o seu rosto. Soprei o ar com a boca aberta e Zayn sorriu.

Bran alisou o meu cabelo, e nem por um segundo deixei de bombear a mão, vez ou outra subindo a ponto de amassar sua glande e sentir a umidade ali escorrendo e o molhando inteiro.

Pensei em beber o que ele soltava, mas sentia que se saísse dali, morreria.

Traçando beijos sobre a renda e escalando em direção à barriga, Zayn logo estava subindo meu suéter pela cabeça, atrapalhando meus movimentos ao estimular o outro, e pareceu mais afobado ao remover meu sutiã.

Liberando a minha vista, apontou com o indicador para mim e falou para Bran:

— Gata pra caralho!

— Você deveria ter sido nossa, Brown — deu um passo mais perto, parecendo uma parede se fechando ao meu redor. — Sempre sonhamos em pegar você assim.

Aquelas palavras não causavam nada no meu peito, porém, eram o combustível perfeito para o calor na minha barriga que irradiava pelo restante do corpo.

Tinha dificuldade de abrir os olhos demais, vendo cada um deles segurar a minha mão.

Se aquele quarto tivesse cheiro, se resumiria a desejo.

Fui levada por ambos até a cama, e uni as sobrancelhas ao ver Zayn se deitar de costas, com a cabeça na ponta da cama e Bran seguia calmamente para o outro lado, ficando de pé na frente do irmão.

— Vem, Emily! Senta na minha cara...

Podia sentir o rubor das minhas bochechas escalando para o rosto inteiro enquanto tirava a calcinha, e mesmo envergonhada, sob o olhar de fascínio dos dois, rastejei de joelhos sobre a cama e... sentei no rosto dele.

Mordi o lábio inferior e apertei os olhos quando Zayn traçou a ponta da língua por minhas dobras, deslizando-a pelo sulco brilhando ali. Explorou cada cantinho dos pequenos lábios, e depois, me arrancou o

primeiro gemido ao enfiar a língua inteira dentro da minha carne.

— Agora fica de quatro e mama no meu pau — Bran mandou, segurando a base do pênis diante de mim.

Obedeci, apoiando a palma das mãos na cama e depositando o peso do corpo nos joelhos. Acabei perdida nos olhos claros de Zayn, que embaixo de mim, me encarava ao chupar minha boceta, e tão concentrado, fazia aquela coisa tão suja parecer bonita.

Zayn seguiu caminho para cima com a boca, mordiscando e sugando e lambendo até por fim alcançar minha zona de alívio. Meus olhos marejaram pelo calor e o prazer quando me inclinei o suficiente para enfim sugar aquela coisa brilhando no topo do pau de Bran.

Salgado. Saboroso.

Quase fiquei anestesiada com seu pau cheirando a homem e sabonete.

Bran estremeceu quando arrastei a ponta da língua na fenda gotejante da sua glande, e ficou na ponta dos pés, chiando baixinho ao enrolar o meu cabelo não mão.

Zayn me chupou com mais vontade, veloz, faminto, e fui eu tremendo ali. Meu corpo inteiro faiscou, minha mente parecia turvada e a única coisa que podia fazer era rebolar na cara dele, querendo mais ao engolir metade do pau do Bran, começando o movimento de vaivém.

Movi meu quadril para baixo e para cima, doida para aumentar aquela coisa crescendo dentro de mim, sugando com toda a força que conseguia o que estava em minha boca, ouvindo gemidos de todos os lados.

Zayn gemia com minha boceta na sua cara, Bran sibilava com meu oral e eu, uma vadia, choramingava.

— Zayn... — clamei do jeito que deu, de boca cheia.

Algo se avolumava em minha barriga, fervendo, crescendo e cheguei quase à beira da ebulição... mas foi como cair em água congelada, porque, tão perto do gozo, meu telefone começou a tocar alto, nos atrapalhando.

Ainda tentei me esfregar em Zayn, mesmo que Bran tivesse se afastado para pegar meu telefone, mas a sensação em minha barriga jazia apagada.

Meus olhos se anuviaram com lágrimas e um zumbido chato e insistente dominou o quarto, enquanto eu deslizava para o lado.

Zayn secou a boca com o dorso da mão enquanto se levantava da cama.

Bran pegou minha bolsa, que estava no chão junto às minhas roupas. Ele mexeu no meu celular, deslizando o dedo pela tela, certamente desligando a chamada e depois o lançou no chão de qualquer jeito.

O loiro, prostrado ao pé da cama perguntou:

— E o cu, Emi, você dá?

— Que ogro... — gargalhei. — Não, eu não dou!

— Negar o cuzinho assim é algo rude, sabia? — Bran continuou, se aproximando da cama ao me arrancar uma boa risada.

De joelhos, vi que Bran abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou um pacote repleto de camisinhas. Rasgando uma delas, desenrolou-a fácil sobre o membro, quando afundou o colchão ao se ajoelhar, me puxou de um jeito rude e rápido pelos calcanhares, e acabei deitada de costas, com a cabeça virada para o pé da cama.

Ele se enfiou no meio das minhas pernas sem muita enrolação.

— Preciso da camisinha ou podemos ir no pelo, Emily? — perguntou, os lábios retorcidos e o

semblante animado.

— Co-como assim?

— Sem camisinha — Zayn respondeu antes dele.

— É, porque, assim... a gente só transa sem nada com a Mad, então não somos um risco.

— Mas posso ter um bebê, e porra... — ponderei — não quero uma criança sua.

— E minha? — Zayn brincou.

Parou feito um poste diante de mim, até fazendo sombra no meu rosto. E só assim entendi suas intenções, principalmente quando enfiou as mãos em minhas axilas e me puxou, me deixando com boa parte da cabeça para fora da cama.

— De ningué... — tentei dizer.

Zayn bateu o pau na minha boca de leve, uma, duas, três vezes. Depois guiou seu membro até o meu rosto. Ele cheirava diferente, tinha o mesmo perfume que encontrei em seu pescoço.

Meus seios pesavam com a brincadeira safada dele, que parecia no céu ao deslizar seu pau pela minha face, soltando pré-sêmen nela e me fazendo querer tocar a boceta para me aliviar de uma vez.

Só desviei do que ele estava fazendo para subir um pouco o rosto e ver Bran se acertando entre as minhas pernas. Suas mãos quentes e grandes puxaram os meus pulsos, unindo-os na lateral do meu corpo, como se me prendesse no lugar.

Quando pressionou seu membro na minha entrada, deixei minha cabeça cair para trás. Zayn não esperou, logo se enfiou nos meus lábios. A umidade escorrendo da fenda de sua glande se infiltrou na minha boca, e morrendo de sede, engoli o que ele soltava.

Não consegui me controlar, era gostoso demais, errado demais.

E a dor de Bran me penetrando, atrelada às mãos de Zayn se fechando nos meus peitos com tanta fome,

acabava com a minha sanidade.

Eu queria mais, porra!

Abocanhei sua glande e suguei na pressão, sentindo o combo de chupar o pau dele, e Bran se enfiando lentamente dentro de mim. Enfiei as unhas nas coxas dele, que metendo seu pau mais e mais para dentro, moveu as suas mãos para meus antebraços feito duas amarras.

O quarto era uma confusão de calor, cheiro de sexo, estalos e gemidos misturados.

Zayn resolveu se movimentar, fodendo e inchando dentro da minha boca no ritmo que queria, me sufocando quando bem entendia. Tentei relaxar a garganta, mas não foi o suficiente.

A baba escorria para minhas bochechas enquanto eu tentava sorver mais do seu pau. Meus lábios escapavam e provocavam um estalo, mas nada mais alto do que senti com Bran se socando inteiro dentro de mim.

Arrastei as unhas na carne dele, tentando lidar com o poder do seu membro investindo com tanta vontade, força e rapidez, que o choque dos nossos corpos ecoava pelas paredes.

— Porra, Emily, você é boa demais — sua voz foi grave e, ainda assim, sussurrada — apertada demais.

Minha resposta foi um gemido atordoado, porque ele rodou o quadril só para se chocar fundo outra vez, e muitas vezes seguidas. Com a boceta contorcendo ao redor dele, meu corpo só pedia por mais.

Meu ventre queimou, minhas pernas bambearam, mas Zayn se metendo inteiro dentro da minha boca foi o que me tirou de órbita. Ele introduziu tanto o pau na minha garganta, que, incapaz de pensar direito, esperei que enfiasse as bolas ali também.

— Não faça bagunça, Emi! Tem que engolir tudo o que estou te dando.

Sufocando, deveria me desesperar. Sendo bem ao contrário disso, senti minha boceta apertando como nunca.

Suguei aquele pau com toda a minha força, tentei rebolar embaixo de Bran, com as bolas do seu irmão se chocando na minha cara e seu rosnado delicioso anunciando que me daria algo, e de fato sua porra quente desceu com tudo pela minha boca.

Bran acelerou, se enfiando em um vaivém tão rápido, que uma lágrima escapou do meu rosto e meu corpo inteiro começou a tremer.

Engasguei com a porra de Zayn, fervendo, ardendo, quase a ponto de ebulição. Eu me tremi tanto, sentindo algo crescendo no meu corpo e ainda tentando engolir o gozo em minha boca, que minha visão distorceu.

Zayn se afastou dos meus lábios, desferindo dois tapinhas em minha bochecha esquerda, tentando me trazer de volta a esse planeta.

Precisei piscar muitas vezes para minha visão voltar, tentando regular minha respiração. Suada pra caralho, experimentei a ardência de Bran saindo de dentro de mim com aspereza, e feito um louco, me virando de quatro.

— Queria gozar no teu cu, porra! — Juntou o meu cabelo, enrolando-o no punho, puxando com força. Fiquei o mais empinada que pude para recebê-lo. — Mas já que não posso, vamos do meu modo favorito.

Ele não me penetrou.

Não.

Foi pior!

Bran arremeteu de uma só vez e socou o pau com tanta fúria, do modo certo para doer e tornar aquela merda perfeita, que foi quase mágico sentir minha boceta se estreitando ao redor dele e eu me desmanchar a ponto de temer me desfazer.

Gozei com um grito, arfando sem parar, enfiando as unhas no lençol enquanto meu ventre queimava, minha boceta pulsava, e Bran se enfiava mais e mais, veloz, querendo me atravessar.

Expulsando minha última gota ao redor daquela porra de pau perfeito, temi que ele arrancasse o meu cabelo fora enquanto me fodia a ponto dos meus peitos doerem, balançando daquele jeito.

Zayn alisava o cabelo, nos sondando enquanto eu o fitava nos olhos, sentindo minha boceta quase esmagando o membro de seu irmão.

Bran me fodeu até o talo, quase me atravessando, e quando achei que fosse desmaiar sem ter mais nada pra gozar, ele inchou, rosnou e se derramou dentro de mim.

Senti seu pau vibrando, jorrando tudo na camisinha enquanto tentava regular minha respiração.

O quarto foi tomado por cheiro de cigarro enquanto Bran, aos poucos, deslizava para fora.

— Vai fumar em outro lugar, caralho! — Bran resmungou, ofegante.

Cansada demais, só me virei de lado do jeito que consegui e fechei os olhos um pouco.

— Me deixa relaxar...

— Acabou de gozar, quer relaxar mais do que isso?

Quando pisquei, vi Bran tomando o cigarro do irmão e atirando no chão. Quando pisou nele, fiz um silencioso “au” com a boca. Certamente queimara o pé.

Zayn mostrou os dentes de um jeito tão alegre para o mais velho, que me vi dando um sorrisinho. Amava vê-los sorrindo. Mas, quando ouvi os dois se enfiando no banheiro, me permiti apenas fazer o que precisava.

Mesmo estando uma bagunça, cansada e só querendo dormir, pulei da cama e recolhi minhas

coisas. Me vesti o mais rápido que já fiz na vida, enfiei meu celular na bolsa e, feito uma covarde, corri para fora do quarto.

O xeque-mate seria alcançado quando contasse ao Drake que ele deveria me esquecer porque transei com seus filhos.

Descendo as escadas para o segundo andar, peguei o celular na bolsa e encarei o visor. Não havia nada indicando chamada perdida. Que estranho!

Guardando o aparelho na bolsa, voltei a sentir o peso do que estava acontecendo me cobrir, e a certeza de não ter rumo, ou lar, ou alguém nesse mundo que me rondava feito uma ave de rapina. Não foi isso arrepiando a minha espinha ou disparando o meu coração daquele jeito, o que fez o horror me dominar foram os olhos piscando em meio à penumbra do segundo andar.

Um clarão tomou o céu do outro lado da janela no fim do corredor, iluminando parcialmente o rosto do homem por quem inutilmente me apaixonei.

Dei um passo atrás, segurando a alça da bolsa com força, a boca trêmula.

Drake parecia parte da noite, oculto, parado no meio do corredor me encarando com os olhos estreitos e com os punhos cerrados.

Não havia nenhuma, nenhuma opção diferente para mim, que não fosse correr.

Não quando tudo o que tomava o seu semblante naquele segundo era um ódio quase assassino.

39

Emily Brown

Ele não precisou abrir a boca, sua postura indicava que sabia de algo.

Descendo as escadas correndo, temia acabar caindo, mas os passos dele retumbando nos degraus atrás de mim me arrancaram um grito.

— Isso, corre, Emily! — cantarolou. — Eu adoro perseguir.

A fuga desesperada me levou direto à porta da sala e, porra, não podia parar.

Drake me provara que era o próprio Diabo e não queria imaginar o que faria comigo se me pegasse. Por isso, corri em meio ao vento frio da noite cemitério adentro. E, embora fossem meus pés acelerados, o sangue em minhas veias corria com mais força, e cada ruído dos passos dele atrás de mim se chocava contra o meu ouvido com precisão.

— Drake, para! — gritei por cima do ombro. — Me deixe em paz!

Ofegante, atravessei o portão.

Minhas vistas foram embaçadas pelo medo e minhas têmporas tomadas por um suor frio enquanto, sem coordenar qualquer direção, me embrenhava nas

estradinhas tortas entre os túmulos de granito e pedra.

Com o coração parecendo que batia dentro da minha garganta, me abaixei atrás do túmulo da Sra. Smith.

O choro parecia esperar para cair, retido sob os meus cílios, enquanto eu tentava olhar por cima da sepultura, procurando-o por trás das asas de Elizabeth, a estátua. Drake estava muito perto, parado atrás dela, olhando para todos os lados, me caçando feito um predador faminto. Fendas severas marcavam o vão entre suas sobrancelhas e seus olhos injetados sondavam o perímetro.

Tapei a boca, olhando o cruzeiro adiante e temendo que ele fizesse algo daquele porte outra vez. O cemitério era, em maior parte, tomado pela escuridão, mas uma iluminação precária vinha de postes de luz encontrados de forma esparsa pelo lugar, clareando sua silhueta perturbada, causando-me um arrepio maior.

— Se tem alguma fé, garota cruel, é a hora de rezar. — Sua voz remetia a trovoadas.

Meu corpo estava tão acordado, que nem parecia que flertava com a morte enquanto Drake sumia de vista. Limpei o suor da testa e soprei o ar pela boca devagar, tentando sair dos fundos da lápide e dar uma volta agachada para a esquerda, mas o puxão no meu cabelo me ergueu de uma só vez.

— Não — choraminguei, tentando socar o ar.

Não importou o quanto lutei, me debati ou gritei, porque Drake deu um jeito de me deitar de costas em cima da lápide, então se enfiou no meio das minhas pernas.

Inclinado sobre o meu rosto, podia ver a mágoa estampada em sua face, tão nítida, tão... palpável.

De um jeito grosseiro, arrancou a capa de chuva do meu corpo, e mesmo que tentasse travá-lo, não consegui. Com um grunhido animalesco, atirou o traje no chão.

— Drake — chamei, me tremendo inteira embaixo dele.

Ele não me ouvia, só dava respirações densas pelo nariz enquanto tirava meu suéter, depois o sutiã, seguindo para as galochas e meias, depois para o jeans.

Eu deveria travá-lo, só que meu corpo entendia que era mais dele do que meu, porque só se submetia enquanto eu erguia o quadril para que arrancasse a minha calcinha.

Bati os dentes, congelando pelo toque gelado da pedra, pelo ar frio da madrugada, mas esquentando pelo perigo de chegar tão perto dele, que naquele momento queimava como se o maldito estivesse em brasas.

Ajoelhado entre as minhas pernas, ele dobrou uma delas, pousando meu pé sobre o seu suéter, e correu os olhos pela minha pele. Parecia inspecioná-la e, um tanto perturbado, soltou minha perna apenas para repetir o gesto com a outra.

Meu rosto ferveu quando ele mexeu nas dobras da minha vagina, porque nem ali escapou de sua revista.

O que o maluco estava fazendo?

Seu olhar perdido foi para as dobrinhas da minha barriga, para os meus flancos, quadril, e até meus seios ele subiu, a ponto de doerem, inspecionando a base deles. Drake girou meu rosto de um lado a outro com grosseria, rosnando, e só então a percepção chegou: talvez quisesse ver se minha pele estava marcada pelos seus filhos.

Ele, sempre tão territorialista e possessivo, era o completo oposto dos seus garotos.

Meu peito não deveria ter se acalmado, entretanto, batia mais sereno fitando o emaranhado de sentimentos confusos que pareciam transcender em seu olhar.

— Você é uma vadia — acusou e cuspiu no meu rosto.

Abri a boca, piscando, sentindo aquela coisa quente e pegajosa escorrendo na minha bochecha. Tentei conter as lágrimas enquanto usava a mão para limpar, mas algo fervente explodiu no meu peito.

Levantei a cabeça e meti a boca no pescoço dele. Mordi com força e rosnei como uma cadela raivosa, segurando seu casaco na altura do peito.

Sua mão enorme se fechou no meu pescoço, e privando qualquer ar por sua enforcada, fui obrigada a largar sua pele. E mesmo assim ele intensificou o apertão. Meus pulmões queimaram, minhas vistas desaguaram lágrimas e quando ele por fim soltou, tossi forte.

— F... filho da puta! — rosnei, enquanto me recompunha.

Sem pensar direito, enfiei as unhas na carne macia do seu pescoço e arrastei para abaixo, causando vergões longos e vermelhos em sua pele.

— Porra — xingou com um berro e segurou as minhas mãos, unindo-as no topo da minha cabeça.

— Não ouse ficar duro, seu merda! — gritei.

E o cretino quase riu, empurrando mais sua ereção contra a minha boceta.

— Se eu achar alguma marca no seu corpo, traidora do caralho, vou arrancá-la fora com os meus dentes!

— Dói que eu tenha transado com eles? — Ataquei. — *Agora não se sente tão arruinado quanto fez eu me sentir?*

— Desgraçada!

Nem tive tempo de revidar sua ofensa, porque cravou os dedos no meu quadril e me virou. Meus mamilos endureceram em contato com a pedra fria. Suas mãos rudes jogaram meu cabelo para o lado e olhando por cima do ombro, vi seu olhar sádico e atormentado por minha pele.

Demorou um tempo checando tudo, e meu único prazer se devia ao fato de que ao menos revidei a ofensa absurda de cuspir em mim o agredindo.

A ardência em uma das bandas da bunda me sobressaltou, e não tardei a notar que os dentes dele estavam cravados ali, e aquilo quase me fez gemer.

— Sorte a sua que não tem vestígio algum daquela imundice em você — avisou, puxando meu quadril com um tranco pra cima.

Ouvi seu zíper abrindo, e com um empurrão grosseiro pra caramba em minha cabeça, ele quase grudou minha cara no túmulo da pobre Sra. Smith para me obrigar a arrebitar a bunda. Não queria profaná-lo, mas esse maldito se infiltrou demais na minha cabeça, e por mais que quisesse, não conseguia fugir dele.

Pior: eu não queria fugir dele.

— O que vai fazer? — Foi quase retórico.

— Comer o seu cu até você chorar.

Apertei os lábios quando senti a cabeça do seu pau roçando minha carne úmida, e quando ele a enfiou lentamente dentro da minha boceta, fechei os olhos e quase esfolei meus lábios, de tanto que os apertava porque me recusei a gemer para aquele *stalker* maldito, por mais que sentisse vontade.

Ele deslizou o membro quente para dentro de mim, e bombou algumas vezes sem sutileza alguma, forte, rápido, doido para atravessar o meu ponto mais profundo.

— Drake... — gemi, por fim.

— Você disse aos garotos que não dava o rabo, mas pra mim você vai dar, filha da puta!

Como ele sabia daquilo?

Um flash de Bran com meu telefone na mão piscou na minha mente, mas foi sobreposto pelas ações do homem atrás de mim. Ele tirou o membro da minha boceta, e encolhi os ombros, mal conseguindo ficar empinada para recebê-lo quando recostou sua cabeça enorme em minha outra entrada.

Deveria pará-lo, porque o odiava, porque estava quebrada por ele em muitos pedaços, só não fui capaz.

Ele era cruel e sombrio, mas também era o catalizador perfeito para a podridão em mim. E talvez minha imundice se alimentasse do ódio, pois, no meio da porra do cemitério, eu o queria.

Ele empurrou o membro para dentro aos poucos e me vi apertando os dentes, os olhos, e tentando enfiar as unhas no granito do túmulo ao mesmo tempo.

Aquilo ardia, mas Drake não parecia ter pena, porque seguiu seu caminho, empurrando mais, me alargando, sibilando de prazer feito uma cobra enquanto passava a segurar as bandas da minha bunda, abrindo-me inteira para recebê-lo.

Um rastro molhado escorreu da minha boceta para a coxa, enquanto a dor aumentava e eu me vi choramingando. Não foi certo sentir a barriga esquentando tanto, enquanto ele me rasgava e se enfiava mais dentro de algo que não parecia ter sido feito para sexo.

Não quando doía tanto.

Eu não queria chorar, mas ele entrou mais e mais dentro de mim, enquanto enrolava uma das mãos no meu cabelo, e fez uma gota deprimente escorrer dos meus olhos até o meu nariz.

— Está doendo? — O sadismo parecia dançar em sua voz.

— Sim.

— Mal passei a cabeça, fantasminha — as palavras saíam em meio ao riso. — Por que não esfrega sua bocetinha enquanto eu te machuco? Não que você mereça alívio, não sendo uma traidora de merda, é apenas para não esfolar o meu pau contraindo o cu desse jeito.

Um grito agudo saiu queimando a minha garganta quando Drake deu uma investida grande e forte, de uma só vez. A lágrima ficou mais intensa e o maldito me puxou para cima pelos meus cabelos, unindo minhas costas em seu peito e arremeteu mais uma vez.

Uma de suas mãos foi para o meu seio, e não ouve um só alento no gesto, porque o que fez foi beliscar o meu mamilo com uma força tão exagerada, que me contorci inteira. Berrei mais alto, porque, sozinha, deslizei mais fundo em seu pau com o movimento, sentindo suas bolas se chocarem contra as minhas nádegas.

— Ai, Drake, por favor...

— Caralho, olha como esse cuzinho é apertado, Emily. — Estocou mais fundo, e naquele momento meu rosto já estava entregue às lágrimas. — Acho que vou enfiar as bolas nele também.

Tentei segurar suas coxas enquanto ele acelerava, se chocando dentro de mim com tanta força, que mordi a boca para travar os gritos. Ele parecia prestes a arrancar o meu mamilo fora, quando diminuiu o ritmo das estocadas e desceu a ponta dos dedos para o meio das minhas pernas.

Foi só tocar o meu clitóris que, antes rígida, amoleci. Mas ele suavizou, mais contido, metendo o pau lentamente na minha bunda enquanto aos poucos ia girando os dedos.

— Mais rápido — o pedido envergonhado quase não saiu.

Só percebi seu rosto contra o meu pescoço quando sua risada descontraída soprou sobre a minha pele. Drake arrastou a ponta do nariz por ali, e terminou dando um chupão, forte, doloroso e que me fez gemer baixinho.

— Você é tão fodida, né? Estou estraçalhando o seu rabo e você está assim... molhada dessa forma.

Meus olhos caíram quando ele me masturbou, veloz, macio, no ritmo que combinava com suas estocadas no meu cu.

— Sim — admiti —, sou imunda igualzinho a você.

— Vai, esfrega sua boceta sozinha, pra eu me concentrar nesse rabo.

Eu me apaixonei pelo Drake, e também pelo *stalker*. E pareciam homens diferentes, mas quem estava me fodendo era a mistura dos dois, e por mais que odiasse, era quase a junção de dois universos, poderoso, atraente demais.

Desci minhas mãos para o meu clitóris e esfreguei, estimulando-o enquanto ele agarrava o meu quadril e voltava a se mexer.

Indo e vindo, forte, pesado, ele me fodeu.

Eu não gemia, gritava. Porque doía, porque era bom, ainda mais quando eu me masturbava com uma mão e com a outra apertava forte o meu próprio seio.

Ondas elétricas começaram a se avolumar na minha boceta, com um fervor crescendo na minha barriga, enquanto o corpo dele se chocava contra o meu, reverberando estalos que profanavam a casa dos mortos.

E bem em cima da sepultura da pobre senhora Smith, eu gozei chorando, com lágrimas escorrendo até o meu pescoço.

Gemi alto, rodando os dedos sobre o meu clitóris mais rápido, contraindo a bunda ao redor do membro quente dele. Não conseguia ficar parada, porque tremores intensos tomavam meu corpo todo, e a umidade descia ainda mais frenética para as minhas coxas.

Ele não parou de me comer, não até que eu desse meu último espasmo, e cansada demais, tombasse as costas ainda mais contra ele.

Engolia sugadas de ar pela boca, com a pele fervente, os olhos cerrados; e mesmo em meio ao frio, ainda suava.

— Abra os olhos, fantasminha — sussurrou e roçou o nariz na minha bochecha.

Vi pelo canto dos olhos que ele lambia algumas lágrimas minhas e, sorrindo, se afastava do meu rosto.

Se estava quente porque Drake me comia, congelei ao ver os olhares de Mark e Bryan parados diante de um túmulo, poucos metros à frente, próximos ao cruzeiro. Um tinha uma pá sobre os ombros, apertando seu cabo com toda força do mundo, engolindo em seco. O outro unia as mãos na frente da calça, tapando a ereção. Embora parecessem chocados, o brilho nos olhares deles deixava claro que gostavam do que viam.

Cobri os seios com uma mão, o meio das pernas com a outra, mas nada travou Drake de pegar as duas e impedir que eu me escondesse, puxando-as para as laterais do meu quadril.

— Imagine, fantasminha — sua voz soprava calor contra a minha orelha —, os dois vão sair daqui — puxou o pau pela metade, depois socou bem fundo — e contar às outras pessoas que viram Emily Brown sendo enrabada por mim. Então, a cidade inteira vai saber a quem você pertence. Perfeito, não?

— Você é um empresário... — Engoli um gemido, tentando segurar as coxas dele e manter o equilíbrio, mas foi impossível e acabei tombando de frente com suas estocadas fortes, ficando de quatro. — Embora tenha os problemas com a investigação, não liga para a sua reputação como gestor disso aqui?

— A única reputação com a qual me importo é essa: a de ser o seu dono — falou, embrenhando os dedos no meu cabelo e puxando minha cabeça para trás. Fui obrigada a me empinar e meus olhos se cravaram nos coveiros tarados nos espreitando. — Quero que todo mundo saiba que você é minha!

— Não sou! — rebati, mordendo a boca para lidar com a força com que Drake estocava.

Seu grunhido de raiva foi sucedido de um ruído rouco e arremetidas tão fortes que me fizeram tornar a gritar, e minhas unhas rasparam no granito e quebraram.

O pau dele inchou tanto, que temi que me rasgasse enquanto podia sentir os jatos da porra dele inundando a minha bunda. Drake não parou de meter com força até que as vibrações em seu membro terminassem.

— Você fala que não é minha, mas me deixou comer sua bunda sem qualquer resistência — debochou, ofegante, então puxou-se para fora de mim de uma só vez, rude, impaciente. — Você dá muita sorte que, do meu jeito torto e imoral, eu a amo, ou uma dessas covas seria sua por ser uma vadia!

Me sentei aos poucos, fraca, engolindo suas palavras.

Ele disse que me amava?

Seu rosto ostentava um semblante de fúria atrelada à mágoa, mas nada se comparava àquele rombo que ele deixou dentro de mim.

Drake subiu a cueca, acomodando o pau ali dentro, depois fechou as calças. Com um só olhar atravessado para seus funcionários, os dois coveiros deram um jeito de sair de cena, atrapalhados ao se chocarem um contra o outro e correrem em direções distintas.

— Primeiro: eu não te traí. — Soltei as mãos em punho sobre as coxas, sentada sobre meus calcanhares. — Eu namorava com o *stalker* e terminei tudo quando descobri que o rosto por baixo daquela máscara deprimente era seu. Você se infiltrou na minha mente com uma máscara, então, nunca tivemos nada!

— Não vem com essa, porra! — rebateu aos berros, alisando o cabelo para trás, os olhos vítreos sobre os meus. — Eu vi você dizendo ao Zayn que tinha namorado, disse a mesma coisa a mim no dia em que expulsei seu avô daqui. Você sabia e tinha aceitado o nosso relacionamento.

— Essa coisa doente nunca foi um relacionamento, Drake — minha voz saía engasgada, soterrada pelo peso dos meus sentimentos. — E você disse que me ama, mas não parece amor, não quando agiu como se me odiasse ao me crucificar, ao me prender naquelas cordas, me queimando como se eu fosse um animal. E se queria algo comigo, poderia ter tido algo limpo.

— Limpo? — Ele riu. — Somos ferrados demais pra isso.

— Me encantei por você quando eu tinha quinze anos, sabia? — interrompi. — Eu te endeusava, cobiçava, enquanto você passava a me detestar. — Não consegui travar o choro, que saiu com um bico horrível enquanto eu tentava inutilmente secar as lágrimas. — Quer saber? Não era pra gente ter transado. Eu só vim pegar as minhas coisas para ir

embora, e como o perseguidor de merda que é, me seduziu nessa burrada.

— Eu cheguei mesmo a te odiar, fantas... — segurou as têmporas — Emily. Mas aquela porra não foi páreo para o carinho que eu já sentia. Então, minha maior confissão é que fui fraco diante de você.

Deu um passo à frente, pinçando meu queixo com os dedos. Irritada, virei o rosto.

— Eu é que fui fraca, entregando meus sentimentos mais nobres enquanto você os pisoteava. E se está se sentindo traído, imagine o que deixou dentro de mim, porque dói, sangra, e a culpa é sua. Então estamos quites!

Não esperei por resposta, como um raio que chegava sem avisar, pulei do túmulo e tentei pegar minhas roupas largadas no chão. Feito uma barreira, Drake entrou na minha frente, impedindo-me.

Talvez meu lado racional tivesse batido as botas, se enterrado sozinho em uma das covas que nos cercava, mas tudo que fiz foi fugir pelada noite adentro, em direção ao casebre.

O vento eriçava os meus cabelos, e embora minha pele congelasse pelo vento frio, meu sangue parecia lava, me esquentando de dentro para fora enquanto eu corria, como se viver dependesse daquilo.

Eu nem sabia como ainda tinha pulso, se por dentro estava mais morta do que nunca, enquanto pisava na varanda de casa com ódio e mágoa me dominando.

Poderia ser uma algema ao redor do meu antebraço, mas foi só a mão do homem que jurava me possuir, me virando de frente para si.

Drake me empurrou com força contra a parede de madeira da varanda, me encarando com olhos tempestuosos:

— Não estamos quites, não!

Emily Brown

Drake segurou meu queixo com força.

— Você ultrapassou um limite perigoso ficando com os meus filhos, Emily. Já fui traído antes, de uma maneira muito séria — falou, raivoso. — Mas quero tanto você, que parece que perderei os ossos do meu corpo se me deixar, por isso estou disposto a tentar passar por cima de tudo o que aconteceu, mas só com uma condição.

Meus músculos pareciam feitos de pedra, mas suas palavras os suavizaram um pouco.

— Qual?

— Eu puno você e em seguida conversamos, para tentar continuar depois das merdas que fizemos, ou terminamos de vez.

— VOCÊ FOI QUEM FEZ UMA GRANDE MERDA! — Estapeei sua mão.

— Sim, fiz mesmo. — Encarou-me de cima, sem recuar. — Sou ruim, vingativo e assumo os meus pecados. No entanto, já abracei minhas sombras por tempo demais e sei que só posso seguir em frente e conversar contigo, se a punir, porque, do contrário, nada dentro de mim fará sentido.

— Então ainda quer me castigar? — Mordi o lábio inferior, balançando a cabeça, decepcionada.

— Sim, ou... a gente termina definitivamente. Pago seu alojamento na faculdade até que se forme — ele engoliu em seco a cada frase —, te encontro um novo emprego, porque não vou deixá-la desamparada. Então será como se jamais tivéssemos nos conhecido.

Não era ódio, o que eu sentia? Então, por que meu peito apertou a ponto de quase dar nó com essa menção de uma ruptura final entre a gente? Não era o que eu queria?

Ele era o único errado nessa merda toda, mas transando com os garotos me equiparei. Também fiz merda.

— Drake, eu só fiquei com eles por...

— Nenhuma só palavra sobre isso terá sentido para mim, se não fizer sua escolha. — Deu dois passos atrás e cruzou os braços. — Não vamos conversar antes do castigo.

Olhei para a porta da casa, desejando me vestir, ao passo que tentava secar o rosto, com suas palavras ecoando no vácuo da minha mente.

— Qual é o castigo?

— Faça sua escolha! — falou entredentes.

— Ok. — Seus olhos acenderam como um relâmpago enquanto me virava para entrar em casa. — Vou me vestir.

— Se aceitou o castigo, deve ir para a minha casa nua, porque ele começa aqui e não precisará de roupas para ser punida.

— Me dê o castigo aqui, então.

— Não! Quero que os moleques ouçam tudo o que farei contigo.

Meu coração ainda tinha tantos sentimentos por esse maldito, e não tendo certeza se saberia lidar com

um término definitivo, olhei ao redor do lugar, me abraçando.

Tomei uma dose de coragem junto a uma sugada de ar e andei em direção à casa de Drake. Meus pés descalços esmagavam folhas, roçavam na lama e nas pedras.

Drake me seguia de perto, mas eu mal ouvia seus passos, como se fosse sua qualidade pessoal ser silencioso e sorrateiro.

Quando cheguei em frente à casa, olhei para o cemitério. Por um segundo me dei conta de que minhas roupas haviam ficado lá. Mesmo soando tão fraca, eu disse:

— Pegue as galochas e a capa de chuva, ao menos. Não quero perdê-las.

Seus olhos irados suavizaram por um segundo e, contrariando meu receio de que fosse cagar para o pedido, Drake foi até o cemitério, me deixando sozinha no meio do quintal. Ele voltou poucos minutos depois com as minhas coisas.

Drake errou muito comigo, e nada, JAMAIS, justificaria o que fez. Ainda assim, o deixaria me castigar. Não só porque ele era fodido a ponto de precisar disso, como confessou, mas porque os lobos espreitando sob a minha pele precisavam de alívio... em formato de dor.

Dor o suficiente para que a pele suplicando gritasse mais do que meu coração rasgado.

Quando entrei na residência, de cabeça baixa, dei de cara com Lindsay espanando uma prateleira de livros ao lado da escadaria. Sabia que ela morava ali, na casa, só não fazia ideia de que fosse maníaca por limpeza a ponto de acordar antes de raiar o dia.

Um enorme vão se alargou entre os seus lábios quando se deparou com minha nudez. Drake passou por nós duas e, de cara amarrada, subiu as escadas e

me deixou para trás. Engolindo a vergonha espinhosa garganta adentro, subi atrás dele, ainda de cabeça baixa.

Drake me esperava no segundo andar, diante da porta de um dos quartos de hóspedes, com o rosto tão impassível que parecia uma rocha.

Não havia sinal dos meninos acordados enquanto, por espontânea vontade, eu adentrei o inferno, com a ideia de que ali pagaria os meus pecados.

Certamente, aquele quarto era o ambiente mais visualmente sereno da casa, com painéis de madeira branca adornados por molduras retangulares e finas funcionando como relevo decorativo.

A enorme cama cor de champanhe parecia saída de um conto de fadas, com cabeceira acolchoada e clara. O dossel perfeito em um tom de creme quase cintilava, combinando com o mosquiteiro translúcido e pálido pendendo das extremidades.

As longas janelas do quarto mantinham as cortinas claras abertas, enquanto Drake pousava minha roupa sobre uma cômoda retrô de quatro gavetas na cor marfim, com pés dourados que combinavam com as gotas do enorme lustre no meio do teto do quarto.

Drake foi até o banheiro e bateu a porta com força, produzindo um baque retumbante. Ouvi o barulho de água lá dentro e aproveitei para bisbilhotar o recamier ao pé da cama, que comportava um chicote preto e uma vela vermelha junto ao emaranhado de cordas, e tinha até mesmo um isqueiro preto ali.

Ele planejou me castigar antes de ficar no corredor espreitando feito uma assombração, pois teve tempo de colocar isso aqui antes de me pegar.

Com o coração ribombando nos meus tímpanos, soube que estava fodida, e mesmo com medo, não recuaria.

Drake saiu do banheiro apenas com uma cueca boxer preta, pegou a vela, o isqueiro e a corda, depois se jogou sobre uma poltrona marrom ao pé da janela. Ele puxou um pufe pequeno e estofado para sua frente, que parecia até mesmo fazer conjunto com as cores da cama.

Meus olhos se arregalaram ao vê-lo acender a vela, e torci os dedos das mãos, enquanto ele esticava a corda sobre a chama, queimando-a. Com curiosidade, notei que as chamas não se espalhavam pela amarra, porque ele a girava rápido, apagando os pequenos incêndios e queimando outras partes.

— No *shibari*, isso é usado para fundir a extremidade da corda e evitar que desfie durante uma prática.

As chamas da corda refletiam em seus olhos como uma projeção, e trocando o peso dos pés, observei, agoniada, que seu rosto estava calmo demais.

— Hum...

— Vem aqui! — ordenou, enquanto apagava a vela e afastava o pufe para o lado. Cada passo que dei foi vacilante e torci a língua no céu da boca enquanto parava diante dele. Drake rodou o indicador e entendi a ordem, me virando de costas para ele. — Agora coloca os braços para trás.

Obedeci, e logo senti as cordas quentes contra os meus pulsos. Ouvi quando ele se levantou e minha respiração estava tão alta, que sabia que ele também a escutava, enquanto colocava as duas mãos nos meus ombros e empurrava para baixo.

Me ajoelhei.

Drake caminhou pelo quarto, e bati os cílios sem parar quando pegou o chicote. Meu corpo chacoalhou com sua proximidade e, mesmo amedrontada, rocei as pernas, observando por cima dos olhos enquanto ele

usava o cabo do chicote para jogar mechas dos meus cabelos para trás.

— Onde... — engoli em seco — onde vai bater?

— Darei cinco chicotadas nos peitos e dois tapas na cara. — Encarei-o, assustada, no mesmo segundo que ele esfregava o cabo áspero e gelado do instrumento pelos meus lábios. — Acha que é muito?

— Não, mas acho que eu deveria punir você também.

— Já puniu, Emily. O medo de nos afastarmos pra sempre é como ter um membro amputado — sussurrou.

— Então por que fez tudo aquilo comigo?

— Porque sou doente e não medi as consequências.

Drake deu um passo atrás, e não avisou, só ergueu o braço e soltou o chicote sobre o topo dos meus seios. Rangi os dentes, batendo os cílios carregados de água. Minha pele ardeu como se ele a tivesse queimado, e não me restou nada diferente de aguentar quando me bateu novamente, e uma terceira vez.

A quarta chicotada pegou nos meus mamilos e eu gritei tão alto, que quase arrebentei minhas cordas vocais. Quiquei sobre os meus joelhos, chorando alto, sentindo os bicos dos meus seios doerem como se tivessem sido cortados.

Drake alisou minha cabeça com carinho, e alguns segundos depois, murros altos se chocaram contra a porta do quarto.

— Emily? — Bran chamou.

Um traço de ódio dominou o rosto do homem diante de mim, que se afastou do meu cabelo com força e me chicoteou outra vez. Mais forte ainda, mais cruel que nunca.

Urrei de dor, e as lágrimas caíram mais intensas daquela vez, chegando ao meu pescoço.

Drake se agachou, sorrindo, enquanto os socos na porta se tornavam maiores.

— Pai, para com essa porra! — Foi Zayn a gritar. — Bora, Bran! Vamos derrubar a porta.

— A porta é blindada — Drake me contou. — Esse é o nosso quarto do pânico — sorriu. — Agora, me diga, como pôde querer me trocar por eles? São fracos e inocentes. Ambos acreditam que você não gosta disso. Não fazem ideia de que se alimenta da dor feito uma besta faminta.

— Eu não quis trocá-lo, apenas... te punir.

— Você usou mesmo camisinha com os dois?

Senti meu rosto arder mais do que a minha pele.

— Sim.

— Que bom, assim fico mais à vontade para ser o único a encher sua boceta de porra hoje.

— Ainda não tomo remédio — murmurei.

— Foda-se, eu não me importo.

De ter um bebê?!

Eu não tive tempo de responder, porque Drake soltou uma das mãos na minha face e caí de lado. Quis muito tocar a bochecha para aliviar a ardência, e nunca entenderia como a minha boceta inundou tanto com aquilo tudo.

— Quer que eu pare?

Ergui o rosto devagar, mas meu cabelo tapava a minha visão. Ele os afastou da minha face, e vi o brilho faminto no seu rosto, então soube que ele não pararia até dar o último tapa.

Sendo óbvio, ele esbofeteou minha bochecha novamente, mais leve daquela vez. Drake agarrou a minha garganta com força e me ergueu do chão de uma só vez. Tentei regular a respiração soprando suspiros pela boca, ao passo que Drake desfazia as amarras nos meus pulsos.

Circulou-me calmamente, alisando a barba enquanto olhava os danos no meu peito. Segui seu olhar, notando os longos vergões vermelhos por cima da minha tatuagem, dos meus seios, e um dos meus mamilos estava inchado e rubro como nunca.

Sua mão foi para o meu rosto, paciente, alisando uma de minhas bochechas doloridas, logo estava no meu queixo, então descendo, causando agonia por se esfregar contra os rastros de sua agressão nos meus seios.

Tomei a coragem de mirar o seu rosto, enquanto seus dedos passeavam para baixo, serpenteando por minha barriga, até se enfiarem nas minhas partes íntimas, que jaziam encharcadas como jamais estiveram.

Ele exalou muito alto, e nem por um minuto deixou de segurar o meu olhar. Os dedos dele deslizaram para baixo o suficiente para dois me penetrarem, e fui obrigada a segurar os seus braços, para lidar com a pressão dele os metendo dentro de mim rápido assim, os bombeando. Quando se deu por vencido, retirou-os de uma vez, e mal pude piscar, porque sua mão inundada estava espalhando a umidade pelo meu rosto inteiro.

Agarrei os seus flancos, intimidada por sua altura me engolindo enquanto Drake dobrava a cabeça e corria a língua nos rastros molhados pela minha face. Senti que ele a percorria pelas bochechas doloridas, então caindo para o maxilar só para subir trilhando pelo queixo até chegar à minha boca.

Respirando contra os meus lábios, seus olhos enegrecidos ainda seguravam os meus, e não quis esperar por ele, só deixei meu coração batendo ensandecido falar enquanto ficava na ponta dos pés e unia nossas bocas.

Pensei em algo leve, entretanto, Drake era o oposto disso. Sua boca engoliu a minha com tanta fome, que ele literalmente mordeu o meu lábio inferior me arrancando sangue.

Nossas línguas se uniram em meio ao gosto metálico, produzindo gemidos e um som molhado. As mãos dele arranhavam a pele da minha bunda, querendo machucar, e eu, perdida demais, tentava segurar o quadril dele do jeito que conseguia.

Eu nem senti que andávamos, não até que a parte de trás dos meus joelhos colidisse com a cama. Cai de costas, puxando-o pelos ombros para cima de mim.

Uma onda de adrenalina eletrizou minha pele, mas não se comparava a coisa volumosa no meu coração, misturada ao desejo, aquele sentimento insano que me condenava, e me deixava bem mais entregue ao Drake do que ele merecia.

Como o bom ogro que podia ser, me virou de costas em um só gesto e pude ouvir sua mão cortando o ar antes de estalar com força sobre a minha bunda.

— Se empina, porra!

Elevei a bunda o máximo que pude, mas perdi o controle dos pulmões quando senti algo denso ser laçado em meu pescoço, no mesmo instante em que Drake afundava o colchão com o seu peso.

— O que...

— Sua coleira — foi quase um rosnado. — Enquanto maceto na sua boceta, ela vai me ajudar a lembrá-la de que, se me quiser, vai ser nos meus termos.

Afundei uma das mãos no lençol, e tentei afastar o aperto do couro contra a pele do meu pescoço, no momento que, de uma só vez, Drake me preenchia com seu pau.

Gemi tão alto, que acabei sufocando mais enquanto ele puxava as alças da coleira a fazendo de

rédea.

Minha boceta se contraiu e eu tentei sugar o ar e, de olhos esbugalhados, sentindo os tapas absurdos que Drake deixava na minha bunda enquanto me comia como se tentasse me matar.

Doía no meu ventre e, tão corrompida, senti minhas paredes internas fervendo ao redor do membro dele, que entrava e saia com força e velocidade suficiente para que meu gozo fosse tão forte, que eu sentisse que estava fazendo xixi, porque rios molhados escorriam por dentro das minhas coxas ensopando o colchão.

A falta de ar fez pontos enegrecidos tomarem a minha visão. E feito um bicho, Drake não parava, só mergulhava em mim, forte, profundo, até gemer alto e me encher com algo bem quente.

Meu corpo amolecia e o ambiente se tornou mudo, quando, enfim, ele liberou o meu pescoço e tossi a ponto de meus pulmões doerem.

Ele ainda se forçava, lentamente, soltando ruídos gostosos enquanto seu pau, aos poucos, deixava de vibrar.

Com suspiros densos, foi tirando o pênis aos poucos e quando, por fim, saiu, me joguei de bruços na cama e choraminguei.

Exausta.

Dolorida.

Satisfeita.

— Olha a mágica, amor... — ele riu. Rolei, deitando-me de costas, apoiando a cabeça em um travesseiro. — Você gemeu tão alto, que os meninos entenderam que estava, finalmente, sendo bem comida.

Minha boceta ardia, mas não mais do que a pele, enquanto Drake alisava o cabelo com um sorriso largo e perfeito tomando o rosto.

— Acho que preciso de um banho — murmurei.

Drake subiu uma sobrancelha e passeou para o meio do quarto, entre a poltrona e a cama.

— Ainda não! Venha até aqui e se ajoelhe.

Engoli o nó na garganta, negando com um aceno de cabeça.

— Estou exausta.

— Já estou acabando, fantasminha — garantiu, mas apontou para o chão diante de si. — Eu marquei seu cu e sua boceta com a minha porra, mas ainda preciso tirar esse cheiro de merda da sua pele.

Meu corpo parecia ter sido pisoteado durante minha saída da cama e a cada passo que dei até me ajoelhar na frente dele.

Seu pau devagar amolecia, tão perto da minha face, que podia ver a gota sobressalente de gozo escorrendo dali. Planejei lambê-la e, por um mísero segundo, achei que ele fosse me fazer chupá-lo quando segurou o membro.

Nada me preparou para sentir Drake mirando o meu rosto, só para fazer xixi em mim. Não me mexi enquanto o jato quente da sua urina cobria o meu rosto, descendo pelo meu pescoço e molhando os meus seios.

O cheiro pungente de amônia misturado à dominação me cobria inteira.

Em meio ao choque, vi o prazer e a posse brilhando em seu sorriso triunfante, e me perguntei como ele escondeu tão bem o sádico que era, sob aquela fachada doce.

Ele conhecia o poder sobre mim, estava me marcando feito um cão, cobrindo seu território; e toda molhada pelo mijo dele, tive certeza de que era louca, porque não podia dizer que odiei aquela merda.

— Pronto, fantasminha. Agora, enfim, estamos quites!

DRAKE WALTON

Emily estava bem quieta, ainda mais linda com a água morna do chuveiro caindo sobre o seu corpo, molhando a pele repleta de rastros meus.

Um dos lados de sua bochecha carregava a marca inchada dos meus dedos, o pescoço, um chupão imenso e roxo. Seus seios perfeitos ostentavam os rastros esculpidos pelo meu chicote e o restante do corpo carregava vestígios arroxeados dos meus apertões.

Perfeição resumia o jeito devoto como me encarava, e estava satisfeito pela submissão que demonstrou ao encarar a punição.

Eu fui um merda, e entendia isso, mas precisei puni-la para me livrar do peso absurdo triturando o meu peito depois que ouvi, pela chamada telefônica, o que andou fazendo com os meus filhos.

Depois de lavá-la bem, a guiei de mãos dadas para fora do blindex, em seguida a sequei com uma toalha calmamente. Sobre as marcas nos seios, dei batidinhas leves com o tecido, parando apenas porque ela chiou de dor, então desci com a toalha para secar sua boceta, depois as pernas, por último as costas e o rabo

perfeito. Por fim, me sequei também, depois enrolei uma toalha branca no meu quadril.

Achei mesmo que estivesse tudo acabado entre a gente e que teria de viver atormentado a vigiando de longe para o resto da vida, mas aceitando a punição, entendi que ela também não queria me perder.

Com uma escova encontrada na gaveta do gabinete do banheiro todo decorado com tons de champanhe, penteei os cabelos da minha garota, que havia besuntado com um pouco de creme branco. Ela me dedicava um olhar cheio de brilho pela superfície espelhada.

Desfiz os nós do seus cabelos, que certamente causei com meus puxões, e quando me afastei, Emily se enrolou em uma toalha e, silenciosa, seguiu para o quarto.

Peguei um frasco pequeno e verde no gabinete depois cumpri meu jogo perfeito a seguindo, a observando, enquanto se espreguiçava feito uma gata e se jogava devagar sobre a cama, bocejando.

O quarto seguia uma zona, com o carpete sujo de mijo e a cama molhada pelos esguichos da boceta dela. Todavia, Emily não pareceu se importar, deitando de lado sobre os rastros do seu orgasmo e me encarando.

Sentei perto dela, sobre a borda do colchão, então joguei um pouco do líquido gelado e refrescante sobre a palma da minha mão. Um cheiro de aloe vera fluiu pelo ar, e sem pedir permissão, abri a toalha dela, tendo a vista dos peitos mais lindos do mundo. Logo espalhei a substância sobre os vergões em seus seios, que estavam densos a ponto de terem relevo.

Emily se contorceu um pouco, resmungou de forma quase inaudível enquanto eu sentia que alimentava alguma entidade faminta por baixo da pele, que sorria quando eu a via sentindo dor.

Não tive pressa, espalhando o gel calmante também em suas bochechas, por tanto tempo, que no final já nem tinha mais produto, tornou-se apenas carinho.

— Quer que eu passe em algum outro local? — perguntei, rouco.

— Na verdade — outro bocejo —, tudo o que nós dois precisamos é conversar.

Me levantei e fui até a poltrona próxima à cama, me sentando nela e deixando o frasco do gel sobre o pufe. Exalei forte e pousei os cotovelos sobre as coxas, unindo as mãos sob o queixo.

— Eu tenho sérios problemas com traição, seja ela amorosa, seja em formato de quebra de confiança. — Pigarreei, engolindo a sensação de ter areia na garganta. — Infidelidade me engatilha.

— A gente terminou — rebateu. — E se for para considerar traição, eu só fiz aquela merda porque Zayn me contou que você estava com prostitutas.

— Eu fui ao clube apenas porque você me chutou.

— Eu terminei com o *stalker*! — falou, exasperada. — E se disse que eu te chutei, é porque reconhece que terminamos, né?! — Subiu uma sobrancelha.

Apertei as têmporas.

— Emily...

— Transou com alguma vadia?

— Importa?

— Claro que sim! — rosnou alto, se sentando, o rosto avermelhado.

— Ela tentou me masturbar, mas meu pau estava mole pra caralho. E eu só queria beber, tá legal?

— Jura? E não existe bar, restaurante, a porra de um pub? — Sua frase mal saía com ela apertando os lábios com tanta força.

— Você acha que pode me cobrar alguma coisa sobre ficar com outras pessoas? — retruquei, deixando

a bola fervendo dentro do meu coração crescer ao me lembrar do que ela fez. Emily baixou os olhos, engolindo em seco. — Então — raspei a garganta —, quando falei em traição, me referi ao fato de você ter vendido as fotos. Eu estava muito mal, fantasminha, e você me deu um golpe baixo.

— Drake, você não tem ideia de tudo o que eu vivi após a minha mãe morrer. Quando a fecharam naquela cova rasa, levaram junto com a Jena todo cuidado e respeito que existia para mim no mundo — choramingou. — Eu me senti pequena, e sozinha, e abandonada. Você tem ideia do que é apanhar tanto que, com dez anos, você se vê mancando pelo cemitério com a perna inchada porque seu avô te espancou, imaginando que a morte seria menos dolorosa? — Meus olhos esquentaram vendo o queixo dela tremer. — Passei a admirar os mortos, a invejar cada defunto dentro daquelas covas. E nunca tive ninguém para me defender, porque meu cuidador, quem deveria lutar por mim, foi o meu maior abusador. Apanhei de Jack a ponto de encontrar na dor um lugar seguro, afinal, era tudo o que eu conhecia. Eu passei anos ouvindo ofensas em formato de “bom dia”. O que fiz ao vender as fotos foi por desespero, para tentar fugir do homem que me matava aos poucos, e apenas por isso, eu peço o seu perdão.

Uma arfada involuntária entrou pelos meus lábios e meus neurônios pareciam correr em círculo, pois não imaginei que ela fosse se desculpar.

Como pude morar aqui todo esse tempo e não ver que o maldito a agredia?

— Sinto muito, fantasminha — sussurrei. — É culpa minha. Eu deveria ter notado, deveria ter feito alguma....

— O único culpado é o *Velho Jack* — interrompeu.

— Eu te entendo mais do que você poderia imaginar — falei, precisando rolar espinhos na boca ao me preparar para expor minha ruína. — A minha mãe foi a primeira vítima do assassino.

O queixo dela caiu.

— Co-como assim?

— Sabe esse “P” na sua coxa? — Ela enfiou os lábios inferiores sobre os de cima, confusa. — Não é apenas de propriedade. Meu nome, antes de ser adotado, era Drake Philip. E a minha mãe era a Roselyn — dizer o nome dela em voz alta sempre seria como enfiar o dedo na ferida aberta em meu peito. — Quando eu tinha dez anos ela arrumou um namorado...

O único barulho no quarto era produzido por minha voz, narrando os acontecimentos a Emily com o coração esmagado.

Passear pela morte da minha mãe e a mudança brusca de ser atirado num orfanato fez uma lágrima intrusa cair do canto do meu olho. Fingi coçá-lo, livrando-me dela.

— Eu não fazia ideia — disse, a voz embargada. — Ninguém na cidade sabe, né?

— Eu fui colocado no programa de proteção à testemunha, e fora os investigadores do caso, apenas o merdinha do Paine sabia. Ele não era xerife naquela época, mas como oficial e com bons contatos, ele soube que o órfão adotado pelos Walton era o filho deixado por Roselyn. Porém, talvez por ter algum senso de decência dentro de seu corpo imundo, ele nunca tornou isso público.

— Se ele tivesse dito a uma só pessoa, a fofoca teria se espalhado. — Emily pareceu pensar alto.

— Jamais me esquecerei do quanto as coisas mudaram — soprei a confissão. — Eu não sabia que era tão amado, até cair nas mãos da madre, a diretora do orfanato. Foi com ela que descobri o que era uma

surra, e que existir num mundo sem a minha mãe era como viver ao relento, sem qualquer proteção. Ninguém me protegeria ou lutaria por mim.

Então outra lágrima veio e não a contive daquela vez.

— Eu entendo você. Quando a Jena se foi, meu avô passou a me prender no porão, no escuro, até que eu parasse de chorar a morte dela em voz alta. — Seus olhos, tão perdidos, eram semelhantes ao reflexo partido que eu via todo dia no espelho. — Depois, passou a me esbofetear a cada coisa errada que eu fazia. Tive de aprender a cozinhar aos onze anos, desenvolvi um transtorno alimentar, depois migrei para automutilação... e agora, eu sou isso. — Apontou para si mesma. — É horrível existir tão estilhaçada porque quem deveria me amar me destruiu.

Ela saiu da cama ao ver que eu deixava minha fraqueza estampada com o curso das lágrimas.

Nunca tive essa conversa com a Rose ou com meus filhos, porque ninguém entenderia o que eu vivi. Ninguém além da mulher montando de frente em meu colo.

Larguei as costas na poltrona, sentindo os seus dedos delicados limpando o meu rosto.

— Quando eu a conheci, você recitava um trecho do meu livro favorito. Eu não a vi com olhos de homem ali, mas como o menino machucado, tão idêntico a você. Eu não menti nem por um segundo quando te dei aquela redoma, porque eu vi o mesmo buraco sangrando dentro de mim refletido no seu peito.

— Mas por que me deu aquela flor? Para brincar com a minha cabeça?

— No início, não. Eu queria te dar o símbolo do que você era para mim, a minha rosa corrompida, estragada porque teve de aprender a sobreviver assim. Depois, o ódio subiu à minha cabeça e a tomei

de você, então, bem, fiz toda aquela merda com as cordas...

— Se sabia tudo o que eu havia vivido, como ainda nutriu ódio? — Abaixou a cabeça.

Segurei suas bochechas e puxei sua boca para a minha, num beijo cheio de gemidos sofridos e temperado com o sabor salgado das nossas lágrimas unidas.

— Porque reguei o solo das minhas ervas daninhas e permiti que os baobás crescessem — confessei minha vergonha contra sua boca perfeita, enquanto Emily estalava a língua, parecendo entender a referência.

Ela afastou um pouco o rosto, mas não o suficiente para que eu deixasse de sentir seu hálito quente soprando contra a minha boca.

— *"Existem sementes boas, de ervas boas, e sementes ruins, de ervas ruins* — citou. — *Elas dormem no segredo da terra até que uma delas cisme em despertar. Então, ela se espreguiça e lança timidamente para o sol um broto inofensivo. Se é de rabanete ou de roseira, podemos deixar que cresça à vontade. Mas quando se trata de uma planta ruim, é preciso arrancar logo, assim que a reconhecermos"*[12].

— Eu sei o nome de cada uma das minhas sementes ruins, mas escolhi deixá-las crescer.

— Ainda pode cortá-las — disse, acariciando a minha face e afastando o rosto.

— Só quando me livrar do meu maior vilão.

— O quê? — A confusão se espalhou por seu rosto. — E quem ele é?

— O assassino das nossas mães, mas deixe-me contar como foi que me tornei tão deturpado — pedi, recebendo seu silêncio. — Eu apanhei por quase dois anos por cada erro que cometi no orfanato. — Tentei

me lembrar de que eu não tinha mais dez anos enquanto falava, mas era como se meu corpo tivesse encolhido e eu ainda fosse indefeso. — A madre me punia sob o lembrete de que justiça se fazia com dor e punição. Ela me espancou tantas vezes, recitando a mesma frase, que foi quase uma lavagem cerebral. O ensinamento se multiplicou pelas minhas células, então eu o abracei, me tornei um discípulo da madre. E para levar até ela a justiça que merecia, precisei matá-la.

Corri o risco ao contar isso a Emily, temendo que, por ela ter afastado a mão do meu rosto com a boca tão aberta, fosse correr para longe de mim.

Fantasminha me viu matar antes, no mausoléu, mas não sabia que eu tinha feito isso outras vezes, ou que tornaria a fazer com qualquer um que me ferisse tão sério assim, e pior, não me arrependeria jamais.

— Quantos anos você tinha?

— Doze.

— Deus... — Segurou a cabeça.

— Depois de matar a desgraçada, fui adotado...

Passei pelos detalhes de como foi ter uma casa outra vez, sobre o meu quarto que tinha um cheiro bom, uma cama quentinha e com cheiro de amaciante, e solucei falando sobre o pote ao pé da minha cama, que minha nova mãe me dera e parecia ter biscoitos infinitos. Doeu professar o meu amor pela Ava, porque tive de me lembrar que ela se foi. Então contei sobre Oscar e o lado sujo da minha adoção, confessando que o matei. Invariavelmente tive de falar que fora sua mãe quem me acudiu após meu pai me agredir com o taco de beisebol.

Emily endureceu sobre mim.

— Como a minha mãe era, quando jovem?

Sua pergunta me fez arregalar os olhos. Jurei que fosse correr daquela vez.

— Não liga por eu ter matado o meu pai?

Chacoalhou a cabeça.

— Tive vontade de sufocar o *Velho moribundo Jack* muitas vezes. Só fui fraca por amá-lo e ter apenas ele como família. Mas... — limpou uma lágrima grossa — me conte sobre a minha mãe. Vocês se tornaram amigos?

— Sim. Jena era bem magra e tagarela — contei, e ela sorriu.

— Vocês... é.... hum.... tiverem algum envolvimento?

— Claro que não! — retorqui, embaraçado.

— Ela gostava de você? Vocês tinham quase a mesma idade...

Olhei para baixo, incapaz de confirmar que a mãe dela era afim de mim. O bico de ciúmes se formando no rosto dela não passou despercebido, mesmo que ela o tenha disfarçado rápido.

— Éramos apenas amigos, Emily — falei, deixando claro no tom enfático que não responderia mais nada sobre aquilo.

— Você sabe quem é o meu pai?

Uma chama se acendeu em seu rosto lindo, e esfreguei suas coxas quentes. Um aperto ligeiro dominou meu coração, porque foi triste perceber que minha garota tinha o infortúnio de viver com a dúvida de suas origens.

— Não. — Os ombros dela despencaram. — Eu saí dessa casa logo após minha mãe adotiva morrer. E nunca mais vi a Jena.

— Hum...

— Depois que me casei com a Rose, comecei a investigar o caso do AD...

Emily ouvia tudo sem desviar dos meus olhos, segurando os meus ombros, tracejando carícias que tinha dúvidas de que ela estivesse consciente de fazer.

— Em todos esses anos, não achou brecha alguma?

— Não, e nos últimos tempos desconfiava do Paine. Aí o arrombado foi morto, possivelmente pelo assassino, porque seguia um rastro dele quando bateu as botas.

— Sério? Isso ficou em segredo, né? Pois ninguém comentou sobre ele estar seguindo pista alguma.

— Sim. Foi o meu advogado quem descobriu que Paine seguia uma pista para identificar o AD ao ser pego.

Emily soltou os meus ombros, tentando roer uma das unhas, mas tomei suas mãos para mim.

— Sobre o que me contou da madre, é por isso que quis se vingar de mim com tanta crueldade? Por sua sede em fazer “justiça” — puxou as mãos e fez aspas com os dedos — a qualquer custo?

Alisei seu rosto, que entristeceu rápido demais.

Estava decidido a não mentir para ela em nada:

— Sim. Uma filmagem da minha casa vazou pela mão do jornalista, então entrei na sala dele e o quebrei na porrada, até descobrir quem lhe dera a filmagem e também as fotos.

— Eu não peguei filmagem alguma. — Balançou a cabeça, meio amedrontada, meio ofendida. — Foram apenas as fotos!

— Calma! Sei que a imagem da câmera não foi obra sua.

— E de quem foi?

Revirei os olhos, sentindo uma pontada no peito ao lembrar do responsável por vazar a filmagem.

— Não importa — desconversei. — A questão é que me senti apunhalado porque você me apoiou, demonstrou acreditar que eu não era um assassino, me disse coisas de conforto, então eu surtei e achei

que você era uma das minhas vilãs, e acabei direcionando a você todo o meu ódio.

— Você foi muito ator, Drake. — Tinha mágoa em sua voz. — Riu de mim enquanto me enganava.

Apertei seu quadril de leve, negando com a cabeça.

— Eu só queria buscar a justiça que achava merecer — confessei. — Voltei para casa naquela noite, me fantasiei com uma roupa do Bran e a peguei. Desejei que você sentisse a mesma vergonha que eu experimentei ao ser visto como assassino da minha mulher, e sem saber que ela me traía, achava que você ainda havia manchado sua imagem injustamente. — Revirei os olhos para minha própria burrice. — Eu fiz muita merda na vida, mas não consigo — apertei a boca de forma feroz, e continuei entredentes: —, não sou capaz de lidar com a ideia de que estão me machucando.

— E não consegue ver que foi injusto comigo? Você poderia ter feito tudo tão diferente.

— Eu sei.

— Nunca vou perdoar o que fez. — Seu queixo tremeu. Minha respiração acelerou e, com a mão tremendo, limpei algumas lágrimas dela. Lutei contra a vontade de agarrar os seus braços para a prender ali, mesmo que Emily não tivesse feito menção alguma de se afastar. — Eu quero ficar contigo porque já te amo muito. Mas nada, nunca, vai me fazer esquecer que você estragou o sentimento puro que eu nutria por você, transformando em algo denso.

— Vamos zerar isso, Emily? Eu quase fui preso por algo que não fiz, mas entendo que exagerei. — E mesmo que umedecesse a boca, ainda parecia seca como se eu estivesse no deserto. — Mas o que sinto por você é maior do que toda essa merda, é forte, ardente, e me enlouquece. — A garganta dela se

movia sem parar, mas a garota mal piscava, concentrada em minhas palavras. — Quero você mais do que qualquer coisa, que seja minha namorada, more comigo e não vá embora. Porém, se não me quiser, honrarei o meu papel de homem cuidando de você à distância, como disse no cemitério.

Ela balançou a cabeça, desviando o rosto para o lado.

— Não consigo acreditar que vai me deixar livre, não quando se mostra tão possessivo.

— É o que quer? — perguntei, com o coração triturado. — Por mais que doesse, eu a deixaria ir. Mesmo sendo incapaz de prometer não a espreitar a vida inteira, juro que não impedirei que siga em frente.

— Não. — Suspirou. — Estou viciada em você, seu desgraçado! — rosnou, segurando o meu queixo e fazendo as coisas mudarem de cenário, porque, se antes triste, acabei endurecendo com sua boceta pelada contra a minha toalha e a voz dela nervosinha assim. — Eu não tenho nada nesse mundo, nem ninguém. Só você!

— E só quer ficar comigo por isso? — Quase brochei. — Não quero, se for assim.

— Não, Drake. Eu já amo você, não entendeu isso?

— Então seja minha mulher, me dê mais filhos, me deixe cuidar de você.

Emily suspirou, quase emocionada ao tirar a toalha, erguendo-se um pouco num sinal mudo para que eu me livrasse da minha.

Ela segurou o meu pau e me engoliu na tortura molhada e doce que era sua boceta, até o talo, de uma só vez.

— Ok! — Enfiou as unhas no meu ombro, gemendo ao dar uma leve rebolada. — Eu já sou sua, só não ouse me magoar mais, ou sumo sem avisar.

Segurei as bandas da sua bunda, puxando o ar pelos dentes fechados enquanto ela brincava de sufocar o meu membro, apertando a boceta ao redor dele.

— Eu sempre te acharia.

Mergulhando sua língua na minha, ela rebolou outra vez, ainda mais lento. E senti ao menos um peso sair da minha mente, porque agora, às claras, ela me pertencia.

— Eu sei — concordou.

— Só preciso avisar uma coisa — tentei falar, mas ela deu uma sequência de quicadas que me fez jogar a cabeça para trás e gemer.

Subi a mão e belisquei com força os seus mamilos fodidos pelo chicote. Emily me olhou no fundo dos olhos, dando um sorriso sôfrego.

— O quê?

— Eu nunca vou mudar nossa dinâmica de recompensa e punição.

— Era para eu sentir medo? — provocou, o rosto todo vermelho de tesão.

Emily me cavalgou sorrindo, com seu cabelo caindo na minha cara enquanto ela sarrava com tanta pressão o clitóris na minha pelve, com meu pau enterrado até o talo dentro dela, que meu peito disparou ondas ferventes pela minha pele.

Ela não me deixou alternativa, além de a puxar e cravar os dentes no seu peito. A carne macia se moldou ao redor dos meus dentes, enquanto meu maxilar doía com a força que eu empreguei na mordida. Soltei seu peito antes de arrancar sangue, e contemplei os furos grossos deixados pela minha arcada, antes de avisar:

— Sempre vou marcá-la, puni-la com crueldade, e a foder tão forte, que você vai duvidar se está sendo

comida ou se está apanhando, pra te ver gozar chorando quando me enfurecer.

— Eu tenho uma besta interna que se alimenta disso, mas acho que você já sabe. — Revirou os olhos quando impulsionei o pau dentro dela. — Desde que não brinque mais com os meus sentimentos, pode ferir a minha pele quando quiser.

E sob aquelas palavras perfeitas, soube que ela era a peça que faltava no meu quebra-cabeça, e não pisaria em falso para arriscar perdê-la nunca mais.

DRAKE WALTON

Emily dormia, exaurida, e aproveitei o momento para deixá-la descansar. Após me vestir no meu quarto, com uma calça de pijama num xadrez azul-marinho e uma regata branca, subi as escadas para o terceiro andar.

Fechando as mãos em punhos, abri a porta do quarto de Zayn, mas estava vazio, então, tentando lidar com o sangue que fervia a ponto de borbulhar em minhas veias, entrei no quarto do mais velho.

Bran estava sentado contra a cabeceira da cama. Usando apenas um conjunto de moletom preto, unia as mãos no topo da cabeça. Quando me encarou, empalideceu.

Zayn, por sua vez, fumava, empesteando o quarto enquanto parecia ter a mente distante encarando os jardins pela janela.

— Você. — Apontei para ele. Meu filho, sobressaltado, virou-se para mim. — Devolva a chave da minha casa, agora!

Um sorriso entortado tomou sua face, desfazendo-se apenas quando tragou a bituca do fumo entre seus dedos.

Mesmo que os moleques tivessem se metido com a minha mulher, ainda os amava, mas era inevitável a ruptura entre nós depois de tudo.

Zayn atirou a guimba do cigarro no chão, depois pisou nela com o tênis, e Bran, mesmo temeroso, xingou o irmão baixinho por sujar seu carpete. O moleque de cabelos loiros sacou um molho de chaves do bolso do moletom branco, e em um deboche velado, tirou lentamente uma delas do anel metálico e atirou-a no chão.

— Eu nunca vou te perdoar por não ter protegido a minha mãe, por tê-la traído. — Escondi a dor dentro de mim com um olhar cínico, minha especialidade, enquanto, prendendo a respiração, engoli a mágoa no rosto dele. — Se não pôde cuidar da Rose, acha que pode fazer isso com a Emily?

Poucos passos adiante foram o suficiente para que eu quase colasse minha cara no rosto do pirralho petulante. Agarrei a nuca dele com força, mas o menino era ousado, não se assustou.

— Eu nunca — soprei as palavras entre os dentes apertados —, nunca traí a sua mãe. Quem sentou em meio mundo enquanto era casada comigo foi ela! Eu a amei, a respeitei, dei-lhe uma família, e ela me traiu desde o começo, por mais de vinte anos.

Zayn, com um som gutural, afastou com força o meu toque de seu pescoço.

— Mentiroso! — rosnou, e vendo-o armar as mãos em punhos, desejei que me batesse só para eu o colocar em seu lugar como ele merecia.

— VOCÊ NÃO SABE DE NADA, MOLEQUE! — gritei tão alto que as paredes tremeram. — E, sim, eu posso e vou cuidar da Emily, e você nunca mais voltará aqui sem ser convidado, não vai olhar para ela, falar com ela, ou de fato vou socar a sua cara.

— Você está nervosinho assim porque sentimos a boceta da sua namoradinha? — Ele atacou, cheio de luz em seus olhos claros.

— Vocês gostam de compartilhar, não é, seus merdinhas? — Apontei o dedo para os dois.

Bran permanecia em silêncio, só que aquela porra não era apenas com Zayn, e sim com os dois.

Eu entendia que o que tinha com Emily era nublado para todo mundo, que nunca contei aos dois que ela me pertencia, mas a verdade escapou pelas brechas, principalmente no dia em que joguei os dois naquela cova.

Eles sabiam que eu a queria!

— Sim. — Zayn deu uma risada. — Essa é a nossa vantagem, Drake. — Guardou as mãos no bolso único, na frente do agasalho. Por alguma razão, Bran se levantou da cama, talvez previsse a tempestade se anunciando pelas densas nuvens se avolumando sobre nós. — Você é possessivo, mas nós dois não ligamos se um precisa abrir as bandas do rabo da Emily para o outro comer.

Fechei a mão, levantei o braço e por um segundo não meti um soco na boca dele. Fui impedido por Bran me empurrando com força para longe da risada triunfante do seu irmão.

— Pai, não faz isso! — Seus olhos estavam alarmados.

Meu caçula sabia como me tirar do sério e estava tentando brincar com a minha cabeça. Pegou a Emily, não apenas por cobiçá-la — e eu não duvidava do quanto esses moleques a queriam para si, mas ele fez aquilo para me ferir.

— Talvez, um dia, eu possa foder a Madson. — Me igualei, mentindo para provocá-lo. — Aposto que depois que ela gozar no meu pau enquanto eu a

enforco, nunca mais vai querer saber de dois fracotes ruins de foda!

Bran deu uma risada, chacoalhando os ombros, nem um pouco afetado. Entretanto, eu conhecia muito o menino revoltado que jurava me odiar. O canto de seu olho esquerdo tremeu, mesmo que tenha tentado não demonstrar que a loira, filha da prefeita, tinha um lugar maior dentro dele.

— Não precisa reforçar, pai, todo mundo já sabe que você gosta de novinha — Zayn retrucou.

— Não importa o quanto se esforce — disse, fitando-o no fundo dos olhos —, posso ficar com raiva de suas ações, mas nunca vou deixar de amá-lo. Agora, vá embora e não pise mais aqui por um bom tempo!

Sua garganta se moveu como se ele tentasse engolir uma navalha. Seus olhos marejaram, mas ele não olhou para trás quando pisou na chave caminhando para fora do quarto.

Cocei a barba, alinhei os cabelos para trás, tentando controlar o tremelique nas mãos. Se eu tivesse punido Zayn pelas merdas que disse na minha cara, poderia matá-lo, então me matar no processo.

Ele brincava com fogo sem fazer a menor ideia de que eu, tão contaminado pela minha maldade, poderia incinerá-lo. Mas a única coisa que enfraquecia minhas ervas daninhas era entregar amor a alguém.

E aquele moleque tinha o meu coração.

O teria para sempre, mesmo que se esforçasse para ser odiado.

E ainda que fosse doer afastar os meus filhos, não seria possível ficar com a Emily tendo os dois por perto, ao menos, não por agora, por isso desviei do olhar de Bran enquanto abria seu guarda-roupas.

— Tá fazendo o quê, cara?

Ignorei sua pergunta ao pegar cinco cabides com roupas dele de uma só vez. Caminhando apressado, logo estava diante da janela do quarto, abrindo o trinco dela e sendo golpeado por uma lufada gelada de ar. Me virei de lado para Bran enquanto abria as mãos, e suas roupas desciam em queda livre até chegar ao quintal da casa.

— Você não mora mais aqui — comuniquei. Me enfureci mais com o sorrisinho dele. — Vá para a Blind Crows! E a ordem para você é a mesma que dei ao seu irmão: você não é bem-vindo sem um convite.

— Vai morar com ela, né?

— Moleque — revirei os olhos —, você me atingiu de um jeito sujo. Pegou a MINHA mulher.

— Cara, ela disse que você a odiava, que a crucificou pelas fotos da Rose. Achei que estivesse brincando com a mente dela. E, na real, nem eu faria aquela merda com ela no cruzeiro. Foi feio pra caralho! Não se envergonha?

Não soube se fiquei mais surpreso por ele ter chamado a mãe pelo nome, ou por Emily ter lhe contado sobre o que fiz.

— Não tente me dar lição de moral — interrompi. — Você se esqueceu do caixão?

— É, me esqueci — confessou. — Eu te vi no clube com uma puta no colo, pai. E com a Emily dizendo aquelas coisas, achei que vocês não tivessem nada sério. Que você... não gostasse dela.

— E você? — perguntei, alisando a nuca para ter coragem de prosseguir. — É apaixonado por ela?

— Não como você demonstra ser. Eu tenho carinho por ela. Talvez um dia você entenda o porquê. Mas... — raspou a garganta — ela fez uma coisa por mim.

Ele me deu as costas e pegou uma mala no guarda-roupas, atirando suas coisas de qualquer jeito dentro dela.

Cada batida do meu coração parecia a explosão de um gêiser, quente, dolorosa ao vê-lo citando alguma ligação com a minha namorada. E por mais que não quisesse ficar distante do filho que via como um amigo, não tinha opção.

— Emily vai morar aqui comigo, sim. Estamos envolvidos há um tempo, e estou apaixonado por ela. Entende o que quero dizer?

Bran arrancou suas anotações com cálculos matemáticos do lado da cama, enfiou na mala e depois a fechou.

— Está dizendo que devo esquecer que ela existe.

— Isso mesmo!

— Ok, só não inventa de se casar. — Soprou uma risada zombeteira. — Vai ser foda ter de chamá-la de madrasta.

Rosnei para sua piadinha de merda.

— Vá embora logo, Brandon!

— Ih, caralho, tá me chamando pelo nome inteiro agora?

— Se não sair por essa porta, te levo pelo cangote e ainda chuto o seu rabo casa afora!

Ele ergueu as mãos ao lado da cabeça, sorrindo como um menino.

— Fica em paz, Drake Phillip — revirei os olhos. — Não olharei na direção dela nunca mais, ok?

Assenti, e com uma exalada pesarosa que contrastava com sua postura indiferente, ele saiu do quarto arrastando sua mala.

Doeria ter os meus filhos longe, mas já estava na hora de eu começar a refazer a minha vida. E garantir que entendessem que Emily tinha dono era o primeiro passo.

Emily Brown

Acordei com o toque leve sobre a minha testa, e abri os olhos, piscando os cílios sonolentos para o homem mais lindo do mundo. Drake, deitado de frente para mim, acariciava o meu rosto com um olhar tão novo, que eu me derretia inteira admirando-o.

Já tinha quase uma semana que me acordava assim, me encarando como se eu fosse feita de ouro, me acordando com beijos lentos e molhados demais, e depois me fodendo boa parte da manhã.

— Bom dia, namorado!

Me arrastei pela cama até grudar meu corpo no abdômen dele, caçando a sua boca. Drake me deu um selinho casto, moveu uma mecha do meu cabelo para trás da orelha e sorriu.

— Bom dia, fantasminha. Trouxe o seu café da manhã.

Ele se levantou, e aproveitei para me sentar contra a cabeceira da cama. Logo Drake pousava uma bandeja de madeira sobre o meu colo, com panquecas regadas a bastante calda açucarada, bacon e ovos mexidos.

— Você anda me entupindo de comida — fingi reclamar, dando uma garfada nos ovos.

Admirei o seu rosto, e seu cabelo desgrenhado assim era um deleite, caindo sobre a testa com um ar mais desleixado, do exato jeito como ficava quando ele estava dentro de mim, me alimentando dele, me tornando dele.

— *Lindsay* anda te entupindo de comida — corrigiu, dobrando a barra da blusa de frio preta.

— Ela ainda me sonda com um sorriso fraco e olhos arregalados — contei.

— Acho que está se adaptando à nova realidade, de que agora estamos juntos. E sabe, você é bem jovem para mim, então, pessoas como Lindsay vão entortar o nariz.

Assenti, mas sabia que era além disso. Os coveiros nos viram transando, Lindsay estava aqui quando cheguei nua. A fama de promiscuidade se alastrava pelo local, e embora fizesse dias que eu não pisava no trabalho, na faculdade, ou fora dessa casa, sabia que podia esperar olhares de reprovação e cochichos quando voltasse à vida normal.

Essa semana foi fogo, com Drake dentro de mim todo o tempo, e estava repleta de marcas dele em minha pele, a ponto de ver Lindsay as encarando hora outra. Até brinquei com meu namorado que, em algum momento, ela chamaria a polícia achando que ele me batia.

Drake se mudou comigo para esse quarto, o mesmo em que aplicou o meu castigo. Ele aceitou minha exigência para que fosse o nosso, porque eu não queria dormir com ele na mesma cama da sua ex.

— Preciso voltar à faculdade na segunda. Não posso colecionar mais faltas — avisei.

— Sim, e eu tenho de ir a Boston, resolver coisas dos outros cemitérios.

Às vezes me esquecia que ele possuía vários ao redor do país. Relutei com a vontade de pedir para ir

com ele, mas não podia faltar daquele jeito ou seria impossível não acabar reprovada.

— Hurum... e também quero voltar à minha função de maquiar os corpos.

— Eu não a tirei dela, mas, sabe que não precisa trabalhar lá, né? Pode se concentrar apenas nos estudos, se assim desejar.

— Eu gosto do meu trabalho e do meu salário. — Fiz um biquinho.

— Quanto à faculdade, gostaria que evitasse contato com os meninos — disse tão sério, que seu semblante parecia mais duro do que as paredes da casa.

E em nenhum momento achei que ele estivesse impedindo minha ida à faculdade. Apenas achei que ele quisesse grudar em mim, assim como eu não conseguia sair de perto da sua pele cálida. Afinal, era quase um filme romântico acordar ao lado dele, ver TV agarrada ao seu abdômen definido, fazer planos de viagens e tantas coisas lindas.

Eu só deveria ter imaginado que seu ciúme dos filhos cresceria depois do que fiz com os dois, e não podia julgá-lo, afinal, morria de ciúme do fantasma de Rose, que ainda parecia morar dentro das paredes dessa casa.

— Fique tranquilo! Eu vou evitá-los e se, porventura, vir a falar algo com os dois, te contarei tudo.

— Que bom!

— E não sente falta do Bran? — perguntei, remexendo o ovo com o garfo.

Ele elevou uma sobrancelha, e parecia até que eu havia lançado veneno com a língua ao soprar o nome do seu filho.

— É claro que sinto, mas ele é um desajuizado. E não quero aqueles inconsequentes por perto. Não por

agora.

— Entendi.

Se ele visse o que encontrei naquele baú, talvez grudasse nos filhos para sempre. Mas engoli o segredo dos garotos comigo e me perguntava se deveria contar ao Drake. Por muito tempo não mencionei, por achar que Bran fosse o meu *stalker* e que me puniria se eu desse com a língua nos dentes.

Agora que sabia que não precisava temer o Bran, deveria contar o que vi ao seu pai?

Eu passei tanto tempo obcecada em descobrir quem era o meu *stalker*, que não dediquei a atenção necessária a algo como as fotos dentro do baú.

Por alguns momentos cheguei a achar que estava vendo coisa onde não existia, por ter raiva da Rose, mas não tinha como aquela merda ser algo normal.

— Acredita que Zayn e Bran deram uma “disputa de som” dentro da faculdade, ontem à noite? — resmungou.

— O que é uma disputa de som?

— Ligaram músicas em carros diferentes no estacionamento da faculdade, e disputavam qual automóvel conseguia ser mais alto — explicou.

— Nossa. — Arregalei os olhos. — Vão acabar expulsos, se continuarem nesse ritmo.

— O reitor me ligou reclamando — contou, movendo um dos ombros em um tique nervoso. — E o “reclamar” dele é pedir grana para aturar os meus filhos lá dentro. — Estalou a língua. — Sinceramente, Rose conseguia controlá-los bem melhor do que eu consigo fazer. Era uma vadia como esposa, mas como mãe não era tão ruim.

Ele pareceu enfiar agulhas na minha pele, que doeu só com a menção ao nome dela. E não, eu não achava que ela era uma boa mãe. Rose conseguiu ser péssima em tudo o que fazia.

Drake sorriu, olhando o relógio.

— Tenho uma reunião na funerária hoje, então, volto à noite para jantarmos.

Assenti quando ele afundou os joelhos na cama e me deu um beijo mais profundo, deslizando sua língua molhada sobre a minha, apalpando os meus seios escondidos pelo pijama de cetim preto com vontade, os amassando como adorava fazer.

— E o remédio? — perguntou contra a minha boca.

— Estou seguindo a tabelinha, e só consigo o anticoncepcional depois de menstruar.

— Ainda posso comer só o seu cu. — Ele riu, se afastando da cama.

— Nem pensar! Você pode é gozar fora!

— Só se for na sua garganta.

Saiu do quarto com uma risada triunfante, e resolvi terminar o café, ignorando o medo de acabar grávida cedo demais.

O dia correu comigo enfiada no quarto e quase não tive tempo de passar a limpo toda a matéria que Ethan me enviou. E ainda precisava terminar de explicar minha história com Drake a ele, mas sabia que, quando contasse que meu namorado me *stalkeou*, Ethan provavelmente se tornaria contra a nossa relação eternamente. Ele era um raio de sol, mas correto demais, e embora fosse meu amigo há pouco tempo, se preocupava comigo.

Liberdade, era o que eu sentia sem meu avô por perto, e podia usar delineadores grossos e escuros, batons mais fortes, fora as roupas mais góticas e sensuais, como sempre desejei fazer.

Com a noite rastejando lá fora, saí do quarto e caminhei pelo corredor, com o salto fino da minha bota

afundando no carpete.

Eu estava feliz, cheia de expectativas sobre essa nova realidade, de viver uma relação com o homem que eu amava. Mas... ainda tinha uma coisa pesada nesse lugar, que pareceu se infiltrar nos meus ossos e engatinhar sobre as patas até a minha mente.

Olhei para as escadas do terceiro andar e um flash piscou atrás dos meus olhos, potente demais.

Acho que eu tinha dezesseis anos e meu avô tinha vindo olhar uma infiltração no quarto de Zayn. Costumeiramente ele contava comigo para auxiliá-lo, principalmente porque ele não conseguia subir nas escadas por conta do pé doente.

Acabei tendo de ir ao andar de baixo, quando ouvi a voz da Rose no quarto do Bran. Eu precisava descer as escadas para pedir algo a Lindsay, como Jack me ordenou fazer, mas vi a maldita esposa de Drake trajando uma camisola de seda vermelha, na cama do filho, dizendo algo a ele que fez uma lágrima escorrer de sua bochecha. Ela tocava o ombro desnudo de Bran, que afundava as unhas na calça de seu pijama preto, parecendo assustado.

Soprei o ar, dando um soquinho na testa, querendo esquecer daquela droga.

Por que Rose me assombrava tanto? Ela morreu há mais de um ano, e eu não pensava nela, não lembrava da desgraçada. Só podia ser essa casa! O lugar era como seu mausoléu pessoal, mantendo sua energia viva.

Quando cheguei à cozinha, Lindsay levava uma caçarola de prata para a copa e me deu aquele sorriso deprimente, fugindo de encarar o meu rosto.

— Boa noite, senhora Emily — cumprimentou.

— É apenas Emily, Lindsay — corrigi. — Deixe-me ajudá-la!

Fui até a ilha da cozinha e peguei uma dupla de taças de cristal, levando para a mesa de jantar.

— Não precisa fazer isso, senhora, é minha função. — Lindsay se apressou em colocar a caçarola fumegante no centro da mesa e logo puxou as taças da minha mão. — Sente-se, sim? Vou trazer uma entradinha muito boa para a senhora, enquanto aguarda o seu... é... hum...

— Namorado — completei.

— Claro! Vou trazer uma tábua com frios enquanto a senhora espera o seu namorado. — Ela deu um sorriso falso e, alisando o avental com um olhar tenso, se afastou.

Cuspi o ar pela boca com força e, contrariada, me sentei.

Eu não gostava daquilo, de ter alguém cozinhando para mim, e olhei para minhas mãos entrelaçadas sobre o colo, como se fosse uma impostora, tomando um lugar que não era meu.

Será que Lindsay achava que eu havia cobiçado o lugar da Rose para mim?

Que eu era amante do Drake enquanto a maldita estava viva?

Aquele cheiro fresco tomou a copa e meus ombros caídos ganharam vida, junto ao meu corpo, que alegre demais, se levantou.

Drake, entrando na copa, empunhava nas mãos uma garrafa de vinho. Quando chegou diante de mim, ganhei dele uma sondada predadora por todo o meu corpo.

Começou pelo decote do vestido justo, longo e de veludo, que avolumava meus seios sob o bojo, então desceu um olhar faminto pela fenda que começava quase no quadril e descia, deixando uma de minhas pernas à mostra.

Tirei um dia da semana para buscar minhas coisas no meu avô e usei aquele dinheiro amaldiçoado do jornalista para comprar algumas roupas novas.

— Você é muito gostosa. — Me puxou para si, quase derrubando o vinho ao amassar a minha bunda. — Gosto que se vista assim, sabia?

— Sério? — Quase gemi.

— Sim. Parece traduzir a sua alma.

Ele não me beijou, desceu a boca e mordeu o topo do meu seio, forte, me rendendo outra marca, enquanto eu deslizava a mão para suas costas largas.

Eu já estava coberta delas mesmo...

Nos afastamos com o barulho dos passos de Lindsay, e Drake alisou o cabelo, rindo enquanto caminhava para seu lugar marcado ao pé da mesa. Me sentei ao seu lado.

— Como foi o dia?

— Caótico — contou, servindo um pouco de vinho em nossas taças. — Fui até a Blind Crows falar com os moleques.

Dei um gole longo na minha bebida, notando o olhar horrorizado de Lindsay para a nova mordida em meu seio, subindo para os chupões arroxeados em meu pescoço. Ela colocou alguns pãezinhos na mesa e se apressou em sair de cena.

— Lindsay vai infartar com todo o julgamento à nossa relação — comentei, amarga, puxando o viés da manga longa e justa do vestido, que pareciam coçar em meus pulsos.

Ele fez um som de muxoxo:

— Ela vai se acostumar.

— E como foi com os seus filhos? — Outra sorvida no vinho.

— Uma boa merda. Bran, como sempre, leva tudo na piada, sentindo prazer ao ver o caos acontecendo.

Disse que foi culpa do garoto da outra fraternidade, que os desafiou.

— É a cara dele fazer isso... — comentei, passando manteiga em um dos pães. — E o outro?

— Zayn? Ah, ele, como sempre, me acusou de ser um marido ruim.

— Ele não acredita nas traições da Rose?

— No dia que o expulsei daqui, falei que sua mãe me traíra muito.

— Todo mundo sabia da infidelidade dela, Drake — reiterei. — Ele escolheu não acreditar que a mãe era assim.

— É que, apesar de ter sido uma esposa de merda, a Rose era uma boa mãe, Emily. — Seu olhar caiu, pesaroso. — Ela sempre cuidou dele com zelo. Então faz sentido que Zayn não consiga vê-la com maus olhos.

Minha mente ferveu, e tinham coisas salpicando na ponta da minha língua, enquanto eu quase vi Drake pintado de vermelho.

Ira, ciúmes, ódio, tudo se avolumava criando uma explosão dentro do meu corpo.

— Ela não era uma boa mãe! — retruquei com um grasnido. Por um segundo, a confusão no rosto do Drake quase me fez recuar, porém, irada e soterrada por menções dela de todo lado, não consegui. — Há um tempo atrás, seus filhos enterraram um baú atrás do mausoléu dos Walton.

— O quê? — Drake pousou a taça sobre a mesa, franzindo a boca, parecendo não entender nada.

Joguei o pãozinho em cima do prato e puxei o último fôlego antes de afogá-lo, mas ele precisava saber.

— No dia da festa *The Night Slasher*, vi seus filhos enterrando um baú no cemitério. — Engoli em seco, torcendo os dedos das mãos. — Eu estava muito brava

por eles darem aquela festa, com aquele título debochado que homenageava assassinos. Então desenterrei o baú, e foi por isso que Bran e Zayn me obrigaram a mergulhar no lago.

— Não estou entendendo nada.

— Tinham fotos dentro do baú. Fotos estranhas da Rose.

— Está me irritando com toda essa enrolação, fantasminha.

Seu rosto parecia uma daquelas placas de PARE, mas eu não parei. Eu precisava jogar pra fora a coisa escura dentro do meu coração, fazendo meu sangue apodrecer. Drake precisava saber que aquela mulher era infinitamente mais imunda do que ousou sonhar.

E não importava que fosse o ciúmes me movendo como uma marionete, o fim das contas tinha só um resultado: eu não podia mais esconder aquela porra.

— No topo eram fotos da Rose com Zayn, parecia uma despedida. Tinha elástico de cabelo, fotos dos dois em festas de aniversário desde quando ele era pequeno, outras dela pintando o rosto dele, na praia, em árvores de natal... Mas... nas de Bran... — Precisei engolir em seco. Eu deveria ouvir o presságio em forma de arrepio tracejando a minha espinha e calar a boca, só foi mais forte que eu: — Eram todas dele adolescente. Ele estava com Rose sentada em seu colo, ela trajava peças íntimas, alisando-o, beijando-o no rosto. Seu filho estava com a face molhada de lágrimas em todas as imagens.

Drake soltou os punhos fechados na mesa com tanta força, que me encolhi no assento e as louças na mesa chacoalharam. A voz dele teve o mesmo efeito de uma trovoada:

— Vista um agasalho e me leve até lá!

Drake não disse uma palavra a mais, apenas saiu da copa com um semblante perturbado.

Sozinha ali, sentia meu corpo desperto, e a substância percorrendo minhas veias era pura adrenalina.

Eu não podia me culpar por expor tudo. Como desenvolveria um relacionamento com ele omitindo aquela porra? Mantendo-o na cegueira propositalmente ao esconder os pecados daquela vagabunda?

Rose merecia o meu ódio, o meu ciúme, o meu ultraje.

Ela tentou me matar.

E só sobrevivi porque a matei primeiro!

DRAKE WALTON

Sentindo o peso da pá de coveiro sobre um dos ombros, segui Emily cemitério adentro.

Os silvos animalescos que surgiam com a noite, atrelados ao vento que uivava feito uma fera, junto a finos flocos de neve que cintilavam em meio à penumbra, nem de longe assustavam mais do que a canção gelada dos meus pensamentos sussurrando dentro de mim.

Paramos em uma pequena clareira nos fundos do mausoléu. Escondida dentro de um dos meus sobretudos pretos que quase a engolia, Emily batia os dentes pelo frio, com o salto das botas enfiando-se na terra úmida enquanto apontava uma lanterna para o chão. Seu agasalho começava a ser tomado por salpicos brancos e precisávamos ser rápidos, ou acabaríamos congelando.

— É ali, onde está o chaveiro de Zayn. — Ela apontou o indicador para o objeto metálico em boa parte engolido por terra, que refletia o feixe de luz. — O deixei aqui para marcar o local.

Sua voz parecia a léguas de distância, porque soava soterrada em meio ao vácuo da minha mente, e eu seguia incapaz de abrir a boca e proferir algo.

Dentro de mim era como um nevoeiro denso, embaçado, ruim de enxergar, quando enfiei a pá na terra. Cavando, sentindo a pele quente mesmo em meio à nevasca tímida que aos poucos dava o ar da graça sobre Shadow Valley. Repassei mentalmente as palavras da Emily. Ela só podia ter entendido tudo errado, e por mais que a amasse, sim, eu duvidei sobre o que disse da Rose.

Eu cavaria a terra com minhas próprias mãos, exumaria seu corpo, só para profanar seus restos, se a maldita tivesse feito aquela porra.

Ela não ousaria.

Rose não seria capaz.

Não com o filho que saiu do seu ventre, que ela amamentou e zelou e cuidou.

E se Emily tivesse confundido as bolas? Talvez, insana pra caralho e cega de ciúmes, tenha distorcido as coisas.

Não podia duvidar dela nesse nível, mas o desespero me turvava inteiro.

Meu coração não batia, bombeava desespero, espalhava medo por minha corrente sanguínea. E movido pela desesperança e a dor monstruosa trovejando em mim de que, talvez eu não tenha sido herói para o meu próprio filho, eu cavei, jogando pás e mais pás de terra para o lado, buscando a prova que a minha garota disse existir.

A escuridão espreitava ao nosso redor, porque não havia iluminação naquele trecho do cemitério. Só com a luz fraca da lanterna que Emily lançava na cova como auxiliadora, junto à respiração pesada e a testa suando, vislumbrei o brilho marrom de um objeto no fundo do buraco.

Atirei a pá ao chão, me agachei e peguei o pequeno baú. Enquanto ficava de pé, sentia o objeto chacoalhando em minhas mãos, resultado da

tremedeira que me varria inteiro. Desejei abrir a urna ali mesmo, mas podia ver os cabelos lindos da minha mulher tomados por neve, ao passo que seus lábios arroxeados de frio se chocavam sem parar.

— Vamos para casa.

Não esperei por sua resposta, apenas segui meu caminho, e parecia que carregava o inferno entre os dedos, como se a madeira queimasse, escondendo segredos prontos para me destruir.

Dentro da casa, ouvi Emily tirando o agasalho e o colocando no mancebo preto que, imitando galhos retorcidos de uma árvore careca, jazia próximo à porta.

Eu não liguei se meus sapatos salpicaram gelo e lama pelo chão da sala, fui apenas até a mesa de centro e, ajoelhando-me diante de um dos sofás, abri a caixa de Pandora.

Vistoriei a imagem de Rose sorridente em uma fotografia que tirei dela em uma marina em Boston, outras tantas dela com Zayn, exatamente como Emily contou.

Incapaz de respirar, depositei uma a uma sobre a mesa, ao lado do baú. Peguei um elástico de cabelo dela e joguei por cima do ombro, fuçando as outras imagens.

Esperava dor enquanto escavava aqueles segredos, só não medi a proporção, não esperei a onda gigante se quebrando em cima do meu corpo, me fazendo cair sobre os calcanhares, com um soluço rugindo da minha garganta feito uma besta enjaulada que precisava sair.

Achei que tivesse morrido aos dez anos, mas ver uma foto de Bran, tão novo e assustado, com sua mãe seminua sentada em seu colo, o rosto tomado de lágrimas e o pescoço cheio de marcas do batom dela, foi o que me matou.

Estava preso, inerte nos grilhões de um pesadelo.

Só podia ser um.

Porra, eu cresci, não podia repetir sobre sonhos ruins a mim mesmo quando tudo ruía, porque, dilacerado demais, sabia que tudo sempre podia ficar pior.

Como eu vivi ao lado deles e não notei aquilo acontecendo? Eu fui incapaz de proteger o meu filho, o meu garotinho.

— Drake... — Emily chamou, e tão cego, sequer vi que se ajoelhara ao meu lado, alisando o meu antebraço. — Não consegui entender essas fotos por um bom tempo. Me desculpe por não mencionar antes, só tive medo de estar errada.

— Não é culpa sua, fantasminha. — Solucei, desviando do seu toque para escavar mais, engolindo doses e mais doses de veneno ao ver mais fotos daquele porte. — Ele cresceu dentro dela. Como ela pôde fazer isso com o meu menino?

Algo rugia dentro de mim, tão necessário quanto respirar: ir até o Bran.

Será que Zayn também fora abusado por ela? Será que, tão demoníaca, ela lançou meu filho contra mim com alguma mentira? Alguma informação tão deturpada quanto sua mente doente?

— Zayn e Bran enterraram isso juntos?

Via Emily disforme, quase embaçada por conta das lágrimas que formavam uma redoma de vidro ao redor da minha visão.

— Sim.

— Então, será que Zayn também foi abusado?

— Eu não sei. — Olhou para baixo.

Virei o baú de ponta-cabeça e seu conteúdo se espalhou sobre a mesa. Mais fotos imundas que se embrenharam feito heras nas minhas memórias, e dois pen drives.

Sequei as lágrimas com as mãos e peguei os dois dispositivos. Me levantei e caminhei para uma porta no fundo da sala, me perguntando como um coração tão fodido como o meu podia bater tão rápido.

Os saltos da Emily berravam contra o assoalho, me seguindo, quando adentrei o meu escritório. Sufocado pelas paredes de painéis negros, puxei a gola da blusa para longe do pescoço. Ainda sentia os folículos da neve se dissolvendo com o calor da casa e se tornando água sobre a minha pele, quando caminhei pelo carpete cinza até a mesa de madeira grossa nos fundos do local.

Rodeado por prateleiras inundadas de livros, nem me dei ao trabalho de me sentar na cadeira de couro escuro. Só virei o notebook para mim e enfiei um dos pen drives nele.

Pareceu demorar tanto para aquela merda ligar, que eu poderia ter envelhecido alguns anos naqueles poucos segundos.

Quando consegui abrir a pasta do dispositivo, tinha um arquivo chamado “mamãe”.

A vida era um acumulado de injustiças e meus ossos pareciam quebrados, soltando rajadas dolorosas por todo o corpo com uma certeza: eu jamais poderia punir aquela vagabunda. Nunca honraria os meus filhos, vingando-os como precisava.

Alguém tinha matado a Rose em meu lugar.

Cliquei na porra da pasta. Uma sequência de vídeos idiotas dela com Zayn quase me arrancaram vômito. Não tinha nada de errado ali, o que fazia meus neurônios correrem em espirais, sem entender nada. Ela não parecia a mesma mãe das fotos de Bran.

Arranquei o pen drive do notebook prateado com um urro. Uni os punhos ao lado do corpo e rosnei feito um ser bestial.

Mirei o teto claro do lugar, o lustre de cristal que imitava um castiçal carregando velas artificiais parecia um deboche. Tão claro, tão puro, diferente de tudo o que essa maldita propriedade já viu.

Tudo o que nasceu e cresceu aqui foi sujo, e talvez as lendas professassem testemunhos da verdade: esse solo era amaldiçoado, e embora nas minhas veias não corresse sangue Walton, eu fui tão digno de maldições quanto um deles.

Eis-me aqui, arruinado até a última gota de sangue.

Apertava o pen drive que faltava contra a palma da mão com tanta força, que poderia enfiá-lo na pele e nem sentir dor, porém, decidi finalmente ver o que tinha nele, julgando ser o de Bran.

Precisei de uma dose de ar, e o suguei com toda força que pude, antes de abrir o dispositivo. Tinha duas pastas ali, contudo, o nome de uma delas falava por si:

VADIA

Mesmo me sentindo pequeno, e não um homem feito, diante do medo de encarar o seu conteúdo, usei a mão quente da minha mulher sobre o meu ombro como um alento, como uma dose de incentivo, então abri a pasta.

Inúmeros vídeos se desenrolaram na tela, dezenas, todos em preto e branco e datando cinco, quatro, três anos atrás. Cliquei em um deles e logo percebi tratar-se de uma câmera de circuito interno, cujo ângulo gravava o quarto que eu conhecia bem.

Aquele teto repleto de desenhos pintados pela mão do melhor artista que já vira na vida era sem igual, pertencia ao quarto do meu filho. Eu precisei segurar a cabeça para lidar com a imagem se desenrolando diante de mim, que se grudaria nos meus neurônios quase marcada a ferro: Rose

desnudando-se diante da cama do filho, para depois montar nele.

— Meu Deus! — Emily arquejou, soltando o meu ombro, e ouvi por seu salto que dera um passo atrás.

Eu não quis mais ver, quis fugir, mas me contentei em gritar e rodopiar pelo escritório, agarrando os cabelos, desejando estar morto, definhando, ou arrancar o meu peito fora para me livrar da dor.

Maldita!

Imunda!

Demoníaca!

Tudo o que eu sentia era dor, primitiva, pungente, e ela escapou numa fúria incontrolável que movia os meus braços. Agarrei um abajur de chão ao lado da porta, cuja cúpula luminosa era formada por um crânio, arrancando-o da tomada, e grasnando a ponto do cuspe escapar pelos cantos da boca, o atirei contra a janela alta nos fundos do lugar, espatifando vidro por toda parte.

Peguei uma estante estreita e a virei, com um baque alto se perpetuando pelas paredes. Papel, livros, enfeites, tudo esmagado pela madeira contra o chão.

— Drake, calma! — Emily gritou, tentando me virar para si, agarrando-me os ombros. — Olhe para mim, por favor!

Fugi de suas mãos pequenas, afastando-as.

Me virei e soquei a porta do escritório com força.

Uma, duas, três vezes.

Dor, sangue, nós dos dedos lacerados, era o que eu merecia.

Na verdade, eu precisava pagar o preço por ser omisso sofrendo, arruinado, sozinho.

Que porra de justiceiro eu fui, quando não percebi um demônio matando meu moleque por dentro? Matando a criança que jurava um dia subir num

foguete para o céu. O filho que era mais grudado em mim e que Rose parecia rejeitar. Ela sempre disse, na maior cara dura, que Zayn era o seu reizinho. *O seu menino de ouro.*

— Saia, Emily — avisei, sem olhar para ela. — Durma essa noite na casa do Ethan, na cabana, em um hotel, ou verá muita podridão se ficar comigo hoje. Não faz ideia do que farei quando voltar ao cemitério.

— Não! Eu não vou deixá-lo sozinho enquanto o céu despenca sobre a sua cabeça — disse, o desespero tornando sua voz aguda.

Minha namorada tentou puxar-me para si, mas eu só via fumaça e ódio, e um desejo insano de vingança. Me desvencilhei dela uma outra vez e voltei ao notebook.

Será que foi Bran a matar a mãe? E, tão desesperado, precisou cortar pela raiz o mal que o matava?

Um gosto amargo dançava sobre a minha língua, enquanto eu saía da pasta profana e abria a outra:

Câmera do portão

Uma só filmagem morava ali, também parecendo em preto e branco.

— Drake! — A voz da Emily foi um clamar fino, alto, esganiçado.

Olhei por cima do ombro, o dedo em cima do touchpad, e vi algo brilhando em suas íris castanhas: horror.

Não quis ouvir o que quer que fosse aquele sinal alarmado que Emily acabara de me dar, só me voltei ao notebook e disparei o vídeo. Talvez fosse a tontura e a náusea, porque só consegui focar as vistas embaçadas nas árvores carecas ao redor do portão de ferro com um arco ostentando o nome “Propriedade Walton”, foi então que notei a data do vídeo.

Datava do dia do assassinato da vagabunda.

Um zumbido alto tomou meu ouvido quando percebi que tinha algo importante ali, porque a câmera filmava a minha maldita esposa, só de camisola atracada na boca suja de Paine. Era algo meio escuro, sem qualquer som, mas a imagem seguia nítida.

Ela beijava-o com fervor.

— Drake, por favor! — Emily chamou mais alto.

Meus sentidos apuraram, e não quis acreditar que o medo que ela demonstrava, parada atrás de mim, se devia ao fato de que, secretamente, sabia o que tinha naquele vídeo.

Do que minha namorada tinha medo?

Vi Rose despedir-se de Paine alisando seu peito, e depois, tocando a boca podre, caminhando para dentro da propriedade. Paine sumiu, mas ela travou poucos passos depois, olhando para um emaranhado de arbustos secos ao pé de árvores magricelas, do lado esquerdo, que daria no cemitério.

Rose pareceu gritar, apontando o indicador para lá, exasperada.

Eu quase ouvi a rachadura que se formava abaixo dos meus pés, se expandindo, crescendo, me puxando para baixo, ao ver Emily saindo dos arbustos com um semblante petulante, os braços cruzados.

Ali, no presente, a mulher atrás de mim chorou.

— Sinto muito! — Foi quase um assobio.

Uma lágrima desesperada fugiu dos meus olhos, trilhou pelo meu nariz quando, com a cabeça baixa, senti a punhalada no peito ao ver Rose avançando na Brown, as duas rolando no chão.

Minha esposa montou na menina, puxando o cabelo dela, batendo a parte de trás de sua cabeça muitas vezes contra o chão. Emily tentava segurar o rosto dela, mas perdia a luta, quando Rose agarrou o seu pescoço e o apertou.

A garota lutou para segurá-la, mas foi enforcada por muitos segundos, quando começou a tatear uma das mãos pelo chão e alcançou alguma coisa.

Talvez o Diabo e algumas legiões se prostrassem em meu escritório naquele momento, esperando, espreitando enquanto eu, aos poucos, ia sendo possuído por meu eu mais vingativo, mais traído, mais pesado, enquanto via Brown acertar uma pedra grande na cabeça de Rose, que a fez tombar para o lado, desacordada.

Meu coração doeu, trincou, parecia vidro se partindo em todas as direções enquanto Emily montava em Rose e de frente para a câmera da casa, desferia inúmeras pedradas na cabeça da minha maldita mulher.

O assassinato a sangue frio durou minutos, e uma poça gigante de sangue circundava os cabelos escuros de Rose, molhando o chão, enquanto Emily batia mais, e mais, e mais.

Ela sorria, com o semblante louco que jamais sonhei ver no rosto dela. Ele exalava triunfo, prazer, alguma glória.

Rose já estava morta há bons minutos quando a garota deslizou para o lado, encarando a pedra como se fosse feita de podridão. Atirando-a longe e, ao lado do cadáver, sentou-se no chão abraçando os seus joelhos e se balançou.

Não queria olhar mais, ou vomitaria se visse Emily simulando ser o AD, desferindo as facadas pelo abdômen dela.

Minha boca tremia quando a observei.

Destruído.

Traído por todos os lados.

Usado.

Atirei o computador no chão, então pisei nele muitas vezes, tentando com tanta força descontar um

pouco da raiva ali, que meu pé estalou, entretanto, não fui capaz de sentir nada.

— Me desculpe — sussurrou, estalando os dedos na frente do corpo. O medo era uma cortina em sua face sonsa. — Eu só me defendi.

— Eu não ligo. — Dei um passo até ela e meu coração empedrou, nem batia. Minha mão parecia conhecer o caminho para o pescoço dela e com uma força presenteada pelo próprio Diabo, a suspendi do chão. — Você quis me incriminar pelo assassinato que cometeu.

Ela tentou negar, balançando a cabeça, e não sabia se resignada ou apenas assustada, não tentou segurar minhas mãos enquanto eu a sufocava.

Como se merecesse.

Como se aceitasse.

— Não... — retrucou. — Não... Drake... por favor!

— Me dê uma razão para eu não apertar o seu pescoço lindo até você desmaiar! — ordenei com um berro, soltando-a sem avisar, e Emily caiu de lado, sentada e atordoada.

— Eu não sou o monstro aqui! — vermelha pra caralho, retrucou, massageando a garganta. — Eu a flagrei com Paine, então Rose ficou brava quando eu disse que a entregaria a você. Transtornada, ela avançou sobre mim e tentou me matar! — Odiei cada soluço que Emily deu. — Ela batia a minha cabeça no chão e dizia que eu sempre te quis, que desejava ser ela, que a invejava, mas que acabaria comigo, então me enforcou. Eu não tive escolha, só lutei pela minha vida, mas acabei perdendo a cabeça. — Seu tom ficou mais forte, gritando que ela se sentia injustiçada.

— Ela merecia morrer — admiti, amargurado. Só não travei o ímpeto de me abaixar e puxar a mentirosa para cima pelos ombros. Emily chorou alto, segurando

a minha blusa. — Mas você resolveu colocar a culpa em mim, né? Me julgou tão trouxa assim?

Ela piscou vezes demais.

— Eu não... não... não foi isso.

Ela não parecia certa de suas palavras, e meu peito inflava. Eu soprava o ar de forma densa, quase expulsando os pulmões pelas narinas.

Emily me usou, infinitamente mais esperta do que fui capaz de prever.

— ENTÃO QUE PORRA FOI, SUA MALDITA?

Ela se encolheu, cerrando os olhos, quando escapou saliva da minha boca com o berro e foi parar na cara dela.

— Não planejei culpá-lo. Só aconteceu depois que vendi as fotos. Mas, se você fosse preso, eu acho... acho... que faria algo.

— Então se entregaria? — Ergui uma sobrancelha. Ela optou pelo silêncio. — Nem você acredita em suas mentiras, né?

Ela não revidou. Emily sabia que eu estava certo. Ela me usou como seu bode expiatório.

Após um bom tempo, murmurou:

— Você não tem o direito de me tratar assim, porque fodeu a minha mente e eu, apaixonada demais, te perdoei.

A empurrei para longe de mim.

Então eu chorei, porque era fraco, porque a vida só jogava gente em cima de mim para me trair, enganar, e machucar.

— *“A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar.”*[13] — consegui dizer, vendo o queixo dela balançar e aquela mulher falsa chorar tão alto, que tremia, que parecia uma criança, porque ela sabia, todos os mortos daquele lugar serviam como testemunhas: não tinha volta. — Eu não vou matá-la,

porque um mundo onde você não existe seria morrer também. Mas, hoje vejo uma lápide com seu nome forjado em pedra, porque mato todos — engoli um soluço —, todos os sentimentos que nutri por você.

— Eu só fiz justiça pelo que ela fez comigo! — Emily gritou, mas pareceu perder a forças, segurando-se na estante para não cair.

Ela deslizou uma alavanca na minha cabeça, retorceu meu gatilho com a palavra pela qual eu sempre fui faminto.

Justiça!

Justiça!

Justiça!

E quantas vezes me sujei em nome disso?

— Pai, caralho, o que está fazendo com ela, hein? — Bran gritou, enfiando-se no meio.

Ele me empurrou no peito, se enfiando na frente dela, que só choramingava.

Eu não queria ver a cara daquela filha da puta nunca mais.

Foda-se a Rose! Eu a mataria, cravaria uma faca na sua cara milhares de vezes pelo que fez com meu filho, antes de enfiar a lâmina no seu peito. Mas as intenções por trás das ações da Emily me destruíram, porra!

Eu mataria por ela, EU MATEI por ela. E o tempo todo aquela mulher me viu pelas costas. Jurou me amar, veio morar comigo, se entregou a mim, entretanto, ninguém que amava seria capaz de armar para ver o outro na cadeia.

— Eu encararia uma perpétua. — Apertei a boca com um olhar de mágoa para o rosto dela.

— Eu não deixaria, Drake...

— Então jure, vai — desafiei —, jure pela Jena. — Ela mordeu o lábio de cima, fitando o chão, fugindo da verdade. — Some daqui, Emily! — ordenei. — Nunca

mais pise nessa propriedade, ou cruze o meu caminho. Tem sorte de sermos cúmplices na morte daquele viciado — Bran arregalou os olhos, correndo-os de mim a ela. — ou te colocaria na cadeia.

Eu menti, porque nunca, jamais faria aquela porra com ela.

Eu me tornei podre, afogado no esgoto dos mesmos pecados dos meus vilões, mas nunca fui um traidor.

Queria apenas que seu coração sangrasse, porque o meu tinha uma hemorragia causada pela faca que ela meteu nele.

— Drake, não... — implorou.

Eu queria dizer mais coisas, mas notei o menino nos encarando atordoado, fitando o escritório destruído e as muralhas que se erguiam entre Emily e eu com tristeza. Então o puxei para mim.

Apertei-o em meus braços como se ele não tivesse crescido, alisei seu cabelo contra a nunca, sentindo os braços dele, meio hesitantes, se fechando ao meu redor.

— O que houve, pai? — sussurrou.

Eu não o protegi.

Gastei tanto tempo querendo vingar o garoto solitário, abandonado e desprotegido que vivia dentro de mim, que deixei meu moleque ao relento.

Que tipo de herói não protege o próprio filho?

Deixei Zayn e Bran desamparados ao focar em minhas feridas.

E pior, julguei os dois problemáticos, erráticos, imprudentes, quando toda aquela porra foi um pedido de socorro. Quando tinha algo destruído demais dentro dos dois, escapando por todas aquelas ações.

Tudo culpa minha!

— Drake... — Emily soprou outra súplica.

E flashes de todos os interrogatórios traumáticos a que fui submetido inundavam minha cabeça, contaminando o abraço quente do meu menino, me lembrando de quantas vezes eu jurei estar preso na minha mente, tendo um sonho ruim, sendo manchado como assassino da minha esposa.

Eu vi Zayn querendo se matar ao fazer merda em cima de merda por não aguentar a morte da mãe, erguendo fortes de guerra contra mim, me culpando por aquilo e passando a me odiar, tudo por culpa da Emily.

Ou... ou não foi de todo culpa dela?

Rose merecia uma morte lenta, dolorosa e invariavelmente esse seria seu destino quando eu descobrisse que era uma pedófila de merda.

Meus pensamentos se chocavam como cometas, explodindo, causando uma confusão.

Emily era a vilã? Mas não fui eu a puni-la? A destruir sua cabeça por pura vingança?

Fui, para a minha ex-namorada, a madre que me deturpou.

E para Zayn e Bran, me equiparei ao pai ausente que me abandonou.

Bran murmurou alguma coisa para aquela mulher mentirosa, que só me chamava, enquanto o mundo inteiro cedia em fogo e desgraça, e as paredes da casa pareciam apertar, caminhando para frente e me esmagando.

Segurei a garganta com o coração doendo, queimando e mal conseguindo respirar.

Eu precisava de ar.

Eu precisava equilibrar meus pensamentos, por isso eu fugi.

Cambaleei pelo escritório sob os murmúrios de Bran cantando o meu nome, sob os choramingos da

Emily, me seguindo pela cozinha, então até a garagem.

Peguei a chave do carro, acionei o botão para subir o portão automático e me enfiei no automóvel.

Engolia espinhos que pareciam me fazer sangrar ao ver Bran segurando os cabelos, Emily caída de lado no chão diante do carro, se esgoelando, então dei ré e caí no mundo.

Quando você precisa crescer sozinho, aprende a colocar seus cacos despedaçadas no lugar sem auxílio; e tão quebrado, precisava me distanciar de tudo para digerir o desastre.

ATO IV

Lar

“Porque eles dizem que lar é onde
seu coração está gravado em pedra.”
Home - Gabrielle Aplin

Emily Brown

Eu deveria saber que, para mim, jamais existiriam castelos, fossem de areia ou cristal, como jurei agora possuir. Não havia nada para mim diferente de rolar em arame farpado.

Como fui tão burra? Quando ele colocou aqueles pen-drives no notebook, nem por um segundo achei que houvesse algo sobre a morte da Rose ali.

Presenciando Drake acelerar suas rodas para longe, eu vi todos os tijolos da relação que construímos caindo, um a um, diante dos meus olhos.

O barulho de tudo desmoronando era ensurdecedor.

Vivi um conto de fadas na última semana, e coloquei os dois pés no paraíso ao namorar com ele. Agora, o jardim florido foi resumido a cinzas, irreconhecível, sem vida.

O choro saía da minha garganta rasgando.

— Fala com ele — sussurrei ao garoto que me encarava assustado. — Eu não planejei nada daquilo.

E fora Bran que pegara as filmagens do que fiz com a Rose e as escondeu no baú, mas por que me acobertou?

O garoto moreno me dedicou um olhar pesaroso, depois acenou fazendo algo minúsculo e deprimente acender dentro de mim. Bran escondeu uma das mãos no sobretudo impermeável preto, entrando em sua caminhonete e manobrou para fora.

Nem tive tempo de me preocupar tanto com os dois dirigindo em meio à neve, porque logo precisaria fazer o mesmo.

Não ficaria na propriedade, afinal, o dono da casa me expulsou. E, mesmo sabendo que não errei ao me defender da Rose, que nem por um só segundo me arrependi de matá-la, não duvidei que Drake me lançaria para fora se me pegasse aqui ao retornar.

Eu salvei a minha vida, mas também senti prazer ao varrer do mundo aquela mulher desprezível, porém, naquele segundo, justiça por justiça não havia valido de nada, porque eu havia perdido o Drake. Fora que podia acabar na cadeia, caso ele decidisse me denunciar; e se o fizesse, seria apenas a cereja do bolo, porque arruinada eu já estava.

Sentada contra o piso gelado da garagem, arranquei os sapatos dos meus pés para andar mais rápido.

Enquanto me preparava para ir embora, a lembrança de um ano atrás pareceu materializar-se como um morto-vivo levantando do túmulo diante dos meus olhos, revivendo o rosto debochado de Rose.

Ela era uma narcisista do caralho, e na frente do Drake dissimulava, até amansava a voz. Por suas costas humilhava a Lindsay, Jack e até os coveiros. Uma vez, vi uma das meninas da equipe da faxina sair da mansão aos prantos, enquanto Rose a chamava de burra e desajeitada.

Como todo bom narcisista, a mulher era dominada por insegurança.

Na noite em que a matei, ela estava desvairada, e durante seus xingamentos ao me ver nos arbustos a vigiando, disse que eu a invejava porque ela era única, perfeita, especial, e que eu vivia para ser como ela, a rainha da propriedade Walton. E tudo aquilo por eu atirar na cara dela que destruiria seu casamento ao entregar sua infidelidade.

Embora tivesse sim sentimentos por Drake, jamais desejei vê-la morta. A situação apenas saiu do controle.

Rose avançou em mim, me imobilizou e me bateu. Apertou tanto o meu pescoço, por cima do meu casaco de gola alta, que vi pontos negros. Meu golpe de sorte foi alcançar um pedregulho pesado. Ele quase escorregou, porque estava tão frio naquela noite, que eu usava luvas. Minha mente mal funcionava, tão privada de ar, mas consegui acertá-la na cabeça com o pedaço de rocha.

Poderia professar alguma fé, dizer que encontrei a pedra que me salvou por alguma benevolência divina, mas foi ódio puro o que me dominou. E se recebi alguma ajuda, não foi do céu.

Foi algo pesado. Algum tipo de entidade maligna que atendia desejos sussurrados no escuro, que gritou na minha cabeça: Vai, acaba com ela! Faz a maldita calar a boca para sempre!

Ela me engatilhou com uma ofensa tão grande sobre a minha mãe, que feriu minha alma. Ela ofendeu a coisa mais sagrada que já tive, então eu senti prazer ao vê-la cair.

Fui dominada pelo mesmo tipo de adrenalina que me percorria quando o *stalker* me perseguia, uma tortura lenta formada pela junção do mais puro horror e prazer.

Pisquei firme para abandonar aquelas memórias um pouco, e naquela garagem, cravei as unhas na

carne dos meus próprios braços e arrastei. Rompi a pele. A dor se alastrou pelo meu corpo em ondas pulsantes, me anestesiando um pouco. Chiando baixinho, reuni todos os meus pedaços e me levantei do chão.

Abandonei meus sapatos e fui me segurando nas paredes, com os flashes do assassinato de Rose Walton tornando a me sugar.

Eu poderia fingir, mentir, dizer que me puni mentalmente pelo sorriso mais puro que dei ao montar nela, ao ceder ao diabo e desferir pedradas na sua cabeça que reverberavam num ruído oco.

Enquanto a matava, meus braços doeram como se eu tivesse levantado um caminhão sozinha, e nem por isso eu parei. Ataquei sua cabeça por tanto tempo, expulsando todos os meus lobos de uma só vez, que quase senti o chicotear da minha alma escapando do corpo. Mas quando saí de cima dela e deslizei para o lado, vi o meu sonho de me tornar legista, algo que brilhava como mil cometas, se tornando opaco, se afastando de mim acima da velocidade da luz.

Eu vi as grades da prisão que me aguardava, então abracei os meus joelhos e soube que meu destino estava selado: eu pegaria prisão perpétua. Jamais viveria o dia colorido em que chegaria em casa com a família me esperando, aquela que me provaria que eu não era um fardo pesando nesse mundo.

Subi as escadas da casa e entrei no quarto perfeito que poderia ser de uma princesa, juntei as roupas que mal esquentaram no closet e coloquei-as na mala de rodinhas que encontrei ali.

Gotas quentes e salgadas tomavam minhas bochechas quando arrastei a mala pelas escadas da casa. Afundando os dentes com tanta força no lábio inferior, senti um filete metálico e salgado se espalhando pela língua. As fisgadas ferradas de dor na

boca quase amenizaram as batidas frenéticas do meu órgão mais vital.

Assim que retornei à garagem de Drake, joguei a mala no banco do carona da minha caminhonete. Logo me lancei no banco do motorista, guiando o carro para fora, e descalça, sentia a irregularidade dos pedais contra a sola dos pés.

Lindsay, que costumeiramente dormia no quarto dos fundos do primeiro andar, me encarava alisando o coração, com olhos marejados e aquele conhecido semblante condescendente.

Se ela ouviu que assassinei a Rose, eu já podia sonhar com as algemas que prenderiam os meus pulsos em breve.

Dirigi até os portões da propriedade, porque iria para a casa da única pessoa nesse mundo que conhecia e podia me ajudar quando eu estava em um veleiro sem velas, em meio a uma tempestade: Ethan.

Quando o aço dos portões começou a se abrir de maneira automática, ouvi a voz rouca de Velho Jack, como se entrasse num túnel do tempo, direto para a noite em que me tornei uma assassina...

— Menina tola! Como foi fazer isso? — ele gritou, estalando sua bengala contra as pedras e caminhando até mim.

— Eu fiz merda, vô! — contei. — Vá embora! Ou pode ser visto como cúmplice por minha causa.

— Deixe de falar porcarias, vá! Levante essa bunda daí e arraste a meretriz para o portão! — Ele olhou por cima do ombro, procurando pelas redondezas. — Estou sem luvas, não posso tocar nela. E ande logo, ou seremos pegos.

— O... o quê? — Limpei as vistas com as luvas de couro escuras, que quase faziam conjunto com minha legging preta e o sobretudo preto tomado por sangue.

— Eu vou ser presa — choraminguei, horrorizada pela quantidade de sangue em minhas luvas.

— ARRASTE LOGO ELA PARA O PORTÃO! — meu avô berrou, apontando com a bengala para lá.

Minhas veias queimavam com o rastro da adrenalina as inchando, e por um segundo, tive a certeza de que não merecia uma vida encarcerada por culpa daquela vagabunda, que morta, sim, parecia perfeita.

Sendo pobre e órfã, ninguém lutaria por mim ou me defenderia, tampouco acreditaria em minha versão de legítima defesa. Eu seria trucidada pelo júri e por isso, mesmo sabendo que meu avô só ofertava me ajudar porque certamente temia não ter emprego ou um teto sobre a cabeça, ou, quem sabe, perderia sua empregada gratuita, obedeci sua ordem.

Arrastei Rose Walton pelos pulsos, deixando um rastro ensanguentado pelo chão, depois a coloquei sentada contra os portões. Meu corpo dava solavancos e meus dentes rangiam enquanto eu olhava para todos os lados, temendo encontrar alguma testemunha.

— Agora vá para casa, tire a roupa na varanda, mas não as deixe cair no chão — aconselhou, fitando os meus olhos com cuidado, e mesmo de forma severa, pareceu mais protetor do que jamais foi. — Coloque-as em um saco de lixo e deixe na ilha da cozinha. Coloque álcool e cloro na varanda, junto a uma vassoura, luvas e uma faca afiada.

Girei os olhos para os lados como um pêndulo quando Jack se aproximou de mim e segurou meu queixo com calma, abaixando a gola alta do meu suéter.

— O que está fazendo?

— Checando se ela te arranhou, porque, se o tivesse feito, eu teria de arrancar os dedos dela, ou a piranha teria DNA sob as unhas.

— Como sabe isso tudo? — levantei uma sobrancelha.

Velho Jack era um homem um tanto... limitado. Mas, não parecia o velho burro e bêbado que eu conhecia naquele minuto.

— Assisti muito CSI. — Ele riu. — Agora, corra para casa e depois de seguir os passos que eu falei, suba e tome um banho cuidadoso, lixe as unhas para o caso de ter DNA dela aí, limpe-as com cloro também, e passe alguma merda pouco chamativa no rosto, porque suas bochechas estão vermelhas e podem sugerir que tenha entrado em uma briga.

— E você?

— Vou pegar tudo o que colocar na varanda e limpar isso às pressas, depois vou esfaqueá-la.

— Pra quê? Não precisa disso — retorqui.

— Precisa sim! Dessa forma a polícia vai pensar que foi o serial killer*. Vá Emily, não temos tempo!*

Eu não esperei mais ordens, apenas segui cada um dos passos dele.

Quarenta minutos depois, Jack retornou à cabana e entrou no banho. Eu rodopiava pela sala, com a mente toda estilhaçada, acordada como se minha vida ainda estivesse em risco.

Meu avô voltou à sala com seu macacão azul costumeiro.

— Agora, prepare uma comida comum e coloque sobre a mesa, com lugar para dois — ele disse, puxando um cigarro e pendurando sobre os lábios. — Para a polícia, diremos que você voltou do trabalho, depois estudou no seu quarto normalmente, enquanto eu assistia ao basquete e tomava minha vodca. Depois jantamos juntos. E por acaso, seguindo sua rotina de maluca do caralho, você pegou seu livro besta e foi para o cemitério, ocasionalmente deu de cara com a pobre sra. Walton assassinada diante do portão.

— Não! — rebati, chacoalhando a cabeça, agarrando os cabelos.

— Vai sim, e será convincente! É bom que seja a testemunha que encontrou, assim se torna uma suspeita menos óbvia. E temos a deixa perfeita, pois o portão dos fundos está emperrado desde ontem, então, você não levantará suspeitas por ter seguido a saída principal da propriedade.

Eu estava perdida, e Jack era o meu único pilar no mundo, mesmo que fosse bambo e hora ou outra me deixasse cair. Então eu obedeci, e quando fui até os portões, me tornei uma atriz perfeita dando um grito tão alto, que acordou a vizinhança.

Apertei o volante com força, fugindo das memórias do interrogatório e do quanto fui dissimulada e mentirosa.

Dirigindo de maneira descuidada pelo solo mais escorregadio do que de costume, via o limpador funcionando como nunca, limpando o rastro dos cristais brancos que tomavam o vidro.

A caminho de Salém, tinha a palavra assassina estampada na testa, e um coração em pedaços, porque, oficialmente, estava sozinha no mundo.

Sem Drake.

Sem *stalker*.

Sem Jack.

A vida era uma embarcação furada, sem leme ou remo, e flutuando com a certeza de logo afundar, sabia que meu castelo com Drake havia se quebrado para todo o sempre.

Estava sem emprego, casa ou família. Sem qualquer um que me amasse ou amparasse.

Nunca prestei para nada, sequer para sustentar um relacionamento, para ser neta, ou filha, ou namorada. Até mesmo para Ethan, a única pessoa que ficara, eu seria um estorvo completo.

Eu sempre fui um fardo.

46

DRAKE WALTON

Não havia qualquer som na estrada de terra vazia além do murmúrio suave da neve caindo sobre o carro. As árvores magricelas ladeando a estrada tornavam-se mais e mais esbranquiçadas a cada segundo, ao passo que meu limpador do para-brisa funcionava à toda.

Dirigi sem rumo por muito tempo, e quando dei por mim, cheguei àquela estrada. Estava ali há quase uma hora, em silêncio, e me sentia como um cão feroz, sem emitir qualquer ruído, mas fervendo por dentro, a ponto de poder dilacerar alguém sem precisar fazer alarde.

Tudo dentro de mim ardia, e jurava que até mesmo minhas células se multiplicavam, carregando mais e mais ódio, meu componente mais poderoso.

Castigo divino?

Karma?

Não importava.

O resultado era o mesmo: não havia justiça para os meus filhos. Rose escapou de responder por seu maior pecado, e aquilo cravava um buraco gigante dentro da minha mente.

Apertei o volante com força, com o vídeo dela no quarto de Bran e as fotos se revezando, me

devastando como um buraco de bala recém-formado.

Não era justo!

Não era justo!

NÃO ERA, PORRA!

Soquei o volante com a mão arrebentada. O som estridente da buzina reverberou em meio ao nada, fluindo pela estrada mais distante da cidade, que levava à entrada do sistema de esgoto que serpenteava por baixo de Shadow Valley.

Eu não conseguia pensar direito, afogado em lava, então abri a boca e soltei um urro alto por tempo o bastante para minha garganta clamar por descanso. Mas não descansei, só gritei o suficiente para que tivesse a ilusória sensação de expurgar a dor.

Eu precisava fazer alguma coisa, ou ficaria mais louco do que nunca com aquela necessidade doente de vingar os meus garotos rugindo sob a minha pele.

Talvez estivesse mais insano quando decidi dar vazão àquela ideia desesperada, no entanto, dei ré no carro com cuidado. A neve reduzia a aderência das rodas, e eu não queria nem imaginar a quantidade que se acumularia nas estradas nas próximas horas.

Segui em meio a ruas sinuosas e estreitas que, já naturalmente obscuras, se tornavam ainda menos convidativas perante aquele clima nebuloso. Casebres decrépitos e mal cuidados eram vistos aqui e ali, soprando fumaça de chaminés para o alto enquanto eu tentava dirigir o mais rápido que o tempo difícil e a pouca visibilidade me permitiam.

Meu telefone não parava de tocar no meu bolso, e mesmo sabendo que devia uma conversa e um sincero pedido de perdão aos meus filhos, tinha uma tarefa crucial a ser feita, para permitir que eu ainda mantivesse algum resquício de sanidade.

Quase derrapei o carro duas vezes nas estradas congeladas, até que, por fim, cheguei ao cemitério

Walton. Estacionei na entrada de serviço e abri o porta-luvas. Carregava ali um molho de cópias de todas as minhas chaves. Abri a porta traseira do carro e peguei um sobretudo de algodão preto, que costumava carregar para emergências, por conta do tempo instável e costumeiramente ruim da cidade.

Depois de agasalhado, fui até o depósito de ferramentas, uma pequena construção de pedra, estreita e com teto triangular escuro, que abrigava os instrumentos que meus coveiros e funcionários usavam na manutenção do lugar, logo adiante do estacionamento.

Adentrei o espaço pequeno, mas bem equipado e com iluminação satisfatória. Os poucos passos que dei sob a neve, sem um agasalho emborrachado, já me renderam um ranger de dentes enquanto passeava entre as prateleiras altas de metal, em busca do que precisava.

Passei por entre ganchos carregando instrumentos, carrinhos de mão, pás e enxadas, mas o que precisava era bem simples: uma marreta, um pé de cabra e um pequeno caixote.

Encontrei os três após algum tempo procurando, impaciente. Guardei o pé de cabra e a marreta dentro do caixote de cerca de trinta centímetros e voltei para céu aberto.

O ar gelado se chocava contra o meu rosto e a neve caía sem pena alguma, grudando-se em minha barba, se infiltrando no algodão do meu agasalho e me molhando inteiro, enquanto eu apertava o passo cemitério adentro.

O túmulo que eu procurei era o mais bonito do lugar, coberto por uma laje de mármore branco polido, sempre parecendo impecável. Tinha várias rosas esculpidas em cima da tampa, um detalhe pedido por Zayn para homenagear a mãe.

Foi ele quem sugeriu que ela não fosse cremada, nem levada para o mausoléu dos Walton, pois disse que era escuro e deprimente, e que a mãe merecia um lugar ao ar livre.

Meu coração fervia e murchava ao mesmo tempo ao pensar nele. Será que Zayn foi abusado também? Não parecia, não quando alimentava tanto zelo a ponto de, nem por um só dia, esquecer de pedir aos coveiros para trocarem as flores brancas que rodeavam toda a estrutura comportando o cadáver da mãe.

A parte superior da laje carregava todas as informações da minha falecida esposa, como nascimento e ano da morte, porém, nada daquilo fez minha boca amargar tanto quanto a frase *“mãe e esposa amorosa”*.

— Vadia! — rosnei, atirando a caixa no chão e agarrando o pé de cabra.

Meu casaco, ensopado, já grudava nas costas quando meti a alavanca do pé de cabra na tampa do túmulo, apertando os dentes e usando toda a força que tinha para tentar subir aquela merda. Mas não adiantou, não importava quantas vezes repetisse o gesto.

Proferi xingamentos aos céus, aos mortos inocentes ao meu redor, e a cada diabo que andava pela Terra, amaldiçoando aquele solo, por não conseguir abrir sozinho a laje de pedra pesada.

Sabia que eram necessários dois ou mais coveiros para abrir túmulos, mas o desespero e o ódio me fizeram acreditar que conseguiria sozinho.

— Senhor? — uma voz anasalada chamou.

Jurei que estava tão maluco, que passava a ouvir assombrações, quando soltei a ferramenta sobre a sepultura e olhei por cima do ombro. Mark direcionava seus olhos saltados e claros a mim, todo coberto por

uma capa de chuva transparente. Olhei para baixo, fitando seu rosto enquanto guiava seu corpo baixo demais até mim.

— É... olá! — Cocei a cabeça, pensando em como explicar a ele que estava abrindo o túmulo da minha esposa.

— O que houve? Precisa de ajuda?

Mark sempre perambulava pelo cemitério a altas horas da noite, porque era parte da equipe noturna para dias de plantão, quando algo precisava ser feito assim que não houvesse movimentação no lugar. Por isso fui flagrado por ele outra vez, mas fazendo algo ainda mais louco do que comer o cu da Emily. E não me restou muita coisa, além de usar as peças diante de mim, para conseguir concluir aquela merda.

— Quinhentos dólares para me ajudar a abrir essa porra — ofertei, apontando com o queixo para a sepultura.

Achei que ele tivesse algum juízo, mas Mark apenas acenou a cabeça em concordância e deu passos rápidos até o túmulo.

— Claro, senhor — falou, com os lábios cinzentos por conta do frio. — O que houve? Esqueceram algo importante que foi enterrado com a senhora Walton?

— Não é da sua conta — fui ríspido, entregando a ele o pé de cabra. — Você levanta e eu empurro.

O coveiro engoliu o silêncio, fazendo o que pedi, e mesmo pequeno e mais magro, foi mais forte do que eu, conseguindo erguer bem mais da laje. Reuni minha força e empurrei a tampa para o lado, quase emocionado ao ver que foi deslizando o suficiente, então caindo num baque para o lado oposto da sepultura.

Montes de neve cobriam o chão, dando ao cemitério o ar invernal que até costumava achar

bonito, quando puxei o celular do jeans molhado e apontei a lanterna para dentro do jazigo.

Embora houvesse luzes aqui e ali no cemitério, com a neblina, ficava ainda mais difícil ter visibilidade. Ainda assim, vi os ossos desordenados de Rose dentro do buraco. Havia vestígios do vestido preto com o qual fora sepultada ao redor da ossada, e resquícios de alguma cartilagem apodrecida grudada a alguns ossos. O vômito subiu à minha boca quando vi tufos e mais tufos embolados de cabelo ao redor do seu crânio.

Um cheiro pútrido emanou do compartimento, e me virei para o funcionário, tentando respirar um ar menos corrompido. E por mais sujo e bizarro que aquilo tudo fosse, eu não esmoreceria. Não quando havia algo claro que precisava ser feito.

— Tem luva aí? — perguntei, guardando o celular no bolso.

Mark enfiou as mãos por dentro da capa de chuva e puxou um par de luvas de borracha amarela do bolso de seu jeans surrado e me ofereceu, mas não fiz menção de aceitá-las.

— Quer que eu pegue algo para o senhor dentro do túmulo? — ofertou, olhando-me desconfiado.

— Sim. Preciso que retire todos os ossos dela e jogue aqui fora — falei, me abaixando e pegando a marreta dentro do caixote.

Segurando o cabo de madeira do objeto pesado, dei um sorrisinho tortuoso ao funcionário.

— Sério?

— Pareço estar brincando?

— Mas ela é... — engoliu em seco — a sua esposa.

— Ela está morta — quase cuspi —, não é nada minha.

Mark olhou pesaroso para a sepultura e não fez menção de se mover, então coloquei a marreta com a cabeça pousada no chão ao meu lado, saquei minha

carteira e peguei todo o dinheiro dentro dela. Sequer contei, porém, sabia ter mais de mil dólares na pilha de notas que entreguei a ele.

— Não precisa pegar os ossos, se não quiser. Eu mesmo posso fazer — falei. — Mas pegue o dinheiro como um incentivo para manter a boca fechada, porque não vai querer se tornar meu inimigo.

Ele já tinha olhos esbugalhados, mas, com tanto medo, pareceu prestes a expulsar os globos oculares enquanto erguia a mão trêmula e aceitava a quantia. Contou as notas rapidamente, depois engoliu em seco e guardou o dinheiro no bolso, e se tivesse rabo como um canino, o teria enfiado entre as pernas naquele segundo.

Mark vestiu as luvas e não disse uma palavra sequer enquanto, meio hesitante, se forçou para dentro do túmulo. Começou pelo crânio e o colocou com todo cuidado do mundo no chão.

— Desse jeito vai demorar até amanhã — resmunguei. — Não precisa ter cuidado, apenas atire tudo aqui.

Mark balançou a cabeça, como se eu fosse louco, todavia, obedeceu. Ele foi empilhando os ossos com mais rapidez, jogando pilhas ao lado da sepultura. E vistoriei seu trabalho com um sorriso contido, esperando, espreitando a hora certa de dar o meu show enquanto voltava a empunhar a marreta.

Quando Mark terminou, arrancou as luvas, soprando rápidas lufadas de ar com a boca arreganhada.

Dei alguns passos adiante, me posicionando ante a pilha desordenada formada pela ossada e me ajoelhei.

Se era pecado profanar cadáver, eu não fazia ideia, mas já deixara de contar meus delitos há tantos anos... Se fosse mais um crime contra os céus, eu

assumiria os riscos, por isso, diante de tudo que sobrou de Rose, ergui a marreta no alto da cabeça. Então, virei o rosto para o lado, para que nada voasse para os meus olhos, prendi a respiração e desci o objeto com força contra seu crânio. O som foi abafado e a resistência do osso foi menor do que esperei. Tornei a encarar o crânio e, talvez por estar enfraquecido, por conta da decomposição, ele se partiu em alguns fragmentos irregulares.

Suspirei bem mais baixo do que o arquejar assustado de Mark.

— Deus do céu... — falou, e por cima do ombro o vi limpando o suor da testa, se tremendo feito o galho de uma árvore seca.

Da mais boa alma que ousasse vagar pelo cemitério à mais perversa, apostava que todas ficaram em silêncio para ver o castigo que tardara, mas chegara à mulher mais vadia que pisou nessa cidade.

Num lugar que guardava os corpos de tantos inocentes, a mais cruel das vítimas morreu sem sofrer como merecia.

Voltei-me para o trabalho diante de mim, observando o crânio fodido da vagabunda. E alimentando cada um dos meus fantasmas clamando por punição dentro da minha mente, fui quebrando os ossos dela.

Fêmur, tíbia, costelas, esterno... estilhacei a porra toda.

Meus braços doíam, meu pulmão queimava e eu estava entregue aos ofegos e arfadas. Mas era puro prazer. Meus olhos seguiam injetados no estrago que causei, mas, estranhamente, foi como se, depois de ficar no meio de um sistema solar bagunçado, eu tivesse erguido as mãos e, sozinho, reorganizado o curso dos planetas.

Joguei a marreta para o lado, puxei um sopro de ar boca adentro e me ergui. Mark parecia ver em mim o próprio Diabo, lívido, horrorizado.

— Coloque o que restou no caixote, por favor!

Quando ele obedeceu sem tripudiar, alinhei meus cabelos para trás. Estava ensopado por conta da neve, congelando de fora para dentro. Tinha até alguns pedaços estilhaçados de ossos grudados no sobretudo, mas parecia até que o ódio tinha a temperatura exata de um vulcão, me fazendo ferver.

Demorou um tempo até que Mark parasse diante de mim, chacoalhando os ossos dentro do caixote. Coloquei a tampa no compartimento, tomei-o dele e pousei no chão.

— Me ajude a recolocar a tampa!

Mark não se manifestou, e juntos levantamos aquela merda pesada pra caralho, que produziu um pequeno estalo ao finalmente tapar a tumba.

Tornei a pegar o caixote e, com um tom ameno, falei:

— Como eu disse, é bom guardar nosso segredo, ou pode sobrar para você!

— Eu... eu... sou um homem... homem de família — parecia engolir vidro para conseguir falar —, não quero confusão. Hoje foi apenas uma noite de trabalho comum e não fiz nada além de zelar pelo cemitério.

— Que bom, Mark. — Dei-lhe as costas. — Vai receber um aumento por isso.

Quando me atirei dentro do carro, joguei o caixote ao meu lado. E mesmo que tivesse de suportar junto a mim o cheiro da morte por alguns bons minutos, dirigi até a estação de esgoto no canto mais afastado da cidade.

Foi aquele lugar que me deu o insight necessário de que Rose merecia um destino adequado, por isso,

quando parei diante de um beco mal iluminado, quase podia sentir minha alma suavizando.

A travessa terminava em uma grade enferrujada, que guardava uma entrada clandestina. Segurando a caixa com a ossada, adentrei o sistema de esgoto sem dificuldade.

O cheiro podre de excremento se misturava à atmosfera pantanosa, enquanto eu avançava por um túnel de pedra de teto oval.

Um rio fétido corria pelo centro do túnel, exalando um cheiro insuportável. Enquanto eu caminhava, um trio de ratazanas gigantes disparou entre as minhas pernas. E no canto da parede mais próxima, dois morcegos descansavam de cabeça para baixo, sem se importar comigo ali, virando o caixote com os ossos na água podre.

Um pouco mais em paz, vi os restos de Rose afundarem em meio àquela vala imunda, o verdadeiro mausoléu adequado para comportá-la.

Mesmo quebrado em muitos pedaços, ao menos agora carregaria comigo a certeza de que dei a ela um final merecido.

DRAKE WALTON

Parado em um cruzamento, aproveitei para sondar o meu celular. Mais de vinte chamadas perdidas de Emily e Bran dominavam a tela de início. Enquanto esperava o sinal abrir, bloqueei o número da minha ex-namorada.

Na aba de SMS, uma infinidade de mensagens sua reinavam. Fechei os olhos em uma inspirada profunda, e tentei pensar em algo menos severo sobre ela. Minha única certeza era que não estava pronto para falar com a Emily, ou ouvir suas justificativas. Por isso, apaguei as mensagens dela, lendo apenas as do Bran.

Ele copiou e colou a mesma frase várias vezes:

Brandon: Não conte nada a Zayn!

Depois de suspirar alto, afundei no banco e relaxei os ombros. Se Bran não queria que o irmão soubesse de algo, isso significava que meu caçula estava alheio à situação, não é?

Não podia fugir mais, então me encaminhei para casa. Ao entrar pelos portões da propriedade, acelerei em direção à garagem e vi o garoto de cabelos negros apoiado no parapeito da varanda. Sem nem esperar para estacionar no local adequado, parei ali mesmo,

no meio da rampa na frente da garagem e fechei a porta do automóvel.

Ao alcançar a varanda, meu filho se ergueu e agarrei suas bochechas coradas de frio com carinho, puxando-o para os meus braços.

— Pai, eu te procurei pela cidade inteira...

— Precisei de um tempo para respirar — falei, e não era mentira. Eu respirei me vingando...

— Que cheiro é esse? — Ele perguntou, dando um passo atrás e cobrindo o nariz com o nó do indicador.

Olhei para minhas roupas com resquícios pequenos de osso, neve e os pés cobertos de lama, só então me dei conta do quão podre eu estava.

— Tive de fazer uma coisa — contei.

Não podia dizer a ele que fui errático o suficiente para exumar sua mãe. Bran já fora traumatizado o bastante.

— Por que não toma um banho? — aconselhou, abrindo a porta da casa. — E, caso queira saber, liguei para a Madson e pedi a ela para ver onde sua mulher estava.

Bran me seguiu enquanto eu entrava em casa, planejando me livrar da roupa imunda. Travei meus passos quando assimilei o que ele disse, mas terminei balançando a cabeça, engolindo o azedume sobre a língua.

— Não me importo.

— Ela ligou para o Jones e descobriu que Emily está na casa dele — insistiu, como se visse que minha boca contrariava os meus sentimentos.

— Que Jones?! — rosnei, já enxergando fumaça.

— O Ethan Jones.

O fogo se dissipou dos meus olhos em um segundo, e tudo dentro de mim silenciou. Não me lembrava que era o sobrenome do amigo dela.

— Já volto.

Subi as escadas, e me forcei a não pensar na pequena mentirosa. Tirei a roupa no quarto que passei a dividir com ela e fui para o banho. Enquanto a água morna e um pouco de sabonete limpavam a sujeira do meu corpo, observei, com o coração batendo fraco, os seus produtos de cabelo dispostos no nicho incrustado no box de mármore.

Sabia que ela me assombraria mais do que qualquer morto desse cemitério, com suas cinzas vagando dentro de mim para sempre, quando saí do banho e me sequei.

O quarto ainda cheirava a ela enquanto eu me vestia.

Usando um pijama azul escuro, desci as escadas, caçando meu filho no andar de baixo. Ele estava largado no sofá da sala com um olhar meio perdido, quando me viu.

— Então você descobriu tudo? — perguntou, quicando uma das pernas no chão.

Fui até um aparador de madeira preta, situado entre a janela no lado leste da sala e a porta do escritório nos fundos. Sobre ele repousava uma pequena bandeja de prata, ostentando um decantador de uísque. Servi um copo com uma dose dupla, engolindo-a de uma só vez, antes de repetir a operação e, com a garganta queimando, caminhar em direção ao sofá de dois lugares em frente à poltrona de Bran.

— Emily foi burra o suficiente para me levar até o seu baú.

— Não acredito que ela fez essa merda. — Segurou a cabeça, olhando o baú e as fotos sobre a mesa de centro. — Nunca imaginei que ela tornaria a mexer naquela porra, quando Zayn e eu a assustamos tanto.

— Tem bem mais que apenas coisas sobre a morte da sua mãe ali, filho — minha voz fraquejou. —

Quando ela começou a fazer aquilo com você?

Ele se jogou com tudo contra o encosto da poltrona, e com os olhos vítreos para o teto da sala, uniu as mãos no topo dos cabelos negros.

— Quando eu tinha doze anos. — Bran coçou o pescoço enquanto falava, se mexendo demais, como se quisesse limpar a pele usando até mesmo as unhas. — Você viajava muito, e em uma madrugada Rose entrou no meu quarto. — O rosto dele avermelhou como naquelas fotos, e por mais que ele olhasse para cima, eu consegui ver as lágrimas escorrendo do canto de seus olhos. — Ela falou que sentia saudades de você e isso a deixava triste. A vagabunda dizia que eu era a sua cópia e precisava que a fizesse feliz quando você não estivesse.

— Sinto muito. — Meus olhos queimaram. — É culpa minha, Brandon. Eu deveria tê-lo protegido, visto os sinais.

— Não, pai. É culpa dela! Minha mãe era louca — ele engoliu um soluço —, me ameaçava fingindo que invadiria o quarto de Zayn para que eu a fodesse, sabendo que eu protegeria o meu irmão a qualquer custo. Sempre foi culpa da Rose, que era tudo, menos minha mãe.

— Então Zayn não passou pelo mesmo?

— Ela já entrou no quarto dele durante a madrugada algumas vezes, mas eu a segui em todas e Rose só fazia carinho na cabeça dele e o olhava com uma espécie de amor doentio. Acho que... que... — ele soluçou bem alto e eu desejei, mais do que nunca, poder arrancar a dor do coração dele e transferir para mim, para que ele sofresse menos — ela não se via como minha mãe. Eu sou mesmo filho dela?

— Sim. É por isso que é ainda mais difícil entrar na minha cabeça que ela tenha feito isso — falei.

— Eu nunca tive coragem de contar, porque achei que você fosse brigar comigo. — Ele parecia uma criança engolindo as palavras daquele jeito. — Rose sempre dizia que você era ciumento e colocaria a culpa em mim se eu fizesse fofoca.

— Ela sabia que eu a mataria se descobrisse, então garantiu o seu silêncio.

— Mas eu fui crescendo, sabe? Arrumei um namoro sério, fui morar na Blind Crows e planejei nunca mais voltar para casa depois de completar dezoito anos. E foi assim que ela, uma puta completa, passou a te trair mais pela cidade.

— Ela usava uma máscara bem convincente na minha frente — resmunguei, me lembrando do sorriso doce nos lábios costumeiramente vermelhos e no quanto seus olhos grandes e castanhos brilhavam e se tornavam suaves quando me encarava.

— É surreal o quanto ela mudava. A voz, a postura. Pelas suas costas, Rose era uma megera dessas de filme, horripilante, e na sua frente, parecia uma donzela.

— Eu escolhi a cegueira, Bran. — Sorvi a verdade como se fosse uma dose mortal de veneno contra a minha língua. — Deveria ter visto.

Eu tive outra grande vilã na minha vida, mas, infelizmente, não a reconheci. Os pais são os responsáveis por proteger seus filhos e eu sentia que a culpa do abuso que Bran sofreu era minha. E pagaria por todos os dias da minha vida, me autoflagelando por não ter sido capaz de impedir.

O ódio dentro de mim acendeu e fez parecer minúsculo tê-la atirado naquele esgoto. Minha esposa merecia mais, algo como ser esfolada viva, escalpelada, para morrer sofrendo e bem lentamente.

Até a fantasminha fez mais pelo meu filho do que eu...

— Como descobriu que foi a Emily quem a matou?

Bran suspirou, se jogando para a frente e apoiando os antebraços nos joelhos, perdido, com a mente em outro sistema solar.

— Olívia estava brava naquela noite — contou, citando a namorada que terminara com ele e ainda disse aos quatro ventos que Bran a torturou emocionalmente. — Tínhamos vindo dormir aqui, porque eu queria apresentá-la, mas você estava dormindo. E minha namorada ficou enchendo o saco porque estava morrendo de ciúmes da Madson, então fiquei puto, precisando de ar, e a deixei no quarto falando sozinha. Quando cheguei à varanda, vi Rose com o Paine. — Ele riu, mas tinha um careta de nojo no rosto. — Observei os dois de longe, até que o xerife foi embora e a Emily surgiu. As duas saíram na mão e eu até planejei intervir quando vi que minha mãe estava enforcando a Brown, mas foi então que a Rose falou sobre a mãe dela...

— Sobre a mãe de quem? — indaguei.

— Da Brown — contou, num tom exasperado, como se fosse óbvio, e eu, um desatento. — Rose, enquanto enforcava a Emily, disse que a Jena era uma vadiazinha barata, e que mereceu a morte que teve. Então Emily conseguiu acertar ela com uma pedra na cabeça, e não parou mais até que a matasse.

Rose engatilhou a Emily de propósito.

Se alguém falasse de Roselyn daquele jeito, veria os meus demônios num piscar de olhos. Então, talvez, tripudiar de uma mãe assassinada trouxesse à tona o lado sombrio de qualquer um.

Eu poderia condenar a fantasminha? Não. Mas, no lugar da Emily, teria batido no meio do rosto, assim garantiria um enterro bem desfigurado a Rose. E nem Deus a julgaria, se Emily tivesse arrancado fora a língua da desgraçada.

— E você preferiu não salvar a Rose — constatei —, por quê?

— Eu não sei definir o que eu senti. Acho que foi só... alívio — sussurrou. — Como se um gigante que sempre parecia prestes a matar uma parte minha estivesse caindo, e não me restou nada diferente de sentir gratidão pela garota que o derrubou.

Eu nunca fui atropelado, mas naquele segundo, sentia que um carro havia passado por cima de mim.

Meu peito, meu corpo, minha alma, estava tudo esmagado.

O meu filho foi destruído a ponto de gostar de ver a mãe morrer. E quem nesse mundo o julgaria?

— Então, Emily foi a sua heroína.

— Sim. E porra, era pra esse segredo morrer com a gente, se ela não fosse tão enxerida — ele rosnou. — Foi por isso que eu entrei em casa, quando vi a Brown surtando após o assassinato, e corri para a sala das câmeras, coloquei a filmagem do crime no pen drive e depois a apaguei do circuito. Eu pretendia voltar lá e ajudá-la a limpar a cena, mesmo que pudesse ser preso junto, mas a Olívia surgiu na hora e, cacete, eu não podia deixá-la ver aquela porra, por isso fui pro quarto com ela.

— Então foi a Emily quem limpou a cena do crime sozinha? Nos autos do crime constava que Rose fora arrastada para os portões, e que limparam a cena com alvejante, o que atrapalhou o trabalho forense.

— Eu acho que sim! Não tenho certeza, porque eu entrei antes dela sair de cima da Rose e nunca terminei de ver a filmagem. — Deu de ombros. — Emi foi muito bem encenando encontrar o corpo, mas ainda temi que ela fosse pega. Mas, no final, deu tudo certo, os meses foram passando...

— E Zayn nunca soube de nada disso?

— Não.

— Mas ele não montou o baú com você?

Cocei a barba, e Bran se levantou, perambulando pela sala enquanto escondia as mãos nos bolsos do casaco impermeável.

— Eu guardei aquele pen drive por um bom tempo, mas, há poucos meses atrás, eu queria enterrar aquelas provas para sempre, e assim proteger a Emily — seu engolir em seco anunciou que diria algo mais denso —, e precisei me livrar das fotos e filmagens que tinha guardado contra a minha mãe, já que ela havia morrido mesmo...

“Estava colocando coisas no baú quando Zayn chegou, aí eu disfarcei, disse que pretendia fazer uma despedida para a Rose, mas que não queria que ele visse o que eu guardaria. E garanti que eu também não bisbilhotaria o que ele decidisse colocar lá dentro. Por isso eu mantive as minhas coisas embaixo, e as dele ficaram por cima.”

— E nesse rolo todo, você perdeu a tal namorada? — questionei, me lembrando da menina de olhos grandes que vira com ele pela cidade certa vez. — E ela saiu falando que você era um sádico do caralho... — Eu quase ri.

— Bom, não foi nada engraçado. — O rosto dele avermelhou. — Olivia não queria me acobertar pelo tempo que não estive com ela no quarto, mas eu a ameacei, então ela terminou tudo e saiu falando merda, mas, ao menos foi o meu álibi.

— O jornalista me contou que você e seu irmão estiveram lá, quando eu meti a porrada nele e peguei a filmagem que Zayn entregou ao cretino — comecei, tentando acalmar o furor dentro de mim ao lembrar que meu filho achava mesmo que eu havia matado sua mãe. — Por que Zayn fez aquilo?

— Porque ele acredita em coisas que minha mãe disse a ele. E — Bran abaixou os olhos, a voz, depois

fitou as figuras religiosas retratadas no vitral das janelas da sala — ele me disse que você não gosta dele.

— O que Rose disse a ele?

— Eu não faço ideia. — Deu de ombros. — Mas você gosta dele, né? Digo, do mesmo jeito como gosta de mim.

Bran não me bateu, mas a sensação foi de um murro no meio da cara.

— É claro que gosto!

— Ele não sente isso, pai. É sobre o jeito como ele vê o mundo, sabe? Acho que meu irmão precisa de tempo para digerir o trauma. A minha mãe era boa com ele, então, Zayn só viu seu Universo encolher porque ela morreu... não entende que ela merecia.

— Espero que um dia ele deixe que eu me aproxime outra vez, para mostrar que o amo, sim.

— Eu não sei... — suspirou. — Mas preciso que prometa, pai... prometa que nunca vai contar a ele sobre o que a Emily fez, ou sobre os abusos da Rose, porque, uma: ele vai querer matar a Emily. — Virou-se para mim contando os dedos. — Duas: ele vai surtar e tentar se destruir ainda mais.

Ele não tocaria na minha... mordi a língua, mesmo que não houvesse palavras na minha boca.

Zayn não tocaria na Emily nunca mais!

— Falando nela, você, mesmo sabendo que ela vendeu aquelas fotos e eu me tornei suspeito, ainda a protegeria? — Eu tentei não soar tão acusador, mas os espinhos na minha língua doíam e me faziam olhar para ele com certa mágoa.

— Você é rico, tem o sobrenome de maior peso dessa cidade e um dos melhores advogados do país, você NUNCA seria preso — afirmou, cruzando os braços. — A Emily é órfã, porra! E pobre, e apodreceria numa prisão de merda quando apenas se defendeu de

uma grande filha da puta. Então, sim, eu a protegeria. Se, na mais remota possibilidade, você fosse preso, ela mesma se entregaria.

— Emily não faria isso não — afirmei. — Eu vi na cara dela que não.

— Ela é apaixonada por você. Senti isso na noite que fi...

Se ele tivesse continuado a frase, veria o Capeta na sua frente, então apenas engoliu em seco e recuou.

— Nunca mais mencione essa porra! — ordenei.

— Enfim, ela ama você. Acho que se entregaria, sim.

O rosto lindo dela, todo assustado quando a desmascarei, surgiu, como se Emily estivesse naquela sala, me dizendo que não havia amanhã para nós dois. Não depois de toda essa merda.

Eu era corrosivo.

Sempre fui.

E ela, por mais que tivesse um lado sombrio à espreita por baixo da pele, ainda era delicada para mim.

Até meu filho foi capaz de ver que ela não era a vilã ali, enquanto eu, cego demais, a destruí e, no final, a culpei.

— O que veio fazer aqui hoje?

— Pegar outras anotações sobre o meu projeto acadêmico — respondeu. — Enfim, sei que atirei algumas merdas no seu colo agora, e que você precisa refletir sobre o que vai fazer, se vai atrás da sua mulher ou não — ele começou —, mas preciso que você prometa pai, que não dirá nada ao Zayn.

— Eu não direi, Bran. Nunca faria algo que poderia colocar a Emily na cadeia. Eu a amo demais para isso...

Ele ergueu as sobrancelhas, meio baqueado com o que eu disse.

E a cada vez que eu falava sobre, mais concreto ainda se tornava que, de fato, eu amava aquela mentirosa.

Talvez eu sempre sentisse mágoa pela desconfiança de ela querer me incriminar, mas os sentimentos atenuavam enquanto a tempestade no meu corpo passava, transformando-se em chuviscos.

Emily era louca como eu, e, desesperada, fez uma sequência de burrices após matar a Rose.

Eu a crucifiquei, fui imundo apenas pelas fotos, sem sequer saber do homicídio. E continuei a perseguindo porque gostei, porque me alimentei do medo dela e a desejei para mim com uma fome imoral.

Não tive o direito de ser seu carrasco, não o quanto tive de ser o fim para a madre, para Oscar, ou o quanto seria digno de findar a vida do assassino das divorciadas.

Se matasse a Rose com requintes de crueldade, seria meu direito absoluto. Mas a Emily? O que fiz com ela caía sobre a minha cabeça como o peso do mundo. E não havia injustiça vinda das mãos dela para mim, não quando tudo o que fiz a ela foi mais cruel.

Eu quis machucá-la, até mesmo que ela morresse, antes de decidir que ela seria minha.

Emily foi bem mais nobre do que eu, me perdoando por tudo que fiz, me amando mesmo assim.

Não deveria perdoá-la e assumir o sentimento de membro amputado por ficar longe dela? Ou era perigoso demais para me manter em sua vida?

Talvez sua maior segurança se devesse ao fato de eu me manter longe.

Mas sendo quem era, tão abraçado aos meus pecados, conseguiria assumir a distância de deixá-la ser feliz longe de mim?

DRAKE WALTON

O tempo foi severo nas últimas três semanas. Tivemos dias seguidos de nevascas que chegaram a me prender em casa por conta do acúmulo de gelo nas estradas. E tantos outros períodos de chuvas fortes dominaram Shadow Valley.

A neve deu um leve descanso nos últimos dias, onde apenas um chuvisco imperou.

Naquela tarde mais amena, encarei a pequena cafeteria no centro de Salém, escondido dentro do meu carro. O limpador do para-brisa trabalhando rangia e atrapalhava a vista do outro lado da rua tranquila, mas tudo o que precisava era me alimentar com alguma migalha da garçonete do outro lado da enorme parede de vidro do estabelecimento meia-boca.

Emily tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo, enfiada atrás de um avental preto enquanto servia uma mesa próxima à vidraça da fachada. Seu olhar era triste e ela parecia sempre cansada quando eu a seguia, fosse na faculdade, entrando na casa do amigo, onde agora morava, ou aqui, em seu novo trabalho.

Eu não a demiti e até achei que ela apareceria na funerária para buscar suas coisas, depois de ter passado dias sem trabalhar, porém, não foi.

Desbloqueei o número dela logo na primeira semana após o término, e encarei a tela do celular por muitas noites, esperando que ela ligasse, em vão.

Depois de tanto esgotar o assunto na minha mente, eu entendi, mais do que fui capaz de compreender qualquer pessoa nessa vida, que Emily agiu no desespero com aquela sequência de erros após matar a Rose.

Ela era jovem, assustada e sozinha demais. Não podia condená-la pelo que fez, embora tivesse o direito de me ressentir.

Assim como ela se ressentiria para sempre por eu tê-la magoado tanto.

Sempre fui um merda, mas, obcecado por ela, conhecia sua rotina de cor. Sempre sabia onde estava, porque mantinha o rastreador em seu telefone, e o faria até o dia que eu morresse, mesmo que tão resignado por tê-la perdido.

Os dias eram insípidos, cinzentos do lado de fora e também por dentro de mim.

Eu sequer trabalhava, passando boas horas do dia no quarto, olhando para o teto, sentindo falta dela e com uma tonelada de culpa morando na minha mente. Quando tinha forças para alguma coisa, vinha observá-la para matar um pouco da saudade.

Zayn continuava me evitando porque tomei a chave dele lá de casa. Nunca mais falou comigo. Eu não sabia se nossa relação tinha conserto. E, sentindo-me tão mal por tudo o que aconteceu nas últimas semanas, a distância dele machucava ainda mais.

Ao menos Bran voltou para casa, garantindo que só iria embora quando Emily voltasse para mim. Meu

filho jurava que reataríamos, mas nem ele conseguira falar com ela.

Outro dia, Emily fez suas últimas provas na faculdade, e Brandon me contou que a fantasminha fugiu quando ele e Madson tentaram conversar para saber como ela estava, na esperança de ter alguma informação para me tranquilizar.

Meu filho contou que ela parecia doente, de tão pálida e triste. Fiquei preocupado e até quis entrar no carro e vir atrás da Emily, mas Bran me segurou, aconselhando que eu não tentasse me forçar na vida dela ou seria pior.

E ele tinha razão.

Talvez ela estivesse bem melhor sem mim.

Esperei por quase uma hora dentro do carro, até que a noite se espreguiçasse e fosse surgindo aos poucos, e o turno dela na cafeteria acabasse. Meus olhos acenderam como rojões quando Emily atravessou a porta de vidro, o rosto fechado num semblante mal-humorado.

Ela nunca sorria...

Enfiada na capa de chuva que dei a ela, esmagando poças de água com suas galochas coloridas enquanto atravessava a via para vir até a caminhonete ao meu lado, Emily parecia mais apagada do que nunca.

Ela estava tão próxima a mim, que se eu abrisse a porta, poderia tocá-la. Apertei os lábios contendo a vontade de cortar a distância e dizer alguma coisa, quando, com olhos caídos, vi ela tocar o tecido da capa de chuva na frente do quadril, olhando para a roupa com olhos vermelhos que desaguaram enquanto seu queixo tremia.

Meu peito apertou a ponto de quase me encolher ao vê-la limpando o rosto e fungando baixinho, depois

a garota abriu a porta do carona do seu carro e jogou a bolsa ali.

Quando ela assumiu o volante da caminhonete e partiu, me permiti afundar no banco, me sentindo o homem mais burro do mundo inteiro.

Eu sempre fui podre, mas a sujei na mesma imundice que me dominava, e não a merecia.

Me viciei em machucá-la, e se a tivesse outra vez, sempre a puniria quando descumprisse minhas regras.

Eu não podia me reaproximar da Emily.

E sabendo que eu a persegui e seduzi, talvez dentro dela estivesse tudo do mesmo jeito: reinando a certeza de que não fomos feitos um para o outro.

Emily Brown

Acordei triste outra vez.

Eu mal conseguia comer, porque tudo parecia insosso.

Enfiada numa casa onde mal cabia, trabalhando num lugar horrível em troca de gorjetas e um salário que mal pagava meus custos na casa de Ethan e minha gasolina, eu me vi no fundo do poço.

Não que Ethan, seu namorado ou sua avó não fossem gentis. É que eu pesava, e sentia isso a cada passo que dava, a cada sorriso piedoso que recebia dos três.

Não havia um só dia em que me olhasse no espelho e não me sentisse uma farsa.

Uma mentirosa.

Uma mulher que não era digna do homem que amava.

Eu fiz tudo errado, e mesmo que o amasse tanto, ainda sentia raiva dele. Raiva por não ter recebido seu perdão quando lhe entreguei o meu. Raiva por ele não ter me procurado, e me esquecido tão depressa, sem se importar com que vida eu estava levando.

Eu tive medo de que a polícia surgisse a qualquer momento quando saí da casa de Drake, e cheguei a ter

longas crises de pânico por noites a fio, nos primeiros dias morando em Salém.

Tardei, mas com o passar do tempo, percebi que talvez Drake não fosse me denunciar. Quem sabe, por sentir algo, ou apenas por ter medo de que eu desse com a língua nos dentes sobre o viciado que ele matou no mausoléu, ou as outras mortes que havia me confidenciado.

Nada reinava mais em mim do que saudades de tudo que perdi. Por mais horrível que viver com Velho Jack fosse, eu tinha uma vida, um trabalho que amava, um quarto onde cresci com a minha mãe, o cemitério onde podia aliviar a minha dor.

E então eu vagava pelo mundo feito uma alma penada, longe de qualquer familiaridade que pudesse me remeter a ter alguma raiz.

Dentro da minha caminhonete, ainda tremia quando pensava no que estava prestes a fazer, no local onde, mesmo não sendo bem-vinda, tinha de ir. Entretanto, com a previsão de nevasca para os próximos dias, precisava aproveitar a trégua no clima para fazer algo que nunca tive coragem.

Encarei o buquê de lavandas no banco do carona. Puxei o ar profundamente, sendo inundada pelo aroma herbal que parecia trazer junto a dose de coragem necessária, e comecei o trajeto de Salém a Shadow Valley.

Minhas últimas semanas se resumiram a chorar até pegar no sono e contar minhas moedas para tentar sair da casa de Ethan.

E, porra, outro dia, ainda tive de fugir de Madson e Bran na faculdade. Não conseguia olhar no rosto daquele garoto, porque ele sabia que fui eu quem matou a sua mãe.

Percorrendo o trajeto em uma velocidade adequada, devido às ruas molhadas, a dúvida sobre o

motivo pelo qual Bran me acobertou rolou em minha mente uma, duas, três vezes. Em nenhuma delas tive certeza do porquê ele apagou a filmagem do circuito e me protegeu.

Só podia ter sido Bran!

Era o pen drive dele naquele baú.

E entendi que me assustar daquele jeito, após eu escavar seu segredo, fora a sua forma louca de me proteger.

Engoli uma dose de culpa por sempre vê-lo como um psicopata, quando dera tantas expressões de empatia nas últimas vezes em que o vi.

A cada vez que chegava mais perto do distrito da propriedade Walton, mais meu estômago queimava e meus olhos marejavam. Quando, por fim, passei em frente à mansão de Drake, me abaixei um pouco no banco, temendo que ele me flagrasse virando na rua do cemitério. Ou surgisse naquele segundo, enquanto eu descia da caminhonete e feito uma fugitiva, tentava ser o mais discreta possível pegando o buquê de flores no banco do carona.

Sondei as redondezas com olhos arregalados, receando ser enxotada feito uma ratazana pelo homem que amava, mas minha mãe estava enterrada ali, e eu tinha o direito de, finalmente, levar flores a ela.

Cada passo que dei foi pesado, como se meu corpo relutasse em seguir em direção ao cemitério jardim. Vi um casal diante de um túmulo de pedra, cantando a música deprimente formada por soluços enquanto seguia meu curso, e feito um rio sinuoso, desaguava diante do cemitério jardim.

O lugar cheirava à chuva, enquanto eu pisoteava a grama seguindo o caminho tortuoso por entre as placas enterradas marcando cada uma das vítimas do assassino. Elas retratavam nomes que sempre quis

esquecer, enquanto, a cada passo, sentia os cacos pontudos dilacerando o meu coração.

Na última fileira, a lápide de Jena quase brilhava. Meio hesitante, parei diante dela e, aos poucos, me ajoelhei. Tinha uma foto arredondada sua ali, em preto branco, pairando em uma das extremidades da placa cinzenta, perto da frase “Em memória de Jena Brown”.

Incrível como sequer fazia ideia do que havia escrito em seu túmulo, e entender isso doeu.

Eu morri mil vezes em uma só vida, depois que a perdi.

Deitei o buquê com suas flores favoritas na grama lamacenta que sujava os meus joelhos, deixando rastros gelados sobre o jeans, que arrepiavam minha pele.

— Oi, mãe... — lutei para dizer. Eu sempre soube que tentar falar com ela seria remexer uma ferida aberta. — Espero que me perdoe por nunca ter vindo falar com você. Eu ainda me lembro de vê-la desenhando pela casa, jurando que você era uma artista famosa, daquelas que apareciam na televisão. E, ao menos para mim, você era mesmo. Era gigante, perfeita, o meu Universo inteiro. Mas quando arrancam o seu mundo, o que te resta? — Limpei uma lágrima.

Esfreguei um pouco da lama em cima do seu nome com a ponta do suéter, engolindo lágrimas intrusas que se infiltravam na minha boca, e como se meu corpo tivesse triplicado de tamanho, ficou difícil sustentá-lo, mesmo sentada. Me deitei de lado, me molhando inteira, a cabeça ao lado da placa, e tornei a dizer:

— Não me sobrou nada, sabe? — Meu sorriso foi enrolado em dor. — Por vezes achei que, se eu passasse muito tempo pelo cemitério, seu fantasma apareceria para mim e mataria um pouco da saudade absurda que sentia. — Mordi a boca com força, porque

doía demais, porque invejava os mortos, pois eles não sofriam, sentiam dor ou abandono. — Eu até tentei olhar todas as exumações possíveis, para ter a certeza de que não tem nada do outro lado da linha, e assim matar a esperança de te encontrar aqui. Mas hoje, vir até o seu túmulo é entender que, de fato, você não está nesse mundo, e que nunca vai voltar. — Olhei para cima, para o céu nublado e escuro, e procurei algo melhor para falar, mesmo que tudo dentro do meu peito fosse tão feio. — E mesmo toda quebrada, tenho muitos sonhos cinzas na minha mente, que vou colorir, e talvez um dia eu volte aqui e conte ao seu túmulo vazio que me tornei médica, ou venha junto a uma criança que te chamaria de avó, mesmo com a certeza de que não existe mais nada seu sob essa lápide.

Sequei as lágrimas, as mais pesadas e dolorosas que soltei nos últimos tempos.

Jena sempre seria minha maior cicatriz.

Vagar pelo mundo depois de perdê-la era como me arrastar, sem forças.

Quando me ergui, as bochechas imundas por lágrimas e lama, segurei a testa com uma imagem piscando dentro da minha cabeça sem parar: *Myers*, o assassino do filme Halloween.

Minha boca ressecou e precisei me abraçar para lidar com o frio, mesmo agasalhada com aquele casaco pesado marrom forrado com lã.

Caminhando nas vielas labirínticas entre os túmulos altos do cemitério, ainda precisava buscar a única coisa que tinha de Jena, que era real e palpável: seus desenhos no teto do meu antigo quarto.

Caminhando até o portão norte do cemitério, hiperventilei, sentindo as mãos suando enquanto me dividia entre emoções dissonantes.

Queria e não queria ver Drake.

Quando atravessei o portão, a casa estava silenciosa. Um jardineiro, que eu nunca tinha visto antes, se concentrava na manutenção dos arbustos. Em silêncio, agradeci pelo homem careca e parrudo, agasalhado com uma longa jaqueta emborrachada com capuz forrado, que o fazia parecer um esquimó, não ter me visto.

Não havia sinal de Walton algum pelo lugar, e me senti uma invasora, enquanto caminhava a passos rápidos pela lateral da mansão, percorrendo o caminho que fiz milhares de vezes até a casa em que um dia morei.

As paredes velhas, a pintura gasta, o chão de tábuas bambas que gemiam ao ser pisoteadas enquanto eu usava a chave que não devolvi para abrir a porta da sala, tudo me trazia saudade.

Olhei ao redor, vendo a poeira que cobria os móveis e o frio ali dentro remetendo a algo totalmente sem vida.

Guardei a chave na bolsa e limpei o canto dos olhos inchados enquanto subia as escadas. Já estava partida em pedaços demais, porém, olhar o meu quarto aumentou a sensação de ser composta de estilhaços.

Havia coisas que ainda precisava buscar aqui, como a mesinha de cabeceira da minha mãe e o meu computador, mas teria de pedir a Drake para tal, ou ele poderia julgar que estava furtando algo da sua propriedade. Não tinha ideia do quanto ele me odiava agora, e não queria enfurecê-lo mais.

Tirei as galochas e subi na cama, me esticando o suficiente para, com toda cautela do mundo, retirar uma a uma das folhas A4 colocadas com fita crepe no teto, que ao menos era baixo, me permitindo pegar os desenhos sem muito esforço. Depois os guardei dentro da bolsa sacola que andava sempre comigo.

Assim que desci da cama e calcei as galochas, foi impossível não olhar ao redor e lembrar do *stalker*. Dos dias em que entrou nessa droga de quarto e dormiu comigo, da forma arbitrária como se infiltrou no meu coração para nunca mais sair.

Eu sempre me arrependeria por ter vendido aquelas fotos amaldiçoadas. E deveria tê-las entregado ao Drake, pedido ajuda a ele, mas jurei que aqueles trezentos dólares eram o anúncio de um futuro com liberdade. Não mensurei danos, meu maior passo em falso.

Será que errei ao me defender da Rose?

Ela falou da minha mãe com tanto ódio, e não tinha aquele direito.

Mas não, eu não me arrependeria por tê-la feito calar a boca para sempre!

Só que, agora, mais fodida do que nunca, não tinha mais a sensação de triunfo que senti no dia em que a matei, ou a esperança que surgiu com as fotos vendidas.

Eu só contava destroços e não possuía nada sólido na vida além da faculdade e o sonho de, um dia, ter uma profissão que me trouxesse alguma dignidade.

Até a miragem de me casar e ter filhos tornou-se borrada depois que terminei com o Drake. Ele estragou esse sonho para mim, porque nunca estaria nele.

Descendo as escadas do casebre, pensei em voltar para casa. Mas eu não podia chamar um lugar onde vivia de favor, numa cama de casal dividida com uma idosa que mal conhecia, de “casa”.

Eu não tinha lar.

Emily Brown

Mesmo sem ter muita certeza do meu futuro, precisava sair daquela casa, e caminhando pela sala, estranhei ver a porta pequena na base da escada entreaberta.

Ela levava a um porão que meu avô e eu mal usávamos. Às vezes, Velho Jack descia ali, porque guardava alguns de seus cacarecos sujos. Planejei fechar a porta do lugar antes de sair, mas quando olhei para a escada vazada e torta que descia até lá, uma luz oscilante ligada me chamou atenção.

Será que meu avô estava ali?

Eu não queria mais assunto com ele, mesmo assim, me vi descendo as escadas, adentrando aquele fosso mal iluminado. Vigas de madeira carcomida eram encontradas aqui e ali, repletas por tufos de teias de aranhas no topo, e o chão estava coberto por poeira e garrafas vazias de cerveja. Algumas embalagens de comida, caixas de pizza, e até um rolo de papel higiênico estavam largados no chão.

Será que Jack estava, clandestinamente, dormindo no porão?

As paredes de pedra, repletas de musgo, pareciam úmidas demais, fazendo um cheiro ocre e terroso

consumir o lugar. Um sofá marrom, esburacado e de dois lugares repousava contra a parede à direita, ao lado de um freezer horizontal enferrujado, que com a tampa branca aberta, produzia um barulho irregular do motor do aparelho funcionando.

Engoli em seco, chutando a caixa da pizza enquanto investigava tudo com uma sondada rápida. Não encontrei roupas ou qualquer pertence que sugerisse que o Velho Jack de fato dormia ali.

Ainda assim, se ele estivesse morando no porão, feito um sem teto, não era culpa minha. Ele ameaçou me enxotar de casa feito um lixo a vida inteira, então, eu não deveria me importar. E, no final das contas, eu também não tinha lar, me abrigando na casa alheia para sobreviver.

Caminhei até o freezer para fechar a tampa, antes de partir, mas, olhando para dentro do compartimento que soprava uma fumaça gelada e branca para fora, fiquei confusa.

Estava repleto de coisas...

Será que algum funcionário de Drake andava guardando comida ali?

Não deveria ser da minha conta, mas, enfiar a mão e agarrar um dos potes de conserva foi mais forte do que eu. Agarrei um deles, e quase o deixei escapulir, congelado a ponto de arder contra a pele. Usei a manga do casaco para desembaçar o vidro e vi que havia algo lá dentro, mas, talvez pela luz fraca do lugar, eu não consegui entender do que se tratava.

Ergui a mão, guiando o frasco para cima, contra a lâmpada pendendo de um fio no centro do teto do porão.

Minhas vistas demoraram a compreender aquilo, mas quando o fizeram, meu coração disparou, produzindo ruídos altos que ribombavam em meus ouvidos quando, com um grito, deixei o vidro cair. Ele

se espatifou no chão enquanto eu dei passos e mais passos para trás, horrorizada, limpando as mãos na roupa como se elas estivessem contaminadas.

Uma orelha congelada repousava contra o chão imundo, perto de uma garrafa de cerveja. Embora estivesse desbotada, encolhida e enrugada, parecia... porra, parecia uma orelha humana.

O cheiro forte e estranho sobrepôs o mofo, me causando ânsia de vômito.

Meu peito subia e descia, e tudo dentro de mim rugia para correr e chamar a polícia, ao passo que minha mente gritava apenas uma coisa:

Assassino das divorciadas.

Com lágrimas nos olhos, precisei cavar dentro do meu corpo e me agarrar ao desejo mais forte dentro de mim: sobreviver. Mas, se quem guardou aquilo ali fosse mesmo o homem que matou todas aquelas mulheres, ele também assassinou a minha mãe. Por isso peguei o celular na bolsa para chamar a polícia. Antes de iniciar a chamada, retornei ao freezer com passos vacilantes e lentos.

Parecia que um monstro estava prestes a pular em mim, escondido sob o gelo, mas eu precisava ter certeza das outras coisas ali dentro. Apontei a lanterna do telefone para lá, e então, vi dezenas de potes semelhantes.

Com a mão tremendo, puxei um deles para cima, e nem precisei desembaçar para conseguir ver a ponta de um dedo humano lá dentro. Quase vomitando, vistoriei um vidro atrás do outro, dentes, orelhas, dedos, pedaços soltos de pele... Todos os troféus que o assassino arrancou de suas vítimas para levar consigo e alimentar o seu ego, inflando a sensação de poder ao ceifar vidas.

Apertei o telefone em minhas mãos, precisando chamar a polícia o quanto antes, porém, uma ardência

aguda explodiu na minha cabeça e o aparelho despencou dos meus dedos.

Me senti leve como uma pluma, flutuando quando tombei de lado com um baque que me arrancou um gemido.

Senti cheiro de sangue, vendo o mundo disforme e embaçado.

Rolei quase em câmera lenta, deitando-me de barriga para cima enquanto minha mente aos poucos compreendia que aquele cheiro metálico era meu, fluindo da minha cabeça, que doía a ponto de poder explodir.

Pisquei os olhos freneticamente, tentando forçar minha visão turva a desembaçar.

Uma figura surgiu acima de mim, fazendo sombra sobre o meu rosto.

Com um sorriso torto no rosto enrugado, Velho Jack disse:

— Olá, Emily, hora de encontrar a sua mãe!

Um guincho saiu da minha garganta com o choro, e meus olhos fugiram da realidade, concentrados naquele sonho repetido que eu sempre tinha, no assassino do filme correndo depois de matar a minha mãe.

Eu tinha oito anos quando ouvi Jena gritar e acordei com um susto. Ela clamava por ajuda vezes seguidas, e chamando por ela, corri pela casa. Velho Jack não estava por ali, e imaginei que estivesse bebendo, como de costume. Percebi que os berros de Jena vinham de longe e, mesmo me tremendo de medo e sendo tão pequena, eu precisava ajudá-la.

Seus gritos vinham do cemitério, então corri o mais rápido que meus pés pequenos permitiam. Não entendi onde ela estava, mas parecia desesperada, clamando por socorro com gritos tão altos, que

pássaros assustados saíram em revoada do lado onde ficava o lago.

Eu fui até lá...

E ouvi o barulho dela sendo esfaqueada, ao passo que seus gritos cessaram. Quando meus pés descalços se infiltraram na lama próxima ao lago, notei um homem debruçado sobre ela, às margens da água. Eu fiz xixi nas calças sentindo o vento soprando o cheiro forte do sangue para o meu rosto.

Eu quis gritar vendo aquilo, mas não saiu som algum. Por um segundo o assassino olhou por cima do ombro, me notando, mas quase não vi o seu rosto. Quando ele se levantou, a luz da lua cheia pareceu brilhar, iluminando os rastros de sangue na faca serrilhada que ele empunhava.

Ele não olhou para trás, mas correu para longe, com seu... com seu... macacão azul.

O macacão que o Velho Jack usava todos os dias...

Minha mãe estava deitada, de olhos abertos, nua e com a barriga aberta a ponto de ter vísceras saindo dali. Eu me joguei sobre ela, tentei acordá-la, pressionar seu machucado feio e enorme para ela não morrer. Mas Jena não me respondia, sequer respirava. Fiquei deitada sobre ela, às vezes alisava o seu cabelo enquanto chorava até amanhecer, até que um dos coveiros nos visse ali, até que me tirassem dela enquanto eu berrava e gritava e chorava porque não queria que nos afastassem...

Constatei, com um soluço alto, que sempre foi o meu avô, mas, talvez pelo escuro da noite, pelo desespero, ou apenas porque distorci o que vi, sendo pequena demais, eu não o reconheci.

Eu sonhei todas as noites com o Myers, porque meu avô usava um traje de trabalho idêntico ao que o assassino do filme usava.

Ele arrancava partes de suas vítimas e levava embora.

Ele era idoso, divorciado e odiava mulheres.

O *serial killer* era o meu avô!

51

Emily Brown

Com a mente turva e os olhos pesando, meu corpo se rendeu e apaguei.

Quando abri os olhos, não entendi onde estava. Pisquei para o céu cinzento, para a chuva caindo contra o meu rosto de forma tímida.

Eu parecia moída em pedacinhos e, meio tonta, lutei contra a lentidão nos membros para tentar me sentar. Meu corpo não obedecia e, com um gosto amargo na boca, vi uma figura de pé diante de mim.

— Eu ainda cuidei de você, vagabunda, a respeitei. Cumpri o meu papel.

Velho Jack!

Deus!

Não!

Ele estava ali, ele... era um assassino.

— Vô... — tentei murmurar, mas minha língua parecia dobrar, se recusando a produzir algo compreensível.

Um som arrastado e metálico rangeu, alto, potente, enquanto cerrei os dentes ao fazer força, e consegui me sentar, vendo o maldito abrindo a tampa do poço.

Toquei a parte de trás da cabeça e quando trouxe os dedos para a frente do rosto, estavam manchados de sangue.

Só podia ser um sonho ruim.

Não era real.

Embora Jack fosse perverso, um misógino e tantos outros adjetivos que tinha guardados para ele na ponta da língua, foi difícil aceitar que ele era o assassino da cidade.

Aos poucos, enxergava melhor, e tentei fazer impulso para me levantar. Precisava correr, pedir por socorro, mas acabei tomada por uma tontura forte que me lançou de costas contra o chão molhado.

Velho Jack gargalhou, amando minha desgraça, observando com prazer eu lutar para tornar a me sentar. Ele cheirava pior do que de costume, dominado por uma inhaca de bebida misturada a mijo, com o macacão podre, como se não fosse lavado há semanas.

— Jena tinha apenas treze anos quando a mãe dela resolveu nos deixar — sua voz retumbava, severa e macabra. — Descobri que ela pediu o divórcio porque pretendia fugir com um amante, e ainda teve a cara de pau de dizer que a culpa era minha, por ser alcoólatra. Então, Emily, sabe quem está ali dentro? — o maldito perguntou, e guiei meus olhos pesados para o lado esquerdo, fitando o poço, compreendendo que estava nos fundos do casebre. — A vagabunda da sua avó.

Me virei para o lado e cuspi aquela coisa amarga impregnada em minha língua, era sangue, e constatei, ao fazer força para falar, que a mordera bem feio:

— Você matou a sua esposa — respondi.

— Peguei aquela vadia a caminho da estação de trem, então a trouxe para cá, dei a dose de pica que ela tanto parecia desejar ao ir atrás de outro homem, depois meti a faca nela e a joguei dentro do poço. —

Ele deu uma boa gargalhada, como se fosse a coisa mais divertida que já fizera na vida.

— Como pôde fazer isso? Você matou dezenas de mulheres, você matou a sua filha! — acusei, lutando contra a sonolência que queria me lançar para trás, bambeando, mas conseguindo me manter sentada.

Ele soltou algo parecido com um rosnado e mancou até chegar diante dos meus pés, agarrando os meus tornozelos e me arrancando um grito.

Eu precisava lutar.

Precisava reunir minhas forças, só que o meu corpo se recusava a obedecer, e os chutes que tentei dar nele não passaram de chacoalhadas nas pernas.

— Primeiro, eu matei a mãe do Drake — vangloriou-se.

Jack arfou feito um porco enquanto me arrastou pelos tornozelos. Meu corpo esmagava cascalho enquanto eu piscava para o céu e sentia a ferida na cabeça berrando, ardendo, e tentei grudar o queixo no pescoço para que o machucado não acabasse ainda mais danificado em contato com o chão.

— Você é um monstro, Jack — foi a frase mais alta que consegui soltar. — E ainda vai morrer na cadeia.

Consegui chutá-lo, e mesmo toda torta, me levantei, mas fui recebida com uma bofetada forte que me lançou de lado, e por pouco não bati a testa na extremidade do poço.

— Conheci a Roselyn em uma agência de namoro. Eu a encantei, dizendo que era dono de um bar em Salém, explicando cada nota de sabor das cervejas que provei na vida, para parecer inteligente, dando-lhe presentes.

Jack se ajoelhou diante de mim, puxando o meu rosto com força, apertando o meu maxilar a ponto de poder infiltrar seus dedos imundos em minhas bochechas.

— Vô... — a palavra saiu amassada por entre o bico de peixe que Jack forçou a se formar em minha boca.

— Precisei apenas tomar um banho caprichado — ele prosseguiu na narrativa —, me enfiar numa camisa social bem perfumada, e aquela carente de merda caiu no conto do príncipe encantado com grana para tirar ela e aquele bastardinho da falência em que viviam.

— Me solta — tentei forçar meu rosto para longe, inutilmente.

Jack soprava seu hálito podre na minha cara, com olhos injetados, vermelhos e mais insanos do que nunca.

— Roselyn amava andar na minha caminhonete. Aluguei a melhor da época, só para a vadia crescer os olhos, sabe? Recém-divorciada, ela estava muito na minha. — Aos poucos seu rosto foi se tornando mais severo, com o nariz poroso franzido demais, a boca entortando num bico de ódio e, cuspindo saliva, ele gritou: — ENTÃO, DE UMA HORA PARA A OUTRA, ELA DISSE QUE EU ERA CIUMENTO DEMAIS E TERMINOU COMIGO!

Tentei afrouxar os dedos dele, que machucavam, apertando a ponto de parecer retorcerem o osso da minha mandíbula.

Trilhas de suor frio se aglomeravam nos cantos da minha testa, se misturando aos respingos de chuva, e percebi que estava muito fodida, que nada travaria o velho insano de fazer de mim a trigésima primeira vítima.

— Foi bem cruel, não? — sussurrei, tentando segurar a mão dele com uma delicadeza cínica. — Roselyn não foi legal ao terminar com você assim, quando tinha sido tão gentil com ela.

Jack mirava o meu rosto como se eu fosse a própria Roselyn, descendo a mão áspera para fechá-la

ao redor do meu pescoço. Estreitou os cílios para cima de mim, e rosnou:

— Ela me disse muita coisa ruim em nosso último encontro — seu rosto entristeceu, assumindo o semblante de uma criança emburrada com algo que a magoou —, falou que não gostou de eu ordenar que ela não se enfiasse em saias com o cu de fora, ou que reclamasse do seu decote que só servia para mostrar as tetas para outros machos, então tive de fazê-la calar a boca e soquei a cara dela contra o porta-luvas da caminhonete.

Ele apertou o meu pescoço com certa força.

— Entendo... — engoli em seco, girando os olhos para os lados, procurando alguma brecha que me ajudasse a fugir. — Não foi gentil da parte dela, mas, por que a gente não sai dessa chuva? Posso te fazer um café, sabe? Está bem frio aqui fora...

Jack rosnou e apertou mais a mão.

— Não tente me manipular, vadiazinha barata!

— Pa... para!

Ele me enforcou com mais violência, me sacudindo como se eu fosse uma boneca de pano. Meus pulmões queimaram, lágrimas tomaram o meu rosto, e tentei abrir os dedos dele para liberar minha respiração.

— Arrastei a puta para fora do carro, enfiei a calcinha dela em sua boca como mordaça e a comi bem gostoso, e depois que gozei, esfaqueei Roselyn até que meu ódio acabasse. Então... eu a exibi. Larguei seu corpo em um ponto da cidade, mas sabia que precisava de algo dela comigo. — Eu só podia definir seu semblante orgulhoso como maquiavélico, tenebroso. — Algo que me lembrasse para sempre que mulheres como Roselyn não podiam viver, não quando partiam corações e abandonavam quem as amava. Por isso, arranquei seu anelar e mergulhei em formaldeído, depois guardei no porão de casa.

Jack me jogou no chão com força, e tossi muito, com os pulmões queimando, massageando o pescoço.

Cada palavra doentia dele se multiplicava na minha cabeça, e mais do que nunca, soube que estaria morta se não fugisse dele o mais rápido possível.

Como meu avô podia ser tão perverso? Falando sobre ceifar vidas assim, de graça, apenas por que fora rejeitado?

Jack era um sociopata, e nunca fez tanto sentido em minha cabeça, que a razão de ele ter encoberto tão bem o assassinato da esposa de Drake, fora porque estava familiarizado a limpar seus rastros.

— E você não parou depois da Roselyn, por quê?

— Porque não consegui. — Fitou os meus olhos. — Eu busquei por mulheres iguais à sua avó, na esperança de encontrar a felicidade novamente. Mas elas sempre me abandonavam no final, então eu as eliminei do mundo, uma a uma, e não consegui mais parar. Com o tempo, não me importava mais em ser amado de verdade. Eu buscava mulheres com o perfil da minha ex-esposa para matar, para exercer o meu poder e tirar-lhes as vidas que não mereciam ter.

— Você destruiu dezenas de famílias — acusei. — Tirou filhos das suas mães, tudo para alimentar sua perversidade.

— Estou pouco me fodendo. — Deu de ombros. — Sabe o que foi mais engraçado? Anos depois, reconheci o pirralhinho adotado pelo ricaço da cidade. — Seus olhos brilharam, distantes. — Drake, o filho de Roselyn Philip, minha primeira vítima declarada. O moleque tirou a sorte grande de se tornar um Walton. Foi uma delícia observá-lo crescer, enquanto eu sabia que havia matado sua mãe e ele sequer suspeitava.

— Isso é horrível — choraminguei, incapaz de travar o meu corpo de chacoalhar ao pensar no que ele causou dentro do Drake. — Você é um monstro, vô!

— Eu sou o monstro? Então seu chefinho também é, pois ele matou o pai!

— Você quer mesmo comparar as duas coisas? — rebati aos berros.

Empurrei seu peito com o que jurei ser muita força, todavia, Jack sequer saiu do lugar, e recebi outro tapa, potente a ponto de pegar no meu ouvido causando um zumbido que quase me tirou de órbita.

Jack tinha a vantagem de eu estar com uma concussão, ou socaria sua cara contra o chão até que ele morresse engolindo o seu veneno.

— Sabe... foi bom ver que o garoto era como eu, um assassino.

— Vocês não têm nada em comum. — Suguei o sangue da língua.

— Cale essa boca de piranha e me deixe falar. — Ele agarrou um tufo do meu cabelo, rodando a minha cabeça e me fazendo ficar mais tonta. — Peguei a filmagem com a prova de que Drake matou o Oscar da casa dele. Foi depois que espreitei pela janela e o vi, junto à mãe adotiva, disfarçando a morte do velho com uma forca. Fiquei quieto, sabe? — tornou a falar, como se não tivesse acabado de me bater. — Não ia me meter no tribunal como testemunha, quando poderia trazer algum foco para o sumiço da minha esposa e ser ligado às mortes que causava na cidade. Apenas guardei o trunfo que era a filmagem. Então, esse merdinha mascarado que você anda trepando deve ter pegado aquela porra das minhas coisas, ou foi você mesma, porque sumiu!

Procurei algo nas redondezas outra vez, mirando o chão lamacento em busca de uma pedra, um pedaço de pau, qualquer coisa.

Eu morreria ali.

Drake jamais descobriria o assassino de sua mãe e não haveria qualquer punição ao maldito por ter

matado Jena e a minha avó.

Talvez eu recebesse o descanso eterno que tanto almejei para mim, mas não conseguia cobiçá-lo naquele segundo.

Eu queria que meu avô pagasse, que sofresse, e mesmo tão egoísta, sabendo que tantas famílias gostariam de vê-lo atrás das grades, queria arrancar sua vida com minhas próprias mãos. Todavia, sabia que me iludia. Estava perdendo, fraca, machucada, incapaz de lutar com aquele velho decrépito e maltrapilho.

E já que morreria, apertei os olhos e perguntei:

— E a minha mãe, por que, vô? Ela era sua filha. Você, você... a estuprou.

— Aquela teimosa de merda? Eu disse a Jena que a mãe dela havia fugido, que tinha um amante, mas, depois de uns anos, ela pareceu não acreditar mais em mim. — Por um segundo, jurei ver alguma emoção em seu rosto quando ele caiu sentado, com os olhos baixos.

Não havia vantagem para mim, sangrando daquele jeito, tonta naquela proporção. Ainda assim, me joguei para o lado e, de quatro mesmo, tentei engatinhar para longe.

Velho Jack me puxou pelos calcanhares de uma só vez, me fazendo raspar a barriga no chão enquanto eu esperneava e ele me virava de frente.

— Me solte, filho da puta!

Consegui acertar um chute no peito dele, que produziu um baque alto. Talvez meu avô estivesse possuído, porque, sempre tão debilitado, parecia outro homem se jogando em cima de mim feito uma avalanche, me chacoalhando pelos ombros e batendo minhas costas vezes seguidas contra o chão.

Eu me encontrava suja de lama, molhada pela chuva, inundada por dor, desolação e ódio.

— Com o tempo, Jena ficou obcecada por encontrar a mãe que a abandonou — prosseguiu. — Ela foi à delegacia de Salém tentar me denunciar, quando uma amiga da sua avó confidenciou a ela que eu ameacei matá-la se me deixasse. Jena queria que passassem a investigar o sumiço de sua mãe. E o que eu fiz? A peguei na mesma noite e dei a ela o destino que tanto pedia, a morte, mas não consegui me segurar, eu segui o rito que usei com todas as minhas vítimas. E deveria me agradecer, Emily, porque eu não quis te matar, mesmo arriscando ser preso se você tivesse me reconhecido. E... eu... eu não queria matar a minha filha, porra!

Jack chorou, e riu, e agarrou os cabelos brancos como a neve, mais errático do que nunca.

Meu peito doeu, imaginando o que Jena sentiu ao ter o pai fazendo aquelas atrocidades com ela. A dor que sentiu tendo sua vida arrancada por ele, o homem que deveria ter sido sua proteção nesse mundo.

— Jena pediu para ser morta ao me abandonar, buscando pela mãe. E você me fez perder o emprego e ser enxotado para fora como lixo, quando eu a respeitei. Nunca, nunca abusei de você. — Bateu no peito com orgulho. — Eu não te escolhi, não queria ter de criá-la, mas você é meu sangue e tudo o que me restou. Por isso te acobertei na noite em que você matou a Rose...

— Você é castrado, Velho Jack. — Ri pra caralho, chacoalhando os ombros. — É por isso que nunca me estuprou.

E fez todo sentido que tenha parado de matar após a morte da minha mãe. Ele ficou doente, debilitado, sem forças para seguir seu vício de assassinar mulheres divorciadas. Ou teria continuado, até que o pegassem, ou que morresse.

— Eu sei. — Apertou os lábios, como se sentisse o impacto da minha zombaria. — Fui amaldiçoado pelos céus após ter feito aquilo com minha filha. Mas embora você seja uma bastardinha de merda, prole daquele xerife pau no cu, eu nunca quis abusar de você. Se quisesse, não precisaria do pau para isso.

Suas palavras soaram como espirais repletas de espinhos se infiltrando em minha cabeça, doendo, dilacerando.

— Mentiroso de merda! — acusei, desejando conseguir afastar aquele porco imundo de cima de mim.

Velho Jack estava ajoelhando ao lado do meu corpo, rindo ao ver os ruídos que causou na minha cabeça.

— É sim. Ele fodia a sua mãe desde que Jena era adolescente... E foi seguir o rastro da morte dela, pouco tempo atrás — contou, a voz ofegante. — Ele me encurralou algumas ruas depois da saída do Joe’s, dizendo que eu tinha a idade para ser o assassino, que investigou e descobriu uma amiga da minha esposa, que contou a ele que eu era violento e ameaçava matá-la, e que Jena desconfiava de mim. Paine tentou me interrogar no meio da rua, mas ele estava sozinho, eu não podia perder a oportunidade de silenciá-lo, por isso usei a minha fiel companheira, a faca que sempre levo comigo quando vou ao bar, e dei a ele um fim adequado.

Jack matou o Paine!

E as palavras de Rose voltaram com tudo, chamando minha mãe de vadiazinha barata.

Então foi por isso?

As duas eram amantes de Paine?

Rose não morava em Shadow Valley quando minha mãe morreu, mas... talvez ela soubesse de algo do

passado, ou não teria feito sentido xingar a Jena daquele jeito.

Eu não podia ser filha daquele porco!

Como ele pôde me ver crescer sem se importar comigo? Ele não me quis... e não sentia nada por mim, no fim das contas.

Aquele maldito!

— Dói, né? Dói saber que seu paizinho também a via como um peso tão grande, que nunca a assumiu. — Ele cravou uma estaca certeira no meio do meu coração. — Mas eu, eu cuidei, e você foi uma ingrata do caralho, porém, encerrarei o ciclo das vadias dessa família, dando a você o destino merecido, mesmo que eu fique sozinho, afinal, você já me abandonou.

Jack agarrou os meus pés e me puxou com força.

Minha pulsação disparou, enquanto lutei para tentar enfiar as unhas nos cascalhos que encontrava no caminho para o... para o... poço.

— Nãaaaaao! — berrei, tentando me sacudir inteira, com os olhos arregalados, a pele quente, o instinto de sobrevivência rugindo dentro de mim como uma fera.

Soquei o ar, chutei Velho Jack, mas nada o impediu de aproveitar minha fraqueza, causada pela concussão, para me erguer em seus braços e me fazer cair como uma presa desamparada, despencando, gritando, até que colidi no fundo de um buraco escuro e úmido, cheirando a desespero e promessas de morte lenta.

Meu corpo pareceu estalar ao se chocar com o que pareciam galhos secos, e o mundo inteiro enegreceu, ficou mudo, com uma dor lancinante disparando do meio das minhas costas para o restante do corpo. A pele dos meus braços gritou, porque senti a pontada nas lacerações provocadas pela queda, minha perna esquerda latejou e duvidei que não a tivesse torcido.

Minha visão desfocou como a lente embaçada de um óculos, e com vômito subindo a garganta, tentei gemer:

— Vô...

Olhar para cima era como espiar através do fundo de um binóculo, onde o mundo me rodeando tinha uma borda cilíndrica e escura, enquanto em cima era tudo claro.

Meu peito bombeava desespero, e quando minha visão finalmente focou, me virei para o lado e vomitei, o cheiro pungente causando-me náuseas ao respingar contra a roupa.

As paredes de pedra repletas, cheirando a musgo, me sufocavam, e o odor do vômito misturado ao mofo era uma bomba prestes a me fazer regurgitar mais uma vez.

E quando consegui me sentar, talvez pela adrenalina, pela vontade absurda de lutar para sobreviver, olhei para o borrão claro lá em cima e soltei um grito que ecoou muitas e muitas vezes dentro do lugar.

Tentei tatear o chão para me erguer, e acabei agarrando um galho longo e pegajoso. Quando o levantei no alto da cabeça, contra os raios decrépitos de luz que irradiavam lá de cima, me sacudi inteira, proferindo gritinhos agudos e desesperados enquanto atirava aquilo longe.

Era o fêmur da minha avó!

Porra!

Esfreguei a mão na roupa, tentando limpar aquela coisa suja de mim e rastejei para um canto, entendendo que não eram galhos, mas a silhueta de uma pilha de ossos e um crânio no centro do poço.

Eu berrei, mais e mais alto, tentando entrar na parede para ficar longe daquilo.

Nada foi mais desesperador do que olhar para cima e ver a figura distorcida de Velho Jack, que com uma risada maléfica começou a arrastar a tampa do poço.

O ruído dela se movendo era como uma trova sussurrada pela própria morte, que proferia juras de que me levaria lentamente.

52

DRAKE WALTON

Eu tentei brincar com a mente dela, agora provava do meu veneno, incapaz de esquecê-la.

Diante do meu computador, enfurnado por mais um dia no escritório da minha casa, passeei os olhos pela tela. Vistoriava o site de uma imobiliária em Salém, procurando apartamentos, com a ideia fixa de dar um imóvel a Emily. Pretendia ajudá-la de longe, mesmo que não fôssemos um casal, para que ela tivesse um lar para chamar de seu. Porque eu enlouquecia mais a cada dia, sabendo que Emily não tinha nada e eu mantinha meus braços cruzados como se não a amasse, como se não fosse minha obrigação garantir que ela estivesse bem, quando contribuí para arruinar a sua vida.

Meu celular apitou, uma notificação diferente fluindo pelo ar, uma que meu lado *stalker* conhecia e adorava receber. Pertencia ao aplicativo de rastreamento que instalei no celular dela.

Imundo, sujo, pervertido, e milhares de outros adjetivos poderiam me definir. Não que eu me importasse; não quando minha mente recebia algum alento ao saber cada passo que ela dava.

Intrigado, observei pelo mapa do aplicativo que Emily estava em minhas terras, mais precisamente na área onde costumava morar, antes do nosso relacionamento ruir de vez.

Eu deveria dar-lhe alguma privacidade, pois, talvez, tivesse vindo buscar algo seu.

Por muitas noites, após o término, fui até aquela casa, perambulei pelo seu quarto, me chicoteando internamente por cada escolha errada que tomei com ela, e acabei notando que o seu computador ainda estava pela casa, assim como algumas roupas, produtos, e os desenhos feitos por sua mãe.

Poderia fingir que o canalha obcecado dentro mim recuaria após eu entender meus delitos, mas, sondar cada passo da Emily seria meu vício eterno, por isso, sem qualquer vergonha, abri o programa do circuito de câmeras da propriedade em meu computador.

Poucos dias se passaram desde que uma empresa atualizou a segurança, instalando câmeras no casebre da Emily, assim como no cemitério.

Um mosaico com imagens de toda a propriedade se estendeu na tela do notebook. Abri a aba do casebre e vi na miniatura dos cômodos que toda a casa seguia vazia, exceto pelos fundos do quintal.

Cliquei na câmera responsável por captar o local. Uma mistura de ira e confusão me dominou ao ver aquele velho imundo mexendo no poço.

Pensei no rifle semiautomático que tinha em casa, para proteção pessoal, quase dominado pela ideia tentadora de enfiar o cano na boca do moribundo e apertar o gatilho, só para sorrir ao ver a profusão dos seus miolos estourando ao vento.

Será que Emily me perdoaria se a vingasse assim?

E onde ela estava, afinal? Seu celular marcava que seguia no casebre, mas a única mancha imunda na

paisagem era Jack. Teria o maldito jogado o celular dela dentro do poço? Por que o faria?

Batuquei os dedos no tampo da mesa, refletindo. Decidi voltar as filmagens, então fui retrocedendo a gravação de Jack, observando coisas que me fizeram levantar do assento com a boca aberta e o coração disparado.

Meus pensamentos demoraram a organizar o que vi, mas eu sentia meu corpo inteiro alarmado, gritando por cada célula minha que precisava proteger a mulher que eu amava.

Subi as escadas dominado por fúria e um medo terrível de perder a minha fantasminha, em direção ao meu quarto. Abri o closet em busca do rifle e quase sorri quando encontrei a arma com um cano de 21 polegadas e a coronha de madeira. Com respirações profundas e as mãos trêmulas, enfiei o carregador repleto de balas na arma.

Dei passos fortes quando desci as escadas, podendo até mesmo afundar a madeira do piso da sala com os pés, tamanho ódio que sentia ao correr para fora.

Descalço, sem agasalho além de uma blusa clara de mangas longas e uma calça de moletom branca, deveria bater os dentes pelo vento frio e a chuva fina. Mas os sentimentos dentro de mim, densos demais, faziam meu maxilar se cerrar como nunca.

Desacelerei os passos quando cheguei ao gramado diante da cabana, com meus pés enterrados na terra molhada. O cheiro da chuva não era nem de longe mais forte que o aroma do medo, se alastrando em mim feito uma praga, gritando que Jack tinha matado a minha mulher.

Segurei o rifle com uma mão na empunhadura, a outra na parte dianteira, andando de forma sorrateira. Não podia fazer movimentos bruscos que

denunciassem ao velho onde eu estava, porque não queria que ele tivesse margem para defesa.

As gotas de chuva caíam sobre o teto do barraco produzindo um som alto que poderia ser útil tanto para mim quanto para Jack, eficaz para abafar passos. Propositalmente, escolhi não pisar nas tábuas da varanda, tendo o silêncio como meu maior companheiro enquanto dava passos cautelosos até a parte de trás da casa.

Nos fundos, Jack estava de costas para mim, empurrando a tampa do poço com certa dificuldade.

Nem medi os meus movimentos, não calculei nada, apenas cortei a distância e virei o rifle, subindo a arma com força e soltando a coronha com pressão contra a cabeça do cretino.

Um estalo abafado e oco se desenrolou pelo ar, e não me causou qualquer consolo ver o velho caindo de lado, desmaiado. Apertei o botão de liberação do carregador da arma, que saiu debaixo da coronha, produzindo um clique metálico. Guardei-o no bolso do moletom, antes de atirar o rifle no chão.

Com olhos arregalados, me abaixei e empurrei a tampa do poço, fazendo um tinido grave de pedra arranhando, ouvindo gritos abafados e desesperados ecoando lá de dentro.

O fosso tinha aproximadamente quatro metros de profundidade, e mesmo que desejasse com a minha alma conseguir puxar a mulher apavorada e encolhida lá embaixo com minhas próprias mãos, não conseguiria trazê-la para cima sozinho.

— Emily? Está ferida? — Ela não olhou para mim, batendo os pulsos na cabeça enquanto fitava de forma horrorizada uma ossada humana misturada com terra no meio do buraco. — Emily, porra, olhe para mim!

Então ela subiu os olhos, e foi tão feio o que havia ali.

Medo.

Terror.

Desesperança.

Mas, aos poucos, o brilho de algo mais vívido tracejou sua face quando ela se apoiou em uma das paredes e se levantou.

— Drake, me ajuda, por favor!

— Preciso que se acalme, fantasminha. — Exalei forte, me inclinando para ver melhor lá dentro. Só encontrei algum alívio notando algo incrustado na pedra. — Tem uma escada, olhe! — Apontei os degraus enferrujados, feitos por vigas de ferro, se desenrolando numa fileira vertical que parecia chegar até lá embaixo. — Acha que consegue subir?

Tateando as paredes até chegar diante da escada, Emily soava grogue, e ainda assim, toda torta e ensanguentada, ela começou a subir os lances, segurando uma viga atrás da outra e lançando-se para cima.

— Estou tonta... — avisou, se agarrando a um dos degraus, com sangue no topo da cabeça, balançando como se fosse desmaiar.

Segurei o fôlego preenchendo a boca, temendo que ela caísse, pois já estava há cerca de dois metros do fundo do poço.

— Se esforce, Emily, tente mais alguns degraus e consigo puxá-la — expliquei, me inclinando para dentro do buraco e estendendo uma das mãos.

Depois de sussurrar algo inaudível, respirou fundo e se lançou para cima, subindo, e subindo, até que minhas mãos a alcançassem e, com uma onda gigante de alívio dominando o meu peito, eu consegui puxá-la.

Seus olhos arregalados brilharam ao me ver tão perto, trazendo-a comigo para a superfície. Ela cheirava a sangue, lama e algumas lágrimas quando caiu sentada entre minhas pernas abertas.

Apertei a mulher em meus braços como se ela fosse fugir a qualquer segundo, com a língua seca e o coração dilacerado pelo medo de perdê-la, aos poucos retornando à alguma vida.

— Porra... — Segurei as bochechas dela, os seus ombros, virei seu rosto de um lado a outro, tentando investigar de onde vinha o sangue que descia, molhando o seu cabelo ainda mais do que a chuva. — Achei que estivesse morta.

As pontas dos meus dedos se infiltraram em seu pescoço, os dedões se enterraram em seu maxilar enquanto beijei suas bochechas sujas de sangue, muitas e muitas vezes, deixando estalinhos desesperados em sua boca molhada e inchada, roçando o meu nariz no dela e querendo deixar aquelas palavras represadas no meu coração saírem.

— Jack. — Ela afastou minhas mãos de si, me empurrando no peito, os olhos girando para todos os lados como se ainda estivesse no inferno, enxergando o diabo. — Velho Jack é o...

Emily deu um olhar arregalado para cima do meu ombro e soltou um berro agudo, mas foi tudo rápido demais.

Senti a aspereza de algo contra o meu pescoço, fechando-se sobre ele e travando a passagem de ar. Tateei os dedos, os olhos arregalados enquanto a corda laçada em minha garganta parecia prestes a me matar.

— Solte-o, imundo! — Emily berrou, lançando-se feito um leão para cima do velho que me puxava forte.

Eu tentei fazer alguns movimentos, jogar o punho fechado para cima, dar uma cotovelada em sua costela, mas a privação de ar foi tão potente, que minha visão foi inteiramente dominada por pontos enegrecidos.

— Eu vou te matar como fiz com a putinha da sua mãe, Drake Philip. — A voz de Jack era ofegante e um bafo horrível foi soprado contra o meu rosto quando ele se aproximou do meu ouvido. — Encontra ela no inferno!

O quê?!

Jack?

Como ele sabia meu sobrenome?

Não, o assassino não era alguém embaixo do meu nariz por todo esse tempo.

Não podia ser ele!

— Você matou a minha mãe, não vai matar o homem que eu amo! — Emily pareceu um gato, rosnando e fazendo movimentos violentos atrás de mim.

O sangue das minhas veias parecia ser feito de um combustível incendiário, quando minha mente emendou as palavras de Jack à frase desesperada de Emily. Tentei reunir o meu ódio, jurando que ele pudesse me trazer alguma força maior para revidar, mas não saí do lugar, não obtive efeito ao tentar me virar, que não fosse sentir a pele lacerando.

Emily gritava, chorando alto, grunhindo e batendo tanto no velho, que seus socos até chegavam em mim. Seu esforço era em vão, pois a amarra tirava minha respiração rapidamente, e com a consciência aos poucos sumindo, encarei a maior ironia da minha existência:

Encontrei o assassino da minha mãe, mas estava sendo morto por ele.

53

Emily Brown

Meu corpo inteiro doía.

Minha mente parecia estilhaçada em milhões de pedaços, mas nada era maior do que o meu ódio enquanto socava a cabeça do velho desgraçado.

Não obtive resultado algum, porque ele nunca desistia de usar aquela corda. Numa atitude desesperada, me lancei nas costas de Jack e enfiei os dentes em sua orelha. Os cravei com tanta força, que ele soltou um urro vibrante e tentou chacoalhar os braços para me atirar longe, mas nem isso o fez interromper a tentativa de matar o Drake.

Eu precisava fazer algo!

Então desci a boca e meti os dentes na altura da sua traqueia, rosnando como se quisesse sorver o sangue dele e drená-lo inteiro de uma vez, mesmo que fosse me contaminar com sua radiação.

Puxei os seus cabelos ensebados com toda vontade, e só quando já sentia aquele sangue imundo jorrando na minha boca, o maldito soltou a corda.

Me lancei para o lado, desviando dele e engatinhando para tentar acudir o homem que eu amava, que estava desmaiado e com a face arroxeada.

— Drake! — gritei.

Algo puxou meu tornozelo e tombei para frente, de bruços no chão. Tentei rolar, me levantar, mas Velho Jack me puxou pelos pés como se tivesse atado uma algema em minha perna.

— Então estão apaixonados? — Deu uma risada grave. — Não fique triste, darei aos dois um enterro em conjunto e bem romântico... dentro do poço.

Ouvi quando se arrastou, tentando se lançar em cima de mim, porém, minha mão roçou algo, lampejando a ideia de reproduzir movimentos conhecidos e bem eficazes.

Deixei que meu avô me virasse pelo ombro e, segurando bem o pedregulho robusto em ambas as mãos, para que a chuva não o fizesse deslizar, peguei impulso e golpeei a testa dele com potência total.

O imundo caiu de lado com um corte no meio da testa. Ele se envergou, arqueando a coluna, todo torto, os dedos das mãos retorcidos enquanto convulsionava com um líquido branco saindo da boca, os olhos revirando.

Cuspi o sangue do maldito em minha boca e mostrei os dentes, muito tentada a desfigurar o rosto dele ao esmagá-lo com a pedra seguidas vezes, até que o ódio, a revolta e a frustração dentro de mim fossem extirpados junto à vida dele.

Ele merecia.

Nem Deus me condenaria.

Mas... aquilo não era um direito apenas meu.

Vi a corda com a qual ele sufocara Drake, quase brilhando no chão molhado, e mesmo que quisesse acudi-lo, não podia dar vantagem a um assassino para tornar a nos pegar desprevenidos.

Virei o porco de costas, vendo que ele ainda respirava após sua convulsão cessar, e passei a amarra em seus pulsos, mesmo com a cabeça latejando e a língua dominada por um gosto de sangue

imundo junto a algum regurgitar, reuni toda a energia que me restava e arrastei o velho pelos pés para dentro da casa.

A chuva lavava o rastro de sangue, entretanto, não tive a mesma sorte na varanda do casebre, que ficou marcada pela cascata vermelha desaguando da testa dele enquanto eu o guiava para o meio da sala.

Estava sozinha, diante do monstro que dominou meus pesadelos a vida inteira, que me destruiu, pedaço por pedaço, durante anos. E precisava lidar com ele, entregá-lo ao Drake para que ele pudesse derrubar o seu maior vilão.

E diferente do que Jack tentou enfiar na minha mente com sua lavagem cerebral, eu entendi, finalmente, que sempre fui mais forte do que ele, e seria a última coisa que lhe mostraria.

Sabia que tinha outro metro de corda na área da casa, num armário apertado e quase solto que ficava acima da máquina de lavar roupas. Munida com ela, voltei e amarrei as pernas do cretino, terminando com nós bem firmes.

Quando me levantei, ofegante e fraca, ainda fui dominada por alguma satisfação.

Ele parecia um porco pronto para o abate.

— Incrível, você me fez acreditar, por anos, que o seu papel era o meu: ser um fardo — falei, amarga. — Fui eu quem te sustentei, desde o fim da adolescência, que aturei o seu peso por todos esses anos — constatei, sentindo uma cortina saindo da frente dos meus olhos. — Eu era uma criança precisando de cuidado e proteção. Já você, é um sociopata de merda, pervertido e com uma vida fracassada. Você é o peso nesse mundo, o verdadeiro e único fardo. Não eu! Agora te daremos o fim que merece...

Queria falar muito mais, mas precisava socorrer o Drake. Apressei os passos, terminando numa corrida

urgente até ele, que aos poucos se sentava segurando o pescoço, parecendo perdido. Ele tentou se levantar, e apoiei os braços dele no meu ombro e mesmo que toda fodida, ajudei-o a se erguer.

— Onde Jack está? — perguntou, quase rugindo.

Ele me afastou de uma só vez ao parecer recobrar sua consciência por inteiro, sondando o quintal com a mesma ira assassina que o vi dedicar ao homem que matou no mausoléu.

— Eu o desmaiei e o levei para dentro da casa.

Drake olhou para o chão, e demorei a entender o que ele fazia. Dei um passo atrás, engolindo o nó pesado na garganta enquanto ele pegava um rifle jogado ali, tirava um carregador do bolso e encaixava na arma.

A água da chuva fez seus cabelos caírem sobre a testa, o deixando ainda mais bonito.

Foi errado sentir saudade diante de todo aquele caos, mas eu senti.

Drake já estava a caminho da casa quando perguntei:

— O que vai fazer?

Por cima do ombro, com um sorriso torto que afundou uma covinha em uma de suas bochechas, ele disse:

— Começar o show de horrores.

54

DRAKE WALTON

Eu sempre desejei encontrar o assassino da minha mãe, agora ele estava ali, amarrado no chão da casa em que o deixei morar.

Viveu às minhas custas por anos, e bem debaixo dos meus olhos, debochou de mim, observando, certamente com bastante prazer, o meu sofrimento.

Podia definir a ira — uma velha conhecida, como uma emoção incendiária se alastrando em minhas veias, acendendo-as, como se eu estivesse no centro de um fogaréu. Entretanto, o que sentia ali se resumia a algo mais frio, como se eu tivesse um papel a cumprir e soubesse cada fala, cada passo do roteiro perfeito para derrubar o último vilão.

Não se tratava mais de uma fumaça brilhante e distante, que parecia até ilusória, impossível de alcançar.

Pegar o assassino da minha mãe se tornava palpável e real.

Para a maioria das pessoas, talvez sonhos se resumissem a viagens, bens pessoais, uma carreira; para mim, empunhar o rifle e acordar o velho com uma bala cravada no joelho era o que definia um sonho se realizando.

O estalo oco do tiro reverberou, tremendo as paredes bambas do lugar, e Jack acordou com um berro delicioso, que amaciou cada pedaço do meu ser.

— PORRA! — ele gritou, gemendo, tentando se sacudir com uma agonia profunda estampada na cara.

— Quantas almas você acha que se reúnem nessa casa para assistir ao seu julgamento, Jack? — perguntei, alisando o cano da arma com uma paciência sublime.

Uma mancha escura crescia sobre o macacão azul do velho, se expandindo na metade da perna. O tecido mostrava o rombo causado pela bala, não passando do tamanho de uma moeda de dez centavos.

Um pequeno buraco jorrava sangue em sua testa, manchando de vermelho seu rosto enrugado. E mesmo tão cheio de fome, querendo alimentar todas as minhas distorções com o prato bem farto formado por Jack, ainda tinha muita coisa para entender, antes de silenciá-lo para sempre.

Emily andava em círculos diante da porta, assombrada, roendo as unhas sem parar.

— Teve a audácia de jogar minha mulher dentro do poço, matou a minha mãe... Qual acha que é o seu destino adequado, miserável?

— Roselyn? — Gargalhou, desvairado. — Aquela puta? Ela merecia morrer, porque era uma vadia como a minha primeira esposa. E a Emily, por ser enxerida e uma falsa, que me abandonou, teria o destino da avó.

— Seu velho imundo! — Emily berrou, quase ficando rouca, batendo o pé. — Só vim aqui buscar os meus desenhos. — Ela se virou para mim, e seguiu explicando: — Eu nunca entrava no porão da casa, porque costumeiramente era um cômodo trancado e dedicado a guardar cacarecos e as bebidas de merda dele. Mas, hoje, estava aberto e acabei encontrando

potes de conserva no freezer lá de baixo, cheios de pedaços humanos.

Então ele guardou os seus souvenires aqui? Estava tudo na minha cara, a um pequeno passo dos meus dedos, e eu, cego demais, não enxerguei.

— Foi por isso que ele a jogou no poço?

— Sim. — Emily abaixou os olhos. — Jack contou que seduzia as vítimas que o lembravam da minha avó. Ela foi o "caso zero".

Um *caso zero*...

Tentei refletir acerca daquilo, mesmo com o ambiente poluído pelos urros de dor do velho sobrepujando meus pensamentos.

Em todos os meus anos obcecado em traçar o perfil desse maldito, estudei laudos, casos e entrevistas envolvendo assassinos seriais. Até aquele momento, nunca tinha considerado a ideia de que o assassino das divorciadas tivesse cometido um homicídio inicial, que disparou seu comportamento em série.

— Então ele começou com a sua avó e depois foi para a minha mãe... — pensei alto.

— Sim. Ele queria ficar com uma mulher parecida com a ex, mas quando elas terminavam o relacionamento, ele as matava — a voz dela subiu muitos tons quando se afastou da porta. Caminhando de forma lenta até a cozinha, prosseguiu: — depois, apenas pegou gosto por isso e seguiu replicando seu padrão homicida.

Subi a arma e apontei para o velho.

Não sabia o que Emily sentia sobre aquilo tudo, se queria que o avô morresse ou desejava apenas sua prisão e, por isso, tentaria me impedir quando eu resolvesse ir além da tortura.

Dentro de mim não havia espaço para aceitar opiniões piedosas por parte dela. Embora soubesse,

principalmente depois de ter errado muito com ela, que não era o portador da justiça, naquele segundo, fui dominado pela fome de buscá-la, uma fome que se resumia a causar dor e matar. Porque ceifar a vida de Jack era um direito que ninguém me roubaria.

Emily estava suja de lama, e uma pontada de preocupação dominou minha cabeça quando reparei em seu rosto pálido, ou no quanto ela vacilava ao andar.

— Você está muito ferida?

— Acho que sofri uma concussão — disse, como se não fosse nada. — Esse desgraçado matou e estuprou a própria filha, sabia?

O queixo dela tremeu enquanto mexia em algumas gavetas da cozinha, e exalei fundo, porque tinha que dar a sentença de Jack, mas me preocupava com a fantasminha fodida daquele jeito...

— Então, os dois bastardinhos órfãos se unem para derrotar o assassino? — Jack debochou, mirando o teto com um sorriso manchado de vermelho. — Eu já estava com o pé na cova.

Fitei o rifle em minhas mãos e, impaciente, dei um passo adiante. Em cima do corpo dele, mirei seu outro joelho.

— Ah, o que é isso, Jack? — provoquei, com um sorriso debochado. — Reconheça a poesia que seria se o filho da primeira vítima que você matou se unisse à filha da última, para acabar com a sua vida — debochei, disparando o gatilho.

O grito dele foi ainda mais alto, e porra, eu poderia fazer aquilo o dia inteiro, atirando em pontos do seu corpo que não o levariam a uma morte rápida.

Tinha que reconhecer que amava o aroma do sangue das pessoas que odiava. Sempre cheirava à alma lavada e uma boa dose de vingança.

Os gritos do Jack foram sobrepostos por Emily batendo gavetas na cozinha, e meio preocupado com a sanidade dela presenciando aquela merda, me virei para sugerir que ela saísse da casa e deixasse que eu alimentasse minhas sombras sozinho.

— Vo... você... — Jack murmurou. — Você não sabe de nada, Philip. — Sua voz se tornava cada vez mais distante. — Essa cidade é uma vala, mas vou enterrar o que sei comigo e que todos vocês queimem, achando que se livraram do mal.

O que ele queria dizer?

A que mal ele se referia? O que “vala” significava?

Seria sua frase um veneno atirado no ar, que se infiltraria em meus neurônios para jamais sair?

Poderia torturá-lo até que explicasse seu enigma, só não tive tempo, porque ergui as sobrancelhas, abrindo um pouco a boca ao ver Emily surgir diante de mim com duas facas para cortar carne com cabos de madeira negra.

Embora o rosto da mulher mais bonita dessa cidade mantivesse uma boa dose de determinação, seus olhos pareciam mortos e enterrados no cemitério, enquanto ela me oferecia uma de suas lâminas.

— O que está fazendo? — inquiri, recusando o objeto.

— Ele destruiu duas vidas nessa sala — falou, lágrimas enormes e incessantes escorrendo pelas bochechas coradas demais, cobrindo as sardas claras e esparsas, traçando um caminho entre as manchas de lama e sangue. — Essa vingança também é minha e faço questão dela.

— Não quero que se meta nisso — avisei, fechando o rosto. — Vai foder a sua mente.

— Eu já fui destruída, Drake. Não existe mais nada em mim para arruinar.

— Não conseguirá viver depois de matar o cara que a criou.

— Ué, não disse que seria poético os dois me matando? — Jack debochou, quase sem energia o suficiente para se fazer audível. — Emily é tão imprestável, que sequer serve para me dar um fim. Mas deixe-a tentar, será divertido.

O velho conseguiu virar o rosto o suficiente para cuspir um pouco de sangue, pedindo por outro tiro ofendendo minha mulher daquele jeito.

Ele queria um golpe fatal para sofrer menos? Não cairia em seu joguinho. O miserável sofreria até o último segundo, porra!

Emily atirou a segunda faca no chão e não olhou para mim quando se ajoelhou ao lado do velho.

Meu coração disparou observando aquela merda, porque, seria bem diferente para ela. O impacto de tudo aquilo chegaria dez vezes mais arrasador dentro da Emily.

Não podia deixar que seguisse com aquilo. Ela não era uma assassina como eu. Rose não contava, porque foi autodefesa. Mas eu... eu gostava de matar quem se metia em meu caminho.

— Você se acha muito engraçado, não é mesmo? — A voz dela tremia enquanto empurrava a ponta da faca vacilante sob o queixo do avô, afundando-a na pele dele e roubando dali uma gota escarlate. — Deixe-me te dar um sorriso adequado, então!

— Sua mãe não gostaria que me machucasse — Jack atirou, um sorrisinho cínico e errático na boca, querendo brincar com ela.

E subindo um traço lento da faca pelo rosto dele, os olhos injetados e a boca se fechando num bico raivoso, Emily se aproximou da cara dele e disse algo quase inaudível:

— Aposto que ela não gostou quando você a estuprou. — Emily enfiou a ponta da lâmina na boca dele, uns bons cinco centímetros, e por mais que ele tentasse cerrar os lábios murchos, o metal se infiltrou ali, e a mulher se aproveitou, arrastando a lâmina para um dos lados, rasgando a carne, seguindo em sentido à sua orelha. — Garanto que Jena também odiou quando o próprio pai enfiou a faca no corpo dela.

Emily rasgou até o meio da bochecha dele, sob a melodia dos seus berros de dor.

A versão sádica da garota cruel era bem mais excitante do que a de boa menina. Sempre tive ciência das minhas perversões, e se não soubesse que ela desabaria quando tudo acabasse, eu poderia gostar de fodê-la bem forte em cima do sangue desse verme.

Ela guiou a faca para o lado oposto, cravando com metal e sangue um sorriso de coringa no rosto do velho.

O vento, se intrometendo pela porta, soprava o cheiro de terra molhada misturando-se ao aroma metálico dominando a sala, obrigando-me a fechar os olhos e fungar bem fundo.

— Não o faça infartar — pedi, com palavras arrastadas e tomadas por deleite. — Seria uma morte rápida e o que queremos é que ele sofra ao menos um pouco do que nos causou.

Ela não olhou para mim, afastou a faca do rosto dele e ficou de quatro, encarando com olhos brilhantes a escultura deixada no rosto do avô.

— Olha que sorriso bonitinho, Velho Jack! Está rindo de mim agora?

Ele engasgava no líquido rubro jorrando de sua face, ofegando com olhos vidrados para o teto.

Joguei o rifle no chão, me abaixando para empunhar a faca e cortar a distância para me ajoelhar do outro lado do corpo dele.

Entendi, por fim, que Jack merecia ter sua vida ceifada do mesmo jeito que gostava de matar.

— Você foi juiz e carrasco por dezessete anos, agora, seremos o mesmo para você, e sua única sentença é a morte!

Sem mais palavras, meti a faca em seu pau imundo, gostando do barulho afiado que ela causou ao penetrar sua pele, espirrando sangue para cima a ponto de voar na minha cara.

Será que, castrado daquele jeito, finalmente sentia algo em seu pau pervertido?

— Vou calar sua boca moribunda de uma vez por todas, porra! — Emily berrou, e quando ergueu o braço, tive o presságio de que ela não pararia mais.

Emily cravou a faca na barriga dele, a lâmina se enterrando fundo no tecido e penetrando a carne, então ergueu o braço. Ela repetiu o gesto uma, duas, três vezes. Um jorro de sangue fluiu para o rosto dela, até o seu cabelo, que caía em cascatas castanhas para a frente do corpo, enquanto, com as pernas abertas e prostrada sobre seus joelhos, ela repetia os golpes.

E por mais egoísta que fosse, ao me unir a ela, dilacerando o pau de Jack com a faca por mais de trinta vezes, porque tiraria de várias famílias o direito de saber que a justiça foi feita, eu o fiz.

Os únicos barulhos no casebre vinham do vento uivante, dos grunhidos de dor do velho, os gritos ensandecidos da Emily e o som das lâminas perfurando a carne. Quando meus braços queimaram, caí sentado, ofegante, mostrando os dentes em um sorriso genuíno enquanto observava as vísceras dele escapando da barriga, sendo perfuradas *mais e mais e mais* por sua neta.

Emily seguiu com aquilo por três, cinco, dez minutos.

A preocupação se apoderou de mim, observando seu olhar distante, seu corpo todo pintado de vermelho, então percebi que a mente dela não estava mais naquela sala.

Engoli em seco, sabendo que precisava trazê-la de volta e alicerçar o seu mundo, porque, quando voltasse à realidade, ela cairia feio.

Atirei minha faca ao chão e dei a volta no cadáver, indo até ela, quase escorregando na poça causada pelo líquido vital e rubro escorrendo do maldito. Parei atrás da garota e puxei suas costas contra mim. Seu perfume misturado ao cheiro de terra, metal e suor me acalentou um pouco.

Ela ainda gritava, aos poucos tornando-se rouca. Então lancei minhas duas mãos para a frente do corpo dela, agarrando seus braços, tentando fazer com que soltasse a faca.

Emily enrijeceu os membros superiores, rosnando para mim, totalmente desvairada, querendo seguir com os golpes. Tive de ser rude, apertando seus pulsos com muita força, até que, por fim, ouvi seu gemido de dor e a faca tilintando ao cair no chão.

— Já foi, fantasminha. Ele não está mais aqui.

Dei um jeito de sentá-la de lado em meu colo e puxei sua cabeça contra o meu peito, quando ela puxou o ar bem fundo, seu primeiro soluço chegou com tudo.

Ela chorou, alto, forte demais. E balançou sobre mim, puxando meu suéter na altura do peito vigorosamente.

— Eu não sou um fardo! — choramingou.

— Não, definitivamente, você não é. Emily, você é uma boa fração do meu Universo, uma parte do Sol para mim.

Ela talvez nem tivesse noção de que as lágrimas fluindo pelo meu rosto resumiam-se a alívio, algo que

jamais consegui na vida, e foi ela quem me trouxe.

Aquela mulher em meu colo me entregou o assassino por quem busquei há anos, e juntos, acabamos com ele.

A embalei no meu peito, produzindo chiados que, aos poucos, foram silenciando os seus soluços, acariciando seus braços.

E por mais sujo que eu estivesse, pintado de vermelho, com mais um homicídio no colo, eu me limpei.

Agora, finalmente, eu poderia ter paz. E por mais que fosse carregar demônios comigo para sempre, minha maior sombra já não existia.

DRAKE WALTON

A nevasca deu uma pausa após ter tornado a cair por dois dias inteiros, mas deixara seu rastro, pintando uma paisagem branca do outro lado da janela do nosso quarto.

Sentado na poltrona diante da cama, observei o quanto seus olhos incharam e a boca parecia até ter duplicado de tamanho.

Por 48h, ela só chorou. Recusou boa parte da comida, virou-se de costas para mim, rejeitando os meus abraços, ignorando cada coisa que eu dizia a ela.

Emily ainda parecia presa àquela sala, volta e meia olhando as próprias mãos e soluçando, como se ainda estivessem sujas de sangue.

Depois de assassinarmos Jack, o arrastei para o porão e tranquei o casebre. Em seguida, levei Emily ao hospital. Contei a meia verdade sobre ela ter caído no poço à enfermeira, e tive até medo que chamassem a polícia, jurando que bati na garota ensanguentada. Só me esqueci de que ainda era Shadow Valley, berço de acontecimentos bizarros ignorados pelas autoridades. Ninguém daquele hospital de merda se importou. Deram alguns pontos na cabeça dela, limparam as

lacerações na pele, receitaram analgésico e nos liberaram.

Deixei Emily em casa e pedi a Lindsay que tomasse conta dela, e como uma funcionária acostumada a observar mais do que se intrometer, ela o fez. E só assim tive a segurança de deixar Emily sozinha para fechar o poço com aquela ossada esquecida lá dentro, depois me livrar do corpo de Jack.

Cremei seus restos e os potes com os pedaços das vítimas na pira da funerária, e embora muito tentado a pisotear suas cinzas, me limitei a jogá-las no mesmo esgoto que comportava os ossos de Rose.

Não podia deixar rastros de Jack para trás e cheguei a ligar para a enfermeira de Leonard, seu irmão que enfrentava um câncer e morava um pouco distante de Shadow Valley, para contar a ele a mentira de que o velho imundo tivera um infarto fulminante. Culpando a nevasca, disse que tivemos de cremá-lo sem um funeral aberto.

Foi com um sorriso no rosto que ouvi da funcionária que Leonard morrera na semana anterior.

Perfeito pra caralho!

Não tinha ninguém para procurar por Jack.

A única coisa que pesava mais naquilo tudo, era que Emily e eu tiramos o direito das outras famílias de terem ciência da morte do assassino, ou de sua identidade. Mas, mesmo que permanecessem no escuro, eles foram vingados, e isso deveria bastar.

Soprei o ar numa exalada tensa, ouvindo o zumbido do radiador aquecendo a casa, misturado a um suspiro de Emily. Vestia apenas um suéter meu, e até tentei limpá-la com uma toalha molhada quando voltamos do hospital, conseguindo tirar o sangue de partes do corpo dela que nem imaginei que estivessem sujas. Mas não me deixou levá-la para o banho. Emily se enrolou em si mesma e assim tentava ficar até o

momento, só se levantando para fazer suas necessidades, como se fosse um robô.

Ela não cheirava bem, e mais do que nunca, tinha a obrigação de cuidar dela.

Caminhei até a cama, cansado de tentar pedir permissões para tirá-la do abismo. Fantasminha reclamou quando afundei um joelho no colchão e enfiei uma das mãos sob suas coxas, a outra sob um dos braços, e aninhando-a em meu peito, a levei para o banheiro.

— Drake, me deixe em paz, por favor. — Foi um fiapo de voz.

Já tinha enchido a banheira vitoriana de porcelana esmaltada e, devagar, a coloquei sob a água morna e cheia de espuma.

— Não! Já te dei tempo o bastante para assimilar tudo, agora vou cuidar de você.

Ela já estava nua do quadril para baixo, porque não me deixou vesti-la direito depois que limpei o sangue do seu corpo, então só precisei tirar o suéter azul escuro.

Emily não relaxou contra a borda da banheira, não deitou. Dobrou os joelhos e os abraçou, e com toda paciência do mundo, tirei o chuveirinho dourado da haste de metal sólido que combinava com os pés da banheira, e aos poucos molhei os seus cabelos.

Ela pousou o queixo nos joelhos, enquanto manipulei o chuveiro com cuidado, para não jogar água diretamente sobre os três pontos no alto da sua cabeça. Um rio vermelho escorreu dos seus cabelos junto à água. Apliquei um pouco de shampoo, depois um de seus cremes de cabelo, que ela esquecera ao ir embora, e retirei os nós dos seus fios com uma escova.

— Eu só acabei com a Rose, porque ela falou da minha mãe — Emily murmurou. — Talvez ela fosse

eficaz em me matar, se não tivesse dito merda. Então você teria vivido sua vida feliz, com ela.

Cerrei os dentes, ouvindo aquela porra absurda.

— Não fala merda! — rebati, tentando controlar a raiva. — Eu exumei o corpo daquela cadela e quebrei todos os seus ossos, então atirei os destroços num esgoto — contei, sentindo respingos de água molhando minha blusa branca. — Acha que, depois de tudo, me importo por saber que você a matou?

Emily virou o rosto para mim, escondendo o lábio inferior sob o de cima, me olhando com interesse.

— Quando?

— No mesmo dia que abrimos o baú.

Molhei uma esponja de banho com sabonete e lavei o rosto dela, segurando uma risada com o quanto Emily parecia resistente ao banho, virando o rosto. Usei uma toalhinha molhada para retirar o sabão de suas bochechas, sob o coro de suas longas bufadas.

Enxaguei seu cabelo e ofereci a esponja a ela, para que terminasse de lavar as outras partes sozinha, já que parecia mais desperta a ponto de, finalmente, se recostar na banheira com cuidado, para não resvalar na cabeça.

Emily ignorou minha mão e levantou uma sobrancelha. Entendi que ela queria que eu seguisse lhe dando banho, e em silêncio, desci a esponja pelo sangue seco em seu pescoço, mas quando cheguei aos seus peitos lindos, que não estavam submersos, meu pau cresceu.

— Eu sempre fui uma covarde, Drake.

— Preciso discordar — rebati, descendo a esponja por sua barriga. — Você foi bem corajosa com a Rose, com Jack, e em muitos momentos, comigo também.

— A prisão seria meu destino, se não fosse o Jack me acobertando. — Olhou para baixo, corando. — Depois disso, desenvolvi um medo absurdo de ser

pega pela polícia, a ponto de pensar que faria qualquer coisa para a prisão não ser o meu destino. Entretanto, jamais planejei culpá-lo. Se você fosse preso, eu diria alguma coisa. Não deixaria que levasse minha culpa.

Deixei a esponja boiando sobre a água e me sentei sobre os meus calcanhares. Meus ombros pesaram, tensionados, e a observei.

— Você errou — acusei. — Mas eu também errei pra caralho. Não vou me fazer de santo e fingir que não fodi sua cabeça com a minha vingança. — Apertei os lábios. — Mas isso já foi. Ela já está morta e não tem evidências que possam me levar para a prisão, então precisamos passar uma borracha nesse assunto, virar a página da morte de Rose, ok?

— Você não me odeia mais?

Dei a ela um olhar cabisbaixo.

— Eu nunca te odiei de verdade, fantasminha. Senti, sim, muita raiva porque você me engatilhou a sensação de traição, mas eu me rendi completamente ao ficar obcecado por você, ao te desejar mais do que conseguia respirar. Já não existia ódio ali, era vício e necessidade, atrelados ao medo de perder.

— Isso ainda existe? Digo, todos esses sentimentos?

Movi os olhos para todos os lados, a mente funcionado rápido demais. Eu não podia mentir, porém, fui dominado por algo sufocante, que apertava o meu peito quando temia o que ela responderia quando eu deixasse a verdade mais crua sair da minha boca:

— Sim.

Sondei cada minúsculo esboço de reação no rosto dela, suando frio, as mãos tremendo. Ela ficou impassível, olhando para o teto do banheiro por muitos segundos. Por fim, suspirou e disse:

— Jack disse que o Paine era o meu pai.

Um músculo embaixo do meu olho contraiu e caí sentado, sentindo que minha mente despencava em um buraco escuro, sombrio e desesperador.

PUTA QUE PARIU!

— O que foi que você disse?

Eu precisava ter certeza de que não estava louco, alucinando.

— O Velho Jack falou que minha mãe tinha um caso com Paine desde a adolescência, e que eu sou filha dele. — Lágrimas caíram pelo canto dos seus olhos, e um sorriso deprimido amargou em sua boca. — Ele sempre esteve aqui, sabe? Embaixo dos meus olhos, enquanto passei anos desejando entender por que meu pai nunca me quis. Agora, não só sei que ele não me queria, mas que também me via como algo risível, a ponto de debochar de mim, de sequer se preocupar com o meu bem-estar.

Porra!

Emily e Zayn eram irmãos.

Paredes e mais paredes pareciam me prender, e me senti em um labirinto. Que porra eu podia fazer com aquela informação? Ela já estava desolada. Se eu contasse a ela que tinha um irmão, que se envolveu com ele, a destroçaria mais.

Eu não estaria mentindo se não dissesse nada. E por isso, por mais errado que pudesse ser, decidi manter minha boca fechada.

Contar a Zayn que ele não tinha o meu sangue nunca seria uma opção. Eu via a desolação em seus olhos, que pareciam uma terra árida e destruída. Não daria mais elementos para que meu filho sofresse, ou cultivasse ervas-daninhas sobre eu não o amar por conta disso.

Emily não precisava saber também. E no que dependesse de mim, não contaria nunca!

— Sinto muito. — Engoli em seco. — Paine sempre foi um merda, Emily. — E com toda a podridão que existia em mim, senti a boca enchendo d’água ao recordar a delícia que foi tortura-lo. — Não merecia o seu amor.

— Mas eu tinha o direito de ter um pai, de ter assistência, cuidado.

— Eu sei.

— Enfim, ele morreu, então... não tem nada que eu possa fazer.

Não respondi, porque não havia nada a ser dito que pudesse confortá-la quanto àquilo. Afinal, mesmo que meus dois pais tenham sido uns merdas, eu os conheci, tinha o sobrenome dos dois.

— Quero ir embora — falou, pegando a espoja e inflando com a espuma da banheira, e sozinha esfregando os braços.

Uni meus joelhos e os abracei, tentando piscar para conter o calor dos meus olhos com suas palavras.

— De casa?

— Essa não é a minha casa. Você me expulsou.

— Ela pode ser sua, se você quiser. Eu...

— Estou dizendo que vou embora dessa cidade, Drake — interrompeu, subindo uma das pernas para esfregá-la.

Sua nudez não me chamou atenção outra vez. Meu coração estava acelerado demais, meus olhos, marejados demais.

— Como assim? Para onde?

— Salém, Boston, para onde conseguir uma transferência da minha faculdade. Eu já queria ir embora, sabe? Sempre soube que, quando buscasse outra vida, esse lugar deveria ficar para trás.

— Também vou, então.

Ela virou o rosto para mim, rápido, e com olhos arregalados, perguntou:

— Vai embora também?

— Sim, ué. Para onde você quiser ir.

Ela riu, largo, olhando para o teto do cômodo e balançando a cabeça.

— E os garotos?

— Eles sempre serão os meus filhos, e os assistirei e serei presente, mas tenho a minha vida. E não aguento mais esse lugar também, ou os fantasmas que ele abriga.

— Sei. — Duvidou, cerrando os cílios. — Ou só quer ir atrás de mim por se sentir meu dono?

— Irei aonde você quiser que eu vá, e fico à distância que você exigir, porque eu... eu... a amo demais para aguentar te perder de vista.

— Você não se importou comigo quando eu saí da sua casa. — Sua voz vacilou por um segundo.

— Me importei sim, e a segui para ver aonde estava, e planejava comprar um apartamento para você e arrumar um bom emprego.

— Então, por que não falou comigo por todas aquelas semanas?

— Porque achei que você não me quisesse por perto, que faria mal a você se me aproximasse — confessei e, precisando de algum contato, me aproximei da banheira, ficando de joelhos, levando a mão ao rosto dela para alisar o seu queixo com o dorso do dedo. — Emily, eu preciso pedir o seu perdão.

Ela já olhava para frente, empinando o queixo, só girou seus olhos arregalados para mim com minha última frase.

— O... o quê?

— “O essencial é invisível aos olhos, e só se vê bem com o coração”[14] — ela respirou forte, fitando os movimentos dos meus lábios —, e com os olhos cegos pela vingança e pelo ódio, contaminei tudo o que

sentia por você. E sou o culpado — bati no peito —, o único culpado por tudo ter dado errado entre nós dois, e não me resta nada diferente de implorar o seu perdão. Então, me desculpe por ter sido injusto, por ter te julgado e sentenciado, quando deveria ter te perguntado suas razões, por ter feito mal a você, aos seus sentimentos.

Por um segundo, eu prendi o ar, com os olhos baixos, quando Emily virou para frente, ofegante.

Talvez não tivesse mais volta, ou perdão, ou redenção possível para o que eu fiz.

— Achei que você nunca pediria desculpas.

— Eu sei o quanto errei, Emily.

Ela se levantou vagarosamente e saiu da banheira, alagando o piso ao redor. Fui obrigado a me erguer e, olhando para baixo, senti meus batimentos paralisarem, sondando sua face e esperando que dissesse algo.

Ela puxou uma das minhas mãos e a entrelaçou na sua, ficou na ponta dos pés e me beijou bem leve, com os lábios fechados, depois foi para o meu queixo, roçando a boca na minha barba e me fazendo tremer como se eu fosse um menino.

— Eu te amo, Drake. Muito mais do que você merece, muito mais do que sou capaz de controlar, e te amar é minha condenação.

Eu deveria beijá-la, deitá-la nesse chão e a foder. Tão desesperado, tudo o que fiz foi me abaixar o suficiente para segurar o mundo inteiro, que era Emily Brown, em meus braços por um bom tempo.

Ela enfiou as mãos por baixo do meu suéter, alisando as minhas costas e inspirando profundo.

— Porra, fantasminha, também te amo. — Apertei o quadril dela com muita vontade.

— Eu amei você de um jeito doce. Como se tivesse pegado tudo o que restava de bom em mim e te

entregado. Agora, eu ainda te amo, mas amo com as partes feias também. Com todas as teias sujas que existem em mim.

Tomei fôlego e respondi, subindo as mãos para alisar os seus cabelos, que se embrenhavam em meus dedos espalhando água em minha pele:

— Talvez sejam essas teias que nos tornem perfeitos um para o outro. Eu demorei, mas aceitei que não sou herói, eu sou um vilão... Uma soma de todas as sombras que passaram pela minha vida, sou viciado em punir, como fizeram comigo. — E foi ali que eu voltei a bambear, temendo que falar a verdade a fizesse recuar, mas se tratando da nossa relação, a verdade sempre seria a única opção. — Eu não tenho mais volta nisso, fantasminha. E sempre vou acender como um rojão quando sofrer injustiças. É a maldição perfeita, da qual não consigo fugir.

— Você não é um vilão, Drake. — Ela deu um tapinha no meu ombro. — Eles não pedem perdão.

— Ainda quer ser minha namorada? — atirei a pergunta, apertando-a num abraço forte, como se ela fosse fugir de mim.

— Sim, mais do que tudo.

E só então segurei sua nuca, me permitindo endurecer, deixando que a fome me consumisse enquanto engolia sua boca com tanta vontade que poderia triturar os lábios dela. Fui tirando a minha roupa, intercalando com beijos esfomeados. Emily deixava apertões pela minha pele, arrastando a unha no meu abdômen enquanto, aos poucos, me inclinei mais para cima dela, intimidando-a até que a fantasminha entendesse que deveria se deitar no piso.

Me posicionei ao lado dela e girei seu quadril, subindo uma de suas pernas para comê-la de lado. Passei um dos braços por baixo do corpo dela, amassando um dos seus seios que enchia minha mão.

Encaixei meu pau na sua boceta, tão quente e molhada que ele deslizou bem fácil, entrando naquela carne macia e apertada e quase sendo esfolado.

Emily colocou o braço para trás e segurou minha nuca, cravando as unhas ali, me fazendo sibilar.

Gostosa pra cacete!

— Vamos embora desse lugar — falei, guiando a outra mão para o clitóris dela. — E vamos encontrar algo para chamar de lar, mas até lá, me deixe matar a fome de você.

Desci a boca pelo seu pescoço, sabendo que agora eu tinha tudo, e não cometeria a burrada de perder.

E juntos, encontraríamos algo para nós naquele mundo.

56

Emily Brown

Por mais sombria que Salém fosse naquele final de inverno, mesmo durante a madrugada, ainda seguia menos assustadora do que Shadow Valley, a cidade que parecia perdida numa neblina à parte, esculpida em segredos e maldições.

O que meu avô disse, antes de morrer, ficaria comigo para sempre, e por dias Drake e eu confabulamos sobre aquilo antes de dormir.

A que mal Jack se referia?

O que quis dizer com “vala”?

Talvez o velho só quisesse nos causar um sentimento ruim para estragar o senso de vingança que matá-lo trazia.

Dentro daquele carro em movimento, olhando a paisagem da cidade que agora podia chamar de minha, decidi esquecer as últimas palavras do maldito.

E por pior que eu tenha me sentido ao saber que, mais do que nunca, me havia me tornado uma assassina, já fazia quase dois meses que respirava com alívio por ter dado a Jack um fim tão doloroso quanto ele merecia.

Drake e eu morávamos em um apartamento alugado por temporada, no centro de Salém. Até

pensamos em Boston, mas consegui uma transferência para a faculdade da cidade e decidi ficar perto de Ethan, que vinha sendo outro pilar importante na minha sanidade, ao vir até o meu apartamento para me fazer rir sempre que Drake estava no trabalho.

Me demiti da cafeteria assim que o meu namorado — e meu chefe, me ofereceu um novo cargo na funerária. Agora eu só exercia funções remotas, organizando coisas relativas a enterros, o que me fazia ter o meu salário e ainda conseguir conciliar com meus estudos e o cuidado da casa, que eu limpava sozinha. E foi libertador não ter mais Lindsay e seu olhar julgador sobre nós dois.

— Os garotos não querem sair de Shadow Valley de jeito algum — meu namorado disse, parando em um sinal vermelho.

Drake fez o gesto viciado e inconsciente de alisar minha coxa, subindo a barra da minha saia de cintura alta em um xadrez de preto e cinza, sobre a meia-calça translúcida e escura.

— Eles têm a fraternidade, a Madson e seus amigos. Não vão querer se mudar por sua causa.

— Não mesmo... Mas formalizei, hoje mesmo, a compra de um prédio maior no centro de Shadow Valley — contou, como se não fosse nada, continuando a dirigir. — Assim, consigo torná-lo a sede da Empresa Walton e posso me manter próximo dos dois.

— Zayn ainda está no modo “não me toque”?

— Ele fala comigo quando quer, ou quando precisa de algo...

Sabia que Drake dizia coisas importantes, meus olhos é que, apaixonados demais, focavam no remexer de sua boca linda rodeada pela barba aparada e marcada com navalha. Seus cabelos pretinhos alinhados para trás, os olhos negros, agora, sempre

pareciam dançantes, Drake era perfeito, e *finalmente meu*.

Ele estava feliz.

Eu estava feliz também.

Ainda tinha medo de fechar os olhos por tempo demais e tudo mudar, desmoronar outra vez. Porém, não existiam mentiras ou segredos entre nós dois, com o potencial de nos fazer sangrar.

Espiei o banco de trás por cima do ombro, fitando a pequena sacolinha preta, que guardava algo especial que pretendia dar ao Drake quando finalmente chegássemos ao destino misterioso para onde ele dirigia.

Naquele instante, já passando das duas da madrugada, ainda me perguntava o que fora tão urgente que o fizera me tirar da cama para me levar até ali.

Eu o esperei a noite inteira para entregar a ele aquele presente, mas acabei dormindo, e quando acordei, ele estava ansioso, dizendo que precisava me levar a um lugar.

— Chegamos.

Drake estacionou em uma rua pacata com neve congelada, que aos poucos derretia sobre o meio-fio.

Árvores desfolhadas faziam fileiras pelos cantos das ruas, surgiam de forma rebelde no quintal das casas de madeira envelhecida que sequer abrigavam cercas ou muros.

Uni as sobrancelhas, observando o sorriso largo que ele soltou ao descer do carro. Trajando um de seus sobretudos pretos e elegantes, deu a volta pela frente e abriu a porta do carona para mim. Fui atacada por um ventinho gelado que me fez bater os dentes ao descer do Porsche. Inclinei a cabeça, admirando o rosto daquele gigante, que segurava minhas

bochechas e estalou um beijo demorado em minha testa.

— O que está aprontando? — perguntei, curiosa, quando ele se afastou.

— Pegue o seu casaco!

Vesti meu blazer de couro preto, passando-o por cima das mangas da minha blusa cinza, depois peguei a sacola com o presente no banco traseiro.

Entrelacei nossas mãos e seguimos por uma calçada estreita. No meio do caminho, ele me travou, soltando nossos dedos. Drake deu a volta em meu corpo, espalhando seu perfume de *stalker* — o meu preferido — pelo ar. A neve, o vento, o cheiro de terra molhada, nada foi mais forte do que o aroma fresco que soprava do homem atrás de mim.

Um rastro fervente se alastrou por minhas veias quando senti aquela coisa familiar roçando o meu rosto. Sondei as redondezas brevemente, me perguntando se ele queria fazer alguma coisa imoral no meio da rua, prestes a me vendar daquele jeito.

As luzes das casas seguiam em boa parte apagadas e, sendo o distrito residencial mais perto do centro, não tinha ninguém perambulando pelas ruas naquelas tantas horas da noite.

— Fique tranquila, fantasminha, não tem cordas te esperando em nosso destino — cada palavra foi soprada em meu ouvido, quentes, provocativas, enquanto o tecido subia para tapar os meus olhos.

— Hum... — Levei as mãos para trás, apalpando as coxas dele. — Eu adoraria se tivesse.

Drake paralisou, sem ao menos terminar o laço no tecido.

— Achei que andasse preferindo as coisas mais leves — falou, a voz vacilante.

— Eu até gosto do seu lado doce quando me fode, mas o pesado será sempre o preferido.

— Porra, Emily. — Deu o nó na venda às pressas e terminou roçando seu pau rígido na minha lombar. — Olha o que fez comigo! Estamos no meio da rua...

— Você me fodeu na frente dos seus coveiros — provoquei. — Achei que não ligasse tanto assim para pudor.

Ele riu.

Não foi o som sutil que andava dando, quando sorria por aí, parecendo que pisava em nuvens. Foi diferente, algo mais tenso, o tipo de risada que ele soprava por baixo da balaclava.

O mundo jazia escuro para mim, e diferente do que eu escolheria fazer, se ele ainda se vestisse da pele de *stalker*, não tentei mexer na venda para contrariá-lo.

Eu aceitei.

Queimei.

E ansiei por sua escuridão.

— Passeei por essas ruas várias vezes — contou, segurando o meu antebraço com certa força, caminhando comigo para longe. — A vizinhança é formada por idosas fofoqueiras com semblantes pudorosos e recatados, e homens de família com ares de punheteiros. Então... — Drake apressou o passo, e um som exasperado saiu da minha garganta quando meu corpo se chocou inesperadamente com uma superfície rígida. — Melhor eu te comer aqui, no meio da rua, para você gemer feito uma cadela e espalhar o boato de que a nova vizinha já tem dono.

Não tive tempo de assimilar as nuances de suas revelações, porque Drake empurrou com grosseria meu rosto contra aquela coisa com cheiro terroso e amadeirado, e com as duas mãos contra a superfície áspera e sólida, jurei se tratar de uma árvore.

A ficha de que ele me comeria a céu aberto só caiu quando ele subiu a minha saia, e o barulho de

tecido rasgando cortou o ar. Senti pelo vento gelado contra a minha bunda, que ele arrebentou minha meia-calça, na altura das nádegas.

— Drake, eu só estava brincando — minha voz vacilou. Um fio de medo me percorrendo. — Aqui não é Shadow Valley. Se chamarem a polícia, vamos em cana.

— Então é melhor você rebolar bem gostoso do meu pau, assim faz tudo valer a pena!

Ele abriu o zíper de sua calça.

Senti o toque suave do seus dedos arrastando minha calcinha para o lado, sua respiração forte me arrepiando inteira ao soprar em meu ouvido.

Faminto, enrolou o meu cabelo no punho e puxou minha cabeça para trás, e antes que ele estapeasse a minha bunda com sua frase típica sobre eu me empinar para recebê-lo, me precavi e arrebitei a bunda.

Sua cabeça larga demais ferveu contra o meu clitóris, esfregando-se em uma tortura úmida, lenta, temperada com más intenções.

— Isso é loucura! Se vamos morar aqui, começamos do jeito errado. — Fingi algum pudor.

— Você vai dar sorte se eu não resolver batizar bem a nova rua, comendo o seu cu também.

Drake brincou com a cabeça do pau nas minhas dobras, indo para frente e para trás, e pude ouvir o barulho do atrito do seu membro deslizando no meio de toda aquela umidade, causando arrepios na minha pele e um peso absurdo em meus seios.

Com as pernas tremendo, a respiração arrastada, temi entrar em colapso. A língua do meu namorado roçou o lóbulo da minha orelha quando ele, por fim, enfiou a cabeça para dentro da minha boceta, causando ardência e algum prazer.

Não usou preservativo.

Nunca usou.

A gente se jogou na borda do perigo desde o começo... e agora... bom... agora já era!

— Senti saudade disso — gemi. — De parecer errado e perigoso e prestes a me destruir.

— Você consegue ficar mais perfeita quando soa maluca assim, implorando para ser arruinada.

Ele se meteu inteiro, crescendo, inchando dentro de mim e me arregaçando, porque não teve cautela. Drake socou o pau várias e várias vezes sem qualquer dó.

Talvez, levando em conta minhas condições, devesse mandar que ele fosse mais gentil. Mas eu tinha fome, e quando ele deu um jeito de soltar o meu cabelo, fez algo muito fodido: Drake cravou os dentes na curva do meu ombro e, feito um cão raivoso, mordeu para arrancar um pedaço enquanto fodia como se eu não tivesse fundo.

O estalo do corpo dele contra o meu já era alto, mas o meu berro, os meus gemidos, os grunhidos dele, foi tudo maior.

Drake soltou o meu ombro porque acabei cedendo à dor da pele rasgada por seus dentes e chorando um pouco. Solucei gemidos enquanto algo dentro de mim crescia e eu cravava as unhas no casco da árvore para tentar aguentar seu lado mais pesado.

Então ele saiu e, porra, desejei muito socar a cara dele ao sentir minha boceta vazia e a explosão que se armava dentro de mim apagando de repente.

— Vem de frente!

Ele me virou de forma brusca e esqueci tudo, a raiva, a frustração pelo gozo negado e só amoleci. Drake puxou uma de minhas pernas por cima do seu braço e se enfiou na minha carne com a brutalidade com a qual me viciou.

— Amo quando você é cruel assim — confessei, caçando a boca dele.

Misturei nossas salivas, roçando nossas línguas enquanto ele subia minha outra perna, me equilibrando de costas na árvore e arremetia o mais fundo que podia.

Foi cru, forte, intenso demais e eu parecia prestes a queimar.

Desci a boca para o maxilar dele, puxando alguns pelos de sua barba entre os meus dentes, para terminar mordiscando o seu queixo enquanto ele diminuía o ritmo com o qual me comia.

— Então serei cruel para sempre.

E não deu mais para segurar, cravei minha mão no queixo dele, apertando forte e gemi bem lento contra os seus lábios, suando, comprimindo minha boceta ao redor do pau gostoso dele enquanto eu explodia em milhares de pedaços, gozando com força.

Drake não ficou para trás, engolindo os meus lábios de forma voraz, e socando na minha boceta por tempo o suficiente para despejar um jato quente lá dentro sem receio algum. Ele me deu seus gemidos roucos, apertando a minha bunda a ponto de enfiar as unhas na minha pele, até se esvaziar inteiro.

Deitei minha testa na dele, tentando regular o ritmo do meu coração, enquanto meu namorado ainda respirava feito um bicho, para, por fim, sair de dentro de mim e me pôr de volta no chão.

Ouvi o movimento do zíper sendo fechado, e foi com alívio que pisquei para a claridade amarelada da rua quando ele retirou minha venda.

— Porra, Emily... eu pretendia fazer uma surpresa — reclamou, colocando minha calcinha no lugar e abaixando a minha saia. — Agora você já sabe que comprei algo aqui.

— Não deixou de ser uma surpresa. — Dei de ombros, puxando a saia mais para baixo, para cobrir a bunda, porque o vento frio fluía por baixo dela gelando minha pele sob o rombo na meia-calça.

— Vamos deixar a cena do crime, porque, pode ser que uma das velhotas que vi espiando pela janela, enquanto eu te enchia de porra, tenha resolvido chamar a polícia.

Arregalei os olhos, me dando conta de que promovemos um pequeno espetáculo a quem quisesse ver. E confirmando meus pensamentos, em uma casa térrea à direita, com pintura amarelada, uma janela jazia acesa, e sob um pequeno trecho da cortina atrás dela, vi olhos enrugados e julgadores pousados em nós dois.

Sorrindo, peguei a sacola que caíra no chão durante nossos atos profanos, aceitei a mão dele e apressamos os passos para longe da árvore.

Meu ombro, já escondido sob a blusa, latejava, quando chegamos diante de uma casinha estranha. Era a única da rua que tinha um muro de pedra esverdeada, baixo o suficiente para que uma criança conseguisse pular sem muito esforço.

Senti meus olhos crescendo, quase brilhando, vistoriando a madeira preta que compunha a casa gótica de dois andares, mais o sótão. O teto triangular, duas finas torres decorativas, uma de cada lado dele, com pináculos surgindo acima de duas esferas boleadas... parecia uma casinha de bruxa sofisticada, tão perfeita que jamais ousaria sonhar com algo assim.

— Vamos morar aqui? — perguntei, espalmando as mãos na pedra gelada do muro.

— Sabe por que comprei essa casa? — indagou.

Drake abriu o pequeno portão de madeira com a borda superior arredondada, deixando espaço para que

eu entrasse no pequeno gramado molhado por neve descongelada.

— Por que eu amo a cor preta? — chutei, mordendo um sorriso largo.

— Porque o corretor me mostrou as casas mais caras da cidade, e quando não vi sua personalidade em nenhuma delas, ele me disse para descrever minha mulher. A resumi em duas frases: “ela adora preto e ama cemitérios”. Então ele me falou de um *elefante branco* permeado por lendas de assombrações...

Fitei aquele lugar, o terreno amplo, a árvore toda retorcida na frente esquerda do terreno, com uma corda lascada segurando um balanço de pneu que chacoalhava com o vento. O canteiro de rosas vazio ao pé da varanda, com cinco lances de escada que se desdobravam direto nas portas duplas na frente da casa, arrematavam aquela atmosfera sinistra com chave de ouro.

Subi os olhos para o jogo de janelas em baía na fachada, com moldura prateada, e depois fitei o segundo andar, que comportava uma pequena sacada na frente, que dava em uma varanda minúscula. Imaginei uma mesinha de café da manhã ali em cima, e no quintal, um pula-pula. Na varanda do térreo, quase pude ver uma cadeira de balanço, onde eu poderia me sentar e sussurrar histórias para minha barriga enquanto ela crescia.

— Então você achou que eu adoraria morar em mais um lugar com lendas sobre maldições? — brinquei, aceitando a mão que me ofertou.

— Achei que seria o lugar perfeito para criarmos algo e chamar de lar. Sabe... tem boas escolas aqui perto, bons restaurantes, e um dos meus cemitérios fica há apenas duas quadras.

Já era tudo perfeito, mas a última frase me faz quase dar alguns pulinhos.

— Podemos pedir que tragam nossas mães para esse cemitério — sugeri. — Assim eu nunca mais precisaria pisar em Shadow Valley.

— Vou providenciar isso, agora, vem, me deixe mostrar a casa.

— Por que me trouxe aqui durante a madrugada? — questionei, andando de mãos dadas com ele para dentro da casa.

Tirei os coturnos no hall de entrada, coloquei meu blazer na arara para casacos, próxima à porta, e sem esperar por Drake, deixei minha curiosidade falar mais alto, vistoriando o lugar.

Parecia antigo, com paredes sussurrando histórias de algumas gerações. Era o tipo exato de lugar com o qual a Emily sombria e aventureira costumava sonhar.

Estranhei ver a lareira acesa, na sala dominada por painéis de madeira castanha. Uma tapeçaria cara em tons de oliva se desenrolava sobre o assoalho escuro no centro da sala, que era rodeada por um jogo de sofás de couro marrom, posicionados meticulosamente para ficarem perto do calor das brasas dançando na lareira.

Um atiçador esquisito boiava dentro do fogo e não tive tempo de perguntar muito sobre ele, porque as mãos do meu namorado já estavam no meu corpo, me abraçando.

— O corretor me ligou depois da meia-noite, me contando que tinha conseguido as chaves. Fiquei ansioso para vê-la feliz, fantasminha... — confessou tão baixinho que parecia tímido.

— O seu lado doce te torna um “pequeno príncipe”.

— Está tentando me fazer chorar? — perguntou, se afastando.

Talvez fosse um gatilho citar o livro que o ajudara a não sair ainda mais fodido mentalmente daquele

orfanato, mas não consegui segurar.

Ele tinha um lado muito fofo, embora ainda parecesse o diabo quando bem entendia.

Empunhei a sacola quando Drake entrou na minha frente, hiperventilando, pensei em entregar-lhe aquilo logo e terminar com aquela ansiedade de uma vez, só não tive tempo.

Ele...

Ele se ajoelhou, abrindo uma caixinha de veludo diante de mim, que fez todo o sangue do meu rosto sumir.

M-e-u D-e-u-s!

Eu queria controlar o meu corpo, mas ele não obedecia quando eu estava tão empolgada. Tomei a porra da caixa da mão dele, pulando feito uma criança enquanto notava o anel ali dentro. Aquele rubi perfeito no centro dele, segurado por duas mãos cadavéricas esculpidas no ouro branco me fez soprar um gritinho.

— Que lindo!

— Emily — ele gargalhou, chacoalhando os ombros —, precisa me devolver para eu pedi-la em casamento de um jeito decente.

Minhas mãos tremiam quando fitei o rosto dele, e a sacola com o presente que trouxe para ele já tinha escapulido pelos ares.

— Desculpa! — Encolhi os ombros ao entregar-lhe a caixinha com o anel, e o sangue resolveu se concentrar em minhas bochechas de uma só vez.

— Aceita ser minha esposa, fantasminha?

— Claro que sim!

Estendi minha mão a ele, me sentindo a própria *Noiva Cadáver*, só que ele não deu uma de *Victor*, não fugiu depois de deslizar o anel pelo meu dedo. Na verdade, Drake beijou minha mão, depois ficou de pé e segurou o meu queixo.

— Não sabe o problema em que está se enfiando, Emily... — brincou, mas com todos os ares de verdade salpicados na língua.

— Acredite, você já deixou isso bem claro.

Demos uma profusão de beijos estalados atrelados a sorrisos.

— Preciso te dar uma coisa — falei, segurando a barriga.

— Ainda tem mais coisa que preciso fazer — Drake interrompeu.

Ele caminhou até a lareira esculpida em pedra. O lustre pendente de gotas de cristal seguia apagado no centro da sala, e à meia-luz, finalmente notei que Drake estava sem camisa, descalço e apenas trajando jeans.

Ele pegou o atiçador dentro do fogo.

Dei um passo atrás, torcendo os dedos das mãos ao notar a letra tão fervente na ponta do ferro, que ficara vermelha.

— O que você pensa que...

— Você é minha, finalmente — interrompeu. — E tem isso gravado na pele como sua maior sentença, e por mais que seja eu quem domine aqui, vou te deixar equilibrar o jogo, porque também sou seu. Então, vai, marque-se a fogo em mim também!

Neguei, piscando lágrimas enquanto me abraçava e recusava o que notei não se tratar de um atiçador, mas sim de um ferrolho para marcar gado.

— Não vou te machucar.

— Eu quero que faça isso, Emily. Quero você em minha pele para sempre.

— Não precisa, eu sei que você me ama.

— Não se trata disso, mas de merecimento. Você merece isso, me devolver à altura.

— Não sou vingativa a esse ponto.

— Mas eu sou!

Drake cortou a distância e segurou minha mão com gentileza. Meu peito fervilhava, talvez mais quente do que aquele ferro. Joguei uma lufada trêmula de ar boca afora enquanto ele colocava a borda emborrachada do ferrolho entre os meus dedos.

E diante de mim, ele se prostrou mais uma vez.

— Drake...

— Seja uma garota cruel, fantasminha!

Olhei o objeto de tortura chacoalhando em minhas mãos, chorando de nervoso, enquanto sorvia o ar e enrolava uma dose de coragem na língua:

— Aonde devo fazer?

— No meio do peito. Só precisa encostar de leve e retirar rápido o bastante.

Eu não perguntei uma outra vez, só fiz o que ele queria, encostando a letra “E” no meio do seu peito liso, e o puxei de uma só vez, atirando-o no chão e produzindo um ruído que terminou em tilintares do ferro contra o assoalho.

Drake não gritou.

Ele urrou entre dentes cerrados, com os músculos tensos e veias saltadas no pescoço, com saliva escorrendo da boca.

— Porra, desculpa, desculpa, desculpa! — pedi, me ajoelhando diante dele e segurando suas bochechas.

Ele soprou o ar como um touro pelo nariz por muitos minutos seguidos, até se sentar sobre os calcanhares enquanto, pouco a pouco, regulava a respiração.

— Nunca se desculpe por fazer algo correto — falou, alisando as lágrimas de culpa fluindo por minhas bochechas. — E será uma honra carregá-la em minha pele a todo tempo.

— Você é muito drástico — ralhei, me sentando de lado diante dele.

— Sempre! — admitiu com uma bufada sôfrega, porém, não durou tempo demais. Logo sua mão foi para minhas bochechas, afundando os dedos nelas com força, e um sorriso assombroso performou em sua boca. — Só não confunda as coisas. Eu estou no controle, e sempre será assim.

— E se eu confundir? — provoquei, gostando do quanto ele intensificava o apertão.

— Eu te puno.

Lambi a boca e mostrei os dentes da forma mais safada que podia, e logo ele pareceu se esquecer da dor, tentando me empurrar para deitar de costas no tapete.

— Calma... — pedi, respirando forte, prevendo que ele se enfiaria em mim sem muito aviso. — Ainda preciso te contar uma coisa.

— Não pode ser depois que a gente inaugurar a casa?

— Não!

Ele hesitou um pouquinho, me encarando até que eu desviasse o olhar e ele exibisse mais uma vez sua dominância. Senti o sorrisinho de triunfo que ele deu ao se levantar.

Dei um jeito de me erguer para caçar a sacolinha pela sala. A coitada já estava há alguns passos de distância, toda amassada.

Meu coração ribombou em meus ouvidos, e com algumas engolidas em seco, peguei a caixinha preta dentro dela e entreguei a ele.

Drake deitou a cabeça para um dos lados e, enquanto desfazia o laço no topo do presente, observei a letra em carne viva sangrando em seu peito. O ferimento tinha cerca de cinco centímetros, e eu sabia, por experiência própria, que aquilo doía horrores.

Uni os dedos na parte de trás do corpo, tentando não me balançar ao vê-lo dedicar um olhar meio cético para a pequena fotografia em tons de cinza. Na verdade, para a impressão do ultrassom.

Aqueles instantes ficariam em mim para sempre, por ver seus olhos crescendo, a boca se expandindo enquanto ele fitava da foto à minha barriga, e com um sorriso atrelado a um olhar marejado, dizia:

— Você está grávida, fantasminha?

— Sim. De quatro semanas...

Ele caiu diante de mim e lentamente subiu minha blusa, depois desceu o cós da minha saia. Drake analisou o volume quase imperceptível abaixo do meu umbigo e então o beijou.

Alisei o cabelo dele e, se tive algum medo de que fosse ficar bravo, morreu naquele instante. Era devoção, da mais pura e genuína, que brilhou no rosto dele quando me encarou de baixo para cima:

— Que seja uma menina, tão linda quanto você — desejou, depois roçou a bochecha na minha pele feito um gato. — E que a gente faça desse lugar um lar, onde possamos ter a família que sempre sonhamos. Talvez ter uma irmã também faça bem aos moleques.

— Pode ser um menino, Drake.

— É menina, confia!

Alisei sua bochecha, e a lágrima que escorreu do meu rosto foi a mais feliz do mundo.

E esperava que, dali para frente, tudo se resumisse a uma única coisa: felicidade.

EPÍLOGO

Emily Brown

Nove anos depois...

Sair do necrotério tinha, na maior parte dos dias, o mesmo sabor: satisfação.

Abrir cadáveres era minha nova obsessão, e diariamente vinham casos mais tranquilos, óbitos menos violentos. Mas, vez ou outra, eu me deparava com casos como o de hoje: vítima de abuso seguido de homicídio.

Casos como aquele doíam, chegando aos meus ossos, tocando feridas que sangrariam para sempre. Mas, aos 29 anos, eu tinha uma nova missão, ajudar a desvendar homicídios e colocar caras como o Velho Jack na cadeia.

Na jovem de hoje, quase dei pulinhos quando colhi material sob as unhas, porque podia ser um passo perfeito para encontrar o maldito que fez aquilo com ela.

Talvez fosse um deboche velado que uma criminosa, com alguns homicídios escondidos embaixo do tapete, trabalhasse como legista forense, mas, ali estava eu, há seis meses.

Embora tivesse o trabalho dos sonhos, quando eu saía do necrotério, quando tirava aquele jaleco e dirigia pelas ruas de Salém, até a casinha de bruxa onde meu mundo inteiro habitava, eu deixava tudo

para trás e voltava a ser apenas duas coisas: esposa e mãe.

Assim que estacionei na rua e percorri o caminho de pedras até a varanda adornada por canteiros de rosas vermelhas, um sorrisão tomou o meu rosto.

A casa cheirava a biscoitos, e a garota de cabelinhos pretos com a cara toda salpicada de chocolate me deu um sorriso de dentes separados, afundando covinhas nas bochechas perfeitas.

Deveria ser crime carregar um bebê por nove meses e vir a cara do pai, sem nadinha meu.

Jecelyn era bem espertinha para sua idade. Já tinha seus oito anos, e embora adorasse dizer por aí que não era mais criança, não recusava fazer fornalhas de biscoito com o pai, ou que Drake a colocasse na cama contando histórias de terror para niná-la.

Meu marido, por sua vez, debruçado sobre a ilha da cozinha de armários negros, mergulhava gotas de chocolate na massa de biscoito. Alguns raios grisalhos no cabelo escuro refletiam com a luz do lustre.

Naquela casa, cravado em pedra e madeira, tínhamos algo que só podíamos chamar de lar.

Eu tinha uma filha perfeita e a casa para onde eu voltava todos os dias, com a família dos sonhos me esperando para jantar. Uma onde não era um fardo, na verdade, era um pilar.

Shadow Valley queimou há anos, e agora, se resumia a cinzas, o que sempre mereceu ser. E seus fantasmas já não assombravam a mais ninguém!

— Zayn e Bran vieram hoje cedo. Eles trouxeram outra aranha para mim — minha filha contou.

Ela soprou a franja preta que caía sobre a testa, parecendo incomodada com os cabelos lisos que chegavam até os ombros. Suas bochechas rechonchudas estavam coradas, quando dei um

beijinho no topo da cabeça, ao entrar na cozinha e colocar minha bolsa sobre uma das bancadas.

— Vou queimá-las — Drake ameaçou, para implicar com a filha.

A menina rosnou por cima do ombro, enquanto Drake foi até o pequeno terrário ao lado da forma de biscoitos e deu batinhas no vidro, tentando assustar as tarântulas peludas descansando sobre o substrato de fibras de coco.

— Pai... — ela resmungou, pegando seu terrário e caminhando para longe.

Jecelyn vestia jeans e uma larga blusa preta, e tinha no pescoço uma choker escura. Parecia uma miniatura minha e certamente herdou minha personalidade *trevosinha*.

Seus olhos negros miraram o meu rosto, e ela sorriu, elevando as sobrancelhas grossas.

— Você chegou cedo — elogiou ao passar por mim, guiando seu corpinho atarracado para fora do cômodo.

— Não tinha trânsito — expliquei.

Diante do homem usando regata branca e shorts preto, mordi a boca, fitando seu rosto que não mudara nada. Enrolei os dedos em sua nuca e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo. Drake guiou suas mãos ao meu quadril, por baixo do meu blazer escuro.

Drake apertou o meu quadril, mas não antes de reparar no item faltando em meu pescoço.

Propositalmente, esqueci minha coleira antes de sair para trabalhar. Era nosso joguinho safado que eu usasse o símbolo da nossa relação por aí, para todo mundo saber que eu tinha dono, mas era algo que eu adorava fingir esquecer em casa.

— Parece que você deixou uma coisa em casa hoje — ele acusou, roçando a barba grisalha no meu queixo.

— Acho que sim...

— Isso terá consequências, garota cruel.
— Eu sempre aguardo por elas.

Fim

E OS MENINOS?

Zayn te fez raiva?

Bran te causou ódio?

Ou secretamente você desejou que um dos dois fosse o nosso *stalker*?

Gostou de vê-los em ação ou sentiu ciúmes pelo pai deles?

Era para esse livro ser um harém, mas Drake tomou a frente e tudo girou em torno dele, então, preciso contar:

Você caiu no meu esquema de pirâmide e, sim, *isso é uma série*.

A Série “Os Walton” conta com mais dois livros, um para cada garoto Walton.

Imagino que a maioria de vocês tenha desejado ver o que Zayn faria quando descobrisse sua origem e os absurdos da mãe ou entender por que sua relação com o pai era daquele jeito. Acho que, acima de tudo, queriam ver como Emily e Zayn agiriam ao descobrir que eram irmãos, mas isso só ele poderia contar e nem eu tive permissão de deixar rastros nesse livro.

Então, em breve, a cidade sombria e costumeiramente gelada terá dias de verão, e pelas ruelas vazias e nas bocas de pessoas assustadas sussurram lendas de que Shadow Valley será tomada por um incêndio de altas proporções.

Meu personagem — que por sinal me odeia e estragou meu cronograma, mandou um recado:

Em 2024, você, leitora, será queimada viva!

AGRADECIMENTOS

Não me julguem, pois preciso ir de textão.

Tem muita gente para agradecer por esse livro, mas, sem dúvida alguma, a mais importante é a Raquel.

Você me contou sobre arte tumular, me encheu de fotos sombrias e fez esse livro inteiro surgir na minha mente.

Você é incrível e eu te amo muito, muito mesmo! Estou aqui para segurar o seu mundo quando ele desabar, sempre! Assim como você tenta segurar o meu.

Se tem uma coisa que voltar a escrever me trouxe, foi você.

Queria te dar mais do que a dedicatória, e você sabe disso.

Também vou agradecer a Amanda Tavares, que fez toda a mentoria desse livro comigo. É surreal o quanto você consegue encaixar cada coisa no lugar certo, além de ter as melhores sacadas possíveis para dar detalhes aos livros.

Eu amei trabalhar contigo e sou muito grata, muito mesmo, por ter me ajudado a lapidar isso aqui.

Agora vou agradecer a Larissa Abreu, e por muito também. Por tirar tempo para me ajudar, desenhando e pensando na estética dos posts de GCMP, pela ideia da cena do poço, por me ouvir e aconselhar, e por nossas partidas super loucas de videogame. Obrigada para sempre!

A todas as minhas betas:

Adriana, por entrar nesse ritmo insano comigo e aturar minha ansiedade.

Viih, Regi, Yas e Elane, vocês foram luz nessa jornada, me ajudando a ver onde as coisas podiam mudar, respeitando o meu trabalho e me motivando a entender que minhas inseguranças não eram reais.

Marcela leitora de pijama (na minha cabeça, seu nome é assim), meu amor, eu amei trabalhar com você e achei que mandou muito bem em cada Feedback da leitura crítica. Obrigadaaaa <3

E, a uma das minhas ilustradoras, Úrsula, que bom que você topou se jogar nessa, por mais sombrio e pesado que fosse. Espero que você alcance o mundo com seus traços lindos.

E à revisora, Mariana, kkkkk. Eu sei que eu sou um cu, chata pra caramba, mas obrigada por pegar esse prazo apertado e olhar com carinho para o meu livro.

Para acompanhar o meu trabalho e ficar por dentro das novidades, me siga no instagram: @autoraredr

---

[1] Essa frase é atribuída ao Chapeleiro Maluco em peças e musicais, não constando nas obras originais de Lewis Carroll.
[2] Slasher é um subgênero de filmes de terror onde um assassino em série, geralmente mascarado, assassina vítimas de forma aleatória.
[3] Em faculdades americanas, é comum que pessoas que tenham laços familiares com ex-membros das fraternidades sejam chamados de “legados”.
[4] Saint-Exupéry A. O Pequeno Príncipe. Paris: Gallimard; 1943.
[5] Assassino das divorciadas.
[6] Equivale ao telhado colonial brasileiro.
[7] Investigador criado nos livros da Karin Slaughter.
[8] É uma explosão estelar poderosa e luminosa.
[9] Personagem fictício da franquia de filmes de terror “Halloween”.
[10] Armadura responsável pela proteção da caixa torácica dos jogadores de futebol americano.
[11] Um buraco de minhoca é uma estrutura hipotética no espaço-tempo que, de acordo com a teoria, poderia agir como um túnel conectando dois pontos distantes do universo, permitindo viagens mais rápidas entre eles.
[12] Saint-Exupéry A. O Pequeno Príncipe. Paris: Gallimard; 1943.
[13] Saint-Exupéry A. O Pequeno Príncipe. Paris: Gallimard; 1943.

[14] Saint-Exupéry A. O Pequeno Príncipe. Paris: Gallimard; 1943.